EDITADO POR

GEORGE R.R. MARTIN

WILD CARDS

LIVRO 3

APOSTAS MORTAIS

LeYa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ficha Técnica

Copyright © 1987 by George R. R. Martin and the Wild Cards Trust
Copyright © 2014 Texto Editores Ltda.

Todos os direitos reservados.
Os créditos dos autores de cada personagem encontram-se no final do livro.

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora executiva: Tainã Bispo
Produtoras editoriais: Renata Alves, Pamela Oliveira e Maitê Zickuhr
Diretor de produção gráfica: Eduardo Santos
Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Preparação: Iracy Borges
Revisão: Jane Pessoa
Projeto gráfico e capa: Rico Bacellar
Ilustração de capa: Marc Simonetti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB–8/7057
Martin, George R. R.
Wild Cards: apostas mortais / escrito e editado por George R. R. Martin; tradução de Petê Rissatti.
– São Paulo : LeYa, 2014.
(Wild Cards, 3)

ISBN 9788580448771
Título original: *Wild Cards – Jokers Wild*
1. Ficção fantástica americana. I. Martin, George R. R. II. Rissatti, Petê. III. Série.
14-0169. CDD: 813
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção fantástica americana

2014
TEXTO EDITORES LTDA.
Uma editora do Grupo LeYa
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP
www.leya.com.br

Romance mosaico editado por
George R. R. Martin
e escrito por
Melinda M. Snodgrass, Leanne C. Harper, Walton Simons, Lewis Shiner, John J. Miller, George R. R. Martin e Edward Bryant

Tradução:
Petê Rissatti

Dedico esta terceira vitória editorial aos editores que me ajudaram nesta jornada: a Ben Bova, Ted White e Adele Leone; a David G. Hartwell, Ellen Datlow e Ann Patty; a Betsy Mitchell, Jim Frenkel e Ellen Couch; à memória de Larry Herndon e ao Texas Trio; e, claro, a Shawna e Lou, que reconheceram a mão vencedora quando a viram.

Nota do editor

Wild Cards é uma obra de ficção ambientada em um mundo completamente imaginário, cuja história corre paralelamente à nossa. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados em *Wild Cards* são ficcionais ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com fatos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência. Por exemplo, os ensaios, artigos e outros textos incluídos nesta antologia são inteiramente ficcionais, e não há qualquer intenção de retratar autores reais ou insinuar que qualquer pessoa possa realmente ter escrito, publicado ou contribuído com os ensaios, artigos e outros textos ficcionais aqui incluídos.

Prólogo

Existe o Mardi Gras em Nova Orleans, o Carnaval no Rio, *fiestas,* festivais e Dias dos Fundadores às centenas. Os irlandeses têm o Dia de São Patrício; os italianos, o Dia de Colombo; os Estados Unidos, o Quatro de Julho. A história é cheia de desfiles com pessoas fantasiadas, máscaras e orgias, cerimônias religiosas e extravagâncias patrióticas.

O Dia do Carta Selvagem é um pouco de tudo isso e muito mais.

Em 15 de setembro de 1946, no frio céu do entardecer de Manhattan, Jetboy morreu e o xenovírus takisiano — conhecido informalmente como carta selvagem — foi espalhado sobre o mundo.

Não está claro quando exatamente as observações começaram, mas, até o fim dos anos 1960, aqueles que sentiram o toque do carta selvagem e viveram para contar, os curingas e ases da cidade de Nova York, adotaram-no como o seu dia.

Quinze de setembro tornou-se o Dia do Carta Selvagem. Um dia de celebrações e lamentos, de luto e alegria, de lembrar os mortos e festejar os vivos. Um dia de fogos de artifício, feiras de rua e paradas, bailes de máscaras e discursos políticos, além de banquetes memoráveis, para beber, fazer amor e brigar nos becos. Com o passar dos anos, as festividades se tornaram maiores e mais entusiasmadas. Tavernas, restaurantes e hospitais bateram recordes de negociações, a mídia começou a noticiar e, finalmente, como é óbvio, os turistas chegaram.

Uma vez ao ano, sem sanção ou lei, o Dia do Carta Selvagem engolia o Bairro dos Curingas e a cidade de Nova York, e o carnaval do caos dominava as ruas.

Quinze de setembro de 1986 foi o quadragésimo aniversário.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo I

6h00

Estava tão escuro como sempre ficava na Quinta Avenida, e muito quieto.

Jennifer Maloy olhou para as luzes das ruas e o fluxo contínuo do tráfego, apertando os lábios com impaciência. Não gostava de toda aquela luz e agitação, mas não havia muito que pudesse fazer quanto a isso. Afinal, era a esquina da Quinta Avenida com a 73rd Street, na cidade que nunca dorme. Esteve igualmente tão agitada nas últimas manhãs, durante as quais verificou a área, e não tinha motivos para esperar que as condições melhorassem.

Com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco impermeável, ela andava a passos largos, passando pelo prédio residencial cinzento de cinco andares e esgueirando-se para dentro do beco por trás dele. Ali estava escuro e silencioso. Ela entrou numa área do beco protegida por uma caçamba de lixo e sorriu.

Não importa quantas vezes ela já fizera aquilo, ela pensou, ainda era empolgante. O pulso acelerava e ela respirava mais rápido pela expectativa, enquanto vestia um capuz que obscurecia as feições esculpidas com delicadeza e escondia a massa de cabelos loiros presos num coque atrás da cabeça. Tirou o casaco, dobrou-o com cuidado e deixou-o no chão ao lado da caçamba. Embaixo do casaco, usava apenas um pequeno biquíni preto e tênis de corrida. Seu corpo era esguio e com músculos graciosos, seios pequenos, quadris estreitos e longas pernas. Ela se curvou, desamarrou e tirou os tênis, deixando ao lado do casaco impermeável.

Correu a mão quase carinhosamente sobre a parede traseira do prédio cinzento, sorriu e, então, atravessou o muro.

♣

O som de uma serra elétrica roía a madeira de lei encharcada. O lamento dos dentes de ferro fazia os dentes de Jack doerem, enquanto o garoto bastante familiar lutava para se esconder cada vez mais no emaranhado de ciprestes.

— Está aqui em algum lugar! — Era o tio Jacques. O pessoal lá em Atelier Parish o chamava de Jake Serpente. Pelas suas costas.

O garoto mordeu o lábio para evitar o grito. Mordeu mais forte, sentindo o gosto do sangue, para evitar a *mudança*. Às vezes funcionava. Às vezes.

Novamente, a serra de aço chiou no cipreste molhado. O garoto se agachou; a água amarronzada, salobra, espirrou em sua boca e no nariz. Ele engasgou quando o esguicho acertou

o seu rosto.

— Eu te falei! Aquela isca de jacaré bem ali. Peguem ele.

Outras vozes surgiram. A lâmina da serra elétrica chiou mais uma vez.

Jack Robicheaux debateu-se na escuridão, uma das mãos presa no lençol suado, a outra pegando o telefone. Ele jogou o abajur Tiffany na parede, xingou, enquanto de alguma forma recolhia sua base de pétalas e galhos, endireitando-a no criado-mudo, então sentiu a lisura fria do telefone. Puxou o fone no meio do quarto toque.

Jack começou a xingar novamente. Quem diabos tinha este número? A Nômada, mas ela estava em outro cômodo, aqui em sua casa. Antes que pudesse aproximar os lábios do bocal, ele soube.

— Jack? — a voz disse no outro lado da linha. A estática da chamada de longa distância enfraqueceu o som por um segundo. — Jack, aqui é Elouette. Estou ligando de Louisiana.

Ele sorriu na escuridão.

— Imaginei que fosse você. — Ele apertou o interruptor do abajur, mas nada aconteceu. O filamento da lâmpada deve ter quebrado quando o abajur tombou.

— Na verdade, nunca liguei para tão longe antes — disse Elouette. — Robert sempre ligava. — Robert era seu marido.

— Que horas são? — quis saber Jack. Ele tateou, procurando o relógio.

— Quase cinco da manhã — sua irmã respondeu.

— Que foi? É a mãe? — Ele finalmente se levantou, livrando-se dos fragmentos do sonho.

— Não, Jack. A mãe está bem. Nunca vai acontecer nada com ela. Vai enterrar nós dois.

— Então, o que foi? — Ele reconheceu a agudeza na voz dela e tentou baixar o tom. Só que as palavras de Elouette eram muito lentas, e seus pensamentos, prolongados demais.

O silêncio, pontuado pelas explosões da estática, dilatava-se na linha. Finalmente, Elouette disse:

— É minha filha.

— Cordelia? O que tem ela? O que aconteceu?

Outro silêncio.

— Ela fugiu.

Jack sentiu uma reação estranha. Afinal, *ele* fugiu também, todos aqueles anos antes. Fugiu quando era muito mais novo que Cordelia. Quantos anos ela teria agora, quinze? Dezesseis?

— O que aconteceu, diga-me — ele falou, tranquilizador.

Elouette contou. Cordelia (segundo ela) quase não deu sinais. A garota não havia descido para o café da manhã no dia anterior. Maquiagem, roupas, dinheiro e uma mochila também haviam sumido. O pai dela verificou com os amigos de Cordelia. Não eram muitos. Ligou para o delegado. As patrulhas foram avisadas. Ninguém a vira. A melhor suspeita dos policiais era de que Cordelia havia pegado carona na estrada de asfalto.

O delegado balançou a cabeça, com tristeza.

— Uma garota como ela — ele disse —, bem, é para se preocupar.

Ele fez o que pôde, mas tudo levava um tempo precioso. Finalmente, o pai de Cordelia foi quem pensou em algo. Uma garota com o mesmo rosto ("Coisinha mais linda que vi em um mês", o homem do guichê disse) e cabelos pretos, longos e abundantes ("Pretos como céu de lua nova num riacho", disse um porteiro) entrou num ônibus em Baton Rouge.

— Foi o intermunicipal — Elouette disse. — Passagem de ida para Nova York. No momento em que a gente descobriu, a polícia disse que não era tão simples tentar pará-lo em Nova Jersey. — A voz dela vacilou levemente, como se quisesse chorar.

— Não se preocupe — Jack falou. — Quando ela deve chegar aqui?

— Por volta das sete — Elouette disse. — Sete no horário daí.

— *Merde* — Jack balançou as pernas para fora da cama e sentou-se na escuridão.

— Você pode ir lá por mim, Jack? Pode encontrá-la?

— Claro — ele respondeu. — Mas tenho que sair agora para Port Authority, ou não vai dar tempo.

— Ai, obrigada — Elouette disse. — Você me liga assim que encontrar com ela?

— Ligo. Daí vamos ver o que fazer. Então, estou indo.

— Tudo bem. Vou estar aqui. Talvez Robert tenha voltado também. — A confiança encheu a voz da mulher. — Obrigada, Jack.

Ele desligou o telefone e tropeçou pelo quarto. Encontrou o interruptor na parede e, finalmente, conseguiu ver o cômodo sem janelas. O uniforme de ontem estava espalhado sobre a bancada rústica. Jack vestiu o jeans puído e a camisa de algodão verde. Fez careta para as meias de trabalho fedorentas, mas eram tudo o que tinha. Como era seu dia de folga, havia planejado passar numa lavanderia. Amarrou suas botas com bico de ferro rapidamente, passando o cadarço em um ilhó e deixando o outro vazio.

Quando abriu a porta que levava para o restante da casa, Nômada, os dois gatos imensos, um grupo de gatinhos e um guaxinim estavam todos na porta, encarando-o em silêncio. Na penumbra da sala de estar iluminada por abajures, Jack percebeu o brilho dos cabelos castanho-escuros de Nômada e seus olhos ainda mais escuros, as maçãs do rosto salientes, sombreadas, a brancura da pele.

— Jesus, Maria, José! — ele falou, dando um passo para trás. — Não me assuste desse jeito. — Ele recuperou o fôlego e sentiu a pele dura e granulada nas costas de sua mão ficar suave novamente.

— Não foi por querer — Nômada retrucou. O gato preto esfregou-se na perna de Jack. As costas aninharam-se na patela do homem. Seu ronronar soava como um moedor de café contente. — Ouvimos o telefone. Tudo bem?

— Eu te conto no caminho até a porta.

Ele fez um resumo para Nômada quando parou na cozinha para decantar o resto da borra do café do dia anterior num copo de isopor que levaria consigo.

Nômada tocou seu pulso.

— Quer que a gente vá junto? Num dia como este, alguns olhos a mais poderiam ser valiosos numa rodoviária.

Jack negou com a cabeça.

— Não vai ter problema. É uma menina de dezesseis anos que nunca esteve numa cidade grande antes. Só assistiu muita TV, a mãe dela disse. Vou estar lá, na porta do ônibus, para recebê-la.

— Ela sabe disso? — Nômada perguntou.

Jack estacou para fazer um carinho rápido atrás das orelhas do gato preto. A tricolor miou e aproximou-se para ter sua chance.

— Não. Provavelmente vai me ligar assim que chegar aqui. É só para economizar tempo.

— A oferta ainda está de pé.

— Vou trazê-la para o café da manhã antes que você perceba. — Jack fez uma pausa. — Talvez não. Ela vai querer conversar, então talvez eu a leve para o Automat. Não verá nada parecido quando voltar para Atelier. — Ele se ergueu e os gatos gemeram, decepcionados. — Além disso, você tem um encontro com Rosemary, certo?

Nômada concordou com a cabeça de um jeito duvidoso.

— Às nove.

— Não se preocupe. Talvez a gente possa almoçar todo mundo junto. Dependendo da baderna lá no centro. Talvez a gente pegue alguma coisa pra viagem num restaurante coreano e faça um piquenique na balsa para Staten Island.

Ele se curvou na direção da mulher e deu um beijo rápido em sua testa. Antes que ela pudesse erguer as mãos para pegar os braços do homem e devolver o beijo, ele havia saído. Porta a fora. Longe de sua percepção.

— Maldição — ela resmungou. Os gatos ergueram os olhos para ela, confusos, mas solidários. O guaxinim abraçou seu tornozelo.

Jennifer Maloy deslizou através de dois andares do prédio como um fantasma, sem perturbar nada nem ninguém, sem ser vista ou ouvida. Sabia que o prédio havia se transformado num condomínio algum tempo atrás, e o que ela queria estava no mais alto dos três andares, que eram de propriedade de um empresário rico com o infeliz nome de Kien Phuc. Era vietnamita. Proprietário de uma rede de restaurantes e lavanderias a seco. Ao menos era o que diziam no segmento da *New York Style,* que ela havia visto no canal público de TV, o PBS, duas semanas antes. Jennifer realmente gostava daquele programa, que levava seus espectadores para visitas a lares pomposos e estilosos da classe alta da cidade. Ele apresentou-lhe infinitas possibilidades e toneladas de informações úteis.

Ela flutuou através do terceiro andar, onde moravam os empregados de Kien. Não tinha ideia do que havia no quarto andar, pois foi ignorado pelas câmeras de televisão, de forma que ela o pulou e seguiu para os aposentos de Kien, na cobertura. Vivia sozinho lá, em oito quartos de luxo ostensivo e quase opulência decadente. Jennifer nunca havia entendido como lavanderias e restaurantes chineses podiam lucrar tanto.

Estava escuro e silencioso no quinto andar. Ela evitou o quarto com cama redonda e espelhos no teto (um pouco brega, ela pensou quando viu na TV), e as telas de seda fabulosas pintadas à mão. Deixou para trás a sala de estar em estilo ocidental, com seu Buda de bronze de dois mil anos de olhar benigno, posto em um lugar de honra próximo a uma central de entretenimento eletrônica completa, com televisão de tela ampla, videocassete e tocador de CD com estantes de fitas de vídeo e áudio e discos. Ela queria o escritório.

Estava escuro também, como o restante do andar, e ela se assustou quando viu uma figura vaga, sombria, espreitando além da mesa de madeira de teca que dominava a parede do fundo do cômodo. Embora não suscetível a ataques físicos enquanto estivesse na forma de fantasma, não estava imune à surpresa, e essa figura não havia sido filmada pelas câmeras do *New York Style.*

Rapidamente ela desapareceu dentro de uma parede próxima, mas a figura não se moveu ou mesmo mostrou qualquer sinal de que a havia percebido. Com cuidado, ela deslizou novamente para dentro do escritório e ficou aliviada e impressionada ao perceber que a coisa era uma imagem grande de terracota, com mais de um metro e oitenta, de um guerreiro oriental. O trabalho de arte na peça era surpreendente. Feições faciais, roupas, armas, tudo moldado com delicadeza refinada de detalhes. Era como se um homem vivo tivesse virado argila, sido cozido

numa fornalha para dar acabamento perfeito e ser preservado através dos milênios, até terminar no escritório de Kien. Seu respeito pela riqueza — e influência — de Kien subiu outro ponto. A figura era sem dúvida autêntica — Kien deixou isso claro durante a entrevista, ele não lidava com imitações — e, pelo que ela sabia, as estátuas de terracota de 2.200 anos que protegiam a tumba do imperador Qin Shi Huang, o primeiro imperador da dinastia Qin e unificador da China, eram absoluta e certamente inacessíveis a colecionadores de arte particulares. Kien deve ter se embrenhado em façanhas consideráveis de truques e propinas para obtê-la.

Era uma peça de valor fantástico, mas Jennifer sabia que era muito grande para levá-la e, provavelmente, única demais para ela contrabandear.

Sentiu uma onda repentina de tontura ondular através de sua forma insubstancial e, rapidamente, teve vontade de se tornar sólida. Não gostava daquela sensação. Acontecia quando ultrapassava os limites, como um aviso de que havia ficado tempo demais incorpórea. Não sabia o que aconteceria se permanecesse como espectro por muito tempo. Nunca quis descobrir.

Agora, sólida, olhava ao redor da sala. Estava repleta de mostruários contendo a coleção de jades de Kien, a mais bela, extensa e valiosa coleção no mundo ocidental. Kien teve seu perfil retratado no *New York Style* por conta delas, e era por elas que Jennifer estava ali. Por alguma delas, ao menos. Percebeu que não poderia pegar todas, mesmo que fizesse uma dúzia de viagens de volta ao beco, porque sua capacidade de tornar a massa externa insubstancial era limitada. Poderia apenas transformar em fantasmas poucas pedras de jade por vez. Mas poucas, realmente, era o que ela precisava.

Primeiro, contudo, antes de começar com as jades, havia outra coisa que precisava fazer. O felpo grosso do tapete parecia muito sensual nas solas dos seus pés descalços, ela deslizou ao redor da mesa de teca quase tão quieta quanto se estivesse insubstancial, e ficou diante da gravura de Hokusai pendurada na parede atrás dela.

Atrás da gravura, assim disse Kien, havia um cofre de parede. Ele o mencionou, pois, como disse, era absolutamente, cem por cento, total e irrevogavelmente à prova de roubo. Nenhum ladrão conhecia o suficiente de microcircuitos para burlar sua trava eletrônica, e ele era forte o bastante para resistir a um ataque físico, exceto o de uma bomba poderosa o bastante para levar abaixo o prédio todo. Ninguém, nunca, em momento algum, poderia arrombá-lo. Kien, que parecia muito orgulhoso ao dizer tudo isso, certamente era um homem que gostava de se vangloriar.

Um sorriso perverso surgiu em seu rosto enquanto ela se perguntava que riquezas Kien havia escondido em seu cofre *high-tech*, e Jennifer desmaterializou seu braço direito e atravessou a mão pela gravura e pela porta de aço atrás dela.

♠

Ele fez um malabarismo com ela nos braços enquanto procurava pela chave, e finalmente destrancou a porta.

— Idiota, me bota no chão pra você poder abrir a porta.

— Não, vou te carregar pra dentro.

— Nós nem casamos.

— Ainda — ele disse e deu um sorrisinho, olhando para ela.

O ângulo dela, de onde se reclinava em seus braços, intensificava a deformidade no pescoço dele, e fez a cabeça do homem parecer uma bola de beisebol encarapitada num pedestal. Tirando aquele pescoço — um legado do vírus carta selvagem —, ele era um homem até bonito. Cabelos castanhos curtos, com laivos de grisalho nas têmporas, olhos castanhos joviais, queixo forte — um belo rosto.

Ele atravessou a porta e pousou-a no chão.

— Meu castelo. Espero que goste.

Aquilo proclamou as origens de operariado deste homem. Sofá utilitário, cadeira reclinável diante da televisão, uma pilha de *Reader's Digest* na mesa de centro, uma pintura a óleo grande e mal executada de um barco singrando mares com alturas improváveis. O tipo de pintura que alguém encontraria em vendas de artistas famintos em hotéis Hilton.

Porém, era escrupulosamente limpo, e com um toque que parecia distante do caráter de um homem tão grande e poderoso: uma fileira de violetas africanas multicoloridas alinhadas nos parapeitos das janelas.

— Roleta, não fico fora a noite toda desde meu baile de formatura do colégio.

— Eu aposto que você ficou fora a noite toda.

Ele corou.

— Ei, eu era um bom menino católico.

— Minha mãe sempre me alertou sobre bons garotos católicos.

Ele entrou, envolveu a cintura dela com os braços musculosos.

— Não sou mais tão "bonzinho".

— Espero que esteja falando da sua moral e não do seu desempenho, Stan.

— Roleta!

— Santinho — ela provocou.

Ele cheirou o pescoço dela e mordiscou-lhe a orelha, e Roleta ponderou novamente sobre a natureza do carta selvagem que devia ter atingido este "operário" tão comum e feito dele mais do que humano.

Ela esticou o braço e deslizou as mãos nas laterais daquele pescoço inchado.

— Nunca te incomoda?

— Ser o Uivador? Caramba, nunca. Ele me torna especial e eu sempre quis ser especial. Deixava meu velho maluco. Ele sempre disse para eu nunca querer voar alto demais, para não querer ser mais do que podia. Ficaria surpreso agora. Ei. — Ele esticou a mão, pegando uma lágrima com a ponta de um dos seus dedos grossos. — Por que está chorando?

— Nada. Eu só... achei triste.

— Ah, pare com isso. Vou mostrar como meu desempenho pode ser bom.

— Antes do café da manhã? — ela perguntou, tentando atrasar o inevitável.

— Claro, vai abrir nosso apetite.

Ela o seguiu, resignada, até o quarto.

Jennifer tateou dentro do cofre e tocou em algo que parecia uma pilha de moedas aninhadas numa pequena bolsa. Tentou transformar em fantasma uma das moedas e franziu o cenho

quando ela permaneceu sólida.

Provavelmente ouro, ela pensou, Krugerrands ou folhas de bordo canadenses.

Era difícil desmaterializar objetos densos de metal, em especial o ouro, que exigia um nível mais profundo de concentração e um empenho maior de energia. Decidiu deixar as moedas onde estavam por ora e continuou a explorar o cofre.

A mão acarinhou um objeto liso e retangular que se desmaterializou muito mais facilmente do que a moeda. Puxou três pequenos cadernos através da parede e, incapaz de ver detalhes na escuridão, ligou a pequena luminária retrátil que estava sobre a mesa de teca. Dois deles, ela conseguia ver, tinham capas pretas lisas. O terceiro tinha uma capa de tecido azul com estampa de bambu. Ela folheou o primeiro caderno da pilha.

Retângulos de papel brilhantes e coloridos estavam enfiados em fileiras de bolsos nas páginas grossas do caderno. Selos. Os da fileira superior pareciam ser britânicos, mas traziam palavras em outro idioma e a data de 1922 estampada neles. Curvou-se para examiná-los mais de perto e congelou quando um som mínimo veio de algum lugar fora do cone de luz que iluminava parte da mesa.

Ela ergueu o olhar e nada viu. Os olhos agora estavam acostumados com a luz, ela baixou a cúpula da luminária para baixo, iluminando além do alcance da mesa.

E congelou, o coração de repente na garganta.

No canto extremo da mesa havia um jarro de vinte litros, do tamanho de um garrafão de água. Só que o jarro era de vidro, não de plástico, e não estava sobre uma base de bebedouro. Estava numa base plana no canto da mesa, abrigando algo que flutuava dentro dele. Tinha pouco mais que trinta centímetros, com pele verde, lisa e algumas rugas. Flutuava com a cabeça fora d'água, os dedos das mãos ligados por membranas apertados contra o vidro, olhos humanos num rosto estreito encarando Jennifer. Olharam-se por um longo momento e, então, a coisa abriu a boca e deu um grito numa voz aguda, chorosa: "Kiennnnnn! Ladrãããããão! Ladrãããããão!.

O *New York Style* não disse nada sobre Kien ter um cão de guarda curinga batráquio, Jennifer pensou sem refletir muito quando as luzes se acenderam nos outros cômodos. Ela ouviu sons de agitação em outras partes do condomínio, e o curinga no jarro de vidro continuava a gritar "Kien" numa voz ululante que parecia passar reto pelo ouvido e perfurar diretamente o cérebro.

Concentre-se, ela disse a si mesma, concentre-se ou a ladra ousada que se autodenomina Ira será capturada e exposta como Jennifer Maloy, bibliotecária da Biblioteca Pública de Nova York. Ela perderia o emprego e iria para a cadeia, com certeza. E o que sua mãe pensaria?

Um movimento na porta e alguém acendeu a luz do escritório. Jennifer viu um curinga alto, magro, de feições reptilianas. Chiou para ela, sua língua bifurcada e longa rolando e se estendendo até um comprimento impossível. Ergueu uma pistola e atirou. O alvo foi preciso, mas a bala ricocheteou inócua parede afora. Jennifer rapidamente afundou no assoalho com os três livros agarrados ao peito.

♣

Quando Jack saiu, Nômada começou seu ritual matinal, ainda usando o roupão com estampa de tigre que ele havia lhe dado. Sentando-se de volta nas poltronas bem estofadas de veludo

vermelho, fechou os olhos e localizou as criaturas com as quais compartilhava sua vida. A gata tricolor alimentava os filhotes, enquanto o gato preto os protegia. O guaxinim dormia com a cabeça recostada nos tornozelos da mulher. Estava cansado de uma noite rondando os aposentos vitorianos de Jack. Nômada esperava que ele não tivesse quebrado nada importante. Tinha estabelecido defesas na cabeça do guaxinim, alertando-o sobre os pertences de Jack. Mais tarde, elas se provaram bastante eficazes, mas ela nunca esquecia a briga que teve com Jack quando o guaxinim retirou cada um dos quadrinhos do Pogo da estante.

Esticando a mão para acariciar o guaxinim, expandiu a consciência até a cidade. Era fácil agora, um ritual de despertar — embora cada vez mais, quando não estava perto de Jack, Nômada mantivesse um cronograma noturno. Por anos manteve um relacionamento um tanto casual com ele, aparecendo apenas quando o tempo estava extremamente ruim ou em dias como aquele, quando estranhos resolviam buscar locais onde normalmente eram medrosos demais para se aventurar. Quando Jack ficava em casa, ela permanecia mais tempo. Se ele saía, ela mudava de esconderijo. Ultimamente, no entanto, começou a procurar a companhia dele com mais frequência, encontrando desculpas para visitá-lo. Jack e Rosemary tornaram-se muito importantes para ela, de maneiras que não era capaz de definir. Levou anos para confiar neles, mas assim que concedeu aquela confiança, era assustadoramente fácil acreditar que estivessem esperando por ela. Ela sacudiu a cabeça com raiva, infeliz por estar distraída com pensamentos sobre coisas que não estavam sob seu controle, e perdendo os rastros das criaturas que estavam.

Parecia mais natural agora acordar e se ferir com suas criaturas. A mente movia-se entre ratos nos túneis, toupeiras, coelhos, gambás, esquilos, pombos e outros pássaros. Contava o número de mortes da noite. Sempre havia muitos que não sobreviviam. Tinha aprendido que não havia escapatória para as vítimas. Muitas morriam para alimentar animais predatórios; outros eram mortos por homens. No passado ela tentou salvá-los, proteger a presa dos predadores. Aquilo quase a deixou insana novamente. O ciclo natural de vida, morte e nascimento era mais forte do que ela, e assim Nômada começou a trabalhar de acordo com ele. Os animais morriam; outros viriam ocupar seu lugar. Apenas a interferência humana poderia prejudicar esse ritmo. Não conseguia controlar os seres humanos ainda. Logo, tocou os habitantes do zoológico. O ódio pelas jaulas coloriu sua impressão. *Um dia*, prometeu aos prisioneiros do zoológico novamente. *Um dia…*

Uma pata morna em sua bochecha trouxe-a de volta. O gato preto, todos os dezoito quilos dele deitados no peito dela. Quando os olhos dela se abriram, ele lhe lambeu o nariz. Ela estendeu a mão e acariciou-o atrás da orelha.

Havia um toque grisalho em seu focinho agora, mas ainda se movimentava como um gato mais jovem na maioria dos dias. Enviou-lhe uma sensação calorosa que ela imaginava ser amor. Ele ronronou e mandou para ela a imagem da tricolor mantendo os gatos longe da mobília vitoriana de Jack. Se não observados de perto, os gatinhos achariam as pernas "pata de leão" lugares maravilhosos de se arranhar.

Bem, velho amigo, Jack me rejeitou de novo a noite passada. O que acha que está errado? A questão subvocalizada recebeu apenas um olhar inquiridor do gato no início, mas então ele enviou a imagem de uma centena de criaturas da Nômada ao redor dela.

Sim, eu sei que vocês todos estão ao meu lado, mas de vez em quando eu quero outro ser humano comigo. Ela criou a imagem do preto e da tricolor juntos, como um casal. O preto devolveu a visão de Nômada mostrando-lhe um gato em tamanho humano. Nômada assentiu com a cabeça, enquanto observava os gatinhos brincarem. *Não é meu tipo, infelizmente.*

Ela se perguntou por que Jack recusava-se a dormir com ela. Sua frustração e a falta de compreensão começavam a se transformar em raiva. Tinha começado apenas no ano anterior.

Cada vez que brincava com os filhotes, sentia uma lacuna em sua própria vida.

O sentimento a enervava, mas ela não conseguia negá-lo. Há pouco, virou-se para Jack em busca de conforto, mas, para variar, ele fugiu dela. Resolveu não perguntar novamente.

Sem as camadas de sujeira e as roupas antiquíssimas que a protegiam do mundo exterior, ela sabia que era atraente. Para poupar o embaraço da outra amiga, Rosemary, aprendeu a se vestir nas raras ocasiões de uma forma aceitável. Contudo, nunca se sentia bem. Aqueles eram momentos nos quais estava realmente disfarçada e, portanto, odiava-os. Talvez tivesse se envolvido demais com Jack e Rosemary. Talvez fosse hora de ir para o subterrâneo novamente.

O gato preto seguiu o tom dos pensamentos dela, mesmo que ela não conseguisse traduzir seus significados abstratos. Acrescentou sua aprovação sobre romper os laços com seres humanos, enviando uma imagem de alguns dos antigos refúgios.

Mas não hoje. Hoje preciso passar para ver a Rosemary. Nômada ergueu-se da poltrona e caminhou até as pilhas de roupas velhas, sujas e disformes que compunham a maior parte do seu guarda-roupa. O gato preto e os dois filhotes a seguiram.

Não, vocês ficam aqui. Jack pode querer saber onde estou. Além disso, é difícil o suficiente para mim entrar no gabinete dela sem vocês comigo. Ela mudou sua atenção. *Casaco azul ou jaqueta verde exército?*

◆

Havia treze velas pretas no quarto. Quando queimaram, a cera tornou-se da cor de sangue fresco e escorreu pelos lados. Naquele momento, o quarto foi ficando cinza aos poucos e os círculos de luzes começaram a desbotar.

— Sabe que horas são?

Fortunato olhou para cima. Veronica estava ao seu lado, em pé, de calcinha de algodão rosa choque e camiseta rasgada, braços cruzados sobre os seios.

— Quase de manhã — ele respondeu.

— Você vem para a cama? — Ela virou a cabeça de lado e ondas de cabelos pretos caíram sobre o rosto.

— Mais tarde, talvez. Não fique parada desse jeito, sua barriga fica saliente.

— Claro, ó sensei. — O sarcasmo era leve, infantil. Segundos depois, ouviu a porta do banheiro ser trancada. Se não fosse filha de Miranda, pensou, ele a teria mandado de volta para as ruas semanas atrás.

Ele se esticou, encarou por alguns segundos as nuvens sombrias que se formavam no céu, a leste. Então, voltou ao trabalho que estava diante dele. Cobriu a estrela de cinco pontas no chão com o tatame, e sobre ele deitou o Espelho de Hathor. Tinha trinta centímetros de comprimento, com uma imagem da divindade, onde o cabo encontrava o disco solar. Os chifres de vaca da deusa faziam-na parecer um pouco um bobo da corte medieval. O espelho era feito de latão, a frente reflexiva para clarividência, as costas arranhadas para rebater ataques inimigos. Ele o comprara de um hippie velho em East Village e passou os últimos dois dias purificando-o com rituais de todas as noves divindades maiores.

Por meses ele pensava cada vez mais em seu inimigo, em nada mais, aquele que se denominava Astrônomo, que comandou uma vasta rede de maçons egípcios até Fortunato e os

outros que destruíram o ninho que ele havia feito no Mosteiro. O Astrônomo fugira, mesmo que a coisa maligna que ele trouxera do espaço não tivesse escapado. Os meses de silêncio somente deixaram Fortunato cada vez mais temeroso.

O Ritual do Não Nascido, os Acrósticos de Abramelin, as Esferas da Cabala, toda a *Mágicka* ocidental o havia esgotado. Precisava usar a própria *Mágicka* do Astrônomo contra ele. Tinha de encontrá-lo, de alguma forma, apesar dos bloqueios que o tornavam invisível para Fortunato. O truque para a *Mágicka* egípcia — a verdadeira, não a versão deturpada e sanguinária do Astrônomo — era encontrá-la em sua reverência aos animais. Fortunato passou a vida inteira em Manhattan, no Harlem primeiro, então no centro, assim que pôde pagar por isso. Para ele, animais eram poodles que deixavam sua merda nas calçadas ou caricaturas apáticas, fedorentas, que passavam a vida dormindo no zoológico. Nunca havia gostado deles, tampouco os entendia.

Era uma atitude que não conseguia mais suportar. Deixou Veronica trazer sua gata para o apartamento, uma malhada gorda e vaidosa chamada Liz, em honra à estrela do cinema. No momento em que a gata dormia sobre suas pernas cruzadas, as garras se prendiam à seda do seu roupão. O sistema de valores primitivo do gato era uma porta de entrada para o universo egípcio.

Ele tomou o espelho na mão. Tinha o parâmetro quase completo. Observou seu reflexo: rosto magro, pele morena um pouco manchada pela falta de sono, testa inchada com *rasa*, o poder tântrico do esperma retido. Aos poucos, suas feições começaram a amolecer e escorrer.

Ouviu um som vindo do banheiro, um soluço abafado, e sua concentração foi interrompida. E então, em vez do Astrônomo, olhava para o espelho e via Veronica. Estava sentada na privada, calcinhas no tornozelo. Na mão esquerda, um espelho de bolso, na direita, um pedaço pequeno de um canudo de refrigerante. Sua cabeça rolava solta e ela esfregava a bochecha contra o ombro.

Ele pousou o Espelho de Hathor de volta no tatame. A droga não o surpreendia; o que o espantava era ela fazer aquilo ali, bem ali, em seu apartamento. Ele tirou a gata do colo, apesar dos protestos dela, e foi até o banheiro. Abriu a tranca com a mente e chutou a porta, e Veronica ergueu a cabeça, culpada.

— Ei — ela falou.

— Pegue suas tralhas e vá embora — Fortunato disse.

— É só um pouco de coca, cara.

— Pelo amor de Deus, você acha que sou estúpido? Acha que não conheço heroína quando vejo? Quanto tempo você está nessa merda?

Ela deu de ombros, soltou o espelho e o canudo em sua bolsa aberta. Levantou-se, quase tropeçou, então viu os pés enroscados nas calcinhas. Ela se equilibrou no armário de toalhas, enquanto as erguia e fechava a bolsa.

— Uns meses — ela falou. — Mas não estou metida em nada. Faço só de vez em quando. Desculpa.

Fortunato deixou-a passar.

— Que diabos você tem? Não se importa com o que está fazendo a si mesma?

— Importar? Eu sou uma puta maldita, por que deveria me importar?

— Caramba, você não é puta, você é uma gueixa. — Ele a seguiu pelo banheiro. — Você é inteligente, tem classe e...

— Gueixa bosta nenhuma — ela disse, sentando pesadamente na beirada da cama. — Eu transo com os caras por dinheiro. Essa é a verdade. — Ela enfiou a perna agitada na meia-calça, a unha do dedão desfiando o lado direito inteiro da meia. — Você gosta de se enganar com toda essa merda de gueixa, mas gueixas de verdade não trepam por dinheiro. Você é cafetão e eu sou puta, e é isso o que é.

Antes que Fortunato pudesse dizer alguma coisa, alguém esmurrou a porta de entrada do

apartamento. Linhas de tensão e urgência irradiaram do corredor, mas nada ameaçador. Nada que não pudesse esperar.

— Eu não me envolvo com drogados — ele falou.

— Não? Não me faça rir. Metade das garotas do seu grupo dá uma cheirada de vez em quando. Cinco ou seis se injetam. Timaço.

— Quem? A Caroline…

— Não, sua queridinha Caroline é careta. Não que você conseguisse saber se não fosse. Você não sabe o que está rolando.

— Não acredito em você. Não posso…

Houve um som de arranhão na porta de entrada e ela se abriu. Um homem chamado Brennan estava em pé, na soleira, com uma lâmina de plástico na mão. Na outra estava uma pasta de couro um pouco grande demais. Nela, Fortunato sabia, havia um arco de caça desmontado e uma aljava de flechas de ponta larga.

— Fortunato — ele falou. — Desculpe, mas eu… — Seus olhos voltaram-se para Veronica, que havia tirado a camiseta e cobria os seios com as mãos.

— Olá — ela disse. — Quer me comer? Tudo o que precisa é de dinheiro. — Ela apertou os bicos dos seios com as pontas dos dedos e lambeu os lábios. — Quanto você tem aí? Dois dólares? Um e cinquenta? — Lágrimas corriam dos olhos dela e um fio de muco escorreu do nariz.

— Cale a boca — Fortunato ameaçou. — Cale essa sua boca!

— Por que não me bate? — ela falou. — É isso que um cafetão faz, não é?

Fortunato olhou para Brennan.

— Talvez você devesse voltar mais tarde — ele falou.

— Não sei se posso esperar — Brennan alertou. — É o Astrônomo.

Capítulo II

7h00

Quando chegou ao terminal de ônibus de Port Authority, Jack desejou ter pegado seu carro elétrico de manutenção dos trilhos e acelerado para a cidade alta, brincando de amarelinha com os trens. *Mas que inferno*, ele pensou enquanto subia as escadas para as plataformas de passageiros da estação da prefeitura — e era *feriado*. Não queria pensar no trabalho. O que queria fazer mais do que qualquer outra coisa era pegar todas as roupas lavadas, ler alguns capítulos do novo romance do Stephen King, *The Cannibals*, e talvez caminhar até o Central Park, com a Nômada e os gatos, para conseguir algum cachorro-quente barato.

Mas, então, o expresso da 7th Avenue para a cidade alta freou na estação, e pareceu uma boa ideia embarcar. Enquanto o trem seguia a toda a velocidade para a cidade alta através de Tribeca, Village e Chelsea, Jack observou pelas janelas manchadas que as estações pareciam terrivelmente cheias para um feriado — ao menos para aquele horário, tão cedo. Quando desceu na Times Square e caminhou um quarteirão a oeste sob os túneis azulejados abaixo da 42nd, ouviu de passagem um guarda de trânsito dizendo com desgosto ao parceiro: "Espere até dar uma olhada na parte de cima. Parece um cruzamento entre férias de julho em Lauderdale e o zoológico do Bronx".

Ele saiu do subterrâneo para a Eighth Avenue, emergindo do forte cheiro matutino de desinfetante que mal disfarçava o fedor de vômito. Para Jack, os pedestres pareciam com os de qualquer manhã num dia de semana na hora do rush, exceto que a média parecia bem jovem, e os ternos cinzentos foram substituídos por trajes mais espalhafatosos.

Jack pulou para o meio-fio para evitar dar de cara com um trio cambaleante de garotos adolescentes — normais pela aparência deles — que vestiam chapéus ultrajantes de espuma. Os chapéus imitavam tentáculos, beiços caídos, pernas segmentadas, chifres, olhos derretendo e outros apêndices menos apetitosos que sacudiam e balançavam com os movimentos dos seus donos.

Um dos garotos colocava os polegares nas bochechas e mexia os dedos para os transeuntes. "Uga buga", ele gritava. "Nós, mutantes! Nós, maus!" Seus camaradas gargalhavam ruidosamente.

Um quarteirão adiante, Jack passou por um dos camelôs que vendia os chapéus de espuma.

— Ei! — o vendedor gritou. — Ei, venha cá, venha. Não precisa *ser* curinga pra parecer um. É a sua chance de parecer um. Está a fim?

Jack sacudiu a cabeça em silêncio, coçou as costas da mão e continuou sua caminhada.

— Ei! — o homem gritou a outro cliente em potencial. — Vamos ser curingas por um dia! Amanhã pode voltar a ser você mesmo!

Jack balançou a cabeça. Ficou indeciso se era melhor seguir em frente, sentindo-se humilhado, ou voltar e rasgar a garganta do vendedor de chapéus. Olhou para o relógio. Cinco

para as sete. O ônibus estaria chegando. A vida do vendedor estava a salvo por ora.

O prédio de Port Authority ficava mais cinza-escuro, grande e volumoso no frio gris da manhã de Manhattan. Jack percebeu que a maior parte do tráfego humano mais parecia sair do que entrar no local. Lembrou-o um apartamento da Avenue A após os dedetizadores explodirem suas bombas químicas — um êxodo de baratas cobrindo cada saída.

Lutou para chegar até uma das portas principais, ignorando os homens grosseiros que o importunavam: "Ei, cara, quer um táxi? Quer uma acompanhante no seu ônibus?". A maioria das lojas na alameda interior estava trancada e escura, mas as lanchonetes funcionavam a todo vapor. Jack olhou para o relógio novamente. 7h02. Num dia comum, teria parado para apreciar a imensa escultura cinética "42nd St. Carousel", uma caixa de vidro que encerrava uma máquina de Rube Goldberg, maravilhosa e musical, mas não havia tempo. Aliás, faltava tempo.

Ele verificou a plataforma de chegada. O ônibus que queria estava chegando a um portão três andares acima. *Merde!* As escadas rolantes estavam quebradas e a maior parte dos pedestres as descia. Jack seguiu desviando pelos lances de metal estáticos acima, sentindo-se como um salmão lutando rio acima para a desova. Apenas uma pequena corrente da maré humana que chegava parecia ser o tipo de gente que em geral vinha a Manhattan de ônibus. A maioria era de turistas — Jack se perguntou se essas muitas pessoas de fato estariam vindo para a cidade para este feriado em particular — ou eram curingas. Jack observou, com ironia, que os normais eram obrigados, pelas restrições de escadas e degraus, a se aproximar mais do que poderiam desejar dos curingas.

Então, alguém acotovelou-o dolorosamente nas costelas, e a oportunidade de refletir acabou. Quando chegou ao terceiro nível e saiu do meio da multidão que desembarcava, Jack sentiu como se tivesse usado tanta energia quanto ele normalmente queimaria subindo até a coroa da Estátua da Liberdade.

No choque, alguém deu um tapa nas costas dele.

— Preste atenção, idiota — ele disse, sem rancor e sem olhar.

Encontrou a área do portão que queria. Ela estava lotada. Era como se ao menos meia dúzia de ônibus houvesse chegado e desembarcado simultaneamente. Embrenhou-se na confusão, sem rumo, e seguiu para o número de portão correto. Parou para permitir que um grupo de freiras passasse por ele na perpendicular. Um curinga grande com pele encouraçada e presas que saíam dos lábios inferiores tentou empurrar as freiras.

— Saiam da frente, pinguins! — protestou.

Outro curinga, com olhos castanhos de bichinho de estimação e que parecia ter feridas de estigma na palma das mãos se irritou com aquilo. A gritaria estava prestes a evoluir para algo mais violento. Naturalmente, uma multidão cada vez mais densa de espectadores parou para admirar.

Jack tentou se desviar da balbúrdia. Tropeçou em alguém aparentemente normal, que empurrou de volta.

— Desculpe!

O normal tinha mais de um metro e oitenta metro e era proporcionalmente musculoso.

— Caia fora.

E então Jack a viu. Era Cordelia. Tinha toda a certeza do mundo, embora nunca a tivesse visto antes na vida. Elouette mandou fotos no Natal anterior, mas as imagens não faziam justiça à jovem. Olhando para Cordelia, Jack pensou, era como olhar para sua irmã três décadas mais nova. Sua sobrinha usava jeans e um pulôver. O pulôver era rubro desbotado com letras em amarelo gritante que soletravam FERRIC JAGGER. Jack reconheceu o nome, mesmo que não tivesse tanto interesse assim em bandas de heavy metal. Conseguiu também identificar uma

espécie de padrão feito de tachas brilhantes, uma espada, e o que parecia uma suástica.

Cordelia estava a cerca de dez metros de distância, no outro lado do fluxo denso de passageiros em desembarque. Segurava uma mala surrada com estampa floral com uma das mãos e uma bolsa de couro com a outra. Um hispânico alto, magro, com roupas caras, estava tentando ajudá-la com a bagagem. Jack suspeitava de imediato de qualquer estranho solícito vestindo um terno púrpura listrado, chapéu de lado e um casaco com gola de pele. Assemelhava-se ao pelo de foca-harpa.

— Ei! — Jack gritou. — Cordelia! Aqui! Sou eu, Jack!

Claro que ela não o ouviu. Para Jack, era como ver televisão, ou talvez a visão através do lado errado de um telescópio. Não conseguiu atrair a atenção de Cordelia. Com o ruído do terminal, ônibus acionando motores, o alarido em massa da multidão, suas palavras não atravessariam a distância entre eles.

O homem pegou a mala. Jack gritou, desesperado. Cordelia sorriu. Então, o homem pôs as mãos nos ombros dela e a conduziu para a saída mais próxima.

— Não! — Foi alto o suficiente para que até mesmo Cordelia virasse a cabeça. Então, ela olhou por um instante, confusa, antes de continuar na direção da saída, a pedido do seu guia.

Jack proferiu um impropério e começou a puxar e a empurrar as pessoas para fora do caminho, enquanto tentava cruzar a área de espera. Freiras, curingas, punks, vagabundos, não importava. Ao menos não até ele deparar com um curinga grandalhão que tinha o formato, de modo geral, e a massa de metade de um fusca.

— Indo pra algum lugar? — quis saber o curinga.

— Sim — disse Jack, tentando passar por ele.

— Vim lá de Santa Fé para isso. Sempre ouvi que o povo daqui era grosseiro.

Um punho do tamanho de duas fatias de torrada agarrou a lapela da camisa de Jack. O hálito fétido o fez pensar num banheiro público após a hora do rush.

— Desculpe — Jack falou. — Olha só, tenho que achar minha sobrinha antes que o filho da puta de um cafetão a leve embora daqui.

O curinga olhou para ele por um longo momento.

— Eu posso abrir caminho — ele falou. — Como na TV, certo? — Soltou Jack e escoltou-o como se rodeasse o flanco de uma montanha.

Cordelia se foi. O homem vestido com elegância que a guiava também tinha desaparecido. Jack tomou o caminho pelo qual os dois provavelmente haviam saído. Conseguiu ver centenas de pessoas, principalmente as partes de trás de suas cabeças, mas ninguém parecido com a sobrinha.

Ele hesitou apenas um segundo. Havia oito milhões de pessoas nesta cidade. Não tinha ideia de quantos turistas e curingas de todas as partes do mundo inundariam Manhattan para o Dia do Carta Selvagem. Mais milhões, provavelmente. Tudo que ele precisava encontrar era uma garota de dezesseis anos do interior da Louisiana.

Naquele momento, tudo dependia do instinto. Sem pensar mais, Jack seguiu para as escadas rolantes. Talvez ele os pegasse antes de o homem e Cordelia saírem. Mas, se não, ele simplesmente teria de encontrá-la na rua.

Não quis pensar no que falaria para sua irmã.

♠

Spector não havia dormido. Agarrou o frasco âmbar de comprimidos no criado-mudo e jogou-os no lixo. Tinha de encontrar algo mais forte.

A dor estava sempre lá, como o cheiro de fumaça num bar miserável. A luz da manhã fazia o apartamento parecer ainda mais cinzento do que o normal.

Havia mobiliado o conjugado com lixo barato tirado de casas de penhores e lojas de segunda mão.

O telefone tocou.

— Alô.

— Sr. Spector? — A voz tinha a força refinada de alguém de Boston. Spector não a reconheceu.

— Sim. Quem fala?

— Meu nome não importa, ao menos por ora.

— Certo. — Estavam fazendo o jogo do sigilo com ele, mas a maioria das pessoas fazia. — Então, por que está me ligando? O que você quer?

— Um conhecido em comum chamado Gruber comentou que o senhor tem certas habilidades únicas. Um cliente meu gostaria de contratá-lo, inicialmente como *freelance*.

Spector coçou o pescoço.

— Acho que sei o que está insinuando. Se for algum tipo de armadilha, você vai morrer. Se for legítimo, tem seu preço.

— Obviamente. Talvez o senhor tenha ouvido falar da Sociedade do Punho Sombrio? Poderia ser muito lucrativo para o senhor trabalhar dentro dessa organização. No entanto, eles são cuidadosos e exigiriam uma demonstração primeiro. Hoje pela manhã seria muito repentino?

Corria o boato de que a Sociedade do Punho Sombrio era dirigida pelo novo e desconhecido senhor do crime da cidade. Estavam fazendo forte pressão sobre os chefes de gangues mais antigas. Spector se sentiria bem em casa no banho de sangue que se aproximava.

— Não tenho nada para fazer. O que tem em mente?

— Algo sem muita importância para nós. — Ele fez uma pausa. — O sr. Gruber parece ter bons conhecimentos sobre o senhor, e ele é muitíssimo discreto.

— Por mim, tudo bem.

— Esteja na Times Square às 11h30. Se ficarmos convencidos de que o senhor atende aos nossos objetivos, será contatado.

— E o dinheiro? — Spector ouviu um chiado no outro lado da linha.

— Será negociado depois. Se o senhor me der licença, tenho outra questão para resolver. Adeus, sr. Spector.

Spector pousou o fone no gancho. Sorriu. Gruber não era um dos seus favoritos. Nunca pagou um preço justo pelos serviços. Matar um contrabandista ganancioso faria um bem à sociedade.

Ele caminhou nu até o banheiro e olhou para o espelho. Seu cabelo castanho oleoso precisava ser lavado e o bigode estava crescendo além do lábio superior. Tirando isso, parecia o mesmo desde o dia em que havia morrido. O dia em que Tachyon o trouxera de volta. Spector imaginou se sua vida podia não ser eterna. Naquele momento, realmente não se importava. Ele esticou a língua para fora. O reflexo não fez o mesmo, mas sorriu para ele.

— Não se preocupe, Ceifador — disse o rosto dele no espelho. — Você ainda pode morrer. — E riu.

Voltou ao quarto. O ar estava frio. Veio um som alto, crepitante. Spector correu na direção da sala de estar. A porta do quarto bateu-lhe no rosto. Sentiu o cheiro de ozônio.

— Muito bem, muito bem, Ceifador. Quero ter uma conversinha com você. — Spector

reconhecia a voz agora. Virou-se. A projeção do Astrônomo estava sentada na cama. Vestia um roupão preto cinturado com um cordão feito de cabelos humanos. Seu corpo debilitado estava mais ereto do que o normal, mostrando que seus poderes estavam recarregados. Estava coberto de sangue.

— O que você quer? — Spector teve medo. O Astrônomo era uma das poucas pessoas nas quais seu poder não funcionava.

— Sabe que dia é hoje?

— Dia do Carta Selvagem. Todo mundo sabe disso. — Spector pegou as calças de veludo cotelê do chão.

— Sim, mas também é outra coisa. O Dia do Juízo Final. — O Astrônomo entrelaçou os dedos.

— Dia do Juízo Final? — Ele vestiu as calças. — Do que você está falando?

— Daqueles desgraçados que arruinaram meu plano. Intervieram em nosso verdadeiro destino. Impediram que dominássemos o mundo. — Os olhos do Astrônomo reluziam. Havia uma loucura neles que nem mesmo Spector tinha visto antes. — Mas há outros mundos. Este aqui não esquecerá tão cedo do meu tiro de misericórdia nos malditos que ficaram no meu caminho.

— Tartaruga. Tachyon. Fortunato. Você vai atrás *desses* caras? — Spector bateu palmas suavemente. — Que bom.

— No fim do dia, todos estarão mortos. E você, meu caro Ceifador, me ajudará.

— Nem pensar. Fiz seu trabalho sujo antes, mas agora não. Você me deixou para trás e não vou te dar outra chance.

— Não quero te matar, então eu darei a você a oportunidade de mudar de ideia. — Um arco-íris de luzes coloridas começou a rodear o Astrônomo.

— Foda-se, cara. — Spector sacudiu o punho. — Não vai me fazer de trouxa de novo.

— Não? Então, acho que vou te transformar num defunto. Junto com todo o resto. — O Astrônomo assumiu uma cabeça de chacal. Abriu a boca; sangue escuro fluiu escaldante sobre o chão acarpetado. Ele uivou. O prédio balançou com o som. Spector tapou os ouvidos e foi ao chão.

Fortunato ligou para Caroline vir cuidar de Veronica. Caroline poderia levá-la para a casa da mãe dele, o endereço comercial oficial da agência de acompanhantes. Caroline e meia dúzia de outras mulheres mais ou menos viviam lá. Ele enfiou Veronica em suas roupas e então deixou-a, sacudindo a cabeça no sofá da sala de estar.

Brennan perguntou:

— Ela vai ficar bem?

— Duvido.

— Sei que não é da minha conta, mas você não foi um pouco duro com ela?

— Tudo sob controle — Fortunato respondeu.

— Claro que sim — Brennan retrucou. — Nunca disse que não estava.

Ficaram frente a frente e olharam-se por alguns segundos. Como Yeoman, Brennan provavelmente era o único dos paramilitares disfarçados que corriam soltos por Nova York em

quem Fortunato confiava. Em parte, porque Brennan ainda era um ser humano, não afetado pelo vírus carta selvagem. Em parte, porque ele e Fortunato haviam passado por encrencas sérias juntos, dentro de um alienígena monstruoso que algumas pessoas chamaram de o Enxame. O Astrônomo chamava-o de TIAMAT e usou uma máquina chamada dispositivo Shakti para trazê-lo à Terra. Fortunato esmagou a máquina, mas foi tarde demais. O alienígena já havia chegado e centenas de milhares de pessoas em todo o mundo morreram por causa dele.

— O que há com o Astrônomo? — Fortunato quis saber.

— Conhece um cara que todo mundo chama de Morsa? Jube, o jornaleiro?

Fortunato deu de ombros.

— Já vi por aí, eu acho.

— Ele viu o Astrônomo no Bairro dos Curingas esta manhã. Falou com Crisálida sobre isso, ela comentou comigo.

— Quanto isso te custou?

— Nada. Sei, não é comum. Mas até a Crisálida está com medo do cara.

— De onde esse Morsa conhece o Astrônomo?

— Não sei.

— Então, temos um relato de segunda mão vindo de uma testemunha não confiável e uma pista incerta?

— Espera aí, cara. Eu tentei telefonar. A operadora me disse que o número estava fora do gancho. Não é nem problema meu. Vim aqui para ajudar.

Fortunato olhou para o Espelho de Hathor. Poderia levar o dia todo para purificá-lo e encontrar concentração suficiente para tentar novamente. Enquanto isso, se o Astrônomo *tivesse saído* mesmo da toca, poderia ser um problema.

— Tudo bem, está certo. Deixe eu cuidar desse outro assunto aqui e podemos dar uma olhada.

Enquanto Fortunato se vestia para sair, Caroline chegou. Mesmo com o cabelo em tranças loiras e curtas, vestindo um velho pulôver e jeans, Fortunato a desejou.

Não parecia mais velha do que era sete anos atrás, quando ele a contratou. Tinha um rosto infantil e um corpo compacto, energético, cujos músculos pareciam estar sob seu controle voluntário. Fortunato amava todas as suas mulheres, mas Caroline era especial. Aprendeu tudo o que ele pôde lhe ensinar — etiqueta, idiomas, gastronomia, massagem —, mas seu vigor nunca se desgastou. Ele nunca a dominou, e, talvez por esse motivo, ela ainda conseguisse lhe dar mais prazer na cama do que qualquer uma das outras.

Ele a beijou rapidamente quando deixou que entrasse. Desejou poder levá-la para o quarto e deixar que ela lhe desse uma dose de força tântrica. Mas não havia tempo.

— O que você quer fazer com ela? — Caroline quis saber. — Ela tem um encontro hoje à noite?

— Hoje é Dia do Carta Selvagem. Todo mundo tem um encontro hoje. O meu deve terminar até a meia-noite, e posso precisar sair novamente se chegar em casa cedo demais.

— Fique de olho nela. Deixe-a sair se parecer que está tudo bem. Mas a mantenha longe das drogas. Vejo o que fazer mais tarde.

Ela olhou para Yeoman.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada para se preocupar, ligo para você mais tarde.

Ele a beijou de novo e observou-a levar Veronica até o táxi que aguardava. Então, olhou para Brennan e disse:

— Vamos.

— Isto aqui é ou não é uma senhora lagosta? — Guelra perguntou. Ele a ergueu para a inspeção de Hiram, e a lagosta agitou suas garras com lentidão. As pinças estavam fechadas e amarradas, e poucas faixas de algas guarneciam o casco verde rígido.

— Uma lagosta de respeito — Hiram Worchester concordou. — Todas são grandes assim?

— Esta aqui é uma das pequenas — Guelra falou. O curinga tinha uma pele esverdeada e sarapintada, e fendas de guelras nas bochechas que se abriam quando ele sorria, mostrando a carne vermelha e úmida atrás delas. As guelras não funcionavam, claro; se funcionassem, o velho peixeiro teria sido um ás em vez de um curinga.

Lá fora, a luz da alvorada derramava-se sobre a Fulton Street, mas o mercado de peixes já estava agitado. Peixeiros e compradores negociavam os preços, carros refrigerados eram carregados, caminhoneiros xingavam-se e homens em aventais brancos engomados rolavam barris pelas calçadas. O cheiro de peixe pairava no ar como um perfume.

Hiram Worchester dava-se ao luxo de ser uma coruja, e durante a maioria dos dias preferia dormir. Mas aquele não era um dia qualquer. Era o Dia do Carta Selvagem, o dia no qual fechava seu restaurante ao público e convidava os ases da cidade para uma festa particular que havia se tornado uma tradição, e ocasiões especiais apresentavam exigências especiais, como sair da cama quando ainda estava escuro lá fora.

Guelra virou-se, recolocando a lagosta no barril.

— Quer ver outra? — ele perguntou, afastando um punhado de algas molhadas e tirando uma segunda lagosta para Hiram examinar. Era maior que a primeira e mais agitada. Movia as garras com empenho.

— Olha como mexe — Guelra disse. — Está fresca ou não está fresca?

O sorriso de Hiram foi um breve reluzir de dentes brancos no meio da barba negra e pontuda, como o naipe de espadas. Era muito detalhista sobre a comida que servia no Aces High, e muito mais ainda no seu Jantar do Carta Selvagem.

— Você nunca me decepciona — Hiram disse. — Essas ficarão deliciosas. Entrega até as onze, eu suponho?

Guelra concordou com a cabeça. A lagosta acenou suas garras para Hiram e olhou para ele mal-humorada. Talvez estivesse prevendo o seu destino. Guelra colocou-a de volta no barril.

— Como está Michael? — Hiram perguntou. — Ainda em Dartmouth?

— Ele ama aquilo lá — Guelra disse. — Ainda é calouro e já está me dizendo como cuidar dos negócios. — Ele puxou a tampa de volta para o barril. — Quantas você precisa?

Hiram previa mais ou menos 150 convidados, mais ou menos doze — oitenta e poucos ases, cada qual trazendo cônjuge, amante, um convidado. Mas, claro, dificilmente a lagosta seria a única entrada. Mesmo nesta noite das noites, Hiram Worchester gostava de apresentar opções aos convidados. Tinha três alternativas planejadas, mas essas lagostas pareciam tão esplêndidas que sem dúvida seriam uma opção de sucesso, e era melhor sobrar do que faltar.

A porta abriu-se atrás dele. Ouviu o sino tocar.

— Sessenta, eu acho — Hiram falou, antes de perceber que o Guelra não prestava mais atenção. Os olhos imensos do curinga estavam fixos na porta. Hiram virou-se.

Havia três deles. As jaquetas eram de couro verde-escuro. Dois pareciam normais. Um mal chegava a um metro e meio, com rosto fino e uma arrogância pronunciada. O segundo era alto e largo, com uma barriga de cerveja dura como pedra caindo sobre a fivela de caveira e

ossos cruzados do cinto. A cabeça era raspada. O líder, com certeza, era um curinga, um ciclope cujo único olho perscrutava o mundo através de um monóculo com lente fundo de garrafa. Que estranho, curingas e limpos dificilmente andavam juntos.

O ciclope tirou uma corrente do bolso da jaqueta e começou a enrolá-la no punho. Os outros dois lançavam olhares pelo estabelecimento do Guelra como se eles fossem donos do lugar. Um começou a chutar a serragem com uma bota pesada e gasta.

— Desculpem — Guelra disse. — Eu tenho... eu.. volto logo. — Ele foi até o ciclope, abandonando Hiram por um instante. Do outro lado da sala, dois funcionários curvaram-se e começaram a cochichar. Um terceiro, um curinga débil mental que movia a serragem úmida com uma vassoura, encarou os intrusos e começou a caminhar para a porta dos fundos.

Guelra estava expondo uma situação ao ciclope, gesticulando com as mãos de dedos unidos por membranas, suplicando em tom baixo e insistente. O jovem olhava para ele com aquele olho único, implacável, seu rosto era frio e impassível. Continuou enrolando a corrente na mão enquanto Guelra conversava com ele.

Hiram franziu o cenho e virou as costas para a cena. Problemas, mas não eram da conta dele, já tinha o bastante para pensar naquele dia. Caminhou pelo corredor coberto de serragem para olhar o carregamento de atum fresco. Os peixes imensos ficavam sobre cada uma das caixas de madeira rústica, olhos vítreos voltados para ele. *Atum grelhado*, ele pensou. A inspiração trouxe-lhe um sorriso no rosto. LeBarre era um gênio da culinária *cajun*. Não para hoje à noite, que o cardápio já estava planejado havia semanas, mas o atum grelhado seria um acréscimo excelente ao cardápio regular.

— Foda-se — o ciclope disse alto do outro lado da sala. — Devia ter pensado nisso uma semana atrás.

— Por favor — Guelra falou numa voz fina, apavorada. — Só mais uns dias...

O ciclope ergueu um pé sobre um latão de peixes, chutou-o e o lançou para o lado. Peixes brancos espalharam-se pelo chão.

— Não, por favor — Guelra repetiu. Já não era possível ver seus empregados em lugar algum.

Hiram virou-se e caminhou até eles, mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta de forma casual. Para um homem imenso, seu ritmo era surpreendentemente rápido.

— Desculpe-me — ele falou para o ciclope. — Algum problema aqui?

O jovem curinga crescia sobre Guelra, o pequeno ficava ainda menor com sua espinha curvada, mas com Hiram Worchester a questão era outra. Ele tinha quase um metro e noventa e a maioria das pessoas que olhava para sua circunferência pensava que pesava cerca de 160 quilos. Eram de fato aproximadamente 160 quilos, mas isso era outra história. O ciclope olhou para Hiram através do seu grosso monóculo e sorriu irônico.

— Ei, Guelra — ele falou —, desde quando você está vendendo baleia?

Seus companheiros, que estavam em pé ao lado da porta, tentando parecer entediados e perigosos ao mesmo tempo, chegaram mais perto.

— Olha, é a porra do boneco da Goodyear — o menor disse.

— Por favor, Hiram — Guelra falou, tocando seu braço gentilmente. — Eu agradeço, mas. . está tudo bem aqui. Esses garotos são... hum... amigos do Michael.

— Fico sempre feliz em conhecer amigos do Michael — Hiram falou, encarando o ciclope. — Porém, estou surpreso. Michael sempre teve boas maneiras, e seu amigo aqui não tem nenhuma. Guelra tem dor nas costas, você sabe. Você deveria ajudá-lo a limpar esses peixes que você derrubou.

O rosto de Guelra parecia mais verde do que o normal.

— Eu vou limpar — Guelra respondeu. — Chip e Jim podem fazer isso, não. . não se preocupe.

— Por que não cai fora, bunda gorda? — o ciclope sugeriu. Olhou para o rapaz menor. — Cheech, abre a porta para ele. Ajuda o cara a apertar a bunda imensa até dar o fora. — Cheech deu um passo para trás e abriu a porta.

— Guelra — Hiram falou. —, acredito que estávamos discutindo as condições dessas lagostas excelentes.

O garoto alto com cabeça raspada falou pela primeira vez.

— Faça ele gritar, Olho — ele disse numa voz grave. — Faça ele gritar antes de ir embora.

Hiram Worchester olhou para ele com um nojo genuíno e uma calma que não sentia de verdade. Odiava esse tipo de coisa, mas às vezes não tinha escolha.

— Vocês estão tentando me intimidar, mas apenas estão me fazendo ficar irritado. Duvido muito que sejam de fato amigos de Michael. Sugiro que saiam agora antes que isso vá mais longe e alguém se machuque.

Todos riram.

— Lex — Olho falou para o careca —, está quente pra porra aqui: estou suando. Precisamos de ar fresco.

— Vou resfriar já. — Lex falou. Olhou ao redor, pegou um barril pequeno com as duas mãos, ergueu acima da cabeça num único movimento suave e forte ao mesmo tempo, deu um passo na direção da grande vitrine que dava para a Fulton Street.

Hiram Worchester tirou as mãos dos bolsos. Ao seu lado, a mão direita estava curvada num punho cerrado com força. Um pequeno tique, sem sentido, ele sabia; era a mente que fazia aquilo, não a mão, mas o gesto era tão parte dele quanto seu poder de carta selvagem. Por um instante, ele conseguiu ver as ondas gravitacionais nublando o ar ao redor do barril como um mormaço subindo do asfalto quente num dia de verão.

Então, Lex cambaleou, os braços se dobraram, e um barril de bacalhau salgado que de repente passou a pesar mais de 130 quilos rompeu-se sobre a cabeça dele. Seus pés escorregaram e ele despencou com tudo no chão. O barril despedaçou-se, enterrando Lex em peixes. Peixes muito *pesados*.

Os amigos ficaram olhando sem compreender de imediato. Hiram foi para a frente de Guelra rapidamente e empurrou o peixeiro.

— Vá chamar a polícia — ele disse. Guelra foi para trás devagar.

O baixote, Cheech, tentou puxar Lex de debaixo do barril quebrado. Foi mais difícil do que parecia. O ciclope engasgou, então olhou com raiva de volta para Hiram.

— Você fez aquilo — ele deixou escapar. — Você é o Bolão.

— Eu odeio esse apelido — Hiram retrucou. Fechou o punho e o monóculo do Olho ficou mais pesado. Caiu do rosto e se estilhaçou no chão. O ciclope gritou uma obscenidade e lançou-se com os punhos sobre a ampla barriga de Hiram, mas ele desviou. Era muito mais ágil do que parecia; seu tamanho variava, mas mantinha o peso em treze quilos há anos. Olho foi atrás dele, gritando. Hiram se afastou, apertando o punho e tornando o curinga mais pesado a cada passo, até as pernas se dobrarem sob o próprio peso e ele ficar no chão, gemendo.

Cheech foi o último a atacar.

— Seu ás desgraçado — ele falou. Ergueu as mãos diante de si, palmas abertas, um tipo de golpe de caratê, kung fu ou algo assim. Quando saltou, a bota com bico de metal veio pedalando na direção da cabeça de Hiram.

Hiram abaixou-se na serragem. Cheech passou sobre ele e continuou, pesando muito menos do que um momento antes. A força do salto lançou-o com tudo na parede.

Ele bateu, rolou, tentou levantar com um impulso, e descobriu que estava tão pesado que não conseguia se erguer.

Hiram levantou-se e limpou a serragem do casaco. Ele estava desarrumado. Precisaria ir para casa e trocar de roupa antes de partir para o Aces High. Guelra aproximou-se dele, sacudindo a cabeça.

— Chamou a polícia? — Hiram perguntou. O velho concordou com a cabeça. — Bom. A distorção gravitacional é apenas temporária, você sabe. Posso mantê-los presos até a polícia chegar, mas isso me custa muito. — Ele franziu o cenho. — Também não é saudável para eles. Todo esse peso é um esforço terrível para o coração. — Hiram lançou um olhar para o seu Rolex de ouro. Já passava das 7h30. — Tenho mesmo que ir para o Aces High. Saco, não precisava dessa loucura, não hoje. Quanto tempo a polícia...

Guelra o interrompeu.

— Vá, pode ir. — Ele empurrou o grandalhão com mãos gentis, insistente. — Eu cuido disso, Hiram. Por favor, vá.

— A polícia vai querer que eu preste queixa.

— Não — Guelra falou. — Eu dou conta. Hiram, eu sei que suas intenções foram as melhores, mas não devia. . digo... bem, você não vai entender. Não posso dar queixa. Por favor, vá embora. Fique fora disso. Vai ser melhor.

— Não pode estar falando sério! — Hiram se surpreendeu. — Esses arruaceiros...

— São da minha conta — Guelra terminou a frase por ele. — Por favor, estou pedindo como amigo. Fique fora disso. Vá. Você receberá suas lagostas, lagostas muito boas, eu prometo.

— Mas...

— Vá! — Guelra insistiu.

Os grunhidos roucos e a batida da virilha dele contra a dela fazia um contraponto ao tique-taque do despertador "Baby Ben" amarelo brilhante comprado numa loja barata, que estava sobre o criado-mudo. Roleta desviou os olhos cor de topázio dos olhos castanhos de Stan, olhou o ponteiro dos segundos correndo suave sobre o mostrador do relógio. Tempo. O tique-taque de um relógio, o fluxo do sangue pelas veias conduzido pelo inexorável batimento do coração dela. Fragmentos do tempo. Fragmentos marcando a passagem da vida. No fim das contas, resume-se a isso. Não respeita riqueza, tampouco poder, muito menos santidade. Mais cedo ou mais tarde viria e silenciaria aquele pulso contínuo. E ela havia recebido suas ordens.

Roleta acariciou com suavidade a têmpora de Stan.

Respirou fundo — para reunir vontade e poder —, mas não havia liberdade. O ato exigia ódio, e tudo que ela sentia era incerto. Estava deitada e invocou uma imagem de horror. *A agonia do parto, sabendo que terminaria logo, e ela seguraria seu bebê, e toda a dor seria esquecida. Os olhos do médico arregalaram-se com horror. Esforçando-se para olhar para aquela coisa entre suas pernas...*

Sua barriga firme ficou flácida, e um calor adicional fluiu pela vagina, uma imitação de paixão enquanto a onda venenosa corria livre. De repente, os olhos do Uivador se incharam, a boca se abriu e ele recuou, seu pau pulsante raspou de uma vez o tecido delicado da vagina com

a retirada abrupta. Num movimento protetor, as mãos envolveram o membro vibrante descolorido, ele engasgou várias vezes e emitiu um grito sufocado. Uma gota de saliva escorreu sobre o queixo num fio, e o espelho da cômoda explodiu numa cascata de cristal que se espalhou sobre a cama com os fragmentos de vidro. O mini Big Ben diminuiu com a propagação do som. O vidro estilhaçou-se, congelando os ponteiros, e quando o golpe atingiu as engrenagens internas do relógio, o alarme deu um pio ínfimo, desanimado, como se reclamasse por sua morte repentina e injusta.

O som, como um murro, acertou a bochecha direita de Roleta, causando uma contusão na sua pele café com leite e arrancando uma gota de sangue do seu ouvido. O suspiro profundo prendeu-se em sua garganta como um bloco irregular, e o mal-estar preencheu seu estômago. A face agonizante do Uivador pairava sobre ela, e ela sabia que encarava a morte. O peito dele ondeava, os lábios se retraíram deixando os dentes à mostra, e uma onda preto-azulada subia do seu pênis, agora totalmente preto e inchado, na direção da virilha e da barriga.

A manta de cetim amontoada não dava apoio às pernas descontroladas dela. Sentia como se nadasse no vidro. Com um impulso final e desesperado, ficou de joelhos e lançou um braço em torno do peito do ás. A outra mão enroscou-se no cabelo empapado de suor do homem e virou a cabeça dele na direção da parede que separava o quarto da sala de estar. Um grito terminal, de parar o tempo, ecoou até as margens do universo e voltou, e a parede explodiu. O pó de gesso girou em espirais preguiçosas, grudando na garganta e enchendo as narinas. O entulho voou pelo chão da sala de estar, e a parede ao fundo ficou abaulada. Por um instante, Roleta observou a parede ruir; viu-a cair, viu o casal gordo de classe média baixa no apartamento ao lado olhando, assustado, a paisagem que ela apresentou. Mulher nua segurando homem nu — pau inchado como o de um cavalo, o corpo todo inchando conforme o veneno explodia as células sanguíneas, o rastro de veneno marcado por descolorações preto-azuladas.

Outra convulsão sacudiu o Uivador, mas sua garganta havia inchado, fechando suas cordas vocais. A pele encharcada de suor de suas costas estava fria e grudenta contra os seios achatados dela, e o fedor de urina e fezes liberadas encheu o quarto. Engasgando, ela o empurrou para longe, arrastou-se para fora da cama e agachou-se no chão, ao lado da cama.

Destruição no Mosteiro. *Ele* tinha deixado subentendido que fora o Tartaruga quem havia esfarelado as paredes de pedra. . *Mas mentiu!* Ele prometera que não haveria risco, mesmo que aquele fosse o primeiro ás que ela havia matado. *E ele mentiu.* Ela tocou o ouvido e encarou, fascinada, o sangue ressecado que manchava seus dedos. Uma sensação de traição esgueirou-se através de sua consciência e solidificou-se em ódio. *Ele sabia e não me alertou.* Queria que ela morresse aqui? Mas quem mataria Tachyon para ele?

Sirenes lembraram-na do perigo. Estava tão imersa em sua contemplação da morte e da traição que se esqueceu da realidade. Ninguém na baixa Manhattan deixou de ouvir o grito da morte. Estava ficando sem tempo. E se quisesse sobreviver, atingir sua meta, não poderia ficar ali. Ajeitou os cabelos embaraçados para trás com as mãos, as pérolas mínimas e o vidro embrenhavam-se nas longas madeixas presas nos dedos, repuxando seu escalpo. Pôs a meia-calça e a cinta-liga na bolsa, deslizou no vestido e enfiou os pés nas sandálias de salto.

Uma última olhada em torno da sala arruinada para ver se havia deixado algum traço de sua presença — além do óbvio, claro, o corpo inchado na cama.

Sempre quis ser especial.

Um grito inarticulado irrompeu dela, e ela correu para a escada de incêndio. Um salto pontudo prendeu-se no gradil dos degraus de ferro, e com um praguejamento ela arrancou o calçado. Segurando um em cada mão, desceu cinco lances até o primeiro andar e baixou a escada de incêndio até o pavimento imundo e cheio de lixo do beco. Vidro de centenas de janelas

quebradas espalhavam-se como neve cintilante entre as folhas de alface que apodreciam, pacotes plásticos de cerveja vazios, latas fedorentas. Espezinhou os cacos de vidro quando chegou ao solo, e um estilhaço afundou no calcanhar.

Ela choramingou, arrancou o caco e calçou as sandálias. Injeção antitetânica, vou precisar de uma antitetânica. Não tomo uma desde aquele mês que passei com Josiah no Peru.

O pensamento em seu ex-marido pôs a memória em movimento, sacudindo-se para a frente como um trem ganhando impulso; imagens embaralhando-se e estilhaçando-se como os quadros de um filme de pesadelo, correndo em velocidade dobrada... até não ter restado nenhuma figura coerente, apenas um borrão indistinto de dor, tristeza e fúria que queimava as entranhas, culminando em uma sensação exalante de alívio quando ela liberou a onda e o Uivador morreu.

Fora do beco e já na rua. Tentando acertar o tom. Seria suspeito simplesmente ignorar o pesadelo da seguradora e a satisfação vítrea que a circundava. Ainda assim, não poderia se juntar à multidão boquiaberta que se acotovelava, muitos ainda de pijama e roupão, que se reuniam em grupos e observavam com olhar abobado a rua coberta de vidro e os carros estacionados com janelas estilhaçadas ou destruídas. Talvez seja melhor imitar uma jovem trabalhadora; interessada, mas preocupada em chegar ao trabalho no horário.

Um carro de polícia desceu a rua às pressas e freou de repente quando passou por ela, lançando os dois ocupantes para a frente como bonecos de teste para carro. Olhos vazios e injetados varreram-na, e ela se forçou a encarar o olhar suspeito do policial, embora o medo apertasse seu estômago. Era uma vizinhança com predominância de brancos e, apesar de ela estar vestida com elegância modesta, seu vestido era obviamente de noite.

Puta.

O pensamento passou com clareza no rosto inchado, rosado, e ela sentiu uma agitação raivosa. Turma de 1970, Vassar College, mestrado em economia. Não sou prostituta, babaca. Mas foi cuidadosa em manter sua expressão neutra.

Um homem correu para fora do prédio do Uivador, girando os braços sobre a cabeça, a boca abrindo e fechando, embora nenhuma palavra pudesse ser ouvida por causa do berro das sirenes. O guarda, distraído, perdeu o interesse em Roleta. Resmungou qualquer coisa ao companheiro e sacudiu o dedão na direção do prédio. O carro prosseguiu, e Roleta forçou-se a continuar sua caminhada.

O medo voltou. Alimentado não pela presença de perseguidores tangíveis que se juntavam atrás dela, mas pelo ladrar dos cães da alma que corriam tranquilamente ao seu lado. Esperavam pelo momento em que a dúvida, o horror e a culpa que cresciam a cada morte a sobrepujassem, a dominassem e, então, entrariam em cena e a destruiriam. Estavam lá agora — esperando. Ela conseguia ouvi-los. Não era capaz de ouvi-los antes. Estava enlouquecendo. E se ela matasse novamente, o que aconteceria? Mas ela precisava. E assassinar Tachyon tornaria a loucura suportável.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo III

8h00

Os leões de pedra que guardavam a escadaria diante da entrada principal da Biblioteca Pública da Cidade de Nova York também poderiam ter tirado o dia de folga. A biblioteca estava fechada, e a escadaria deserta.

Jennifer, depois de ter voltado ao apartamento para tomar um café da manhã leve e vestir uma saia preta, jaqueta preta e blusa branca, esticou a mão e deu um tapinha em um dos leões enquanto passava, em aparente encorajamento pelo trabalho bem-feito. Entrou no prédio com sua chave e, então, trancou a porta atrás de si. As solas do sapato estalavam alto, ecoando assustadoramente na vasta antecâmara da biblioteca.

— Bom dia, srta. Maloy — um velho vestindo um uniforme amarrotado cumprimentou-a enquanto ela passava pela cavernosa sala central na direção de sua escrivaninha, próxima às estantes do primeiro andar.

— Bom dia, Hector.

— Não vai à parada?

O velho era um dos seguranças. Gostava de contar história de quando viu o Jetboy combatendo os zepelins sobre Manhattan, quando ele era policial, e o que aconteceu nos primeiros momentos da nova era, quando o vírus carta selvagem foi liberado e o mundo mudou, de repente e para sempre.

— Mais tarde, talvez — ela falou. Gostava do senhorzinho, mas agora não era hora de ficar presa em suas reminiscências intermináveis. — Tenho trabalho para fazer. Um projeto que quero terminar.

O velho Hector estalou a língua contra a dentadura e sacudiu a cabeça.

— Está trabalhando demais, srta. Maloy, uma menina bonita como a senhorita. Deveria sair mais.

— Eu vou. Só pensei que hoje seria um bom dia para terminar esse meu projeto. Com a biblioteca fechada e tudo o mais.

— Entendi. Entendi — o velho homem disse, afável, desaparecendo pelas fileiras obscuras das mesas. — Nunca vi uma garota que gostasse tanto de livros e saísse para se divertir tão pouco — ele murmurou, um pouco para si mesmo.

Jennifer voltou para as estantes, mantendo um olho em Hector para garantir que ele estava em suas rondas inúteis. Seria melhor, ela disse a si mesma, ele não passar por um dos bibliotecários examinando um catálogo com um par de livros cheio de selos raros na escrivaninha. Não mesmo.

♣

O nível de ruído dentro do Crystal Palace ainda era baixo o bastante para se ouvir as conversas individuais, mas Spector não estava interessado em espreitar. Seguiu direto para o bar, sentou-se e começou a tamborilar com os dedos na madeira polida. Sascha, sozinho atrás do balcão, estava ocupado fazendo um brandy alexander para uma loira num vestido vermelho e branco justo de algodão. O rosto sem olhos de Sascha dava arrepios em Spector.

— Ei — Spector disse, alto o suficiente para atrair a atenção de Sascha. — Preciso de um Jack Black duplo.

— Atendo o senhor em um minuto.

Spector assentiu com a cabeça e tirou os cabelos pretos dos olhos. Estava assustado demais para comer, mas sempre conseguia beber. Merda, ele pensou, eu devia ter concordado com qualquer coisa que ele quisesse. Aquele velho maluco pode me transformar em carne moída. Ele cobriu a boca com a mão e tentou acalmar sua respiração descontrolada. Olhou ao redor com medo de que o Astrônomo pudesse estar bem atrás dele. Apenas poucas pessoas teriam colhões para começar uma confusão no Crystal Palace, mas o Astrônomo não pensaria nem duas vezes.

Deus, eu não quero mesmo aquele desgraçado atrás de mim. Talvez esteja ocupado demais com outros. Mesmo o Astrônomo terá problemas para pegar todos eles.

— Sua bebida.

Spector sobressaltou-se com a voz de Sascha, então se virou.

— Obrigado.

Ele pescou uma nota de cinco do bolso e jogou-a amassada no balcão. Sascha hesitou por um instante, depois pegou o dinheiro e se afastou.

Spector agarrou o copo e tomou o uísque num gole só. Hora de continuar. Talvez ele não vá me procurar no Brooklin. Ele riu baixinho para si. Talvez o próximo presidente seja um curinga.

O ar estava frio e calmo quando ele saiu do bar. Esfregou as palmas das mãos e desceu rapidamente a rua, na direção do metrô mais próximo.

A primeira vez que ela matou foi por acidente — se algo assim puder ser chamado de acidente —, e mesmo agora ela poderia se justificar, pois grosseirões como Sully realmente não deveriam poder reproduzir e multiplicar.

Ela havia acabado de perder o emprego. Os dedos se crisparam, e o açúcar e as migalhas da rosquinha velha pularam no prato de plástico. Disseram que era uma licença, mas ela já sabia. Há semanas os sussurros a assombravam; rastejando pelos cantos das divisórias do escritório, ecoando nos banheiros, deixando uma marca tangível em cada rosto. *Pobrezinha... o marido está se divorciando dela . É verdade?.. Ela teve . . um monstro?*

Várias amigas grávidas a abandonaram, como se sua simples presença pudesse causar mutação em seus filhos, e o medo não era aliviado por um rumor inquietante vindo do Centro de Controle de Doenças de que dois casos anômalos do vírus carta selvagem surgiram, e que poderiam ser explicados apenas se a doença fosse, de fato, contagiosa. Frank foi gentil naquele dia, quando mandou chamá-la no escritório dele, mas muito firme. A presença dela no escritório estava afetando o estado de espírito e a produtividade dos trabalhadores. E ela não precisava realmente de tempo sozinha para lidar com "aquilo que aconteceu com ela"? Então, por que não

lhe dar um pouco de tempo?

Semanas depois, quando o dinheiro começou a faltar e seu ânimo estava em baixa, ela encontrou Sully Thornton na porta. Era um bajulador pequeno e patético que zurrava o tempo todo sobre ser um dos "aliados" de Josiah. Roleta nunca o notou particularmente fazendo nenhum negócio quando esteve presente em Smallwoods. Em vez disso, concentrava-se em absorver toda a bebida grátis que podia pegar, e tentava dar beijos bêbados e molhados nela sempre que a encontrava sozinha. Certa vez, ela lhe deu um tapa, e depois de um risinho relinchado que fazia seu pomo-de-adão saliente sacolejar, explicou, embriagado, que estava apenas "imitando o velho vovô Thornton, com sua fascinação por mulheres sombrias. Está no sangue". *Sim*, ela pensou, ácida, *como sentava a chicotada nos meninos e comia as amas. Bem natural.*

Sully balbuciou algo sobre querer cuidar dela, pois Josiah a tratava muito mal, e perguntou se podia lhe pagar um jantar, e ele tinha ouvido que ela havia perdido o emprego, e se ela precisava de um "pequeno empréstimo". Ela entendeu bem o que ele queria e, apesar da aversão pelo homem, aceitou. Estar quebrada arruína os padrões de uma pessoa.

Mais tarde, naquela noite, enquanto ele estava sobre ela, gemendo e ofegando, ela se lembrou do relaxamento que estalou os ossos quando o bebê nasceu, e ergueu-se sobre os cotovelos e viu... Não! Então veio um relaxamento de outro tipo, e Sully morreu.

Seus devoradores de alma começaram a atormentá-la durante as horas que avançaram depois da morte de Sully. E se Judas não a tivesse encontrado, talvez ela tivesse deixado de lidar com a morte. Porém, o cão de guarda ás do Astrônomo a encontrou e levou-a para o Mosteiro, e o Astrônomo provocou seus pontos recônditos, nutrindo seu ódio exasperado, prometendo que teria sua vingança final e que, quando a última morte acontecesse, ele lhe daria a paz — removeria para sempre a memória do seu filho.

O Astrônomo usou-a com moderação, ansioso para mantê-la em segredo e muito eficaz. E ela era eficaz. Naquele dia, foi marcado o terceiro assassinato que ela executou para o seu terrível mestre, e cada vez era pior. Engoliu um café do Café Alegria, tentando dissolver o gosto doentio da morte que jazia na língua.

Dessa vez, ele saberia. Sentiria sua culpa e dúvida, e reagiria, e ela estava com medo de desapontá-lo. Não. Apenas estava com medo. Aterrorizada por causa dele. Por causa de seus poderes. Por sua compulsão obsessiva para destruir. Primeiro TIAMAT. Agora, aqueles que lhe negaram a vitória final.

E se ela não voltasse nunca mais?

Não, sem ele não poderia haver a catarse final, a liberação final da memória dos monstros. Ele poderia ficar com todo o resto, mas Tachyon era dela. O alienígena havia destruído sua vida.

Ela retribuiria, acabando com a vida dele. Era a obsessão dela, que a havia unido ao Astrônomo num enlace profano de ódio e vingança, e era um laço muito mais forte do que o amor.

— Senhora, eu não alugo mesas por hora — grunhiu o proprietário do Café Alegria, que era a prova viva de que o nome do estabelecimento não era praticado da porta para dentro.

Ela jogou o dinheiro sobre a mesa e acabou ficando mais feliz do que irritada com a interrupção. Precisava ir embora.

Para encará-lo.

♠

Normalmente, Hiram gostava de passear pelas ruas da cidade, ver o fluxo e refluxo dos dramas humanos nas calçadas de Manhattan através das janelas foscas do seu Bentley, enquanto o motorista cuidava do engarrafamento e dos táxis camicases. Porém, naquele dia, o Bairro dos Curingas e as imediações estariam um caos, pois os curingas tomavam as ruas e milhares de turistas chegavam à cidade para as paradas, feiras de rua, fogos de artifício e outras celebrações que marcavam o Dia do Carta Selvagem.

Para evitar o tráfego, Hiram disse para Anthony pegar a FDR Drive e, mesmo assim, o congestionamento estava um horror. Teria preferido voltar ao apartamento para se trocar, mas não havia tempo. Foram direto para o Empire State Building. Cordas de veludo pendiam diante dos elevadores expressos para o Aces High, e numa placa elegante estava escrito FECHADO PARA FESTA PARTICULAR. Hiram pulou suavemente sobre a corda, nada de mais para um homem que pesava pouco mais de treze quilos, mas algumas sobrancelhas sempre se erguiam no lobby. O elevador levou-o direto até o saguão do restaurante.

Quando as portas se abriram, ouviu o *chef* gritar com alguém. O *saucier*, sem dúvida; brigavam o tempo todo. Um faxineiro estava varrendo a chapelaria quando Hiram surgiu do elevador.

— Não esqueça de limpar os cinzeiros, Smitty — Hiram disse a ele.

Ele parou por um momento, olhou ao redor da sala. O piso de mármore estava brilhando, tinham acabado de limpar os sofás. Todas as paredes exibiam fotografias emolduradas de celebridades: políticos, estrelas do esporte, símbolos sexuais, socialites, escritores, estrelas de cinema, jornalistas e uma miríade de ases. A maioria havia garatujado inscrições pessoais calorosas para Hiram sobre os seus retratos. Parou para arrumar a imagem do senador Hartmann e do Uivador, que foi tirada na noite em que o senador foi reeleito, então irrompeu pelas largas portas duplas do restaurante.

A voz de Paul LeBarre era muito mais alta ali, mesmo com toda a algazarra. Empregados arrumavam as mesas redondas de banquete para a festa e levavam as mesas normais para o armazém. Equipes de limpeza poliam o piso, o longo balcão curvado do bar e os magníficos candelabros *art déco* que criavam a ambientação do Aces High. As portas amplas do Terraço do Pôr do Sol estavam abertas para ventilar o salão, e soprava aquele vento forte de Nova York. Ao longe, Hiram conseguia ouvir os sons do tráfego e as sirenes da polícia.

Curtis, seu *maître* e braço direito, veio até Hiram Worchester com uma dúzia de cartolinas sob o braço. Era um negro alto e magro de cabelos brancos. À noite, com seu smoking, ficava esplêndido, elegante, até um pouco austero. Naquele momento, vestido com camisa de flanela e calças de algodão pesadas e gastas, parecia apenas atormentado.

— A cozinha está um caos — ele anunciou, rapidamente. — Paul insiste que Miriam arruinou seu molho *hollandaise* especial, e está ameaçando jogá-la do Terraço do Pôr do Sol. Tivemos um pequeno incêndio na cozinha, mas foi apagado, sem danos. A escultura de gelo está atrasada. Seis dos nossos garçons telefonaram dizendo que estão doentes esta manhã. Chamo isso de gripe de carnaval, complicada pelo fato de que ninguém dá gorjetas nessas festas particulares. Uma bonificação polpuda poderia causar uma melhora repentina. O rumor habitual sobre o Golden Boy já circulou e eu recebi três ligações de clientes ansiosos para informar que, se *ele* vier, eles não virão. Ah, e o Digger Downs ligou para dizer que, se ele não puder entrar hoje, a revista *Ases!* nunca mais vai mencionar o restaurante. E como vai sua manhã, Hiram?

Hiram suspirou, passou a mão sobre a cabeça careca num gesto de ansiedade, reminiscências dos dias em que tinha cabelo.

— Fale pro Digger que eu deixo ele entrar se o editor prometer por escrito que nós nunca mais seremos mencionados na *Ases!* Consiga pra mim seis garçons temporários. . não, chame

dez, eles não serão tão bons quanto nosso pessoal regular. Não estou preocupado com Paul. Ele não jogou ninguém pela janela ainda.

Ele foi para o escritório a passos largos. Curtis seguiu-o.

— Sempre tem a primeira vez. E o Golden Boy?

Hiram fez um barulho grosseiro.

— Ouvimos o mesmo rumor todo ano e o sr. Braun ainda não apareceu. Se ele aparecer, lidaremos com o problema do jantar dele. Quem está ameaçando cancelar?

— Sparkle Johnny, Trump Card e Pit Boss — Curtis respondeu.

— Acalme Shawna e Lou — Hiram lhe disse —, e diga a Sparkle Johnny que o Golden Boy vai mesmo aparecer. Esta é a disposição dos assentos?

Curtis entregou a ele os esquemas.

— Vou ligar para o Kelvin e perguntar sobre as esculturas de gelo — ele falou, enquanto Hiram destrancava a porta do escritório.

"*Pela janela!*" Paul LeBarre estava gritando na cozinha. "Até lá embaixo para você conseguir entender o jeito certo de fazer *hollandaise*. Talvez você aprenda antes de se estatelar lá embaixo!"

Hiram recuou.

— Faça isso — ele disse. — E, por favor, peça pra alguém me fazer um café da manhã rápido. Uma omelete, eu acho. Tomate, cebola, pedacinhos de bacon, queijo.

— Cheddar?

Hiram ergueu a sobrancelha.

— Claro. Quatro ovos. Com batata frita e um jarro de suco de laranja, um chá Earl Grey pequeno. Tem biscoitos?

Curtis concordou com a cabeça.

— Bom. Três, por favor. Estou fraco de fome.

Usar seus poderes sempre o deixava faminto. Dr. Tachyon disse que tinha algo a ver com perda de energia.

— Anthony estará de volta logo com um terno limpo. Tive uma pequena altercação na Fulton Street. Mande alguém ao lobby para esperar. Se Anthony tentar trazê-lo aqui para cima, o Bentley provavelmente será rebocado. — Ele fechou a porta.

Havia um televisor em cores de 26 polegadas encaixado na parede sobre a escrivaninha. Hiram sentou-se numa cadeira executiva de couro, imensa, personalizada, que cheirava a um clube de cavalheiros britânicos muito antigo e bastante exclusivo, acionou seu massageador de costas acoplado, espalhou os esquemas de disposição dos assentos diante de si sobre a escrivaninha de imbuia preta, e ligou a televisão com um golpe no controle remoto. Willard Scott e Peregrina apareceram na tela. Willard estava com chifres de alce na cabeça por algum motivo. Peregrina estava com a menor roupa com a qual ela podia sair. Estavam conversando sobre a parada do Bairro dos Curingas. Hiram apertou o botão "mudo". Gostava de manter a televisão ligada enquanto trabalhava, um tipo de papel de parede em vídeo que o mantinha conectado ao mundo, mas o ruído o distraía. Após uma última olhada nos trajes admiráveis de Peregrina, começou a analisar os esquemas, ticando cada um no canto inferior direito após tê-los examinado.

Quando Curtis voltou com a omelete, Hiram havia concluído os lugares dos convidados.

— Duas alterações — ele falou. — Coloque a Mistral ao lado do terraço. Se ventar demais, ela pode cuidar disso para nós. E troque Tachy e Croyd. Se botarmos Tachyon na mesma mesa de Fortunato, teremos inocentes mortos no fogo cruzado.

— Excelente — Curtis comentou. — Seis mesas para quem vier sem convite?

Convites formais eram enviados anualmente para o Jantar do Dia do Carta Selvagem no Aces High, e o RSVP era aguardado, mas havia ases que mantinham seu nome cuidadosamente em segredo, e outros ainda que não haviam "saído do maço" ainda. A festa era aberta para todos eles, e a cada ano a fila na porta, daqueles que esperavam ganhar um convite ao demonstrar um talento de ás, ficava ainda maior.

— Oito mesas — Hiram falou após um momento de reflexão. — Afinal de contas, é o quadragésimo. — Olhou para a tela da televisão novamente. — Mais uma coisa. — Ele esticou o braço até o esquema de mesas e fez uma anotação. — Aqui.

Curtis observou.

— Peregrina perto do senhor. Muito bem.

— Acho que sim — Hiram respondeu, com um sorriso silencioso. Sentiu-se bem satisfeito consigo mesmo.

— As esculturas de gelo serão entregues em menos de uma hora.

— Excelente. Avise-me quando chegar.

Curtis fechou a porta atrás de si. Hiram recostou-se na cadeira, olhou para o aparelho de TV, mudou de canal. Nos degraus do Túmulo de Jetboy, Linda Ellerbee entrevistava Xavier Desmond. Observou as palavras silenciosas na boca deles por um minuto. Então, um boletim de notícias interrompeu a conversa. Algo sobre o Uivador, cuja imagem piscou na tela, vestindo suas roupas amarelas de batalha. Um camarada bacana, mas seu gosto pelas cores era quase tão ruim quanto o do Dr. Tachyon.

Hiram franziu o cenho e entrelaçou os dedos diante de si, pensativo. Tudo estava sob controle. A festa seria um sucesso estrondoso, o evento social do ano. Ele deveria estar animado. Em vez disso, estava perturbado.

O acontecido no Mercado de Peixes da Fulton Street, foi isso. Ele não conseguia tirar aquilo da cabeça. Guelra estava encrencado de alguma forma. Precisava de ajuda. Hiram gostava do velho curinga.

Eles faziam negócios há uma década, e o Aces High chegou até a cuidar do bufê da graduação do filho dele.

Alguém deveria descobrir o que estava acontecendo, Hiram pensou. Não ele, claro; era dono de restaurante, não um aventureiro. Ainda assim, conhecia as pessoas certas, e muitas delas lhe deviam favores. Talvez pudesse usar seus contatos.

Hiram encontrou o número do Dr. Tachyon no seu ficheiro giratório, pegou o telefone, discou. Deixou tocar por bastante tempo. O takisiano era bem conhecido por dormir até tarde. Finalmente, desistiu. O Dia do Carta Selvagem era sempre uma prova de fogo para Tachyon. Na maioria das vezes, deflagrava nele um ataque de culpa, autocomiseração e conhaque. Sendo este o quadragésimo aniversário, a ansiedade do doutor deveria estar especialmente aguçada. Ah, Dr. Tachyon chegaria no horário para o jantar, sem dúvida, mas Hiram queria ter alguém trabalhando nisso imediatamente.

Pensou por um minuto. Seu bom amigo, senador Hartmann, lhe concederia os serviços de algum ás do Departamento de Justiça, certamente, mas envolver o governo levava tempo e era conturbado. Fortunato poderia ajudar, mas, por outro lado, não poderia. Girou o fichário, olhando os nomes e, claro que ele estava bem ali, no primeiro cartão:

Sorrindo, Hiram Worchester pegou o telefone e discou.

Ackroyd atendeu no quinto toque.

— É cedo demais — o investigador particular reclamou. — Ligue mais tarde.

— Pode pular da cama, Popinjay — Hiram falou com alegria, sabendo que isso irritaria o outro. — Deus ajuda quem cedo madruga, e hoje você resolverá um caso, digamos, em troca de um jantar hoje à noite.

— É melhor ser mais do que um jantar, Hiram — Ackroyd resmungou. — E não me chame de Popinjay, inferno.

Cada fichário tinha dez páginas, e cada página continha cerca de cem selos com os números do Catálogo Filatélico Scott Postage escrito com cuidado embaixo deles, o que facilitava bastante a identificação.

Havia dez Irlanda no 38 (Grã-Bretanha no 171, com estampa "*Rialtar Sealadac na heineann 1922*" em tinta preta-azulada), novo, valor de catálogo: 1.500 dólares cada. Havia oito Dinamarca no 1 (sem picote, com burelage marrom-amarelada), levemente apagado com quatro margens excelentes, valor de catálogo: 1.300 dólares cada. Doze Japão no 8 (papel nativo sem goma), novo, valor de catálogo: 450 dólares a unidade. E assim por diante. Ao todo eram 1.880 selos nos fichários, catalogando, em média, cerca de mil dólares cada, então cada fichário trazia um milhão de dólares em selos.

Porém, o terceiro livro...

Jennifer folheou rapidamente as páginas, mas sua mente foi levada do mistério do terceiro livro à riqueza nos outros fichários na mesa entulhada diante dela. Kien juntou uma bela coleçãozinha. Ela não conhecia muito de filatelia, mas uma pesquisa rápida das informações de preços diante dos catálogos e sua experiência geral no campo de materiais raros e colecionáveis disseram-lhe que Kien montou a coleção perfeita para obter o máximo de lucro quando chegasse a hora de vendê-la.

Os selos que havia reunido eram raros, mas não excessivamente raros. Selos raros de verdade eram tão bem conhecidos que todos os exemplares existentes eram documentados, mas muitos daqueles exemplares não eram rastreáveis. Eram raros o suficiente para ser, bem, raros, e comuns o suficiente para que sua aparição no mercado não causasse um alvoroço.

Eram raros o suficiente para que — dependendo, claro, do desespero dele no momento em que liquidasse suas posses — Kien pudesse esperar chegar perto do preço de catálogo deles quando quisesse convertê-los em algo mais negociável. Uma verificação rápida nos diversos exemplares selecionados em catálogos de anos anteriores informou-a de que também eram raros o bastante para o preço subir ano a ano. E se Kien desse as cartas corretas quando os vendesse, não teria que pagar impostos sobre eles. Claro, um único negociante de selos teria problemas em conseguir dinheiro para comprar a coleção inteira, mas havia muitos negociantes de selos em qualquer cidade grande.

Infelizmente, Jennifer refletiu enquanto explorava com vagar as páginas de selos, ela não tinha essa opção. Não poderia desmembrar a coleção. Tinha de se livrar dela de uma vez, e seria sortuda se sua tramoia lhe desse dez por cento do valor dos selos.

Ainda assim, dez por cento seria bacana. Duzentos mil não é nada mau para uma manhã de trabalho.

Tinha uma bolada para pagar por seu apartamento que, havia pouco, se transformara num condomínio, e havia também seus projetos especiais. Tirou uma caderneta preta da bolsa e repassou a lista das obras beneficentes favoritas, a maioria pequenos centros mal financiados para viúvas sofridas, crianças e animais abandonados. Numa época de cortes de recursos governamentais, a sociedade civil tinha de fazer tudo que podia para apoiar causas válidas, e havia, Jennifer pensava, uma quantidade terrivelmente grande de causas válidas no mundo.

A umidade gotejava de uma longa rachadura que corria na diagonal pela parede do túnel. O peso inteiro de Manhattan parecia equilibrar-se sobre sua cabeça, e ela se perguntava inutilmente pela centésima vez se esta toca de coelho de túneis e saletas sobreviveria. Talvez seus passos seriam o impacto final para levar abaixo o covil em ruínas. O medo empurrava sua respiração para o fundo do abdome, e ela se apressava para prosseguir, a umidade chapinhando nas laterais das sandálias.

Parecia incrível para ela, após o desastre em maio, quando os ases de Nova York atacaram o Mosteiro, matando vários maçons e destruindo o dispositivo Shakti, que o Astrônomo tivesse voltado calmamente para seu velho reduto e *ninguém tivesse percebido*. A verdade é que sobrou apenas um punhado deles; Kafka, o próprio Mestre, Roman, Kim Toy, Gresham, Imã, Insulina e ela, — salva porque escolheu passar aquele dia em um concerto ao norte do estado de Nova York. Talvez a ameaça do Enxame (anulada apenas recentemente) pudesse oferecer alguma explicação.

O túnel desembocava numa pequena sala. Roleta entrou e sentiu o salto deslizar embaixo dela quando pisou no sangue escuro e escorregadio que se espalhava em poças cada vez maiores sobre o piso de pedra. Fora um ritual energético, pois o sangue brilhante também pintava as paredes. Uma borrifada berrante vermelha aqui, um regato correndo lá, tudo lavando o gesso cinzento suado, uma exposição de arte moderna delineada com barbárie. Membros separados jaziam empilhados como madeira amarrada num canto distante, a cabeça com olhos arregalados pousada como um melão sobre eles. Era uma bela mulher, cabelos longos acariciavam o naco irregular do pescoço, brincos de cristal brilhavam à luz hostil de uma lâmpada nua que balançava de um fio no teto.

A vida calma de um maluco, pensou Roleta, e a histeria e a repugnância enrijeceram sua garganta.

Kafka, parecendo totalmente dadaísta enquanto marchava como um porta-toalhas, seguia encurvado ao lado do Astrônomo. Diversas toalhas fofinhas com apliques de ursinho estavam penduradas sobre seus braços quitinosos, esqueléticos. Sua carapaça tremelicava, mas Roleta não conseguia dizer se era de frio ou de medo.

Finalmente, forçou-se a olhar para o mestre, que terminava de limpar as mãos meticulosamente numa toalha, jogando-a aos pés em seguida. Seus olhos pairavam como luas enormes atrás das grossas lentes dos óculos, mas ele estava vibrante, quase estalava com a energia, e ela sabia que estava pronto para iniciar a ordem do dia. Um festim sangrento agora

para se preparar para o banquete que seguiria.

— E então?

— O Uivador está morto.

— Excelente, minha querida. Excelente. — Ele se virou e, com desdém, empurrou a cadeira de rodas, que rangeu triste enquanto rolava até um canto. — Mas, me conte tudo. Cada nuance sutil, cada careta agonizante…

— Não foi muito sutil — ela disse, sem rodeios, e afastou para trás seu cabelo trançado para revelar a escoriação. — E eu ainda não consigo ouvir muito bem com meu ouvido direito.

Ele riu, um retumbar grave e gutural que a deixou trêmula de fúria.

— Eu poderia ter morrido! Isso não importa para você, não é?

— Não muito. — Os olhos dele estavam sobre ela, e ela disfarçou, incapaz de fitar o olhar dele.

— Você poderia ao menos ter me avisado — ela gritou, tentando encontrar um lugar seguro para pousar os olhos, mas para onde quer que ela olhasse havia loucura.

— Não sou seu papai. Pensei que fosse inteligente o bastante para fazer suas pesquisas.

— Não sou assassina profissional. Eu não *pesquiso*.

Até mesmo Kafka emitiu uma risadinha chiada, ofegante, que soou como mãos secas, mortas, esfregando-se, e o Astrônomo lançou sua cabeça para trás e rugiu, os tendões de seu pescoço magro saltando como galhos.

— Ah, minha preciosa. É assim que você se esconde de sua alma? Minha pequena tola. Você deveria abraçar o ódio, lambê-lo, comê-lo, deleitar-se com ele. Estou lhe oferecendo uma oportunidade única de vingança. Para retribuir a perda com dor. E depois que isso tudo acabar, darei a você a liberdade pela qual anseia. Você deveria me agradecer.

— Estou me tornando um monstro — Roleta murmurou.

— É dúvida o que estou ouvindo? Então, reprima, por favor. Culpa é a emoção mais debilitante. Faz de você uma fraca. Veja, a dúvida pode levar à traição, e você sabe como eu lido com aqueles que me traem. Estou lhe dando Tachyon, embora eu realmente queira matá-lo com as minhas mãos, então não venha cacarejar sobre o quanto você chegou perto da morte, e como sou terrível por fazer com que você mate. E nem pense em voltar atrás. Não tenho tempo de cuidar eu mesmo do bom doutor — eu cheguei a delegar o Tartaruga para Imã e Insulina —, assim eu ficaria muito chateado com você se tivesse que realocar Tachyon nos meus planos. O prazer não suplantaria a irritação, acredite em mim.

— Não acho que você esteja sendo motivado pela generosidade. Acho que tem medo dele. É por isso que está me mandando enfrentá-lo.

As palavras saíram, e ela era uma tola por pronunciá-las, pois ele partiu na direção dela, apertando os dedos como um torno em sua mandíbula.

— Está me chamando de covarde, minha doce assassina vaginal?

O rosto dele transformou-se em uma careta demoníaca.

— Não. — Ela forçou o sussurro quase inaudível.

— Bom. Não gostaria de pensar que você não me respeita. Agora, fale-me sobre o Uivador!

— Não, eu não… não consigo… reviver isso.

Ela se empertigou, de forma que enxergou o topo do crânio calvo apenas com alguns fios de cabelo e pedaços de pele repulsiva.

— Então, viva isto!

E o fluxo de memória voltou. A coisa deformada nojenta que jazia entre suas pernas. O resultado líquido de tantas horas de parto doloroso. Um monstro tão grotesco que até mesmo as

enfermeiras odiaram tocá-lo.

— Tudo bem, tudo bem! Ele sofreu... uma dor imensa.

— O rosto dele, como ficou o rosto? Ele deve ter olhado para você.

— O olhar foi triste. Como uma criança perplexa que não conseguia entender por que estava sendo ferida. — Os soluços rasgavam como vidro partido o fundo da sua garganta.

— E você se divertiu? — A mão livre fechou-se sobre o ombro esquerdo dela, e ele a forçou a se ajoelhar diante dele. Ela conseguiu sentir o sangue ensopando a bainha da saia, grudando na pele nua dos joelhos.

Os olhos estavam sobre ela novamente. Não havia como mentir.

— Não. — As lágrimas rolavam, correndo em linhas quentes sobre seu rosto. — Eu nem o conhecia direito. Apenas uma noite. Mas ele foi gentil comigo. E agora está morto, e eu estou com medo.

— De quê?

— Do que estou me tornando. Estou com medo de continuar...

— Minha querida, seria melhor você ter medo do que acontecerá se não continuar. Você é minha, Roleta, e eu infligirei um castigo terrível se falhar comigo.

Um grito agudo rasgou sua garganta enquanto ela observava a mão dele deslizar para dentro do seu peito, e sentiu uma pressão imensa quando ele segurou o coração na palma da mão.

— Um apertão, Roleta, e você morre. — A mão dele baixou, massageando os ovários dela, enviando ondas de agonia através do seu ventre. — Não me faça te matar, Roleta. Seria um desperdício. — Ele retirou a mão e acarinhou o rosto escoriado. — Mas não quero assustá-la, minha querida. Quero ajudá-la. Salvar e libertar sua alma. Você enlouquecerá, Roleta, como você teme, a menos que alcance sua vingança final e purgue a sua alma. Sem essa purificação, minha limpeza de memória não lhe fará bem. Agora, encontre Tachyon, mate-o e você estará livre.

— Livre — ela suspirou. O Astrônomo de repente soltou o queixo e ela despencou para a frente, caindo de quatro. Ela choramingou um pouco quando o sangue, agora coagulado, escorreu entre os dedos. *Livre de você também*, ela pensou com uma emoção que não era amor, tampouco ódio, mas parte de ambos.

— Sim, meu amorzinho. Até mesmo de mim.

Ela apertou os olhos, esperando pelo golpe ou por outra punição que seguiria. Momentos se passaram e nada aconteceu. Com cuidado, ela abriu os olhos.

— E quando você...

— Vou remover seu passado? Quando você voltar e me contar em detalhes sórdidos — os lábios dele tremeram com o pequeno trocadilho — cada momento da morte de Tachyon.

— Sim... tudo bem... eu vou.

Roleta ergueu-se. Com um movimento de cabeça, o Astrônomo indicou a Kafka que saísse. A pequena barata curinga nojenta correu até a porta e ofereceu a Roleta uma das toalhas limpas que restara. Ela aceitou, agradecida.

— Encontro você aqui?

— Depende do horário. Minha agenda está bem cheia hoje. — Ele deu um sorriso forçado, então encarou-a, examinando. — Você me serviu bem. Ah, por que não? Decidi levar meus seguidores mais fiéis comigo quando eu for embora. — Ele enrolou um pedaço da sonda flexível em torno do braço e esfregou a veia que saltou.

— Ir embora?

— Sim, vou embora deste mundo que me traiu e enganou.

— Mas como?

— Na nave de Tachyon.

— Mas você não sabe como conduzir uma espaçonave, sabe? — ela acrescentou de repente, em dúvida. A amplitude dos poderes dele era incrível, talvez ele pudesse.

— A nave voará, pois é uma criatura inteligente, com mente, e tudo que tem mente eu consigo controlar. Estamos marcando o encontro para as 3h30 de amanhã. Esteja lá e poderá vir. Desde que, claro, você tenha assassinado Tachyon, e se sua pequena declamação me agradar. Agora, o que me diz sobre isso? Eu não poderia ser mais justo — ele completou num tom pensativo, como se considerasse sua própria magnanimidade.

O sorrisinho que circundava sua boca morreu, e o rosto dele deformou-se numa careta abominável.

— Agora, vá! — ele gritou, e a baba espumou nos cantos dos lábios, e o cuspe voou no rosto dela.

Ela saiu correndo de volta ao túnel úmido, a toalha apertada contra os lábios. Kafka ainda percorria o túnel, arrastando os pés, quando ela passou por ele. Roleta pensou no quanto já ouvira, se ele estava entre os "fiéis", e o que o Astrônomo faria com ela se não fosse, e se soubesse da indiscrição de Kafka ouvir atrás da porta. Por um instante os olhos deles se encontraram, e Roleta viu espelhado nos do curinga o mesmo medo, confusão, desespero e ódio que ela sabia estarem refletidos nos dela.

Ela tocou gentilmente a carapaça.

— Obrigada pela toalha, Kafka.

— Não há de quê — ele respondeu com uma formalidade estranha que tornava sua condição bizarra ainda mais absurda e dolorosa. — Roleta — ele continuou, enquanto ela se afastava —, tenha cuidado. Eu gostaria de pensar que um de nós sairá disso com algum aspecto de normalidade e a humanidade intacta.

— Bem, não serei eu, mas obrigada pela preocupação.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo IV

9h00

Jennifer pegou o telefone em sua escrivaninha e discou um número que ela havia usado apenas meia dúzia de vezes no ano anterior, mas havia guardado na memória. Tocou três vezes antes de ser atendido, e uma voz rica, culta, com um sotaque do Brooklin ainda velado disse:

— Penhor Feliz, bom dia.

— Olá, Gruber.

A voz assumiu um novo tom, ficando mais grave e untuosa, com uma solicitude indesejada.

— Ira, minha querida. — Ele a chamava pelo nome de guerra que Jennifer havia adotado. — Há quanto tempo. Como tem passado?

— Bem. — Jennifer dava respostas curtas. Ela não gostava de Leon Gruber, embora ele deixasse patente o tempo todo seus sentimentos aflorados demais por ela. Era um cocainômano gorducho, de rosto oleoso, com mestrado em artes plásticas na Columbia. Conduzia a loja de penhores que havia herdado do pai em circunstâncias deveras suspeitas, pelo que Jennifer tinha ouvido falar. Era o seu atravessador. Nunca parava de dar em cima dela, apesar da polidez fria com a qual ela o tratava em todas as negociações.

— Tem algo para mim? — ele quis saber.

Ele fez a pergunta soar libidinosa. Jennifer quase conseguia vê-lo lambendo os lábios grossos.

— Selos — ela respondeu rapidamente.

— Quantos? — Havia um suspiro na voz dele, como se ele se resignasse a falar de negócios.

— Quase dois milhões em catálogo.

Houve um longo silêncio e, quando Gruber finalmente falou, a voz dele mudou de novo. Havia algo por atrás das palavras dele que Jennifer nunca tinha ouvido antes, algo que o fez soar ainda mais frio e calculista do que o normal.

— Você me surpreende, querida. Diga-me, são de um estoque de negociante ou de uma coleção particular?

— Não é da sua conta.

— Bem, preferimos manter nossos segredinhos, não é?

— Meus segredos são meus — Jennifer disse com firmeza, mais do que levemente irritada. — Se não estiver interessado nos selos, posso encontrar alguém que esteja.

— Ah, estou interessado. Mesmo. Tenho interesse em tudo o que é seu, minha querida Ira. — Jennifer fez uma careta ao ouvir as palavras dele. Quase conseguia imaginar as cenas piscando através de seu cérebro viciado. — Você é uma pessoa muito, hum, intrigante. Apareceu do nada e, em menos de um ano, tornou-se a ladra mais refinada da cidade. Eu me sinto muito sortudo, hum, por ser seu colaborador e estou muito, muito interessado nos selos. Mas tenho um compromisso esta manhã. Estou esperando algumas pessoas. Pode vir lá pelas onze? Talvez possamos almoçar depois que eu der uma olhada na mercadoria.

— Talvez. — Não havia sentido em contrariá-lo antes de ele olhar os selos. — Às onze. Estarei aí.

— Estarei esperando, querida.

A última sentença ecoou melada aos ouvidos de Jennifer quando ela desligou. Havia uma ânsia mais ávida do que de costume. Decidiu que precisava encontrar um novo intermediário. Não conseguia mais aguentar os comentários maliciosos de Gruber. Talvez estivesse se afundando demais no vício da cocaína. Ele usava demais, Jennifer pensou, um dia desses o coração dele vai explodir.

♣

Fortunato verificou o relógio. Teve de erguer o braço ao lado do corpo e então alçá-lo diante do peito para vê-lo, por conta da multidão. Passava um pouco das nove. Quando olhou para cima, o mundo estava como um caleidoscópio. Estilhaços de cores brilhantes o cercaram, mudando a todo o momento para novos padrões, imprevisíveis, mas não totalmente aleatórios.

Quando Caroline falou que era Dia do Carta Selvagem, não significou nada para ele. Ele já deveria saber como estariam as coisas. Naquele momento, estava preso na multidão com Brennan, encarcerado. A cada dois minutos pensava em quebrar a regra sobre exibições públicas. Não lhe custaria nada levitar para fora da multidão e voltar para a paz do seu apartamento.

Então, pensou no Astrônomo, talvez apenas a poucos metros de distância, talvez a ponto de assassinar outra pessoa e ficar mais forte no processo.

Logo adiante deles, a Hester Street encontrava a Bowery, a praça no meio do Bairro dos Curingas. As barricadas da polícia bloqueavam as ruas laterais, embora houvesse tantos turistas que um carro não poderia atravessar nem se quisesse. A maioria parecia vestida para uma competição de atletismo, de shorts, tênis e camisetas horríveis, porém estava acima do peso, tinha câmeras penduradas no pescoço e bonés baratos com slogans idiotas na cabeça.

— Olha, agora tem um aqui — um deles falou, apontando para Fortunato. O chapéu do homem dizia COMER FORA É DIVERTIDO. Fortunato pensou em virar o estômago do homem do avesso, deixando-o pendurado para fora da boca pelo longo tubo do esôfago, espirrando sangue, baba e café da manhã na calçada.

Calma, ele disse a si mesmo. Tenha calma.

Daquele jeito típico dos curingas, a parada já havia se transformado num inferno. Os carros alegóricos oficiais deveriam estar alinhados perto do canal, mas a rua já estava cheia de carros não oficiais, o mais óbvio deles era um falo de látex de seis metros de altura, rosa e brilhante, erguido a sessenta graus. Estava montado sobre uma plataforma de madeira e três curingas mascarados tentavam empurrá-lo em meio à multidão. O pênis era bifurcado, e havia uma placa pendurada entre as duas cabeças que dizia: FODAM-SE OS LIMPOS. Um quarto curinga estava em pé, na plataforma, jogando o que pareciam ser camisinhas usadas no pessoal. Duas aglomerações de pessoas abriam caminho na direção do carro, uma de policiais, outra de turistas ultrajados.

— Lá está ele — Brennan teve de gritar no ouvido de Fortunato para se fazer ouvir. Fortunato virou-se e viu Jube sentado sobre sua banquinha de jornal, gordo, suas presas reluzindo

à luz do sol matutino.

— Certo — Fortunato falou. Usou um pouco do seu poder para liberar um espaço na frente da banca. Fez um megafone com as mãos e gritou por ele. — Você pode descer aqui um minuto?

Jube deu de ombros e começou a descer. Fortunato esticou a mão e agarrou um tornozelo preto, borrachento, para equilibrá-lo. Ao tocá-lo, Fortunato sentiu uma vibração estranha percorrer o seu corpo. Jube olhou para baixo e os olhos deles se encontraram. Fortunato, involuntariamente, leu os pensamentos do outro.

— Sim — Fortunato respondeu a ele. — Agora eu sei. — Jube não era humano.

— Já te vi no Crystal Palace — Jube comentou. — Mas nunca fomos apresentados formalmente. — Ele estendeu a mão. — Você consegue guardar segredos?

— Em geral, eu só cuido da minha própria vida — Fortunato retrucou. — Tachyon sabe sobre você?

— Não. Ninguém sabe além de você. Acho que só posso esperar que você não encontre um bom motivo para me entregar.

Jube empalideceu quando Brennan se aproximou e disse:

— Crisálida me disse...

— Eu vi o Astrônomo — a cabeça de Jube, negra e untuosa, coberta de tufos de cabelo avermelhado, moveu-se para cima e para baixo. — Umas cinco da manhã. Eu estava pegando o *Enquirer*. Toda segunda-feira, sabe? — Fortunato limpou a garganta, impaciente. — Estava no banco de trás de uma limusine, seguiu para a Second Avenue.

— Como você sabia que era ele? — Fortunato quis saber. Jube hesitou, e Fortunato transformou a pergunta numa ordem. — Diga a verdade.

— Eu... fui a algumas das reuniões. Dos maçons egípcios. Pensei que tinham. . algo que eu queria.

Um estouro repentino fez o alienígena se retrair, surpreso. Fortunato virou-se. Foi apenas uma vitrine na Hester que havia explodido na rua. Quatro garotos orientais com jaquetas de cetim azul irromperam para fora da loja. O último estourou o vidro da porta com um cassetete.

— E lembre-se, velhote! — o garoto gritou. — Não se meta com os Garças, cara!

Eles se misturaram às pessoas e desapareceram.

Brennan estava com a aljava de couro aberta e as duas metades do seu arco montadas em um segundo e meio: mesmo assim, não teve tempo de atirar. Desmontou o arco e virou-se para Fortunato. Este não se moveu.

— Você não estava brincando — Jube falou. — Realmente só cuida da sua vida.

— Não interfiro se não sei o que está acontecendo — Fortunato falou. Estava pensando em 1969, quando seu poder apareceu pela primeira vez. Por alguns meses, esteve envolvido com o movimento político underground, tentando impedir o massacre de curingas no Vietnã. Mesmo naquela época, com os problemas tão claros quanto podiam ser, ele se sentia inquieto. Tinha uma mulher envolvida e, quando ela desapareceu, aquilo foi o fim para ele. E, desde então, resguardava-se. — Se eu quisesse ser policial, teria sido um.

Ele se voltou para Jube.

— Acho que você e eu precisamos sentar e ter uma longa conversa um dia desses. Quando não houver tanta coisa acontecendo. Por ora, apenas mantenha os olhos abertos. Se vir o Astrônomo novamente, ou qualquer pessoa que você saiba que está trabalhando para ele, ligue para o Tachyon. Ele sabe onde me encontrar. Certo?

O alienígena concordou com a cabeça.

— E, pelo amor de Deus — Fortunato falou —, tente se animar.

Spector subiu devagar os degraus da estação de metrô, olhando em todas as direções. O Jack Daniel's não o havia ajudado. Vira o Astrônomo assassinar antes; estivera presente várias vezes. O velho conseguia rasgar em pedaços mais rápido do que ele conseguia se regenerar. Ele estremeceu e tropeçou. A loja de penhores de Gruber ficava apenas a alguns quarteirões dali.

A Flatbush Avenue estava calma, quase deserta. Um garoto brincava em uma varanda, segurando um aviãozinho em uma das mãos e um dirigível na outra. Ele batia o avião contra o dirigível e gritava: "Não posso morrer ainda, eu não vi *Sonhos Dourados*".

Spector balançou a cabeça. Não entendia por que todo mundo considerava Jetboy um herói. O merdinha tentou impedir que um vírus caísse sobre Nova York, mas desgraçou tudo, falhou. Por isso ganhou uma estátua e a adoração de milhões.

— Jetboy foi um fracassado — ele gritou para o garoto.

O menino o encarou, então recolheu os brinquedos e correu para dentro do apartamento.

Spector enfiou a mão no seu paletó cinza e puxou a máscara de caveira, vestindo-a quando chegou na rua da Penhor Feliz.

Spector cruzou a rua rapidamente e testou a porta. Estava trancada. Bateu com força várias vezes e esperou. Nenhum som. Tentou novamente. Dessa vez, ouviu passos pesados e apressados. E o clique da porta que se abriu com um estalo.

— Estou ocupado agora. Volte mais tarde — Gruber falou.

— Você está com coca na lapela — Spector disse, apontando para o terno de tweed de alfaiataria e encaixando o pé no vão da porta. — Sou Spector. Preciso comprar uma coisa.

Gruber abriu a porta e fechou-a rapidamente assim que Spector entrou.

— Comprar? Isso é bem incomum. Bem, o que precisa?

— Uma pistola automática e um colete à prova de balas. — Spector olhou ao redor para o amontoado mal iluminado. O lugar cheirava a abandono e a colônia de Gruber. — Como você consegue encontrar alguma coisa aqui?

— Todos os negócios importantes são feitos lá atrás — Gruber abriu a grade e seguiu para os fundos da loja. Era gordo e suave. Spector poderia odiá-lo apenas por isso. Ele seguiu o homenzinho, concentrando-se na dor dele.

Gruber abriu um armário e tirou dele uma pistola.

— Submetralhadora Ingram Mac-11 com coldre de ombro. Faria oitocentos para um cliente normal, mas você pode levá-la à base de troca. Terá algo para mim em breve, eu espero.

Spector pegou a Ingram e examinou. A arma estava em perfeitas condições e tinha um peso ótimo.

— Claro. Não tem colete?

— Sinto muito.

Spector esperava que um colete à prova de balas ajudaria se o Astrônomo tentasse arrancar seu coração. Puro azar, pois era um item que Gruber em geral tinha.

— E as balas?

— Estão bem aqui — Gruber respondeu, entregando uma caixa fechada. — Por que precisa de uma arma? Digo, sendo um ás e tudo mais, isso me parece, hum, desnecessário.

Spector percebeu que Gruber não se furtava a olhá-lo nos olhos. Ele agarrou o gordo pelas orelhas e trouxe-o para mais perto. Gruber tentou arrancar o olho de Spector com uma das mãos, usando a outra para puxar uma pistola calibre 22 automática. Spector agarrou a mão de Gruber

com a arma e apontou-a para a barriga do atravessador. Foram dois tiros no abdome de Gruber. Spector jogou a arma longe; sabia que Gruber levaria um bom tempo agonizando até morrer com os ferimentos de bala. Spector puxou a cabeça de Gruber para perto, forçando para que seus olhos se aproximassem.

— Não — Gruber falou, apertando os olhos. Spector deu um soco no pescoço de Gruber, mandando-o para o chão. Ele montou sobre o gordo e prendeu os braços.

— Não me mate. Por favor, não.

— Você já está morto. — Spector pinçou as pálpebras de Gruber e as ergueu. Gruber gritou, mas era tarde demais. Seus olhos se encontraram.

Spector era a única pessoa que tinha tirado a Rainha Negra e viveu para contar. Infelizmente, a memória de sua morte sempre o acompanhava. Ele a liberou para o outro, projetando sua agonia para dentro do corpo do homenzinho, convencendo-o de que ele estava morrendo. A carne rechonchuda de Gruber acreditou. Os olhos rolaram para cima e ele engasgou. Spector sentiu-o virar peso morto e o soltou.

Ele olhou para a escrivaninha. Gruber havia escrito uma palavra numa caderneta. Selos. Ele deu de ombros e virou-se. Spector vestiu o coldre e deslizou a Ingram nele. Se enfrentasse o Astrônomo, isso poderia ajudar, apesar de não poder. Ele fechou e trancou a grade, pôs a máscara e saiu pelos fundos.

♠

Estúpido! Como você pôde ser tão idiota?, Jack pensou enquanto abria caminho no centro da cidade em meio às aglomerações. Seu ódio por si mesmo ainda ardia, selvagem. Varreu com os olhos o que conseguia ver da Eighth Avenue diante dele. Onde estava a garota com o homem vestindo terno púrpura e chapéu fedora elegante?

Ainda não havia ligado para a mãe de Cordelia. Elouette teria de esperar, impaciente ou não. Jack fez uma ligação que talvez pudesse ajudar. Se a Nômada e seus animais pudessem apenas avistar sua sobrinha. . Ele cuidaria do resto. A língua parecia áspera, deslizando pelos dentes que tinham ficado um pouco maiores, mais afiados e longos que o normal. Tentou acalmar a raiva. Teria tempo o bastante para isso mais tarde.

Controle. Claro que tinha um pouco agora. Primeiro, ao sair de Port Authority, ele buscou aleatoriamente, lutando para seguir em uma direção no meio do povaréu, depois em outra. Em seguida, o nível humano da sua mente começou a tranquilizar o cérebro réptil apressado. Estabeleceu um critério· não repetir uma linha de busca. Tente no centro da cidade. Considere Fortunato como ponto de partida. Ele não sabia se o rapaz que supunha ser um cafetão era um dos caçadores de talentos freelance de Fortunato; de fato, nem sabia se o homem sequer *usava* aquela modalidade de busca de talentos; mas não custava tentar. O homem com Cordelia acharia mais fácil se misturar com o fluxo de pessoas que seguia para o Bairro dos Curingas. A Eighth estava menos lotada do que as outras avenidas naquele momento. No fim das contas, Jack teria que se preocupar com uma boa rota que cruzasse a cidade. Mas, por ora, seguia sua intuição.

Deu certo.

Chegou até o cruzamento da 38th Street. De repente viu, do outro lado da rua, um fedora familiar flutuando um pouco, como se seu dono estivesse olhando ao redor, confuso. Também

viu uma nuca, um vislumbre de cabelos pretos e longos reluzentes. O fedora aproximou-se dos cabelos pretos. A jovem com cabelos pretos se afastou um pouco mais. Estava correndo. O fedora a perseguiu.

Jack, seguindo-os com o olhar, disparou pelo meio-fio. Uma mão agarrou seu ombro, puxando-o para trás com rispidez. Um táxi amarelo buzinando quase arrancou seus dedos do pé e o focinho latente.

— Presta atenção, garoto — disse um curinga rouco atrás dele. — Os táxis não estão nem aí. Nem hoje. Nem nunca.

Naquele instante, o cruzamento ficou cheio de carros. Os últimos táxis a atravessar tinham acabado de fazê-lo. Havia carros enfileirados nas duas direções. Ninguém parecia preocupado com as multas de vinte e cinco dólares por parar no cruzamento.

— Nunca tem um guarda quando a gente precisa — alguém disse alto.

Jack atravessou o cruzamento como um bom corredor de futebol americano. Os Jets ficariam orgulhosos, ele pensou, irrelevante. Nesta temporada eles poderiam usá-lo. Do outro lado da 38th Street, ele percebeu que nem o fedora nem Cordelia estavam à vista.

Droga! Mais cedo ou mais tarde, ele pensou, vamos bater o centro de novo. Procurou ao redor por um dos pássaros, um gato, um esquilo da Nômada, qualquer coisa.

Nunca tem um pombo quando a gente precisa.

♥

Tendo escolhido sua roupa da coleção de casacos, calças e camisas surrados, sujos e descombinados que mantinha na casa de Jack, Nômada enfiou na cabeça um boné de pescador grego para esconder o cabelo desgrenhado e deixou os gatos para trás, enquanto tomava o rumo da superfície através dos túneis que passavam pela casa. Ágil pelos anos de vida no subterrâneo, usava os olhos dos ratos que viviam nos túneis para indicar o caminho. A visão do nível do chão que obtinha daquela perspectiva era suficiente para evitar a maioria dos obstáculos. Passou dias embaixo da terra sem usar seus olhos. Era melhor evitar o máximo possível de contato com a massa de pessoas que se arrastava na superfície enquanto suas criaturas rastejavam nos túneis e nas tocas.

Nômada agarrou as hastes de uma escada que levava ao mundo acima dela e subiu. Deslocando a tampa do bueiro um pouco para cima, olhou ao redor e viu apenas um mendigo dormindo no beco. Saiu do buraco, encaixou novamente a tampa e claudicou em direção à multidão na boca do beco. Muito tempo atrás, havia encontrado a rota mais direta até o escritório de Rosemary Muldoon, no complexo da promotoria pública. Porém, naquele dia, as ruas estavam cheias de festeiros. Muitos usavam máscaras grotescas; alguns estavam com fantasias completas. Nômada sentiu raiva dessas pessoas "normais". O vírus que lhe dera meios de sobrevivência também tirou-a deste mundo humano. Às vezes, ressentia-se disso, a maior parte do tempo, não. Não lhe custou nada xingar a multidão e abrir caminho até o centro de magistrados.

Alguém assobiou, pelo som, um elogio. Ela não olhou em volta. Não era para ela.

Antes de o segurança percebê-la, Nômada se juntou a um grupo de pessoas que aguardava o elevador. Mantendo o aglomerado de terno completo entre ela e o segurança, ela caminhou

com a cabeça baixa e olhou de esguelha para as escadas. Levou alguns minutos para subir até o oitavo andar, mas ela odiava o elevador.

Em vez da recepcionista habitual, que sabia que ela era uma antiga cliente de Rosemary dos dias de Serviços Sociais, a escrivaninha estava ocupada por um homem lindo, de cabelos pretos, num terno marrom. Estava tendo problemas com o telefone quando ela entrou.

— Droga! Perdemos mais um. Quem criou esses botões de espera devia levar um tiro. Não concorda? — Ele falou sem tirar os olhos do console do telefone, cujos botões ele apertava. — Embora eu saiba que isso não é atitude de um advogado. — Finalmente, ele olhou para cima e seu rosto registrou surpresa apenas por um momento. — Olá. O que posso fazer pela senhora? — Ele sorriu para a mendiga. — Será que não errou de andar? Este é o gabinete da promotoria. O que a senhora procura?

— Rosemary. — Nômada manteve a cabeça baixa e a voz fraca e rouca.

— Rosemary? Sou novo aqui, mas a única Rosemary aqui .. eu acho que é Rosemary Muldoon. Ela é promotora adjunta. — Ele se virou e olhou, incerto, para o console do telefone. — Bem, posso tentar chamá-la, mas...

— Rosemary. — A voz da mendiga ficou mais forte e irritada. Quando ele olhou para cima novamente, encontrou, por um mero segundo, um par de olhos ferinos e negros.

— Vou tentar. — O telefone tocou. — Paul Goldberg, gabinete da promotoria. No que posso ajudar?

Nômada partiu na direção da porta atrás de Goldberg, mas ela abriu assim que ela pousou a mão na maçaneta.

A mulher atrás da porta era pequena, uns oito centímetros mais baixa que Nômada. A mendiga sabia disso porque uma vez foram obrigadas a trocar de roupas. Os olhos de Rosemary variavam de castanho-escuros a claros, dependendo do humor. Hoje estavam escuros e intensos.

— Olá. Que bom te ver. Entre. Volto em um minuto.

Rosemary Muldoon segurou a porta para a mendiga. Antes de entrar no gabinete, Nômada olhou para a mesa do recepcionista. Rosemary fez sinal de positivo com a cabeça.

— Paul, ligue para aquela agência terceirizada de novo. Diga que se ninguém aparecer em quinze minutos, vamos ligar para outra agência. Isso é ridículo.

— Sim, srta. Muldoon. Espero que eu não tenha ofendido sua cliente. — Ele sorriu com as desculpas estampadas no rosto para a mendiga, que sacudiu a cabeça uma vez, com força.

— Minha *amiga*, Paul — Rosemary disse. — Segure minhas ligações, por favor.

O homem atrás da mesa suspirou e concordou com a cabeça.

— Claro, srta. Muldoon. Espero vê-la em breve, senhora — ele disse para Nômada. Ele já estava atendendo ao telefone que tocava quando Nômada o encarou novamente, então ela se virou e manquejou para dentro do gabinete de Rosemary.

— Dennis está de férias e as coisas estão uma bagunça — Rosemary fechou a porta e caminhou até a mesa de imbuia. — Ficamos assim, com equipe reduzida, e nossa mais nova atribuição é atender telefones em vez de trabalhar nos casos. Mas ele é apenas de enfeite.

Rosemary sentou-se na beirada da mesa.

— Eles me ofereceram um carpete novo para substituir aquele felpudo verde horrível. Em vez disso, peguei mais um advogado para a equipe.

— Boa escolha. — Nômada havia sentado na ponta de uma cadeira antiga de espaldar alto. Tirou o chapéu e o cabelo do rosto.

— Como está Jack? — Rosemary esticou o braço e pegou o boné de Nômada, vestiu-o e olhou, intrigada, para Nômada, que sacudiu a cabeça.

— Não combina com o terninho. — Nômada recostou-se com cuidado, como se a cadeira

pudesse despencar. — Tudo bem, eu acho. Não estamos conversando muito ultimamente. Recebi uma ligação dele pouco antes de vir aqui. Ele está procurando uma sobrinha que fugiu para cá.

Rosemary ergueu uma sobrancelha.

— O nome dela é Cordelia Chaisson. Dezesseis anos. Menina do interior, da Louisiana. Jack disse que ela é bonita, alta, magra, cabelos pretos, olhos castanho-escuros. Isso foi tudo que ele me disse. Parecia muito triste.

— Vou informar as delegacias — Rosemary falou. — É o que posso fazer. Muitos jovens fogem para a cidade grande. — Ela pegou uma caneta-tinteiro da mesa que ficava na altura do quadril. Nômada balançou a cabeça em agradecimento.

— Como está a vida fora das ruas?

— Quem falou que estou fora das ruas? Com este trabalho, eu nunca saio. — Rosemary suspirou e continuou a brincar com a caneta-tinteiro. Era óbvio que tinha outras coisas em mente. — As coisas estão ficando piores na família. O Açougueiro — lembra do Don Frederico? — está matando qualquer um que ameace sua autoridade. Isso não é jeito de conduzir a família Gambione. Não estamos mais controlando totalmente o Bairro dos Curingas. Alguém está colocando os curingas contra nós, a família. Estão sendo usados, claro.

— Os curingas sempre são explorados. Também, são a principal minoria humilhada deste século, ou melhor, são uma praga a ser erradicada. — Nômada a encarou com olhos pretos imensos.

Rosemary continuou.

— Recebem algo quando pagam pela proteção dos Gambione. É uma tradição que nem mesmo o Açougueiro ousa abandonar. — Ela gesticulou com a caneta. — Continuo pensando que, se meu pai tivesse um filho para assumir a Gambione, isso não aconteceria. Talvez aquele filho da mãe do Açougueiro sofra um belo acidente. Escorregue na banheira ou algo assim.

— Ele sempre trouxe coisas ruins. — Nômada sorriu, nada humorada, para Rosemary. — Mesmo no breve momento em que nos encontramos, não posso dizer que ele deixou uma boa impressão. Se eu ouvir algo, aviso. Em geral, evito o Bairro dos Curingas, mas os ratos gostam de ficar por lá. Há muita comida.

— Não me conte detalhes, por favor. — Rosemary estremeceu. — Quer saber o que está deixando minha vida interessante? A primeira coisa que ouço esta manhã é que tem alguns livros valiosos rodando por aí. Não sei nem de quem são, mas os Garças os querem. Se os Garças querem, eu também quero. Você vai ouvir algumas das coisas mais estranhas, então, se descobrir alguma coisa sobre isso, e agradeço. — Rosemary não encarava o olhar obscuro da Nômada. — Sinto como se eu estivesse te usando, Suzanne, mas você sabe de coisas que ninguém mais sabe. Por isso, eu agradeço.

— Tenho muitos olhos e ouvidos. — Nômada olhou para a janela atrás dos ombros de Rosemary. — Você é uma amiga. Só tenho um outro ser humano. E quero ajudar.

— Queria que Jack não fosse tão idiota — Rosemary falou. — O que há de errado com aquele cara? — Ela sacudiu a cabeça, compassiva. — Já pensou em talvez olhar para outro lugar?

— Talvez para a missão? — Nômada ajeitou os cabelos para trás com os dedos e enfiou o boné na cabeça. Levantou-se e espalhou sua saia de Paisley amarfanhada que vestia sobre calças chino. — Ou talvez em bares de solteiros. Eu poderia começar uma nova tendência da moda.

— Desculpe. — Rosemary deslizou da mesa e tocou o ombro da Nômada, que se esquivou da mão dela.

— Fiquei sozinha por anos. Vou sobreviver. Além disso, os gatos ficariam mais felizes. —

Nômada mostrou os dentes, brancos e afiados. — Qualquer coisa, eu aviso.

Rosemary abriu a porta e acompanhou-a até a sala de recepção.

— Estarei no tribunal em vinte minutos. Ligue-me se precisar de qualquer coisa, minha querida.

A mendiga recurvada e manca concordou com sua cabeça baixa e prosseguiu. Quando passou pela área da recepção, Goldberg ergueu o olhar.

— Espero vê-la em breve. Tenha um bom dia.

Enquanto ele dizia as últimas palavras, a mendiga virou a cabeça e o encarou.

— Sim, eu também não acredito que disse isso. — Ele abriu um sorriso amarelo e deu de ombros, desculpando-se, e o telefone tocou novamente. — Tchau.

Descendo as escadas devagar, Nômada se perguntou se Jack já havia encontrado Cordelia. Garotas perdidas, livros perdidos. Todos procuravam alguma coisa. Ela não. Era a vantagem de não se ter nada a perder.

♣

Os curingas todos começaram a ficar iguais.

Bem como os normais vestidos e maquiados como curingas.

Jack piscou, confuso. Tentar observar todos os rostos que encontrava era como examinar mais de seis fileiras de lombadas de livros na livraria Strand. Depois de um tempo, as cores, os tamanhos, os títulos, todos começavam a se parecer. Ele via cabelos pretos — nunca os certos. Viu chapéus fedora, panamá, de abas ajustáveis, nenhum deles era o correto.

Na esquina da West 10th, ele quase trombou com um garoto que ia para o outro lado.

— Presta atenção, bichona — o rapaz falou.

Jack o encarou, surpreso.

— Você não me engana — o garoto disse. — Nem tente.

Jack foi na direção dele, pois era óbvio que o garoto não iria se mover. Punk, ele pensou. Punk de rua de verdade — não punk fantasiado, com moicano e maquiagem. Mais baixo que Jack, o garoto era magrelo como um furão. Rosto encovado, olhos da cor de água de chuva, havia uma aparência rígida, tensa nele.

— Preste atenção — ele repetiu.

Enquanto Jack prosseguia, foi empurrado por um transeunte. Recuperando o equilíbrio, roçou o ombro do rapaz com a mão. O jovem encolheu-se, as mãos erguidas no que parecia uma posição de arte marcial para Jack.

— Não encoste em mim, maricona — o rapaz falou.

Eles se encararam por alguns segundos. Então, Jack fez que sim com a cabeça, recuou e virou-se para ir embora. Não olhou para trás, mas teve a impressão de que o garoto continuou encarando-o com aqueles olhos claros, maldosos, e de uma intensidade psicopata.

♦

O Crystal Palace cheirava como qualquer outro bar pela manhã — a fumaça, cerveja derramada e desinfetante. Fortunato encontrou Crisálida num canto escuro do clube, onde sua pele transparente a deixava quase invisível. Ele e Brennan sentaram-se diante dela.

— Receberam a mensagem, então — ela falou, no seu sotaque falso de internato inglês.

— Eu recebi — Fortunato respondeu. — Mas a pista era fria. O Astrônomo pode estar em qualquer lugar agora. Esperava que pudesse ter algo mais para mim.

— Talvez. Você conhece um maluco que se autodenomina "Ceifador"?

— Sim — Fortunato disse. As unhas dele se enterraram inutilmente no acabamento plástico da mesa.

— Esteve aqui uma hora atrás. Sascha fez uma leitura bem clara dele. "Ele vai me matar, cacete. Aquele louco desgraçado".

— Estava pensando no Astrônomo.

— Exatamente. Esse tal Ceifador parecia completamente transtornado. Tinha um monte de coisas na cabeça, o Sascha comentou.

— Quer dizer que tem mais coisa? — Fortunato quis saber.

— Sim, mas as próximas informações têm preço.

— Dinheiro ou favores?

— Estamos diretos esta manhã, não é mesmo? Bem, estou inclinada a dizer favores. E, em honra ao feriado, vou até dar uma linha de crédito para vocês.

— Sabe que sou bom nisso — Fortunato respondeu. — Mais cedo ou mais tarde.

— Não gosto de ser a portadora de más notícias, de qualquer forma. O outro pensamento que Sascha ouviu foi "Talvez esteja ocupado demais com outros".

— Meu Deus — Fortunato falou.

Brennan olhou para ele.

— Acha que ele vai fazer algum tipo de orgia assassina?

— A única coisa que me surpreende é que tenha levado tanto tempo. Deve ter esperado o Dia do Carta Selvagem por algum motivo dramático insano ou algo assim. Tem mais alguma coisa?

— Não sobre o Astrônomo. Mas há outra questão. Essa talvez seja mais da sua alçada, Yeoman. Recebi uma ligação nesta manhã avisando para prestar atenção em certo livro roubado. Três, na verdade. Dois deles são fichários com selos raros. Tem um terceiro no qual a pessoa parecia mais interessada. É do tamanho de um caderno de escola normal, azul, com estampas de bambu nele.

— Quem era a pessoa? — Brennan perguntou.

— Não é importante. O que me interessa é o grupo ao qual ela parece pertencer. Levou um pouco de tempo e alguma influência, mas eu cheguei a um nome.

— Qual é o preço? — Brennan quis saber.

— Informação por informação. Acho que se juntássemos nossos esforços nisso, todos se beneficiariam. Mas você não pode me esconder nada. Se esconder, eu saberei.

— Fechado.

— O nome "Sociedade do Punho Sombrio" diz alguma coisa para você?

Brennan negou com a cabeça.

— Não muito. Ouvi o nome em Chinatown. Só isso.

— Tudo bem — Crisálida falou. — Suponha que eu mencionei um nome do alto escalão na organização. Ele é conhecido como Brecha. Diz alguma coisa para vocês agora?

Fortunato fez que não com a cabeça. Brennan estava com os olhos pregados na mesa.

— Sim — Brennan disse. — Ouvi falar dele. O nome do cara é alguma coisa Latham. De

Latham & Strauss, o escritório de advocacia. A história é que ninguém sabe se o vírus carta selvagem destruiu todos os sentimentos humanos dele ou se ele é apenas um advogado muito, mas muito bom.

Crisálida concordou com a cabeça.

— Troca justa. Vamos para outra rodada?

— Você começa — Brennan falou.

— Pela mais completa coincidência, recebi outra ligação esta manhã. De um homem chamado Gruber. É dono de uma loja de penhores, acredito que seja mais um estoque. Estava preocupado com uns fichários de selos que uma ás tentou lhe vender pela manhã. Chamada, ao que parece, de Ira. Trabalha como ladra. É uma garotinha apenas, e não tem muita noção do que está fazendo. Qualquer um que encontrasse esses livros estaria em uma posição de poder imenso.

— Ou acabaria morto — Brennan concluiu.

— Vamos continuar — Crisálida falou. — Sou toda ouvidos.

— Você provavelmente já imaginou o restante — Brennan disse. — Talvez você não queira mencionar o nome. É um nome perigoso. Portanto, muito valioso.

— Diga — Crisálida pediu.

— Kien — Brennan falou. — Tenho certeza de que Brecha trabalha para Kien. Algo deve ter acontecido, algo grande. Se o Brecha está desesperado pelo livro, deve ser alguma coisa do Kien, algo realmente importante. Qualquer coisa danosa. E se a Sociedade do Punho Sombrio é de Kien, podem estar em qualquer lugar. — Ele se levantou. — É aqui que nosso caminho se divide, meu amigo.

Fortunato deu a mão para ele.

— Obrigado. Se eu descobrir alguma coisa sobre os livros, falo contigo.

— Boa sorte — Brennan disse. Assim que alcançou a porta da frente, já estava correndo.

Crisálida curvou-se sobre a mesa.

— Esse tal "Ceifador" é valioso para você, então?

— Se puder me levar ao Astrônomo, é sim.

— Por que não usa seus poderes para encontrar esse Astrônomo?

— Não servem contra ele. Ele causa interferência, como se usasse papel-alumínio para atrapalhar o radar. Eu não conseguiria vê-lo mesmo que estivesse em pé, aqui do lado. — Ele apontou, e Crisálida, com olhos temerosos, virou-se lentamente para seguir o dedo de Fortunato.

— Não — ela falou. — Não tem ninguém ali.

Fortunato não estava mais olhando para ela. Formou na mente a imagem de um homem alto, magro beirando o grotesco, com cabelos castanhos e rosto enfurecido. Se o Ceifador estivesse perto o bastante, no raio de alguns quarteirões, Fortunato poderia encontrá-lo apenas concentrando-se.

Ele abriu os olhos.

— Canal Street — ele falou. — No metrô.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo V

10h00

Quando chegou às ruas tortas e sinuosas do West Village, Jack começou a se perguntar se deveria seguir na direção do East Side e do Bairro dos Curingas ou continuar no sentido do que era claramente o centro da ação na cidade naquele dia, o Túmulo do Jetboy.

Ao menos estava num território mais conhecido no momento. Buscando uma fachada familiar em Greenwich, ele fuçou no bolso da camisa e encontrou a foto colorida amarrotada que Elouette havia lhe enviado no Natal anterior. Claro que Cordelia havia se desenvolvido, mas a semelhança bastaria.

O bar chamava-se Young Man's Fancy. Era uma espécie de metamorfose social. Desde a sua abertura pela manhã, era um local lotado de operários, trabalhadores. Então, por volta das seis da tarde, ele sofria uma mudança de turno e de maré flagrante. Toda noite, o Young Man's Fancy se transformava num bar gay. De qualquer modo, o Fancy era um dos estabelecimentos mais antigos do Village.

Jack subiu os três degraus num passo largo e abriu a porta de uma vez. Estava escuro lá dentro e seus olhos levaram um tempo para se acostumar. Ele atravessou o salão retangular, ouvindo o estalar das cascas de amendoim embaixo dos sapatos.

O barman ergueu os olhos da bandeja de copos da Bud que estava secando.

— Posso ajudar?

— Talvez você tenha dado uma olhada pela janela hoje — Jack falou, mostrando a fotografia. — Viu essa garota?

— É policial?

Jack negou com a cabeça.

— Acho que não. — O barman examinou a foto. — Que garota bonita! Sua mulher?

Jack sacudiu de novo a cabeça.

— Sobrinha.

— Certo — o barman disse. Olhou mais de perto. — Não te vi por aqui umas seis da manhã?

— Provavelmente — Jack falou. — Eu venho aqui. A garota na foto... você a viu esta manhã?

O barman apertou os olhos, pensativo.

— Não. — Ele lançou um olhar crítico para Jack. — Supondo que seja mesmo sua sobrinha, certo? Está perdida, desencaminhada ou foi levada?

— Levada — Jack rabiscou um número num guardanapo da cerveja Hamms. Nômada havia lhe dado o número direto do gabinete de Rosemary. — Pode me fazer um favor? Se a vir, sozinha ou com alguém, deixe uma mensagem neste número. — Ele caminhou para a porta. — Agradeço muito — ele falou, olhando por sobre o ombro.

— Certo — disse o barman. — De dia ou de noite, qualquer coisa pelo cliente.

♣

O taxista deixou-a na frente do Freakers. O clube estava fervendo, mesmo às 10h20 da manhã, e o porteiro que a ajudou a sair do táxi parecia estar para lá de Bagdá. Sua pelagem branca e macia estava despenteada e os olhos vermelhos estavam turvos e brilhantes ao mesmo tempo. Ele apontou para a porta da boate, mas Roleta balançou a cabeça e seguiu na direção do Crystal Palace.

E quase derreteu de medo quando as portas duplas se abriram de uma vez, e uma longa fila de curingas dançando a conga saíram rebolando do meio das coxas da stripper de seis seios de neon que adornava e formava a porta do clube para a rua. Puxando o trenzinho estava uma mulher linda que não tinha problemas com os movimentos sinuosos da dança, pois do pescoço para baixo tinha o corpo de uma serpente colorida. A cauda, que terminava num incongruente tufo de penas, estava erguida, e o curinga imediatamente atrás dela no trenzinho segurava firme na ponta.

Ele não estava usando máscara, mas era um dos poucos. O restante da multidão rebolante, escandalosa, ruidosa, ostentava uma variedade de máscaras de dominó criativas, com penas, joias e lantejoulas, até faces horrendas que talvez fossem piores que as deformidades que escondiam.

No fim do trenzinho estavam grudados alguns limpos que olhavam animados e envergonhados também, com um toque beligerante, como se discordassem dos curingas que habitavam a Bowery — e traziam grande quantidade de entretenimento excitante e inquietante.

Por um momento, Roleta odiou aqueles que buscavam emoção com seus rostos brandos, normais, além da segurança presunçosa. *Espero que seja contagioso,* veio o pensamento malévolo. *Deus amaldiçoe todos eles.* Mas o pensamento, na verdade, era destinado a Josiah. Josiah, que jurou amá-la e cuidar dela e, em vez disso, abandonou-a quando ela mais precisava dele. Aparentemente, a culpa liberal branca não era suficiente para lidar com uma mulher que tinha o vírus carta selvagem. Poderia ser contagioso. E ela conseguia imaginar sua ex-sogra sentada esplendorosamente na mansão em Newport, bebericando chá e discutindo como "*não importa o quanto você instrua essas garotas 'negras', quase sempre elas fracassam. Muitas vezes são simplesmente bastante deturpadas e marcadas mental e fisicamente pela opressão do homem branco para entrar na sociedade branca. Não é uma vergonha. Ufa*".

Mas provavelmente ela queimou os lençóis e cada peça da mobília na casa recuperada após Josiah se divorciar de mim. Vaca santarrona, hipócrita!

Roleta percebeu que estava caminhando às cegas, trombando na multidão que preenchia as ruas do Bairro dos Curingas. O som dos martelos e grampeadores tipo pistola ecoavam no ar já sufocante da manhã, gritos de saudações e insultos dos curingas ocupados que montavam as bancas para a festa que duraria o dia todo, o cheiro de comida (boa e ruim) pairando sobre o ar carregado com as descargas de escapamento. Lá em cima, um pequeno avião particular roncava, puxando um longo banner no qual se lia: "TRANSFORME CURINGA EM ÁS. RESULTADOS GARANTIDOS. LIGUE 555-9448". Na outra esquina, a Igreja de Jesus Cristo Curinga já tinha uma barraca funcionando, entregava folhetos a qualquer um que se deixasse parar. Os resultados eram garantidos também, mas no pós-vida. Acossada por todos os lados, pensou Roleta, charlatães para o agora e para o depois. Esperança desesperançada. Bem, meu povo pode dizer tudo sobre isso, e nunca ficará mais fácil, até que uma minoria nova e ainda menos popular tome o seu lugar. E não consigo conceber uma minoria mais impopular e

abominável do que os curingas surgindo, pobres desgraçados.

Havia uma barricada atravessando a Henry Street. Não era lícita, mas Crisálida era uma personalidade no Bairro dos Curingas, e a delegacia da região tinha motivo para agradecer à proprietária do Crystal Palace. Mais de um caso difícil foi resolvido pela intervenção dela, então o delegado não faria caso com um pouco de xingamento no trânsito uma vez ao ano. Crisálida também controlava a decoração da rua, de forma que a Henry Street projetasse uma imagem de orgulho cheio de bom gosto, em vez das aberrações que dominavam as outras ruas.

Roleta deslizou pela barricada e começou a descer a rua. À direita e cerca da metade do quarteirão, havia um terreno baldio cheio de pilhas de escombros, restos da revolta do Bairro dos Curingas de 1976. O mato pela cintura e algumas árvores novas e robustas erguiam-se entre os montes de tijolos e gesso. Várias pilhas tinham aberturas obscuras, como pequenas bocas bocejantes, e ela cogitou no caso de o lugar haver se transformado num refúgio para animais. Não conseguia imaginar Crisálida, meticulosa como era, permitindo uma toca de ratazanas crescendo ao lado do seu bar. Enquanto observava, um brilho veio do fundo do buraco que logo se revelou um par de olhos brilhantes circundado por pelos. Porém, não era o focinho tímido de um animal que espreitava do esconderijo. Era, digamos, algo humano.

Com um suspiro, Roleta desviou o olhar e se apressou, passando por Aracna, cujas oito pernas magras estavam enroscadas num fio de seda tirado do seu corpo bulboso, ela o tecia com suavidade para transformá-lo num dos seus famosos xales de seda de aranha. Sua filha estava ocupada na barraca, pendurando uma série de cachecóis e xales delicadamente tingidos. A maioria dos limpos nunca teria comprado um dos fragmentos de tecido transparente se o visse sendo criado, mas Aracna conseguia uma boa renda oferecendo mantas para a Saks e a Neiman Marcus. Roleta tinha uma, era uma criação delicada cor de pêssego que parecia lançar um pôr do sol sobre seus ombros escuros. Se soubesse que Aracna estaria na Henry Street, a teria usado para mostrar à mulher que ela, ao menos, não se importava com a fonte e ainda honrava o talento artístico.

Surgiu um ruído baixo que avançou em velocidade e intensidade, terminando com um estrondo espalhafatoso quando Elmo, o leão de chácara residente do Palace, rolou outro barril de metal de cerveja para a rua, onde ele se juntou aos seus iguais, como uma bola rotunda batendo contra um arranjo de bolas atarracadas. O leão de chácara, que parecia ele mesmo um barril de cerveja, flexionou os ombros, satisfeito, e voltou para dentro a fim de pegar outro.

As crianças corriam para cima e para baixo na calçada, atrás de uma bola de futebol surrada, enquanto no final do quarteirão um jogo de beisebol improvisado havia começado. Os estéreos do gueto lançavam uma cacofonia de música conflitante: soul, rock, country, música clássica. Crianças gritavam e mães chamavam, mas essa loucura tinha uma lógica de serenidade e segurança; um sentimento de família. Em nenhum lugar ela sentia que o impulso desesperado e enervante de se *divertir* tomara a multidão dançante fora do Freakers. Essas pessoas, por mais horrendas que muitas delas fossem, estavam em paz consigo mesmas.

Roleta tirou os olhos da turma de moleques brincando e forçou-se a buscar na multidão uma figura distinta, pequena, de cabelos ruivos. Trinta minutos antes, ela havia passado pela clínica do Bairro dos Curingas, apenas para que a chefe do centro cirúrgico, muito moderna, muito elegante, muito bonita e muito descontente dissesse que o bom doutor não estava, mas sem dúvida poderia ser encontrado fazendo a ronda em um dos diversos bares da cidade. Roleta tentou o Ernie's e o Wally's, bem como a Funhouse, sem sorte, e, naquele momento, o Crystal Palace...

E ela o encontrou.

Sentado numa mesa pequena entre muitas outras mesas pequenas que estavam espremidas

na calçada diante do Palace. Uma taça de conhaque levemente erguida entre os dedos longos e magros, o copo inclinado com suavidade, de forma que o líquido âmbar escorria com graça pelos lados. Outra figura vítrea estava em pé, ao lado do ombro esquerdo dele, mas esta era preenchida com ossos e vísceras que formavam um ser humano, unhas longas pintadas de rosa iridescente, salpicos de purpurina azul prateada sobre uma das bochechas invisíveis. A própria Crisálida.

Chegara o momento para Roleta. Ela não havia pensado além de simplesmente encontrar o takisiano, mas, agora que o havia encontrado, o que faria? Desmaiaria? Torceria o tornozelo? Sabia — como todo mundo — da fascinação do alienígena por mulheres bonitas, mas havia muitas mulheres bonitas em Nova York; e se ele já tivesse encontrado companhia para aquele dia? E se não tivesse, como poderia garantir que ele a escolheria? Tinha beleza, mas não as habilidades que em geral a acompanhavam. Nunca dominou a arte do flerte. E, naquele momento, sentiu uma onda de alívio. Ela passaria por ali; se ele percebesse. . tudo bem. Estaria prestes a encontrar seu destino. Se não... Tentou não pensar no homenzinho encarquilhado espreitando no covil úmido.

Concentrou o olhar na barricada e começou a contar os passos, observando como o solado de borracha crepe dos sapatos parecia se descolar do concreto, e a maneira que suas calças sussurravam contra os tornozelos, e o roçar dos cabelos trançados contra. .

— Acho que você é um tolo — Crisálida lançava fora as palavras com seu sotaque britânico bem pronunciado. — Todo ano você começa aqui, tomando seu primeiro brandy do dia, permanece sóbrio o suficiente para fazer o seu discurso, começa a se encharcar de cerveja no jogo, mantém sua dieta líquida no jantar de Hiram e então, para tomar a saideira perfeita do dia, acaba de volta aqui, bêbado como um gambá, culpado e deprimido. Por que não aceita meu conselho e...

— Todo ano você me dá o mesmo conselho — Tachyon disse, num contraponto cantarolado.

— Vá para Miami — eles concluíram, em coro.

O sorriso de Tachyon definhou.

— Como posso ir embora? As notícias horríveis sobre o Uivador e nenhuma pista de quem seja o assassino.

— E você não é policial. Isso é coisa para profissionais.

O alienígena mostrou sua teimosia numa sacudidela de cabeça.

— Tachy, você não precisa participar desta celebração anual do grotesco. O Bairro dos Curingas sabe que você se importa com ele. Não vamos te odiar por se ausentar em um de trezentos e sessenta e cinco dias.

— Mas não neste dia. Eu preciso estar aqui. — Sua garganta trabalhava, levando abaixo outro grande gole do conhaque. — É minha penitência. — Sua voz era rouca, talvez, pelos efeitos da bebida.

— Você é um tolo — Crisálida disse novamente, com suavidade, e deu um apertão no ombro dele com sua mão transparente. Roleta, olhando fascinada para os ossos brancos dos dedos contra o tecido vermelho rubi profundo do casaco de Tachyon, teve uma imagem difusa da Morte pairando ao lado do homem. Lentamente, ela levou a mão diante do rosto e a examinou. A maneira como os tendões se moviam por baixo da pele morena, as meias-luas brancas embaixo das unhas com base, a pequena cicatriz no dedo indicador que ela havia cortado durante uma aula de culinária quando tinha apenas seis anos. Então, olhou de volta para Crisálida, que, naquele instante, desaparecia pelas portas do Palace, e pensou: Eu devo ser como ela, sou a Morte.

O toque frio contra a pele escoriada do seu rosto. Uma âncora. Ela suspirou e os olhos se arregalaram, e ela olhou para baixo, dentro dos olhos lilases claros e preocupados do takisiano.

— Senhora, está tudo bem? Parecia que estava prestes a desmaiar.

— Sim... não... estou bem — ela balbuciou.

A força do braço dele em torno da cintura dela era estranhamente contrária às suas feições delicadas.

— Sente-se aqui.

A beirada de metal da cadeira bateu na dobra do seu joelho, e ela se esparramou, percebendo como estivera próxima do desmaio. A taça de conhaque foi colocada na sua mão.

— Não.

— Mesmo que um pouco antigo, é um método aceito contra o desfalecimento.

Seus sentidos voltavam aos poucos, e ela se endireitou na cadeira.

— E eu sou antiga o bastante para considerar cedo demais para tomar conhaque.

Ela observou, surpresa, quando uma onda de rubor tomou o rosto magro de Tachyon, e os cílios ruivos desceram para esconder o constrangimento naqueles olhos púrpuras. Ele rapidamente tomou o copo e deixou-o bem longe dos dois, como se renunciasse ao álcool.

— A senhora está correta. Crisálida tem razão. É cedo demais para eu me embebedar. O que a senhora gostaria de beber?

— Algum suco. Eu .. acabei de lembrar que não tomei nada além de café hoje.

— Bem, claro que isso não ficará assim, e pode ser facilmente corrigido. Um momento, por favor. — Ele saltou da cadeira e apressou-se para dentro do Palace.

E Roleta descansou a cabeça em uma das mãos e tentou reajustar os pensamentos. Ou, talvez, realmente pensar pela primeira vez. O homem que arruinou sua vida era um esboço confuso. Ela não esperava que ele fosse tão pequeno ou que tivesse um sorriso tão doce, ou uma cortesia incomum que parecia mais apropriada para uma sala de estar do século XVIII.

E Hitler amava criancinhas e animaizinhos, ela se recordou. Seus olhos pousados num dos jogadores de beisebol, um garotinho cujo corpo inchado descansava sobre pés estreitos com dedos membranosos, e cujos braços de nadadeira batiam empolgados quando a bola era arremessada. *O crime é monstruoso demais e a morte dele não aliviará apenas o meu sofrimento*

Ele estava de volta e deixou um copo de suco de laranja diante dela. Observou enquanto ela bebericava, com a cadeira inclinada, pés com botas apoiados sobre a mesa. Ele parecia confortável com o silêncio, algo com o qual ela não estava acostumada nos homens. A maioria parecia precisar de uma tagarelice constante de mulheres ao seu lado, como que para reafirmar sua importância.

— Melhor?

— Muito.

As pernas dianteiras da cadeira desceram com tudo num baque.

— Então, apresentações seriam adequadas agora... Sou o Dr. Tachyon.

— Roleta Brown-Roxbury.

— Roleta — ele repetiu, afrancesando a pronúncia. — Nome incomum.

Ela girou o copo, deixando um círculo de água na mesa.

— Tem uma história por trás dele. — Ela olhou para a frente e encontrou os olhos dele pousados com interesse inquieto no rosto dela. — Minha mãe era alérgica à maioria dos métodos contraceptivos, então meus pais optaram pela tabelinha. Papai disse que era como brincar de roleta russa, e quando o inevitável aconteceu, decidiram me chamar de Roleta.

— Charmoso. Nomes deveriam dizer algo sobre a pessoa ou sobre suas origens. São como histórias que seguem a cada geração. Mas eu disse algo que a ofendeu.

Roleta forçou para que seus traços readquirissem uma expressão de calma.

— Não, de modo algum.

Ela voltou a contemplar o anel de água sob o copo, e o silêncio pousou lentamente sobre eles, fazendo com que os gritos das crianças e o martelar ficassem todos mais altos.

— Doutor...

— Senhora...

Os dois começaram juntos, e se acomodaram nas cadeiras, constrangidos.

— Por favor. — Ela estendeu a mão na direção dele. — Pode falar.

— Estava pensando o que trouxe a senhora para o Bairro dos Curingas neste dia. Falta na senhora a curiosidade culpada ou a avidez mórbida que motiva a maioria dos normais.

— Vim para uma jornada um pouco além do desespero — ela se ouviu dizer, e aquela parte mais obscura de sua alma a xingou de estúpida. O que o homem iria querer passando o dia com uma mulher mórbida e lacrimosa?

A mão dele fechou-se sobre a dela, enrijecendo os dedos, e a dor parecia fluir entre eles.

— Então, vamos fazer essa jornada juntos. Se quiser — ele adicionou rapidamente, como se temeroso de ofendê-la. — Este dia é .. difícil.. para mim. Seria mais fácil na sua companhia.

— Não tenho como consolá-lo.

— Não peço conforto. Apenas companhia. — Os dedos dele roçaram de leve a bochecha escoriada dela. — E, talvez, se desejar, eu possa confortá-la.

— Talvez. — E, no seu lugar secreto, a Morte se revelou... apenas um pouco.

As pessoas espremiam-no em todas as direções. As calçadas estavam lotadas de curingas fantasiados e limpos que olhavam para todos os lados. Ele se movia na mesma velocidade e direção da multidão, deixando-se levar. Não havia motivo para chamar atenção para si mesmo. O Astrônomo poderia estar em qualquer lugar, e em geral estava.

Spector não precisava ficar na Times Square por mais de uma hora. Não queria aparecer mais cedo; poderia fazê-lo parecer ansioso demais. A parada no Bairro dos Curingas era o lugar mais seguro que poderia cogitar para passar o tempo.

Na rua, uma banda começou a tocar "Jokertown Strutters Ball". Spector estava começando a se sentir claustrofóbico. Seguiu para as margens da multidão. Um mímico de três olhos, vestindo calças brancas apertadas, bloqueou seu caminho e sinalizou para que ele parasse. Spector ficou tenso. O mímico franziu o cenho de forma exagerada, então deu um passo para o lado e gesticulou para que ele passasse. Spector deu uma boa cotovelada na barriga do outro. Ele sorriu enquanto o curinga se dobrava. Odiava mímicos.

Spector se alegrava com a dor constante. Ela o distraía o suficiente para não conseguir se concentrar no cheiro de centenas de curingas suados. No fim do dia, muitos limpos ficariam verdes por causa do aroma de peixe morto.

Spector olhou seu relógio digital. Havia tirado de um jovem traficante que tinha matado no distrito financeiro na semana anterior. Passava apenas um pouco das 10h30. O dia, como a parada, estava se arrastando. Não havia ficado com tanto medo desde a primeira vez que encontrou o Astrônomo. O velho havia dito para ele que juntos dominariam o mundo. Que ele

seria cachorro grande na nova ordem mundial. Tudo bobagem. Os ases locais haviam impedido e arrumado tudo. Ao menos o Astrônomo iria pegá-los também. Espero que acabe com Tachyon bem devagar, Spector pensou.

Saiu da multidão e rumou para um beco. O lixo foi despejado em grandes pilhas. Três passos para dentro e ele ouviu o uivo. Spector parou e olhou para cima. O Astrônomo, sorrindo, flutuava na direção dele.

— Eu disse a você o que aconteceria, Ceifador. Você teve a sua chance. — O Astrônomo uivou novamente, um grito gutural, não humano.

Spector virou-se e correu na direção da multidão, empurrando as pessoas, jogando-as no chão. Ignorou as ameaças e os impropérios, abrindo caminho para a rua. Desviou dos membros assustados da banda, então passou pelo carro alegórico do Tartaruga e se embrenhou na massa de pessoas do outro lado. Estava com medo de olhar para trás.

Um policial o agarrou pelo braço. Spector deu uma joelhada no meio das pernas dele e o jogou de lado. As pessoas em volta dele gritavam. Ele mal conseguia respirar.

— Estou bem atrás de você. — A voz do Astrônomo estava próxima. Spector virou-se. O Astrônomo pairava ao lado do policial, que havia erguido a pistola para atirar. Luzes azuis saltavam da mão direita do Astrônomo, ligando-a à arma. A pistola explodiu, dando um banho de estilhaços no policial e nos espectadores. Mais gritos.

Spector tropeçou numa lata de lixo e caiu com tudo no concreto da calçada, ralando as mãos. Ergueu-se devagar, os joelhos bambos. Sentiu mãos agarrando seus ombros, dedos enterrando-se com toda a força na sua carne. Ele não conseguia se desvencilhar.

— Não. — A voz de Spector soou como a de Gruber um pouco mais cedo.

O Astrônomo abriu uma das mãos e agarrou-o pelo topo da cabeça.

— Olhe para mim quando eu falo, Ceifador. — Spector sentiu a cabeça sendo girada. Sentiu uma estocada de dor insuportável, um estalo, e sua boca se encheu de sangue. O Astrônomo sorriu para ele. — É Dia do Juízo Final.

O barulho correu através da multidão atrás dele. O Astrônomo virou-se, distraído com algo e soltou Spector como um saco de lixo.

Seu corpo estava paralisado; ele não conseguiu evitar a queda. Spector aterrissou com a cara na calçada, esmagando boca e nariz. Observou a poça de sangue que se alargava ao lado da boca aberta. Era hora de morrer, de novo. Ao menos não precisaria ver ou sentir o que estava prestes a acontecer com ele.

♠

Lado a lado e para-choque a para-choque, os carros alegóricos ocupavam um quarteirão e meio da Center Street, ao sul do Canal. Fortunato conseguia ver Des, o curinga com cara de elefante, enfeitado com tela de arame e flores. Havia o dirigível do Dr. Tod e o avião do Jetboy atrás dele, ambos com decoração floral. Um balão de plástico transparente de Crisálida também flutuava por ali.

Era o meio do Bairro dos Curingas e não havia muitos turistas ali. Os turistas que chegavam até lá não levavam os filhos. Motoristas de macacão estavam em pé ao lado dos carros alegóricos, fumando e conversando. O pior da multidão parecia estar se movendo na mesma

direção que Fortunato, para algo que estava acontecendo mais adiante.

Metade do quarteirão à frente ele conseguiu ver as linhas de força no ar. Como ondas quentes, reluzentes, distorcendo tudo que estava em volta. Era uma assinatura que não era de fato uma assinatura, um conjunto de marcas de apagador psíquicas. Viu-as pela primeira vez dezessete anos atrás, na sala de um rapaz morto, não muito longe dali, onde mulheres eram brutalmente esquartejadas como parte de uma conspiração que terminou com uma monstruosidade imensa e devoradora, chamada TIAMAT, orbitando em torno do sol.

Ele estava aturdido, e seu pulso acelerado. Percebeu que estava assustado, de verdade, aterrorizado dos pés à cabeça, pela primeira vez em dezessete anos.

Mandou um bloco de energia à frente dele e correu para o lugar onde as linhas se uniam. As pessoas giraram, saindo do lado dele, gritando, mas incapazes de tocá-lo.

Ceifador gritou. Mesmo com o alarido da multidão, Fortunato conseguiu ouvir o estalido de ossos e cartilagem destroçados e o baque seco de um corpo batendo na calçada.

Quando atravessou a muralha de pessoas, elas já estavam se virando, tentando sair do caminho. Alguém puxou um policial ferido, a mão direita preta, queimada, o rosto salpicado de sangue. Havia um círculo vazio de cerca de três metros na calçada, exceto pelo Ceifador.

O Ceifador estava deitado de costas, as lapelas do terno cinza e o colarinho aberto de sua camisa amarrotada à mostra. A cabeça estava totalmente virada, o rosto amassado contra o pavimento. O sangue corria da boca e do nariz.

Um homem na multidão gritava.

— Lá! Ele está bem ali! Está fugindo! Parem-no, pelo amor de Deus!

Ele apontava para o nada. Tudo que Fortunato conseguia ver era um borrão de rostos, como se ele estivesse tentando olhar longe demais para um lado, mesmo que estivesse olhando para a frente.

Estou sofrendo interferência, ele pensou. Concentrou seu poder e reduziu a velocidade do tempo, até que a voz do homem e os gemidos de pavor e nojo ao seu redor caíssem a um nível de murmúrio subsônico. Um tornado de energia psíquica o circundava no caos congelado, o poder do Ceifador, o próprio poder de Fortunato, a energia viral dos curingas. Era desesperador.

Ele se soltou e o tempo voltou à velocidade normal. Não havia nada que pudesse fazer. O Ceifador estava morto. Não era uma grande perda.

A maioria das informações que ele tinha sobre o Ceifador era de segunda, ou terceira mão, recolhida de policiais e espectadores após a confusão no Mosteiro. Era um perdedor, um fracassado de classe média que foi pego pelo carta selvagem e morreu na clínica do Tachyon. O doutor o trouxe de volta à vida, e o Ceifador nunca o perdoou por isso. Retornou como um telepata projetor, assim diziam, e o que conseguia projetar era a memória de sua própria morte, com impacto suficiente para matar com ela. Por um período, foi o braço direito do Astrônomo, até Fortunato e os outros destruírem sua base no Mosteiro, e Fortunato ter reduzido o dispositivo Shakti deles a átomos.

Teria feito o mesmo com o Ceifador e o Astrônomo se pudesse. Porém, o Ceifador parecia naquele momento irrelevante. Em nome da estética dos feridos, Fortunato ajoelhou-se e girou a cabeça do Ceifador para a frente. Estava prestes a ir embora quando o Ceifador disse: "Obrigado, eu precisava disso". Fortunato virou-se, a pele toda arrepiada. O Ceifador agachou-se sobre os calcanhares, esfregando os grumos púrpura e inchados do pescoço, onde os vasos sanguíneos haviam estourado. As contusões já estavam amarelecendo, curando-se enquanto Fortunato observava.

O Ceifador sorriu. A boca era um pouco longa demais e fina, e revelou-se alta demais de um lado. O sorriso era cheio de terror e as mãos do homem tremiam tanto que ele as ergueu e

riu para elas.

— Não conhecia esse truquezinho, não é? Recebi meu cartãozinho vermelho na vida, que posso repassar, e também esta outra coisa. Nem o Astrônomo sabe disso. Eu posso me curar, irmão. — Ele cuspiu uma massa de sangue e ela virou uma crosta sólida amarronzada quando bateu na calçada.

— Então, ele acha que você está morto? — Fortunato perguntou.

— Por Deus, eu espero que sim. Não que não tivesse continuado e arrancado meu coração, só para ter certeza, se você não tivesse aparecido. O filho da puta chegou a me dizer que faria isso. Se eu ficasse no Brooklin, talvez pudesse ter ficado fora do caminho dele. — Ele tossiu outro grumo. — Se a lebre não tivesse parado para descansar, teria alcançado a tartaruga.

— Por que ele quer você morto?

— Acha que eu entreguei ele. Depois de tudo, após aquela merda no Mosteiro, comecei a pensar em outra linha de trabalho que poderia ser mais saudável. — O Ceifador olhou para ele. Havia uma faísca ali. Fortunato conseguia ver. Se não um gênio, ao menos alguma força e perspicácia. A maioria das pessoas não veria, porque as pessoas não passam muito tempo olhando para os olhos do Ceifador. De um jeito ou de outro.

Atrás da faísca havia outra coisa. Fortunato tinha visto aquilo antes, dezessete anos atrás, quando trouxe o rapaz morto de volta à vida. Era o desespero obscuro de ter visto a morte muito de perto.

— De fato — o Ceifador disse —, estou surpreso por ele não ter acabado com você enquanto estava aqui. A menos que esteja te guardando para a sobremesa.

— Sobremesa?

— É isso, cara. Dia do Juízo Final, assim ele está chamando. Eu vou morrer, você vai morrer, cada um dos desgraçados que o derrubaram no Mosteiro vai morrer, e tudo isso vai acontecer hoje. Com toda essa outra merda acontecendo no Bairro dos Curingas, ele não vai ter que se preocupar com polícia ou qualquer outra pessoa no seu caminho.

Fortunato teve um pressentimento repentino, uma convergência de linhas de força invisíveis.

— Sabe alguma coisa sobre uns livros roubados? Ou sobre um cara chamado Kien?

— Você pergunta demais.

— Acabei de salvar sua vida.

— Não. Nada de livros, nem desse nome aí. — Ele estava dizendo a verdade, mas Fortunato ainda sentia a conexão. — Um homem chamado Brecha, ou Latham?

— Desculpe. Nadinha.

Fortunato começou a virar as costas.

— Ei, olha só — o Ceifador disse. — Eu não queria ficar em pedacinhos. Será que você podia me esconder por um tempo? Só até amanhã, neste horário?

— Por que amanhã?

— Pelo jeito que o homem estava falando. "Tiro de misericórdia" e umas merdas assim. Acredito, de verdade, que até amanhã pela manhã você pode me botar pra fora. Então, o que me diz? Tem algum lugar pra me esconder?

— Não abuse da sorte — Fortunato falou.

O Ceifador deu de ombros. O gesto ficou um pouco endurecido, mas, de outra forma, o pescoço pareceria quase normal.

— Acho melhor arranjar algo sozinho, então, não é?

As esculturas de gelo chegaram às 10h30, num caminhão refrigerado que precisou abrir caminho pelas multidões do feriado, partindo do estúdio do artista no SoHo. Hiram desceu ao saguão para garantir que não acontecesse nenhum acidente quando as esculturas em tamanho natural fossem transportadas até o elevador de serviço. O artista, um curinga de aparência enrugada, com pele branca como osso e olhos transparentes, que chamava a si mesmo de Kelvin Frost, ficava mais confortável em temperaturas abaixo de trinta graus e nunca saía das instalações geladas do seu ateliê. Porém, ele era um gênio no gelo – ou na "arte efêmera", como Frost e os críticos preferiam chamá-la.

Quando as esculturas estavam armazenadas em segurança no freezer grande do Aces High, Hiram relaxou o suficiente para examiná-las. Frost não decepcionou. Os detalhes eram surpreendentes como sempre, e seu trabalho também tinha algo mais – uma pungência, uma qualidade humana que poderia até ser chamada de calor, se pudesse existir calor no gelo. Hiram sentiu algo de miserável e condenado na maneira como Jetboy estava em pé lá, olhando para o céu, cada centímetro do herói, e, ainda assim, um garoto perdido também. Dr. Tachyon ponderava como *O pensador* de Rodin, mas, em vez de uma pedra, ele estava sentado em um globo de gelo. A capa do Ciclone formava ondas, de forma que quase era possível sentir os ventos assobiando em torno dele, e o Uivador tinha as pernas firmes e os punhos cerrados, a boca aberta como se tivesse sido flagrado num grito que derrubaria uma parede.

A Peregrina parecia que havia sido flagrada em alguma outra atividade. Sua escultura era um nu recostado, descansando languidamente sobre um cotovelo, as asas meio estendidas atrás dela, cada pena feita em detalhe refinado. Um sorriso doce, travesso, iluminava aquele rosto famoso. O efeito todo era magnificamente erótico. Hiram flagrou-se perguntando se ela havia posado para ele. Não seria improvável.

Mas a obra-prima de Frost, Hiram pensou, era o Tartaruga. Como trazer à humanidade um homem que nunca mostrou seu rosto ao mundo, cuja persona pública era um casco blindado equipado com lentes de câmera? O artista aceitou aquele desafio: o casco estava lá, cada solda e rebite, mas no topo, em miniatura, Frost esculpiu uma miríade de outras figuras. Hiram caminhou ao redor da escultura, admirando, reconhecendo os detalhes. Havia os Quatro Ases como numa Santa Ceia, Golden Boy parecendo Judas. Uma dúzia de curingas escalava a curva do casco, como se subissem alguma montanha impossível. Havia Fortunato cercado por mulheres nuas se contorcendo, e havia uma figura com uma centena de rostos borrados que pareciam estar num sono profundo. De cada ângulo a peça revelava novos tesouros.

— É uma pena que isso tudo vai derreter, não é? — Jay Ackroyd disse atrás dele.

Hiram virou-se.

— O artista não acha. Frost sustenta que toda arte é efêmera, que no fim das contas ela desaparece, Picasso, Rembrandt, Van Gogh, a Capela Sistina e a Mona Lisa, seja lá o que você diga, no fim tudo se transformará em pó. Por isso, a arte no gelo é mais honesta, porque celebra sua natureza transitória em vez de negá-la.

— Realmente bom — o detetive disse numa voz fria. — Mas ninguém jamais lascou um pedaço da *Pietà* para colocar no drinque. —Ele olhou para a Peregrina. — Devia ter sido artista. Garotas sempre tiram a roupa para os artistas. Podemos sair daqui? Esqueci de trazer minha bata havaiana de peles.

Hiram trancou o freezer e levou Ackroyd de volta ao escritório. O detetive era um tipo de

camarada indefinível, o que provavelmente é uma vantagem na sua profissão. Quarenta e cinco anos, magro, peso abaixo da média, cabelos cuidadosamente penteados, olhos castanhos e ligeiros, e um sorriso esquivo. Era impossível encontrá-lo duas vezes na rua e, se acontecesse, ninguém conseguiria dizer que já o havia encontrado antes. Naquela manhã, estava usando mocassim marrom com franjas, um terno marrom que obviamente não era sob medida e uma camisa aberta no colarinho. Hiram perguntou certa vez por que ele não usava gravatas. "São feitas para manchar de sopa", Ackroyd respondeu.

— Então? — Hiram perguntou quando finalmente se estabeleceu em segurança atrás de sua mesa. Olhou para a televisão muda. Um gráfico em cores mostrava as ondas de som saindo da boca de um homem-palito amarelo derrubando uma parede. Então, cortaram para um repórter na cena do acontecido que falava para a câmera. Atrás dele, uma dúzia de viaturas de polícia cercava um prédio de tijolos aparentes. A rua estava coberta com estilhaços de vidro quebrado que cintilavam à luz do sol. A câmera exibia lentamente as fileiras de janelas quebradas e os para-brisas rachados dos carros estacionados nas proximidades.

— Não consegui muita coisa — Ackroyd disse. — Fucei no mercado de peixe por uma hora e tive uma ideia geral rápida o bastante. Você detonou seu esquema básico de proteção.

— Sei — Hiram falou.

— A zona portuária atrai escroques como um piquenique atrai formigas, isso não é segredo. Contrabando, drogas, chantagens, o que quiser. Oportunidades abundam. Seu amigo Guelra, junto com outros comerciantes pequenos, pagavam à máfia um percentual do que recebiam, e, em troca, a máfia oferecia proteção e ajuda ocasional com a polícia ou com os sindicatos.

— A *máfia*? — Hiram perguntou. — Jay, isso parece adequadamente melodramático, mas eu tive a impressão de que a máfia era formada por cavalheiros étnicos com ternos listrados, camisas pretas e gravatas brancas. Os brutamontes que estavam encrencando com o Guelra não tinham a noção mais rudimentar de moda. E um deles era um curinga. A máfia está recrutando curingas agora?

— Não — Ackroyd disse. — Esse é o problema. A orla de East River pertence à família Gambione, mas os Gambione há anos estão perdendo o controle. Já perderam todo o Bairro dos Curingas para os Príncipes Demoníacos e outras gangues curingas, e a gangue de Chinatown, chamada Garças ou Pássaros da Neve, ou algo assim, é que os expulsou de lá. O Harlem foi tomado há muito tempo e a maior parte do tráfico de drogas da cidade não circula mais pelas mãos dos Gambione. Mas ainda controlavam a orla. Até agora. — Ele se inclinou para a frente. — Pois há uma concorrência. Estão oferecendo proteção nova e melhorada a um preço muito mais alto. Talvez alto demais para o seu amigo.

— O filho dele está na faculdade — Hiram falou, pensativo. — As mensalidades são bem altas, eu acho. Então, o que eu presenciei de manhã foi uma pequena, hum, cobrança?

— Bingo — Ackroyd falou.

— Se o Guelra e seus camaradas comerciantes estão pagando pela proteção dos Gambione, por que não estão recebendo?

— Duas semanas atrás um corpo foi encontrado pendurado num gancho de carne, em um armazém a duas quadras da Fulton Street. Um senhor chamado Dominick Santarello. Conseguiram a identidade dele apenas pelas digitais, o rosto foi espancado até virar carne moída. Um colega de Santarello, um tal de Angelo Casanovista, apareceu morto num barril de arenque em conserva uma semana antes. A cabeça não estava com ele no barril. O boato nas ruas é que os novos caras têm algo que os Gambione não têm — um ás. Ou ao menos um curinga que pode se passar por ás na penumbra. Essas coisas tendem a ser exageradas, mas me disseram que ele tem uns dois metros e dez, com força sobre-humana, e feio o bastante para fazer qualquer um

mijar nas calças. Atende pelo charmoso nome de guerra Pancada. Eu diria que os Gambione estão acabados.

Ele deu de ombros. Hiram Worchester estava pasmo.

— E a polícia?

— Guelra está com medo. Um dos amigos dele tentou falar com a polícia e seu corpo apareceu com um linguado enfiado na garganta. Literalmente. A polícia está investigando.

— Isso é intolerável — Hiram disse. — Guelra é um bom homem, honesto. Ele merece um destino melhor do que viver com esse tipo de medo. O que posso fazer para ajudar?

— Empreste a ele um dinheiro para fazer o pagamento — Ackroyd sugeriu com um sorriso sarcástico.

— Não pode estar falando sério! — Hiram protestou.

O detetive encolheu os ombros.

— Uma ideia melhor... contrate-me para ser o guarda-costas dele em tempo integral. Por acaso ele tem alguma filha pronta para o casamento?

Como Hiram não respondeu, Ackroyd levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Tudo bem. Deve haver algo a ser feito. Vou investigar. A Crisálida poderia me dizer algo útil, se o preço for suficiente.

Hiram concordou com a cabeça e ergueu-se atrás da mesa.

— Ótimo — ele falou. — Excelente. Mantenha-me informado.

Ackroyd virou-se para ir embora.

— Mais uma coisa — Hiram falou. Jay voltou com uma sobrancelha erguida.

— Esse Pancada parece, hum, destemperado, para dizer o mínimo. Não faça nada muito perigoso. Tome cuidado.

Jay Ackroyd sorriu.

— Se o Pancada me causar qualquer problema, eu vou cegá-lo com mágica — ele disse. Fez uma arma com as mãos, três dedos dobrados para trás, dedo indicador apontado para Hiram, dedão erguido como um gatilho.

— Você não ousaria — Hiram Worchester disse-lhe. — Não se quiser jantar hoje à noite.

Ackroyd riu, enfiou a mão de novo no bolso e gingou para fora do escritório.

Hiram voltou os olhos para a cena televisiva. Estavam passando uma entrevista com o Uivador. O entrevistador era Walter Cronkite. Uma gravação de dez anos atrás, Hiram percebeu, da Grande Revolta do Bairro dos Curingas, em 1976. Mudou de canal, esperando ver alguma cobertura do Bairro dos Curingas e do Túmulo do Jetboy e, talvez, ter outro vislumbre da Peregrina. Em vez disso, viu Bill Movers fazendo um comentário na frente de uma fotografia grande do Uivador. Parecia estar em todos os jornais naquela manhã, Hiram pensou. Ficou curioso. E aumentou o volume da televisão.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo VI

11h00

Um desfile no Bairro dos Curingas sempre foi uma experiência única. Sem a necessidade de se criar nenhuma criatura fantástica com arames, flores e papéis. Não, aqui os curingas eram capazes de oferecer todo o grotesco necessário apenas com seus corpos miseráveis. Também não havia uma Rainha dos Curingas. Muitos anos atrás, eles tentaram introduzir essa noção, Tachyon explicava enquanto conduzia Roleta por entre as multidões, mas ele ficou tão revoltado com a noção que os organizadores desistiram da ideia. Havia vários curingas politicamente ativos que ainda não o tinham perdoado.

O Sara Roosevelt Park estava isolado e cheio de caminhões rangentes e soltando fumaça que carregavam cenas fantásticas em suas carrocerias utilitárias. Longe, a oeste, uma aglomeração de policiais suados estava destruindo um falo imenso de duas cabeças. Roleta percebeu que diversos homens na multidão viravam o rosto a cada vez que um pé de cabra se enterrava no látex. No lado oeste, a Banda de Gaitas de Fole Joker Moose Lodge estava se aquecendo. O alarido das gaitas soava ríspido no ar parado e sufocante.

— Você é o grande mestre do desfile? — Roleta perguntou, mais ácida do que pretendia ser.

— Não — Tachyon respondeu de pronto, e ela se viu encarando suas costas rígidas enquanto ele examinava a multidão.

Um curinga corpulento, cujo nariz era uma tromba longa que terminava em diversos dedinhos, abriu passagem pelas beiradas da multidão, como um iceberg calvo, e aproximou-se de Tachyon de forma escandalosa.

— Tudo certo? — ele perguntou, estendendo a mão.

— Tudo certo. Des, deixe-me apresentar Roleta Brown-Roxbury. Roleta, Xavier Desmond, proprietário da Funhouse e um dos cidadãos mais legítimos do Bairro dos Curingas.

— Alguns diriam que isso é um oximoro.

— Uau, estamos azedos hoje — Tachyon provocou, com um toque de acidez.

Os dois homens se encararam, e Roleta percebeu que o relacionamento entre eles era complexo. Eram amigos, respeitavam-se, mas algo pairava entre eles, a memória de uma dor antiga.

Esse flash de malícia teve um efeito incomum. Em vez de fortalecer seu desejo de matar o homem, de certa forma deixou-o ainda mais charmoso. Não era perfeito, ou mesmo perfeitamente maléfico. Apenas "humano" e, por isso, compreensível, e ela amaldiçoou a ideia, pois é mais fácil odiar na abstração. Des olhou para o relógio.

— Correndo, como de costume.

— Só espero que os atrasos e o calor não levem a qualquer, digamos. . incidente. — Ele mordeu o lábio superior. — Impossível não lembrar de 1976, quando vejo todos aqueles policiais.

— Havia algo estranho naquele dia. Graças aos céus não sentimos mais aquilo desde então.

— Bem, é melhor eu me misturar. — Ele pegou as duas mãos de Roleta e beijou cada uma.

— Volto para pegar vocês antes de começarmos o desfile.

— Tem certeza que devo ficar com você? Talvez possamos apenas nos encontrar para o almoço depois de tudo, ou algo assim... — A voz dela diminuiu.

— Não, não. Preciso de apoio.

— Situação difícil.

— Desculpe? — Roleta tirou os olhos da forma evanescente de Tachyon.

— Se ele não participar do desfile, será acusado de desprezar os curingas e favorecer os ases. Se ele toma parte — o que tem feito nos últimos cinco anos — é acusado de ser um parasita sem coração, vivendo da miséria dos curingas que ele ajudou a criar. Um reizinho platinado de seu próprio reino bizarro.

Os olhos dela pairaram sobre o parque. Vendedores de raspadinha anunciavam seu produto no meio da multidão, policiais com manchas de suor embaixo do braço e na frente das camisas, Tachyon como um pequeno diabo de cabeça ruiva e vestes vermelhas no meio de uma cena dantesca, enquanto os curingas representavam os demônios. Apenas faça o seu trabalho e vá embora. Era tudo que ela queria naquele instante.

De alguma forma, ela precisava tirá-lo dali, buscar a privacidade de um hotel ou apartamento e dar cabo dele. Não conseguiria destruí-lo ainda. O sentimento de obrigação dele o manteria nesse desfile esquisito, e ele seria o orador especial no Túmulo do Jetboy. Os pensamentos dela a impulsionavam, carregavam-na pelo parque na direção do taksiano, enquanto atrás dela Des franzia o cenho por causa de sua saída abrupta. Talvez uma indisposição repentina? *Estúpida!* Tudo que ela conseguiria era uma cama na clínica do Bairro dos Curingas. Definitivamente, a cama errada. Talvez uma... *Use seu maldito corpo! A maioria dos homens parece pensar mais com o pênis!*

O sorriso acolhedor dele a envolveu.

— Ah, acho que você deve ser telepata. Estava indo te buscar.

— Estava? — ela se ouviu responder, mas a voz parecia vir de muito longe. — Espero que você continue vindo me buscar. — Seu braço deslizou ao redor do pescoço dele e, moldando seu corpo ao dele, ela lhe deu um beijo na boca.

Por um instante houve uma retração. Teria ela exagerado? Então, as línguas se encontraram, e toda a moderação desapareceu. A língua dele provocava, ultrapassando a barreira dos dentes dela. A mão dele, quente, contra a nuca da mulher, puxava-a para mais perto. Um coro de gritos festivos ergueu-se ao redor deles, e eles se separaram.

— Bem — Tachyon se soltou e, puxando um lenço do bolso, enxugou rapidamente a testa.

Ela se aconchegou e puxou o braço dele entre os dela.

— Foi muito triste mais cedo. Você mudou tudo isso e eu quero agradecer.

— Senhora. . Roleta, pode me agradecer quando quiser.

Um motorista com o rabo batendo nos calcanhares das botas mantinha aberta a porta de uma grande limusine Lincoln cinza.

— Ah, Riggs, pontual como sempre. Eu sempre me pergunto como você me tolera, pois sou um atrasado incorrigível.

— Aprendi a aguentar. — A voz dele era como veludo suave, e seus olhos de gato verdes luminosos pareciam brilhar de divertimento.

— Riggs, esta é Roleta Brown-Roxbury. Ela será nossa convidada do dia. — Um beliscãozinho no dedo dela. — E da noite, eu espero.

Riggs tocou na aba do quepe.

— Senhora.

— Então, você emprega curingas — ela observou enquanto se acomodava no estofado de

couro do veículo.

— Claro. — Ela sentiu a resposta como presunção. — Os reflexos e a visão noturna de Riggs são muito superiores aos de um ser humano normal. Fico muito feliz que minha segurança esteja em mãos tão capazes.

O primeiro carro alegórico embicou de forma majestosa na Bowery. Atrás dele a banda da Public School 235 entrou com uma execução veloz da "Pineapple Rag".

O carro aberto do senador Hartmann era o próximo da fila. Um ás fazia malabarismos ao lado da limusine. Ao menos Roleta supôs que fosse um ás. A maioria dos agentes do serviço secreto normais não andava por aí vestida com macacões justos brancos e com touca preta cobrindo o rosto e a cabeça.

Hartmann sorria e acenava, em cada centímetro havia ali um estadista mais velho. Alguém na multidão que se alinhava na rua gritou: "E sobre 1988, hein, senador?".

— Sugiram. Estou pronto — Hartmann gritou de volta e sorriu amarelo, e as risadas e os aplausos reverberaram pela aglomeração.

Mais dois carros, a patrulha montada, então Riggs ligou a grande Lincoln e eles começaram a avançar a uma velocidade constante de vinte quilômetros por hora.

— Por que não vai em carro aberto? — Roleta perguntou e, de cima, um chiado respondeu quando o teto solar se retraiu.

— Posso estar vivendo na Terra há quarenta anos, mas ainda sou um takisiano. Eu me ferro se tiver que andar num carro aberto. E no Dia do Carta Selvagem, meus inimigos e meus amigos estão todos espalhados por aí.

Quinze minutos depois, e ele voltou para o assento, abanando-se com seu lenço.

— Clima terrível.

— Aqui. — Ela havia explorado o carro enquanto ele estava encarapitado no teto e acenava para o público, e tinha descoberto o bar.

— Dubonnet com gelo. Que salva-vidas elegante você é. Vai se juntar a mim desta vez?

— Sim.

Ela se aproximou, sua coxa apertada contra a dele. Os dois tomaram um gole ponderado, então ela correu uma das longas unhas pelo rosto dele, observando a maneira como as costeletas formavam caracóis rubro-dourados contra a pele branca, muito branca, dele. Fez uma pausa e inspecionou a pequena cicatriz triangular no queixo pontudo.

— Que houve aqui?

— Treinamento de combate. Sedjur e meu pai concordaram que deveriam deixá-la aí como lembrança para eu me mover mais rápido da próxima vez. — E o rosto dele se fechou, enquanto as lágrimas de dor nublaram seus olhos lilases.

Era o momento. Ela tomou o rosto dele entre as mãos e o beijou, os lábios arrancando a rigidez da boca do alienígena. Uma lágrima caiu morna sobre a mão de Roleta, e ela lambeu aquela pequena gota salgada.

— Por que a tristeza?

— Porque Sedjur está morto e meu pai, se estivesse consciente, também gostaria de estar. Acho que a memória é uma maldição.

— Sim, também acho. — As mãos dela deslizaram pelo tecido acetinado do colete e agarraram o cós da calça. O arfar dele fez um contraponto ao rascar do zíper. — Então, vamos explorar a sensação e o momento, e esquecer as memórias.

Ela agora o havia libertado e, com suavidade, acariciava o pênis dele com a palma das mãos. Ele endureceu instantaneamente, suas costas se curvaram e o suor orvalhou as sobrancelhas e o lábio superior.

— Pelo Ideal, mulher, o que você está fazendo?

Ela abriu um sorriso de Mona Lisa, enfiou-o na boca e sugou de leve. A outra mão alcançou o controle e ergueu a janela que os separava de Riggs. Ele gemeu quando a língua de Roleta roçou a base da glande.

— Tenha piedade — ele grunhiu, uma das mãos se enroscando nas tranças da mulher.

— Tudo bem. — Ela se retraiu.

— Pelo Ideal, vai me deixar desse jeito?

— Então, vamos para outro lugar.

— O discurso.

— Depois.

— Ah, Deus!

♣

As rodas de metal do vagão do metrô rangeram quando chegaram na Times Square. As portas abriram num chiado, e Spector entrou, sentindo-se melhor do que em toda a manhã. O Astrônomo deve ter imaginado que ele morrera, e o velho tinha um dia cheio pela frente. Não teria nem mesmo um segundo para pensar nele.

Ele tirou o sangue seco que estava entre os dentes com a unha e deslizou por entre os passageiros em pé até a porta. Uma onda de pessoas que entrava no vagão o empurrou para trás; ele abriu espaço com o ombro por entre elas e saiu para a plataforma na frente de um casal que estava tentando entrar no trem. As portas se fecharam.

— Ei, cara, você fez a gente perder o trem. — O homem era jovem e hispânico, com um chapéu de aba curta e terno risca de giz púrpura. Uma garota estava agarrada na manga do seu casaco de pele de foca. Ele empurrou Spector pelas costas e sacudiu a cabeça. — Seu espaçoso filho da mãe. Não dá para ir a nenhum lugar desta cidade sem esbarrar em babacas. Não se preocupe, querida. Vai ter outro daqui a pouco.

Spector estava olhando para a garota. Era alta e magra, com cabelos e olhos escuros. Estava usando uma camiseta de heavy metal com o nome FERRIC JAGGER na frente. O cafetão estava carregando uma mala com estampa floral que obviamente era dela. Algo nela chamava atenção. Spector poderia se divertir à beça com uma dessas. Não com sexo, ele não fazia. Porém, gostava de matar garotas com o Astrônomo. Era a única coisa que ainda aliviava Spector. Seria realmente um prazer sentir a vida se esvair desta pequena.

— Ei, cara, o que você está olhando? — O cafetão o empurrou novamente com força.

O ódio e a dor de Spector abriram caminho. Ele olhou firme para os olhos do cafetão. O outro homem fez um som suave quando o ar se esgotou dentro dele e despencou na plataforma. As pessoas próximas olharam confusas para o corpo por alguns momentos, então algumas vozes começaram a chamar um médico.

Ele afinou o bigode, feliz com a morte do cafetão. A garota baixou os olhos para o corpo, mas não houve gritos. Ainda não. Ele puxou a mala da mão do cafetão e sorriu para ela.

— Nova na cidade? Posso te mostrar algumas coisas. Pontos turísticos, o que você quiser.

Ela puxou a mala dele e virou-se. Não disse uma palavra.

Spector viu um guarda do metrô se aproximando. Infiltrou-se na multidão. Foi uma

vergonha com a menina, mas, de forma geral, as coisas estavam começando a parecer um pouco melhores.

A loja de penhores Penhor Feliz ficava na área de Flatbush, Brooklin, na Washington Avenue com a Sullivan Street. Jennifer pegou um táxi até poucos quarteirões do endereço e caminhou o trecho restante. A loja estava localizada entre outros empreendimentos pequenos e familiares, incluindo uma delicatéssen, uma loja de roupas, uma sapataria e uma pequena pizzaria. Tudo, exceto a delicatéssen, estava fechado, e a rua em torno da loja de penhores estava praticamente deserta, porém, alguns quarteirões adiante, do outro lado da rua, uma multidão imensa estava reunida do lado de fora de Ebbets Field para o jogo anual de beisebol dos Dodgers no Dia do Carta Selvagem. De acordo com a placa no portão principal, os Dodgers estavam jogando com os Los Angeles Stars. Os times eram antigos rivais e, como os Dodgers estavam no meio de outra corrida pelo título, parecia que a multidão que já entrava no estádio ultrapassaria o limite de assentos do velho campo de beisebol.

Jennifer olhou para o seu relógio. Alguns minutos depois das onze. Tom Seaver, o arremessador dos Dodgers durante quase toda a vida da moça, estava escalado para enfrentar Fernando Valenzuela, o jovem arremessador mexicano dos Stars. Ainda havia tempo para conseguir ingressos, e assistir ao jogo seria um jeito mais prazeroso de passar a tarde do que almoçando com Gruber.

Ela olhou pela janela empoeirada da loja de penhores. Se não tivesse marcado, pensaria que estava fechada como a maioria das outras lojinhas no quarteirão. Mas Gruber nunca havia falhado num compromisso com ela antes.

Testou a maçaneta da porta da frente. Estava destrancada, e ela entrou. Dentro da loja estava tudo escuro e silencioso. Os corredores estreitos e as estantes altas entulhadas com mercadoria indesejada, a maioria das quais estava ali desde a época do pai de Gruber, sempre davam a Jennifer uma sensação claustrofóbica. Violões com cordas quebradas, televisores com tubos queimados, torradeiras com resistências corroídas, casacos manchados e rasgados, além de camisas e vestidos, entupiam as prateleiras na sala lúgubre, a tinta nas etiquetas de preço tão gasta a ponto de ficarem ilegíveis.

A única luz no recinto vinha de uma lâmpada sem lustre pendurada por fios nas grades atrás do balcão, o covil contumaz de Gruber. Mas Gruber não estava lá.

Ela o chamou, mas as palavras dela ecoaram vazias, e, de repente, teve uma sensação repentina de inquietação. Aproximou-se do gradil e a sola do seu sapato direito ficou presa em algo pegajoso, como uma bola de chiclete mascado. Ela olhou para baixo.

Uma poça de um líquido grosso e abundante escorria de um dos corredores. Ela deu um passo para a frente e espiou por detrás das estantes para o corredor, então fixou o olhar.

Era Gruber. Seu rosto pálido e macio estava congelado num ricto de horror intenso. As mãos claras e suaves estavam cruzadas sobre a barriga com força, mas não haviam impedido o sangue de escorrer e se acumular ao redor dele, numa poça viscosa e rasa.

Jennifer se agarrou a um balcão baixo que estava cheio de bijuterias e armas baratas e vomitou seu café da manhã. Recostou-se, trêmula, contra o balcão de vidro, após vomitar tudo

que estava no estômago, jogando seu peso sobre ele.

Após um instante ou dois de vazio extremo, ela limpou os lábios e forçou-se a olhar para aquilo que restou de Gruber. Era o primeiro cadáver que via. Encarou-o com horror fascinado, pensando que deveria fazer algo, sem saber o quê.

— Ssssim, é ela.

Uma voz chiada, sibilante, soou atrás dela, acelerando seu coração como o de um professor de aeróbica correndo. Ela se virou num meio agachamento e viu três homens que entraram silenciosamente na loja pela porta dos fundos. Dois eram normais ou pareciam ser. O terceiro era um curinga, um homem alto e magro que parecia um lagarto bípede. Foi ele quem falou. Jennifer olhou para ele e sua língua longa e bipartida rolou da boca novamente e tremelicou na direção dela.

— É ela ssssim — ele sibilou. — Peguem-na.

— Meu Deus — um dos outros murmurou. — Ela matou ele. — Os dois normais olharam-se inquietos, e o cérebro de Jennifer finalmente voltou a funcionar.

Ela reconheceu o curinga reptiliano. Estava no prédio de Kien, apareceu quando o curinga do jarro começou a gritar. Como ele a seguiu até ali? Ela olhou para o cadáver de Gruber. Era uma possibilidade, mas nunca poderia perguntar para ele se a havia entregado. Porém, como ele saberia que ela roubara as coisas de Kien?

Não havia tempo para se preocupar com aquilo. Os homens com o reptiliano estavam prestes a atacá-la. Aproximaram-se devagar, pistolas em punho, enquanto o curinga ficou ao lado, observando.

Jennifer transformou-se em fantasma.

Saiu de suas roupas, conservando apenas o biquíni que ela normalmente usava e uma pequena bolsa com os livros dentro. Olhou para trás enquanto atravessava uma estante cheia de tralhas penhoradas. Os dois normais olhavam para ela com a boca aberta, e o curinga xingava com sibilos chiados.

Ela continuou a atravessar as prateleiras, a parede e o beco entre a loja de penhores e o prédio seguinte, deixando os homens bem para trás. Recuperou o fôlego, metaforicamente, e então se solidificou. Estava na loja de roupas.

Pegou uma calça jeans, uma blusa e um tênis, vestiu-os, parou para tirar duas notas de vinte dólares da bolsa e colocá-las na caixa registradora, e então fugiu pela porta da frente.

Não havia sinal dos homens de Kien. Estavam, ela suspeitava, aparvalhados com o seu desaparecimento, mas ela não podia contar com essa perplexidade por muito tempo.

Olhou para a rua adiante. À direita estava o Ebbets Field, com torcedores de beisebol ainda entrando. À esquerda estava o Prospect Park com a possibilidade atraente de verde e isolamento. De alguma forma, contudo, ela teve vontade de estar com outras pessoas. Estaria segura com gente ao redor. Ninguém tentaria matá-la. Ela teria tempo de pensar no acontecido.

Correu pela rua e entrou no fim da fila que entrava no estádio quando os homens de Kien apareceram no outro extremo do quarteirão, balançando a cabeça, num ódio exasperado.

♠

Eles encheram o escritório de Hiram, todos eles. A equipe de limpeza, os lavadores de prato, a

equipe da cozinha, até mesmo o eletricista que tinha vindo arrumar a fiação defeituosa em um dos candelabros. Estavam sentados em cadeiras, no chão, na mesa e recostados nos gabinetes. Muitos estavam em pé. Ninguém dizia uma palavra. Até Paul LeBarre estava em silêncio. Todos os olhos voltados para a televisão. Geraldo Rivera estava entrevistando uma das irmãs do Uivador. Hiram não sabia que o Uivador tinha uma irmã. Na verdade, eram quatro.

Era como no dia em que Kennedy fora alvejado, ele pensou, ou no Dia do Carta Selvagem, o primeiro, quarenta anos atrás, quando Jetboy morreu e o mundo mudou para sempre.

O noticiário foi interrompido por uma coletiva de imprensa da polícia. Hiram ouviu e ficou enjoado.

— Jesus. — Esse foi Peter Chou, o homem quieto e magro que estava a cargo da segurança do Aces High, Peter, que colecionava louças da época da Grande Depressão e faixas pretas em diversas artes marciais, e que nunca erguia a voz ou usava palavras de baixo calão. — Jesus Cristo, que porra é essa? — ele falou agora. — Toxina nervosa. Jesus, que porra é essa!

— Não faz sentido — disse um dos lavadores de prato.

— Cara, não faz sentido algum, aquele desgraçado podia colocar paredes abaixo com um grito; eu o vi fazer isso, eu vi.

Então, todos começaram a falar juntos.

Curtis deu um tapinha no ombro de Hiram, dando a ele um olhar questionador e meneando a cabeça na direção da porta. Hiram levantou-se e o seguiu. O andar parecia cavernoso e vazio agora, com todos enfurnados no escritório de Hiram.

— Lá fora — Hiram disse. Foram para o Terraço do Pôr do Sol e ficaram em pé, olhando a cidade. O deck de observação pública do Empire State ficava no andar de cima, e sobre este estava o mastro de atracação que no passado era utilizado pelos zepelins, mas, tirando isso, não havia ponto mais alto na cidade de Nova York, ou no mundo. O sol brilhava forte, e Hiram se flagrou pensando se o céu que ele olhava foi tão azul para o Jetboy quanto no dia em que ele morreu.

— O jantar — Curtis disse apenas. — Vamos em frente ou cancelamos?

— Vamos em frente — Hiram falou, sem hesitar.

— Muito bom, senhor — Curtis respondeu. Seu tom era cuidadosamente neutro, não era de aprovação tampouco de reprovação.

Contudo, Hiram sentiu que precisava se explicar. Pousou as mãos no parapeito de pedra, olhando para o oeste, cegamente.

— Meu pai — ele falou. Sua voz soou estranha e trêmula, até para ele mesmo. — Ele era, ah, um homem robusto. Tão grande quanto eu nos seus últimos anos. Era um homem, hum, de grande apetite.

— Britânico, não era? — Curtis perguntou.

Hiram assentiu com a cabeça.

— Lutou em Dunquerque. Depois da guerra, casou-se com uma soldada americana e veio para os Estados Unidos. A noiva era ele, dizia de si mesmo, e não que vestisse branco. Sempre acrescentava isso, e minha mãe sempre ficava vermelha, e ele ria. Deus, como aquele homem ria. Rugia. Tudo que fazia era grande. Comidas, bebidas, até suas mulheres. Tinha uma dúzia de amantes. Minha mãe parecia não se importar, embora tivesse preferido um pouquinho mais de discrição. Era um homem barulhento, meu pai.

Hiram olhou para Curtis.

— Morreu quando eu tinha doze anos. O funeral foi... bem, o tipo de cerimônia que meu pai teria odiado. Se não estivesse morto, ele nunca teria comparecido.

"Foi sombrio, pio e *tão quieto. Eu* esperei o tempo todo que meu pai fosse se sentar no

caixão e contar uma piada. Houve choro e sussurro, mas nenhuma risada, nada para comer ou beber. Eu odiei essa segunda parte.

— Sei — Curtis disse.

— Está no meu testamento, você bem sabe — Hiram falou. — Certa quantia está separada, uma quantia bem boa, eu tenho que dizer, e quando eu morrer, o Aces High estará aberto para os meus amigos e para a minha família, e a comida e a bebida serão servidas até o dinheiro acabar e, talvez, haverá risadas. Talvez. Não sei dos desejos do Uivador nesse sentido, mas eu sei que poderia beber e comer com os melhores deles, e ele era o único homem que eu conheci que ria mais alto que o meu pai.

Curtis sorriu.

— Estilhaçou muitos milhares de dólares de cristal com uma de suas risadas, se eu me lembro.

Hiram sorriu.

— E não ficou nem vermelho. Tachyon foi quem fez a piada e, claro, se sentiu tão culpado que não vi a cara dele por quase três meses. — Hiram deu um tapinha no ombro de Curtis. — Não. Não acredito que o Uivador gostaria que cancelássemos a festa. Vamos em frente. Está mais que decidido.

— E a escultura de gelo? — Curtis lembrou-lhe gentilmente.

— Vamos exibi-la — Hiram falou, com firmeza. — Não vamos agir e fingir que o Uivador não existiu. A escultura vai nos lembrar... que um de nós fará falta esta noite. — De algum lugar lá embaixo, uma buzina disparou. Um homem estava morto, um ás, um entre o punhado de afortunados, mas a cidade seguia como sempre, e, como sempre, alguém estava atrasado para algo. Hiram teve um arrepio. — Então, vamos aprontar tudo.

Eles voltaram para dentro.

Peter Chou estava cruzando o salão na direção deles.

— Telefone para o senhor — ele disse para Hiram.

— Obrigado — Hiram respondeu, voltando para o escritório. — Sei que todos estão interessados no noticiário — ele falou para equipe quando chegou. — Eu também. Mas em algumas horas estaremos alimentando mais ou menos cento e cinquenta pessoas. Fiquem sossegados, daremos as últimas notícias. Agora, de volta ao trabalho.

Um a um, eles saíram. Paul LeBarre pôs a mão no ombro de Hiram antes de passar arrastando os pés. Na televisão, o senador Hartmann estava em pé diante do Túmulo do Jetboy, prometendo uma investigação completa do CRISE-A sobre o assassinato do Uivador. Hiram assentiu com a cabeça, apertou o botão de mudo e pegou o telefone.

A princípio ele não reconheceu a voz, e as palavras fragmentadas, pronunciadas com muita dificuldade, não pareciam fazer muito sentido. O homem continuou pedindo desculpas, sem parar, e estava dizendo algo sobre a gasolina; Hiram não conseguia entender aonde ele queria chegar com aquilo.

— Do que você está falando?

— Lago... lagostas — a voz falou.

— O quê? — Hiram disse. Ele se empertigou na cadeira. — Guelra, é você? — Certamente não soava como ele.

— Desculpe... desculpe Hiram. — Ele começou a ofegar. Então, alguém tirou o telefone dele.

— Bom dia, Bolão — disse uma voz estranha e aguda, uma voz como uma lâmina de barbear raspando um quadro-negro. — O Guelra não fala tão bem. Ele ainda está cuspindo os dentes. — Hiram ouviu alguém rir ao fundo. — O que o cara de peixe está tentando dizer a você

é que a gente acabou de marinar as merdas das suas lagostas na gasolina e, se você quiser, pode vir aqui embaixo e pegá-las você mesmo, porque a bosta do caminhão está aqui pegando fogo. — Outra risada. — Agora, escute aqui, imbecil, não me importa que você seja um merda de um ás da cidade alta, seu desgraçado, você folgou comigo, é isso que você recebe. Está ouvindo?

Um momento de silêncio e, então, um grito, um som nítido de ossos quebrando.

— Ouviu isso, desgraçado? — a voz de lâmina de barbear disse. Hiram não respondeu. — *Ouviu isso, desgraçado?* — a voz gritou.

— Sim — Hiram respondeu.

— Tenha um bom dia — a voz disse, seguida por um clique. Hiram devolveu lentamente o telefone para o gancho. O dia não poderia ter ficado pior, ele pensou.

Então, o telefone tocou novamente.

Fortunato pegou o telefone e discou um número do Brooklin. Assim que se sentou, o gato pulou no seu colo e começou a massagear as pernas de seu jeans. O fone tocou uma segunda vez e uma mulher atendeu.

— Alô, o Arnie está? — ele perguntou. Poderia ter enviado seu corpo astral, mas já estava com metade das forças e era hora de economizar.

— Não, aqui é a mãe dele. Posso ajudar?

— Meu nome é Fortunato..

— Ah, Deus do céu. Já ouvi Arnie falar *tanto* do senhor! Ele vai *morrer* quando descobrir que o senhor ligou e ele não estava em casa.

— Se a senhora puder me dizer onde ele está, tentarei encontrá-lo.

— Oh, ele foi para o Túmulo do Jetboy. O pai dele o leva lá todo Dia do Carta Selvagem. Saíram faz mais ou menos uma hora. Não sei se o senhor vai conseguir encontrá-los no meio daquela multidão. Ele fez alguma coisa?

— Não, senhora, nada disso. Tenho certeza que vou conseguir encontrá-lo.

— Ah, tudo bem. Acho que o senhor sabe como, não é? É que estou um pouco nervosa com o que aconteceu com o Uivador e tudo o mais.

— O Uivador?

— Oh, o senhor não soube? Ai, por Deus. Eles encontraram o Uivador há pouco tempo. Foi assassinado. Com veneno nervoso ou algo assim. Acabou de passar na TV.

Fortunato desligou. Fez uma lista num papel, apenas para se concentrar. Os ases que estiveram no Mosteiro: Kid Dinossauro, Tachyon, Peregrina, Tartaruga, Modular, Uivador, Jumpin' Jack Flash, Nenúfar.

Ele riscou o nome do Uivador da lista. Então, é verdade, ele pensou. Não era apenas delírio do Ceifador. Estava acontecendo, já havia começado.

Daqueles que restaram, o Flash e o Tartaruga podiam cuidar de si mesmos. Tachyon não podia, mas isso era problema dele.

Ele ligou para Hiram no Aces High. Não achou que Hiram estaria na lista de caça do Astrônomo; ele se envolveu apenas de forma periférica com o negócio do TIAMAT e não esteve no Mosteiro. Ainda assim, merecia um aviso.

Ele contou a história da forma mais simples que pôde, e então falou:

— Ouça, tem algo que você pode fazer se você estiver disposto. Preciso de um posto de comando. Algum lugar seguro para trazer aqueles que eu encontrar, e algum lugar para as pessoas deixarem recados.

— Claro. Ninguém atacaria o Aces High. Seria insano.

— Certo — Fortunato falou. — Mas, apenas para garantir, tem alguma maneira de entrar em contato com aquele androide? O Modular?

— Eu acho que ele me deu um tipo de sinalizador uma vez. Eu poderia encontrá-lo se quiser.

— Só precisa bajulá-lo um pouco. Acho que deveria fazer isso. Se não, poderia sugerir, sutilmente, que haverá mulheres lá. Se necessário, ele pode ficar com uma das minhas. É só ligar para receber uma em domicílio. — Ele desligou antes que Hiram pudesse mudar de ideia.

Então, qual é o próximo passo? Tentar encontrar o garoto, do qual ele mal lembrava, no meio de milhares de pessoas na frente do Túmulo do Jetboy? Ou ir para o próximo da lista? Não. Kid era afobado e estúpido, e tinha força o bastante para se meter em encrencas. Tinha de ser o Kid.

♣

O jogo estava quase com os ingressos esgotados. Restavam apenas os bancos da arquibancada no momento em que Jennifer chegou à janela da bilheteria, mas não importava para ela. Queria apenas sentar-se sob o sol morno, deixar os sons tranquilizadores da multidão a invadirem, e pensar. Pagou o ingresso, e algum sentido atávico a fez virar-se e olhar para trás. Havia um homem, moderadamente alto, magro, mas com estrutura forte, cabelos escuros, olhos escuros. Parecia observá-la intensamente, mas desviou o olhar assim que os seus olhos se encontraram.

O olhar dela demorou-se nele por um momento. Estava de jeans, camiseta e tênis de corrida escuros. Os músculos da sua estrutura flexível a impressionaram, então ela foi levada com a onda de torcedores para dentro do estádio.

Ele estava mesmo olhando para ela, ou ela estava apenas paranoica? Deu um longo suspiro. Provavelmente foram as roupas dela que o fizeram encará-la. Não teve exatamente tempo para provar as roupas que pegou. As calças estavam curtas e apertadas atrás, e o pulôver também estava curto, deixando alguns centímetros de barriga para fora. Foi isso. As roupas. Estava ficando paranoica, escolhendo estranhos na multidão, pensando que eles a ameaçavam.

Não que ela não tivesse motivo para estar paranoica. Afinal de contas, havia gente atrás dela. Agora, precisava apenas entender o porquê e, mais importante, como.

♦

Spector estava cansado de esperar. Seu contato anônimo havia dito onze e meia, e já estava

muitos minutos atrasado. Talvez não tenham ficado satisfeitos com a maneira como ele lidou com Gruber. Não foi culpa dele que o idiota tenha puxado uma arma. Não poderiam ter sido estúpidos o bastante para pensar que as balas fariam o serviço. Ele se recostou na estátua de George M. Cohan e estalou os dedos. Tinha consciência do volume que a Ingram estava fazendo em seu casaco. A maioria dos policiais estava no Bairro dos Curingas, mas o restante da cidade precisava ser protegido também. Talvez fosse bom jogar a arma fora, agora que o Astrônomo não estava mais no seu calcanhar. Porém, nunca se sabia quando uma pistola automática poderia ser útil.

A multidão que aguardava em fila por ingressos de shows da Broadway estava menor que o habitual. Spector nunca tinha visto um show desses; pareciam estúpidos e superfaturados. Costumava vir de Jersey na noite de Ano-Novo para assistir ao globo descendo à meia-noite. Era um dos poucos momentos em que ele se sentia parte de algo maior do que apenas ele.

As placas de neon em torno da Square ficavam desbotadas e opacas durante o dia. Se o contato não aparecesse logo, ele poderia pegar alguma puta para se divertir. Ver as lápides crescendo nos olhos de alguma puta barata daria a ele alguns momentos de alívio da dor. Não seria excelente, como a garota no metrô, mas seria uma distração. Deus, ele quis matá-la. Ao menos machucá-la o suficiente para conseguir uma reação dela. Melhor do que apenas ficar bêbado e assistir ao jogo de beisebol na televisão. Um comportamento discreto para o resto do dia não era de todo uma má ideia.

— Foda-se — ele falou, afastando-se da estátua. — Aqueles caras do Punho Sombrio vão ter que fazer melhor que isso.

— Não se irrite — disse uma voz profunda, indecente, atrás dele.

Spector se virou. Havia um curinga a poucos passos atrás dele, diminuindo a distância com passos largos, lentos, medidos. Havia sangue seco em sua camisa. Tinha apenas um olho no meio da testa.

— Está atrasado.

— Foi uma manhã agitada. Tinha um pequeno serviço a prestar na orla. — O ciclope levantou um punho, mostrando os nós dos dedos bem escoriados. — Você deve ser Spector.

— É. Então, o que tem pra me dizer?

— Gosto disso. — Ele olhou por cima do ombro. — Os Gambione vão jantar no Haiphong Lily hoje à noite. Reunião de família, sabe. O chefão está a caminho. Precisamos cuidar dele. É aí que você entra.

— Hoje à noite? Quanto paga?

— Cinco paus.

Spector correu a língua pelos dentes, limpando o sangue seco. Entendeu que aquele punk recebeu um preço-teto muito maior de alguém acima dele e poderia manter o restante para si. O curinga não tinha cérebro para convencer uma criança de seis anos.

— Sem chance. Pode fazer você mesmo.

— Tudo bem, tudo bem. Sete e quinhentos.

— Dez, ou arranje outro. Não estamos falando de um alvo fácil aqui. É o chefão que você quer. — Spector deu um passo para trás e desviou o olhar. Queria forçar esse cara para que a organização não achasse que ele era idiota.

O curinga pôs as mãos na cintura.

— Está certo.

— Quero dois mil agora. — Spector estendeu a mão.

— O quê? Agora? Você deve estar brincando. — Ele olhou em volta de novo de um jeito melodramático.

Spector teve de morder a língua para não rir. Esse babaca precisava ter umas aulas de interpretação e miolos para usá-las.

— Eles não iam te mandar aqui apenas com trocados no bolso. Então pode me pagar ou ache alguém que pague. — Spector gostou de avançar um pouco na direção do punk, para vê-lo se contorcer.

O ciclope puxou um envelope pardo grosso do casaco e apontou para o rosto de Spector.

— Pra mostrar que confiamos em você.

Spector enfiou o envelope no casaco e sorriu.

— Não vou nem contar. Ainda. Agora, que horas é o jantar do nosso amigo, o chefão?

— Por volta das oito, você vai precisar chegar um pouco antes. Agora, vai poder comer bem — ele falou, dando um tapinha no envelope dentro do bolso de Spector.

— Quando eu pego o restante?

— Amanhã à noite. Você vai saber onde. — Ele avançou um pouco mais. O hálito fedia a podre. — Aliás, se você souber de uns catálogos de selo desaparecidos, me avise. — Ele tirou um caderninho espiral e uma caneta, então anotou um número de telefone no topo da página. — Nas próximas horas, você pode me encontrar aqui — ele falou, arrancando a folha e entregando para Spector. — É o Museu Popular Carta Selvagem. Eu trabalho como segurança lá no meu tempo livre.

— Você fica de olho no lugar, não é?

O ciclope ignorou a piada.

— Ei, você precisa ter um emprego legítimo para fins fiscais. Isso é o que o chefe diz. Senão, vai parecer suspeito.

— Claro. Claro. Qual é o seu nome mesmo? Por precaução?

— Olho.

— E se eu não conseguir te encontrar?

— Ligue para o Twisted Dragon. Peça pra chamar Danny Mao. Diga a ele que você nasceu no ano do cavalo de fogo. Ele vai entender.

— Você gostaria de vir comigo hoje à noite? Só para ter certeza de que o acordo foi cumprido.

Spector envolveu o curinga com o braço e caminhou com ele pela calçada. Olho se desvencilhou dele.

— Só faça a bosta do seu trabalho. E tire suas mãos de maricas de cima de mim.

— Prazer em fazer negócios com você.

Spector observou enquanto ele se afastava. Era hora de entrar num bar e ver o jogo antes de ir para o trabalho. Seria melhor se os Dodgers ganhassem a droga do jogo hoje, ou o chefão teria muita companhia.

Capítulo VII

12h00

Os Dodgers estavam treinando rebatida quando Jennifer encontrou um lugar na arquibancada. O sol do fim do verão incidia tranquilizador em seus braços e rosto desprotegidos. Ela fechou os olhos e ouviu os sons amigáveis do estádio, as ofertas dos vendedores, a conversa dos torcedores, o estalo inequívoco do taco batendo na bola.

De repente, percebeu que havia dois anos desde que vira um jogo de beisebol, dois anos desde que seu pai morrera. O pai amava os Dodgers e a levava a muitos jogos. Não era, ela mesma, uma grande torcedora, mas sempre ficava feliz em acompanhá-lo. Era uma boa desculpa para sair ao sol ou ao ar frio da noite.

Ela se lembrou, de fato, do primeiro jogo do Dia do Carta Selvagem ao qual seu pai a levou. Foi em 1969, Dodgers contra Cardinals. O orgulhoso time dos Dodgers estava passando por maus bocados em meados dos anos 1960, terminando quase nos últimos lugares da liga por cinco anos consecutivos, mas, em 1969, o incomparável Pete Reiser, que foi o jardineiro central dos Dodgers naquele dia em 1946, quando o vírus carta selvagem choveu do céu, havia saído da aposentadoria para ser o treinador do seu antigo time. Quando Reiser jogou para os Dodgers, eles tinham uma coleção de nomes gloriosos. Em 1969, eram um punhado de descartados, de gente sem passado nem futuro, e de novatos inexperientes. Reiser, o jardineiro central sem comparação dos anos 1940 e 1950, o homem que mais acertou, que pontuou na maioria dos *runs* e compilou a maior média de rebatidas da história, pegou uma equipe muito nova que havia acabado em último lugar em 1968 e levou-os ao primeiro lugar com uma combinação milagrosa de visão de treino e inspiração.

Tom Seaver, a única estrela legítima do Brooklin, estava lançando naquele dia em 1969, e bateu Bob Gibson, 2-0. Os *runs* dos Dodgers aconteceram, ela lembrava, em *home runs* solo pelo velho terceiro base, Ed "The Glider" Charles. Aquele jogo havia trazido a taça para os Dodgers, e eles foram em frente para bater o Milwaukee nos *play-offs* da primeira divisão da Liga Nacional, e então demoliram os exaltados Baltimore Orioles na Série Mundial.

Memórias da exultação daquele dia, quando uma cidade inteira deu um grito coletivo de alegria, trouxeram um sorriso ao seu rosto. Foi um momento raro e, olhando para trás, desejou que tivesse idade o bastante para apreciar a felicidade pura e absoluta, incorrupta por qualquer outra emoção ou pensamento. Raramente havia vivido aquela sensação desde aquele momento, e nunca com dezenas de milhares de outras pessoas.

O estalido alto de um taco batendo na bola a trouxe de volta ao presente, e ela tirou o sorriso do rosto. Essas reminiscências não estavam fazendo bem. Fugir do perigo atual encontrando abrigo em memórias agradáveis do passado não era a melhor maneira, ela pensou, de resolver nada. Os homens estavam atrás dela, e ela precisava saber por quê. Bem, na verdade, ela sabia. Obviamente, queriam os livros de volta. Mas como eles a rastrearam tão rápido? E por que

mataram Gruber? Não, está errado. Eles pensaram que *ela* havia matado Gruber. E ela não matou. Se não foram eles, e ela sabia que não foi ela, quem fez aquilo?

Algo estranho estava acontecendo e Jennifer foi pega no meio dos acontecimentos. Ela reprimiu um arrepio. De repente, a luz do sol não estava tão morna. As pessoas ao seu redor não pareciam tão inocentes. Os homens de Kien a rastrearam até a Penhor Feliz. Podiam muito bem segui-la até ali. Qualquer um desses "torcedores do Dodger" sentado ao lado dela poderia ser um assassino.

Ela olhou ao redor e congelou quando seu pior medo pareceu se confirmar. De canto de olho, ela viu o homem de cabelos pretos que havia olhado para ela na fila do ingresso. Estava sentado duas fileiras atrás dela e à direita. Fingia estar olhando para o placar, mas a estudava também de forma sub-reptícia.

Podia ser o assassino. No mínimo, devia ser um agente de Kien. Jennifer olhou para a frente com determinação. O que fazer? Claro, ela podia ir até a polícia. Mas daí precisaria confessar que era Ira, a ladra ousada que apareceu na capa até mesmo do austero *New York Times*. Provavelmente poderiam protegê-la dos homens de Kien, mas ela acabaria tendo problemas pela série de roubos que havia cometido.

Ela travou os dentes quando viu de soslaio que o homem estava seguindo na direção dela.

O que fazer? O que fazer? O refrão frenético corria pela sua mente, mantendo o ritmo das batidas do coração acelerado. Nada, ela disse a si mesma. Fique calma. Não faça nada. Negue tudo. Ele não pode fazer nada comigo com toda essa gente ao nosso lado.

Darryl Strawberry, o jovem jardineiro direito contratado dois anos antes num acordo com o modesto Cubs, estava simulando uma demonstração na área de treino de rebatidas. Todos os olhos estavam nele enquanto ele rebatia as bolas na direção das arquibancadas, à direita, à esquerda e ao centro do jardim externo. Ninguém estava olhando para ela e para o homem.

O medo deu um nó no estômago dela quando ele pousou a mão grande levemente no seu ombro e disse, com uma voz inesperadamente suave: "Ira", e ela entrou em completo e total pânico com o uso do seu codinome, e virou fantasma, deixando-o com um olhar surpreso no rosto conforme observava as calças e os sapatos dela caídos num montinho amarrotado diante do seu assento e segurava sua camisa com a mão direita.

Ela o ouviu gritar: "Espere!", e então desapareceu, afundando através da estrutura da arquibancada como um espectro.

♣

Um oficial de segurança oficioso acenou para a limusine seguir para uma posição atrás das barracas cheias de bandeirinhas. Riggs abriu a porta e sua expressão deu um novo significado para o olhar do gato que comeu o passarinho. Tachyon, sua cor já realçada com a ajuda dela e o calor do dia, estava ficando ainda mais vermelho-fogo e falou em voz baixa e apressada:

— Vamos embora assim que meu discurso acabar.

— Muito bem, doutor. Iremos então ao Ebbets Field, conforme planejado?

— Não! — Tachyon acrescentou de forma um tanto explosiva em sua própria língua e, envolvendo o braço de Roleta no seu, levou-a até as escadas traseiras e para cima dos tablados. Um grande grupo de dignitários já estava reunido num semicírculo ao redor do púlpito. Ela viu

Hartmann, que parecia irritado, enquanto o prefeito de Nova York estava pendurado no espaldar da cadeira e agitava o apoio para sua próxima corrida eleitoral para governador. Um ás de macacão branco, com o capuz agora jogado para trás, rodeava solícito ali por perto. Estava encarando fixamente, em meio à multidão, uma adolescente já quase adulta, cujos seios esticavam seu top, e Roleta percebeu que o rosto dele não se encaixava direito. Os olhos não eram bem nivelados e o nariz parecia florescer como um bulbo retorcido sobre a boca e o queixo pequenos demais. Parecia um modelo de argila de um artista que ficou entediado antes de completar o busto.

Na segunda fileira de cadeiras estava sentado um oriental de aparência distinta. De vez em quando ele fazia anotações rápidas num caderno com capa de couro, e Roleta percebeu que a caneta-tinteiro de ouro deixava um rastro de tinta dourada. Ela fez uma careta diante dessa afetação, pensando em como era comum o dinheiro não traduzir classe ou bom gosto. Os olhos escuros do homem erguiam-se do caderno e encaravam, com intensidade assustadiça, o homem de cabelos prateados, cujo terno sob medida gritava "advogado". Esse homem parecia estar procurando uma brecha para interromper o fluxo ininterrupto de Koch e falar com Hartmann.

Na ponta extrema da fileira da frente estava sentada a figura maior do rock'n'roll, cujos shows *Joker Aid* levantaram muitos milhões de dólares — nenhum dos quais havia chegado ainda ao Bairro dos Curingas. Roleta deu um sorriso cínico. Dos seus dias na ONU, ela conhecia todas as formas pelas quais o dinheiro podia ser canalizado e lavado. Tachyon e sua clínica teriam sorte se vissem ao menos dez mil dólares...

Seus pensamentos pararam por um instante. A voz do taksiano penetrou em sua melancolia.

— Roleta, aqui.

Ela olhou ao redor, confusa, concentrada na cadeira de metal dobrável, e sentou-se.

— Meu Deus, sra. Brown-Roxbury! O que faz aqui? — Ela encarou os olhos castanhos pálidos do senador Hartmann. Tossiu, envergonhada. — Ah, droga, foi bem grosseiro da minha parte, não é? Fiquei apenas surpreso e feliz em vê-la. O sr. Love me disse que a senhora havia deixado a ONU, e fiquei triste ao saber disso.

— ONU? Que história de ONU é essa? Você trabalhou lá? — interrompeu Tachyon. — Senador, que bom rever o senhor. — Os dois apertaram as mãos.

Roleta abriu a boca e voltou a fechar quando Hartmann assumiu a conversa por ela.

— Sim, a sra. Brown-Roxbury era economista no Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas.

— Não que tenhamos conseguido desenvolver qualquer porcaria lá — ela respondeu, mecanicamente.

Hartmann riu.

— Esta é a minha Roleta. Sempre deu muito trabalho para eles lá.

— Senhora?

— Não entre em pânico, sou divorciada.

Hartmann continuou tagarelando sobre o "trabalho maravilhoso que estava sendo feito pelo FMI e pelo Banco Mundial", enquanto sobre eles o toldo listrado, erguido para reter um pouco o sol, estalava e se batia com o vento, criando uma estranha pontuação para as sentenças do senador.

— Sim (ploft), o proje-(plaft) to de energia elétrica do Zaire é um (ploft) exemplo clássico de trabalho excelente. .

Uma tosse discreta interrompeu o fluxo.

— Senador.

— Pois não, o que é?

— Sr. John Latham, da Latham, Strauss. — Latham se aproximou, seus olhos claros sem expressão. — Meu cliente. — Uma das mãos apontou para o cavalheiro oriental, e Hartmann virou-se para olhar.

— General Kien, como o senhor está? Não vi o senhor subindo até aqui. Devia ter dito algo.

Kien deslizou o caderno no bolso do casaco, ergueu-se e balançou a mão esticada do senador.

— Não quis atrapalhar.

— Que bobagem, sempre tenho tempo para um dos meus mais fiéis apoiadores.

Os olhos inexpressivos e pálidos de Latham passaram por Kien e de volta para o senador.

— Sendo este o caso, senador... O general sofreu uma perda grave esta manhã. Muitos dos catálogos de selos valiosíssimos foram roubados do seu cofre, e a polícia não teve muito sucesso em recuperá-los. — O advogado observou Tachyon, mas o alienígena não mostrou nenhuma inclinação para se mover. Ergueu os ombros e continuou. — De fato, não parecem dar a mínima. Eu pressionei e me disseram que há outros problemas no Dia do Carta Selvagem, que não têm tempo para se preocupar com um simples roubo.

— Ultrajante. Temo que eu não tenha muita influência com os mais finos de Nova York, nem gostaria de entrar no território do prefeito Koch. — Um sorriso rápido para o prefeito ainda pairava esperançoso nas margens da conversa. Os olhos de Hartmann correram de forma pensativa até o ás. — Ainda assim... Permita-me oferecer a você o sr. Ray, meu fiel vigilante do Departamento de Justiça.

Kien ficou tenso e trocou um olhar com seu advogado inexpressivo. Roleta se perguntou se o rosto do advogado alguma vez já havia mostrado outra coisa que não cálculos frios.

— Isso seria ótimo...

— Senhor — Ray interrompeu. — Meu trabalho é guardar o senhor e, sem querer ofender, o senhor é muito mais importante do que alguns selos.

— Obrigado pela preocupação, Billy, mas seu trabalho é fazer o que eu mandar, e estou mandando você ajudar o sr. Latham. — O senador não parecia tão amável agora. O ás deu de ombros e capitulou.

— Obrigado, senador — Kien murmurou suavemente, e ele e Latham voltaram às cadeiras do fundo, levando com eles Billy Ray.

— Então, onde estávamos? — O sorriso estava fixo, de volta a seu lugar. — Ah, eu lembro, estávamos falando de suas imensas contribuições.

Roleta encostou o ombro insistentemente contra o de Tachyon, uma mostra de delicadeza desconcertante que ele entendeu.

— Ah, senador, vejo alguém com quem preciso falar. *Adieu* por um instante. Senhora, vamos caminhar? — Ele se ergueu e ofereceu o braço para Roleta, e os dois seguiram rapidamente até o outro lado do palanque.

Uma maré de pessoas marulhava na ponta do palco e estendia-se numa grande onda oscilante que enchia a praça diante do Túmulo do Jetboy. Atrás deles erguia-se o próprio túmulo, asas imensas com bordas estendidas ao céu. Através das janelas altas e estreitas, ela conseguia ver a réplica em tamanho natural do JB-I suspensa no teto. E, lá fora, em frente, o Jetboy com seis metros de altura olhava adiante, por sobre as cabeças da multidão, indiferente.

— Curioso o pequeno drama que presenciamos — observou Tachyon.

— Sim.

Ele se recostou, olhando para ela.

— E você não gosta do senador. Por quê?

— Porque suspeito que ele tenha participações nas empresas que apoiam aquele desperdício

multimilionário que ele estava comentando com tanto apreço.

— Parecia que iria ajudar as pessoas no Zaire.

— Dificilmente. Foi projetado de forma que nenhuma energia possa ser desviada para prestar serviços às pessoas que vivem ao longo da linha de mais de 1.700 quilômetros. É basicamente um projeto de um bilhão de dólares para dar dinheiro àquele criminoso do Mobutu e para encher os bolsos de várias grandes empresas internacionais, bem como fazer grandes quantidades de dinheiro na forma de participação para um sem-número de grandes bancos ocidentais. Não dão merda nenhuma para o povo do Zaire, que continuará a viver no nível da subsistência, apesar de ser um dos maiores repositórios de riquezas minerais do continente.

— Roleta, você é maravilhosa.

Ela se virou para encará-lo.

— Se você estiver prestes a me dizer o quanto fico bonita quando estou entusiasmada, eu te espanco até cair deste palanque!

Ele ergueu os braços.

— Não, não, eu admiro o entusiasmo, e você é muito bonita, mas se importa, é tão interessada... você me lembra outra mulher. — A sentença bem confusa se desfez, e ele parecia estar olhando para uma imagem que não tinha nada a ver com as multidões de feriado que se estendiam diante deles.

Roleta, olhando preguiçosamente adiante, suspirou de repente quando a sombra de um pterodátilo ondeou sobre as pessoas. Ela ergueu os olhos e, com certeza, um pterodátilo estava pairando na direção deles.

Tachyon, alertado pelo arfar repentino dela, suspirou e fez movimentos com as mãos para enxotá-lo. A criatura pré-histórica prosseguiu, o alienígena agarrou-a pela cintura e puxou-a para baixo do toldo, bem quando as pequenas bolotas de cocô do pterodátilo repicaram no palanque.

— Kid — Tachyon gritou. — Da próxima vez que eu te pegar vou te bater.

Koch estava acenando, então eles voltaram para suas cadeiras. Dez minutos depois, um garoto de rosto bonito coberto de espinhas no queixo, vestido de jeans e camiseta, balançava-se na fileira da frente da multidão e acenava, insolente, para o taxisiano.

— Ei, Tachy, estou aqui.

— Bem, ao menos está vestido.

— Pensei nisso antes. Deixei minhas roupas no avião. — Uma das mãos dele apontou para o túmulo. — Pensei que você ia me bater.

— Talvez eu ainda devesse.

— Aposto que não consegue.

Koch deu pancadinhas no microfone com o dedo indicador, fazendo estalos altíssimos ecoarem pela praça. Roleta, olhando para o garoto e para o alienígena, viu os olhos do ser humano arregalarem-se alarmados. Tachyon, com um olhar culpado para Koch, correu para a ponta do palanque. Kid virou-se, curvado, e gentilmente apresentou as nádegas para o doutor, que lhe deu um chute rápido, mas de leve, no traseiro.

— Kid, fique fora de encrenca.

— Não é justo. "Poderes Nojentos de Alienígena Usados para Abusar de Criancinha" — ele disse num tom que indicava a manchete do *National Informer*

— 'Delinquente Juvenil Usa Poderes de Ás para Atrapalhar a Cidade."

— Atrapalhar? Não pode ser ao menos aterrorizar?

— Talvez quando você for mais velho.

Koch estava olhando furioso para os dois.

— Silêncio agora. Vou ser chamado agora.

— Boa sorte. — E, com uma virada de mão, ele desapareceu na multidão.

— Quem é?

— Kid Dinossauro. É muito brilhante, mas infelizmente está numa idade estranha entre garoto e homem, que o torna um tanto monstruoso. Ele deixa os ases malucos, pois sempre está nos calcanhares deles. Deve ser muito difícil para os pais criarem um ás, mas as crianças são uma delícia.

— Ei, é sua vez — Roleta disse, interrompendo o tagarela.

— Ah, pelo Ideal, obrigado. — Curvando-se mais perto dela, ele disse, com uma piscadela. — E, depois, podemos ir embora.

Ela pensou que a imagem dele era bem cômica. O homenzinho, apenas uma cabeça mais alta que o púlpito, terno vermelho acetinado e um cabelo longo e ruivo como o Pequeno Lorde punk. Ela observou que ele não carregava anotações e quis saber se um discurso improvisado era inteligente da parte dele. Então, ele ergueu a cabeça e começou, e a comédia foi substituída pela dignidade e por uma riqueza de cuidado.

— Sempre tenho um pouco de dificuldade em saber o que dizer neste dia. Estamos celebrando e, se sim, o quê? Ou estamos prestando homenagens e recordando? E, se sim, a quem prestamos homenagens e o que lembramos como defesa contra futuros erros? Vocês ouvirão muita coisa hoje sobre Jetboy, Tartaruga, Ciclone e centenas de outros ases. — Ele acenou para o grande casco verde enquanto ele pairava sobre a multidão. — E, sim, até mesmo sobre mim. Mas não acho que seja justo, e vou falar sobre outras pessoas. Sobre o Engraxado, que deu uma casa para uma criança abandonada, e sobre Júbilo, que sempre pode guardar um trocado para outro curinga menos afortunado, e Des, que fez mais para termos parques e escolas melhores no Bairro dos Curingas do que qualquer outra pessoa.

"Falo dos curingas porque acho que eles podem dar uma lição e um exemplo para as outras pessoas. Seus sofrimentos mentais, físicos e emocionais equiparam-se a qualquer coisa já vivenciada na história da humanidade, e eles vêm experimentando diversos métodos para lidar com seu isolamento, que vão da bravura silenciosa quando são maltratados pela polícia e por outros oficiais até a violência que culminou nos eventos de 1976, e agora uma nova abordagem. Uma sensação de autoconfiança e um compartilhamento que permitiram a eles construir, dentro dos limites do nosso conhecido Bairro dos Curingas, uma verdadeira comunidade.

"Enfatizo as diversas conquistas desse povo notável, pois existe um novo ânimo neste país que eu acho temeroso. Surge novamente uma tentativa de delinear o que é norte-americano, de desprezar e discriminar aqueles que existem na periferia desta 'maioria' de contos de fadas. E é um conto de fadas. Cada pessoa é um indivíduo único no fim das contas. Não existe 'consenso de opinião', não há 'jeito certo' de se fazer as coisas. Há apenas pessoas que, não importa o quanto sejam horríveis e distorcidas do lado de fora, são impulsionadas por dentro pelas mesmas esperanças, sonhos e aspirações que impulsionam a todos nós.

"Suponho que o que eu realmente queira dizer neste Dia do Carta Selvagem de 1986 é: 'seja gentil'. A adversidade vem de muitas fontes, não apenas do vírus alienígena trazido de anos-luz, e pode chegar um momento em que todos nós, 'limpos', ases e curingas precisaremos daquela palavra de conforto, daquela oferta de ajuda, daquela noção de comunidade que os curingas representam de forma tão maravilhosa. Obrigado."

Os aplausos foram estrondosos, mas Tachyon parecia infeliz quando voltou para Roleta.

— Muito nobre, mas como você acha que vai soar? — Roleta perguntou enquanto tirava o chapéu dele da cadeira. O braço dela foi puxado mais um vez por ele, que incitou-a em direção à escada dos fundos.

— Algumas pessoas vão me comparar à madre Teresa e outras vão dizer que sou um filho

da puta egoísta.

— E você, o que diz?

— Que não sou nem um nem outro. Só um homem tentando viver de forma honrada, abraçando qualquer felicidade que me for concedida.

Estavam em pé ao lado da limusine, e Tachyon de repente passou os braços ao redor da cintura dela, e enterrou o rosto em seus seios.

— E eu fico feliz que você esteja aqui para ser abraçada.

Com fúria, ela o empurrou e se afastou até ficar ao lado da traseira do carro.

— Não espere conforto de mim. Não tenho nenhum, para ninguém. Já disse isso. E para que você precisa disso, hein? É o santo do Bairro dos Curingas. O maioral com limusine particular, tão estrela quanto qualquer um dos ases.

— Sim, sim, e sim! Mas também sou consumido pela culpa, devorado por um erro que surge todo ano, no 15 de setembro, para me assombrar! Deus, como eu odeio este dia. — Ele esmurrou o teto do carro, e Riggs se afastou para olhar fascinado os punhos do casaco do seu uniforme. Os ombros de Tachyon tremeram por vários segundos, então ele passou as mãos nos olhos e virou-se para encará-la. — Está certo, você não precisa me confortar. Eu aceito isso. Disse que estava na peregrinação do desespero. Como eu. Então vamos ao menos fazer essa jornada juntos e, se não pudermos nos confortar, podemos ao menos compartilhar.

— Ótimo. — Ela embarcou no carro e descansou a cabeça contra a janela.

E talvez eu possa fazer algo. Posso te libertar da culpa e, ao te destruir, talvez eu encontre a minha própria paz.

Jennifer atravessou uma extensão infindável de concreto e ferro, buscando o local onde poderia se solidificar e ter uma pausa de descanso, tão necessária. Sentia-se zonza, mesmo para um espectro, e estava ficando difícil se concentrar. Teve uma premência assoladora de simplesmente se deixar levar, flutuar desincorporada como uma nuvem e esquecer todas as preocupações, todo o perigo que perseguia seus passos como um dobermann raivoso.

Mas não poderia ceder àquela ânsia. Se o fizesse, perderia todo o ser, e se tornaria um fogo-fátuo atenuado, flutuando descuidada até as forças aleatórias do movimento browniano espalhadas por todos os cantos da Terra.

Era difícil estimular a urgência para fazê-la se mover mais rápido, mas Jennifer conseguiu, jogando-se através da última das escoras da arquibancada. Viu-se num corredor acarpetado, iluminado por lâmpadas fluorescentes no teto e, imediatamente, solidificou-se e recostou-se, trêmula, contra a parede do corredor. Ainda sentia-se distante e desorientada, e sua cabeça nadava na vertigem. Foi quase, mas ela se solidificou a tempo. Percebeu que precisava ser cuidadosa ao usar seus poderes por um tempo, até ela estar certa de que seu sistema não estaria sobrecarregado.

Agora, Jennifer pensou, se ela pudesse apenas se orientar, ela sairia dali. O único problema era que nunca havia estado nas entranhas do Ebbets Field antes, e não tinha a menor ideia de onde estava.

Havia uma porta dupla no final de um corredor. No lado oposto, o corredor se ramificava.

Precisava ir para um lado ou para o outro, e Jennifer optou pelas portas. Infelizmente, eram maciças, sem janelas incrustadas nelas.

Bem, ela pensou, se alguém questioná-la, ela simplesmente diria que se perdeu. Embora o motivo de ela estar usando apenas um biquíni talvez fosse difícil de explicar.

Ela respirou fundo, deixando o ar sair ruidosamente, e empurrou as portas. Entrou numa sala grande, bem iluminada, ricamente acarpetada e fria. O murmúrio de uma dúzia de vozes gradualmente desapareceu quando todos os olhos na sala se voltaram para ela.

— Não acredito nisso — ela disse a si mesma. Fechou os olhos, mas quando os reabriu um instante depois todo mundo ainda estava lá, encarando-a. — Não acredito que acabei de entrar no vestiário dos Dodgers.

Vinte homens estavam no recinto. Alguns deles jogavam cartas em pequenos grupos, outros conversavam. Hernandez, o primeiro base, estava sentado ao lado do armário, fazendo sua habitual palavra cruzada antes do jogo. Pete Reiser, o próprio, sessentão, cabelos grisalhos, mas ainda magro e empertigado como uma flecha, estava parado na frente do armário de Seaver, conversando com o arremessador e com o treinador de arremesso cubano dos Dodgers, Fidel Castro. Alguns dos jogadores ainda estavam com seus casacos de treino, alguns tinham começado a se trocar, vestindo o uniforme do jogo. Jennifer, sentindo a pressão de todos aqueles olhos, pensou que deveria dizer algo, mas quando abriu a boca, nenhuma palavra brotou.

— Hum... — Ela tentou novamente. — Hum. . boa sorte hoje.

Uma pequena caixinha de rapé metálica escorregou da mão de Thurman Munson, receptor veterano dos Dodgers e capitão do time, e o som repentino que ela fez quando bateu contra o banquinho na frente do armário quebrou o encanto que parecia paralisar a todos.

Uma dúzia de jogadores falou de uma vez, da estridência de Reiser, "Com mil diabos, como você entrou aqui?", até uma dúzia de variações como "Cara, que corpão" ou "Belo uniforme".

Jennifer, mortificada, esqueceu suas preocupações antigas e atravessou a parede mais próxima, já fantasma, para um cômodo pequeno com um armário de parede, um par de mesas estofadas vazias, um punhado de máquinas incompreensíveis, e um Dwight Gooden pingando, saindo nu da banheira da hidromassagem.

— Ei! — ele falou quando ela passou.

— Tenha um bom jogo hoje — Jennifer retrucou, sorrindo sem graça. Ele voltou para a banheira, abaixando-se na água até o pescoço, e ficou olhando, descrente, enquanto ela passava pela parede próxima à banheira.

Que corpão também, Jennifer disse a si mesma, mandando um beijinho furtivo antes de desaparecer.

♠

Como um *capo* trabalhando para Don Carlo Gambione, o pai de Rosemary, Don Frederico "Açougueiro" Macellaio tinha, no passado, ordenado a morte de Nômada. Nômada não havia esquecido.

Em pé, ao lado de um carvalho no quase deserto Central Park, ela começou a rumar para a Central Park West, e estava feliz já que a maior parte de Nova York parecia estar no Túmulo do Jetboy. Sentiu-se extravagante no terninho marrom de tweed e salto alto que havia encontrado

em um dos seus estoques subterrâneos. Mas, desse jeito, nenhum dos habitantes normais do parque poderia reconhecê-la. Algumas das pessoas que viviam na rua tinham visto demais com o passar dos anos; era melhor ser... discreta. Ela tirou o pé esquerdo dolorido do sapato e ficou em pé, com o peso na perna direita, enquanto observava Don Frederico sair de seu prédio de apartamentos exclusivos. O toldo de proteção tinha "The Luxor" escrito. Vestido num terno preto caro e feito sob medida, o Açougueiro atravessou a calçada até uma limusine Cadillac branca.

Estava ladeado por dois guardas de óculos escuros e casacos desabotoados. Ao entrar no carro, Don Frederico puxou a porta da mão do chofer e a bateu. O motorista parou por uma fração de segundo antes de se virar de uma vez e entrar no carro. Um dos guardas foi no banco da frente ao lado do motorista, enquanto o outro parecia examinar a calçada e a Central Park West nas duas direções.

A limusine partiu e cruzou o tráfego buzinador para entrar no parque pela West Drive. Descrente, Rosemary havia comentado com ela sobre os hábitos do chefão. Era sempre a mesma rota. O chefão era muito estúpido ou muito autoconfiante. Uma demonstração de poder. Sabendo que a limusine atravessaria a Transverse, depois a saída na 65th e seguiria para o Templo Emanu-El até o restaurante preferido do Açougueiro, o Aronica's, Nômada caminhou por um ângulo oblíquo através do parque. Mentalmente, ela convocou uma revoada de pombos e praticamente uma centena de esquilos. Eles aguardaram na ponte de pedra próxima à metade da via.

Enquanto Nômada cruzava o parque para encontrá-los, um gato grande e cinzento, um dos filhotes do preto e da tricolor, pulou de um bordo alaranjado para bloquear sua passagem.

O cinzento era um dos poucos filhotes no mínimo tão inteligente quanto seus pais. Ele se recusou a juntar-se ao grupo de animais da Nômada quando entendeu como ela usava as criaturas em benefício próprio, às vezes sem se importar com o efeito sobre a vida dos animais. O cinzento escolheu viver separado, numa parte do Central Park que Nômada usava apenas de vez em quando. Ele se ofendeu com a presença dela.

Naquele momento, Nômada disse-lhe que ela não demoraria ali. O gato imaginou corpos mortos espalhados pela paisagem. Ela o reprimiu e disse para ele deixá-la em paz. Ele se virou e trotou alguns metros adiante, antes de se voltar novamente para ela e chiar. Ela expandiu a mente para atacar, mas parou antes que fritasse o cérebro dele. O cinzento desapareceu num bosque de bordos. Apertando os pulsos, Nômada ficou observando o gato.

Então, de repente, ela se lembrou do avanço do carro do chefão. Um falcão-peregrino, que havia escapado de um suposto falcoeiro urbano, era os olhos de Nômada, seguindo o carro do Açougueiro enquanto cruzava o parque. Não havia cores, mas a percepção do movimento prendeu sua consciência quando os olhos do falcão vagaram pelo parque. Ela fez com que ele pairasse pelo parque para seguir o carro do Açougueiro. De acordo com o perfil que Rosemary fez, Don Frederico Macellaio usava esse passeio diário para encomendar a morte dos oponentes, de dentro de seu carro blindado à prova de vigilância. Nômada recostou-se no tronco grosso da árvore, tirou os sapatos e concentrou-se no controle dos seus animais.

Quando começou a rotina mental de organizar e comandar os pássaros e animais que havia convocado, Nômada percebeu que o cinzento estava escondido atrás dos bordos e a observava. Ela o mandou embora, mas ele respondeu com a imagem de si mesmo marcando as árvores para mostrar seu território. Ela o ignorou enquanto o carro do chefão se aproximava do ponto que ela havia escolhido.

Nômada percebeu que estava nervosa pela aproximação do carro. O cinzento havia tirado sua concentração. Ele tinha um dom de fazê-la pensar de um jeito que ela normalmente evitava. O Açougueiro era inimigo de Rosemary, assim como seu. Aprendera com os próprios animais

que era matar ou morrer. O Açougueiro era uma ameaça que precisava ser removida. Além do mais, Rosemary gostaria disso. Era óbvio para Nômada que Rosemary estava muito preocupada com diversas coisas. A preocupação dela com os Gambione tinha se tornado desgastante. Com um novo chefão, ela poderia relaxar e passar mais tempo com a Nômada. Ela queria isso o bastante para atrapalhar o ritmo e a vida de suas criaturas. Para *matá-las*.

Ela arrancou o cinzento da mente e enviou dores pela conexão que a unia a ele. O cinzento gemeu quando a energia o atingiu.

A parte da mente dela que estava organizando os pássaros havia concluído a tarefa. As revoadas de pombos estavam temporariamente empoleiradas nas árvores em torno da ponte. Por um momento, sobreveio um silêncio não natural.

Saindo das árvores, reluzindo quando o sol incidiu sobre a pintura, a limusine continuou fazendo a curva em sua marcha majestosa. O para-brisa espelhado refletia os galhos das árvores acima.

Um pombo solitário desprendeu-se da revoada e, ao comando de Nômada, disparou alto para o céu. Então, remeteu a toda a velocidade contra o para-brisa da limusine, como se pretendesse aterrissar numa *das* árvores fantasmas. O sangue espalhou-se sobre a pintura branca do capô. O motorista freou e pareceu hesitar por um instante antes de prosseguir.

Nômada observou a cena em fragmentos vistos através dos olhos do falcão, agora atrás do carro, e os pombos acima e à frente da limusine. Seus próprios olhos estavam arregalados e fixos, mas as outras visões solaparam sua vista humana. Ela amorteceu a dor do pombo da mesma forma que retirava da consciência as constantes mortes que em geral vivenciava.

No céu, centenas de pássaros pararam de arrulhar quando ela os domou completamente. A onda aviária lançou-se na direção do carro, cobrindo-o com um manto de sangue e penas. Os freios da limusine guincharam enquanto o motorista tentava uma parada de emergência antes que sua cegueira fizesse o carro bater.

Mantendo mais pombos na reserva, Nômada mudou sua atenção para as hordas de esquilos reunidos nos galhos mais baixos dos carvalhos e bordos que ladeavam a estrada. Quando ela mandou o batalhão de esquilos na direção do carro desgovernado, a dor adernou na sua mente. O primeiro pensamento foi que o gato preto ou a tricolor estava em perigo. Porém, rastreando os padrões individuais dos animais selvagens da cidade dentro da sua consciência, ela soube que os gatos estavam bem. *O cinzento*. Ele estava, deliberadamente, infligindo dor a si mesmo, tentando destruir sua concentração. Nômada o repreendeu mentalmente, enviando ondas de tranquilidade emocional e atordoando sua rebeldia.

Apenas poucos segundos haviam passado. Porém, o motorista estava perto de reassumir o controle quando a estrada se tornou um tapete móvel de esquilos. O motorista acelerou para escapar dos pássaros. Nômada enviou os animais para baixo das rodas do carro. Os guinchos dos esquilos morrendo misturavam-se ao som dos freios maltratados. O impulso do carro pesado o conduziu para cima dos roedores. O sangue deles untou a pista e a limusine derrapou de lado a lado. Agora, as portas e os painéis laterais estavam riscados e manchados de sangue.

A cabeça de Nômada pendeu para o lado quando a reação do cinzento invadiu sua mente. Dessa vez, ele não ficou satisfeito com a distração; agora tentava dispersar os animais, usando Nômada como um foco. A raiva dela fluiu, derrubando-o inconsciente. Ela poderia tê-lo matado, mas sua atenção era necessária na ponte.

O motorista corrigiu demais a derrapagem e fez o carro girar. As rodas direitas prenderam-se no *guardrail* baixo, entortando-o para fora. A massa da blindagem do carro fez com que ele batesse no muro de contenção e ficasse de lado. Riscos de tinta branca permaneceram no metal e no concreto. Uma calota se soltou, precedendo a limusine na borda da pista, deslizando pelo ar

como um *frisbee*. O automóvel não teve a mesma sorte.

Para Nômada, o tempo pareceu parar enquanto ela observava o carro rolar no ar. Uma parte dela exterminava a vida de pássaros e esquilos machucados no ataque. A outra considerava aquilo assassinato e se perguntava se ele valia a pena para ajudar uma amiga e se vingar.

O veículo mergulhou na pista de caminhada, aterrissando na trilha de concreto e esmagando o teto do compartimento de passageiros vermelho com o peso. O carro chacoalhou até parar, e explodiu numa bola de fogo.

Sacrificar alguns animais para alimentar outros não era nada se comparado à carnificina que ela via ao redor da ponte. Corpos estavam espalhados em todos os lugares. Sentiu uma dor que não vivenciava desde que aprendeu a distanciar a vida dos animais da dela própria. Talvez o cinzento estivesse correto ao tentar pará-la. O lado da mente que ela considerava humano estava feliz por seu sucesso, ansioso para ver a reação de Rosemary. O lado animal queria rejeitar o que ela havia feito.

De repente, Nômada percebeu que as criaturas restantes aguardavam pacientemente suas instruções. A nuvem escura de pombos ergueu-se ao céu e dispersou-se em todas as direções. Ninguém viu a massa ondulante de esquilos se separar e correr pelas áreas arborizadas do parque. Nômada já estava escondida entre árvores e caminhou para a entrada do metrô, em Columbus Circle.

Antes que ela pudesse atravessar a 59th Street, o cinzento recuperado a confrontou com a imagem daquilo que havia feito, uma imagem que se transformou numa visão *dela* deitada, sangrando e estourada no chão.

Nômada fez uma pausa, comovida ao perceber por fim o que havia feito. Não era um sacrifício ocasional por comida ou proteção. Ela usou os animais que sempre havia protegido na sua própria guerra, para atingir um objetivo que tinha sentido apenas para ela. Havia traído uma confiança que mantinha desde que havia voltado do hospital. Nômada sentiu-se enjoada. Não era obra do cinzento. Ela esperava que Rosemary fosse merecedora disso.

Rosemary esperava, embora não soubesse de nada. Antes de aparecer, Nômada iria até a casa de Jack para escutar as mensagens sobre sua sobrinha perdida, Cordelia. Talvez agora fosse hora de ajudá-lo.

Nômada desceu os degraus da estação de metrô e usou um dos bilhetes que o guaxinim havia roubado com tanta destreza. Pegando o trem no 1 local para o centro da cidade, ela ignorou os olhares de admiração que atraiu dos homens no vagão.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo VIII

13h00

A rua ainda estava cheia de torcedores retardatários, vendedores de lembrancinhas e cambistas. De alguma forma, Jennifer conseguiu deslizar pela parede externa do estádio sem ninguém perceber, mas na rua ela atraiu uma bela quantidade de atenção. Cabeças se viraram e uivos a seguiam pela rua, mas ela mal percebia. Andava rapidamente, procurando os homens que tentaram agarrá-la na Penhor Feliz e o homem que a seguiu no estádio, mas nenhum deles parecia estar por perto. Ela viu um táxi vazio, deu sinal e disse ao motorista: "Manhattan".

Ela se pôs a pensar enquanto o táxi a carregava de volta para um território mais familiar. Os eventos ao seu redor estavam acontecendo com velocidade e violência incompreensíveis. Kien deve realmente querer esses selos de volta, ela pensou. A menos que fosse o outro livro... Ela olhou para sua bolsa, uma bolsinha de couro fechada por um cordão simples. Continha os livros roubados e alguns dólares que carregava para emergências como esta, nada mais. Sem carteira, nem identificação. A coisa toda estava azedando. Olhos piedosos sobre ela, ela fitou o espelho e pegou o motorista do táxi encarando-a. Ele desviou o olhar e Jennifer tentou afundar ainda mais no estofado manchado e gasto do banco traseiro do táxi. Não havia encontrado roupas decentes em lugar algum. Como estava, parecia estar vestida para um Carnaval no Rio de Janeiro.

Talvez, ela pensou, seria melhor desistir de tudo e devolver os livros. Eles já haviam custado a vida de Gruber — embora não conseguia imaginar quem o matara — e lhe dado amostras próximas demais de violência.

Ela tinha de entrar em contato com Kien. Seria fácil, mas os detalhes da troca poderiam ser difíceis de organizar. Ela também não queria sair da situação com as mãos totalmente vazias.

Ela olhou pela janela do táxi pensativa e, arrebatada pela inspiração repentina, gritou:

— Pare, pare já!

O motorista levou as palavras dela a sério e freou com tudo, fazendo o táxi cantar pneus até parar. Ela conseguiu ouvir os pneus guinchando atrás dela enquanto pulava para fora do veículo e jogava algumas notas amassadas no banco dianteiro.

— Obrigada — ela disse sem fôlego, virou-se e correu rua acima.

— Foi um prazer — o taxista disse com uma expressão confusa, apreciando aquelas formas dentro do biquíni, enquanto ela corria até a frente do Museu Popular Carta Selvagem.

♣

— Jack! Jack, é você, se eu não estiver errado.

Uma voz familiar, qualquer voz familiar na atmosfera de circo do Village hoje era um choque. Jack virou-se e viu um homem bonito, uns dez centímetros mais alto que ele, olhando-o.

— Olá, Jean-Jacques — Jack falou. Jean-Jacques havia chegado do Senegal seis anos atrás. Trabalhava meio período como garçom no Simba, na Sixth Avenue com a Eighth, e o restante do tempo como tutor de estudantes estrangeiros que aprendiam inglês na New School. Jack nunca tinha visto um homem com feições mais impressionantes.

— Olha só — ele falou para o outro. — Preciso de ajuda. — Ele tirou a foto de Cordelia. Jean-Jacques concordou com a cabeça, mas parecia distraído.

— Qualquer coisa, meu amigo. Qualquer coisa mesmo.

Jack sabia que havia algo errado.

— O que há?

— Nada para se preocupar — Jean-Jacques desviou o olhar para os pedestres que passavam rapidamente por eles. O sol do início da tarde reluzia tanto na sua pele que o negro profundo parecia quase azul.

— Duvido. — Jack pousou a mão no ombro do homem, consciente da vitalidade morna que radiava através do padrão de brilho. — Diga-me.

Jean-Jacques virou-se de volta para Jack, seu olhar penetrante encontrando o de Jack.

— É o retrovírus — ele falou. — Ele é assassino. Acabei de vir do meu médico. Infelizmente, o resultado foi positivo. — Ele suspirou. — Bem positivo.

— Retrovírus? — Jack perguntou. — Você quer dizer que o carta selvagem. .

— Não — Jean-Jacques o interrompeu. — O verdadeiro assassino. — A palavra parecia grudada na sua garganta. — AIDS.

— Minha mãe de Deus — Jack falou. — Sinto muito. — Ele deu um passo mais próximo a Jean-Jacques, hesitou por um segundo, então seguiu em frente e abraçou o homem. — Sinto muito, de verdade.

Jean-Jacques gentilmente soltou-se de Jack.

— Eu entendo — ele respondeu. — Você não é o primeiro a quem eu disse. Já estão me tratando como se eu fosse um dos malditos curingas. — Ele fechou os olhos com tristeza, então os abriu e falou: — Não se preocupe, meu velho amigo. Você está certo. Eu sei quem foi. — Fechou os olhos novamente. — E sei *quando* foi. — Ele começou a soluçar levemente, e Jack abraçou-o de novo. Dessa vez, Jean-Jacques não o empurrou de pronto.

— Acho que você está numa missão — Jean-Jacques comentou. — Diga-me o que está procurando e, se eu puder ajudar, eu ajudo.

Jack hesitou, então disse a ele sobre Cordelia. O senegalês inspecionou a fotografia.

— Uma jovem muito bonita. — Ele olhou para Jack. — Vocês têm os mesmos olhos — então, devolveu a fotografia. — Vá — ele falou. — Continue sua busca. Como eu disse, se eu observar qualquer coisa que possa ser útil, eu aviso.

Não havia mais nada a dizer, mas Jack ficou ao lado de Jean-Jacques.

— Vá — Jean-Jacques repetiu. Ele abriu um leve sorriso. — Boa sorte.

Então, girou sobre os calcanhares e partiu.

— Esta é a sua parada importante? — Roleta perguntou, observando o muro decadente de um armazém na margem do rio. Tachyon dispensou Riggs muitos quarteirões antes, e uma caminhada ligeira e suada havia terminado ali.

Ele olhou sobre os ombros enquanto as mãos magras abriam um cadeado grande e brilhante. Sua expressão era de empolgação reprimida e travessura, quase como um garotinho prestes a mostrar sua coleção de gibinos. E, de repente, ela percebeu que ele era muito jovem. Pela mutação e pela obsessão das ciências biológicas, a expectativa de vida takisiana era muito maior que a humana. Tachyon, aos oitenta e poucos, seria um velhote nos padrões terráqueos, mas apenas no limiar da vida adulta pelos padrões takisianos. Isso explicava muita coisa.

A porta se abriu inteira nas dobradiças bem azeitadas, e ele acenou para ela passar. Ela se retraiu tanto que acabou trombando com força contra o peito dele.

— Não tenha medo.

— Meu Deus, o que é isso? — Ela olhou com cuidado para a monstruosidade reluzente agachada no meio do salão amplo e vazio. Parecia mais uma concha de caracol, mas a pontas de seus espinhos cinzentos eram cravejados de luzes âmbar e púrpura. Também parecia estar descansando num redemoinho cintilante, pois a poeira espiralava na direção da criatura. — A nave.

— O quê?

— Sua nave — ela consertou rapidamente.

— Sim, *Baby*.

— *Baby?*

— Ã-hã. — Os olhos lilases de Tachyon perscrutavam amorosamente a nave, e os escudos de Roleta (cuidadosamente erguidos pelo Astrônomo) responderam a uma comunicação quase telepática. — Ficou frustrada. Tentou dizer olá para você, mas você tem escudos. — Ele inclinou a cabeça para o lado, observando-a com seriedade. — Estranho. A maioria dos humanos... — Uma rápida sacudida de cabeça. — Bem, entre.

— Eu... é melhor não.

— Ela não vai te machucar.

— Não é isso.

— O que é, então?

Ela ergueu os ombros e caminhou até a nave, embora parecesse traição. Em algum momento, na manhã seguinte, o Astrônomo tomaria essa nave viva e a pilotaria para bem longe.

Obediente, a nave abriu a comporta, e eles entraram na sala de controle. As paredes internas e o chão da nave brilhavam como madrepérola polida, lançando uma luz opalescente de um lado a outro da grande cama de dossel que dominava o espaço. Tachyon deu uma risadinha.

— Sua expressão está impagável. Sabe, diferentemente da maioria da minha espécie, eu jurei que morreria na cama. Esta parece ser uma maneira de garantir isso.

O restante da mobília tinha uma beleza frágil, e estava claro pela largura dos assentos das cadeiras que os takisianos eram menores que os humanos. A menos que esta mobília tivesse sido feita para uso pessoal de Tachyon.

O alienígena pegou-a gentilmente pelos ombros e apontou para a parede. Escritos prateados flutuantes brilhavam.

Bem-vinda, Ruleta.

Tachyon sorriu e sacudiu a cabeça. *Roleta.*

— Ela não é tão boa em ortografia ainda. Começou há pouco, quando trouxe alguns amigos a bordo. Está adquirindo conhecimento do inglês escrito aos poucos. Sou tolerante, tanto que nem cobro demais.

— É inacreditável.

Ela se sentou na cama, enquanto Tachyon desentranhava duas taças de cristal de uma arca que parecia ser uma extrusão da própria nave.

Outra mensagem piscou na parede enquanto o alienígena estava de costas.

Você será premiada Havia algo de perverso na mensagem.

— Pare com isso, *Baby* — Tachyon avisou. Então, um pedido de desculpas.

— Aceito — Roleta disse, sentindo-se idiota.

Tachyon despejou uma boa dose de conhaque de seu cantil em cada taça. Duas manchas brilhantes coloridas estavam ardendo em sua bochecha. — Você é a primeira mulher que eu trago aqui. Então, ela está curiosa, ansiosa, e um pouco ressentida.

— Ela te ama.

— Sim, e eu a amo. — Ele esfregou a palma da mão em uma parede curvada.

— Por que ansiosa? — Ela deu um gole no conhaque.

— Apesar de ser um pouco ciumenta, ela quer me ver casar e ter filhos. Pedigree, continuação, é muito importante para as naves. Através dos séculos, elas absorveram nossa obsessão de adoração dos ancestrais, e ela me considera um fracasso. Digo para ela o tempo todo que tenho muito tempo ainda. Especialmente agora, que vivo na Terra. — Ele se juntou a ela na cama.

— Eu li muito sobre você, mas nunca vi menção alguma a isto aqui. Claro, é lógico que você teria uma nave, como você chegaria aqui se não tivesse?

— Procuro mantê-la em segredo. Quando eu estava tentando recuperá-la do governo, fiz um grande estardalhaço sobre a *Baby*. Agora sou mais cauteloso e, felizmente, a memória das pessoas é curta. Infelizmente, ela fica solitária, então eu venho sempre que posso. Ela sente falta da sua própria espécie também. São essencialmente criaturas de rebanho, e esse tipo de isolamento não é bom para ela.

— Por que não vive dentro dela, então?

— Quero ter uma vida social e também quero mantê-la em segredo. Esses dois objetivos são bem conflitantes. Então, eu chego a um meio-termo. Vivo próximo, visito-a sempre e, às vezes, a levo para passear. De acordo com a Irmã Madalena, da missão religiosa da South Street, estou fazendo um serviço positivo. Ela conseguiu que muitos indigentes ficassem abstêmios depois de nos ver.

Ela riu, se recostou e o beijou quando ele se deitou nas almofadas. Ele pegou o botão de cima da blusa de Roleta com dedos trêmulos, e pelo canto do olho ela conseguiu ver a ereção dele esticando o tecido acetinado das calças. Ela se retraiu e, rapidamente, abotoou a blusa.

— Desculpe, mas eu pensei que você... que nós...

— Aqui não! Eu não consigo fazer com plateia.

Ela também se perguntava qual seria a reação da nave se ela matasse Tachyon dentro da pele de *Baby*. Roleta duvidava que sairia viva da nave.

♠

O Museu Popular Carta Selvagem (entrada a apenas dois dólares) estava fechado,

provavelmente porque o gerente percebeu que a maioria das pessoas aproveitaria o entretenimento gratuito do dia.

Estava ótimo, Jennifer pensou. Ela entrou no beco na lateral do prédio e, segura de que ninguém estava olhando, deslizou através da parede. Era difícil. Levava alguns momentos de concentração e, então, precisou abrir caminho através do tijolo e do cimento, como se estivesse sólida e os tijolos fossem um líquido viscoso, resistente. Seu corpo estava ficando cansado e ela sabia que não deveria se desmaterializar por um tempo, mas precisava resolver aquilo e, depois, talvez, pudesse pensar em descansar.

Finalmente, atravessou e se viu num pequeno quarto escuro com uma série de garrafas de vidro levemente brilhantes dispostas numa parede, como uma coleção de aquários numa loja de animais. Flutuando nos tanques havia pequenos cadáveres patéticos, pequenos "Bebês Curingas Embalsamados", como a placa acima da exposição proclamava. Havia uns trinta deles. A maioria tinha pouco de humano, e Jennifer ficou feliz, de certa forma, que eles viveram tão pouco a crueldade do mundo.

Ela saiu rápido daquele quarto e se viu na seção do museu dedicada a grandes mostruários que eram "dioramas" em tamanho natural. Estava assustadoramente quieto e escuro, com apenas a luz dos mostruários e os efeitos sonoros ligados, e era muito desconcertante ser o único ser vivo por ali. Passou pela cena que mostrava o Bairro dos Curingas em chamas, imortalizando o que foi a Revolta do Bairro dos Curingas de 1976. Havia, agora apenas levemente chocante para o gosto moderno, um quadro antigo mostrando uma suposta orgia do Bairro dos Curingas. Um sinal em frente a uma área acortinada anunciava o último acréscimo às exposições de entretenimento e informação, a Terra *versus* O Enxame.

Jennifer passou pelos dioramas no longo corredor e entrou no Hall da Fama do museu ou, em alguns casos, da Infâmia. Figuras de cera em tamanho natural de ases e curingas proeminentes estavam agrupadas ou sozinhas no corredor. Jetboy parecia jovem e belo, seu cachecol flutuava atrás dele num vento inexistente, talvez divino, os olhos um pouco apertados como se estivesse encarando um sol suave. Os Quatro Ases — Águia Negra, a Especialista, o Embaixador e Golden Boy — reunidos, três deles juntos, de costas para o outro, que estava isolado com o rosto virado dos seus camaradas ases. Dr. Tachyon estava resplandecente num traje que, assim informava um pequeno cartão ao lado dos pés dele, fora doado ao museu pelo próprio. E havia outros. A Peregrina mantinha, isso Jennifer teve de admitir, sua sensualidade latente, mesmo quando esculpida em cera; Ciclone, a massa impressionante de Hiram Worchester, aparentemente flutuava com leveza sobre um pedestal, Crisálida com a carne invisível e os órgãos visíveis encarcerados pelo seu esqueleto ..

Jennifer olhou para eles cuidadosamente. Tachyon, ela decidiu, seria o cara. Ela cruzou a corda de veludo e se aproximou da estátua de cera. Era maior que ela quinze centímetros, e suas feições de cera eram tão delicadas quanto as dela. Movida por um impulso irresistível, ela correu a mão pelo tecido esplêndido do colete cor de pêssego. Era macio e delicado. Quase conseguia acreditar que o cartão estava dizendo a verdade e o traje havia mesmo sido do próprio Tachyon.

Ela se recompôs e olhou ao redor, culpada. O corredor, claro, estava deserto. Ela reuniu toda a sua vontade, esticou o braço e enfiou a bolsa no peito da imagem de cera. Retirou a mão e deixou a bolsa acomodada no peito de Tachyon, os dois catálogos de selos e o volume misterioso bem escondidos até sua volta.

Agora precisava entrar em contato com Kien. Poderia demorar um pouco. Ela não podia simplesmente procurar na lista telefônica.

Ela saiu do Hall da Fama com um último olhar invejoso para a imagem de Peregrina, ponderando sua próxima ação. Não havia percebido o olho que a observava de uma porta

acortinada na outra ponta do corredor.

♥

O pior de tudo, Fortunato pensou, era ter de ouvir os malditos políticos. Havia uma dúzia deles no palanque, inclusive o prefeito Koch e o senador Hartmann. Tachyon, o desgraçado, já havia se mandado, acompanhado por uma negra linda de cabelos trançados. Hartmann estava no púlpito.

— Chegou a hora da aceitação. A hora da paz, como o poeta bíblico disse. Não apenas da paz entre as nações, mas a paz dentro de nós mesmos. Um tempo de olhar para os nossos corações, sejam seres humanos, curingas ou ases. Um tempo não de esquecer o passado, mas de ser capaz de olhar para ele e dizer: é onde eu estive, e não tenho vergonha. Mas minha obrigação agora é com o futuro. Muito obrigado.

Um helicóptero da polícia pairava em círculos. Quando Fortunato olhou para cima, viu que o casco do Tartaruga flutuava vagarosamente sobre o parque e, então, desapareceu de novo.

Fortunato sabia mais ou menos onde o garoto estava. Estava perto, de forma que ele podia ter uma vaga imagem do que o garoto via, e conseguiu triangular com Hartmann quando ele se sentou na ponta do palco.

Lá. Entre doze a quinze metros de distância, vestido para variar, o que significa que veio na forma humana e assim permaneceu. O garoto estava recostado num poste, a uns bons quatro a seis metros de uma versão mais velha de si mesmo, obviamente o seu pai.

O garoto olhava em volta para todos os ternos e saltos altos, enquanto eles ofereciam a Hartmann aplausos mínimos, exaltadores. Um lado da sua boca se retorceu de nojo. Fortunato sabia como o garoto se sentia. Talvez no passado houvesse algum sentimento sincero nessas cerimônias, mas agora era um caso dos entediados conduzindo a chateação. Ninguém tinha vindo para discursos políticos egoístas, exceto as pessoas que precisavam ser vistas lá, aqueles que faziam algum tipo de declaração política ao aparecer. E aqueles poucos que realmente se importavam. As crianças fascinadas pelos astros que ainda tinham alguma ilusão sobre o poder pessoal, que ainda acreditavam naquela linha rígida, clara, entre o bem e o mal, e queriam fazer guerra ao cruzá-la.

Fortunato via o carta selvagem como um tipo de lâmpada de Aladim do inconsciente. O vírus reescrevia o DNA para combinar com aquilo que lia no fundo da mente. Se seu destino fosse ruim, ele transcrevia um pesadelo, e, se sobrevivesse, virava um curinga. Mas, às vezes, ele atingia um veio do tema puro, como o amor de Arnie pelos dinossauros, pelas histórias em quadrinho e pelos ases. E, mesmo que isso lhe transformasse numa piada, permitia que ele vivesse seus sonhos lá fora, na rua.

A piada era uma lei da natureza, a conservação da massa. Arnie conseguia se transformar em qualquer dinossauro que conseguisse visualizar, mas sua massa permanecia a mesma. Se fosse um tiranossauro, seria um tiranossauro de um metro. Tudo bem para um garoto, mas ele já estava com treze ou catorze anos, cheio do vigor adolescente e da ilusão de imortalidade.

— Ei — Fortunato gritou para ele. — Ei, garoto!

Arnie virou-se e olhou para ele. O braço do garoto caiu.

Ele se agitava como se músculos tivessem desenvolvido cérebro próprio, e então ele pairou no ar e se contorceu através do pavimento.

Fortunato e o garoto ficaram ali, em pé, por um instante, sem compreender. E, então, o sangue começou a jorrar do pedaço de carne rasgada, e o ar cheirava a açougue.

O garoto começou a mudar. Mesmo sem um braço, seus instintos eram bons. Seu braço restante se encolheu e se encheu de escamas. As pernas começaram a inchar e sua barriga diminuiu.

Fortunato expandiu-se com seu poder e tentou parar o tempo. As pessoas ao seu redor reduziram sua velocidade, mas o sangue continuava a escorrer, sem diminuir, do encaixe do braço do menino.

O Astrônomo, Fortunato pensou. O escudo defendia o garoto do poder que poderia salvá-lo.

Fortunato tentou correr na direção dele. Era como correr num pesadelo, o ar grosso como cimento úmido, drenando suas forças. O garoto perdia sangue demais, que empoçava nos tênis, ensopando as barras do jeans. O rosto ainda era humano, exceto pelo maxilar protuberante. Os olhos reluziam do choque para a raiva, em seguida para o medo e, por fim, para o desespero.

Um punhado de carne pulou da garganta do garoto. O sangue do ombro diminuiu quando seu pescoço começou a esguichar.

O garoto entrou em colapso. Suas pernas estranhamente articuladas e o início de uma cauda longa e rígida impediram que ele caísse completamente. Seu peito se abriu e o coração caiu no concreto. Parecia estremecer à luz do sol, fibrilando espasmodicamente por não mais do que um segundo antes de parar de vez.

E, então, surgiu o homenzinho, talvez com um pouco mais de um metro e meio, em pé ao lado do cadáver distorcido do garoto. Vestia um roupão preto na altura do tornozelo que estava ensopado e manchado de sangue. A cabeça era grande demais para o seu corpo e trazia óculos de lentes grossas.

Fortunato o vira duas vezes antes. Uma vez foi no templo de maçonaria egípcia no Bairro dos Curingas, sete anos atrás. Fortunato observou-o pelos olhos da mulher que amou, uma mulher chamada Eileen, que estava morta agora.

A segunda vez foi quando Fortunato liderou o ataque ao Mosteiro, o que levou à morte do Uivador e a este assassinato, bem diante dele.

— Esperei por você — o Astrônomo disse. — Estava começando a pensar que não viria e que eu teria de começar sem você. — A voz dele tinha um ritmo horrível de cantilena.

Fortunato não conseguia se aproximar a seis metros dele.

— Por que o garoto? Pelo amor de Deus, por que o garoto?

— Queria que você soubesse — o Astrônomo disse. — Não estou mais de brincadeira. — Ele cheirou os dedos melados de sangue. — Vocês todos vão morrer. A partir de agora até quatro da manhã. Prestem atenção e acertem os relógios. — Ele olhou para o púlpito, os olhos movendo-se como se estivesse buscando alguém que não estava lá. Ele assentiu para si mesmo e sorriu.

— Quatro da manhã? — Fortunato gritava. Ele se recostou no campo de força que o amarrava. — Por que quatro da manhã? O que vai acontecer depois?

Então, o campo desapareceu e ele cambaleou para a frente, desequilibrado. O Astrônomo havia desaparecido. O tempo acelerou ao seu redor. Não conseguiu desviar os olhos quando o pai do garoto viu a ruína destroçada do próprio filho e começou a gritar.

♣

Spector esvaziou a caneca de cerveja e conteve um arroto. O Poço sem Fundo, localizado entre a 27th e a 28th Streets, meio quarteirão a oeste do Chelsea Park, estava longe o suficiente do burburinho para evitar o arrastão de turistas. O lugar tinha a reputação de violento, o que mantinha a maioria dos nativos longe. Havia apenas duas outras pessoas sentadas no bar, embora todas as mesas estivessem ocupadas. A única luz na área do bar vinha das placas de neon das cervejas e da televisão. Ele ouvia as bolas de bilhar se chocando na sala dos fundos.

— Quer outra? — o barman perguntou. Era alto, com cabelos encaracolados loiros e aparência de fisiculturista.

— Claro. — Spector estava um pouco confuso. Seus dedos das mãos e dos pés estavam adormecendo. Já estava mais do que na hora. Estava bebendo quase o dia todo. O Astrônomo não estava no seu pé, então ele podia esconder-se ali, se embebedar e assistir ao jogo quando começasse. Era apenas para matar o tempo até o horário de ele ir ao Haiphong Lily.

O barman tirou uma cerveja e a pousou sobre a madeira riscada, esburacada. Alguém havia riscado "Joyce + quem eu disser" na superfície. Spector pegou a cerveja, aproveitando o vidro gelado na pele. Como de costume, a dor o mastigava por dentro. Talvez, se tudo corresse bem naquela noite, ele terminaria matando alguns turistas. Nunca foi para a cadeia por isso. Era a beleza do seu poder. Os policiais tinham-no prendido uma vez, mas o caso foi arquivado no interrogatório preliminar. Não havia prova física para comprovar que ele havia matado suas vítimas.

"E agora, para a reportagem especial do Channel Nine, Carl Thomas, ao vivo, do Túmulo do Jetboy."

Spector olhou para a televisão. O jovem repórter negro fez uma pausa, pousou um dedo na orelha e assentiu. Pessoas na multidão atrás dele se curvavam e acenavam, tentando ser filmadas. "Aqui é Carl Thomas. Mais outra história no que já é o Dia do Carta Selvagem mais violento em dez anos. Aparentemente, um ás assassino psicopata está rondando as ruas. Sua última vítima é um garoto que tinha o poder de se transformar em um pequeno dinossauro. Não há pronunciamento oficial da polícia indicando se a morte do garoto está relacionada ao assassinato do Uivador, ocorrido pela manhã. No entanto, com base em relatos de testemunhas, este é o segundo ataque do tipo hoje praticado pela mesma pessoa. Nesta manhã, no Bairro dos Curingas, um homem que se encaixa na descrição do suspeito atacou o que acreditamos ter sido sua primeira vítima, torcendo completamente sua cabeça. Por sorte, Fortunato interveio e curou a vítima com seus poderes de ás. Infelizmente, não pôde fazer o mesmo para salvar o garoto. Aqui é Carl Thomas, Channel Nine News, direto do Túmulo do Jetboy."

— Merda — Spector pegou a cerveja e tomou de uma vez. A espuma se espalhou devagar sobre o balcão. — Tinham de noticiar na maldita TV. Não podiam ter ficado de bico calado?

"... essa terrível tragédia. Num acidente aparentemente não relacionado, Frederico Macellaio morreu num acidente de carro no início da tarde. Macellaio, conhecido como 'o Açougueiro' e com a reputação de grande figurão do submundo da cidade, morreu no local."

— Que diazinho de bosta esse — Spector murmurou.

Puxou a carteira e chamou o barman, mas o homem estava olhando para a porta. Spector virou-se. Havia três punks em pé bem na entrada. Todos tinham cabelos pretos cortados como o Moe dos Três Patetas. As palavras Garotos SONÍFEROS estavam estampadas em vermelho nas costas de suas jaquetas de couro. Cada um carregava um skate de fibra de vidro. O líder, que era um palmo mais baixo que os outros, usava óculos escuros espelhados.

— Todo mundo tirando as carteiras — disse o chefinho, estalando os dedos.

A banqueta de Spector estalou alto quando ele se virou para encará-los. Estava preocupado com o garoto de óculos; seu poder não funcionava a menos que os olhos da vítima estivessem

visíveis. Poderia cuidar dos outros dois.

— Que ótimo você adiantar nosso trabalho — disse um dos patetas, olhando para a carteira de Spector. — Passe pra cá.

Spector enfiou a carteira de volta no bolso da calça.

— Vai se foder, seu merdinha. Enquanto ainda pode.

— Faça ele engolir os dentes, Billy — o líder falou. — Vai economizar tempo com o restante.

Billy deu batidinhas com o skate em torno do corpo algumas vezes, então ergueu o *shape* em posição de ataque. Spector lembrou dos lutadores chineses que via nos filmes de kung fu. Esses caras sabiam o que estavam fazendo. Precisava se livrar deles rápido. Ele capturou o olhar de Billy. A morte de Spector fluiu para dentro dele, fazendo o outro cair de cara no estribo do bar.

— Merda, pegue ele, Romeu.

O punk menor ainda estava dando as ordens.

Romeu olhou para o corpo de Billy, então para Spector. Errado. Cinco segundos depois estava caído no chão, morto.

Spector sentiu um movimento e ergueu o braço, pegando a Ingram com a outra mão. O skate bateu no seu braço, sacudindo-o com força o bastante para derrubar a arma e mandá-la para longe. Ele tropeçou numa mesa e aterrissou no chão. A arma estava a muitos metros de distância. O punk largou o skate e agarrou a pistola. Mirou no peito de Spector e sorriu. Uma bola branca de bilhar o atingiu na cabeça quando ele puxou o gatilho.

Spector rolou enquanto as balas estouravam a mesa e o assoalho. Sentiu pedaços de madeira rasgarem sua roupa e entrarem na sua carne. Rastejou até o último Garoto Sonífero. O garoto estava sentado e sacudia a cabeça. Os óculos escuros haviam caído.

— Tchauzinho — Spector disse.

O punk encontrou o olhar de Spector, arfou e caiu. Spector pegou a Ingram e guardou-a, então se ergueu. O barman estava olhando para ele, com medo, mas irritado. Ninguém estava falando.

— Algumas pessoas não têm mesmo educação. Esses garotos estão dormindo direitinho agora. Encaixa com o nome deles — Spector disse, esfregando o braço.

O barman acenou, hesitante, para a porta.

— Não se preocupe. Estou de saída.

— Ei, valentão. Joga de volta nossa bola branca. — Um homem baixote, forte, com uma camiseta regata branca apontou para os pés de Spector. Ele pegou a bola e jogou-a de volta. — Bela tacada. — O barman tossiu.

Spector saiu para a rua iluminada de sol, enfiando a mão dentro da camisa para tirar as lascas de madeira. A briga com os punks de skate o fez esquecer por um momento do Astrônomo. Ele puxou o ar através dos dentes travados. Com o Açougueiro morto, o trabalho provavelmente estava acabado. Porém, não custaria nada descobrir. Ele puxou uma moeda de vinte e cinco centavos do bolso da calça.

Descobriu um telefone público na rua do Poço sem Fundo. Ninguém atendeu no Museu Popular, então Spector ligou para o Twisted Dragon e perguntou por Danny Mao.

Depois de esperar alguns momentos, um jovem oriental atendeu.

— Danny Mao. Quem é? — A voz era suave e segura, com apenas um vestígio de sotaque.

— Meu nome é Spector. Nasci no ano do cavalo de fogo. Preciso entrar em contato com um dos seus rapazes. Rapaz com sotaque de Boston, elegante, cuidadoso.

Uma breve pausa.

— Sr. Spector, não conheço o senhor. Quem lhe deu o meu número?

— Um curinga chamado Olho. Veja bem, fui contatado para um trabalho nesta manhã. As coisas mudaram, descobri que o que ele quer já foi feito. Pode me ajudar ou não?

— Possivelmente, mas ele é um homem muito ocupado, ainda mais hoje. Talvez eu peça para ele ligar para o senhor mais tarde

— Ótimo. Vou levar os cadernos para outra pessoa. — Ele percebeu que a mentira atraiu a atenção de Mao.

— Ah, entendi. Onde o senhor está agora?

Mao mordeu a isca direitinho. Os cadernos devem ser ainda mais importante do que Spector pensou no início.

— Dê o número para mim ou vou espalhar o boato de que você impediu a entrega destes pequenos aqui.

— Ligue para 555-4301. É uma linha privada. Melhor não tentar nos enganar. .

Spector desligou no meio da frase de Mao. Um casal jovem e chique estava em pé atrás dele, obviamente esperando para usar o telefone. Ele encarou a mulher, apalpou o meio das pernas e lambeu os lábios. Eles saíram de perto em disparada. Spector enfiou outra moeda no telefone e digitou os números.

Ele atendeu no primeiro toque.

— Latham.

Era a pessoa que havia ligado pela manhã. Sem dúvida. O único Latham que ele conhecia era um advogado cachorro grande.

— Aqui é Spector. Já soube do Açougueiro?

— Claro. A morte dele muda um pouco as coisas. — Latham não pareceu surpreso de ouvir a voz dele. Ao fundo, um som de dedos no teclado.

— Então, está tudo resolvido, certo?

— Deixe-me ver. Acho que seria melhor para o senhor jantar no Haiphong Lily de qualquer forma. A família Gambione está extremamente vulnerável. Não acredito que poderiam aguentar perder mais uma liderança. Poderia destruir a família inteira.

— Então, vocês querem o máximo possível de membros principais mortos. Certo? — Spector olhou em volta para ter certeza de que ninguém estava ouvindo à distância.

— Sim. Poderíamos até conseguir um bônus para o senhor com base em quantos conseguir neutralizar.

— Ótimo. O Olho disse que vocês ajeitaram tudo para eu entrar sem problemas. Está certo isso?

— Tenho certeza que sim. Aliás, quem lhe deu meu número direto?

— Um cara educado chamado Mao. — Spector esperava que eles dessem uns tiros embaixo das unhas do garoto-bambu.

— Sei. Obrigado, sr. Spector. Manteremos contato. Boa caçada.

Spector desligou o telefone. A moeda caiu na caixa de troco. Ele olhou para os dois lados da rua; se o Astrônomo o alcançasse, não haveria um bônus. Não haveria nem mesmo amanhã.

Já na rua novamente, Jennifer recalculou sua situação. Não estava usando muitas roupas. Estava

sem sapatos. Gastou seus últimos trocos no táxi que a trouxe de volta para Manhattan. O que fazer em seguida?

Antes que ela pudesse se decidir, contudo, as coisas foram decididas por ela.

Eles surgiram do nada. Dois homens saíram do meio dos pedestres cercando-a, pegaram um em cada braço e a arrastaram rua abaixo.

— Faça qualquer barulho e vai morrer — um deles sussurrou para ela, e ela engoliu o grito instintivo que subiu pela garganta. Cruzaram a rua e foram para um pequeno parque na frente do Museu Popular. Havia outros três homens lá, esperando. Um deles era o curinga reptiliano que ela tinha visto pela primeira vez no prédio de Kien.

— Osss cadernosss — ele chiou, aproximando-se de Jennifer. — Onde estão?

Ela recuou, fugindo da longa língua bipartida que rolava da boca do homem.

— E-eu não estou com eles.

— Essstou vendo. — Ele encarou, sem piscar, sua figura de biquíni. — Onde estão?

— Se eu disser, não vão mais precisar de mim.

O curinga reptiliano deu um sorriso amarelo, a saliva pingando dos seus incisivos longos demais que pendiam de sua mandíbula. Ele se inclinou para a frente e sua língua tremelicou cuidadosamente sobre o rosto de Jennifer. Ela se retraiu ao toque morno e úmido dela. O curinga abaixou-se mais um pouco e sua língua escorregou pelo pescoço da menina, por entre os seios, então novamente para cima e pelos braços abaixo. Roçou sensualmente o antebraço, e Jennifer arrepiou-se, com medo por um lado e prazer por outro. O homem que segurava o braço direito mantinha seu pulso firme, e o curinga lambeu a palma da mão antes que ela pudesse fechá-la num punho. A língua demorou-se na mão, então o curinga ergueu-se e puxou a língua de volta para a boca.

— Não precisamos de você de qualquer modo — ele sussurrou. — Tem gosssto de alienígena, Tachyon. — Os olhos dele se apertaram. — Por que deu a ele o caderno?

O cartão não havia mentido, Jennifer pensou. O terno tinha sido de Tachyon e este curinga de alguma forma sentiu o cheiro dele. Não poderia negar a acusação, mas também não quis falar a eles que havia deixado os cadernos na estátua. Precisava inventar uma bela história, mas não era uma boa mentirosa.

— Hum...

— Diga.

Os dedos do curinga tinham unhas grossas, afiadas. Passou-as na pele nua do peito de Jennifer, sem força o bastante para arrancar sangue, mas deixando vergões vermelhos com sua passagem.

— Hum...

A árvore atrás deles explodiu. Explodiu direto para cima, despejando sobre eles folhas e pedaços de galhos. As ondas de choque da explosão lançaram Jennifer e os homens que a seguravam ao chão. Um soltou seu braço, e ela deu três joelhadas no outro. Não soube se acertou o estômago ou a virilha, mas a pancada foi forte o bastante para fazê-lo gritar e soltá-la. Ela rolou para longe e olhou ao redor, em desespero, enquanto os brutamontes se erguiam.

— Lá!

Um deles apontou para o outro lado da rua. Um homem olhava para eles. Suas feições estavam escondidas por uma touca. Era de altura média, com corpo bem formado. Nada nele se destacava, exceto pelo arco que segurava. Era uma peça de alta tecnologia com curvas estranhas, muitas cordas e o que pareciam ser pequenas polias pregadas nele. Estava encaixando calmamente outra flecha, enquanto as pessoas do seu lado da rua também percebiam e começavam a correr como um bando de galinhas assustadas.

O reptiliano pareceu reconhecê-lo. Chiou com ódio quando o homem elevou o arco, mas um ônibus que descia a rua de repente bloqueou seu alvo.

Os brutamontes estavam espalhados, e Jennifer aproveitou o momento propício para desaparecer. Correu para dentro do parque, agradecendo sua sorte pela intervenção daquele homem.

Como ele se envolveu nisso?, ela se perguntou. O que ele poderia querer? Ela pensou se ele era o desvairado Arqueiro Vigilante que encheu as páginas dos jornais nos últimos meses. Devia ser. A cidade de Nova York era um lugar estranho, mas ela duvidava que poderia haver duas pessoas correndo por aí atirando nas coisas com arco e flecha.

E percebeu algo mais enquanto atravessava um bosque, retraindo-se ao pisar numa pedra pontuda. Já tinha visto aquele cara. Mesmo que estivesse usando um capuz, ela o reconheceu pelas roupas e pelo físico como o homem que a havia interpelado nas arquibancadas do Ebbets Field.

Por que ele a seguia? O que *ele* queria?

Capítulo IX

14h00

Já eram duas da tarde quando Nômada pôde voltar ao gabinete de Rosemary. As ruas e os metrôs estavam cheios de festeiros mascarados e maquiados. Antes disso, ela avistou um focinho de crocodilo na multidão, mas, quando se virou na direção dele, percebeu que era de papel machê – e não Jack. Isso a perturbou profundamente. Nômada sempre sentiu frustração nas mudanças da sua vida causadas pelo vírus. Jack e sua metamorfose, quase sempre incontrolável, a ensinou que existiam destinos piores do que vivenciar a morte, o nascimento e a dor de cada criatura selvagem da cidade.

Ela se recostou em um muro e refletiu sobre o destino horrível dos curingas, incapazes de se esconder, pois suas deformidades eram terríveis demais ou potencialmente letais para serem ocultadas.

Presos no isolamento dos próprios corpos traidores. Nômada sentiu um arrepio violento, fechou os olhos por um instante, e expandiu-se em pensamento até o gato preto e a tricolor, seus mais antigos companheiros. Estavam seguros. O pensamento a tranquilizou.

Um leve tranco a alertou. Ela segurou a bolsa de tecido camuflado enquanto enviava uma onda de ódio e ameaça ao homem que tentava agarrar sua bolsa de mão. Assustado com a reação dela e desorientado pela sensação estranha na cabeça, o batedor de carteira mascarado de curinga com tentáculos refugiou-se na multidão. Ela raramente tentava usar suas habilidades em humanos; nunca tinha certeza de qual seria o efeito, se houvesse. Ainda desconfortável nos saltos, Nômada se despregou do muro e entrou no fluxo ondulante da multidão enquanto esta, e ela, moviam-se na direção do Túmulo do Jetboy e do Departamento de Justiça.

Quando chegou ao Departamento de Justiça, muito do aglomerado havia se dispersado para o Bairro dos Curingas, para o Túmulo do Jetboy ou para Chinatown. Nômada entrou no prédio da promotoria pública. Sentia-se menos em casa nos trajes de mulher de negócios do que nos seus trapos, e era mais difícil caminhar com a cabeça erguida, de forma confiante. Chegando ao andar de Rosemary, percebeu que Paul Goldberg não estava mais na função de telefonista. Nômada meneou a cabeça para a nova recepcionista e foi até o gabinete de Rosemary. Enquanto se dirigia até lá, Goldberg saía de um gabinete contíguo, com os braços cheios de livros de jurisprudência, quase colidindo com Nômada.

— Meu Deus! Desculpe — Goldberg tentou equilibrar os livros, conseguindo com quase todos, menos aquele que Nômada agarrou com destreza.

— Obrigado — ele disse. — Você está bem?

— Ótima. Você foi liberado dos telefones, eu vi. — Nômada deixou o livro cuidadosamente sobre a pilha, embaixo do queixo de Goldberg.

— Você me viu lá? — Goldberg deu um sorriso amarelo, então, olhou confuso. — Não consigo acreditar que não me lembro de ver a senhora.

— Você estava distraído. A srta. Muldoon está? — Nômada apontou para o gabinete de

Rosemary.

— Se você acha que houve distrações esta manhã, vai amar esta tarde. As portas do inferno se abriram. — Os livros penderam um pouco para a direita. — Então, se tiver oportunidade, diga adeus antes de sair. A senhora será um fôlego de sanidade.

— Vamos ver. — Ela esticou o braço e arrumou o volume que estava no topo.

— Goldberg! Onde estão as malditas jurisprudências? — A voz rouca e desencarnada estava bastante impaciente.

— *Nunca* deixe a sra. Chavez esperando. — Ele prendeu o primeiro livro com o queixo e começou a trotar pelo corredor. — Mais tarde, eu espero.

Nômada virou-se para vê-lo partir. Olhando de volta para o gabinete de Rosemary, Nômada a viu recostada no batente da porta, sorrindo.

— Fazendo uma conquista, srta. Melotti? — Rosemary acenou para Nômada entrar no gabinete.

Nômada sacudiu a cabeça, percebendo com raiva que havia enrubescido.

— Fiu-fiu. Por que está toda arrumada? — Rosemary fechou a porta atrás de si. — Sente-se.

— Negócios. — Nômada sentou-se e tirou os sapatos, com um suspiro inaudível.

— Isso traduz "eu realmente não quero saber"? — Rosemary recebeu apenas um olhar insípido de Nômada. Então, continuou: — O Açougueiro está morto. Acidente de Carro. Não posso dizer que estou tremendamente confusa, mas não engulo a teoria de acidente. Sabe de alguma coisa? Aconteceu no Central Park, pouco depois do meio-dia. — Rosemary estava sentada na ponta da mesa e recostada para trás, esticando o pescoço e arqueando a espinha. — Como especialista residente nas famílias mafiosas, todos estão me perguntando sobre isso. Esperava que talvez um esquilo ou um dos gatos pudesse ter visto alguma coisa.

— Desculpe. A memória deles é curta demais para... — Nômada suspirou e parou de repente: — Jack! — O corpo dela convulsionou.

— Suzanne, o que está havendo? Chamo um médico?

Rosemary agarrou a mão de Nômada, mas esta a afastou. Nômada viu *o fim do focinho dela, uma chama brilhante; viu a mão segurando um pacote de pequenos cadernos enrolados num plástico transparente, outra mão acenando com uma pistola; outro flash..*

♣

Ela ainda parecia ter dezesseis anos para Fortunato, embora obviamente tivesse idade o bastante para servir bebidas. Estava de jeans, tênis e camiseta por baixo do avental, e seu cabelo castanho-avermelhado estava preso numa confusão frouxa no topo da cabeça. Tinha uma fileira de pratos alinhados num braço e um turista gordo agarrado no outro. O turista estava gritando alguma coisa e ela havia começado a suar.

O suor dela era um evento. A água começou a se condensar no ar ao redor dela. O turista gordo olhou para cima, tentando imaginar como poderia estar chovendo lá dentro.

— Jane — Fortunato disse, em voz baixa.

Ela se virou, olhos arregalados como os de uma gazela.

— Ei! — ela disse, e os pratos foram ao chão.

— Relaxe — Fortunato falou. — Pelo amor de Deus.

Ela tirou o cabelo da testa.

— Você não acreditaria o dia que tive.

— Sim — Fortunato disse. — Eu acreditaria. Quero que não faça nenhuma pergunta, apenas venha comigo, agora. Deixe bolsa, suéter ou seja lá o que for.

Claro que ela não gostou da ideia. Olhou para ele por alguns segundos. Ela devia ter visto algo lá, visto a urgência nos olhos dele.

— Hum... tudo bem. Mas é melhor que seja importante. Se for alguma brincadeira, não vou ficar nada feliz.

— É questão de vida ou morte. Literalmente.

Ela assentiu com a cabeça, tirando o avental e enrolando-o numa bola.

— Tudo bem, então. — Ela jogou o avental em cima de uma pilha de pratos quebrados. — Este emprego é uma bosta mesmo.

O turista gordo se levantou.

— Ei, que diabos está acontecendo aqui? Você é o cafetão dela ou o quê, cara?

Fortunato nem teve chance de reagir. A garota lançou sobre o gordo um olhar de puro ódio e a garoa que caía ao redor dele transformou-se numa torrente repentina de cinco segundos que o encharcou da cabeça aos pés.

— Vamos embora daqui — Nenúfar disse.

— Meu bom Deus, e quantas vezes você já foi roubado? — ela perguntou enquanto os olhos pairavam sobre a sala de estar imaculada, com seu tapete branco de pelúcia, cortinas verticais marrons, piano de meia cauda branco e sofá modular marrom.

— Muitas, demais. Eu queria de verdade que vocês, seres humanos, tivessem a sensibilidade para legalizar os narcóticos. Tornaria a vida muito mais simples para muita gente.

— Alguns de nós, seres humanos, desejam isso também. Traria uma bela bolada de dinheiro para nações em desenvolvimento — ela respondeu, caminhando para acariciar as pétalas de um buquê elaborado de gardênias e orquídeas que descansava sobre o tampo de vidro da mesa de canto. O ar-condicionado barulhava, despejando o ar frio na sala, tornando-a menos que confortável.

As gardênias rescendiam a fragrância na sala, que se mesclava ao aroma do café que ainda pairava desde a manhã e ao cheiro pungente de incenso. O restante da mesa estava totalmente vazio, a não ser por um grande livro de fotos. *All Those Girls in Love With Horses*, de Robert Vavra. Roleta deitou o livro no colo e o folheou.

— E o que você ama? As garotas ou os cavalos?

— O que você acha? — Tachyon respondeu com um sorriso brincalhão. Ele estava ouvindo as mensagens da secretária eletrônica, a maioria das quais parecia ser de mulheres. A última mensagem terminou, e ele desligou a secretária e tirou o telefone da tomada. — Para que a gente possa ter ao menos algumas horas de privacidade. — Ela achou que não conseguiria competir com o desejo no olhar dele, então baixou os olhos de volta para o livro.

— Quer uma bebida?

— Não, obrigada.

A tensão tomou conta da sala, formando linhas quase tangíveis entre eles. Agitada, Roleta se levantou e andou a esmo pelo recinto. Duas paredes estavam cobertas por estantes de livros altas, até o teto, com obras em diversos idiomas, e em um nicho formado por reentrância na parede e ladeado por duas janelas havia o que poderia ser descrito como um altar. Uma mesa baixa coberta por um tecido cinza bordado sustentava um arranjo de flores simples, mas profundamente belo, uma única vela, uma pequena faca e um potinho com sementes hopi portando um longo e fino incenso.

— Isso aqui é para...

— Adoração? — ele falou, virando-se da pequena bancada da cozinha onde ele servia um drinque para si. — Sim. Esse é aquele negócio de ancestrais que eu lhe disse.

Aquilo escancarou um conjunto inteiro de memórias perturbadoras: cantando no coro na Igreja Metodista, na terra natal, a mãe ensaiando os anjos para o cortejo de Natal, a cabeça pendendo de forma enérgica enquanto ela tirava a melodia no velho piano, e as vozes das crianças como cigarras cantantes enchendo a casa. Ficava assustada com um sermão sobre inferno e danação de um missionário visitante, e agarrava-se ao pai para se confortar.

Ela saltou para o piano, sentando-se na banqueta estofada. Um violino, suas curvas suaves e douradas, refletindo a luz de um conjunto de lâmpadas de teto, jazia sobre o piano. E, pela primeira vez, ela encontrou alguma desordem naquela sala perfeita. Uma confusão de partituras desfilava sobre a banqueta. Roleta franziu o cenho e curvou-se para a frente, estudando a notação em uma das peças escritas à mão. As notas pareciam estar em posições familiares, mas havia notações estranhas nas claves. A tampa do piano se retraiu com um baque seco, e ela começou a tocar de primeira a música.

Ficou bem atenta quando Tachyon chegou atrás dela, pois a noção de magnetismo vibrante aumentou, e o aroma delicado que ele exalava a dominou. O gelo tilintou no copo quando ele tentou bater palmas.

— Bravo, você é bastante hábil.

— Deveria ser, minha mãe é professora de música.

— Onde?

— Numa escola pública da Filadélfia.

Uma pausa rápida, então o takisiano perguntou:

— O que achou?

— Bem mozartiana.

Uma pequena linha surgiu entre as sobrancelhas arqueadas de Tachyon, e ele fechou os olhos como se sentisse dor.

— Que fracasso.

— Desculpe, não entendi.

— Nenhum artista gosta de ser chamado de uma derivação de outro.

— Ah, desculpe.

Ele ergueu uma das mãos pequenas. Deu um sorriso amarelo.

— Mesmo sabendo que é verdade.

Ela se virou e folheou as páginas, foi para a segunda.

— Derivação ou não, é bonita.

— Obrigado, fico feliz por meu pequeno esforço te agradar, mas vamos tocar um verdadeiro mestre. Raramente eu encontro alguém com quem eu possa... — ele fez uma pausa e lançou para ela um olhar iluminado pela maldade — . . soltar os dedos.

Ele folheou rapidamente as pilhas de partituras e puxou a *Sonata para Violino e Piano* em fá

maior de Beethoven, a conhecida sonata *Primavera*.

Ela observava, atraída pela maneira como as mãos pequenas, elegantes e cuidadosamente feitas acariciavam a superfície polida do violino, apertando uma corda aqui, tirando uma única nota vibrante ali.

— O que prefere? — ela perguntou, apontando para o piano e para o violino.

— Não consigo escolher. Sou parcial quanto a isso. — Outra carícia na madeira do violino. — Pois isso aqui me manteve mais na beira da sarjeta do que dentro dela por alguns anos.

— Desculpe?

— Velha história. Podemos afinar?

O lá maior que vibrou na sala casou com um tom flutuante do violino.

— Meu Deus, o que é isso? Um Stradivarius?

— Quem me dera. Não, é um Nagyvary.

— Ah, aquele químico do Texas que pensa que descobriu o segredo da escola Cremona.

O violino se desencaixou do queixo dele, e ele sorriu para ela.

— Você é uma delícia. Tem alguma coisa que você não saiba?

— Posso dizer que muitas coisas — ela retrucou, seca.

Os lábios dele apertaram-se no canto da boca de Roleta, seguindo para o pescoço, a respiração soprada de forma suave e morna sobre sua pele.

— Podemos tocar? — E ela percebeu, com embaraço e raiva, a empolgação de sua voz.

Começaram em perfeito uníssono, o violino fez a primeira pausa, então deslizou numa ornamentação elegante. Ela ecoou a frase, e o tempo parou, e a realidade desapareceu.

Vinte minutos de harmonia perfeita e genialidade graciosa. Vinte minutos sem palavra ou pensamento, ou preocupação. Um momento perfeito. Tachyon estava transportado; olhos fechados, cílios roçando as altas maçãs do rosto, os cabelos ruivos metálicos enroscados no violino, a felicidade no seu rosto estreito.

Roleta pousou as mãos no colo, encarou as teclas, enquanto Tachyon, que também ficou em silêncio, devolveu o violino para o estojo. Momentos depois, as mãos dele tocaram os ombros dela, pousadas como pássaros nervosos, meio assustados para permanecer.

— Roleta, você me faz sentir. . bem, algo que não sentia há muitos, muitos anos. Estou muito feliz por você ter descido a Henry Street hoje. Talvez tivesse até um motivo para isso.

Ela observou com interesse até distante os dedos apertados com os nós esbranquiçados pela tensão.

— Está buscando um significado de novo.

— Pensei que você havia me alertado apenas contra buscar conforto.

— Bem, acrescente significado ao alerta. — Ela ergueu um canto do manto entorpecente com o qual ela cobria as emoções e descobria o pânico pulsando no ritmo das batidas aceleradas do coração.

Ela sondou a alma e encontrou uma ferida sangrando. *Medo, ódio, culpa, arrependimento, desespero.*

Ela o acusava.

— Vamos para a cama.

E ela se surpreendeu com as palavras diretas que escondiam tanta angústia.

♠

Teria sido mais rápido atravessar a cidade pelos subterrâneos. Jack desceu às pressas a escadaria da estação West 4th Street. Um nível, dois níveis, três. Poucas pessoas além dos trabalhadores da manutenção desciam ao quarto nível. Ele atravessou uma porta de aço anônima e entrou no túnel de manutenção leste–oeste. Nas suas pequenas gaiolas, as lâmpadas turvas de segurança lançavam um brilho amarelado quebradiço, criando ilhas de luz pela passagem. Os sapatos de Jack arrastavam-se na sujeira.

Era revigorante ser capaz de andar a passos largos sem ter que prestar contas a um número infinito de pedestres mais lentos que entravam no caminho. Jack olhou o relógio e, então, olhou de novo, sem acreditar. Eram apenas duas e pouco. Parecia que estava procurando Cordelia pela cidade havia dias. Mais diretamente, havia perdido por completo a noção de tempo. Perguntou a si mesmo se talvez estaria perdendo tempo naquele instante. Talvez devesse ligar para Rosemary, consultar a Nômada, telefonar para a polícia, *qualquer coisa*. . Ele deveria procurar, em vez de pensar.

Quando virou numa curva fechada na passagem e trombou com alguém vindo da outra direção numa corrida desenfreada, ele teve, em primeiro lugar, apenas a mais breve impressão de uma figura obscura. Vislumbrou um olho grande no meio do rosto do outro, um monóculo reluzindo à luz turva.

— Filho da puta! — disse a outra pessoa, erguendo a mão na direção de Jack. Uma chama vermelha surgiu do punho, uma onda sacolejante de dor estalou contra os ouvidos de Jack, e ele ouviu algo zunindo passando ao lado da cabeça, ricocheteando contra o muro de concreto do corredor. Lascas de cimento espalharam-se ao lado do rosto. Ainda não havia dor.

— Ei! — Jack gritou. Abaixou-se no chão do túnel e as epinefrinas tomaram as rédeas. Agora, tudo era instinto. Toda a tensão enclausurada ao longo dia, a frustração da busca, seu desejo intermitente de matar alguém, acenderam-se numa massa crítica. Também estava faminto. Muito faminto.

— Desgraçado. Afaste-se de mim! Você vai morrer! — A figura obscura baixou a pistola. Outro tiro. Jack viu as fagulhas quando a bala atingiu um pilar de aço.

— Que diabos está fazendo? — Jack gritou. — Aaaaaaaah! — gritou o cérebro reptiliano, inundado pelos hormônios bem-vindos. Jack sentiu seu corpo se alongar, a cauda atrofiada se estender e inchar, as roupas rasgarem, o focinho brotar diante dos olhos. As fileiras de dentes surgiram mais rápido do que qualquer coisa que Cadmo semeasse.

Suas patas raspavam em busca do chão de terra batida. Ele chiou de ansiedade.

Faminto, ele pensou. Havia raiva, também. Porém, mais fome.

O homem com a pistola voltou para o canto da curva. Segurava algo brilhante na outra mão. Encarava, incrédulo, o crocodilo.

— Vá embora, merda!

As mandíbulas abriam e fechavam, imensas, o crocodilo lançou-se para a frente. Um breve estrondo ecoou quando a pistola brilhou e uma bala fendeu a lateral escamada da criatura acima da pata dianteira. As mandíbulas fecharam-se com força incrível enquanto o homem gritava e agitava as mãos numa tentativa desesperada de defender-se da fera. A pistola voou longe, desaparecendo na escuridão. Um pacote enrolado em plástico foi parar na boca do crocodilo. Junto com a mão que o segurava. Junto com o pedaço de um braço, o ombro do homem e seu rosto. Seus gritos borbulhantes pararam em questão de segundos.

O vidro estilhaçou quando o monóculo girou e chocou-se contra a parede do túnel.

O crocodilo retorceu as mandíbulas para fora dos restos do cadáver. Não havia mastigação. A comida descia pelo esôfago, onde as enzimas poderosas cuidavam de acalmar a fome. Abriu a bocarra para rugir uma provocação. Ninguém, nada respondeu. O crocodilo sacudiu

pesadamente a cabeça de um lado para outro do corredor. Em algum nível profundo, ele se lembrou que a comida não era sua única prioridade daquele dia.

Começou a avançar na escuridão. Havia algo que precisava fazer.

♥

— Um táxi? — Nenúfar disse. — Pensei que estivéssemos com pressa.

— Isso vai resolver — Fortunato falou. — Não queremos nenhum movimento impressionante. Não hoje.

O táxi estacionou e eles entraram.

— Empire State Building — Fortunato instruiu o motorista. Recostou-se no banco traseiro. — Não precisamos posar de alvo hoje.

— É o Astrônomo, não é?

— Ele acabou de matar o Kid Dinossauro. Fez picadinho dele. Teria matado o Ceifador, mas ele foi mais durão que qualquer um que conheci. Provavelmente ouviu falar do Uivador. Ele... — Ele interrompeu. Jane havia parado de ouvir em algum momento no meio da falação.

— Kid Dinossauro? — ela perguntou.

Fortunato assentiu.

— Jesus. — Ela olhou para a frente. Água — não lágrimas — brotaram nas bochechas dela. Fortunato não conseguia dizer se estava chorando de verdade ou havia começado a rasgar o estofado do táxi. Por fim, ela falou. — Tudo bem. — As palavras saíram curtas e abafadas. Tentou novamente. — Tudo bem. Conte comigo. Quando começamos?

Não estava funcionando, Fortunato pensou. Ela não se mostraria fraca e desesperada na frente dele. Havia passado por poucas e boas. O que fazer quando eles não querem sua proteção?

— Hum — ele falou. — Que tal uma missão de guarda-costas?

— O quê, está falando sério? Para proteger quem?

— Eu estava pensando em Hiram Worchester.

— Ah, aquele gordo?

— Ele identificou as moedas do Astrônomo. Ele pode estar em perigo também.

— Ah, está certo — ela falou. — Por ora.

♣

Um estabelecimento celebrado e único como o Aces High atraía sua parcela de problemas, e Hiram cedera havia muito à necessidade infeliz de segurança, mas insistia que precisava ser discreta. Os homens (e as mulheres) de Peter Chou eram rápidos, eficientes, altamente qualificados e muito reservados. Quando era para lidar com bêbados, ladrões e aproveitadores, ninguém era melhor. Porém, o Astrônomo ia além do que eles foram treinados para lidar.

Modular, por sua vez, era mais escandaloso do que um curinga em Idaho. O androide tinha

uma certa beleza masculina padrão, embora suas feições pré-fabricadas não tivessem linhas de expressão ou cabelos. Trazia um solidéu para esconder o tampo do radar instalado na cabeça. Dois lançadores de granadas ficavam montados em pivôs giratórios, encaixados na carne sintética dos ombros.

Os módulos dos ombros abriam de imediato, e em geral Hiram insistia que Modular verificasse o armamento na porta. Mas hoje não era um dia de normalidades. Quando o androide aterrissou na sacada e foi conduzido até o escritório do ás, Hiram perguntou diretamente que tipo de armamento ele trazia consigo.

— O módulo esquerdo lança bombas de gás lacrimogênio e o da direita está carregado com bombas de fumaça — Modular falou. — A fumaça não afeta meu radar, claro, mas cega qualquer possível adversário. O gás lacrimogênio...

— Eu sei o que o gás lacrimogênio faz — Hiram disse, ríspido. — Seu criador supõe que o Astrônomo precisa respirar. Vamos esperar que ele esteja correto.

— Eu poderia mudar o lançador de granada por um canhão de vinte milímetros perfurador de blindagem — Modular falou, animado. Hiram fez um som sufocado. — Se você sequer *pensar* em disparar um canhão dentro do meu restaurante, você nunca mais porá os pés aqui.

— De fato, é mais parecido com uma metralhadora grande.

— Não interessa — Hiram respondeu com firmeza.

— Quer que eu patrulhe o perímetro?

— Quero que você fique sentado no fim do bar e fora do caminho — Hiram disse a ele. — Ainda tem muito trabalho a ser feito. Os convidados vão começar a chegar por volta das sete para o coquetel.

— Se alguma coisa tiver que acontecer, deve acontecer bem antes disso.

Ele acompanhou o androide até o bar e o deixou na companhia de uma garrafa de uísque *single malt*. No caminho até o escritório, Curtis abordou-o.

— A lagosta foi a única coisa que eles se importaram em destruir — ele relatou. — Alguns dos empregados do Guelra estão limpando o estrago. Aqueles que não saíram correndo. O Guelra foi levado para a clínica do Bairro dos Curingas.

— Descubra quem está no comando e diga que quero atum — Hiram disse. — Tudo que ele tiver. Vamos fazer atum escurecido esta noite em vez de lagosta.

— Paul não vai gostar de saber — Curtis disse.

Hiram fez uma pausa na porta do escritório.

— Deixe que grite. Em seguida, deixe que cozinhe. Se ele se recusar, eu mesmo faço. Tenho familiaridade com a cozinha *cajun*. — Ele fez outra pausa, pensativo. — Os crocodilos têm um paladar interessante. Você não acha que o Guelra poderia ter... não, isso é demais para pedir. Ah, e ofereça um bônus pelo atum. Se eu não tivesse interferido de manhã, nada disso teria acontecido.

— O senhor não deve se culpar — Curtis afirmou.

— Por que não? — Hiram quis saber. Ele bufou. — Lembro quando fui diagnosticado, em 1971. Depois que Tachyon confirmou que eu não morreria, que em vez disso eu havia recebido poderes extraordinários, decidi que deveria usar esses poderes para o bem comum. Absurdo, eu sei, mas era o que estava em voga na época. Eu te digo, Curtis, o heroísmo é uma escolha de carreira ridícula, embora nem metade do que eu ficava ridículo nos meus trajes. — Ele parou, refletiu e tirou um pedaço de linha da ondulação do seu colete. — Era bem cortado, mas, ainda assim, ridículo. De qualquer forma, meu físico era inconfundível, mascarado ou não, e meu experimento inútil como aventureiro semiprofissional terminou de repente, quando um colunista fofoqueiro acertou em cheio minha identidade. Não sou um homem modesto, Curtis, mas na

comida é o que sou melhor. O Guelra estaria muito melhor se eu tivesse lembrado disso esta manhã. — Ele se virou antes que Curtis pudesse responder, e fechou a porta do escritório atrás dele.

Seu almoço aguardava na mesa: três costelas de porco grossas grelhadas com cebola e manjericão, acompanhadas de salada de macarrão, brócolis no vapor com queijo romano gratinado e uma fatia do famoso cheesecake do Aces High. Hiram sentou-se e contemplou a comida.

Um jornal estava ao lado da bandeja de almoço intocada. O *Daily News* já havia distribuído uma edição extra, e Anthony trouxe um exemplar junto com o smoking de Hiram. A imagem espalhada na capa do tabloide havia sido tirada no Túmulo do Jetboy por algum fotógrafo amador.

Hiram supôs que era uma grande foto de jornal, mas mal conseguiu olhar para ela.

Flagrou-se desviando o olhar do corpo mutilado de Kid Dinossauro e observando os rostos ao fundo. As emoções eram fáceis de ler: horror, histeria, angústia, choque. Alguns pareciam apenas perplexos; outros olhavam com uma fascinação doentia. À direita, no canto, havia uma loira bonita que não deveria ter mais do que dezoito anos, rindo, sem dúvida entretida com alguma observação espirituosa do garoto cujo braço ela segurava, como se esquecida do horror a poucos metros de distância. Como ela se sentiu quando olhou ao redor, o sorriso ainda fresco nos lábios? Como ela se sentiria quando visse essa foto, seu sorriso congelado para todo o sempre?

O almoço estava esfriando, mas Hiram não tinha apetite. Kid Dinossauro era uma chateação constante para o proprietário do Aces High. Lembrou-se de uma noite quente de verão, quando um pteranodonte atravessou voando as portas abertas do terraço e voou baixo sobre os comensais. Bebidas foram entornadas, pratos caíram, o carrinho de sobremesas tombou e meia dúzia de clientes indignados saíram sem pagar a conta. Hiram teve de pôr um fim no incidente deixando a criatura pesada demais para permanecer em voo, e o reprimiu de forma violenta. Disseram que o garoto ficou apavorado por quase uma semana.

Quando o telefone tocou, Hiram atendeu rapidamente.

— O quê? — ele exigiu, ríspido. Não estava a fim de conversa.

— Eu, Hiram — Jay Ackroyd falou.

Hiram quase havia esquecido do detetive.

— Onde você está? — ele perguntou.

— Agora estou num telefone público ao lado do banheiro masculino do Crystal Palace, sendo observado por um curinga que parece um cruzamento de touca de banho e tigre-dentes-de-sabre. Acho que ele quer usar o telefone, então vou direto ao ponto. Crisálida tem informações.

— Crisálida tem muitas informações — Hiram disse.

— Das boas — Ackroyd retrucou. — Seu amigo Pancada não está sozinho. Ele e a gangue toda são parte de algo muito, muito maior. Crisálida sabe quem e o que, mas o preço que ela deu para a informação está muito além do meu orçamento. Talvez não do seu, claro. Vou levá-la hoje à noite, daí você conversa com ela pessoalmente.

— Vai trazê-la *aqui*? — Hiram perguntou. — Jay, ela é curinga, não é ás.

— Eu sou ás — Ackroyd lembrou. — E ela é meu par. Fiz ela prometer que cobriria os peitos. Eu acho uma vergonha. São belos peitos, mesmo que sejam invisíveis. Finja que ela é britânica e vocês vão se dar bem.

— Está bem — Hiram respondeu. — E enquanto você estava arrumando sua agenda social e examinando os peitos da Crisálida, o Pancada mandou o Guelra para o hospital e destruiu minhas lagostas.

— Eu sei — Ackroyd disse.

Hiram ficou pasmo.

— Como você soube?

— Eu passei na Fulton Street antes de ir ver a Crisálida, pensando que talvez pudesse ver o Guelra, encantá-lo com alguns truques de mágica, tirar uma moeda das guelras e ver se ele falaria comigo. Desconfiei logo quando vi um caminhão queimando num beco. Aquele cara de mais de dois metros estava saindo quando eu entrei. Parecia muito com o cara que está esperando aqui pelo telefone, só que horrível. Fiz uma detenção civil. Ele está na prisão de Tombs.

— Meu Deus — Hiram exclamou. — Jay, esta é a primeira boa notícia que ouvi hoje. Obrigado e bom trabalho. Vai receber um mês de refeições gratuitas por isso.

— Inclusive entradas, eu espero. Mas não acabou ainda. O Pancada está preso por ora, no entanto, mais cedo ou mais tarde alguém vai dar conta dele gritando lá, e então vão contar as cabeças e mandá-lo embora, a menos que possamos acusá-lo de alguma coisa. Você pode ir ao centro e fazer as honras?

Hiram sentiu um terrível incômodo.

— Eu.. Jay, eu quero, mas é impossível eu sair daqui agora.

— Uma crise com o patê de *foie gras*?

— Fortunato vai trazer algumas pessoas para cá. Preciso, hum, ficar. Além disso, nunca vi o Pancada mais gordo. O Guelra foi o único que eles atacaram. Ele que precisa dar queixa.

— Ele está apavorado, Hiram.

— Se acabarmos com o Pancada, ele não terá com que se apavorar. Diga isso a ele. Ele não pode deixar que eles se safem dessa.

Ackroyd suspirou.

— Tudo bem. Vou falar com ele. Inferno. Em dias como esse, eu queria poder desaparecer. Tem alguma ideia de como está o trânsito lá fora?

Spector olhou para o rio Hudson, na direção da costa de Jersey. Ele cresceu em Teaneck. Pelo que conseguia lembrar, odiava os nova-iorquinos. Odiava-os por seus comentários desdenhosos e seu estoque interminável de piadas sobre Jersey. Realmente pensavam ser melhores só por viver a alguns quilômetros de distância. Cada nova-iorquino que ele matava era uma pequena vingança pelo jeito que sempre foi tratado por eles.

Naquele momento, o Astrônomo já sabia que ele estava vivo. O velhote provavelmente estava ocupado demais para ver TV, mas tinha um monte de lacaios para entregar informações de bandeja. Spector poderia apenas esperar que os outros ases na lista de caça fossem mais importantes do que ele. Caramba, havia mesmo uma chance de o Astrônomo bater as botas. Eles já haviam detonado com ele uma vez. Se ele conseguisse ficar fora do caminho, Spector poderia ler o obituário de todo mundo no *Times* amanhã.

A West Side Highway estava atrás dele, já atravancada de carros. As docas estavam à toda; os trabalhadores ainda precisavam comer. Não poderiam decretar o dia livre para perambular por aí.

Spector olhou para Manhattan atrás de si. O prédio Windhaven Tower estava em frente à rodovia. Os apartamentos nele eram exclusivos e caros. A arquitetura era algo tirado dos livros de ficção científica de banca de jornal, inclusive um saguão aberto no alto do prédio. Ele seguiu a linha prateada ininterrupta da torre até lá em cima. Apertou os olhos. Havia alguma coisa, alguém, lá em cima.

Um homem de asa-delta pulou da beirada do terraço, vinte andares acima. Ele mergulhou por alguns segundos, então arremeteu e partiu na direção do rio.

— A polícia vai te jogar na cadeia quando te pegar, camarada. — Spector odiava alturas, e estremeceu quando pensou em cair de um prédio como aquele, com ou sem asas. Ele se virou novamente para Jersey.

Algo vinha na direção da cidade, atravessando o rio. Estava a muitas dezenas de metros no alto e movia-se rapidamente. Ele reconheceu o casco familiar.

— Tartaruga. Então, o Astrônomo não te pegou ainda.

Spector gostava do Tartaruga tanto quanto gostava dos outros ases que atacaram o Mosteiro, o que não era muito. Ele ajeitou os ombros e esfregou a boca, sentindo-se, de repente, vulnerável. Se o Astrônomo tentasse pegar o Tartaruga agora, ele não iria querer estar por perto.

O Tartaruga diminuiu a velocidade e pairou sobre o rio. Alguns barcos particulares estavam navegando por ali, balançando um pouco com o golpe leve, mas não pareciam ter qualquer tipo de problema. O Tartaruga começou a oscilar um pouco; o cara na asa-delta inclinou-se e foi direto para cima dele. Spector quis correr, mas a curiosidade o manteve onde estava. O da asa-delta movia-se direta e rapidamente na direção do Tartaruga. Estava a menos de trinta metros de distância. Veio um som como o de vidro sendo cortado e, então, um estalo alto; a asa-delta mudou de direção. Spector reconheceu o ruído e sabia que o Tartaruga estava em perigo. Um dos últimos ases que o Astrônomo havia atraído era um garoto porto-riquenho que ele chamava de Imã. Conseguia gerar pulsos eletromagnéticos que neutralizavam toda a eletricidade num raio de quase cinquenta metros. As câmeras e os outros equipamentos no casco do Tartaruga tinham virado um monte de lixo naquele momento.

Imã manobrou sua asa-delta de volta para o lado do Tartaruga. O vento segurava-o um pouco, fazendo-o ganhar altura. Estivadores estavam arrumando suas caixas, olhando para o rio. Momentos depois, o casco estava coberto de uma explosão de chamas alaranjadas. Napalm. A explosão ecoou na água. Quando as chamas começaram a arrefecer, Spector conseguiu ver pedaços do casco incendiados. O Tartaruga começou a oscilar cada vez mais e caiu na direção do rio. Houve um golpe alto e um chiado quando o casco atingiu a água. Um dos barcos próximos rumou na direção do Tartaruga. O casco flutuou por um segundo, então afundou rápido, como se houvesse polias puxando-o para baixo no fundo do rio. Não sobrou nada além de um pequeno vapor na superfície do rio.

— Jesus. Quem pensaria que poderia ser tão fácil? — Spector sentiu a pele enrijecer. Podia apostar que o Astrônomo assistiu à queda do Tartaruga da mesma forma que ele. Os outros ases não seriam de grande ajuda. O Astrônomo estava destruindo-os um a um. Conseguiram derrubá-lo antes apenas porque se organizaram e pegaram o velho de surpresa. Hoje, era o contrário. Spector ouviu sirenes se aproximarem. Ele se virou e correu.

♠

— Vimos na TV — Hiram disse a Fortunato. — Primeiro o Uivador, então o Kid. Foi horrível, inacreditável.

Fortunato assentiu, desconfortável, no escritório cheio. O *chef* de Hiram estava lá, seu leão de chácara, alguns dos garçons.

Modular veio de onde estava e se recostou na janela.

— Olá — ele disse para Jane. — Não sei se lembra de mim. Modular? Pode me chamar de Mod, como apelido.

Jane meneou a cabeça, afastando-se dele.

— Você não precisa de mim aqui — ela falou para Fortunato. — Você está tentando me esconder em algum lugar onde eu fique embaixo da sua asa.

— Não é verdade — Fortunato mentiu. — Você viu o Astrônomo. Sabe mais do que ninguém como ele é poderoso. A única esperança que temos é a força em quantidade. Todos nós, juntos, em um único lugar.

— Todos nós? Inclusive você?

— Preciso encontrar os outros. É o meu carma, certo? Minha responsabilidade.

— Não precisa fazer isso sozinho, você sabe. Não é crime deixar que alguém te ajude. — Fortunato não disse nada. — Eu. . ah, inferno. Por que estou gastando saliva? Mas, uma coisa. Se você me deixar aqui, e alguém que eu poderia ter salvado morrer ou se machucar, não vou deixar você esquecer disso. Entendeu?

— Eu posso aguentar — Fortunato disse.

Hiram seguiu-o até o corredor.

— Hum, Fortunato? Posso falar com você um segundo?

Fortunato assentiu com a cabeça, e Hiram fechou a porta.

— Recebi uma ligação poucos minutos atrás. Do tenente Altobelli, Departamento de Polícia de Nova York, procurando por você.

— O que ele falou?

— Não disse, mas falou que precisa de você no Mosteiro, urgente.

— Certo, bem, este é o próximo.

— Fortunato?

— O quê?

— E o Tachyon?

— O que tem ele?

— O Astrônomo não está atrás dele também?

— Ele que se foda.

— Não seria legal se eu ao menos o *avisasse*?

— Eu não me importo — disse Fortunato. — Contanto que você não faça nenhuma estupidez nem saia nem abandone as pessoas que estou trazendo para cá. Estou contando com você, cara. Não ferre tudo.

— Tudo bem — Hiram falou, entristecido.

O elevador de Fortunato chegou. Ele apertou o "I" e pressionou várias vezes o botão "fechar portas".

♥

O cheiro de *pretzels* quentes fez o estômago de Spector roncar. Além dos poucos amendoins no Poço sem Fundo, não havia comido nada o dia todo. Caminhou até a barraquinha. O vendedor era um homem baixote, de meia-idade, de camisa azul-clara e calças pretas sem cinto. Ele sorriu para Spector, mostrando dentes tortos e amarelados. Ele usava um bóton que dizia VENDEDORES DE PRETZEL SABEM COMO SE DÁ A VOLTA POR CIMA.

— Posso ajudá-lo?

— Quero um *pretzel*. Melhor, dois.

O vendedor puxou dois *pretzels* e embrulhou-os, distraído.

— Rapaz, vou te dizer. Seria ótimo para mim se todo dia fosse Dia do Carta Selvagem. Eu poderia me aposentar e apostar em cavalos.

Spector pegou os *pretzels* e pagou. O vendedor tinha o tipo de sonho estúpido, simplório, que apenas os perdedores têm. Spector estava longe de ter mais algum sonho. Ele apenas matava pessoas e, às vezes, se perguntava por que isso não o incomodava mais.

Deu uma grande mordida no *pretzel*. Estava morno e massudo. Isso iria mantê-lo até o jantar no Haiphong Lily.

Uma onda de náusea e tontura o atingiu no meio do caminho. Ele largou os *pretzels* e caiu de joelhos. A escuridão insinuou-se às margens da visão.

— Está passando mal, senhor? — ele ouviu alguém perguntando. Viu a limusine estacionar ao lado dele. Uma janela espelhada baixou lentamente. O Astrônomo sorriu para ele. Spector dobrou-se e encostou o rosto no concreto gelado. Não tinha forças para se mover. Fechou os olhos, lutando para respirar. Ainda conseguia sentir o cheiro dos *pretzels*.

A porta do carro bateu. Sentiu mãos que o erguiam enquanto ele desmaiava.

♠

Fortunato apresentou-a como Nenúfar, mas disse a Hiram que ela preferia ser chamada de Jane.

— Sei como se sente — ele falou, com um dos seus sorrisos mais charmosos. — Costumam me chamar de Bolão.

Ela parecia tímida e doce, mas a maneira como estava vestida simplesmente não era adequada. Os jeans azuis tinham o seu lugar, mas não era no Aces High, e os tênis estavam insuportavelmente gastos.

— Um cara engraçado, este aí — Hiram falou, tentando puxar conversa, apontando a foto com sorriso forçado de Jumpin' Jack Flash na sua camiseta desbotada.

— Ele vai estar aqui hoje à noite? — Jane perguntou para ele.

— Acredito que não — Hiram disse. — Recebeu um convite por via do Dr. Tachyon, claro, mas enviou suas desculpas. Disse que um amigo dele poderia aparecer, seja lá o que isso signifique. Venha comigo, se quiser. Está um hospício lá fora agora.

Hiram escoltou Jane através do alarido do restaurante até a relativa sanidade do seu escritório, e chamou Anthony. Quando o chofer chegou, ele o apresentou a Jane e disse:

— Dê suas medidas para ele.

— Medidas?

— O jantar de hoje à noite é um evento formal — Hiram explicou —, e não há motivo para

uma moça adorável como você não estar linda. Não dará para ser sob medida, eu acho, não podemos deixar você ir às compras. Fortunato insiste que fiquemos todos juntos, e acredito que seus instintos táticos sejam razoáveis. — Ele se virou para Anthony. — Algo azul ou verde, eu acho. Tomara que caia. Com meia-calça e acessórios. Fica confortável de salto, Jane, ou preferia usar sapatos baixos?

— Espere um minuto — ela disse, os olhos arregalados e apreensivos. — Não posso pagar um monte de roupa cara.

— Saltos — Hiram disse. — Sem dúvida. Você tem pernas lindas. O Aces High vai cuidar de tudo. — Ele sorriu. — Não se preocupe, vou encontrar uma maneira de deduzir do imposto. Tenho um contador extraordinário.

Ela negou com a cabeça.

— Desculpe, não posso deixar que faça isso.

Hiram ficou desconcertado.

— Por que não? — ele perguntou.

— Não posso aceitar um monte de roupas caras de você, como presente. Não posso. Não vou.

— Minha querida — Hiram falou, hesitante. — Você me deixa confuso. Veja bem, não sou rígido quanto aos trajes no jantar, mas seria uma lástima se...

Anthony interrompeu de forma inesperada.

— Talvez a jovem aceitasse os trajes como um empréstimo. — Hiram e Jane viraram-se e olharam para ele, surpresos. — Se eu puder sugerir isso.

— Eu não poderia — ela falou. — Mesmo como empréstimo. Pedi as contas do meu trabalho esta tarde e, mesmo se eu conseguir outro, nunca vou conseguir pagar servindo mesas.

Hiram coçou a barba, pensativo, e sorriu.

— Poderia sim — ele respondeu —, se as mesas forem no Aces High. Não hoje à noite, claro, mas comece amanhã, quando reabrirmos ao público. Eu juro, as gorjetas são excelentes e sempre precisamos de bons funcionários.

Jane pareceu pensar no caso por um momento.

— Tudo bem. Eu aceito. Pode tirar o que devo do meu pagamento. — Ela olhou para Hiram calmamente, com um vislumbre de sorriso.

— Excelente — Hiram disse. — Agora, acho que tenho trabalho a fazer. Se estiver com fome, encontre o Curtis e ele trará algo para você.

Hiram flagrou-se olhando para a porta fechada após Jane ter saído. Ela era muito jovem para ele, mas era bela, com um ar de inocência que ele achava muito erótico.

Ela lembrava Eileen Carter, que era quase tão jovem quanto Jane quando ela e Hiram se conheceram, anos atrás. Inocência e força, uma combinação poderosa. A garota seria sortuda de verdade se a mistura não a matasse.

Ele franziu o cenho, fechou o punho, pensativo, e refletiu sobre a morte. Um garoto com ilusões de glória e um grande homem todo de amarelo cujo grito poderia rachar pedras. E Eileen. Ele nunca poderia esquecer Eileen.

Foi muito tempo atrás, sete anos, desde que Fortunato o procurou com uma moeda brilhante vermelho-sangue, e Hiram lhe deu o nome dela, sem imaginar que estava selando a sentença de morte da mulher. Depois de tudo, Hiram mal pôde acreditar nisso. Morta? Eileen morta? Ela ajudou a identificar uma moeda rara e, por isso, encontrou a *morte*?

Eileen tinha sido sua amante anos antes de o vírus tê-lo atingido. Já havia acabado na época em que ela se envolvera com Fortunato, mas ainda significava muito para ele. O cafetão a levou para a cama e, em seguida, para a morte, envolveu-a em algo que ela não tinha mais ideia do

que Hiram.

A noite na qual Fortunato trouxe a notícia foi uma das piores da sua vida. Quando ouviu Fortunato falar sobre maçons, Hiram pôde sentir o gosto da bile no fundo da garganta, sentiu a raiva crescendo dentro dele. Nunca havia usado sua capacidade adquirida com o esporo para matar, mas naquela noite ele chegou perto. Abriu e fechou os dedos, observou as ondas de gravidade brilharem ao redor do negro alto com olhos amendoados e testa protuberante, e se perguntou quanto peso Fortunato poderia aguentar. Duzentos e trinta quilos? Quatrocentos e cinquenta? Novecentos? O coração dele estouraria ou depois aquelas pernas longas e magras quebrariam sob o peso do corpo? Hiram poderia descobrir. Era apenas fechar o punho, bem apertado.

Claro que não o fez. Não fez, pois percebeu algo enquanto ouvia a voz de Fortunato. Não foi nada que dissera; ele não era o tipo que fazia tais confissões. Ainda assim, foi no seu tom e no olhar daqueles olhos escuros acomodados em suas dobras epicânticas: Fortunato havia amado Eileen também. Talvez a tivesse amado mais do que Hiram, que tinha os grandes apetites e os olhos itinerantes do pai. E assim ele relaxou seu punho semicerrado e, em vez do ódio, Hiram sentiu um laço estranho com o cafetão feiticeiro de língua afiada.

Depois disso, ele tentou deixar tudo para trás. Não tinha pretensões de heroísmo, independentemente dos poderes que pudesse ter. Os crimes eram domínio da polícia, a justiça, uma questão dos deuses; seus negócios estavam alimentando bem as pessoas e o deixavam um pouco mais feliz por algumas horas.

No entanto, quando se lembrou de Eileen, do Kid Dinossauro e do Uivador, assim como se preocupou com Guelra, com a doce jovem Nenúfar, o Dr. Tachyon e outros nomes na lista negra do Astrônomo, Hiram Worchester pôde sentir a raiva crescendo novamente, da maneira que aumentou dentro dele naquela noite, em 1979. Esse Astrônomo era um homem muito, muito velho, Fortunato disse. Provavelmente não conseguiria aguentar muito peso. Hiram observou seu almoço frio por um momento, ergueu garfo e faca e, então, começou a comer metodicamente.

Spector manteve os olhos fechados quando chegou. Sabia que estava na limusine do Astrônomo. Conseguia sentir uma pessoa sentada em cada lado. Aquele que estava ao seu lado tinha cotovelos ossudos; o velhote, ele imaginou.

— Não finja que está dormindo, Ceifador. Não vai ser bom para você.

O Astrônomo deu uma cotovelada nas costelas de Spector. Ele abriu os olhos. Havia uma mulher de meia-idade ao seu lado. Suas feições pareciam uma caricatura de alguém bonito, e ela não usava maquiagem. O vestido era branco de algodão com ombreiras e uma cintura justa. Evitou olhar diretamente para ele.

— Não tem nada a dizer? Nunca foi um tipo falante, não é? — O Astrônomo pousou a mão no seu braço esquerdo. — Acredito que eu tenha sua atenção completa.

Spector encarou os olhos dilatados do Astrônomo. Tentou usar seu poder, talvez dessa vez funcionasse. Não. Deslizou a mão para dentro do casaco, pegando a Ingram. A arma e o coldre haviam desaparecido.

O velho balançou a cabeça.

— Eu joguei fora. Patético você, reduzido a um homem armado. Tem sorte que eu o tenha reencontrado.

— O Tartaruga está morto, não é?

— Sim. — O Astrônomo esfregou as mãos. — É muito fácil quando você sabe o que vai acontecer e eles não.

— Como você conseguiu? — Spector perguntou.

— Nosso bom amigo Capitão Black providenciou o envio de um sinal de perigo falso pela frequência da polícia. — O Astrônomo apontou para sua testa enrugada. — Precisa apenas pensar além dos seus inimigos. É isso.

— O Imã teve sorte de se aproximar tanto dele. — Spector se ajeitou no estofado macio e suspirou. Não tinha mais nenhuma carta na manga.

— Longe de ser sorte. O Tartaruga estava com problemas de açúcar no sangue, certo, minha cara?

— Muito graves — a mulher respondeu. — Piores do que os que causei ao sr. Spector.

— Ceifador, minha cara. Chame-o de Ceifador. — O Astrônomo apertou mais um pouco o braço de Spector. — Diga oi para Insulina, Ceifador. É minha nova pupila estrela.

— Oi, docinho — ele disse, sarcástico. Ela ainda não olhava para ele. — Estou vivo. Deve me querer para alguma coisa se ainda estou vivo. Quem você quer que eu mate?

— Quem está cuidando de tudo isso são meus associados mais confiáveis. Não, mantive você vivo por outro motivo. Aquele Fortunato — o Astrônomo fechou o punho com a mão livre —, quero que ele sofra antes de morrer. Ele tem mulheres. Você e eu vamos entreter algumas delas hoje à noite. Você sempre gostou disso, não é, Ceifador?

— Claro. Que horas? — Spector não acreditava que seria tão fácil. O velhote ainda segurava seu braço.

— Tarde. Bem tarde.

— Ótimo.

— Ainda assim, preciso puni-lo por tentar se esconder de mim. Precisa se lembrar do seu lugar.

— Não — ele falou, tentando se soltar.

O Astrônomo agarrou o braço dele com as duas mãos e torceu. Os ossos do antebraço de Spector estalaram; a dor aflitiva subiu do braço para o ombro. Ele atacou o velho, rasgando a carne do rosto e arrancando os óculos dele. O Astrônomo manteve os ossos quebrados juntos, num ângulo oblíquo.

— Qualquer poder que você tenha, Ceifador, eu posso usar contra você. Posso limpar tudo da sua memória, exceto a memória da sua morte, e posso mutilar você até ter a aparência do pior pesadelo de um curinga.

Spector conseguia sentir os osso entrelaçados. Parecia que seu braço tinha uma terceira dobra, congelada. Tentou se desvencilhar, mas o Astrônomo o segurou rapidamente.

— Acredito que ele está melhor agora, Insulina. Ele não vai mais nos atormentar. — O Astrônomo soltou o braço de Spector.

— Olha a merda que você fez comigo — Spector gritou. O Astrônomo pegou os óculos e encaixou-os novamente sobre o nariz.

— Há coisas muito piores esperando por você, se me decepcionar de novo. Motorista, pare o carro.

A limusine estacionou no meio-fio. Insulina abriu a porta. Ela olhou para o braço retorcido e sorriu.

Espere até ele ferrar com você, Spector pensou, passando por cima dela e saindo para a

calçada. Espero que ele vire você do avesso.

— Hoje à noite. Esteja pronto. Encontro você quando for a hora — o Astrônomo disse. Insulina fechou a porta. A limusine partiu e entrou no tráfego.

Spector ergueu o olhar. Pessoas apontavam para ele, rindo como se fosse algum tipo de piada. Outros desviavam o olhar. O Pan Am Building estava a poucos quarteirões de distância, descendo a Park Avenue. Eles o jogaram no meio do centro da cidade. Ele esfregou o braço; não conseguiria mais girar o pulso.

Um helicóptero decolou do alto do Pan Am Building. Spector desejou estar nele, em seguida sacudiu a cabeça. Não havia lugar no planeta onde alguém estaria a salvo do Astrônomo. Ele desceu a rua rapidamente, querendo ter tido tempo de matar cada uma das pessoas que olhou de modo estranho para ele.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo X

15h00

Os tons marrons continuaram pelo quarto, mas com destaques em cinza em vez de branco. Mais livros, mais flores e, na cômoda, a foto de uma mulher de olhos tristes num vestido dos anos 1940. Um closet enorme cheio de roupas, uma confusão de cores. Tachyon sentou-se em uma cadeira ao lado da janela, soltando uma das botas. O ar-condicionado fazia o sino do vento de prata e cristal ressoar acima da cabeça dele.

— Posso? — Ela se ajoelhou diante dele e tirou a outra bota, observando como os pés dele eram pequenos se comparados aos pés 44 de Josiah.

— Eu deveria tirar sua roupa.

Ela soltou a bota.

— Que tal a gente adiantar as coisas e tirarmos a roupa?

— Devo ficar mesmo lisonjeado por você estar tão ansiosa, ou preocupado porque você está simplesmente afoita para tudo acabar.

Os dedos dela congelaram nos botões da blusa, e ela observou no espelho a cor desaparecer do seu rosto, deixando para trás um tom cinzento estranho que afeta as peles negras.

Apressada, ela tirou as roupas e olhou para o reflexo magro no vidro. Os cristais em suas tranças refletiam a luz, reluzindo contra os cabelos de ébano.

— Minha senhora, você é linda. — Ao lado dela, ele formava uma figura de marfim e coralina. A cabeça dele com os cachos ruivos caídos bem na altura dos ombros dela.

Os lábios dela se retraíram num sorriso dissimulado.

— Vamos. Eu agradeço na cama.

O colchão gorgolejou e balançou quando eles foram para baixo da colcha. Ele se aproximou dela, então rolou para o outro lado e tirou o telefone de cabeceira da tomada. Com uma piscadela e um olhar malicioso, ele se aconchegou contra o corpo de Roleta, suas mãos e lábios percorrendo com destreza o corpo dela, encontrando os pontos de prazer, dissolvendo as tensões dela numa corrente de sensações. Dessa vez não era uma obrigação a ser amargamente sofrida. Ele era um amante capaz, parecendo quase adorá-la com seu corpo. Seus dedos afastavam os cabelos úmidos do seu púbis, a língua provocando os lábios, provocando seu clitóris. Ela enroscou a mão nos cabelos dele, puxando-o para mais perto. Por um instante, passado e futuro foram esquecidos na sensação envolvente daquele momento.

Ele se contorceu em cima dela, seu pênis quente, rígido e úmido contra a coxa da mulher. A cabeça do pau fustigava como um potro xereta o púbis dela; ela suspirava, toda esticada, convidativa. Mas ele continuava a provocá-la, seus braços firmes ao lado do corpo de Roleta, dentes que se demoravam nos mamilos, a quase penetração enlouquecedora, uma presença quente contra o clitóris. Ela grunhia e o puxava para ela, capturando sua boca enquanto ele deslizava suavemente para dentro dela.

E ela sentia várias coisas ao mesmo tempo: o roçar leve da mente dele passando pelos

escudos que tinham sido erguidos pelo Astrônomo para impedir exatamente esse tipo de penetração, e o peso agitado do veneno avançando como um cão de caça que se precipita e recua, aguardando permissão.

Uma permissão que ela atrasava, justificando a decisão num pensamento quase formado de que brincaria com ele, prometeria amor, de forma que a traição seria ainda mais devastadora. Os braços e as pernas dela se contorciam ao redor dele, e ela correspondia a cada investida erguendo os quadris. Os gritos dele eram pontuados com carinhos murmurados com suavidade, mas ela reprimia qualquer som, como se pelo silêncio ela pudesse negar o prazer. Ele gozou, o sêmen jorrando dentro dela, deu um grito rouco e caiu sobre o peito dela, apertando os seios entre eles.

— Roleta, acho que você é ás. — As palavras dele pontuadas pela ofegação.

— Não! — Ela o empurrou para o lado, e ele ficou deitado, piscando de modo confuso para ela.

— Seus escudos não são rudimentares como os dos normais. São muito sofisticados.

Ela se ajoelhou, oscilando na cama, mãos presas às coxas, o suor ficando mais pegajoso na pele nua.

— Não consigo explicar.

— Se me deixar sondar, talvez eu possa explicar.

— Não, não! Esse tipo de coisa me apavora. Não quero! Não deixo! — Os tons agudos passaram por ela, enviando uma dor pulsante para trás dos olhos.

— Tudo bem. Tudo bem. — As mãos dele a tranquilizaram como a um cavalo inquieto. — Seu corpo e sua mente são seu reino. Eu nunca a violaria.

Ela se lançou para perto dele, enterrando o rosto contra o corpo dele, sentindo o gosto do suor salgado, respirando o cheiro de homem, de sexo e de pós-barba.

— Abrace-me. Não quero mais pensar.

— Calma, calma. Está segura comigo.

E, novamente, ele a encarou perplexo quando a risada dela encheu o quarto, estilhaços enlouquecidos de som que pareciam cortar sua garganta e preencher o peito dela com dor.

— Suzanne!

— Estou bem. Tudo normal. — Nômada ajeitou-se na cadeira e deu um suspiro profundo. — Tão forte...

— O que é? — A voz de Rosemary era realmente de preocupação.

Nômada olhou de volta para ela.

— Ele pegou os livros... eu acho. Os cadernos.

— Jack? Como? — Rosemary estendeu as mãos, confusa.

— Ele os comeu.

— Então, são meus. — Os olhos de Rosemary brilharam e ela mordeu o lábio, pensando.

A conversa foi interrompida abruptamente quando quatro homens entraram no gabinete, e Rosemary foi levada para uma conferência-relâmpago com a Força-Tarefa contra o Crime Organizado do Departamento de Polícia de Nova York, onde os focos de combate eram mais

prováveis de se desenvolver. Para Nômada, os homens eram cifras, tipos administrativos.

Com a polícia já assoberbada, ninguém precisava de uma imensa guerra de gangues. Tudo era possível, segundo Rosemary. As outras famílias poderiam atacar os Gambione, mas se moveriam devagar, testando a força e a liderança dos Gambione. Os Garças Imaculadas eram o maior perigo, deixando para trás os Colombianos, os ciclistas e até mesmo a família mexicana Herrera. Os Garças não eram conhecidos pelo cuidado, pela moderação ou paciência. Se os Gambione não restabelecessem seu poder rapidamente, seriam destruídos.

Nenhum dos homens gostava dos Gambione, mas todos temiam a alternativa.

Enquanto Rosemary discutia a reação das cinco famílias, Nômada ficou sentada, quieta, na cadeira, num canto atrás da mesa de Rosemary. Olhos fechados, permitindo que a conversa se entrelaçasse ao seu redor, ela rastreou Jack Esgoto. Ele havia se refugiado nos túneis, onde se sentia mais seguro, mas toda vez que Nômada tentava influenciá-lo a parar de se mover, ele resistia. Embora o crocodilo não entendesse precisamente por que ele buscava ou o que, ele continuava a procura. Identificando a busca mais fundo no cérebro dele, Nômada descobriu que o crocodilo fez uma conexão entre Cordelia e um pedaço especialmente suculento de comida. Ao descobrir isso, Nômada quase perdeu o contato, quando o humor dele solapou uma parte da sua concentração. Esperou até que falasse com Jack. Fazendo uma nova ligação com o réptil, ela rastreou o cérebro e, cuidadosamente, mudou algumas conexões neuroquímicas entre as pernas e o cérebro dele, modificando a resistência dos neurônios. Feito isso, o crocodilo começou a se mover praticamente em câmera lenta.

Nômada piscou e retomou o foco do gabinete de Rosemary, começando com o retrato de Fiorello La Guardia na parede do fundo. Os homens haviam saído. Rosemary estava sentada na mesa, revisando um prontuário.

— Bem-vinda ao mundo real — Rosemary fechou a pasta. — Então, onde está Jack?

— Em algum lugar embaixo da Bowery, pelo que posso dizer. — Ela piscou. — Acha mesmo que isso é... o mundo real?

Rosemary olhou pela janela.

— É o único que tenho. — Ela olhou de volta para Nômada. — Você prestou atenção naquela conversa? — Com o dar de ombros da Nômada, ela continuou. — Acho que preciso contatar minhas "fontes" e descobrir o que está acontecendo agora. Depois disso, quero pegar esses livros. Vou pensar no que fazer com eles quando tê-los. — Ela pegou o telefone e começou a discar.

Nômada observava em silêncio.

— Max, aqui é Rosa Maria Gambione — Rosemary falou. — Ouvi que teve problema hoje, Don Frederico... — Ela esticou o braço e ativou o viva voz.

— ... tanto tempo que você não me liga, Maria.

— Sim, faz tempo. Mas ainda sou uma Gambione.

— Don Frederico morreu — Max falou depois de uma pausa. — Talvez um acidente, talvez os desgraçados... desculpe, Maria... chineses. Sinto falta do seu pai, Maria. Isso nunca teria acontecido se ele ainda estivesse conosco.

— Meu pai era um bom chefão, Max. Tem alguém na fila para se tornar o novo *don*?

— Não, o Açougueiro, desculpe Maria, pensava que iria viver para sempre.

— O que vai acontecer com a família?

Nômada olhou de forma intensa para Rosemary. O tom da promotora pública assistente mantinha mais do que a preocupação intelectual, e ela parecia preocupada. As mãos estavam crispadas, os nós dos dedos esbranquiçados.

— Haverá uma reunião hoje à noite, às oito, no Haiphong Lily. . os *capos* mais jovens

acham divertido se encontrar lá, e a comida é boa. Os *capos* vão decidir quem será o próximo chefão. Perdoe minha impertinência, mas espero que escolham de forma mais sábia dessa vez.

— Tenho certeza que vão, Max.

— Maria, se você me der seu número, posso informar o que está acontecendo.

— Não, não, nunca estou em casa e odeio secretária eletrônica.

— Não acredito que uma garota bacana como você não achou um marido ainda. Não pode ficar de luto por Lombardo Lucchese para sempre, você sabe. Não deixe que aquela tragédia arruíne sua vida.

— Obrigada, Max. Não estou a perigo. Sabe como sou seletiva. Sou mesmo a filha do meu pai.

— Sim, é mesmo. Forte e esperta como ele. Por favor, não suma assim, Rosa Maria. Nós todos sentimos sua falta.

Os olhos de Nômada se arregalaram enquanto ouvia a conversa de Rosemary, que havia pegado uma esferográfica da mesa e jogado para ela.

— Cuide-se, Max. Falo com você em breve. *Ciao*.

— *Ciao*, Maria.

O telefone chiou quando Rosemary desligou o viva voz.

— O que é tão engraçado, Suzanne?

— Ah, Max, sou ocupada demais sendo promotora pública para ter uma família. Eles não sabem?

— Suzanne Melotti, Deus vai castigá-la por isso. Claro que não. Rosemary Muldoon é irlandesa caucasiana e não parece nada com Maria Gambione, a única Madonna do século XX. Nunca vi nenhum deles pessoalmente desde o funeral da minha mãe, anos atrás, e eu estava usando peruca, véu e nenhuma maquiagem. — Rosemary balançou a cabeça. — Por que fariam a conexão? Todos ao meu redor aqui apenas imaginam que segui a cartilha certa e de alguma forma conheço as pessoas certas para ser uma especialista nas famílias. Também atribuem a mim o fator sorte.

— Deus já me castigou. — Nômada se recostou na cadeira e inclinou a cabeça. — Você está mesmo preocupada com os assuntos dos Gambione, não está? Os Gambione ainda são sua família.

— Se a balança do poder mudar, teremos um desastre — Rosemary levantou-se.

— Bobagem. Vamos achar Jack.

Rosemary abriu a boca para responder, mas o telefone tocou e a voz desincorporada da recepcionista falou:

— Srta. Muldoon, estou com um problema aqui. O sargento FitzGerald está ligando da prisão de Tombs. Parece que alguém, hum, se "teleportou", acho que ele disse, um suposto criminoso, para a prisão.

— Mãe de Deus, por que hoje? — Rosemary encarou o telefone como se quisesse que ele explodisse. — Patricia, Tomlinson não está de plantão esta tarde?

— Bem, sim, srta. Muldoon, é o que está na minha planilha. Mas ele ainda não voltou do almoço e todo mundo que tentei ainda está em conferência ou fora da mesa.

— Sei que estão em conferência. — Rosemary suspirou e sentou-se de novo. — Eu atendo.

Nômada não acreditava nas declarações de não envolvimento com os Gambione de Rosemary. Os livros tinham virado uma desculpa para Rosemary se juntar à sua verdadeira família. Irritou a Nômada o fato de que foi manipulada para ajudar Rosemary naquele objetivo. Também a deixou com ciúmes do passado da outra. Nômada bloqueou o gabinete e rastreou Jack, ainda trilhando seu caminho reptiliano na direção de sua presa. Levou tempo para encontrá-

lo, mesmo no seu atual passo de tartaruga. Quando ela o localizou, voltou ao gabinete para encontrar Rosemary observando-a cheia de ódio.

— Sargento FitzGerald, em breve Oficial FitzGerald, está histérico. Também é incoerente. Vou ter que ir até lá agora. Por que você não vem comigo e partimos de lá?

Nômada concordou com a cabeça enquanto Rosemary apertava o interfone.

— Patricia, encontre Goldberg para mim. Diga a ele que me encontre no elevador. — Rosemary pegou o casaco do espaldar da cadeira. — Vamos antes que algo mais aconteça. Quero ser rápida.

— Por que ele? — Nômada calçou os sapatos novamente e se encolheu. Passou pela porta enquanto Rosemary a mantinha aberta para ela.

— Seu amigo, Goldberg? Por que ele é novo e precisa aprender como lidar com esse tipo de coisa. E, além disso, eu *gosto* de espalhar a desgraça por aí. Vamos.

Goldberg esperava no elevador, aparentemente nervoso ao olhar para Rosemary. Ele meneou com a cabeça para Nômada enquanto o par se aproximava.

— Suzanne, acredito que já conheça Paul Goldberg. — Rosemary acenou para Nômada. — Paul, Suzanne Melotti, minha amiga e aliada.

— Encantado em conhecê-la oficialmente, srta. Melotti. — Ele sorriu para ela. — Espero que eu não tenha sido muito grosseiro mais cedo.

— Não. — Nômada apertou o botão "descer".

— Hum, bom. Bom. — Paul voltou-se para Rosemary. — Srta. Muldoon, posso perguntar por que estou aqui? — Ele abriu os braços e olhou, questionador.

— Não é um bom dia para você me dar uma brecha dessas, Paul. — Rosemary olhou para Nômada, que observava os números dos andares mudarem. — No caminho eu te explico.

— Sim, senhora — Paul respondeu.

Altobelli encontrou Fortunato nas barricadas que cruzavam a entrada do Fort Tryon Park. Elas tinham sido erguidas há tanto tempo que, com as gangues de garotos e, então, os danos que os ases infligiram arrancando de lá os maçons, tornaram-se elementos fixos.

Havia policiais em todos os cantos. Quando um furgão da polícia partiu, outro estacionou no lugar. Estavam pegando os menos importantes agora, garotos magrelos menores de idade de jeans e camiseta, algemados e suados, alguns deles sangrando no rosto e nas mãos. Altobelli sacudiu a cabeça. Era baixote, cabelos grisalhos nas têmporas, magro, exceto por uma barriguinha.

— Ideia do comissário — ele falou. O comissário de polícia foi para a rádio na última semana inteira, falando da linha dura durante o Dia do Carta Selvagem. — Legal, não? Todo esse alarde para fazer esse tipo de coisa. Se estivéssemos nas ruas, onde deveríamos estar, em vez de aqui botando terror em alguns garotos, talvez poderíamos ter salvado o Uivador ou aquele garoto. Sem falar do Tartaruga.

— O quê?

— Acabou de dar no rádio — Altobelli falou. — Não consegui acreditar nessa merda. Um punhado de ases punks pegaram ele com um tipo de misturador de frequências ou algo assim.

Então jogaram Napalm no pobre coitado. Afundou no rio Hudson. Estão fazendo a busca pelo casco. Sem sinal ainda.

— Jesus. O Tartaruga. — Se eles podem pegá-lo, Fortunato pensou, acabou para todos nós. Não há esperança para nenhum de nós. Vou morrer, ele pensou.

De certa forma, perder todas as esperanças facilitava as coisas. Agora era apenas uma questão de manter a calma sob pressão. Salvar o que conseguir e deixar o resto para lá. Talvez, ele pensou, antes das quatro da manhã, você vai levar o seu tiro. O que precisa fazer é esperar. Estar pronto. Nem pense em se salvar, pois já está perdido. O que precisa fazer é matá-lo. Seja lá o que custe a você, precisa matá-lo, ou morrer tentando.

Suas mãos estavam tremendo. Não era medo, não mesmo. Era mais uma fúria doentia, desesperada. Ele fechou os punhos. Apertou tão forte que pensou que se machucaria. Antes que soubesse que faria, ele se virou e deu um soco no vidro traseiro de uma das viaturas. Pedaços do vidro de segurança rolaram sobre o banco traseiro, como joias não lapidadas.

— Meu Deus, Fortunato! — Altobelli correu para o carro e então olhou para a mão de Fortunato. — Você está bem?

— Sim.

— Cristo, como vou explicar esta janela?

— Diga que foi um dos garotos. Não me importa — Ele abriu e fechou os dedos, pensando em alguns mantras tranquilizadores. — Esqueça o vidro, tudo bem, Altobelli? Diga por que me chamou aqui.

— As gangues — Altobelli falou, voltando hesitante do carro. — Ninguém foi até o Mosteiro depois que vocês acabaram com o lugar, então os garotos voltaram para lá. O comissário pensa em tirar alguns suspeitos dos curingas incriminando esses garotos. Só que, o que acontece: tem túneis embaixo do lugar. E tinha corpos lá.

— Mostre-me.

Altobelli levou-o através das barricadas até uma ambulância do serviço de emergência. Havia dois corpos em macas, lado a lado. Fortunato puxou o primeiro lençol. Era um dos garotos, com cabelos pretos longos e uma bandana enrolada na cabeça. Parecia vagamente familiar. Havia um tufo de algodão onde sua garganta deveria estar.

— Era algum tipo de mensageiro dos maçons — Fortunato falou. — É tudo que sei.

Altobelli indicou com a cabeça o próximo corpo. Este havia sido bonito quando estava vivo — cabelos dourados brilhantes, nariz e queixo finos. Estava lá no cerco do Bairro dos Curingas, quando Eileen morreu. Decidiu que não valia a pena matar o Fortunato.

— Roman — Fortunato disse. — Acho que o nome dele era Roman. Era um deles. Estava na cadeia da última vez que ouvi. Deve ter saído sob fiança ou algo assim.

— Tem uma dúzia de outros rapazes... já os despachamos. Entre eles, partes de duas ou três garotas, é difícil dizer. O legista pode dizer. Putas, provavelmente. — Ele olhou rapidamente para cima. — Sem ofensas. E algo que parecia ter sido uma estátua de madeira, exceto que era mais um monte de lascas quando encontramos. O estranho é que tinha roupas nele.

— Provavelmente outro ás — Fortunato falou. — Algum tipo de homem de madeira, talvez.

— Tem mais um — Altobelli disse. — Este ainda está vivo.

♠

Ele procurou no lixo espalhado pelo beco alguma coisa pesada. Spector estava cansado e instável. Provavelmente foi algum tipo de ressaca daquilo que a vaca da Insulina havia feito com ele.

O Astrônomo deveria estar consumindo poder rapidamente. Esse era o único motivo de Spector ainda estar vivo. O Astrônomo precisava dele para ajudar a recarregar suas energias, o que faria mais tarde com as meninas do Fortunato. Quando saíam juntos para acabar com alguém, havia algo na maneira como Spector matava as pessoas que tornava fácil para o Astrônomo alimentar-se daquela energia, ou fosse lá o que diabos ele fazia para obter seu poder. O Astrônomo sempre canalizava algo da essência para ele. Isso fazia Spector se sentir ótimo, e não havia muitas coisas mais que conseguiam fazê-lo. Poderia ter uma chance de matar o velho desgraçado antes disso, se o Astrônomo estivesse fraco o bastante. Do contrário, o Astrônomo ficaria recarregado até o limite e, então, ninguém poderia impedi-lo.

Ele fuçou uma caçamba e tirou um peso de papel de mármore quebrado. Tinha o formato de um cavalo empinado, apenas a cabeça faltava. Spector ajoelhou-se e deitou seu braço destroçado contra o asfalto. Posicionou o peso de papel sobre o ponto onde os ossos tinham sido quebrados e pressionou para baixo várias vezes, erguendo em seguida o braço o mais alto que pôde. Fechou os olhos e imaginou a cabeça do Astrônomo embaixo de sua mão erguida. Spector bateu o peso de papel o mais forte que conseguiu. Ouviu um estalo. Apertou os dentes para reter o grito e fez isso novamente. Outro estalo. Ele soltou o cavalo decapitado e alinhou os ossos. Após um minuto ou dois, ele relaxou. O braço estava bem reto, mas ainda não conseguia girar o pulso. Os ossos estavam salientes e não deslizavam um sobre o outro da maneira que deveriam.

Trêmulo, Spector ergueu-se, o braço pendendo frouxo ao lado do corpo. Ele se feriu ainda mais do que o normal, e seu terno, o único que possuía, estava horrível. Saiu devagar do beco na direção da rua, esperando que estivesse tão ruim quanto pudesse.

Fortunato passou com cuidado pelos cabos de força pesados que os policiais haviam pendurado nos túneis. Havia lâmpadas de arco a cada poucos metros. As paredes estavam manchadas e cheias de bolhas mínimas. Fortunato achou que um dos ases maçônicos devia tê-las perfurado com algum tipo de poder de calor.

A câmara principal ficava dez metros adiante. Havia um tapete persa surrado no chão, alguém havia apagado cigarros nele.

A mobília era um lixo barato de vinil que havia passado algum tempo na chuva.

Policiais à paisana com luvas de látex estavam reunindo provas e depositando-as em saquinhos plásticos com fecho hermético. Um deles tinha acabado de pegar uma seringa de plástico descartável. Fortunato pegou o pulso do homem e se curvou para cheirar a agulha. O policial o encarou.

— Heroína — Fortunato falou.

— Tem um monte delas por aí — o policial disse. — Não custam nada hoje em dia.

Fortunato assentiu, pensando em Veronica. Ela poderia estar na rua neste momento, amarrando o braço, levantando a veia azul brilhante no lado de dentro do braço...

— Aqui — Altobelli disse. — Não sei quem merda ele é.

Fortunato o reconheceu da descrição de Nenúfar. Era um dos pesadelos, um pequeno gênio

estranho que havia reconstruído o dispositivo Shakti para o Astrônomo. Seu medo e ódio de baratas o transformaram em uma.

— Kafka — Fortunato falou. — É assim que te chamam, não é?

— Não na minha frente— o homem falou. Em geral, não. — Estava sentado num sofá cor de tabaco num canto. As partes dele que não estavam cobertas por um jaleco branco de laboratório eram da mesma cor marrom que as pernas finas do sofá, com espinhos saindo das costas, mãos de pinça, um rosto chato, sem nariz, com nada além de grumos no lugar dos olhos.

Fortunato ficou em pé diante dele. Tudo que sentia era frio.

— Onde ele está?

— Não sei — Kafka disse.

— Por que não está morto como os outros?

A cabeça sem rosto girou na sua direção.

— Dá um tempo. Tenho certeza que vou morrer. Algumas daquelas. . *crianças*. . lá fora estavam brincando comigo. Quando cheguei aqui, ouvi a gritaria. Eu me escondi no túnel do fundo.

— Ouviu alguma coisa mais?

— Ele disse algo mais .. uma mulher... para encontrá-lo no armazém quando tivesse terminado. Algo sobre uma embarcação.

— Que tipo de embarcação?

— Não sei.

— Com quem ele estava falando?

— Nunca soube o nome dela. Vi apenas uma ou duas vezes. Além disso, meus olhos são quase inúteis. Poderia tentar descrever o cheiro dela para você.

Fortunato negou com a cabeça.

— Algo mais? Qualquer coisa?

Kafka pensou por alguns segundos.

— Falou algo sobre quatro horas. Foi tudo o que ouvi.

O Ceifador havia dito que tudo aconteceria até as quatro da manhã. Um iate?, Fortunato se perguntou. Algum tipo de cruzeiro? Improvável. Nada que viajasse na água poderia levá-lo longe o bastante a ponto de impedir que Fortunato o encontrasse.

O que significava uma espaçonave. Porém, onde o Astrônomo poderia conseguir uma espaçonave?

— Vai mandar eles me cremarem, não vai? — Kafka disse. — Odeio este corpo. Odeio a ideia de ele estar ao meu redor.

— Você não está morto ainda — Altobelli disse. — Pelo amor de Deus.

— Estou quase — Kafka falou. — Estou quase.

No caminho de volta para sair, Fortunato disse:

— Ele está certo, sabe. O Astrônomo virá atrás dele. Precisa de um guarda ao lado dele o tempo todo. Como caras da SWAT com M16.

— Você está falando sério, não é?

— Ele pegou o Tartaruga — Fortunato falou.

— Tudo bem. Você tem razão. É o procedimento num caso desses, o transgressor vai para a prisão do Bairro dos Curingas. É território do Capitão Black. Mas vou deixar uma unidade dos meus rapazes com ele. Já temos que lidar com merdas demais num único dia.

Eles saíram à luz do dia.

— Agora, preste atenção — Altobelli disse. — Tome cuidado. Se vir qualquer sinal deste Astrônomo, você pede reforço, entendeu?

— Certo, tenente.
— Tenho certeza que sim — Altobelli falou. — Tenho certeza que sim.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XI

16h00

As reações neurais eletroquímicas diminuíram, o corpo se movia devagar como numa câmera lenta onírica, o crocodilo seguia pelos túneis lá no fundo, abaixo de Bowery. O cérebro reptiliano não tinha ciência disso, mas ele se movia vagamente na direção da Stuyvesant Square. A criatura que apenas às vezes era Jack Robicheaux buscava comida, o focinho com narinas bem abertas lançando-se de um lado a outro, enquanto procurava sentir a localização de um petisco particularmente delicioso. O petisco tinha olhos castanho-escuros e cabelos pretos brilhantes. A mente do crocodilo fixou-se nessa imagem.

A criatura caminhava pelas poças de brilho frio projetadas pelas luzes de emergência de baixa voltagem instaladas nas paredes do túnel. O tipo de equipe de manutenção que às vezes Jack Robicheaux coordenava provavelmente tinha deixado o sistema ligado, apesar de não haver planejamento para voltar ao trabalho até depois do fim de semana de feriado. A cidade bancaria a conta de energia elétrica. Ninguém se importava.

O crocodilo contornou uma esquina e entrou numa passagem muito mais velha. O chão era de lajes de pedra e não de concreto. O teto era baixo. A criatura sentia o aumento bem-vindo da umidade quando seus pés chapinhavam agora em poças de água suja. Seus olhos, que nunca piscavam, passaram sem curiosidade por anos a fio de rabiscos e pinturas com spray que vândalos grafiteiros fizeram nas paredes de pedra. Próximo a um túnel bifurcado, alguém com tempo considerável havia gravado letras na pedra: CROATOAN.

O crocodilo não se importou. Reagia apenas aos impulsos básicos e lançava-se adiante contra a inércia terrível que o puxava para trás a cada passo. Fome. Ainda tão faminto.. Tão necessitado.

A água escura e rasa agora cobria a passagem inteira. O crocodilo recebeu-a com gosto, esperando, num instinto primitivo, que o nível se aprofundaria até o réptil poder começar a nadar. A cauda poderosa sacudia-se lentamente, com ansiedade. Os ouvidos detectaram sons estranhos e ele parou de forma espasmódica. Presa? Não tinha certeza. Qualquer coisa poderia ser presa de forma geral, mas havia algo nesses ruídos... Ele ouviu a raspagem de uma multiplicidade de garras na pedra, um sibilo chiado de quase vozes.

Vieram para cima dele na curva seguinte. Havia ao menos duas dúzias deles, a maioria pequenos, do tamanho dos seus pés. Outros eram maiores e uns poucos, os líderes, talvez um quarto do tamanho da sua massa de mais de três metros e meio.

O crocodilo maior lentamente abriu a boca e rugiu, desafiando-o.

Os répteis menores pararam num semicírculo ao redor dele, olhos brilhando à luz das lâmpadas de emergência. A pele úmida deles brilhava, o verde musgoso era mais pronunciado nos menores. A dos crocodilos maiores e mais velhos tinha uma cobertura de um branco acinzentado, uma palidez encardida.

O bando começou a chiar e grunhir em uníssono e a avançar. Centenas de dentes afiados

brilhavam como osso polido.

O crocodilo maior olhou para eles e rugiu novamente. Poderiam ser comida, mas ele não queria que fossem. Eram algo mais. Eram como ele, mesmo que em formas muito menores. Ele fechou as mandíbulas e esperou por eles.

Os menores chegaram primeiro, correndo, erguendo-se sobre caudas e patas traseiras, e raspando nos pés musculosos dele. Os chiados, alguns baixos como murmúrios, a maioria altos e agudos, encheram o túnel.

Eles o cercaram em um tempo curto, os crocodilos menores, mais ágeis, saltando, enquanto os répteis maiores fustigavam com o focinho o grande irmão. O crocodilo maior sentiu algo estranho, incompreensível, perturbador em todos os níveis. Não era fome. Era algo bem oposto.

Então, o bando o deixou, os membros menores novamente o rodeavam algumas vezes, felizes, antes de se reunirem aos camaradas túnel abaixo até a próxima curva. O som das garras riscando a pedra molhada perdeu-se na distância, como o cheiro dos outros répteis.

O crocodilo maior hesitou, então, no seu curso obcecado. Algo o puxava, insistindo que a criatura se virasse na passagem e seguisse os répteis menores para ser parte de algo maior, algo diferente do que ele já era.

Então, os sons e cheiros diminuíram, e tudo que o crocodilo ouvia era a água pingando. Ele se voltou para a escuridão do túnel adiante e, de novo, ergueu uma pata atrás da outra, pesadamente. A fome que ele buscava aliviar era de alguma forma mais do que mero apetite e, naquele instante, ele soube que não havia nada mais importante do que buscar a imagem na sua cabeça.

♣

Jennifer, passando duas horas na rua, sozinha, sem dinheiro, sem sapatos e em roupas mínimas, estava aprendendo o que significava ser caçada. Estava com medo de ficar muito tempo em qualquer lugar, com medo de que o curinga reptiliano a perseguisse novamente, ainda assim temia ir à casa de qualquer pessoa para pedir ajuda. Estava com medo de voltar ao apartamento, no caso de eles a rastrearem lá e descobrirem sua verdadeira identidade, mas, com o fim da tarde se aproximando e a noite chegando logo em seguida, temia permanecer na rua. Já havia ignorado meia dúzia de propostas indecentes, e que apenas poderiam piorar com a chegada da noite. Queria tomar alguma ação positiva, mas sentia-se perturbada, rato demais no jogo de gato e rato, para pensar num plano decente.

Ela precisava de um porto seguro, um lugar de paz e segurança onde pudesse recuperar o fôlego, descansar os pés feridos e, acima de tudo, pensar. O sinal na frente de um prédio baixo de tijolos à mostra na Orchard Street a fez parar. Isso, ela pensou, era exatamente o que precisava.

Era uma igreja. A placa na frente informava Nossa Senhora das Dores Perpétuas. Parecia católica. Jennifer foi criada como protestante, mas sua família não era muito religiosa, e ela própria não tinha em si sentimentos religiosos profundos. Nada, de modo algum, que a impediria de buscar refúgio numa igreja católica.

Ela correu até os degraus de pedra gastos e passou pelas imensas portas duplas de madeira que se abriam para um pequeno vestíbulo. Entrou no vestíbulo, olhou para as portas que levavam até a nave, então olhou adiante.

O vestíbulo em si era um aposento pequeno, sem janelas e sem ladrilhos. Bancos de madeira estavam encostados nas paredes laterais com ganchos para casacos, naquele momento todos vazios. As portas duplas fechadas que levavam à nave da igreja também eram de madeira. Uma cena havia sido pintada nelas em estilo *naïf*, que teria sido bonita se o tema não fosse tão grotesco.

A figura central era um Cristo crucificado, mas um Cristo como Jennifer nunca tinha visto. Ele — Jennifer pensava Nele como Ele, embora nunca tivesse certeza se o pronome se aplicava nesse caso — estava nu, exceto por uma tira de lençol amarrada sobre a virilha. Tinha um conjunto extra de braços encarquilhados que saíam do tórax e uma cabeça extra sobre os ombros. As duas cabeças tinham feições esteticamente magras. Uma era barbada e masculina, a outra tinha rosto liso e era feminina. O sangue pingava dos dois rostos por causa das coroas de espinhos que cada uma trazia. Quatro pares de peitos estavam caídos na frente do corpo de Cristo, cada par menor do que o de cima. Havia uma ferida vermelha aberta da qual escorria sangue sob o peito mais baixo no lado direito da imagem. O Cristo não estava pregado numa cruz, mas sobre uma espiral contorcida, uma escada convoluta ou, Jennifer percebeu, uma representação do DNA.

Havia outras imagens no fundo da cena, subordinadas à figura de Cristo. Uma delas era fina, magra, vestida em roupas berrantes que lembrava o Dr. Tachyon. Mas como o deus romano Jano, esse Tachyon tinha dois rostos. Um era sereno e angelical, de perfil. Sorria com doçura e tinha uma expressão de gentileza benevolente. O outro era a face maliciosa de um demônio, bestial e furiosa, com saliva pingando da boca aberta cheia de dentes afiados. A figura de Tachyon segurava na mão direita um sol que não queimava, o lado do rosto de anjo. Na esquerda erguia um raio dentado.

Havia outras figuras cujos antecedentes eram um pouco menos claros para Jennifer. A madona sorridente com asas cheias de penas amamentava uma cabeça de menino Jesus em cada seio; um homem com perna de bode, vestindo um jaleco branco de laboratório, carregava o que parecia ser um microscópio, enquanto pulava em uma dança; um homem com pele dourada e um olhar vergonhoso e angustiado em suas feições bonitas fazia malabarismo com uma chuva cintilante de moedas de prata.

O painel acima tinha a seguinte inscrição: Nossa Senhora das Dores Perpétuas. Embaixo disso, em letras ligeiramente menores, estava Igreja de Jesus Cristo Curinga.

Jennifer apertou os lábios. Ouviu um pouco sobre esse desdobramento do catolicismo ortodoxo que havia sido adotado por muitos curingas que tinham uma tendência religiosa. A hierarquia católica, claro, não queria ter relação com a Igreja de Jesus Cristo Curinga, e a considerava uma heresia. Não era exatamente uma religião underground, mas ninguém que não fosse curinga sabia muito sobre ela, especialmente os ritos secretos, sobre os quais corriam boatos de que eram realizados em criptas subterrâneas que não eram acessíveis ao público como as próprias igrejas eram.

Aquela não era a hora, Jennifer decidiu, para exploração teológica. Ela estava prestes a se virar e sair da igreja quando um som repentino, uma espécie de ruído engasgado, sugado, borbulhante, veio de dentro das portas que levavam à nave. Ela congelou, e a imagem de Jesus Cristo curinga se dividiu ao meio quando as portas se abriram de uma vez. Uma imagem estava lá, em pé, vagamente iluminada pelas bancadas de velas que queimavam dentro da nave. Era grande e volumosa, a altura de um homem normal e duas vezes mais largo, coberto totalmente por uma batina longa que chegava ao chão. As mãos da figura estavam escondidas em mangas soltas, e Jennifer mal conseguia distinguir um rosto liso e de uma palidez mortiça à sombra do capuz. O rosto era redondo e oleoso, encarando-a com dois olhos grandes, brilhantes, cobertos

por membranas que piscavam o tempo todo. O rosto não tinha nariz, mas um grupo de pequenos tentáculos saía de onde o nariz estaria, estremecendo e tremelicando, cobrindo a boca do curinga como uma espécie de bigode estranho, revolto.

Jennifer encarou-o, engolindo em seco.

A figura deu mais um passo para dentro do vestíbulo, e ela ouviu novamente o ruído borbulhante leve, como ventosas na pedra. O curinga tinha um cheiro estranhamente bolorento, como algo do mar, ou das coisas que viviam nele.

Ele olhou para Jennifer com seus olhos brilhantes, solenes, e, quando falou, a voz era um tanto abafada pelos cachos tentaculares que cobriam sua boca, mas Jennifer conseguiu entender as palavras claramente.

— Bem-vinda à Nossa Senhora das Dores Perpétuas. Eu sou padre Lula. — As membranas piscantes dos olhos do Padre Lula deslizavam para a frente e para trás rapidamente sobre as órbitas protuberantes, embora os próprios olhos permanecessem abertos e encarando. Sorriu, talvez, por trás dos tentáculos que lhe cobriam a boca. Ao menos, as bochechas se ergueram e a voz prosseguiu em um tom mais suave, gentil. — Não precisa ter medo de mim ou de qualquer um que você encontre dentro destas paredes, minha filha. Percebo que talvez você esteja necessitada de ajuda. Eu me esforçaria para auxiliá-la se soubesse apenas o que precisa.

As palavras do padre, pronunciadas em lentas sentenças, acalmaram Jennifer de imediato. De alguma forma, ela não conseguiria ter medo de alguém que dissesse coisas como "eu me esforçaria para auxiliá-la".

— Bem, hum, padre, eu acho que preciso de ajuda. Só não sei se o senhor poderia me ajudar.

— Talvez sim — padre Lula disse —, talvez não. Contudo, estou certo de que sua vinda à Nossa Senhora das Dores Perpétuas não foi um acidente. Talvez o Nosso Senhor tenha guiado você até a nossa porta. Talvez você devesse simplesmente me contar sua história.

Por que não?, Jennifer pensou de repente. Talvez ele realmente possa ver um caminho para eu sair dessa bagunça.

— Tudo bem — ela começou, então ficou em silêncio novamente. O padre Lula assentiu, como se pudesse ler a hesitação no rosto da moça.

— Não se preocupe, minha filha. Tudo que me disser será mantido no mais estrito sigilo. — Ele abriu a porta e apontou para a nave. A mão dele, fora das mangas longas de sua batina pela primeira vez, eram grandes e cinza, com dedos longos, finos. Jennifer conseguia ver leves depressões circulares, como ventosas vestigiais, impressas sobre a palma. — O confessionário fica lá dentro. O laço entre padre e penitente é bem conhecido e universalmente respeitado. Tudo que for dito lá será um segredo nosso.

Jennifer concordou com a cabeça. O laço padre-penitente era tão forte quanto entre advogado e cliente e, de fato, era mais difícil de quebrar. Ou melhor, se o padre for confiável. Ela olhou para o curinga grande, de rosto solene, e decidiu que confiava nele.

O padre Lula manteve a porta aberta e abriu passagem enquanto ela entrava na Nossa Senhora das Dores Perpétuas, a Igreja de Jesus Cristo Curinga.

Nômada estremeceu quando o trio entrou através das pesadas portas ornamentais na entrada da prisão de Tombs.

— Tombs... tumba, agora sei por que tem esse nome — ela falou.

Paul balançou a cabeça.

— Faz mais de um século que construíram a primeira prisão no local. Esta é a terceira. Originalmente, o prédio de fato parecia uma tumba egípcia.

— Mesmo assim, não gosto.

Ele tocou o ombro dela.

— Eu sei. Eu poderia ser um advogado criminal, mas odeio prisões também. Fazem com que eu me sinta um animal aprisionado. — Ele falava bem baixo. Rosemary, seguindo à frente deles e enérgica na direção do sargento de plantão, aparentemente não tinha ouvido.

— A maioria dos animais é livre, a menos que escravizada por um ser humano. — Nômada olhou para ele diretamente. Paul esquivou-se do olhar dela.

— Verdade.

Nômada olhou além dele.

— Acho que Rosemary quer você lá.

A promotora adjunta tinha se virado da recepção e acenava para Paul.

Passando sua consciência através de um bêbado que balançava num banco do saguão, um homem que não estava mais humanamente consciente, Nômada observou a expressão no rosto de Paul mudar da confusão para a reflexão, em seguida para o interesse. Ela seguiu Paul até Rosemary, enquanto a promotora adjunta discutia com o sargento.

Rosemary estava infeliz.

— Você *não pode* tê-lo perdido. Esse homem foi *teleportado* para uma cela. Quantas pessoas se teletransportam para cá todo dia? — Rosemary olhava furiosa para o oficial careca sentado diante dela. O policial devolveu o olhar raivoso.

— Se ele se teleportou para cá, não passou por esta recepção — o sargento retrucou. — Não passou por esta mesa, não preencheu papelada. Sem papelada, sem rastros dele. Não está aqui, não tem registro. — O oficial recostou-se em sua cadeira sobrecarregada e estalante, e sorriu para Rosemary. — A senhora precisa seguir o procedimento. — Ele contraiu seus muitos queixos contra o peito de barril e olhou satisfeito para si mesmo.

Rosemary agarrou a ponta da mesa com as duas mãos e deu um suspiro profundo. Antes que conseguisse falar, Paul disse:

— Acredito que o nome dele seja Pancada, *o* Pancada. — Ele acrescentou a informação na conversa numa tentativa óbvia de impedir que a chefe tivesse uma apoplexia ou matasse o sargento de plantão. Rosemary virou-se para olhar para ele com olhos arregalados, raivosos. — Grande, musculoso — Paul continuou. — Um pouco como o senhor.

— Não estou lembrado. — O sargento arreganhou os dentes num sorriso enquanto Paul se voltava para Rosemary, dando de ombros, resignado. Ela se virou de volta para o sargento. Com a voz estritamente controlada, disse:

— Talvez você possa encontrar um oficial para mim.

— Há vários por aí. — O sargento acenou para o espaço ao redor deles, onde várias pessoas, policiais e presos, tinham parado suas conversas para ouvir a discussão.

Rosemary fechou os olhos e travou os dentes. Exausta, ela disse:

— Onde eu poderia encontrar o sargento Juan FitzGerald?

— Juan — falou o sargento na recepção, como se ponderasse uma lista comprida. — Por que não disse antes? Juan está lá embaixo, no Bloco C. Consegue achar o caminho ou preciso mandar um oficial para pegar sua mão e conduzi-la pelo escuro?

— *Eu conheço* o caminho — Rosemary seguiu de modo arrogante para o primeiro portão que levava aos blocos das celas. Paul e Nômada a seguiram. Os cantos dos olhos de Nômada enrugaram-se, divertida.

— Qual é a graça? — Paul olhou apreensivo para as costas de Rosemary.

— O que ela precisa aguentar. Eu teria rasgado a garganta dele. — Nômada disse sem rodeios, com extrema sinceridade. Paul olhou confuso por um momento, e então sorriu.

— Não, testemunhas demais. Além disso, sem garganta, sem informações. — Ele assentiu para si mesmo. — O que você quer fazer é convidá-lo para uma dessas escadarias e, então, quebrar os joelhos dele.

Nômada parou e olhou para ele com respeito pela primeira vez.

— Ótimo, sr. Goldberg. Gosto disso.

— Fico feliz. Pode me chamar de Paul.

— Suzanne — ela falou. — E me chame de Suzanne.

— Vocês dois vêm? — disse Rosemary diante deles. — Não vou segurar o elevador para sempre. Continuem o seu romance outra hora. — Ela encarou os dois, aparentemente percebendo como sua piada deu errado. Paul e Nômada trocaram olhares envergonhados. — Ótimo. — Rosemary entrou no elevador primeiro e apertou o botão do andar.

No Bloco C, passaram por uma revista rápida antes de entrar pelo portão de aço bege descascado. Entrando numa bifurcação no bloco das celas, os três pararam ao avistar o gigante maciço quase enchendo o corredor inteiro de uma parede verde-escura à outra. Estava de costas para eles.

Nômada soltou um pequeno miado alarmado, Rosemary e Paul olharam para ela.

— As coisas que faço por esta cidade. — Rosemary avançou. — Rosemary Muldoon, promotoria pública. O que está acontecendo aqui?

O gigante manobrou para encará-la. Dois homens em pé depois dele começaram a falar também.

— Meu cliente...

— Este *cavalheiro*...

— Quero sair!

— Esperem aí! — Rosemary os interrompeu. — FitzGerald, fale comigo — ela disse ao oficial uniformizado. — Vocês outros dois, esperem um momento, fiquem onde estão.

O advogado, num terno Armani cinza-claro, falava alto o suficiente para Rosemary e os outros ouvirem enquanto ela passava.

— Universidade de Nova York, ouso dizer.

Não havia engano no tom.

Rosemary puxou o porto-riquenho de um metro e oitenta para o corredor.

Nômada olhou para Paul e meneou a cabeça na direção de Pancada.

— Fique de olho nele.

— Ótimo. — Paul sorriu para o advogado e para o homem imenso ao lado dele. Estendeu a mão. — Paul Goldberg, promotoria pública. Como vão?

Nômada seguiu Rosemary.

— O que está acontecendo aqui? — a promotora adjunta perguntou a FitzGerald. — Quem é o engomadinho?

— Diz que é da Latham, Strauss. — O oficial olhou para a expressão perplexa de nojo e descrença de Rosemary. — Nada mal para um punk avantajado.

Ela assentiu com a cabeça.

— O que aconteceu exatamente?

— Esse tal Pancada simplesmente apareceu aí. Deve ter sido Popinjay... Jay Ackroyd.

— Já ouvi esse nome. — Rosemary deu de ombros. — Esta cidade não precisa de mais vigilantes bons samaritanos.

— Bem, ele já fez isso antes, não tem problema. Ele vem e presta queixa depois. Mas dessa vez ele não apareceu. Li os direitos do Pancada e deixei que ele fizesse um telefonema. — FitzGerald apontou para o homem elegante que examinava o fecho dourado da sua pasta. — Vinte minutos depois, esse cara apareceu.

— Maravilha. — Com a mão sobre a boca, Rosemary olhou para o teto como se esperasse uma inspiração.

O advogado seguiu até eles.

— Desculpem, mas meu cliente gostaria de sair imediatamente. — O tom do Armani era exatamente o cinza dos cabelos. Tinha um sorriso meloso.

— Bem, senhor...

— Tulley, senhora. Simon Tulley.

— Sr. Tulley. Há diversas acusações sérias contra o seu cliente. — Rosemary balançou a cabeça, preocupada.

— Ah, é? — Tulley falou. — Não tinha ciência de que havia *alguma* acusação contra ele.

— Não acho que seja do interesse público soltar o sr. Pancada sem investigar integralmente a questão.

Nômada assentiu. Tulley franziu o cenho, passando de Rosemary para Nômada.

— E quem é esta outra amável senhora?

— Uma colaboradora, srta. Melotti. — Rosemary olhou para Nômada e, então, de volta para Tulley. O advogado de Pancada estendeu a mão. Nômada baixou o olhar para ela, como se inspecionando um pedaço de carne podre.

— Encantado, com certeza. — Tulley respirou fundo e voltou a atenção para Rosemary. — Não quero alegar prisão indevida como um problema potencial, srta. Muldoon, mas a senhorita deveria avaliar sua posição com cuidado.

— Sr. Tulley, como o senhor enfatizou de forma astuta, seu cliente ainda não está oficialmente preso.

— Detenção ilícita, então. Estou começando a perder a paciência. — Tulley olhou com seu jeito aristocrático para Rosemary. — Onde estão os documentos de acusação?

— A papelada sem dúvida será um pouco mais lenta hoje. . feriado e tudo mais. Acabei de ter um probleminha com isso. — Rosemary entrelaçou os dedos e sorriu de forma inocente para Tulley. — Preciso mesmo considerar o bem-estar da comunidade.

— E eu estou aqui para proteger o do meu cliente. Estamos de saída — Tulley mostrou os dentes e caminhou, arrogante, na direção de Pancada.

— Tulley... — Rosemary seguiu na direção dele.

— Mostre-me uma testemunha. Mostre-me um *depoimento* de testemunha. Não? Então, ele é meu ou eu processo a cidade. — Tulley agarrou o braço de Pancada, de um jeito possessivo. O gigante deu um sorriso amarelo para Rosemary e Nômada.

— Tchau, hein — ele falou para elas numa voz aguda que não se encaixava com seu tamanho. — Vejo vocês novamente. Logo mais, eu espero. — Pancada observou a reação das mulheres. Quando viu que não haveria nenhuma, ele olhou com ódio e seguiu Tulley até o portão. FitzGerald espremeu-se contra a parede enquanto passavam.

Rosemary olhou para Paul e riu, amarga.

— Diga a si mesmo, "eu amo a Declaração dos Direitos dos Cidadãos dos Estados Unidos" três vezes. — Ela ergueu a mão direita e massageou as têmporas. — Vocês dois, podem ir.

Quero perguntar algumas coisas para FitzGerald. Encontro vocês lá fora.

Nômada e Paul entraram no elevador em silêncio. Paul parecia deprimido. Caminhar à luz do sol era como sair de águas profundas para o ar puro. O advogado estava sentado em um dos degraus de mármore gastos.

— Trabalhei com direito societário por anos. Fusões, aquisições, compras alavancadas, toda a rotina. Então, decidi que queria fazer a diferença, contribuir. Retribuir, sabe? Então, consegui um emprego aqui. — Ele bateu na pedra com os nós dos dedos. — Bem diferente, não é? Ficamos presos por nossas próprias forças.

— Percebi isso há muito tempo. — Nômada deu de ombros e observou a torrente amarela de táxis passando. Lentamente, ela alterou uma parte da sua consciência para os pombos que estavam sentados no telhado da Tombs e observou as multidões.

— Mas é preciso dar alguma coisa de volta. Existe responsabilidade. — Paul olhou para a mulher que encarava o céu intensamente. Nômada o encarou.

— Você é a segunda pessoa que me diz isso hoje. — Um pombo deu um voo rasante quase até o ombro dela, mas ela o guiou para longe antes que ele pudesse pousar. — Talvez você tenha razão.

Paul hesitou. Então, disse:

— Acredito que seja repentino, mas eu tenho que falar uma coisa. — A mulher concentrou a atenção nele. — Você é a mulher mais intrigante que eu já conheci nesta cidade.

— Rosemary vai ficar empolgada — Nômada falou.

— Rose... a srta. Muldoon é minha chefe. Além disso, não faz o meu tipo. Um pouco convencional demais.

Paul levantou-se e a encarou.

— Não sou convencional? — Nômada divertiu-se, perguntando-se o quanto ele pensava que ela era "diferente".

— Não se ofenda, por favor. Eu estava pensando se poderíamos jantar qualquer dia desses. — O advogado olhava as pessoas subirem os degraus atrás do ombro esquerdo dela. — Desculpe, você me deixa muito nervoso.

— Obrigada, mas eu trabalho a maioria das noites. — Nômada estava confusa. Uma parte dela realmente queria ir.

— Tudo bem, que tal um café da manhã?

— Café da manhã?

— Claro. Eu corro quase dez quilômetros muito cedo, lá pelas cinco da manhã. Então, vou para casa e me apronto para o trabalho. Se tenho vontade, tomo um grande café da manhã antes de entrar. Acaba com as minhas corridas, mas é delicioso. — Ele sorriu para ela e inclinou a cabeça um pouco para o lado. — Poderia me acompanhar algum dia .. apenas para o café da manhã?

— Tudo bem. — Nômada assentiu com a cabeça e, hesitante, sorriu. Pela primeira vez, o sorriso estava refletido em seus olhos também. — Sim, acho que vou gostar.

— Que tal amanhã? — Ela o encarou, novamente sem expressão. — Não me diga que tem outro encontro — Paul falou.

— Que horas?

— Às sete. Posso te pegar...

— Eu te encontro. Onde? — Nômada se concentrou em suprimir o pensamento de que ela estava cometendo um grande erro.

— No mercado, na Greenwich com a Seventh.

— Vocês dois parecem bem concentrados. — Rosemary desceu as escadas. — Sei que o

Popinjay estava tentando ajudar, mas às vezes eu gostaria que os ases não se envolvessem. Simplificaria minha vida. A sua também, Paul. — Ela sacudiu a cabeça, melancólica. — Paul, volte para o gabinete. Continue com a Chavez. Suzanne e eu temos alguns assuntos para resolver.

— Vejo você mais tarde — ele disse para Nômada, despedindo-se com um aperto de mão.

Enquanto as duas mulheres observavam Paul seguindo na direção do prédio da promotoria, Rosemary olhou para Nômada de um jeito questionador.

— Ele gosta de você, sabe? Claro que Jack é um homem do Sul e, sem dúvida, ganha muito mais dinheiro, mas Paul tem seus atrativos. — Rosemary inclinou a cabeça e apertou os olhos. — Bundinha boa.

— Madona do século XX?

— *Isso* foi há *muito* tempo. — Ela mudou de assunto. — Onde está Jack?

— Vamos a algum lugar tranquilo onde eu possa me concentrar. Preciso de um beco. — Nômada começou a andar na direção de uma esquina.

— Um beco — Rosemary falou. — Você frequenta os lugares mais "classudos". Ninguém nunca te disse para ficar fora dos becos de Manhattan? — Ela acompanhou a Nômada, e cruzaram a Lafayette Street. — É em lugares como esses que as pessoas podem ser mortas.

♠

A escuridão do confessionário era um tanto tranquilizadora. O ar naquele recinto cheirava ainda mais forte a mar, e o corpo volumoso do padre Lula era uma presença reconfortante do outro lado da janela de vidro jateado. Ele fez um pequeno som de suspiro enquanto pensava na história de Jennifer.

— Acredito que eu conheça o curinga que a persegue — o padre finalmente disse. — Ele não é do meu rebanho, mas há poucos curingas que vêm apenas uma vez ou duas ao ano para ouvir a Palavra. É conhecido pelo nome de Vermis. A reputação dele não é das melhores.

O padre Lula entrou numa espécie de silêncio meditativo que durou alguns minutos.

— Estou perplexo, mas talvez a compreensão venha. Virá. — Ele ergueu o pé, arrastou de volta os tecidos pesados que acortinavam seu lado do confessionário, e saiu da divisória. Jennifer o seguiu. — Preciso fazer algumas pesquisas. — Ele ergueu a mão grande em forma de espátula e balançou os dedos longos para silenciar a pergunta que viu no rosto de Jennifer. — Nunca tema. Serei o mais sutil e circunspecto. Fique à vontade. Descanse. Está segura aqui como se estivesse em seu próprio lar. Talvez, infinitamente mais segura, se suas suspeitas estiverem corretas.

A bochechas dele se encheram novamente, como se estivesse sorrindo, e Jennifer assentiu. Observou quando o padre Lula saiu mancando, fazendo sons baixinhos de borbulhas no chão ladrilhado enquanto caminhava com dignidade ponderada até os fundos da igreja.

♥

Roleta estava perto do clímax e tentou resistir, *esforço* que fazia suas coxas terem câibras e as náuseas inundarem as sementes de fogo que enchiam o ventre e a virilha. Tachyon, com aquela sensibilidade *condenável*, fixou os olhos pálidos nela e diminuiu as investidas, as mãos acariciando os peitos, deslizando pelas laterais.

Libere!

E, tão rapidamente quanto o comando foi dado, ele foi retirado. A onda recuou, rosnando sua frustração em uma voz que era a do Astrônomo.

O corpo e a mente estavam mais uma vez em harmonia, não mais enredado no medo e na indecisão. Sua paixão cresceu e ela se balançava num ritmo frenético, acompanhando cada investida do corpo pequeno e compacto dele.

O som agudo da campainha atravessou o apartamento. Embaixo das suas mãos ela sentiu os músculos dele se enrijecerem e ele saltou, o pau deslizando para fora dela.

— Droga, droga, droga — ele sussurrou, tentando com urgência se encaixar novamente dentro dela. Ela ajudou com as mãos, e as mãos deles se chocaram e se enroscaram, deslizando na pele escorregadia do pênis.

Bling-blong.

Finalmente ele estava dentro, mas a campainha persistia, e ele se deitou, flácido e inerte sobre ela. Sussurrou, fechou os olhos rapidamente e disse:

— Acho que o momento foi arruinado.

— Sim.

— Posso atender à porta?

— Não acho que irão embora mesmo.

— Espere aqui.

Ele se levantou e enfiou-se num roupão de seda preta, com brocado elaborado de fios prateados e vermelhos. Era muito longo, e a barra sussurrava pelo carpete cinza fumaça. Foi cuidadoso ao fechar a porta do quarto atrás de si, e ela se perguntou se aquilo era para proteger a reputação dela ou a dele. Dobrando os braços atrás da cabeça, ela olhava para o teto e ouvia os sons de uma conversa abafada na sala de estar. Um som estranho e violento seguido por um estilhaçamento fez com que ela se levantasse da cama, o lençol resvalando de sua cintura. E, com uma batida hostil, a janela do quarto foi forçada, e as delicadas cortinas de tecido foram abertas de uma vez. Roleta gritou, e o pé foi recolhido apenas para ser substituído pela cabeça e pelos ombros de um homem. O sino do vento tocou escandalosamente quando foi atingido. Ela saiu da cama, lançando-se para a porta, mas em dois passos ele a agarrou pelos cabelos e jogou-a contra a cômoda. Ela uivou quando o canto chanfrado bateu na sua lateral. Com ódio, ela agarrou uma escova de cabelo com costas de prata e deu uma pancada no meio dos olhos do intruso enquanto ele se movia na direção dela. Ele uivou e, como se para responder, um segundo homem entrou pela janela. Este carregava uma arma.

Nua e armada apenas com uma escova de cabelos, ela decidiu optar pela prudência. Com um leve dar de ombros, ela soltou a arma inadequada e ergueu as sobrancelhas, questionadora.

— Vá para a sala — o segundo homem ordenou, enquanto o seu primeiro algoz esfregava cuidadosamente a cabeça e verificava o dano no espelho.

— Posso vestir minhas roupas?

— Pegue alguma coisa para ela.

O homem saiu do espelho, mas continuou esfregando a testa enquanto caminhava até o closet e, em seguida, surgia com um dos casacos de Tachyon . Era pequeno demais e ela sentiu as costuras do ombro cederem enquanto tentava vesti-lo.

Os dois homens eram orientais. Chineses, ela adivinhou pelas altas maçãs do rosto e pelo

tamanho. Dos quatro homens que estavam em pé, de forma ameaçadora, sobre Tachyon na sala de estar, dois eram chineses, os outros dois, curingas. O curinga alto reptiliano não era tão mau, mas seu companheiro de um metro e vinte de altura lhe deu calafrios, e o cabelo na sua nuca se arrepiou. Roleta tinha horror de insetos que voam e aferroam, e agora ela estava diante de uma vespa humana.

O corpo da criatura era vagamente humanoide, mas o rosto era triangular, completado com olhos multifacetados, e entre as pernas pendia um longo ferrão.

As asas transparentes batiam como uma tatuagem frenética, enchendo a sala com um zumbido baixo.

Um riso nervoso brotou dela.

— Meu Deus, quando o misterioso Oriente encontra o grotesco nativo, isso dá em escravidão curinga? — ela perguntou com vivacidade, e cambaleou quando uma pancada lhe atingiu entre as omoplatas. Tachyon pulou do sofá como um redemoinho compacto e ruivo, desviou de uma pancada à esquerda e esquivou-se das mãos do segundo homem. Houve um movimento rápido, e a vespa lançou uma ferroada atrás do joelho de Tach. Os lábios do curinga-réptil se retraíram numa careta de prazer quando o takisiano gritou de agonia e tombou.

— Isso não vai te matar, Tachyon. Apenasss machuca terrivelmente. E ele tem ferrõessss ilimitadosss, então nem tente de novo.

O curinga alto, numa mostra de força, agarrou Tachyon pela nuca e o apertou sobre o seu pé. O alienígena tocou a pele inflamada e inchada atrás do joelho, avistou a pistola calibre 38 encostada na garganta de Roleta, e a tensão de luta desapareceu de seu corpo.

Era uma imagem excêntrica que apresentavam. Quatro chineses robustos em jaquetas de seda e óculos espelhados; alguns com armas em punho, outros (como diria a imprensa sensacionalista) com volumes suspeitos sob os braços. Um curinga encarapitado como um inseto obsceno no encosto do sofá, e o réptil recostado no piano, negligente, limpando suas unhas longas e afiadas com um canivete retrátil. Então, Tachyon, pequeno e desgrenhado, o cabelo enroscado nos ombros, o roupão aberto revelando seu peito pálido, e a cabeça do pau espreitando como um pássaro tímido entre as dobras do tecido.

O curinga ao lado do piano gesticulou, e dois dos seus homens puxaram cadeiras da mesa da sala de jantar.

— Dr. Tachyon, sssente-ssse, por favor. Asssim, poderemosss conversssar. Tommy.

Um dos chineses olhou para cima, alerta, vibrando como um cão quando sente algum cheiro.

— Por favor, amarrem o bom doutor. Não quero que ele tente nada essstúpido. Do contrário, eu teria que machucar a ssssenhorita.

Roleta e Tachyon estavam amarrados às cadeiras, e ele lançou para ela um olhar preocupado. Ela sorriu com a confiança que não sentia e falou:

— Que droga! Traídos pela cultura popular novamente.

— Não entendi.

— Nos livros do Fu Manchu, o perigo amarelo é sempre misterioso e exótico. Estraga tudo quando os valentões têm nomes como "Tommy" e falam com sotaque do Brooklin.

A língua longa e bipartida do cara de cobra rolou para fora, e ele a encarou com hostilidade.

— Se quer o exótico, apenasss aguente firme e eu deixo o chefe cuidar de você. Vai dar a vocêsss todo o exotisssmo que consssegurem suportar.

Tachyon estava sentado com uma elegância relaxada, mas seus lábios estavam brancos, e Roleta percebeu que a ferroada ainda doía. Tommy terminou de amarrá-los à cadeira com o cinto do seu roupão e, tombando a cabeça para trás, Tachyon falou, arrastado:

— Claro, estou muito feliz com sua companhia, mas eu poderia saber a que devo este prazer único?

O cara de cobra puxou uma cadeira com o pé, sentou-se com os braços cruzados sobre o encosto. Roleta estava solta, mas um dos brutamontes havia pousado a mão no ombro dela, e ela estava bem ciente de todas aquelas armas, e se havia uma coisa que aprendeu com seu pai policial foi: *não brinque com uma arma.*

— Tachy, viemos pelo livro.

As sobrancelhas penteadas para cima e cor de cobre ergueram-se na direção da franja.

— Meu bom homem, eu tenho um excedente de mil livros neste apartamento. A qual livro você se refere?

— Acerte ele — veio a resposta direta.

Tommy se mexeu, houve um som como um machado cego batendo na madeira, e Tachyon cuspiu um bocado de sangue. Roleta percebeu que foi cuidadoso em mirar a massa grudenta na lapela do roupão, protegendo, assim, o carpete branco.

— O livro.

— Não sou biblioteca para fazer empréstimos.

Dessa vez, Tommy moveu-se para a frente, juntou uma dobra do roupão no punho, ergueu Tachyon contra as amarras e deu vários tapas com as costas da mão. O chinês tinha vários anéis, e Roleta engoliu um grito quando o metal enterrou-se na pele de alabastro. Quando ele terminou, o lábio do alienígena estava cortado, o nariz sangrava e um dos olhos estava roxo.

— Hiram sem dúvida vai impedir minha entrada hoje à noite — ele murmurou através de seu lábio, que inchava rapidamente. — Ele gosta mesmo que um cavalheiro seja escrupulosamente bem-arrumado.

A língua bipartida desenrolou-se e esfregou cuidadosamente o rosto de Tachyon, lambendo o sangue.

— Tachy, talvez você não esssteja entendendo. Vou conseguir aquele livro nem que precise te desmontar para consegui-lo.

Tachyon deixou de lado o tom afetado, enlouquecido, e falou de uma vez:

— Eu realmente não sei sobre o que você está falando. Que livro?

O curinga o encarou, implacável.

— Ele foi roubado. Sssei que está com ele e vou recuperá-lo.

O alienígena suspirou.

— Muito bem, por favor, faça uma busca pela minha casa, mas eu garanto que não tenho nenhum livro roubado.

— Procurem, dessstruam o lugar. — Tachyon se encolheu. — Mas amarrem ela primeiro. Não queremos nossa atenção desssviada.

Tommy puxou um cordão fino do bolso e, rapidamente, amarrou as mãos e os pés da mulher à cadeira. Eles se espalharam e começaram a revistar o apartamento. A vespa continuava sentada no sofá, zumbindo e chiando· uma cascata de livros tombou de uma prateleira alta, atingindo e estilhaçando um vaso delicado de cerâmica *celadon* quando caíram. A dor e o ódio tremeluziam no fundo dos olhos de Tachyon, mas a voz dele era nivelada, quase uma conversa, enquanto dizia: "Duas vezes em muitos meses. É muito além de qualquer coisa. Posso perdoar o broto, era um monstro estúpido e, assim, destruiu sem pensar, mas esses brutamontes".

— Pensei que tivesse poderes. Ele. . alguém me disse que tinha. — Roleta falou em voz baixa.

— E tenho.

— Então, por que não usa?

— Eu comecei, então ouvi seus gritos e percebi que eram mais de quatro. Posso controlar três humanos — ele sussurrou —, mas o controle é fraco, e se eu também precisasse lutar… — Ele voltou a força inteira do seus belos olhos sobre ela. — Fiquei com medo de que você se machucasse se meus poderes se provassem menos fortes, ou meus reflexos menos rápidos do que o orgulho gostaria que eu admitisse. E aquela vespa é rápida no gatilho.

Um grunhido aflito.

— Então, o que faremos?

— Esperaremos e rezaremos por uma oportunidade. Queria que você não tivesse escudos — ele acrescentou, nervoso. — Eu poderia manter contato telepático com você. Ah, bem, não há bom lamento para uma nave em fuga.

— Xiuuu.

— Amarelo realmente não é a sua cor, querida — ele falou, respondendo rapidamente ao seu alerta. Um dos captores lançou um olhar suspeito enquanto passava, e Roleta respondeu, mal-humorada, em benefício dele:

— Não preciso de um comentário seu sobre bom gosto. Você quem escolheu esse amarelo de vômito de gato.

A boca do chinês estendeu-se numa risada comprida que mostrou bastante da gengiva rosada e um dente coberto de ouro, e ele passou para a cozinha.

Tachyon lançou um olhar tristonho.

— Vômito de gato? Sempre pensei nele como um tom especialmente adorável de limão.

Roleta gargalhou, e o alienígena olhou para ela com aprovação.

— Boa garota, vamos sair dessa ainda.

— Que bela equipe — ela respondeu, ríspida.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XII

17h00

A corrente escura varreu-lhe as pernas, e o crocodilo recebeu-a com prazer. A água fremente tinha começado a subir apenas pouco tempo antes; primeiro apenas uma camada fina que atravessava o chão de pedra do túnel, então uma sucessão de ondas gradualmente mais altas. Agora, a água batia em torno de sua barriga, um quarteto de pequenos redemoinhos puxando suas pernas onde os quadris se dobravam nos flancos encouraçados.

A cauda do crocodilo balançava para lá e para cá de forma pesada e impaciente. Queria água para flutuar e dar a ele a leveza que precisava para verdadeiramente nadar. Água significava liberdade.

Mas o nível não subiu mais, e assim o crocodilo se movia com lentidão. Vários objetos, pedaços de uma variedade de materiais, resvalavam nele. Ele verificou alguns deles com o focinho antes que fossem levados pela corrente.

Os cheiros eram extremamente desagradáveis. Não havia nada lá que valesse a pena devorar. Pedaços de algo macio encostavam nele e desapareciam.

Rapidamente, ele detectou carne, mas era carniça, e ele não queria aquilo no momento. Em vez de agarrar o objeto ruim, o crocodilo avançou. Algo vivo e delicioso ainda estava adiante. Sabia disso e, ao sabê-lo, segurou sua fome quase insaciável.

Sob os pés, através das orelhas e das narinas, por meio da ação das ondas da corrente, ele conseguia sentir a pulsação da cidade. Agora, batia no ritmo do seu próprio corpo.

Ignorou a dor leve na barriga. Não era nada se comparada ao seu apetite.

À frente e atrás, o túnel escuro estendia-se numa eternidade.

♣

Depois de tentar encontrar Tachyon por duas horas, Hiram começou a se preocupar.

Todos afirmaram que o pequeno alienígena saiu do Túmulo do Jetboy logo após terminar seu discurso, na companhia de uma negra atraente. Mas aonde tinham ido. O telefone da casa dele não respondia e, na clínica do Bairro dos Curingas, Troll insistia que não tinha visto o doutor o dia todo. Tachyon havia ido a algum lugar para beber, mas onde? Hiram ligou para todos os redutos habituais, um atrás do outro, tentou até mesmo o Freakers, o Chaos Club e o Twisted Dragon, numa chance remota de que o taksiano pudesse ter decidido afogar as mágoas em terreno não familiar: ninguém tinha visto Tachyon desde a manhã, quando ele saiu do cerimonial no Túmulo.

Fortunato podia não se importar, mas Hiram estava ficando preocupado. O Astrônomo já havia capturado Tachyon? Havia outro nome a acrescentar à lista dos mortos?

Uma tensão no fundo do estômago que nenhuma quantidade de comida curaria. Irritado, inquieto, infeliz, Hiram Worchester levantou-se e caminhou para dentro do restaurante.

As portas seriam abertas em menos de duas horas. Quase todos os ases que importavam chegariam, e ele esperava sinceramente que o Dr. Tachyon estivesse entre eles. Então, o pior teria acabado. Mesmo o Astrônomo não era insano o suficiente para atacar o tipo de poder que estaria reunido no Aces High em mais duas horas.

Hiram seguiu até o bar longo e curvo. A madeira reluzia e o espelho estava perfeito e brilhante com a luz refletida. Um quarteto de barmen de camisa azul-celeste estava secando as canecas de cerveja Guinness, New Amsterdam e Amstel Light. Modular estava lá longe, no último banquinho, bebendo um *rusty nail*. O androide gostava de experimentar.

— Não detecto sinal de qualquer presença hostil — Mod disse.

Hiram assentiu, ausente.

— Continue a vigiar — ele disse. Seguiu para a cozinha com passos longos e rápidos, ainda pensando em Tachyon. Devia estar sozinho em casa, nada mais fazia sentido. Porém, se estivesse em casa, por que não atenderia ao telefone? Porque estava *morto*, sussurrou uma parte escura do cérebro de Hiram, e ele quase conseguia ver o pequeno alienígena deitado no carpete, sangue gotejando pelos cabelos ruivos e longos e manchando suas roupas horrorosas.

Na imensa cozinha, o giro dos grandes ventiladores de teto enchia a sala com um zumbido contínuo e palpitante enquanto eles lutavam com o calor dos fornos. Paul LeBarre estava em um canto com as ervas, misturando seu próprio pó escurecedor *cajun* para o atum e rugindo seu desprazer a qualquer um que tentasse ver o que estava fazendo. Fileiras de batatas com as quais Hiram cobriu dúzias de longas assadeiras, cortadas, temperadas e prontas para assar, e seis leitões gordos estavam sendo temperados e preparados. Cozinheiros assistentes lavavam vegetais e fatiavam com facas finas e afiadas, e o *chef* confeiteiro decorava uma torta tripla de chocolate e creme azedo recém-saída do forno. Hiram supervisionava tudo, experimentou o creme de cerejas ácidas sendo preparado para o leitão, trocou algumas palavras com o *saucier* e saiu tão inquieto quanto estava quando entrou.

E se Tachyon não estivesse morto ainda? E se estivesse agonizando? Alguém precisava verificar. Mas Fortunato alertou Hiram para não sair, não foi? Se fosse ao apartamento de Tachyon e o Astrônomo atacasse o Aces High na sua ausência, e talvez até mesmo matasse alguém, ele não conseguiria sobreviver. Mas como poderia viver se ficasse ali e o Dr. Tachyon morresse?

O Aces High ocupava o andar inteiro, as áreas de jantar eram avarandadas, de forma que todos os clientes pudessem desfrutar da visão magnífica que a altitude permitia em todas as direções. A cozinha, as áreas de armazenamento, freezer, banheiros, elevador de serviço e escritórios ficavam no centro. Hiram fazia um grande circuito, supervisionando tudo, meneando a cabeça para a equipe, sua mente muito longe.

Os garçons temporários estavam juntos em torno de uma mesa, ouvindo o seu capitão explicar como as coisas eram feitas no Aces High. Pareciam uma equipe heterogênea em seus jeans, jaquetas fajutas e casacos dos Dodgers, mas assim que estivessem em smokings e camisas de seda azuis, pareceriam tão bons quanto os seus garçons regulares. Em algum lugar, carrinhos com peças de linho faziam rondas, enquanto os cumins desdobravam as toalhas de mesa brancas limpíssimas sobre as mesas redondas de banquete. Curtis estava falando com o somelier.

Ao lado da janela, ele viu Nenúfar, em pé, sozinha, olhando para os reflexos dourados que vinham do Chrysler Building. Ela estava com um vestido acetinado azul comprido que deixava o

ombro direito à mostra. Estava muito bonita e um tanto triste. Hiram foi na direção dela, mas havia algo em seus olhos que o fez hesitar ao invadir seu espaço. Ele parou por um momento, então se virou e saiu.

Peter Chou tinha um pequeno escritório ao lado do de Hiram, no centro do andar, mas em vez de uma tela de televisão na parede, tinha uma dúzia. Hiram entrou sem bater.

— Estamos em segurança? — ele perguntou.

Peter olhou para ele com olhos castanhos e frios.

— Acrescentei mais alguns homens — ele disse. — Ninguém entra sem percebermos, pode acreditar. — Ele apontou para as telas. — Os monitores estão todos funcionando, além do detector de metal na porta principal. Terei seis homens no andar, em vez de três. Estamos o mais seguros possível, ao menos contra seres humanos.

— Excelente. Preciso sair por um momento. Tentarei voltar o mais rápido que puder, mas pode levar mais tempo do que prevejo. Espere até eu sair, então traga o Modular e a Nenúfar para o seu escritório. Explique nosso sistema de segurança para eles. Explique o sistema detalhadamente. Mantenha-os aqui, com você, juntos, o máximo possível, de preferência até eu voltar.

Chou assentiu.

Hiram foi até o hall de elevadores, apertou o botão do elevador, balançou-se para trás por um momento sobre os calcanhares, então apertou o botão novamente, como se isso fizesse o elevador vir mais rápido. Quando as portas finalmente se abriram, ele entrou de uma vez e quase trombou com Popinjay saindo.

— Você! — Hiram exclamou. — Excelente, exatamente o homem que eu queria ver. Venha comigo, vamos ver o Dr. Tachyon.

Ackroyd deu um passo para trás no elevador. Hiram apertou o botão do saguão e então começaram a descer.

— Como as coisas ficaram com o Guelra? — Hiram perguntou.

— Ele não está muito bem — Popinjay disse. — No momento em que sondei o Guelra, o Pancada estava livre de novo. Conseguiu bons advogados. Acho que eles vão me processar. — Sua boca abriu um meio sorriso. — E você também, provavelmente. Guelra ficou com medo de ir para casa. Eu o levei de volta para a casa da irmã dele, deve ficar seguro lá, e saberemos onde encontrá-lo se precisarmos dele.

— Maldição! Não conseguimos nos livrar nem de um dos caras maus? Não sei no que essa cidade está virando!

Ackroyd deu de ombros.

— Por que vamos visitar Tachyon?

Hiram lançou um olhar taciturno para ele.

— Estou com medo — ele falou — de que ele possa estar morto.

Nômada curvou-se para a frente, longe do muro de tijolos do beco. Ela se equilibrou numa caçamba. O beco cheirava a lixo recente. Rosemary estava olhando ao redor, um pouco apreensiva.

— Relaxe. Estamos sozinhas.

— Você não lê todos os relatórios criminais que eu leio — Rosemary disse. — Não viu as fotos que os detetives tiram em lugares como este. Você não foi ao necrotério para verificar ..

— Quieta — disse Nômada.

— Achou?

— Está na cidade alta, a leste. Acho que perto da Stuyvesant Square. No subterrâneo, claro.

— Não acho que alguém notaria hoje — Rosemary disse. — Ele ainda está com os cadernos?

— Pelo jeito, sim. Ele não se lembra nem percebe o que está no estômago. É a *ausência* que importa. Mas não há motivo para o pacote não estar lá.

Rosemary deu um passo para a frente, na direção da entrada do beco.

— Está bem longe, especialmente hoje. É melhor nos mexermos se quisermos voltar ao Haiphong Lily até as oito. — Ela sorriu com tristeza para Nômada. — Então, veremos o que fazer.

Nômada franziu o cenho.

— Jack ainda está se mexendo, mas tão devagar que podemos entrar em contato com ele rapidamente. Deveríamos pegar o metrô. Táxi será um problema.

Ela viu Rosemary tensa, mas não comentou. Então, deu um sorrisinho.

— Nunca conheci um animal com fome tão constante quanto esse crocodilo. Eu só espero que ele não se conecte conosco.

As sobrancelhas de Rosemary ergueram-se.

— Ele está preocupado demais com a sobrinha para isso — Nômada falou. — Ele apenas não sabe no nível de superfície do cérebro réptil. — Ela sacudiu a cabeça, pensando sobre apetite, e seguiu para fora do beco, para as multidões barulhentas do feriado.

Entraram no caos de cantos, carrinhos de comida exótica, gritos e rock'n'roll.

♠

— Os livrosss não essstão aqui, Tachy. Onde essstá o livro? — Os fonemas sibilantes explosivos indicavam a paciência quase evanescente do curinga.

— Quase mil livros e eles não conseguem encontrar um que sirva para eles. Posso chamar isso de má educação e de um reflexo do meu gosto.

— Ou do deles — completou Roleta.

Tachyon virou a cabeça de volta para o rosto do cara de cobra, o gesto repentino antecipando o tapa.

— Não sei sobre esse livro efêmero. Você diz que me deram. Ninguém me deu livro no dia de hoje. Passei as últimas seis horas na companhia desta senhora. Alguém me deu um livro?

— Não.

— Você essstá com ele. — A língua mais uma vez passou pelo rosto do alienígena e seguiu até o peito. — Eu senti o gosto nela, e se eu tiver de destroçar a negra para consegui-lo, eu vou. — Um dedo indicador áspero bateu com uma unha fantasticamente grossa e afiada no ombro de Roleta, que reprimiu um grito. O que viria seria muito pior do que um dedo batendo no seu ombro dolorido e adormecido, e era melhor ela estar preparada.

— Tudo bem, serei razoável. O livro não está aqui. Coloquei-o num lugar seguro.

— E você vai nosss levar até lá.

— Sim, mas você precisa deixá-la ir.

— Não, acho que ela vai conosssco.

— Então, não tem livro.

— Então, vou refazer a cara dela.

A campainha tocou.

Houve um deslocamento repentino dos captores. As armas foram tocadas com tranquilidade, e Tommy foi na direção da porta, então desistiu, pulou para cima de Tachyon, mas o alienígena tinha visto as possibilidades, e gritou:

— Sim, um momento, por favor.

— Desgraçado, eu deveria quebrar seu pessscoço esquelético — chiou o curinga, a mão fechando-se ao redor do pescoço do doutor.

— Melhor deixar ele atender à porta em vez disso — sussurrou Roleta, pois o rosto de Tachyon estava ficando roxo e ele não parecia capaz de responder. — Do contrário, vão saber que tem algo errado e voltarão com ajuda.

— Vamosss esssperar. Pode ssser o jornaleiro ou os mórmonssss.

Mas não era nem um, nem outro. A voz de um homem, profunda, grave, refinada, mas com um laivo de tensão e agitação, chamou:

— Tach? Preciso falar com você. Está tudo bem aí?

— Diga que sssim.

— Sssim — Tachyon imitou com gentileza, então tossiu, tentando aliviar o desconforto na garganta.

— Quem essstá aí?

— Hiram Worchester.

— Tudo bem, pode atender à porta, masss ssse livre dele rápido.

— Melhor limpar o rosto — Roleta sugeriu no mesmo tom monótono que mantinha desde o início desse pesadelo. Estava satisfeita e perplexa pelo seu controle. Por dentro, estava uma desordem gritante.

— Faça issso.

Um lenço foi jogado para ela, enquanto Tommy a desamarrava. Dentro de segundos, as pontas dos dedos dela começaram a queimar à medida que o sangue fluía de volta para suas mãos.

— Tach?

— Estou indo — ele respondeu, enquanto Roleta mergulhava o pano no vaso da mesa de canto e rapidamente começava a limpar o pior do sangue do rosto dele.

— O lado direito não está tão mau — ela sussurrou. — Mas não deixe que ele veja este inchaço. — O olho esquerdo estava tão prejudicado, tão inchado, que havia se fechado totalmente.

— Serei cuidadoso — ele disse num tom precavido e neutro, mas o olho esquerdo parecia brilhar com fervor, o olhar decidido. Ela sentiu novamente aquela névoa resvalar as beiradas da mente. E ela entendeu, ou ao menos esperava ou pensava que havia entendido. Poderia ser a chance deles. Ela deu um rápido apertão na mão dele e foi recompensada com um lampejo daquele sorriso doce, algo arruinado agora pelo lábio fendido e inchado.

Dois dos captores assumiram posição na parede ao lado da porta, um atrás e levemente à esquerda de Tachyon, arma apontada para os rins do alienígena. Tommy pousou uma das mãos no ombro direito de Roleta. O curinga reptiliano indicou a cozinha com uma sacudida de pescoço,

e a vespa voou para lá. O zumbido de suas asas diminuíram de intensidade. Tachyon mal abriu uma fresta da porta, mostrando a cabeça.

— Hiram.

— Por que diabos você demorou tanto?

— Estou entretido. — Uma ênfase na última palavra.

— Você desligou o telefone. Estamos tentando encontrá-lo há horas.

O curinga pousou a mão sobre a de Tachyon, tentando forçar o fechamento da porta, mas Tachyon lançou-se para trás, abrindo-a. O alienígena esparramou-se, e Hiram, corpulento e impecavelmente vestido, entrou na sala.

— Ei — disse o segundo homem quando atravessou a porta, então fechou a boca quando uma arma foi encaixada no seu flanco. O cara de cobra fechou a porta em silêncio.

— Meu Deus, Tachyon, o que é isso?

— O que parece, Hiram?

Ele se equilibrou e lançou um olhar zangado para a sala.

Dois dos chineses entraram e revistaram rapidamente os recém-chegados.

— Estão limpos.

— O que faremos agora? — choramingou Tommy.

— Fechem osss bicosss.

O homem menor deu um sorrisinho de espantalho, enfiou a mão no bolso e apontou com o dedo indicador.

— O.k.! Todo mundo parado, eu cubro vocês.

Até mesmo Tachyon olhou com nojo, e alguém disse:

— Vá à merda, desgraçado, eu revistei vocês.

O homem deu de ombros, retirou o dedo por um momento, então apontou para o curinga, dizendo "Pop!", e o cara de cobra desapareceu.

Dois dos chineses apertaram as cabeças e caíram com um suspiro.

— Hiram, cuidado! — gritou Tachyon.

O homem grande hesitou por um instante, então mergulhou de barriga entre o sofá e a mesa de canto quando Tommy apontou sua calibre 45 perto da orelha de Roleta. Houve um estouro ensurdecedor, e o vaso delicado na mesinha se estilhaçou, despejando uma cascata de água e flores sobre as costas de Hiram, deixando uma única gardênia encarapitada e desamparada na curva do seu traseiro amplo. Ao grito de Tachyon, o companheiro de Hiram deu um passo para trás, abriu a porta e desapareceu no hall. O chinês imediatamente atrás do alienígena ergueu a arma, então se formou uma poça no chão.

Tachyon girou para encarar Tommy. Foi um confronto direto, o poder de Tachyon *versus* o aperto do dedo num gatilho. O que seria mais rápido?

Roleta agarrou a cadeira vazia ao seu lado e bateu com ela nas pernas de Tommy. Ele gritou, largou a arma e pulou sobre a moça, braços abertos como um bêbado tentando abraçar uma amante ilusória. Roleta esquivou-se, batendo nele com a cadeira.

Um zumbido de mil abelhas nervosas, e o Vespa chegou de assalto da cozinha. Hiram, erguendo-se do chão como uma baleia se elevando, fechou o punho, e o curinga bateu contra o chão, as asas dobrando-se como uma figura de origami. Tommy agarrou uma perna da cadeira e, por um instante, eles jogaram cabo de guerra, enquanto Roleta tentava se manter agarrada à sua defesa inadequada. A mão livre dele tateou as costas e puxou uma faca. Roleta abandonou o escudo da cadeira e correu, gritando. Ele a agarrou pelos cabelos e a puxou para o seu corpo. Ela nunca saberia se ele queria usá-la como refém ou matá-la de uma vez, pois, de repente, seu rosto ficou relaxado, e ele soltou um alto "buff". O braço sobre o peito dela pendeu como uma viga de

aço, e os dois caíram, formando um monte.

Ela lutou para se desvencilhar, embora parecesse que ele pesava várias toneladas. Era mais do que seus nervos em frangalhos podiam aguentar. Os gritos que saíam de sua garganta cederam à risada histérica e se degeneraram daí em gemidos soluçados.

— Calma, calma. — Mãos gentis percorreram seus cabelos, limparam as lágrimas, trouxeram-na para perto. — Você está a salvo agora. Acabou.

Ela deitou a cabeça no ombro de Tachyon e deu um suspiro trêmulo.

— Que diabos está acontecendo aqui? — Hiram explodiu em numa inflexão aflita.

Tachyon arrumou uma cadeira, deixando Roleta nela.

— Hiram, meu agradecimento mais profundo, sua chegada foi providencial.

— Quem são esses homens?

— Quem me dera eu soubesse. Queriam um livro.

Os olhos castanhos de Worchester procuraram, e ele olhou com suspeita para o amigo, como se desconfiasse de bebedeira.

O companheiro de Hiram enfiou a cabeça pelo vão da porta.

— Devo chamar a polícia?

Tachyon foi até ele e estendeu a mão.

— Agradeço muito a você, mas o que você fez para. .? — Ele fez um gesto desarmado para o espaço que poucos segundos antes continha o cara de cobra.

O homem de terno marrom deu de ombros.

— Sou um teleportador projetor. Aponto meus dedos e, *pop*, eles somem.

— Para onde? Aonde ele foi?

— Para o banheiro masculino no Freakers.

— Banheiro masculino no...

Ele deu de ombros novamente.

— Posso mandar as pessoas apenas para lugares que conheço.

— Queria que conhecesse a prisão de Tombs.

— Ah, eu conheço, mas. . — Ele arrastou os pés, olhando para o teto, olhou para Hiram e de volta para Tachyon. — Eu já mandei um cara para lá hoje e a polícia ficou fula da vida. Não queria mais problemas.

— Então, nós o perdemos e nunca vou saber que livro é.

— Eu diria que é a menor de nossas preocupações hoje — Hiram falou.

— Por quê?

— Se certas pessoas mostrassem mais responsabilidade e não tirassem o telefone da tomada, elas não teriam de perguntar.

— Não seja mal-humorado.

— Tachyon, eu tive um dia muito difícil...

— Eu tive um ótimo.

Eles se encararam em silêncio, então Worchester suspirou, passou a mão pela cabeça careca, em seguida coçou a barba cheia. Tachyon sorriu e disse, num tom mais suave:

— Podemos tentar de novo? — Ele amarrou o cinto do roupão, sentou-se no braço do sofá. — Bem, o que trouxe vocês aqui?

— Desculpe, mas e esses... esses. . brutamontes? — Roleta perguntou.

— Não se preocupe, vão dormir por muitas horas.

— E ele? — Ela apontou para a vespa.

— Está pesando mais de duzentos e setenta quilos — Hiram respondeu. — Duvido que vá para qualquer lugar.

— Ah — ela falou, baixinho.

— O Astrônomo está furioso pela cidade — Hiram disse. — Estava com medo de que ele já pudesse ter pegado você. Sabe sobre o Uivador, claro. Kid Dinossauro está morto também, despedaçado no Túmulo do Jetboy, e o Tartaruga foi atacado e supostamente afundou no rio Hudson. Ele não foi visto desde então. — Worchester segurou o pequeno doutor enquanto ele tombava, e acomodou-o no sofá.

— Conhaque — ele pediu de repente, e Roleta forçou a tensão de volta aos joelhos fracos dela e obedeceu.

— Desculpe por falar de forma tão clara, mas não há maneira de apresentar notícias como essas.

— Não posso acreditar… o *Tartaruga*, você disse? E aquela criança!

Tachyon cobriu o rosto com as mãos.

Em poucas palavras brutais, Worchester noticiou a eles os eventos no Túmulo.

Roleta não percebeu quando Hiram ergueu o copo de seus dedos frouxos. Ela estava vendo um garoto de rosto pontudo, bonito, apesar de tantas espinhas no queixo, provocando os mais velhos.

Ela se perguntou quais eram seus sonhos e objetivos, e sentiu-se angustiada pelos pais dele. Um som que foi um grito agonizante e um choro, e ela mergulhou na escuridão.

Infelizmente, ela não estava vazia. Dentro dela aguardava o corpo deformado do *seu* filho e os olhos em chamas do seu mestre.

♥

Fortunato chegou até a mulher de meia-idade que guardava a entrada para os estúdios da NBC. Conseguia ver o rinque de patinação do Rockefeller Plaza através da imensa janela à direita.

Não conseguia sentir Peregrina no prédio, mas ela era um ás e, portanto, era possível que pudesse bloqueá-lo de alguma forma.

— Desculpe, senhor, mas simplesmente não podemos dar esse tipo de informação sobre nossos artistas.

Fortunato fitou os olhos dela.

— Ligue para ela.

A mão da mulher se moveu involuntariamente até o telefone, então hesitou.

— Ela não está no prédio. Quem está se apresentando hoje é o Letterman.

— Diga onde ela está.

A mulher negou com a cabeça. Seu cabelo ruivo com permanente acompanhava cada movimento dela.

— Não posso. — Ela olhou como se estivesse prestes a chorar. — Ela tem um jantar importante para ir hoje à noite. Por isso não está aqui para gravar.

— Tudo bem — Fortunato disse. — Obrigado. A senhora me ajudou muito.

A mulher sorriu, incerta.

Fortunato recostou a cabeça nas portas do elevador enquanto descia até o nível da rua. Ainda não haviam encontrado o corpo do Tartaruga. O apartamento da Peregrina estava vazio. Ninguém via o Jumpin' Jack Flash havia semanas.

O jogo estava acontecendo por dezessete semanas, e agora restavam apenas doze horas. Ele está arrancando tudo de mim, Fortunato pensou. A única vez que eu o feri foi quando quebrei a maldita máquina e parei TIAMAT.

Ele estava exausto. Acordado a noite toda com o Espelho de Hathor, correndo atrás das pessoas desde então, sem sucesso. Você precisa virar esse jogo, ele disse a si mesmo. Revidar, machucá-lo.

Ele queria tanto aquilo que podia sentir o gosto.

Mas como conseguiria encontrar alguém que ele não podia ver?

Como?

Capítulo XIII

18h00

Spector decidiu ir em frente e destruir os Gambione para Latham e seus amigos do Punho Sombrio. Ele tinha de operar na suposição de que encontraria uma maneira de impedir que o Astrônomo o matasse. Se ele conseguisse isso, suas novas conexões poderiam significar alguns grandes trabalhos num futuro bem próximo.

Ele não gostava de gastar dinheiro com roupas, mas não havia como ir ao Haiphong Lily com sangue espirrado sobre o terno. Escolhera aquela loja de roupas porque não parecia exagerada de fora. Não parecia exagerada de dentro também. Não havia vestiários sofisticados e tinha muito pó no chão. Era o seu tipo de lugar. Spector tirou um casaco marrom-escuro da arara e o vestiu rápido. Ele caminhou até um espelho e fez uma careta. Parecia um homem numa casca de chocolate.

— Posso ajudá-lo, senhor? — O vendedor era baixo com tufos de cabelos ruivos nos lados da cabeça e uma fita métrica branca pendurada no pescoço.

Spector esforçou-se para sair do casaco; o braço ainda o incomodava. A camisa empapada de suor grudava no corpo.

— Preciso de um terno. Marrom não ficou bom. Tem alguma coisa cinza?

O vendedor foi até a arara e começou a remexer os casacos. Murmurava para si mesmo e chacoalhava a cabeça.

Spector garantiu que ninguém estivesse olhando, então puxou algumas notas de cem dólares do envelope marrom.

O homenzinho virou-se, segurando um terno cinzento.

— Hum. Talvez seja este, eu acho. Este é do senhor? — Ele apontou para o velho casaco de Spector, que estava sobre uma cadeira de espaldar reto. O vendedor olhou de perto e correu a mão sobre o tecido. — O que é isso aqui? Manchas de sangue?

— Sangue falso. Eu estava no Bairro dos Curingas mais cedo. Está uma loucura lá. — Spector pegou o casaco cinza e vestiu. Ficou um pouco grande, mas caía bem nos ombros. — Vou levar.

— O quê? Não quer provar as calças? — O vendedor piscou e levantou-se de uma vez.

— É por isso que eu estou de cinto. Quanto custa? — Ele pendurou as calças sobre o braço bom.

— Com os ajustes, duzentos e cinquenta dólares. Ótimo material. Vale cada centavo. O senhor não vai encontrar essa mão de obra tão fácil.

— Não preciso de ajustes — Spector falou. O vendedor abriu a boca para falar, mas Spector ergueu o dedo. — Tenho uma tia em Jersey que ama fazer esse tipo de coisa. Quanto fica?

— Duzentos e vinte.

Spector entregou o dinheiro para ele e pegou seu outro casaco, sentindo o envelope para

saber se ainda estava lá. Olhou para o espelho de novo. Nada mau, ele pensou. Talvez seja o assassino mais bem vestido no Haiphong Lily hoje à noite. Baixou as calças antigas e vestiu as novas. Ficaram grandes nele, mas ele se ajeitou.

O vendedor voltou com o recibo e o troco.

— Aqui está, senhor. Avise se mudar de ideia sobre os ajustes. Posso garantir o melhor caimento da cidade.

Spector pegou o dinheiro e enfiou no bolso.

— Claro.

A sineta sobre a entrada tilintou quando ele abriu a porta para sair.

— Um anjo acabou de ganhar asas.

Ele limpou o bolso de seu casaco antigo, enquanto descia a rua, então jogou-o no primeiro lixo que conseguiu encontrar.

♣

O crocodilo sonhava acordado — ou ao menos o quanto um crocodilo podia sonhar.

Não estava mais no túnel bem abaixo da cidade pulsante. Estava em outro lugar, num local mais quente e mais claro, onde a água era hospitaleira e não raro cheia de comida viva, rápida. O réptil seguiu pelo braço do rio, a maior parte do corpo escondida abaixo da superfície, com as narinas e as arcadas orbitais saindo da água e singrando as pequenas ondulações.

Depois de um tempo, entrou em um local onde as árvores pareciam crescer de cabeça para baixo, as raízes retorcidas espiralando-se em densos nós de madeira sobre a água. Acima dele, a cobertura de galhos entrelaçados bloqueava bastante o sol. Sombras manchavam cada vez mais suas costas à medida que ele avançava. Os sons chegavam até ele, amplificados pela água. Reconhecia os padrões — comida, comida difícil que às vezes poderia machucá-lo se ele fosse descuidado. Ele voltava a atenção às vibrações.

Na curva de um canal mais profundo, além do bosque quase impenetrável de ciprestes, ele viu a canoa. Os dois homens nela não o viram, ocupados que estavam enfiando longas varas na desordem entrançada da madeira no nível da água.

Mais sons chegaram. O homem vestindo um quepe disse:

— Ela se enfiou lá em algum lugar, Jake.

O outro homem gritou tão alto que o crocodilo precisou contrair as aberturas auriculares.

— Vagabunda, você vai sair daí! Aqui é seu tio-avô falando, Delia.

— Fale com ela, Jake Serpente — disse o primeiro homem.

— Eu estou te falando, garota... não quero te bater. — Ele deu uma risadinha. — Ao menos, não de um jeito que você não goste.

O crocodilo deslizou sem remorso na direção da canoa. Não havia discussão, nada além de intenção. Fazia o que fazia pelo que era e por quem *eles* eram.

Mergulhou mais fundo e submergiu atrás do barco, erguendo a proa nas sombras do braço do rio. Os dois homens gritaram e caíram na água. O crocodilo não se importava quem era o primeiro. Engoliria os dois.

Sua mandíbula se alargou, dentes prontos para lacerar... e estava de volta ao túnel escuro da cidade. O crocodilo pousava uma pata após a outra, sem pensar, continuando sua odisseia

imponderável e em câmera lenta. O sonho ficou tão vívido quanto a realidade em sua mente. Por mais que conseguisse considerar a questão, não sabia se o sonho era algo que acontecera antes, ou algo que ainda aconteceria. De qualquer maneira, estava bom. Não importava.

Usando o conjunto de chaves que Jack havia lhe dado anos antes, Nômada abriu outra porta de metal cinza, revelando uma escadaria que seguia para a escuridão. Ela se abaixou para pegar a trouxa macia que tinha deixado aos seus pés.

— Quanto ainda falta? — Foram as únicas palavras que Rosemary havia falado desde que entraram no sistema de metrô na Chambers Street.

— Mais estas escadas e umas centenas de metros por um túnel... eu acho. — Nômada fechou e trancou a porta atrás delas. O metal retiniu abafado. — O que está incomodando você?

— Nada.

— Sem essa para cima de mim — disse Nômada. — É bem difícil manter você calada.

Rosemary deu um suspiro audível.

— Desde que meu pai... morreu, e C.C.... eu odeio metrôs, túneis, tudo isso. Faz quinze anos, mas aquela noite ainda é um fantasma e eu.. não quero... relembrar. — As palavras avançaram como um mecanismo de relógio com uma mola mestra antiga.

— Mas você quer os livros — Nômada falou de forma prática, agarrando Rosemary pelo ombro e puxando-a para encará-la. À luz amarela turva, os olhos da promotora eram sombras pretas. Nômada sondou a fraqueza de Rosemary.

A promotora deu outro suspiro profundo.

— Estou aqui. Estou indo. Mas não consigo parar de pensar no que este lugar fez com C.C. — Rosemary se desvencilhou de Nômada. — Não se preocupe com isso, está bem?

— Não sou eu quem está preocupada, eu acho.

O pé de Rosemary estava no primeiro degrau quando as duas mulheres ouviram os sons abafados da respiração do crocodilo, seguidos de um grunhido. Os lábios de Rosemary empalideceram quando ela apertou-os. Nômada assentiu para si mesma, satisfeita.

— É o Jack.

Rosemary manteve uma distância perceptível de Nômada enquanto as duas se aproximavam do crocodilo. Na aproximação, o réptil parou e sacudiu a cabeça pesada na direção delas, os olhos reluzindo à luz fria do túnel. Ele rugiu, desafiante, e as duas mulheres se encolheram quando o som se chocou e reverberou contra as paredes de pedra.

— Fique aqui. Eu chamo quando estiver terminado.

Nômada chapinhou na direção de Jack Esgoto, entrando gentilmente na cabeça dele. Sem se importar com a roupa que vestia, ela se ajoelhou na sujeira do túnel e acariciou a mandíbula inferior do crocodilo, enquanto mentalmente alcançava lá dentro a chave para Jack Robicheaux. Encontrando a fagulha de humanidade nas profundezas do cérebro reptiliano, ela a protegeu, assoprou, aumentou, acalmando as sinapses proto-humanas e o cérebro distintamente réptil. Quando a mente do crocodilo recuou, Nômada se retirou e observou a cauda longa e encouraçada ficar cada vez menor e o focinho diminuir. As pernas curtas do animal se alongaram, transformando-se nos braços e nas pernas de um homem.

O homem nu que agora estava deitado no chão do túnel, arfou e gritou de dor enquanto envolvia as mãos em torno do estômago. O rosto e as mãos ficaram verde-acinzentados, novamente cobertos de escamas, pois o processo havia começado a se reverter.

— Jack! É Nômada. Controle! — Ela falou com rispidez, tomando a mão do homem entre as suas. Ela se moveu com ele, enquanto Jack rolava de costas, arfando com rouquidão. Nômada tentou penetrar novamente na cabeça dele, mas ficou bloqueada pela inteligência humana ali. Jack abriu os olhos e fitou diretamente os dela. Ele convulsionou uma vez, mas recuperou o fôlego e deitou-se de costas. Embora pálido, a textura da pele estava normal de novo. Sua respiração reduziu-se à normalidade.

Correndo a mão pelo rosto, Jack fez uma careta.

— Sei que sempre pergunto isso, mas é importante. . onde estou? — Ele olhou para a mão de Nômada e soltou-a, desviando o olhar, envergonhado.

— Talvez na Stuyvesant Square — disse Nômada. — Uns cem metros abaixo dela. São quase seis da tarde. — Ela esticou o braço num movimento inconsciente e tirou o cabelo preto úmido do rosto dele. — Aqui estão algumas roupas. Peguei do seu esconderijo na Union Square. — Nômada passou para ele o pacote que ela carregava. — Rosemary está aqui, um pouco acima no túnel.

— Suponho que haja um motivo para vocês estarem aqui — Jack levantou-se, empertigado, uma das mãos na barriga, a outra segurando a testa. — Estou me sentindo péssimo. — Ele puxou as calças dolorosamente e vestiu a camisa.

— É algo que você comeu — Nômada disse, lacônica. — Essa dor no seu estômago... não é uma lata. São livros. Cadernos muito importantes.

— Então, eu comi um bibliotecário? Maravilha. — Jack correu os dedos pelos cabelos úmidos e olhou para o teto da passagem. — De qualquer forma, meu cartão da biblioteca está vencido.

Nômada balançou a cabeça.

— Pelo que vi, você comeu um ladrão. Por acaso, o ladrão estava carregando livros pelos quais qualquer criminoso na cidade mataria até vinte desgraçados.

— E eu quero esses livros para descobrir por quê. — Rosemary caminhou até eles, sua pose habitual recuperada. — Tem uma reunião da família Gambione em algumas horas. Se eu tiver esses livros, acho que posso impedir um banho de sangue.

— Olha pra minha cara, pra ver se me importo — disse Jack. Ele fez outra careta. — Minha sobrinha está perdida por Nova York há quase doze horas. Ela já pode ter virado comida de cachorro. Esse é o meu problema agora. Vou encontrá-la. Então, discutiremos seus preciosos livros. — Jack recuou, dobrando-se, quando começou a caminhar de volta para os degraus.

— Robicheaux, eu posso desgraçar sua vida! — Rosemary começou a segui-lo.

— Cale a boca, Rosemary — Nômada falou. — Jack, tem outra coisa que precisa saber. — A voz dela era neutra e isso o impediu de seguir. — Não é apenas a máfia que está procurando essas coisas. Eles são peixe pequeno. Os outros estão usando curingas, talvez ases também. Se você subir para a rua sabendo o que tem dentro de você, será um homem morto antes de poder chamar um táxi. Algum telepata vai descobrir e vão te sangrar como um porco. E aí, como fica Cordelia? — Ela deixou passar alguns momentos. — Não posso proteger você lá fora, mas posso procurar Cordelia enquanto você estiver longe dos olhos deles. E da mente.

— Quanto tempo? — Jack tentou se empertigar, mas arfou novamente, com dor.

— Rosemary? — Nômada pegou o braço de Jack e o apoiou.

— Duas horas, no máximo. Até levar os livros à reunião. É tudo que quero. — Rosemary encarou Jack Esgoto e esperou. Ele encontrou os olhos dela.

— Você terá duas horas, senhora. E só. E se a Nômada não conseguir encontrar Cordelia, quero seu pessoal no caso. Cada policial da região. Certo? — Jack cambaleou na direção de Nômada, apoiando uma das mãos na parede. Rosemary sorriu.

— Fechado.

♠

O tempo parecia fluir de forma diferente dentro dos limites da pequena igreja. Talvez fosse a escuridão quieta, iluminada apenas por velas votivas tremeluzentes e poucas lâmpadas fluorescentes, talvez fosse o silêncio reverente dos paroquianos orando nos bancos. Qualquer que fosse o motivo, a paz e a tranquilidade que ela havia encontrado dentro da igrejinha foram mais do que suficiente para acalmar seus nervos atormentados. Jennifer começou a dar por certa sua segurança, e a mente vagueou. Ela estudou o simbolismo bizarro nas janelas de vitrais sobre os igualmente estranhos dioramas que traziam as doze estações do Jesus Cristo Curinga, mas logo se cansou daquela teologia tacanha. Seu estômago roncou descontente e ela olhou na direção do altar, perguntando-se o que sustentava o padre Lula.

Os paroquianos que rezavam em silêncio ao redor dela eram todos curingas, embora as deformidades de alguns fossem mais óbvias que as de outros. Havia um triclope barbado, uma mulher bonita, bem torneada, com um couro brilhante cobrindo cada centímetro visível da pele exposta, e um coroinha de rosto bonito que se movia com espasmos, mas cuidadosamente, sobre o altar, rearranjando as coisas e repondo o estoque de vinho e hóstias.

Jennifer ouviu o som de um passo suave atrás dela e virou-se, uma imagem do Vermis e a memória de sua língua raspando sua pele assaltou sua mente. Relaxou quando viu que não era o curinga reptiliano espreitando atrás dela, mas apenas uma garota que ficou tão assustada com o movimento repentino de Jennifer quanto esta com a aproximação silenciosa da outra.

— De-desculpe — ela falou. — Não quis assustá-la.

Era uma adolescente alta, magra, muito bonita, com cabelos muito pretos, muito brilhantes, e olhos castanho-escuros. Usava jeans gastos e uma camiseta desbotada com o nome da banda de rock Ferric Jagger estampado em letras pálidas. Não estava de maquiagem e usava apenas uma joia, um brinquinho de prata no formato de crocodilo. Os olhos do réptil eram pequenas gemas verdes. A voz era suave, melódica, e tinha um tom arrastado, agradavelmente exótico, que Jennifer nunca tinha ouvido antes. Estava carregando uma velha mala coberta com um tecido floral desbotado também.

— Tudo bem — Jennifer disse, sorrindo tranquilizadora. — Estou apenas um pouco apreensiva.

— Fiquei observando você por um tempo — a adolescente disse em seu sotaque ambíguo — e percebi que, hum, talvez você devesse usar um suéter ou, hum, algo mais, pois está ficando frio aqui e em todos os lugares. — Ela parou, sorriu envergonhada, e então acrescentou rapidamente, como se temesse ofender Jennifer: — A não ser que você queira, quer dizer, tenha um motivo para vestir um biquíni na igreja.

Jennifer sorriu de novo, tocada pela oferta da garota. Claro que era nova na cidade, provavelmente muito nova na cidade, talvez até mesmo uma fugitiva ou alguém com problemas. Ainda assim, foi atenciosa o bastante para se aproximar de Jeniffer e *oferecer* ajuda.

— Seria muito gentil da sua parte — Jennifer disse —, se não for incomodar demais.

A garota negou, sacudindo a cabeça, pôs a mala sobre as lajotas do piso e abriu-a.

— Não vai me incomodar em nada — ela disse, procurando na mala. — Aqui, experimente esta.

Era uma blusa larga, desbotada, com a palavra TULANE em letras gastas. Jennifer vestiu e sorriu com gratidão para a garota.

— Obrigada. — Ela hesitou por um instante, então foi em frente. — Meu nome é Jennifer. Tenho.. algumas coisas... para cuidar agora, mas mais tarde, se precisar de alguma coisa, de um lugar para dormir ou algo assim...

— Eu posso cuidar de mim mesma.

— Eu também — Jennifer enfatizou, esperando que fosse verdade —, *mas* é bom ter alguém em quem confiar de vez em quando.

A garota assentiu com a cabeça, retribuindo o sorriso de Jennifer, que lhe deu seu número de telefone quando o jovem coroinha com cabelos loiros desgrenhados, cara de querubim e uma deformidade curinga escondida sob sua túnica deformada se aproximou delas com passos lentos e instáveis.

— O padre Lula gostaria de ver você — ele disse para Jennifer, que fez que sim com a cabeça e se voltou para a garota.

— Como você se chama?

— Cordelia.

— Obrigada pela blusa, Cordelia. Não deixe de me ligar.

Cordelia concordou, e Jennifer seguiu o garoto até uma das salas particulares ao fundo, que se destinavam à preparação do padre para a missa e para tratar dos negócios da igreja.

Ele a levou para uma sala pequena, pouco mobiliada e despretensiosa. O padre Lula estava sentado numa cadeira antiga imensa atrás de uma mesa entulhada de coisas. Ele olhou Jennifer sem piscar enquanto ela entrava, como o homem que estava sentado na cadeira de madeira simples na frente da escrivaninha do padre.

— Descobri de uma fonte confiável que este homem esteve procurando você por algum tempo. Você está com algo que ele quer. Em troca, oferece proteção. — O padre Lula ergueu-se pesadamente. — Tenho testemunhos de que você pode confiar nele totalmente. Não sei o seu nome, mas seu *nome de guerra* é Yeoman.

Era o homem que tinha visto no estádio, o homem que a salvou mais tarde, talvez de forma inadvertida, do Vermis. Vestia as mesmas roupas e o capuz. Um estojo retangular e chato estava no chão, aos seus pés. Seus olhos escuros exalavam especulação enquanto observava Jennifer constantemente.

O padre Lula olhava os dois, que se observavam, então deixou sua mesa cuidadosamente.

— Sem dúvida, vocês dois têm assuntos para discutir, e eu tenho trabalho para concluir, então vou deixá-los aqui. — Ele lançou um olhar longo e gentil para Jennifer. — Boa sorte, minha filha. Talvez um dia você venha nos visitar novamente.

— Venho, sim, padre.

Ele assentiu uma vez para o homem que chamou de Yeoman e saiu da sala com uma dignidade arrastada, fechando a porta atrás de si. Jennifer decidiu que, se não tivesse de devolver os selos para Kien, o padre encontraria uma doação vultuosa na sua caixinha para os pobres. Ela lhe devia muito, mesmo que sua tentativa de ajudá-la não funcionasse totalmente.

Jennifer sentiu os olhos de Yeoman nela e voltou-se para encontrar o peso do seu olhar contínuo.

— O diário de Kien — ele falou. A voz era baixa e poderosa. Jennifer sentiu uma tensão

trêmula nele, como se ele mal conseguisse se manter sob controle. — Você está com ele?

Então, este era o terceiro livro. Um diário. Ela abriu a boca, então fechou, perguntando a si mesma se poderia aguentar dizer a verdade para ele.

A intensidade de Yeoman assustou um pouco Jennifer, mas o medo combinado com sua fome, cansaço e raiva por ser intimidada o dia todo fez com que sua resposta viesse numa voz forte que surpreendeu até mesmo ela.

— Sei qual é o seu rosto, então você poderia tirar essa máscara. Não gosto de falar com pessoas que parecem ter algo a esconder.

O homem sentou-se na cadeira e fechou a cara.

— Vou mantê-la por enquanto.

Suas feições, conforme Jennifer se lembrava, eram vivas e duras, com linhas franzidas na testa e ao redor da boca, e havia uma tensão vibrante nele que a máscara não conseguia esconder.

— Chamam-na de Ira? — ele perguntou, inesperadamente. Jennifer assentiu. — É uma ladra. Das boas, pelo que ouvi. Entrou no apartamento de um homem chamado Kien nesta manhã e tirou alguns itens valiosos de um cofre de parede.

— Como sabe de tudo isso?

— Uma mulher de cristal me disse — ele falou, olhando com certo prazer para o olhar de incompreensão irritadiça de Jennifer. — Muita gente está procurando você, sabe? Querem as coisas que você roubou.

— Bem — Jennifer falou de forma evasiva —, os selos são muito valiosos.

Yeoman curvou-se para a frente na cadeira e descansou o queixo na palma da mão grande e de aparência forte. Olhava para ela com seriedade. Jennifer devolveu o olhar, desafiadora, até ele suspirar e falar novamente.

— Você realmente não sabe, não é?

Ela negou, balançando a cabeça e tentando esconder o nervosismo crescente. Yeoman, era evidente, sabia as repostas para algumas das questões que mais a atormentavam.

— Para o inferno com os selos. Ninguém dá a mínima para eles. Todo mundo está atrás do livro que você pegou, o diário pessoal de Kien. Ele detalha toda a corrupção e a podridão que ele mantém nas mãos imundas desde que veio para Nova York.

— Pensei que ele fosse um empresário. É dono de restaurantes, lavanderias e outras coisas.

— É mesmo — Yeoman disse —, mas tudo de fachada, para explicar sua riqueza. Ele está envolvido em todas as sujeiras, drogas, prostituição, encobrimento, jogatina. Está em tudo. As informações naquele diário provavelmente colocariam o cara fora de circulação por muito tempo.

— Você está tentando recuperá-lo para ele?

Os lábios do Yeoman apertaram-se numa linha tesa. Os nós dos músculos pularam em sua mandíbula.

— Não. — A palavra que escapou dos lábios cerrados foi dura, direta e fria o bastante para fazer Jennifer reprimir um calafrio.

— E você não liga para os selos?

Ele sacudiu a cabeça, negando. Os olhos dele capturaram os dela. Sentiu como se fosse um pardal nas mãos de um gigante imenso, calmo no momento, mas potencialmente destrutivo. Era uma sensação apavorante, ainda que um tanto estimulante.

— Tuuudo bem — ela disse, bem devagar. Você não dá a mínima para os selos. Eu não ligo para o diário. Acho que podemos chegar a um acordo.

Yeoman sorriu, e novamente Jennifer reprimiu um arrepio.

— Então, você está com ele.

— Bem, eu sei onde ele está. — Ela ficou em silêncio por um instante. Não sabia patavina desse Yeoman. Sabia que ele estava atrás da enorme quantidade de assassinatos com arco e flecha, pois notas assinadas com Yeoman foram espalhadas em muitas das cenas de crime. O padre Lula disse que ele era confiável, mas ela também não conhecia direito o padre. Ele aguardava com paciência enquanto tudo isso corria pela mente de Jennifer, como se soubesse que ela estava tentando resolver um dilema interno. Não agia como um maníaco assassino. Era, de certo, um homem perigoso, mas a aura perigosa que pairava sobre ele era como um tempero, um aroma atraente. Uma decisão repentina a acometeu, acionada por um impulso igualmente forte. — Vou te dizer onde o livro está — ela falou —, se você me responder duas perguntas.

— O quê? — Havia uma perplexidade genuína no rosto e na voz de Yeoman.

— Como você chegou até mim no Ebbets Field?

— Simples. — Ele arreganhou os dentes num sorriso. — Seu intermediário te entregou. Ele ouviu um boato de que Kien estava louco pelas ruas atrás dos livros, mas não sabia como entrar diretamente em contato com ele. Teve de ir até um terceiro, uma negociante de informações que é uma... boa... amiga. Ela o colocou em contato com Kien, mas também me falou sobre o caso. Fui até a loja a tempo de ver você saindo de uma das lojas ao lado da Penhor Feliz, desci a rua e fiquei na fila dos ingressos, na frente do campo de beisebol. Então, segui você até lá dentro.

— Faz sentido... eu acho. Agora, minha segunda pergunta. — Ela sorriu com doçura. — Qual é o seu nome?

A própria Jennifer mal entendeu por que havia perguntado aquilo, sabendo apenas que queria interagir num nível pessoal, não como figuras mascaradas anônimas.

Ele se ajeitou na cadeira, franzindo o cenho para ela.

— Eu poderia fazer você me contar onde está o diário.

Jennifer apertou o suéter contra o corpo. Sua garganta de repente ficou seca com a percepção de que estava pisando em águas perigosas, potencialmente fatais.

— Sei que poderia — ela disse com a voz bem baixa. — Mas não faria.

— O que faz você pensar desse jeito?

Ela ergueu os ombros estreitos.

— Só sei que não faria.

Ele a encarou por um tempo mais longo, mas ela não baixou o olhar. Ele resmungou algo inarticulado, como um urso nervoso, e então disse, com voz raivosa.

— Brennan.

Jennifer assentiu com a cabeça, de alguma forma aliviada por estar certa. Não que ela estivesse realmente em perigo. Seus poderes com certeza já estavam recarregados e, se ele a atacasse, tudo que ela precisaria fazer era se desmaterializar.

— Bom — ela disse. — Os livros estão com o Dr. Tachyon.

— Tachyon? — Brennan perguntou, obviamente surpreso.

— Na verdade — ela sorriu —, estão na imagem de cera, no Museu Popular dos Curingas, na Bowery.

— Um bom lugar para escondê-los — Brennan disse após um momento de reflexão. — Os homens de Kien ainda estão procurando você .. uma vez que o Vermis sente o cheiro, ele pode segui-lo em qualquer lugar, desde que vestígios dele permaneçam na sua língua .. então, vou te levar para um lugar seguro e, depois, ir atrás dos livros. Fico com o diário, você pode ficar com os outros.

— Vou com você...

— Não. — A palavra foi tão dura e afiada quanto a lâmina de uma guilhotina. Jennifer sabia

que não havia como discutir sobre isso.

— Bem, se vai me levar para algum lugar, que ao menos tenha comida. Parece que não como há uma semana.

Brennan pensou por um instante, em seguida assentiu. Ele tirou do bolso de trás do jeans uma carta de baralho, um ás de espadas, pegou uma caneta na mesa do padre Lula, e escreveu um bilhete no anverso da carta. Devolveu a caneta e passou a carta para Jennifer.

— Hiram Worchester está dando uma festa só para ases no Aces High. Você provavelmente estará segura lá e também terá muito o que comer. Ouviu falar de Fortunato? — Jennifer concordou com a cabeça. — Dê isto a ele.

Jennifer olhou para o bilhete que ele havia escrito na carta. Era curto e direto: *Cuide dela. Y.* Ela olhou para Brennan com respeito nos olhos. Ouviu um pouco sobre o ás misterioso, Fortunato. Não muito, pois ele não era do tipo que buscava publicidade, mas o fato de Brennan estar em contato pessoal com ele era uma revelação interessante. Ela se perguntou se ele mesmo era um ás, e qual capacidade o vírus havia dado a ele.

— Ou ao Tachyon, caso Fortunato não esteja lá. Faça o que fizer, fique longe do Capitão Viajante... o hippie alto e magro... e da dançarina conhecida como Fantasia. Não confio neles. Não mesmo.

Ela pensou por um momento sobre o conselho dele, então assentiu. Se era para confiar nele, confiaria por inteiro.

— Não quero ser um problema, mas poderíamos fazer uma parada para pegar umas roupas? Odiaria ir ao Aces High vestida desse jeito.

— O padre me falou sobre a condição de suas, hum, roupas. — Ele pegou o estojo no chão e tirou uma muda de roupas. — Espero que sirvam. — Ele olhou para ela, crítico. — Você é mais alta do que pensei.

Ele examinou o recinto enquanto Jennifer se erguia, tirava o suéter e se enfiava em calças jeans e no pulôver escuro. Calçou as meias que Brennan havia trazido e ergueu os olhos enquanto amarrava os tênis, para flagrá-lo olhando-a, sério. Havia também uma máscara entre as roupas. Ela a enfiou no bolso de trás dos jeans e se levantou. A camisa e os tênis caíram bem, mas os jeans eram um pouco curtos e ficaram bem justos na sua silhueta magra. Ela dobrou o suéter com cuidado e deixou-o na mesa do padre com um bilhetinho explicativo.

— Certo. — Brennan levantou e agarrou o estojo. — Primeira parada, Empire State Building. — Ele sorriu, satisfeito. — Se você não ficar segura num lugar cheio de ases, não ficará segura em lugar algum.

♥

No prédio de sua mãe, no luxo confortável do Upper West Side, Fortunato estava de olhos fechados. Miranda arrumou o smoking dele com dedos habilidosos. Estava com quase cinquenta anos agora, mais pesada do que deveria estar se ainda fosse uma gueixa, usando um Chanel sob medida em vez de uma roupa pronta e barata. Ela se tornou a gerente comercial de sua mãe dez anos antes e não fez mais nenhum programa desde então.

— Você não está bem — ela falou. — Veronica não está se saindo bem?

— Não — Fortunato disse. — Eu não acho que ela vá conseguir.

— Nunca a entendi. Tudo que ela quer é se casar, ter filhos e colocá-los numa creche, ter um marido que ela nunca vê, ter serviçais, carros e dinheiro. Fico me perguntando o que eu fiz de errado.

— Não é você. É o país inteiro. A ganância está na moda hoje em dia.

Ela tocou os lábios dele e a pele formigou.

— Você está muito cansado.

— Exausto.

— Eu costumava saber a cura para isso. — Ela estava bem próxima dele. Ele conseguia sentir o perfume dela e a doçura da pele. Ela leu o desejo no rosto dele e falou: — Deite-se.

Ele se esticou na cama. Ela tirou o casaco e a saia. Fortunato ergueu a mão até a gravata, mas ela disse:

— Não se mexa.

Ela tirou o restante das roupas. Ainda era graciosa o bastante para tirar a meia-calça sem quebrar a atmosfera. O sutiã deixou marcas ao redor do peito e sobre os ombros, e havia pelos ralos embaixo dos braços.

Ela foi para a cama, montou sobre Fortunato e começou a se tocar. Ela começou pela testa e deixou os dedos escorregarem pelas bochechas e de volta para as orelhas até encontrar a linha divisória da mandíbula. Um arrepio subiu pelo pescoço. Ela se inclinou para a frente até seus peitos fartos e soltos quase tocarem o rosto dele. Ele se ergueu um pouco para beijá-los e ela se afastou.

— Não — ela disse. — Falei para não se mexer.

Ela roçou seus mamilos grandes e escuros com os dedos até eles endurecerem na direção dele. Então, esfregou levemente o ventre e enterrou a mão esquerda nos pelos pubianos. Com o dedo direito, tocou novamente os lábios de Fortunato. Ele lambeu os dedos e arqueou as costas. Ela se ergueu na cama, de joelhos, e abaixou sobre a boca de Fortunato.

— Devagar — ela falou. — Faz muito tempo.

Enquanto ele lambia e enterrava a língua, ela gradualmente começou a se derreter e se abrir para ele. Ela segurou firme na cabeceira de latão da cama e lentamente moveu-se contra ele, a respiração cada vez mais rápida, as coxas pesadas apertando a cabeça dele.

Então, o corpo dela se enrijeceu e ela soltou um grito rápido e rouco, e ele bebeu a energia dela, faminto, feliz. Sentiu a força latejar pelo corpo e mal notou quando ela se curvou para beijá-lo de leve na boca.

— Você está com o meu gosto — ela disse. — Tome cuidado, Fortunato.

Ela recolheu as roupas e desapareceu.

Fortunato desceu as escadas e encontrou um círculo de belas mulheres ao redor do sofá na sala de espera. No meio estava sentada uma garota alta, impressionante, de jeans e uma camiseta de manga comprida.

— Ichiko — Fortunato falou, usando o nome de gueixa de sua mãe. — O que está acontecendo?

— Ellroy a encontrou no Bairro dos Curingas — Ichiko respondeu. Como Miranda, ela havia engordado nos últimos anos. De qualquer forma, era alta, e agora parecia mesmo anglo-saxã. Usava um suéter de algodão preto e saia, com uma blusa de seda preta e vermelha. Os três botões de cima estavam abertos. Ela se moveu pela sala até Fortunato, sem som ou esforço visível. — Estava saindo da Igreja de Jesus Cristo Curinga e parecia que estava prestes a ter problemas com um dos olheiros dos Gambione. Ellroy ofereceu uma carona para ela. — Ela deu de ombros. — E aqui está.

— Ela é bonita.

— Sim — Ichiko falou. — Ela é.

— Tudo bem — Fortunato disse às outras. — Circulando. Vocês não deveriam estar em outros lugares? — Elas se dispersaram, uma de cada vez, Caroline parou para deslizar um braço ao redor da cintura dele enquanto passava. Então, ele ficou sozinho com ela. — Sou Fortunato — ele disse.

— Cordelia. — Ela não se levantou, mas estendeu a mão para ele. Fortunato pegou-a por um segundo e, em seguida, sentou-se ao lado dela.

— Obrigada pelo resgate — ela falou. A voz era grave, um pouco ofegante, bem sulista. Sexy.

— Sabe onde está?

— Ellroy me contou um pouco. Disse que eu não era obrigada, mas poderia ficar aqui para uma entrevista, se quisesse.

— E?

— Ainda estou aqui, não estou?

Ela era paqueradora, mas parecia extremamente jovem.

— Terei de perguntar algumas coisas pessoais.

— Do tipo, se sou virgem, você quer dizer?

— Por exemplo.

— Não. Tinha um namorado em Atelier Parish. E... bem, você sabe o que dizem sobre virgens da Louisiana. São apenas garotas sem um parente próximo macho. — Ela riu, mas Fortunato não.— Precisamos conversar mais — ele falou. — Tem planos para o jantar?

— Planos para o jantar? Não mesmo. Mas do jeito que você está vestido, eu não consigo pensar em ir com você a lugar nenhum.

Fortunato olhou para o relógio.

— Podemos encontrar algo aqui para você vestir. Em quanto tempo você se apronta?

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XIV

19h00

Quando o barbeiro terminou de aparar a barba e tirou o avental, Hiram Worchester ergueu-se majestosamente da cadeira, ajeitou-se no casaco perfeitamente ajustado do seu smoking e inspecionou-se no espelho. Sua camisa era de seda, do mais profundo e puro azul. Os acessórios eram todos prateados. Azul e prata eram as cores do Aces High.

— Muito bem, Henry — Hiram falou e deu uma gorjeta bem polpuda ao barbeiro.

Curtis aguardava na porta do escritório. Lá adiante, o restaurante estava pronto. Garçons e barmen estavam a postos, nos seus lugares. As impressionantes esculturas de gelo de Kelvin Frost haviam sido levadas para o andar, cada uma cercada por uma pilha de gelo com garrafas de Dom Perignon. Mesas de aperitivos quentes e frios estavam espalhadas pelo restaurante para evitar que os convidados se amontoassem. Os músicos estavam prontos ao lado dos instrumentos. No teto, os candelabros *art déco* reluzentes brilhavam com suavidade. O início do magnífico pôr do sol vermelho e dourado era visível a oeste.

Hiram sorriu.

— Abra as portas — ele disse a Curtis.

Uma dúzia de pessoas já aguardava no saguão quando as portas foram abertas. Hiram curvou-se para as mulheres, beijando-lhes as mãos, deu a cada homem um firme aperto de mão, fez as apresentações necessárias e levou todos até o bar. Os primeiros a chegar costumavam ser ases menores, obscuros, inseguros de seu status e empolgados com o convite de Hiram. Poucos, cujo carta selvagem havia tirado do maço de cartas recentemente, nunca tinham entrado no Aces High antes, mas Hiram tratava a todos como velhos amigos distantes. Os ases principais tendiam a chegar tarde, como ditava a moda. O primeiro cliente não convidado era um colegial loiro e alto que parecia desconfortável no seu smoking alugado.

— O que preciso fazer para entrar, adivinhar seu peso? — ele perguntou quando Curtis chamou Hiram para aprovar sua entrada.

— Não — Hiram falou, sorrindo. — Isso já está fora de moda, eu suponho. Mas vejo que você leu sua *Wild Card Chic*!

— Pode apostar. Então, como faço para entrar?

— Mostre-me uma prova de que você tem um poder de ás — Hiram pediu.

— Aqui, agora? — O garoto olhou em volta, inquieto.

— Tem algum problema? Qual é o seu poder, se é que posso perguntar?

O garoto pigarreou.

— É meio difícil de…

A companheira dele riu.

— Ele fica pequeninho — ela anunciou em voz alta e clara.

O universitário ficou vermelho brilhante.

— Sim, hum, eu comprimo as moléculas do meu corpo, eu acho, e fico menor. Posso, hum,

diminuir até ficar com quinze centímetros. — Ele tentou falar baixo, mas tudo tinha ficado muito quieto. — Minha massa permanece a mesma — ele acrescentou, na defensiva.

— Belo poder, garoto — Wallace Larabee opinou em voz alta do bufê, onde ele estava segurando uma pequena panqueca de trigo sarraceno que afundava perigosamente sob o peso do caviar que ele havia empilhado sobre ela. — Uau, estou realmente com medo.

Hiram não teria pensado ser possível para o garoto ficar ainda mais vermelho, mas ficou.

— Não ligue para o Wallace — Hiram falou. — Ele quase arruinou nossa festa de 1978 quando demonstrou seu poder, e ele sabe que vai ser enxotado se fizer novamente. Chamam-no de Homem Gambá.

A risada foi geral, Larabee virou-se para pegar outra panqueca, e o garoto parecia um pouco menos mortificado.

— Bem — ele falou —, a única coisa é que, quando eu faço, bem, é, hum, eu diminuo, mas minhas roupas não.

Hiram entendeu.

— Curtis — ele disse —, leve o rapaz para o meu escritório e veja se ele pode fazer o que diz.

Curtis sorriu.

— Por aqui, por favor.

Quando eles ressurgiram alguns momentos depois, o *maître* assentiu levemente com a cabeça, os convidados reunidos aplaudiram, e o rapaz ficou novamente vermelho.

— Bem-vindo ao Aces High — Hiram falou. — Não lembro do seu nome.

— Frank Beaumont — o universitário respondeu.

— Mas eu o chamo de Coisinha — a namorada observou.

— *Gretchen!* — Frank chiou.

— Tem a minha palavra que vou levar esse segredo para o túmulo — Hiram prometeu. Ele capturou o garçom que passava com o olhar. — Refrigerantes, ou já têm idade o suficiente para um champanhe? — ele perguntou a Frank e Gretchen. — Lembrem-se, o salão está cheio de telepatas.

Eles aceitaram refrigerante.

♣

A rua diante da entrada da Quinta Avenida do Empire State Building estava um hospício. Paparazzi, observadores de celebridades e fãs dos ases formavam um corredor que esquadrinhava qualquer um que tentasse entrar. Jennifer e Brennan observavam do outro lado da rua enquanto as limusines estacionavam diante do tapete vermelho que se desenrolava do saguão do prédio até a calçada, e ás após ás era recebido pelas luzes piscantes dos flashes e pelos gritos animados.

Peregrina chegou no seu Rolls-Royce com motorista. Estava usando um vestido de veludo preto frente única e sem alça, com um decote na frente até o umbigo. Ela sorria, graciosa, para a multidão em círculo, mas manteve as asas bem rentes ao corpo, por ter enfrentado ladrões de penas no passado. Tachyon chegou numa limusine. Sua companheira era uma negra linda que trajava um vestido quase tão decotado quanto o de Peregrina.

— Tenho que deixar você aqui — Brennan disse quando um táxi estacionou e saltou um homem num terno branco justo.

— Cuidado — Jennifer disse.

Brennan sorriu.

— Será sopa no mel. Lembre-se, fique longe de Fantasia e do Capitão Viajante. Eles podem estar a serviço de Kien.

Jennifer assentiu.

— Mais uma coisa. Não posso pensar em nada perigoso acontecendo lá, mas, se alguma coisa der errado e você precisar escapar, quero marcar um ponto de encontro para que a gente não precise caçar um ao outro pela cidade novamente. — Brennan pensou por um momento. — Times Square, esquina da 43rd e a Seventh.

— Ótimo — Jennifer disse. Queria alertá-lo novamente para tomar cuidado, mas era estúpido. As coisas estavam sob controle e a aventura estava quase no fim. Ela percebeu que sentia um pouco de arrependimento mesclado com alívio.

Brennan ergueu a mão para saudar e ela acenou. Ela observou enquanto ele desaparecia silenciosamente nas sombras, então vestiu a máscara, virou-se e atravessou a rua.

— Já soube do Tartaruga? — Hiram perguntou quase no segundo em que Fortunato atravessou a porta.

— Não, desde esta tarde. Já encontraram o casco?

Hiram balançou a cabeça.

— Nada. Eu ainda não consigo acreditar. É. . — De repente, ele percebeu Cordelia. Ela estava bem-arrumada; Ichiko havia encontrado algo branco e justo para ela. — Minha querida. Desculpe minha grosseria. Sou Hiram Worchester, proprietário do estabelecimento.

— Cordelia — Fortunato disse. Hiram curvou-se sobre a mão dela. Fortunato esperou que ele saísse. — E Jane? Ela está bem?

Hiram apontou para o bar.

— Não saiu das minhas vistas a tarde toda. Nem ele — ele acrescentou, apontando para o androide ao lado dela.

Fortunato fez que sim com a cabeça, viu a garrafa de uísque puro ao lado da mão direita do Modular.

— Ele está bêbado?

— Eu ouvi isso — Modular disse com grande dignidade. — Sou um androide, incapaz de ficar intoxicado de qualquer maneira humana convencional. — Ele fez um barulho de pigarro artificial. — *Iniciei* uma sub-rotina que de alguma forma deixa meus processos de pensamento aleatórios, simulando os efeitos do álcool, mas ele será cancelado a qualquer sinal de perigo. Garanto que não estou bêbado. — Ele se voltou para a Nenúfar, que estava olhando um coquetel Shirley Temple e acalentando sua impaciência. — Agora, onde estávamos?

— Fortunato? — Nenúfar disse.

— Espere um momento — Fortunato disse. — Só uns poucos minutos. — Ele pôde ver Peregrina do outro lado do salão. Ele se voltou para Hiram e disse:

— Você se importaria de mostrar o restaurante para Cordelia? Tem algo de que preciso cuidar.

— Ficaria muito feliz.

A aglomeração de homens ao redor de Peregrina avistou a aproximação de Fortunato e se dispersou. Quando ele chegou até ela, eram apenas dois deles.

Estava com luvas longas combinando com o vestido, com muito espaço restante para seus ombros largos e musculosos e as grandes asas castanhas e brancas que saíam de suas costas. Era tão decotado que devia estar colada nele.

Com saltos altíssimos, estava com mais de um metro e oitenta. Os cabelos castanhos traziam um penteado deliberadamente natural que ocupava vários centímetros cúbicos ao redor dela. O nariz e as bochechas eram tão bem talhados que pareciam produto de escultura, e não da genética.

Seus olhos tinham um tom vívido de azul que Fortunato suspeitava ser de lentes de contato. Mas a expressão neles o pegou um pouco de surpresa. Os olhos reluziam como se estivessem prestes a fechar com um riso, e um lado da boca se torceu para cima, num sorriso irônico.

— Meu nome é Fortunato — ele disse.

— Foi o que ouvi dizer. — Ela o olhou de cima a baixo, lentamente. Miranda havia deixado um gosto duradouro de almíscar e uma ereção visível. O sorriso de Peregrina aumentou. — Hiram disse que você estava me procurando?

— Acredito que você pode estar correndo sérios riscos.

— Bem, não no momento, talvez, mas posso ver isso como uma possibilidade distinta.

— Estou falando sério. O Uivador e o Kid Dinossauro já estão mortos. O Astrônomo matou os dois hoje pela manhã. Sem mencionar cerca de dez ou quinze dos seus antigos aliados. O Tartaruga está desaparecido, provavelmente morto. Você, Tachyon e Nenúfar são os próximos possíveis alvos.

— Espere um minuto, um minuto, já entendi tudo. Você é o único que pode me salvar, certo? Então, após o jantar, você poderia vir para a minha cobertura comigo e guardar meu corpo, certo? A noite toda?

— Eu juro...

— Estou um pouco decepcionada, Fortunato. Após tudo que ouvi, eu esperava algo, bem, um pouco mais romântico. Não esse tipo de cantada tediosa. Original, claro. — Ela esticou o braço e deu um tapinha na bochecha dele. — Mas muito tediosa.

Ela se afastou, sorrindo.

Fortunato a deixou ir. Ao menos estava lá, em segurança.

Ele olhou para Cordelia e viu-a conversando com um árabe em roupas de circo. O árabe tentava, com algum sucesso, ver o corpo dela pelo decote do vestido.

Ela tem talento, Fortunato pensou. Poderia brincar com um homem como um peixe, parecia esperta, engraçada, e não era temperamental demais. Se ele a contratasse, seria responsabilidade dele treiná-la. Era o tipo de trabalho pelo qual ele normalmente ansiava, mas, nesse caso, tinha dúvidas. Ela parecia terrivelmente inocente.

Houve uma comoção na porta. Hiram apertou a mão de Tachyon com força, exagerando na representação do anfitrião genial. Ao lado de Tachyon estava a mulher que Fortunato viu com ele no Túmulo do Jetboy.

A mulher olhou para ele por um segundo, e Fortunato a reconheceu. Ela fazia programas freelance e era muito cara. Cara como o baiacu era caro no Japão, porque todo homem que ia ter com ela arriscava a vida. De vez em quando, supostamente de modo aleatório, ela secretava um veneno mortal quando chegava ao clímax. O apelido dela na rua era Roleta Russa.

Tachyon ficaria bem, Fortunato pensou. Não via muita chance de o pequeno maníaco alienígena fazer uma mulher como aquela gozar.

♠

— Tem certeza que deseja estar aqui?

A seda deslizou quando a perna atravessou a fenda do vestido, e ela saiu da limusine, a mão de Tachyon era um apoio contínuo.

— Tem certeza que quer entrar aqui? Foi você quem teve o rosto ferido.

Um gesto de recusa com uma das pequenas mãos.

— Isso aqui não é nada. E eu não gostaria de decepcionar Hiram após ele ter nos resgatado de forma tão prestativa.

— Tudo bem.

— Mas você teve uma experiência terrível e eu não queria...

— Doutor, estamos aqui agora, e eu realmente não vejo o que vamos ganhar se continuarmos discutindo a questão na calçada, na frente de muitas centenas de turistas observadores.

Ela atravessou as portas de entrada do Empire State Building, profundamente entediada e irritada por ele bater na mesma tecla. Tachyon foi cuidadoso enquanto se vestia para o jantar, atencioso quando voltaram ao apartamento dela para que pudesse trocar as calças elegantes pelo vestido de seda branco que trajava para a ocasião, solícito enquanto seguiam para lá, e ela estava pronta para matá-lo. E a ironia não acabava por aí para ela. Por mais que ele tenha feito barulho e a paparicado, todos os pensamentos dela estavam obcecados pelo fato de ele ainda estar vivo. Ela passou oito horas na companhia dele, ajudou a resgatá-lo dos sequestradores, e ainda não havia matado Tachyon.

Mais tarde, ainda há tempo.

O saguão estava cheio de repórteres. Eram como um lago tempestuoso diante dos elevadores, e quando Tachyon entrou, eles viraram um tsunami, erguendo-se para persegui-lo. Microfones apontados para o rosto deles como espadins, uma tagarelice de perguntas sobrepostas...

— Algum comentário sobre as mortes do Uivador e do Kid Dinossauro?

— O senhor está trabalhando com as autoridades nesse caso?

— E a história do seu próprio rapto?

... misturavam-se com o chiar das câmeras profissionais. Tachyon, com aparência ameaçadora, acenou para eles se afastarem e, quando isso falhou, abriu caminho com os ombros através deles até o elevador expresso.

Um homem bonito num casaco cinzento amarrotado forçou a passagem até Roleta, e ela recuou, assustada.

— Ei, Tachy, está dando um descanso para os nossos olhos ou apenas está tentando combinar com sua namorada? — Os olhos do repórter varreram ironicamente as calças, túnica, capa branca e as botas brancas, além dos adornos nos saltos com pedras de lua, e terminou no pequeno chapéu de veludo branco com uma pedra da lua e um broche prateado pregados na aba virada para cima.

— Digger, para trás.

— Quem é a nova ás? Ei, querida, qual é o seu poder?

— Não sou ás, deixe-me. — A agitação acelerou sua respiração, e ela desviou o olhar daqueles olhos penetrantes demais.

— Tachyon — Digger falou, num tom repentinamente muito sério. — Posso falar com você?

— Agora não, Digger.

— É importante.

— Tachyon, tire-me desta multidão, por favor. — Os dedos dela agarraram-se à manga dele, e ele atraiu a atenção do jornalista.

— Vá até o meu escritório.

As portas do elevador abriram-se num suspiro atrás dos dois, e o coração dela começou a se acalmar.

— Digger nunca errou antes, pelo que eu saiba. Tem certeza mesmo...

— Não sou ás! — Ela tirou a mão dele do seu ombro nu. — Quantas vezes eu preciso te dizer isso?

— Desculpe. — Seu tom era baixo, e a mágoa evidente em seus olhos lilases.

— Não! Não se desculpe, não seja solícito, não se importe!

Ele ficou do outro lado do elevador, e eles terminaram o percurso em silêncio. O elevador deixou-os no grande saguão externo do Aces High. Roleta olhou em volta, a curiosidade submergindo da agitação. Nunca tinha estado no restaurante. Josiah considerava todo o fenômeno de ases/curingas vulgar e mais do que um pouco assustador (prova disso foi a reação dele quando descobriu que também carregava o vírus alienígena), e evitava esta meca dos ases.

Os fotógrafos de celebridades estavam alinhados às paredes, e no centro do recinto estava Hiram, sorrindo, afável, educado, mas implacável em sua recusa em permitir que o espantalho alto em terno púrpura de Tio Sam entrasse no seu restaurante.

— Mas eu sou, como, um amigo do Estelar — o hippie loiro magrelo estava protestando — e do Jumpin' Jack Flash também, cara.

— Tenho certeza que é — Hiram disse. Ele continuou a explicar, com gentileza, que ases renomados tinham muitos grandes amigos, muito mais do que a capacidade de convidados dos restaurantes e, embora o Aces High tivesse muito prazer em receber o Capitão em qualquer outra noite do ano, hoje à noite era uma festa particular; tinha certeza de que o Capitão entenderia.

Tachyon entendeu a situação em um instante e pousou a mão no ombro largo de Hiram.

— Eu sei o que parece — ele falou —, mas o Capitão Viajante é mesmo um ás, e um bom homem também. Eu dou meu aval por ele, Hiram.

Hiram olhou surpreso, então cedeu.

— Bem, claro, se você está dizendo, doutor. — Ele se voltou para o Viajante. — Por favor, aceite minhas desculpas. Lidamos com muitos candidatos a penetra e, hum, tietes de ases, com frequência usando fantasias estranhas, então quando alguém não consegue demonstrar um talento de ás, nós... bem, tenho certeza que me entende.

— Opa, claro, cara — Viajante disse. — É bacana. Obrigado, doutor. — Ele encaixou seu chapéu na cabeça e entrou no restaurante.

♥

— Só porque está mascarada não significa que você pode simplesmente entrar, mocinha — o homem grande vestindo smoking no saguão do Aces High disse a Jennifer.

Ela sorriu para ele, desmaterializou o braço e atravessou a parede com ele. Ela queria fazer algo mais impressionante, como deslizar através do assoalho, mas não queria ter de se vestir novamente na frente de todas aquelas pessoas que aguardavam para entrar no restaurante.

— Está tudo bem. — O homem de smoking acenou para ela entrar, parecendo levemente entediado.

O Aces High era um sonho. Jennifer sentiu-se pequena, insignificante e, decididamente, com os trajes errados para a situação. Queria que Brennan tivesse levado para ela um vestido de noite em vez dos jeans, mas percebeu com um suspiro que teria exigido da parte de Brennan uma presciência sobrenatural.

Havia mais de uma centena de pessoas no salão de jantar principal, bebendo coquetéis, beliscando petiscos de aparência deliciosa e conversando em pequenos grupos e em grandes comemorações. Jennifer seguiu para a mesa do bufê, o estômago roncava pela visão de tanta comida. Tinha patê de *foie gras*, caviar, fatias de presunto dinamarquês, doze tipos de queijo e meia dúzia de variedades de pães e biscoitos. Ela espalhou patê numa torradinha e olhou ao redor, sentindo-se uma tiete de celebridade enquanto observava dezenas de famosos passando por ela.

Hiram Worchester, o Bolão, parecia preocupado. Provavelmente a tensão de orquestrar o jantar, Jennifer pensou. Reconheceu Fortunato, mesmo que fosse um ás que nunca buscava publicidade. Estava conversando com a Peregrina. Ele parecia sério, enquanto ela se divertia. Sentiu a carta de baralho que havia enfiado no bolso traseiro, mas ficou hesitante em ir até ele para apresentá-la. Parecia que tinha suas próprias preocupações e, além disso, ela podia se cuidar sozinha.

Ela agarrou uma taça de champanhe da bandeja de um garçom que circulava pelo salão e secou-a, fazendo descer o patê de *foie gras* e a torradinha.

— Eu sabia, eu simplesmente sabia. — A voz era masculina e lenta, com uma tendência subjacente à empolgação. — Sabia que ela iria aparecer aqui.

Jennifer se virou, copo de champanhe em uma das mãos e metade de uma torradinha com patê na outra. Hiram estava em pé atrás dela. Com ele, o homem que ela vira saindo do táxi, o homem de roupa branca.

— O senhor está falando comigo?

— Pode apostar seu corpinho lindo, minha cara — o homem de branco falou. Havia algo de errado com o rosto dele. Olhava para ela com uma intensidade incômoda que fazia Jennifer se sentir nua, mas era apenas parte daquilo que fazia Jennifer se sentir desconfortável. Suas feições, individualmente, eram até boas, talvez até bonitas, mas juntas não se encaixavam de maneira alguma. O nariz era muito longo, o queixo pequeno demais. Um dos olhos verdes intensos era mais alto que o outro. A mandíbula era inclinada, como se tivesse sido quebrada e colada torta. Ele lambeu os lábios de um jeito agitado, nervoso.

Hiram suspirou.

— Tem certeza, sr. Ray?

— É ela, sei que é. Sabia que não conseguiria ficar longe desta festa maldita. Claro que eu sabia!

— Muito bem, então. Faça o seu trabalho.

Ele suspirou novamente, esfregou e agitou as mãos, como se as lavasse pela questão.

— Meu nome é Billy Ray. Sou agente federal e gostaria de ver sua identidade.

— Por quê? — Jennifer perguntou com uma sensação de desânimo.

— A senhorita parece com alguém que roubou a casa de um cidadão importante esta manhã.

Jennifer olhou para o pedaço de torradinha que ainda segurava. Não tinha nem começado a matar sua fome.

— Droga — ela falou, e a torradinha e a taça de champanhe deslizaram através de suas mãos enquanto ela atravessava o assoalho. Ray movia-se como um gato agitado. Ele pulou sobre ela, mas agarrou apenas a camisa, que estava amarfanhada no chão.

— Ah, Jesus, Worchester — Jennifer ouviu-o dizer antes de desaparecer completamente no chão —, você devia ter me deixado derrubar a vadia.

♣

A figura pequena de Tachyon desapareceu entre os ases espalhados, em busca de álcool. Álcool que ela precisava tanto. O ressoar das vozes, o tilintar do gelo nas taças de cristal e os esforços enérgicos de um pequeno grupo musical, tudo combinado para formar uma sonda que perfurava cada vez mais fundo sua cabeça.

As esculturas de vários dos mais importantes ases faziam presença no salão. Peregrina havia ficado ao lado de sua estátua, e as belas asas ameaçavam sobrepujar a réplica congelada.

Capitão Viajante, com um copo de suco de fruta grudado na mão ossuda, tentava negociar o espaço, mas sua incrível cartola caía no chão a todo instante. O Martelo do Harlem, que parecia estar bem desconfortável no seu melhor traje, pegava o chapéu e devolvia. O contraste entre o ás negro e extremamente forte, com sua careca brilhando sob as luzes, e o Capitão magricela era assustador.

O Professor e a Sibila Azul estavam encostados no bar. Sibila, com seu corpo nu e sem genitália, poderia ser a dublê de uma das esculturas de gelo. Ela trazia até mesmo um frescor a quem estivesse perto dela. Seu companheiro criava um frisson com sua noção peculiar de estilo. Com suas costeletas, cabeça lisa, óculos com armação de arame e cachimbo fumegante, ele parecia o tio velho e gentil de alguém. Mas nenhum tio de Roleta usaria um smoking azul-celeste com sandálias gastas.

Fantasia, a primeira bailarina do American Ballet Theatre e um dos ases mais públicos de Nova York, acenou uma rosa diante do nariz de Pit Boss, enquanto Trump Card observava, satisfeito.

Tantos, e quais de vocês sobreviverão a esta noite? Não muitos, eu acredito, com meu mestre caçando vocês.

♦

O problema de ser um anfitrião genial era a necessidade de ser educado com os rudes. Hiram bebericava da taça de champanhe cheia de *ginger ale* Vernors (ele gostava de manter uma taça

na mão para promover a atmosfera de fraternidade, mas tinha responsabilidades demais para se permitir ficar alegrinho) e tentava fingir grande interesse naquilo que o Capitão Viajante falava.

— Quer dizer, é tipo elitista, cara, todo esse jantar, em um dia como este que deveria ser para ases e curingas comemorarem juntos, como uma irmandade — o hippie desengonçado de cabelos loiros compridos e cavanhaque ralo lhe disse.

A equipe do Aces High barrava uma dúzia de tietes e fingidores, inclusive a pescadora com seu aquário com peixinhos dourados telepáticos, um senhor de capa que viajava no tempo em sonho e uma adolescente de noventa quilos que usava apenas tapa-seio e fio dental e alegava ser imortal. Essa era difícil de testar, obviamente, mas Hiram a mandou embora de qualquer forma. Ele se flagrou desejando ter sido tão resoluto com Viajante, cujos poderes pareciam da mesma forma ilusórios, se é que tinha qualquer poder. Se o Dr. Tachyon não tivesse chegado bem quando ele...

Hiram suspirou. O leite já havia sido derramado. Ele deixou o Capitão entrar e, poucos minutos depois, enquanto caminhava pela festa, confraternizando e sorrindo, ele cometeu um segundo erro e perguntou ao Viajante se ele estava se divertindo. Desde então, ficou aprisionado ao lado da estátua da Peregrina, enquanto o homem alto com terno de Tio Sam explicava, com seriedade, que, como o álcool era veneno, cara, ele realmente deveria estar servindo tofu e brotos, porque o corpo é como um templo, sabe, e não era a ideia do Jantar do Carta Selvagem tipo, hum, ser politicamente incorreto.

Não era surpresa que o Dr. Tachyon tivesse garantido a entrada dele, Hiram pensou, olhando para o pomo-de-adão saliente e a cartola púrpura: era óbvio que faziam compras na mesma butique. O sorriso de Hiram estava tão congelado que esperava que sua barba não se cobrisse de neve. Sua atenção pairava pela sala, e ele percebeu que vários dos convivas estavam levando seus drinques para a sacada, de onde se via o sol mergulhar atrás de Nova Jersey, pintando o céu de um vermelho profundo, robusto. Aquilo trouxe uma inspiração para Hiram.

— O pôr do sol parece estar magnífico, Capitão — ele falou. — É uma vista que realmente não deveria perder, já que não nos visita com tanta frequência. O pôr do sol do Aces High é muito especial, tenho certeza de que concordará. É bem, hum.. bem incomum.

Funcionou. Capitão Viajante esticou o pescoço ao redor, assentiu e deu o primeiro passo na direção da sacada, mas de alguma forma aquelas pernas de salgueiro-branco conseguiram se enroscar uma na outra e ele começou a tropeçar. Antes que Hiram pudesse dar um passo adiante e agarrá-lo, o Viajante esticou a mão para se equilibrar, agarrou a escultura de gelo e arrancou a ponta da asa de Peregrina, caindo direto de cara. O chapéu voou três metros adiante e aterrissou aos pés do Martelo do Harlem, que o pegou com um olhar de repulsa, levou-o de volta para o Viajante e encaixando-o com firmeza na cabeça do Capitão. Quando Capitão Viajante conseguiu se erguer, a ponta da asa de gelo ainda estava na sua mão. Ele olhou muito envergonhado.

— Desculpe, cara — ele disse. Tentou encaixar a peça perdida no fim da asa de Peregrina. — Desculpe mesmo, estava tão bonita, cara — ele disse. — Talvez eu possa arrumar.

Hiram tomou o gelo de sua mão e gentilmente virou-se para ele.

— Não se preocupe — ele disse —, apenas vá ver o pôr do sol.

♠

Jack curvou-se pesadamente contra Nômada quando saíram do metrô. Rosemary seguia, examinando a multidão. Ela tomou o braço livre de Jack, emprestando apoio enquanto o trio transpunha a 23rd Street na direção do Haiphong Lily.

Ninguém deu importância alguma a eles enquanto os três se moviam lentamente pela calçada.

— Aqui — Nômada os guiou para um pátio escuro, estreito, mal iluminado por dois postes de luz tremeluzente no quarteirão.

— Sinto cheiro de algo bom — Jack disse sem prazer algum, erguendo a cabeça.

— Rosemary, é sua deixa. — Nômada ajudou Jack a se firmar contra um gradil de aço entortado que levava até um prédio de tijolinhos há muito não restaurado. Ela se voltou para a promotora adjunta. — Como você quer fazer?

Rosemary perscrutou a rua na direção do próprio poste de luz mortiça.

— O que quero fazer é usar os cadernos para exercer algum controle sobre os Gambione. A partir daí, talvez eu possa alcançar o restante das famílias. — O arrependimento era visível na voz e no rosto dela. — Desculpe colocar você nisso, Jack, mas se não reduzirmos essa guerra entre as forças do crime, a cidade ficará num estado de sítio. — A voz dela firmou-se. — De posse dos livros e liberando informações suficientes para manter o equilíbrio, quero influenciar a seleção do novo chefão e sua atitude perante as famílias e as novas gangues.

— É moleza — Jack disse, cerrando os dentes.

— Você acredita mesmo que pode fazer isso? — Nômada perguntou, nada convencida de que Rosemary conseguiria levar a cabo seu plano forçado.

— Belíssima pergunta, caramba — Jack falou.

— Rosa Maria Gambione vai conseguir. — Rosemary encarou Nômada.

— Mas o que eles farão quando descobrirem quem é realmente a promotora adjunta? — Nômada franziu o cenho para a outra mulher. — Você poderia pular na frente de um trem expresso também.

— É a minha escolha. É a minha herança. — Ela se aprumou, eloquente. — De que outro modo eu poderei compensar os atos do meu pai?

— Cem ave-marias — Jack falou, acenando levemente. — Desculpe, não aguentei.

— Seu pai escolheu ser o que era. Você não tem culpa pelos pecados dele. — Nômada agarrou o braço de Rosemary com força o bastante para machucar. — Sua responsabilidade é com você mesma.

— Não vejo dessa forma. — Ela arrancou a mão de Nômada do braço e segurou-a por um momento. — O que eu não gosto é de colocar você e Jack em perigo.

— Ei, estamos acostumados. Somos ases, certo? — Nômada olhou para Jack, que soltava impropérios em voz baixa, em francês. Mesmo sob a luz fraca, conseguiam ver a pele dele ficando acinzentada. — Quanto tempo mais? — Jack perguntou.

— Só mais um momento — Rosemary falou, tranquilizadora.

— Sim, claro — Jack se contorceu. — *Maldição*, isso dói.

Ele congelou quando viu as limusines estacionadas à frente. Spector deu um longo suspiro e

esperou um momento para se acalmar. Não era o Astrônomo, não podia ser, ainda não. Como ele esperava que os mafiosos chegariam, com Hondas e Yugos?

Avistou a nenúfar de neon e soube que estava no lugar certo. Ele entrou e subiu as escadas rangentes de madeira. Um homem grande bloqueou seu caminho até o alto da escadaria. O brutamontes tinha mais de um metro e oitenta e corpo de um atacante defensivo do futebol americano, obviamente a força bruta da máfia. Ele não teria sido mais do que um pedaço de bife para Spector, exceto pelo fato de usar óculos espelhados.

— Reserva? — ele perguntou, como se fosse a única palavra em inglês que sabia.

— Sim. — Spector tentou passar, mas o homem agarrou seu pulso machucado.

Spector cerrou os dentes.

— Você tem algum tipo de problema?

— Temos uma festa particular hoje à noite.

— Desculpe. — Um oriental pousou a mão sobre a montanha de músculos contratada. Ele olhou para Spector, os cantos da boca levemente retorcidos. — Este senhor não está na sua festa, mas tem reserva.

— Ele vai permitir uma revista? — o homem grande fez a pergunta para o oriental, então examinou Spector.

— Sem problema. — Spector desabotoou o casaco e ergueu os braços. O homem o revistou de forma rápida, profissional.

— É do Serviço Secreto ou algo assim? — Spector perguntou.

— O.k. Faça o que quiser com ele. — O homem grande deu um passo para trás na direção das escadas.

O oriental, Spector percebeu, era um gerente e levou-o até uma mesa próxima à entrada do salão privado. Ele entregou um cardápio para Spector e deu um sorriso pálido.

— Sem problemas — ele sussurrou. — Disseram que não teria problemas.

— Só se a comida for ruim.

— Comida excelente. — O gerente sinalizou para um garçom e virou-se, parecendo aliviado.

O cardápio era pintado à mão em ouro e prata em algum tipo de papel grosso sofisticado, não laminado, com o qual ele se acostumou. Spector abriu-o e suspirou. Para piorar, não apenas tudo estava escrito em vietnamita, mas não havia números ao lado dos pratos. Seria difícil tentar encontrar algo comestível sem ter de pronunciá-lo também.

— Com licença, senhor. Aceita um pouco de chá?

Spector ergueu os olhos para o garçom.

— Claro. — Um pouco de cafeína seria bom para os seus reflexos quando chegasse a hora.

O garçom trouxe a xícara com mãos de luva branca e a encheu.

— Gostaria de esperar um pouco mais antes de fazer o pedido?

— Sim. Volte daqui a pouco.

O garçom assentiu, deixou o bule de porcelana na mesa e saiu.

Spector pegou a xícara e soprou o chá. Parecia um pouco mais verde do que ele costumava ver. Tomou um gole hesitante. O chá era quase quente demais para ser tomado, mas era forte o bastante para fazer o serviço. Ele deixou esfriar por alguns minutos e, em seguida, tomou de uma vez, o máximo que conseguiu. Spector sentiu um cheiro de carne e vegetais cozinhando em óleo quente. O estômago queimou. Precisava botar algo sólido nele logo.

Duas pessoas entraram no restaurante. Uma era jovem; a outra estava próxima dos setenta anos. Usavam terno escuro e chapéu. Conversaram rapidamente com o vigia na porta, para, em seguida, desaparecerem no salão privado.

Spector conseguia ouvir as vozes, mas não era capaz de distinguir palavras o suficiente para seguir a conversa. Não importava, na verdade. A maioria deles estaria comendo grama pela raiz em breve.

Ele voltou ao cardápio. Pediu um prato com carne, ele poderia ao menos comer a carne.

Outro grupo passou caminhando pelo vigia para dentro da sala de reunião. Olá, ele pensou, sou o Ceifador. Hoje à noite esticarei a canela de todos vocês.

O garçom voltou até a mesa dele.

— Quer fazer o pedido, senhor?

— Sim. Queria algo com carne. Entende? Muitas coisas quentes também.

O garçom assentiu e saiu.

Spector verificou o relógio. 19h45. Pegou a xícara e bebericou o chá. Quando tivesse certeza de que todos estavam lá dentro, faria sua entrada.

A hora do coquetel estava chegando ao fim, e Curtis e sua equipe atenciosa começaram a levar os convidados até suas mesas quando Jay Ackroyd finalmente apareceu, conduzindo Crisálida pelo braço. Popinjay estava com o mesmo terno marrom e mocassins que havia usado o dia todo, sem gravata e um pouco amarrotado. Crisálida trajava um vestido prata-metálico brilhante e longo. Cobria os seios e um ombro, mas a fenda lateral era alta o bastante para deixar totalmente aparente que ela havia decidido vir sem as roupas de baixo. Suas pernas longas cintilavam enquanto ela passava a passos largos pelo salão, os músculos se moviam como fumaça embaixo da pele transparente, os olhos no rosto esquelético examinavam o recinto como se ela fosse a proprietária.

Hiram encontrou-os no bar.

— Jay, como sempre, atrasado — ele falou. — Eu realmente deveria lhe dar uma prensa por atrasar nosso encontro. Sou Hiram Worchester. — Ele beijou a mão dela.

Ela parecia satisfeita.

— Eu pensaria o mesmo — ela falou, em tom culto e aristocrático.

— Você é britânica! — Hiram disse com um sorriso alegre. — Meu pai era britânico. Lutou em Dunquerque, sabe. A noiva era ele, mas não do tipo que vestia branco.

Crisálida sorriu educadamente.

O sorriso de Ackroyd foi mais cínico.

— Vocês dois provavelmente vão falar de Winston Churchill ou de pudim de pão inglês ou algo assim. Acho que vou pegar uma bebida.

— Faça isso — Hiram disse. Jay entendeu a deixa e saiu para conversar com o Atravessador.

— Suponho que tenha algumas informações para mim — Hiram falou a Crisálida.

— Poderia ter — ela disse. Olhou em volta. Num salão cheio de celebridades e mulheres atraentes, ela estava conseguindo mais do que sua parcela de olhares.

— Aqui? Parece-me público demais.

— No meu escritório — Hiram respondeu.

Quando a porta se fechou atrás dele, Hiram afundou-se feliz numa cadeira e fez um gesto

para que ela se sentasse.

— Posso? — ela perguntou, tirando um cigarro da pequena bolsa de mão. Ele assentiu. Ela acendeu o cigarro, e Hiram observou a fumaça espiralar dentro das cavidades nasais dela quando inalou. — Vamos deixar as preliminares de lado. — Crisálida sugeriu. — O tipo de informação que o senhor quer é perigoso e caro. Quanto está disposto a gastar?

Hiram abriu sua gaveta, tirou um talão de cheques do tamanho de um livro-razão e começou a preencher um cheque. Ela o observava com cuidado. Ele destacou a folha e deslizou sobre a mesa para ela.

Crisálida curvou-se para a frente, pegou o cheque e verificou. A musculatura fantasmagórica do rosto movimentou-se como se ela levantasse uma sobrancelha. Dobrou o cheque ao meio e enfiou-o na bolsa de mão.

— Muito bom. Isso compra bastante coisa, sr. Worchester. Não tudo, mas muito.

— Vá em frente. — Ele cruzou as mãos sobre a mesa. — Você disse a Jay que o Pancada era parte de algo maior. O que é?

— Chame-os de Sociedade do Punho Sombrio — Crisálida começou. — Esse é o nome que se ouve nas ruas. É tão bom quanto qualquer outro. É uma organização criminosa grande e poderosa, sr. Worchester, formada por muitas gangues menores. Os Garças Imaculadas em Chinatown, os Lobisomens no Bairro dos Curingas, o grupo diversificado do Pancada na orla, e outras dúzias. Eles têm aliados no Harlem, em Hell's Kitchen, no Brooklin, em toda a cidade.

— As famílias — Hiram falou.

— Não confunda-os com a máfia. A Sociedade do Punho Sombrio está travando uma guerra muito silenciosa contra a máfia, na verdade, e está vencendo. Tem dedos em um bom número de atividades, em tudo, desde o tráfico de drogas até a prostituição, na jogatina, bem como em alguns negócios lícitos. Pancada e sua extorsão por proteção são apenas uma das partes ínfimas e menos significativas dessa operação, mas, de qualquer forma, faz parte. Se eu fosse o senhor, tomaria muito cuidado. O próprio Pancada é um monte de músculos barato, mas seus apoiadores são pessoas cruéis e eficientes que não toleram interferência. Se o senhor incomodá-los, eles o matarão facilmente como se mata uma mosca.

Hiram fechou o punho.

— Talvez achem difícil.

— Por que o senhor é um ás? — Ela sorriu. — Num dia como hoje, parece algo pequeno demais para se ater, querido. Lembra-se do assassino do submundo, bastante impressionante, na Staten Island no ano passado? Apareceu em todos os jornais.

Hiram franziu o cenho.

— Um daqueles assassinos do ás de espadas, não é? Lembro-me vagamente de ter visto as manchetes. Como a vítima se chamava?

— Cicatriz — disse Crisálida. — Um teleportador instantâneo, matador de aluguel do Punho Sombrio. Bem, está morto, mas há outros ases trabalhando para eles, se os rumores estiverem certos. Com poderes iguais ou melhores. Talvez mais de uma dúzia. O senhor deve ter ouvido falar. Transluz, Sussurro, Vermis. É bem possível que um dos seus convidados lá fora possa ser um Punho Sombrio, bebericando da sua champanhe enquanto cogita a melhor maneira de se livrar de você.

Hiram pensou por um momento.

— Pode me dizer o nome do homem à frente dessa organização?

— Poderia — Crisálida disse friamente. — Mas passar informações como essa poderia me matar. Não que eu não arriscasse pelo preço certo, claro. — Ela riu. — Apenas não acho que o senhor tenha tanto dinheiro, sr. Worchester.

— Suponha que eu queira falar com eles — ele falou. Ela deu de ombros. — A menos que você me dê um nome, vai descobrir que posso facilmente sustar o pagamento deste cheque.

— Não precisamos chegar a esse ponto — ela falou. — Tem familiaridade com o nome Latham, Strauss?

— O escritório de advocacia? — Hiram disse.

— Os advogados do Latham, Strauss soltaram o Pancada esta tarde, depois de Jay tê-lo teletransportado para dentro da Tombs. Fiz minhas pesquisas sobre o escritório hoje e descobri que o sócio sênior costuma ter bastante interesse em homens como o Pancada. Isso parece estranho, pois os clientes pessoais dele incluem uma variedade dos homens mais ricos e poderosos da cidade, alguns deles com bons motivos para serem discretos. Entende o que estou falando?

Hiram assentiu.

— Você tem o endereço dele?

Ela abriu a bolsa de mão e apresentou um cartão. O respeito de Hiram por ela subiu um ponto.

— Darei ao senhor mais um conselho gratuito — ela acrescentou.

— E qual é?

Crisálida sorriu.

— Não o chame de Brecha. — ela disse.

Capítulo XV

20h00

Havia se tornado algo ritual, a maneira como esses jantares começavam.

Quando o restante deles estava sentado, quando os garçons traziam a sopa e os convivas escolhiam suas entradas, então todos o olhos se voltavam para Hiram Worchester. Ele enchia uma taça alta e fina com champanhe, fazia-se leve, mais leve que o ar, e flutuava gentilmente até o teto, perto de um dos candelabros.

— Um brinde — ele disse, erguendo a taça, como fazia todos os anos. Sua voz grave era solene, triste. — Ao Jetboy.

— *Ao Jetboy* — eles repetiram em uníssono, centenas de vozes, juntas. Mas ninguém bebeu. Havia mais nomes a vir.

— Ao Águia Negra — Hiram falou —, à Especialista e ao Embaixador, onde quer que ele possa estar. Ao Tartaruga, cuja voz nos conduziu de volta da loucura. Vamos esperar que esteja a salvo e seguro, que, como Mark Twain, os relatos do seu fim tenham sido brutalmente exagerados. A todos os nossos irmãos ases, grandes e pequenos, vivos e mortos e que ainda virão. Aos curingas em seus milhares e à memória das dezenas de milhares que tiraram a Rainha Negra.

Hiram fez uma pausa, olhou para a sala em silêncio por um momento, então prosseguiu:

— Ao Uivador — ele disse — e ao riso que podia estilhaçar tijolos. Ao Kid Dinossauro, que nunca foi tão pequeno quanto aquele que o matou. Aos takisianos, que nos amaldiçoaram e nos tornaram deuses, e ao Dr. Tachyon, que nos ajudou em nossa hora de maior necessidade. E, sempre, ao Jetboy.

— *Ao Jetboy* — eles repetiram mais uma vez. Dessa vez eles beberam e, talvez, um ou dois de fato pararam por um momento para lembrar o garoto que não poderia ter morrido ainda, antes de erguerem as colheres de sopa e começarem a comer.

Hiram Worchester desceu lentamente de volta ao solo.

♣

— Você não está comendo — Tachyon observou com delicadeza, lançando um olhar esquivo para o prato quase intocado dela.

— Nem você.

— Eu tenho uma desculpa.

— Qual é?

— Minha boca está machucada.

— Esse não é o motivo real.

— Por que você se importaria em ouvir o motivo verdadeiro?

— Não, eu não me importo. — Ela desviou o olhar, mas a memória formou uma figura transparente que a separava do ambiente. *Josiah, as narinas apertando-se criticamente, se sobrepôs ao rosto gentil do Viajante Seu bebê jazia como uma entrada grotesca no prato de Mistral.*

— Qual é a sua desculpa?

Que eu vou matá-lo — tenho que matá-lo — e estou perdendo a paciência. Essa resposta o deixaria feliz?

O cérebro entrou em acordo com a boca, e ela se ouviu dizer:

— Estou triste com o que aconteceu hoje.

— Com qual parte? — o alienígena perguntou com um sorrisinho desgostoso.

— O Túmulo, o assassinato.

A mão dele cobriu a dela.

— E você encontrou o motivo da minha falta de apetite. Como posso comer quando o Kid... estou pensando nos pais dele.

A sopa de cebola francesa que ela havia comido antes atingiu o fundo de sua garganta, e ela engoliu convulsivamente.

— Com licença — ela murmurou sem fôlego e, empurrando a cadeira para trás, correu para fora da sala de jantar. Olhares curiosos caíram como bofetadas.

No banheiro, ela jogou água fria no rosto, sem pensar no trabalho cuidadoso de maquiagem, e enxaguou a boca. Ajudou, mas não conseguiu aliviar o nó ardente na boca do estômago. Os olhos âmbar encararam o espelho friamente, arregalados e amedrontados. Ela examinou o ovalado perfeito do rosto, as maçãs altas, esculpidas, nariz fino (legado de algum ancestral branco). Parecia um rosto normal. Como podia esconder tal. . A mente dela resistiu à palavra. Não maldade. Escondia memórias.

Memória de maldade.

Maldade de quem? Do homem cuja família trouxe o vírus amaldiçoado à Terra e arruinou sua vida?

Ou dela própria?

Ela pousou as mãos em cada lado da pia, curvou-se para a frente e seu fôlego veio em goles rápidos.

— Ele está vivo, Roleta.

O medo arrancou um grito rápido, e ela girou para encará-lo. Contraiu-se enquanto ele deixava de lado uma lixa de unha que o Aces High punha à disposição das clientes. Examinou as veias nodosas nas costas da mão dele, e ele se virou lentamente na pequena banqueta da penteadeira para encará-la. Era uma visão incongruente. O Astrônomo vestido de garçom do Aces High, emoldurado por duas fileiras de luzes teatrais, as costas da calva refletidas no espelho.

— Ai, meu Deus. O que você...

— Está fazendo aqui? Aparentemente terminando o negócio que você deixou de fazer. Negociando um pouco com a morte. Vim esperando lamentos, medo e ódio. O que encontro? Um punhado de ases enchendo a cara, e falando, falando, falando.

— Você não pode... não aqui.

— Ah, sim, certamente *aqui*. Começando por Tachyon.

— Não!

— Preocupada?

— Ele... ele é meu.

— Então, por que não o matou? — Ele perdeu o tom jovial, sua voz raspando como rocha em lixa. Saiu da banqueta, a ação ainda mais ameaçadora por sua lentidão.

— Eu... — A voz dela não funcionou, e ela tentou novamente. — Estou me divertindo com ele.

— Que frase dramática, quase melodramática. Divertindo-se com ele — ele repetiu, pensativo. A mão dele esticou-se e agarrou-a pela garganta. — Bem, *não se divirta com ele! Mate-o!* — A saliva molhava o rosto dela, e ela se contorcia entre os dedos dele.

A mão apertou, a laringe doendo sob a pressão, o sangue correndo, palpitando nos ouvidos. Roleta arranhou a mão dele, pedindo clemência, mas apenas sons abafados emergiram.

Ele a jogou de lado com desdém, e ela se ergueu com dificuldade, apoiando-se na beirada da privada.

— Você não pode me obrigar. O medo de você não será suficiente.

— Verdade. Eu gostaria que você reconhecesse a sabedoria do que acabou de dizer. Apenas seu ódio vai te libertar. Apenas se liberar o ácido da sua alma poderá estar em paz.

Ela afundou os dedos nas têmporas.

— Não sei o que odeio mais. Suas ameaças ou sua psicologia pop.

Ele continuou como se ela não tivesse falado.

— Apenas aquela última catarse poderá salvá-la de uma vida inteira de memórias.

Ele arrancou os escudos mentais cuidadosamente construídos, captou e despedaçou uma parte da mente dela. As imagens esvoaçaram atrás dos olhos dela. *A mão pesada da enfermeira sobre o peito, forçando as costas. "Não olhe." Ela olhou. MONSTRO! Jazia numa incubadora, choramingando sua agonia. Escondido. Quatro dias assistindo-o morrer. O nojo tornando-se amor, tornando-se ódio. As mãos pesadas das enfermeiras sobre o peito, forçando...*

E assim por diante. Um replay sem fim de um pesadelo.

— Mate-o, e isso vai parar.

— Ah, Deus! Não acredito em você! — Os dedos dela se retorceram no cabelo.

— Que infelicidade. Pois realmente você não tem outra opção.

— Já é hora? — Jack ergueu a cabeça do gradil de aço no qual se segurava.

Nômada foi até ele para ficar ao seu lado. Ela o envolveu pela cintura.

— Logo. Vai ser logo. — Ela esticou a mão para tirar os cabelos pretos encharcados de suor dos olhos dele. Obviamente com dores, Jack a encarou de volta. Obscurecidos, seus olhos fundiam-se de forma invisível com a noite.

— Você precisa subir como você mesmo — ela disse. — Vou ajudá-lo a se transformar quando chegar a hora. Estarei lá com você o tempo todo. — Nômada pousou a mão dela sobre a dele no gradil. Ele virou sua mão para cima e agarrou os dedos dela.

— Estou com um mau pressentimento sobre isso tudo — Jack falou. Ele baixou os olhos para seus dedos enroscados, mas não tirou a mão. — Queria que os gatos estivessem aqui.

— Eu também.

— Se algo der errado — ele falou —, saia. Estou falando sério. Eu posso cuidar de mim mesmo.

Nômada não disse nada, mas apertou a mão dele um pouco mais forte. Ela olhou para Rosemary.

— Podemos começar?

A advogada voltou para o canto e espiou o prédio encardido.

— Parece que está tudo limpo. — Ela tocou o relógio digital, apertando os olhos para o brilho turvo. — São oito e vinte. Todo mundo que viria já deve ter chegado a esta hora. Vamos.

A entrada do Haiphong Lily era marcada por um nenúfar imenso em neon vermelho. Seu zumbido tremeluzente iluminava a rua quieta. Meia dúzia de limusines estavam estacionadas na calçada diante do restaurante. Os motoristas uniformizados estavam em pé num grupo diante da fila, fumando e conversando como motoristas de táxi comuns. Cada carro era guardado por um ou dois homens sérios. Uma parte dos guardas observou impassível a Nômada e seus companheiros passarem, olhos acompanhando o avanço deles como as miras de uma metralhadora M60. Todos os guardas usavam braçadeiras pretas.

Os cheiros de coentro, peixe e pimenta picante da cozinha vietnamita os engolfaram antes de eles chegarem à porta.

— *Mon Dieu* — Jack ergueu os olhos para o céu e então olhou para a Nômada. — Consegue acreditar? Agora estou com fome.

— Comeremos assim que terminarmos aqui.

Enquanto a entrada estava no nível da rua, o restaurante em si ficava um lance de escada acima. A escadaria era mal iluminada e o papel de parede vermelho floral absorvia grande parte da luz. Numa alcova sobre a porta de entrada interna, um grande homem, cujo terno simples igual ao dos observadores do lado de fora, estava em pé, olhando escada abaixo. Ele se moveu ao som da porta externa e bloqueou o caminho escada acima.

— Reservas? — ele perguntou.

— Claro — Rosemary disse, sem hesitar.

Nômada observou os olhos por trás dos óculos espelhados, verificando neles a possibilidade de uma ameaça. O homem grande deu de ombros. Aparentemente satisfeito, ele se afastou da entrada. Obviamente não reconheceu Rosemary.

Lá dentro do restaurante havia mais do papel de parede escuro e um oriental nervoso, de meia-idade, cumprimentou-os com uma pilha de cardápios.

— Boa noite. Três? Sim?

Ele já havia seguido para uma das muitas mesas vazias quando Rosemary o impediu.

— Estamos aqui para a reunião.

O homem baixote parou abruptamente. O salão de jantar estava quase deserto. Um casal idoso aconchegava-se numa conversa íntima de um lado. Mais perto, um homem alto, esquelético, com boca torta, ergueu os olhos da refeição. Ele e o gerente oriental trocaram olhares. Nômada pensou por um instante que o cliente solitário parecia *terrivelmente* familiar, mas sua atenção se voltou de súbito quando Jack tropeçou e quase caiu contra um tanque borbulhante de carpas. O *maître* parecia aflito.

Com sorriso cansado, ele disse:

— Sem reunião.

— Sim — disse Rosemary. — Tem sim. No salão privado.

— Sem reunião aqui.

— O que temos aqui — Jack falou lentamente com seus lábios tensos — é uma falha de

comunicação.

Rosemary inspecionou o salão, parando quando avistou dois homens em ternos azul-escuros e óculos de sol caros, sentados em mesas separadas ao fundo do salão. Também usavam braçadeiras de luto.

Ela abordou o mais próximo.

— *Buon giorno*... Adrian, não é? Filho de Tony Callenza?

— Senhora, acho que pegou o homem errado. — O soldado à direita olhou para o seu companheiro, que deu de ombros. Nômada firmou o apoio a Jack para puxá-lo e acobertá-lo se o tiroteio começasse.

— Adrian — disse Rosemary. — Costumávamos brincar juntos. Você sequestrava minhas bonecas e pedia resgate. Vou ficar magoada se não se lembrar.

A promotora adjunta deixou Nômada e ficou em pé a alguns metros da mesa e dos homens com quem conversava. Não havia tensão na sua postura, cabeça erguida, braços soltos ao lado do corpo. Nômada a tinha visto uma vez, num julgamento. Pensou que ela mesma nunca foi tão segura de si como Rosemary.

Ela ficou até menos certa agora que Rosemary realmente pretendia usar os livros exclusivamente para influenciar a família. Ainda permanecia muito do seu pai nela. Nômada lembrou a observação de Rosemary de querer ter tido um filho, capaz de herdar o controle. Será que ela estava prestes a dar meios a Rosemary para assumir aquele controle?

— Eu já disse, meu nome não é Adrian.

— Então, acho que o meu não é Rosa Maria Gambione.

O homem tirou os óculos espelhados.

— Maria! — Ele sorriu pela primeira vez. — Eu lembro uma vez, eu mandei a mão direita de uma boneca sequestrada para você. Você ainda não me pagou.

O outro homem falou pela primeira vez.

— Fique quieto, Adrian. Rosa Maria Gambione desapareceu há muitos anos. — Ele disse para ela: — Você parece mais uma promotora para mim, srta. Muldoon.

— Muito bem. Eu não conheço você, conheço?

— Não.

— Meu pai lutava pela família do jeito antigo. Eu escolhi novas maneiras.

— Perseguindo-nos? — disse o segundo homem. — Processando-nos?

— Sendo uma promotora útil. Preciso ser uma boa promotora pública.

Então a boca fina, inexpressiva, embaixo dos óculos de sol, torceu-se para um canto.

— Adrian, chame o seu pai. Acho que ele ficará interessado nisso aqui. — Ele se recostou na cadeira e disse: — Sentem-se, por favor, a senhorita e seus *amigos*, srta. Muldoon.

Rosemary puxou uma cadeira e sentou-se, cruzando as pernas e sorrindo para o homem do outro lado da mesa. Ela mal virou a cabeça.

— Suzanne, acho que agora seria o momento adequado.

Nômada virou Jack para si e estendeu a mão para a cabeça dele. O homem recuou, ríspido.

— Aqui não!

— Você está certo. — Ela capturou o olhar de Rosemary e apontou com o queixo para a porta do banheiro masculino.

— Boa ideia — disse Rosemary. Para o homem na mesa ela disse: — Meus amigos vão se juntar a mim em um instante. Posso garantir que eles não estão.. armados. — Ela olhou diretamente para as lentes opacas. — O senhor tem um nome?

— Muito bem, faça isso rápido.

Ele acenou com preguiça para o banheiro:

— Você sempre anda com drogados?

Rosemary estendeu a mão sobre a mesa e serviu para si uma xícara de chá.

— Não.

— Morelli — disse o homem.

— *Muito* prazer em conhecê-lo.

Nômada levou Jack até a porta do banheiro masculino.

— Talvez seja melhor eu ir primeiro. — Jack esticou o braço para se equilibrar contra o batente da porta.

— Você não vai fazer isso — Nômada disse sem rodeios.

— Sua fé é emocionante. — Então, ele arfou com dor. — Por outro lado...

Nômada abriu a porta e entrou. Ninguém estava no mictório, mas um vietnamita num avental de cozinha imundo estava saindo da cabine. Ele grunhiu, surpreso, lavou rapidamente a mão, então saiu, murmurando num idioma que Nômada ficou feliz por não entender.

— Entre aqui — ela falou para Jack. A porta fechou de uma vez atrás dele.

— Não sei se posso fazer isso — Jack falou. — Às vezes eu consigo invocá-lo. Estou sentindo muita dor para me concentrar. Eu...

— Apenas tire as roupas.

— O quê? — Ele tentou sorrir. — Nômada, não é hora. — Ele ficou quieto quando ela o encarou, exasperada.

— Não tenho nenhuma muda de roupa para você dessa vez. Se você não tirar, vai destruir essas que está vestindo. Certo?

— Ah, certo. — De costas para ela, Jack desabotoou a camisa. Sem se importar com suas roupas, Nômada sentou-se no chão ladrilhado sujo. Depois de ter se despido, Jack olhou incerto para ela. Ele segurou as roupas diante de si.

— Deite.

Jack engoliu seco e prostrou-se diante de Nômada. No espaço limitado, seus pés estenderam-se embaixo do tabique verde de madeira que dividia a cabine. Ela estendeu a mão e deixou de lado as roupas dele, em segurança. Segurando a mão dele, ela começou a enviar sua consciência para dentro da mente dele, buscando a chave para a transformação.

— Deixe a dor continuar. Pare de tentar controlá-la. — Nômada parou de usar a voz rouca que havia adotado anos antes. Naquele momento, falou no ritmo que usava para acalmar os animais. Sincronizou sua respiração com aquele ritmo e acariciou a cabeça de Jack.

Ela sabia como. Não era a primeira vez que trabalhava com Jack, embora fosse a primeira vez que buscava liberar a fera em vez de contê-la.

Jack relaxou sob as mãos dela. Na sua mente, ele a conduziu até abaixo dos níveis da sua consciência. Ela desviou das barreiras e respeitou o eu particular que ficou para trás deles. Os gatos sempre pediam para ela bisbilhotar. Pela amizade e pelo seu desejo quase patológico por privacidade, Nômada resistiu àquela tentação séria.

A jornada através da mente de Jack era uma viagem definida pelos cheiros. A cidade, seu povo, a própria Nômada, tudo era marcado por seus aromas individuais, não por visões ou palavras. Estas vinham muito mais tarde na cadeia da consciência.

Ao chegar a um cheiro de pântano, podridão, morte e decomposição, Jack parou. Nômada encontrou seu medo de nunca retornar do pântano com sua consciência tranquilizadora. Ela estava lá. Não o abandonaria. Porém, foi a força de vontade dela que o forçou a voltar através do espaço escuro e do cheiro que jazia no âmago do seu eu réptil. Quando a mente consciente de Jack foi submersa na outra, Nômada bateu em retirada do cérebro do homem quando ele implodiu na consciência reptiliana. O miasma do pântano e o rugido ameaçador do crocodilo

gigante a seguiram como uma onda enorme.

Quando voltou ao seu corpo, a reação lançou a cabeça de Nômada para trás contra o lado da pia de porcelana e afastou suas mãos da cabeça do crocodilo que pousava pesada no seu colo. O réptil virou-se, num movimento brusco e rugiu da forma que Nômada tinha acabado de ouvir. Com a respiração ofegante, em inspirações profundas, ela entrou na mente da criatura e a acalmou. Debatendo a ponta da cauda, ele recuou levemente para longe dela, limitado pelo espaço no pequeno banheiro.

Nômada olhou para cima quando ouviu a voz de Rosemary erguer-se lá fora. A porta do banheiro abriu-se o suficiente para revelar o rosto preocupado do *maître* vietnamita. Os olhos dele se arregalaram e ele levou a mão à boca antes de bater a porta, deixando para trás a cena impossível.

Ela voltou o olhar para o crocodilo e começou a buscar na mente dele pelo gatilho para forçá-lo a vomitar os livros. Nômada direcionou o crocodilo para a cabine quando ela descobriu a memória da carne envenenada.

O retorno psíquico quase funcionou para ela também. O crocodilo vomitou o que havia nas suas entranhas sobre o chão e na banqueta. O fedor de comida semidigerida chocou até mesmo Nômada, acostumada à maior parte dos aspectos da vida e da morte. Acalmando o réptil agitado, ela se ergueu e cuidadosamente pescou os livros enrolados em plástico. Felizmente, não levou muito tempo. Ela enxaguou o pacote na pia. O crocodilo bateu a cauda, esmagando a divisão da cabine em pedaços. Ele rosnou com o fundo da garganta, um ressoar descontente, faminto. Alcançando o cérebro do crocodilo, Nômada começou o processo de separar a humanidade de Jack da mente reptiliana. Em pouco menos de um minuto, Jack estava deitado, tremendo sobre os ladrilhos frios no lugar do crocodilo. Ela lhe passou as roupas, e ele se encolheu em posição fetal contra o cheiro e a memória.

— Tinha de ser feito. — Ela umedeceu um papel toalha e limpou gentilmente a testa dele.

— Toda vez eu acho que nunca serei humano novamente. — Jack encarou a parede. — Quando finalmente acontecer, talvez seja melhor.

— Não para Cordelia. — Nem mesmo para ela, mas aquele pensamento continuou não dito.

— Cordelia. É mesmo. Tudo bem. — Sua voz era fria. — Vamos ajeitar esse problema. — Agora vestido, ele empurrou a porta para abri-la. Nômada o seguiu. Do outro lado da sala, Rosemary estava com dois homens mais velhos que haviam se juntado ao grupo.

— Rosa Maria, temos o maior respeito por seu falecido pai, mas não podemos permitir que você interfira nos negócios da família.

O homem mais alto abriu as mãos ao lado do corpo e a olhava de forma paternal.

— Os negócios da família são meus negócios. — Rosemary olhou para Nômada e Jack, que se aproximavam. — Sou uma Gambione.

Ela pegou o pacote levemente úmido que Nômada lhe entregou. Os dois outros mafiosos trocaram olhares exasperados. Era óbvio para Nômada que aquela conversa já estava acontecendo durante algum tempo enquanto ela esteve no banheiro.

— Tenho uma proposta para a família — Rosemary disse. Ela segurou os livros erguidos sobre a mesa, apoiando-se levemente nela enquanto falava. — Todos os *capos* deveriam me ouvir.

O homem mais alto disse:

— Você é uma mulher.

— Roberto, deixe que ela fale. Precisamos tomar decisões e isso apenas nos atrasa. — O *capo* mais baixo, corpulento, tocou o braço do companheiro. O outro homem, resignado, assentiu.

Morelli abriu a porta. Rosemary entrou, seguida por Nômada e Jack. Morelli ergueu o braço

para barrar os companheiros de Rosemary. Ela encarou os *capos* até eles assentirem. Morelli baixou o braço para eles entrarem.

A sala de jantar privada era longa e estreita, quase ocupada pela única mesa repleta de *capos* da família. Debatiam de forma raivosa o método adequado de revide severo para a morte de Don Frederico. As braçadeiras pretas eram onipresentes.

No meio da mesa com toalha de linho branca, um homem estava em pé, ouvindo a discussão em torno dele. Ergueu os olhos quando Rosemary, Nômada e Jack entraram.

— Essas são as pessoas com os cadernos?

— Sim, Don Tomaso — disse o *capo* alto que os havia questionado do lado de fora. Rosemary moveu-se para perto da ponta da mesa. Sem soltar os livros, ela os pousou sobre a toalha de mesa. Nômada estava em pé, ao lado dela. Jack desviou-se para o fundo da sala e espiou o beco escuro pela janela.

— Obrigado, Rosa Maria. — A voz de Don Tomaso mantinha um tom meloso, untuoso. — Obrigado por trazê-los para nós.

Nômada ficou tensa e apertou os olhos. Era um ser humano que ela conhecia e especialmente não gostava. Se fosse necessário, seria na garganta dele que ela pularia. Ela torceu o nariz. O aroma de molho de peixe a fez perceber que também estava faminta.

— *Signorina* Gambione, se não se importar, Don Tomaso.

Os dedos de Rosemary apertaram-se ao redor dos livros. Ela o encarou do outro lado da mesa. Nômada percebeu a tensão crescente nos dois lados e sentiu os músculos ecoarem a situação. O lamento hidráulico de um caminhão de lixo e o estrondo de uma caçamba virada de cabeça para baixo vieram de fora. O momento de silêncio na sala de jantar se estendeu. Foi Don Tomaso quem finalmente inclinou a cabeça, aquiescendo.

— Os livros não são um presente — Rosemary disse. — São meus. Eu decido quem terá acesso às informações.

— Então, você fala como alguém de fora da família. — Don Tomaso trocou olhares com um homem à sua direita. Nômada acompanhou o movimento leve. Novamente desejou ter as garras e os dentes dos gatos.

— Eu *falo* como aquela que viu a quase destruição da família Gambione. Estamos ameaçados de todos os lados e, ainda assim, os senhores ficam aqui, sentados, debatendo a vingança contra um inimigo que nem podem nomear. — Rosemary examinou a sala com irritação e sacudiu os livros na direção de Tomaso. — Se seguirem os passos do Açougueiro, os Gambione estão *perdidos*!

Atrás dele, veio um grito de dor e a porta se abriu de uma vez.

— Ops! — disse Jack.

Quando Nômada alcançou Rosemary, ela foi empurrada ao chão pelo cliente magrelo que irrompeu na sala. Era rápido. O homem magricela agarrou os livros de Rosemary, tropeçando nela enquanto passava às pressas.

— Pare ou morra! — Este foi Don Tomaso.

Enquanto Nômada lutava para levantar Rosemary, ela viu Don Tomaso sacar uma Beretta bem polida e mirar no ladrão fugitivo. Para sua surpresa, o homem gargalhou, rouco, e parou. Com a boca retorcida, ele se virou e encarou o chefão, que atirou convulsivamente uma vez e, então, despencou sobre o tampo da mesa. Foi um sinal para os *capos* perplexos atirarem no ladrão, que agora se movia na direção da janela. O impacto dos tiros mal parecia diminuir sua velocidade. Os *capos* que tentaram interceptá-lo caíram diante do seu olhar como se suas balas ricocheteassem.

— Jack! Saia! Agora!

Porém, no momento em que Nômada gritou o aviso, ela viu Jack encarar o assassino. Quando o homem capturou o olhar de Jack, o rosto do metamorfo ficou escamado e o focinho se estendeu, dentes afiados e salientes. Por um instante o ladrão hesitou, permitindo que as balas dos *capos* o atravessassem. Então, ele tentou saltar sobre o crocodilo gigante que naquele instante bloqueava seu caminho até a janela.

Quando pulou, a cabeça do crocodilo ergueu-se e prendeu as mandíbulas de dentes irregulares no pé do assassino. Gritando em choque e dor, o homem girou no ar, o sangue do seu tornozelo arrancado espirrando na sala. Ele atravessou o vidro ao fundo, ainda agarrado com os livros no peito, enquanto se retorcia como uma serpente ferida.

Lá de fora veio um baque surdo e o ronco de uma caixa de transmissão. Os mafiosos correram até a janela e dispararam tiros inúteis atrás do caminhão de lixo que acelerava.

— O desgraçado caiu bem em cima do caminhão! — O atirador na janela voltou-se para a sala. — Don Tomaso, o que faremos agora? — ele falou na direção do homem morto.

O cadáver não respondeu.

O atirador fez uma dancinha para evitar o crocodilo, que barulhava e engolia contente.

Hiram mudou alguns poucos convidados para dar espaço aos protegidos na sua mesa. Com Nenúfar à esquerda, Peregrina à direita, e bife Wellington, batatas Hiram, aspargos brancos e cenourinhas diante dele, era uma refeição deliciosa.

— Atum? — Jane perguntou, surpresa. — É atum?

— Não é apenas atum — Hiram falou. — Albacora-branca, vinda diretamente do Pacífico.

Sem dúvida, ela estava comendo mais do que sua parcela de atum enlatado. *Casserole* de atum, surpresa de atum, croquetes de atum. Ele se arrepiou por dentro e cobriu outro rolinho com manteiga. A comida sempre o fazia se sentir melhor, mesmo quando as circunstâncias eram desesperadoras. Os pensamentos em perigo, morte e violência perderam-se na memória, amaciados pelo vinho fino, pelas belas mulheres e pelo excelente *hollandaise*. Atrás da mesa, as portas para a varanda estavam bem abertas, e a brisa fria da noite circulava pelo Aces High, talvez atenuada pela mão invisível de Mistral.

— Bem — Nenúfar disse —, isso aqui é *maravilhoso*.

— Obrigado — Hiram respondeu. Ela era brilhante, sem dúvida, mas sua inocência era surpreendente. Tinha muito ainda a aprender sobre o mundo, esta Jane Lillian Dow, mas ele suspeitava que seria uma aluna rápida e entusiasmada. Ele se flagrou imaginando se ainda seria virgem.

— Você não é nova-iorquina — Peregrina disse a Nenúfar.

— Por que diz isso? — Ela parecia perplexa.

— Uma nativa nunca diria que a comida de Hiram está maravilhosa. No fim das contas, é o que se espera. Os nova-iorquinos são mais sofisticados do que qualquer outro povo da Terra, então precisam encontrar algo para desdenhar. Dessa forma, eles reclamam e demonstram sua sofisticação. Assim. — Peregrina virou-se para Hiram e disse: — Adorei a *vichyssoise*, de

verdade, mas só não estava bem nos padrões parisienses. Mas você sabe disso, com certeza.

Hiram relanceou Jane, que olhava como se estivesse com medo de ter cometido algum lapso.

— Não se deixe corromper — ele disse para ela com um sorriso. — Lembro quando Per chegou à cidade. Foi antes dos desfiles, do perfume e do *Pouso da Peregrina*, antes de ela ter mudado o nome, mesmo antes da capa da *Playboy*. Tinha dezesseis anos, vindo de onde mesmo, Per? Old Dime Box, Texas? — Peregrina abriu um sorriso amarelo para ele, sem dizer nada, e Hiram continuou. — A líder de torcida voadora, foi como a imprensa a chamou. Estava acontecendo um concurso de líderes de torcida no Madison Square Garden, você acredita? Per era tão sofisticada que perdeu as finais. Decidiu economizar um dinheirinho voando até lá em vez de pegar um táxi, sabe.

— O que aconteceu? — Nenúfar perguntou.

— Eu tinha um mapa — Peregrina disse, de forma amável —, mas eu era tímida demais para pedir informações. Não achei que seria capaz de não ver um lugar grande como o Madison Square Garden. Devo ter voado sobre o Madison Square uma centena de vezes, procurando por ele. — Ela se virou e ergueu uma sobrancelha, e belas asas moveram-se atrás dela. — Você venceu, Hiram — ela falou. — A comida está maravilhosa. Como sempre.

— Voar deve ser maravilhoso também — Jane disse olhando as asas de Peregrina.

— É a segunda melhor sensação que há — Peregrina disse, rápida. — E, depois, você nunca precisa trocar os lençóis. — Isso foi dito de forma loquaz; uma resposta familiar a uma questão que ela ouviu milhares de vezes antes. O restante da mesa riu. Jane olhou um pouco surpresa. Talvez ela esperasse algo diferente da graça improvisada de Peregrina, Hiram pensou. Ela parecia tão pura, jovem e linda no vestido que ele havia lhe comprado — não, lhe *emprestado*, ele se corrigiu, pois era muito importante para ela. Ele se curvou para a frente, pousando a mão levemente no braço nu dela.

— Eu posso te ensinar a voar — ele disse em voz baixa. Ele não poderia lhe dar um voo real, claro, era mais uma flutuação, mas ninguém nunca havia reclamado. Quantos homens conseguiam fazer suas amantes mais leves que uma pena, ou mais leves que o próprio ar?

Nenúfar ergueu os olhos para ele, surpresa e linda, e recuou um pouco. Os olhos pareciam buscar algo, e ele se perguntou o que era. O que está buscando, Nenúfar?, ele pensou, quando gotículas de umidade começaram a brotar de sua pele suave, fria.

♥

As terminações nervosas expostas de seu pé cortado berravam incandescentes na sua cabeça. Era ainda pior do que a dor de sua morte, que, depois de meses vivendo com ela, conseguia agora administrar para mantê-la zumbindo no fundo da mente. Até ele precisar dela. Por sorte, Spector tinha parado de sangrar quase imediatamente. Esperava que aquele animal maldito dos infernos engasgasse. A dor lancetava sua perna toda vez que o caminhão passava por uma lombada ou por um buraco. Ele enfiou os cadernos na frente das calças. Eram dele agora. Podia dar seu preço. Doía demais para lê-los, mesmo que a luz fosse boa, o que não era o caso. Talvez fosse bom que ele não pudesse. Teve mais problemas do que poderia cuidar num único dia.

O caminhão reduziu a velocidade até parar. Spector tentou arrastar-se pelo lixo até a ponta.

Não foi bom. Seu coto doía como os diabos cada vez que ele se retorcia. Ouviu os braços hidráulicos acionados e olhou para cima. A caçamba ergueu-se e virou, jogando ao menos uma centena de quilos de lixo sobre ele. Spector respirou fundo e prendeu o ar antes que ficasse completamente coberto. Algo pesado caiu sobre seu coto esfolado. Ele tentou ignorar a dor e abriu caminho para o topo, mas, de repente, sentiu-se movendo para trás. Garrafas, caixas de papelão, ossos de galinha, comida congelada pela metade, tudo sendo compactado junto dele e nele. Dobrou-se com o lixo e tentou encolher o coto sob a outra perna. A pressão parou. Ouviu o estrondo da caçamba voltando para a rua. O caminhão sacudiu-se e começou a se mover novamente.

— Merda — ele disse, e foi recompensado com uma bocada de borra de café empapada. Cavou freneticamente através do lixo em busca de ar puro, tentando ignorar a dor. Esperava que o caminhão não fizesse mais paradas antes de seguir para o aterro sanitário.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XVI

21h00

Ele estava exausto demais para tentar se arrastar para fora do caminhão; a regeneração estava tomando toda a sua energia. Spector estava deitado sobre o lixo enquanto o veículo se sacudia rua abaixo. Ele olhou para sua perna avariada. A carne saía muitos centímetros além da barra esfarrapada da calça. Um novo pé estava crescendo. Nada desse tipo havia acontecido antes, e ele estava imaginando que teria de arranjar algum tipo de prótese para o pé. Sua capacidade de regeneração era ainda mais poderosa do que ele imaginava. Seu sistema estava tirando tecido do resto do corpo para formar um novo pé. Não era de espantar que estivesse exausto. Coçava como o diabo. Ele enfiou as mãos nos bolsos para impedir que elas coçassem o pé. Observou os prédios passarem e tentou descobrir onde estava. Área das docas, talvez. Havia algum tráfego, mas o caminhão estava desenvolvendo um tempo bom.

Puxou os cadernos enrolados em plástico das calças. Não conseguia ver muito enquanto o caminhão estava em movimento; a iluminação da rua era irregular demais. Sorte que ouviu a garota falando sobre eles. Era melhor que fossem os certos após todo o sofrimento que haviam lhe causado. De jeito nenhum teria imaginado um cara que virasse crocodilo. Todos os ases deviam estar no restaurante do Bolão para o jantar. O caminhão diminuiu a velocidade, e ele não conseguia mais ver os prédios. Provavelmente era o fim da linha. Escondeu novamente os livros nas calças e agarrou a beirada da parede de aço com as duas mãos.

Spector puxou e chutou com sua perna boa. Os músculos tremeram por um momento, então o desapontaram por completo. Ele se recostou no lixo, totalmente esgotado.

O caminhão parou. Spector ouviu uma corrente de metal sendo aberta e o estalo de um portão. Não conseguia nem mesmo sentar-se. O caminhão moveu-se devagar para a frente por alguns momentos, então parou de novo. Sabia o que vinha a seguir.

— Pare — ele disse. A voz dele era fraca demais para o motorista ouvir.

Braços hidráulicos ergueram a caixa de aço do lixo para fora do caminhão na direção do ar. Começou a virar. Spector cobriu o rosto e enrolou-se como uma bola. Tomou fôlego e começou a cair, apertando os livros ao peito. Aterrissou de cabeça e ombros, e apagou.

♣

Quando o carrinho de sobremesa começou a fazer suas rondas pomposas, a mesa de Hiram, claro, foi servida primeiro.

Estava se sentindo tão relaxado e gratificado consigo mesmo até aquele momento que seu

apetite voltou totalmente. Ele aceitou um pedaço de cheesecake de amaretto de um dos novos garçons, um homenzinho encarquilhado com cabeça grande e óculos grossos. Acrescentou uma fatia de torta de manga e chocolate além do solicitado. O cheesecake estava acima dos padrões elevados do Aces High, e a torta estava excelente, coberta com lascas finas de chocolate amargo.

A Peregrina escolheu a torta também. Chocolate, ela explicou a Nenúfar com aquele sorriso famoso, era a *terceira* melhor coisa que havia.

Jane encarou o garçom com um olhar inexpressivo e estranho no rosto.

— Algo errado, minha querida? — o velho perguntou-lhe. Ela piscou lentamente e sacudiu a cabeça, como alguém saindo de um sonho.

— Não. Digo.. Não lembro. — Ela teve um calafrio. — Estou me sentindo estranha.

— Chocolate cura todos os males — Peregrina sugeriu.

Porém, Jane escolheu o creme de cereja.

— Porque — ela disse para Hiram e Peregrina com um sorriso próprio — eu ouvi dizer que quando escolhemos entre dois demônios, devemos optar pelo que nunca provamos antes.

Hiram ouviu-se gargalhando às entonações inesperadas de Mae West dela. O garçonzinho encarquilhado também riu, uma risadinha fina e aguda que durou demais, como se ele se divertisse em alguma pilhéria particular enquanto rolava o carrinho de sobremesas em torno da mesa.

Ao redor deles, garçons atenciosos serviam café recém-passado em estreitos bules de prata e despejavam pequenos jarros de creme grosso. Garrafas de um delicioso vinho licoroso foram abertas ao lado das mesas daqueles que quisessem bebericar.

Após a sobremesa, os assentos começaram a esvaziar, quando os convidados aceitaram taças de conhaque e copinhos de licor, e começaram o ritual anual de passear pelas mesas. Modular já havia saído na vantagem; o androide passou a sobremesa e estava provando um pouco de conhaque Courvoisier.

Hiram despachou as sobremesas a toque de caixa, engoliu-as com apenas uma prova de vinho das mais rápidas, e empurrou sua cadeira para trás.

— Perdão pela minha afobação — ele falou aos seus convivas, que estavam comendo mais lentamente, saboreando cada bocado. — Como anfitrião, tenho algumas obrigações, embora eu odeie deixar essa companhia agradabilíssima sequer por um instante. — Ele sorriu. — Por favor, não se apressem, a noite está apenas começando.

Hiram passou de mesa em mesa, sorrindo aos convidados, perguntando sobre o jantar e aceitando elogios com um sorriso gracioso. Mistral, cortejada em sua mesa próxima às portas da varanda, disse que o pai dela sem dúvida ficaria muito contente em saber que foi representado em uma das esculturas de gelo.

— Não poderíamos deixar Ciclone de fora — Hiram disse a ela —, mesmo que ele perca muitas dessas ocasiões. Morar em San Francisco realmente não é desculpa, pode dizer a ele que eu falei.

Hiram mal reconheceu Croyd, que estava olhando ao redor, ansioso pelo carrinho de sobremesas, ainda a duas mesas de distância. Ao lado dele, Fortunato estava sentado como um homem de manto escuro, e parecia não tomar parte em nenhuma conversa do jantar que girava ao redor dele. Hiram considerou uma parada naquela mesa para lhe dar uma palavra tranquilizadora, mas aquele olhar obscuro embaixo de sua testa imensamente inchada parecia proibi-lo.

Capitão Viajante havia derramado uma xícara de chá de ervas no colo da acompanhante de Frank Beaumont e tentava enxugar, sem resultado, com um guardanapo, desculpando-se em

profusão, de forma que Hiram foi poupado da necessidade de aprender sobre os perigos do açúcar processado.

O Atravessador e o Martelo do Harlem conversavam atentamente. Quando Hiram perguntou como havia sido o jantar, um assentimento breve do Martelo foi tudo que recebeu como resposta.

Rahda O'Reilly, uma moça pequena de cabelos ruivos, que era conhecida por se metamorfosear num elefante asiático em tamanho natural, com a capacidade surpreendente de voar, agradeceu-o com um sotaque indiano charmoso. Fantasia abandonou o dramaturgo menor que a acompanhava e flertava com o Professor. Digger Downs entrou de alguma forma na festa, e estava num canto ao lado da janela, entrevistando o Pulso. Hiram franziu o cenho, deu um sinal, e dois dos homens de Peter Chou escoltaram Digger com firmeza na direção dos elevadores. Um homem que conseguia esquentar um bule de café com as mãos limpas tentou dar a Hiram seu currículo, e recebeu a recomendação para procurar a cafeteria Chock Full O'Nuts. A Joaninha relembrou com carinho o ano em que serviram um *glace au four* no formato do avião de Jetboy.

Jay Ackroyd parecia que estava prestes a estourar e morrer.

— Nunca mais vou comer — ele prometeu, solenemente.

Hiram sentou-se numa cadeira vazia próxima a Jay.

— Parece que as coisas correram muito bem — ele falou, aliviado.

Um carrinho de sobremesas perambulava entre as mesas, mas ninguém parecia empurrá-lo. Não que isso importasse, Fortunato não comia açúcar, carne ou conservantes se pudesse evitar.

Foi uma das maiores decepções que o vírus carta selvagem trouxe a ele. Todos os seus sentidos ficaram ridiculamente aguçados. O estranho era que odores naturais, mesmo de cachorro molhado ou vegetais apodrecendo, não o incomodavam muito. Apenas os cheiros feitos pelo homem — escapamento de ônibus, inseticidas, tinta fresca — o irritavam. Ele havia desistido até da cocaína anos atrás. Agora, quando precisava de um estado alterado, usava grama, cogumelos ou folhas frescas de coca.

Preferiria um estado alterado naquele momento. Hiram o deixou na mesma mesa com Croyd Crenson, que não era ele mesmo o problema. Croyd era um cliente valioso havia anos. O problema era a acompanhante de Croyd. Em uma obra-prima do timing ruim, Ichiko havia enviado Veronica para Croyd. Ela sorria e ria, e mal tocava no prato. Fortunato sabia que seu bom humor não passava de bobagens e efeito da heroína. Ele estava feliz por ter Cordelia e Croyd para separá-lo dela. Ela o ignorou durante todo o jantar, e sua mão estava pousada no colo de Croyd, de tal forma que ele não prestava atenção a outras coisas. Exceto em Cordelia, que chamou sua atenção de imediato.

Croyd estava bonito — magro, bronzeado, maçãs do rosto altas, belas linhas de sorriso. Fortunato não perguntou por quanto tempo Croyd estava acordado, mas suspeitava que já estava havia muitos dias.

Havia um brilho de anfetaminas nos olhos dele. Quando acabasse, dormiria por dias ou semanas e acordaria com uma nova aparência e um novo poder.

Seu poder dessa vez tinha algo a ver com metais. Sua faca e garfo amoleciam o tempo todo em suas mãos. Ele se concentrava e eles voltavam a ficar retos. Ele e Veronica fizeram muitas insinuações sobre o assunto, e logo Cordelia juntou-se a eles. Fortunato havia comido um pouco de salada e aspargos e deixou o resto de lado.

— Olhe só — Croyd disse quando o garçom de jaqueta branca trocou seu prato do jantar por um limpo. — Acha que poderia recalcular minha conta para incluir esta aqui também? — Ele estava com o braço ao redor de Cordelia.

— Temos um problema aqui — Fortunato disse. — Cordelia não está na folha de pagamento. Ao menos não ainda.

— Ah — Croyd falou. — Não quis me intrometer.

— Não é isso — Fortunato respondeu. — Poderíamos dizer que estamos testando um ao outro.

Croyd olhou, envergonhado.

— Não quis confundi-la com uma... hum... profissional — ele falou para Cordelia. — Se quiser ir para a minha casa depois, poderíamos tomar uns drinques e passear. Sem compromisso, entende. Eu não pediria nada que você não quisesse. Tenho um estéreo bacana no apê lá da orla, onde eles não se importam se eu tocar algo...

De repente, tinha uma fatia de cheesecake no prato de Croyd. Fortunato não sabia de onde vinha. Ele olhou rapidamente em torno da sala e, quando olhou de volta, Croyd tinha adicionado um creme de maçã e uma fatia de torta de chocolate. Algo estava muito errado.

Fortunato levantou-se. Vários ases foram para a varanda e, através da janelas envidraçadas ele conseguiu ver Peregrina e Nenúfar conversando, as cabeças próximas.

Ele parecia não conseguir pensar. Curvou-se para a frente, palmas na mesa, e sacudiu a cabeça. As sobremesas. De onde as sobremesas estavam vindo?

Pense, caramba. Bolos não andam sozinhos. Isso significa que alguém os está movendo. Alguém que você não consegue ver. Tem alguém que você conhece que não consegue ver.

— Merda! — A imensa mesa redonda estava entre ele e a varanda. Ele a agarrou pelas beiradas e lançou-a para fora do caminho, Croyd atirou-se em vão sobre as sobremesas. Ele estava dois passos longe das portas de vidro quando Nenúfar gritou.

Houve cerca de meio segundo de silêncio e tudo se despedaçou. Modular irrompeu da sacada, gritando.

— Afaste-se dela! — O corpo dele começou a estalar com a energia. Croyd ergueu as mãos como se tentasse canalizar seu poder. Não funcionou. Quando Modular passou por eles, o disco do radar dentro do domo entortou, e ele se desviou, sendo atraído desesperadamente para a parede. Bateu forte.

O impacto deve ter bagunçado algo, por que ele começou a soltar fumaça e granadas de gás lacrimogênio.

Foi quando as luzes se apagaram. No primeiro segundo de escuridão, Fortunato ouviu o som inimitável de um elefante trombeteando. Ele piscou e deixou o que havia de luz vir até ele. No segundo seguinte, ele conseguia ver, de forma tênue. O ar estava cheio de gases nocivos, então ele parou de respirar.

Nenúfar estava na sacada, as costas no parapeito. Começou a chover ao redor dela e, nos contornos deixados pela água caindo, ele conseguiu ver o Astrônomo chegando até ela.

Era o Kid Dinossauro e o parque acontecendo novamente. Ele lutou para chegar até ela e seus músculos se esforçavam contra uma força invisível que o fazia parecer impotente.

— Não, maldição, não! — ele gritou quando Nenúfar se ergueu no ar, girou e despencou da ponta da sacada para a escuridão.

Era uma reminiscência dos protestos antiguerra. O guardanapo molhado sobre a boca e o nariz filtrando o pior efeito do gás lacrimogênio. As nuvens de fumaça ondulada causaram ânsia de vômito, tosses e gritos.

Roleta empurrou alguém, buscando Tachyon. Ela o viu entrar, concentrou-se na varanda, seguiu em frente, mas o perdeu quando as luzes apagaram. Um ás soltou uma explosão de chamas. Protegendo os olhos com as mãos, ela procurou na multidão. Modular cambaleava, uma mulher gritava e Tachyon revelou-se contra um pano de fundo de fumaça flutuante.

As lágrimas rolavam do rosto dele e seu peito se erguia enquanto ele lutava para segurar a tosse. O queixo erguido como se estivesse se preparando para algum último esforço. O brilho reluzia em torno do corpo encurvado do Astrônomo, enquanto a explosão da mente de Tachyon testava o limite do poder que o animava. Então, Modular explodiu.

Pedaços de aço queimado e plástico espalharam-se pelo restaurante. Um pedaço irregular, ainda com uma parte do uniforme da criatura, bateu em cheio na testa de Tachyon, e ele caiu, com o rosto coberto de sangue.

Gritos saíram dilacerando sua garganta, e ela abriu caminho até o alienígena. *Não morra! Não morra!* Mas ela não sabia se o grito mental surgiu da aflição de perdê-lo ou da raiva de ter sido traída.

Ela caiu de joelhos e agarrou a forma amolecida dele contra o peito, o sangue manchando a frente do seu vestido branco. Arrancando o guardanapo do rosto, ela o apertou sobre o corte que jorrava. O gás lacrimogênio atacava a garganta e os olhos, e ela começou a chorar. As lágrimas pingavam no rosto de Tachyon, deixando filetes pálidos no sangue.

O último grito de Nenúfar ainda pairava no ar. O restaurante estava em completo caos. Pedaços do Modular giravam inócuos longe do campo de força de Fortunato. Ele observava os ventos aleatórios entrando pela sala enquanto Mistral tentava limpar a fumaça. Algum idiota com poderes de lançar chamas tentava iluminar o lugar, mas conseguiu apenas incendiar as cortinas. Hiram correu na direção da sacada, apertando os punhos e gritando: "Não! Não!". Mesas inteiras flutuavam no ar e ficaram penduradas, os ases que as ergueram não sabiam onde jogá-las.

Alguém correu de cabeça para baixo pelo teto. O barulho de porcelana quebrando era quase contínuo, quase alto o bastante para abafar o som dos vômitos.

O Astrônomo virou-se por entre a fumaça na varanda e curvou-se na direção de Fortunato. Jane, Fortunato pensou, ainda estaria caindo. Peregrina correu até o parapeito para ajudá-la.

O Astrônomo agarrou-a pelo braço e tentou jogá-la no chão.

Ela era claramente mais forte do que ele imaginava. Ela apertou os dentes e deu uma joelhada, e com o braço livre ela o esticou e arranhou o Astrônomo na altura dos olhos. Seus óculos grossos foram ao chão e o sangue brotou do rosto.

O Astrônomo sorriu. A língua estendeu-se para aparar uma gota do seu sangue. Os óculos ergueram-se sozinhos e encaixaram-se no rosto do homem.

Fortunato reuniu todo o poder que Miranda havia lhe dado e centrou-o no chacra Manipura, no centro do abdome. Um ruído estranho, rouco, veio da sua garganta e ele impulsionou o prana, a energia pura, para fora dele e em direção ao Astrônomo.

Ela saiu de Fortunato como uma esfera verde-azulada brilhante do tamanho de uma bola de softbol. Fortunato lançou os braços para trás, dedos esticados, olhos arregalados. O prana atravessou as linhas de força que cercavam o Astrônomo e virou-as ao contrário. Os círculos

concêntricos reduziram-se para crescentes, tudo no lado mais externo do seu corpo.

A mão do homenzinho que segurava Peregrina começou a escorregar. Peregrina virou-se para ele, dando uma joelhada na virilha e quebrando o nariz dele com a palma da mão direita. O sangue esguichou do rosto do Astrônomo.

Assim que se soltou, Peregrina mergulhou da sacada, as asas batendo furiosamente. O Astrônomo cuspiu nela e então voltou-se para Fortunato.

Os olhos do homenzinho eram mortos. Os mesmos olhos do Ceifador, os mesmos olhos do garoto morto do apartamento. O Astrônomo havia se tornado a própria Morte, maquinal, brutal, inevitável. Você pode correr, os olhos diziam, mas eu vou te encontrar.

E, então, o Astrônomo desapareceu.

Os muitos ases amontoados nas portas desenredaram-se como um lento polvo que andava. Mistral esfregava o rosto encharcado de lágrimas, ergueu os braços sobre a cabeça e invocou uma brisa. O vento ligeiro que movimentava a fumaça sufocante em farrapos brancos contínuos parecia liberar as pessoas da estagnação horrível que as paralisava. Houve uma corrida indigna para a porta. Mais do que poucas observações de "contate o meu advogado" pairavam ameaçadoras no ar, mas Hiram parecia distraído demais para perceber. Continuou a olhar ansiosamente para o parapeito sobre o qual Nenúfar e Peregrina desapareceram. Em algum lugar, uma mulher chorava, um som horrível de lamúria, como um animal sendo torturado, então uma voz de homem chamou desesperadamente por um médico. Infelizmente, o único médico disponível estava caído no chão.

Um som troante, rápido, como milhares de cisnes, varreu o ar, e Peregrina, com Nenúfar nos braços, aterrissou levemente na sacada e olhou ao redor.

Hiram deu um grito inarticulado e avançou. Suspiros e murmúrios de alívio espalharam-se entre convidados restantes. As duas mulheres estavam encharcadas pela água infinita que brotava de Nenúfar, mas que pouco adiantou para lavar os olhares raivosos de falcão que Peregrina lançava pelo salão.

Os olhos dela encontraram os de Fortunato, e a fúria evanesceu de seu rosto. A tensão permaneceu, seu corpo magro vibrava como uma corda de violino puxada, mas não era a tensão do voo ou do embate, era...

Roleta sentiu o sangue correr em seu rosto quando a atração fluiu como ondas de um ímã poderoso entre Peregrina e Fortunato. Talvez tenha sido em função do poder dela, ou apenas um exemplo da sua mente perturbada, mas o odor almiscarado, estonteante de sexo parecia pairar sobre o salão demolido.

Hiram, cruzando a sala com uma caminhada leve, melindroso através da carnificina, parou ao lado de Fortunato.

— Bem! — ele soltou. — Foi uma bagunça sem motivo. Praticamente todos os ases de Nova York aqui, e ele nos ridiculariza desse jeito. — A cabeça dele apontando como uma acusação ao outro, mas o negro estava distraído.

— Graças a Deus eu consegui alcançar a Nenúfar. Se ela não estivesse leve como o ar, Peregrina nunca teria chegado a tempo.

Fortunato grunhiu, mas os olhos permaneceram presos em Peregrina, que estava em pé, desatenta, com um braço sobre os ombros de Nenúfar, olhando em volta.

— Esta foi uma vez que meu poder provou ser... — Fortunato afastou-se, e Peregrina, abandonando Nenúfar, encontrou-o no meio do caminho. — Fortunato, pelo amor de Deus! Estou falando com você! Você consegue rastreá-lo?

O cafetão tirou os olhos de Peregrina.

— Se eu pudesse rastreá-lo, acha que eu teria deixado isso acontecer?

Hiram estendeu os braços, inconsolável.

— Então, precisamos tentar localizar os soldados dele. Alguém precisa saber dos seus planos.

Roleta pressionou uma das mãos na garganta, sentiu o pulso palpitante. Olhou decidida para o rosto pálido de Tachyon, temerosa dos olhos penetrantes de Fortunato. Ergueu o guardanapo ensopado de sangue e limpou o rosto dele, mas apenas piorou a situação. O pano ensanguentado caiu de sua mão, e ela o observou, impressionada com o sangue que manchava a pele pálida da sua palma.

— Hiram, foda-se.

Um ruído abafado, mais como um vapor sendo ventilado de uma máquina, saiu de Worchester. O ás corpulento parecia no limite da apoplexia.

— Eu pretendo fazer alguma coisa.

— Por favor, não. Posso me sair muito melhor sem você. — Fortunato envolveu o braço de Peregrina e caminhou suavemente para fora antes que Hiram pudesse reagir ao último insulto. A ás alada lançou um olhar envergonhado, pesaroso, para Hiram.

Nenúfar estava a salvo. Fortunato registrou isso e foi olhar Croyd, Veronica e Cordelia.

Ele os encontrou atrás de uma das mesas viradas. Croyd havia resgatado um bolo de chocolate mortal inteiro e estava comendo com os dedos. Quando viu Fortunato, seu sorriso desapareceu.

— Eu realmente fodi com o Modular — ele falou. — Desculpe.

— Não importa — Fortunato retrucou. — Contanto que vocês estejam bem.

— Estamos bem — Veronica disse.

— Eu vou para a casa dele — Cordelia disse. — Se tiver certeza que não se importa.

— Tudo bem — Fortunato falou. — Mas não quero você pelas ruas sozinha hoje à noite. Se alguma coisa acontecer, Caroline estará em casa cedo. Ligue para ela e peça para ela ir até você de táxi.

— Sim, ó sensei — Veronica deu uma risadinha. Eles se levantaram e partiram para o elevador, Croyd com um braço em cada uma, Cordelia com o bolo na sua mão livre.

Fortunato virou-se e encontrou Peregrina olhando para ele. Estava tentando acalmar Jane, molhando-se inteira durante o processo. Ele a viu parar no meio de uma frase. Foi na direção dela, o vidro e a porcelana quebrados estalavam sob seus sapatos.

Tudo se esvaiu em sombra, exceto ela. Era alta e poderosa e enrubesceu de excitação, e Fortunato a queria.

Exausto como estava, fraco como estava, ele conseguiu sentir o calor dela pelo salão inteiro. Hiram tentou dizer-lhe algo, e Fortunato se livrou dele, sem qualquer consciência das palavras que usou.

Ele parou diante de Peregrina. Ela suspirava pesadamente, como se estivesse correndo.

— A festa acabou — Fortunato disse.

— Sim.

— Podemos ir para algum lugar?

— Meu Rolls-Royce está esperando lá embaixo.

Fortunato assentiu. Eles caminharam até porta, lado a lado, a mão dela apenas pousada no braço dele.

— Espere! — Hiram disse para Fortunato, tossindo. Seus olhos ainda lacrimejavam com o gás. Fortunato lançou um olhar rápido para ele, boca apertada, e passou direto, com Peregrina em seus braços. Hiram ficou em pé, indefeso, olhando para as costas deles enquanto cruzavam as amplas portas duplas.

Eles não estavam sozinhos. Um fluxo contínuo de pessoas seguia para os elevadores, muitas ainda tossindo, tropeçando, segurando-se umas nas outras, olhos vermelhos e doloridos. Crisálida estava entre eles. Parou para agradecê-lo.

— Tive algumas noites agitadas no Crystal Palace — ela disse, seca —, mas nada comparado a isso.

Fantasia passou cambaleando com um corte na bochecha e seu vestido arruinado, e parou tempo suficiente para ameaçá-lo com um processo.

Mistral varreu o restante da fumaça e do gás para a noite, então subiu num corrimão de pedra e saltou para a escuridão. Sua capa enchia-se como um paraquedas enquanto ela alçava voo na direção das estrelas. Enquanto amigos e convidados seguiam para as portas, Hiram Worchester inspecionava o que havia restado do Aces High. Mesas estavam viradas, taças e pratos estilhaçados e quebrados. O carrinho de sobremesas que o Astrônomo empurrava estava de lado, e pés em pânico haviam esmagado fatias de torta de manga e cheesecake de amaretto no carpete. Várias pessoas deixaram seus jantares para trás em poças de vômito. Num ponto o carpete ainda queimava, e havia um buraco na parede que parecia uma tentativa de alguém sair para dentro da noite. Ao menos quatro janelas foram estilhaçadas; o vidro quebrado estava em todos os lugares. Um dos candelabros tinha desabado. Deitado ao lado dele, inconsciente, havia um elefante asiático em tamanho normal. A escultura de gelo de Peregrina estava totalmente sem asas, e aquela do Dr. Tachyon havia sido derrubada e derretia lentamente numa poça.

O próprio Dr. Tachyon ainda estava deitado no carpete, gemendo, com uma mão em sua testa. Roleta estava ajoelhada ao lado dele. O sangue escorria por meio dos dedos dele, pingando na frente de sua túnica. Hiram foi até ele e quase tropeçou numa peça arrancada do corpo de Modular, que parecia ter sido aberto com uma serra elétrica.

— Sinto muito, Hiram — Tachyon disse quando ele se aproximou, desviando os olhos lilases e culpados. Roleta ajudou o homenzinho a se erguer, mas ele ainda não parecia muito equilibrado. — Eu preciso ir atrás do Fortunato. Ele precisa da minha ajuda.

— Ele já foi embora — Hiram falou.

— Para onde? — Tach perguntou num tom agoniado. Ele tirou a mão do corte profundo na testa e olhou para o sangue que cobria seus dedos.

— Não disse. Saiu com Peregrina.

— Tenho de encontrá-lo — Tachyon disse.

— Não acho que você está em condições de encontrar ninguém — Hiram lhe disse. — Você deveria ir para um hospital. Olhe para você!

— Inútil — Tach murmurou. — Sou *inútil*.

Hiram ouviu um som de trombeta ao seu lado e virou-se para ver a garota elefante cambalear sobre as quatro patas inseguras. Um momento depois, um flash cegante de luz branca apareceu quando ela liberou o excesso de massa na forma de energia. Tachyon gritou alto e Hiram cobriu os olhos. Quando puderam olhar novamente, Rahda O'Reilly, tremendo e nua, estava em pé onde antes havia um elefante. Seu acompanhante, um belo egípcio atirador de facas do seu circo, pegou emprestada a longa capa de malha de aço do Mister Magnético e cobriu-a com ela.

Ele se voltou para Tachyon e Roleta. O taksiano parecia exausto.

— Leve-o para a clínica do Bairro dos Curingas — Hiram disse para a Roleta. — Esse corte precisa ser cuidado antes que infeccione. Talvez precise de um raio X também. Pode ser uma concussão ou algo pior.

— Mas Fortunato... — Tach começou.

Hiram tentou olhar sério.

— Você seria apenas um fardo para ele do jeito que está. Caramba, você está ansioso para entrar na lista das vítimas? Precisa de cuidados e sabe disso. — Ele ergueu a mão. — Se Fortunato ligar, eu digo para te contatar na clínica. Tem a minha palavra.

Dr. Tachyon assentiu relutante e deixou Roleta levá-lo na direção da porta.

O restaurante estava quase vazio naquele momento. Hiram foi até o fundo do escritório e encontrou o Capitão Viajante no chão, fora do banheiro. Estava ajoelhado sobre uma desordem de vidro quebrado e pós coloridos, pinçando o pó com os dedos de uma das mãos e despejando-o cuidadosamente na palma dobrada.

— Não é hora de se drogar, caramba — Hiram repreendeu-o.

Viajante olhou para cima com os olhos pálidos, rasos d'água.

— Eu só queria ajudar, cara — ele murmurou. — Eu estava correndo para buscar um dos meus amigos, mas tropecei e, tipo, quando caí, tudo deve ter estilhaçado.

— Vá para casa — Hiram falou. Peter Chou apareceu ao lado dele. — Peter, ajude o Capitão aqui a encontrar um táxi antes que ele se corte nesse vidro quebrado, por favor?

Chou assentiu com a cabeça.

Curtis o interceptou a caminho do escritório.

— Telefone para o Fortunato. É a polícia. O que digo a eles?

— Ele saiu com Peregrina — Hiram falou. — Acredito que ela tenha um telefone celular no carro. Dê o número para eles.

Ele passou por Curtis e entrou no escritório. Nenúfar estava sentada na cadeira dele, ainda pálida e trêmula. Riscos de água rolaram pelo seu rosto quando ergueu os olhos para ele. Jay Ackroyd estava sentado na ponta da mesa de Hiram, segurando a cabeça do Modular.

— Ai, coitado do chip de silício, eu o conhecia bem — ele estava dizendo. Jane deu uma risada curta que soou para Hiram como início de histeria. Ackroyd jogava a cabeça de uma mão para a outra. O solidéu havia caído; e o radar do Modular estava rachado.

— Deixe isso aí — Hiram falou. Ele caiu na cadeira, exausto, e olhou para Nenúfar.

— Fico muito feliz que você esteja bem. Não acho que eu aguentaria outra morte hoje. Certamente não a sua.

— E a dele? — Jay perguntou, pousando a cabeça na mesa. Os olhos cegos do Modular fitavam Hiram.

— Sinto muito pelo Modular, mas ele não estava exatamente vivo e não está exatamente morto. O criador dele por certo construirá outro.

— Garanhão Número Quatro? Outra série de presente para mulheres do Vale do Silício? —

Jane disse. Ela deu outra risada curta e irregular. Tapou a boca com a mão. Ele conseguia ouvir sua respiração vacilante.

Hiram falou:

— Jane, se você não se opuser, eu consideraria um favor se você ficasse aqui um pouco. O Astrônomo desapareceu assim que Peregrina voltou com você, então, com sorte, ele deve acreditar que você está morta. Não vamos desiludi-lo. No fim das contas, tem uma lista longa. — Ele correu a mão pela calva. — Vou pedir a Peter e à equipe que permaneçam de plantão. Sei que não é muito, mas é melhor do que nada.

Nenúfar assentiu e tirou a mão do rosto.

— Tudo bem. Eu não conseguiria ir muito longe hoje à noite.

Hiram forçou um sorriso que ele esperava ter sido confortador.

— Não queria que sua primeira aula de voo fosse tão traumática. — Ela se ajeitou na cadeira, parecendo tentar se livrar das sequelas ao máximo que podia, e olhou para ele daquele jeito perscrutador novamente.

— E você? — ela perguntou.

Hiram Worchester entrelaçou os dedos impecavelmente sobre a barriga. Sua aparência era péssima, ele percebeu. Riu, uma risada curta, mal-humorada, como um rosnado. O choque por fim estava se dissipando, mas, estranhamente, Hiram não estava com medo. Em vez disso, tinha consciência de uma fome torturante e um ódio contínuo e frio que se formava dentro dele. Ele pensou em Eileen.

— Hiram? — Popinjay perguntou, rompendo seus devaneios.

— Eu o mataria se pudesse — Hiram falou, mais a si mesmo do que para eles. — Talvez eu pudesse, mas Jane teria morrido. Não fico triste pela minha escolha. — Olhou para ela com carinho, então virou-se para Ackroyd. — Jay, acredito que precisarei dos seus serviços mais uma vez.

— Muito bem — disse Ackroyd. — Vamos atrás do velhote?

— Com prazer — Hiram respondeu —, se eu soubesse onde encontrá-lo, ou mesmo como começar a procurar. — Ele fez um gesto curto, impaciente, com a mão direita. — Não, é inútil, e Fortunato deixou clara sua opinião, então vamos deixar os atos heroicos para ele. Ainda assim, há outros casos que precisam ser resolvidos hoje à noite. Pode me chamar de quixotesco, mas depois do que aconteceu aqui esta noite, não posso me sentar aqui e não fazer nada. — Ele fez uma careta. — Tenho a sensação estranha de querer reparar um erro.

— Tome duas aspirinas e durma — Jay falou. — A sensação vai passar.

— Não — Hiram retrucou. — Acho que não. — Ele se levantou e enfiou a mão no bolso do smoking. O papel com o endereço do Brecha ainda estava lá. — Ligue seu taxímetro. Vamos falar com um advogado.

Ele sentiu mãos grosseiras esfregando seus pulsos. Spector abriu os olhos e pôs a mão sobre a boca. O bife temperadíssimo que ele havia comigo no Haiphong Lily ameaçava sair. Conseguiu ver a silhueta de alguém ajoelhado ao seu lado. Spector resmungou.

— Você não está morto. Soube disso quando arranquei você de lá. Que sorte eu estar aqui.

Você ia sufocar.

Spector podia dizer pela voz que a pessoa era velha e do sexo masculino. Tateou com as mãos ao redor. Ainda estava deitado no lixo.

— Onde diabos eu estou?

— Numa barca cheia de lixo, amigo. Eu poderia perguntar como você chegou aqui, se não se importar em me dizer. — O velho acionou um isqueiro e acendeu um cigarro. Era totalmente careca, com olhos castanhos e lábios finos. Sua pele enrugada tinha um tom levemente alaranjado. Seu corpo rechonchudo lembrava o do boneco da Michelin. O isqueiro apagou:

— Alguns malucos desgraçados me bateram e me jogaram numa caçamba. É tudo que lembro até você me acordar. — Era uma mentira tão boa quanto qualquer outra que poderia contar. Buscou os cadernos no casaco. Haviam desaparecido. — Tem algum jeito de iluminar aqui? Quero ver com o que aqueles filhos da mãe me deixaram.

A pequena chama do isqueiro acendeu-se novamente. Spector verificou os bolsos e começou a procurar no lixo aos seus pés. Queria aqueles cadernos de volta. Dariam a ele uma vantagem para fazer os caras do Punho Sombrio ajudarem-no a matar o Astrônomo. Alguns homens com armas automáticas poderiam fazer toda a diferença se o velho estivesse tão cansado quanto Spector imaginou que poderia estar.

— Como disse que era seu nome mesmo? — ele perguntou, tentando distrair a atenção da sua busca.

— Não disse. Meu nome é Ralph. Ralph Norton. — O velho segurou o isqueiro mais baixo. Estava usando uma camisa de manga longa azul e combinava com o colete e as calças azul-marinho. As roupas estavam manchadas e amarrotadas. — Você deve ter perdido alguma coisa, certo?

— É. — Ele jogou um saco plástico e cavou o lixo ao seu lado. — De onde você me tirou, por falar nisso?

— Lá do fim da barca, onde te jogaram. — O velho apontou. — Se me disser o que está procurando, eu te ajudo. Não tem nada melhor para fazer agora.

Spector olhou para o pé machucado. Estava rosa e carnudo, mas ainda crescia. Ergueu-se lentamente, os joelhos tremendo enquanto seus pés mergulhavam na sujeira. Seu pé era como um balde de brasas no fim da perna, mas teria de conviver com ele assim.

— Não, obrigado. Mas eu compro esse isqueiro de você. — Ele enfiou a mão no bolso. O dinheiro ainda estava lá, e ele puxou uma nota.

— Não precisa. Fique à vontade. — Ralph passou o isqueiro para ele. — Tem muito gás ainda.

Spector pegou o isqueiro e testou, então começou a tentar chegar à outra ponta da barca. As luzes de Manhattan estavam bem à sua frente, mas não fizeram com que se sentisse melhor. Precisava encontrar aqueles cadernos antes que o Astrônomo fizesse uma visita.

— Vá devagar — Ralph disse. — Senão, vai cair de cara.

— Certo. — Spector respirava pesadamente. — Aliás, que diabos você está fazendo aqui?

— É meu táxi para casa. — Ralph riu. — Moro em Fresh Kills, na Staten Island.

— Fresh Kills?

— O maior lixão do país. Talvez do mundo. Vão pegar essas quatro barcas amanhã pela manhã. Eu só vim porque alguns parentes meus estavam na cidade para o Dia do Carta Selvagem. Queriam que eu mostrasse a cidade para eles.

Spector avançava com dificuldade.

— Você mora num aterro sanitário?

— Claro. Ficaria surpreso com as coisas que as pessoas jogam fora. Coisas em perfeito

estado. Os funcionários do saneamento tentaram me enxotar algumas vezes, mas eu sempre volto. O aluguel é muito barato para rejeitar. — Ralph pôs a mão no ombro de Spector. — Você conhece algum ás?

Spector enrijeceu.

— Pessoalmente, não. Por quê?

— Porque sou um. Tenho poderes.

Spector estava cansado demais para continuar e sentou-se.

— Você é um ás e vive num lixão. Eu pareço um forasteiro ou algo assim?

Ralph sorriu e pegou uma caixa de leite, parou dramaticamente, então deu uma mordida nela. Mastigou por um momento e engoliu.

— Posso metabolizar qualquer coisa. Isso foi o que o Dr. Tachyon disse. O que é lixo para a maioria é comida na minha mesa.

Spector riu.

— Você pode comer lixo. Esse é seu poder? Aposto que bota medo em todo mundo.

Ralph cruzou os braços.

— Vá em frente. Pode rir à vontade. Você sabe o que eu economizei em um ano, só em comida e aluguel? E eu sou meu próprio chefe. Ninguém me diz o que fazer. Ninguém me diz quando ir ou vir. Isso é mais poder do que a maioria das pessoas já teve.

— Tem razão. Olha só, estou bem cansado. Talvez você possa me ajudar. Estou procurando uns cadernos enrolados em plástico. Tem dinheiro na parada para você.

— Tudo bem. Mas vamos precisar de algo melhor do que um isqueiro ou nunca vamos encontrar. — Ele bateu os dedões, pensativo. Sinalizadores devem funcionar. Tenho muitos. Volto num minuto.

— Sinalizadores?

— É. Eu tenho um monte de fogos de artifício que eu ia acender à meia-noite. Minha pequena celebração. Espere aqui. — Ele atravessou o lixo para a outra ponta da barcaça.

Spector enfiou os dedos em alguns buracos de balas no casaco e mordeu os lábios. Se conseguisse sobreviver àquele dia, não sairia da cama por uma semana.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XVII

22h00

O Rolls-Royce estava apenas a uns poucos quarteirões do Aces High quando o telefone começou a tocar. Fortunato olhou para Peregrina, que deu de ombros e atendeu.

— É para você — ela falou.

— Aqui é Altobelli — a voz no telefone falou. — Fiz com que o Hiram me desse o número daí. É sobre o Kafka.

— Desgraça — Fortunato falou, cerrando os olhos. — Ele está morto.

— Não — Altobelli respondeu. — Ainda vivo. Mas foi por pouco.

— Como assim?

— Cerca de quinze minutos atrás um cara esquisitão num roupão branco apareceu no meio da cela de detenção. Mas eu achei que você e eu tínhamos uma equipe da SWAT lá e, quando ele fosse buscar o Kafka, detonariam com tudo o que tivessem.

— E?

— Eles não machucaram o cara. Mas as balas continuaram o derrubando, e cada vez ele ficava um pouco mais lento para se erguer. Então, ele simplesmente desapareceu de novo.

— Vocês tiveram sorte. Está fraco agora, ou nada que atirassem nele teria impedido. — Fortunato não disse nada sobre o quanto ele mesmo se sentia fraco.

— Esse cara, seja lá quem for, tinha mais do que sorte ao lado dele.

— Não entendi.

— Não vou falar por telefone. Lembra do lugar onde nos encontramos mês passado? Não diga o nome, apenas sim ou não.

— Sim.

— Pode me encontrar lá? Agora mesmo?

— Altobelli...

— Eu acho que estamos falando de vida ou morte aqui. A minha.

— Estou indo — Fortunato falou.

Quando ele desligou o telefone, Peregrina disse:

— O Astrônomo.

Fortunato assentiu.

— Vou pegar um táxi. Você vai voltar ao Aces High, onde ficará em segurança.

— Isso é ridículo. Fico mais segura com você. E não tem lógica pegar um táxi com a possibilidade de chegar em grande estilo, num Rolls-Royce com chofer. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Certo?

♣

Após enxotar alguns poucos clientes regulares que ainda estavam lá, os Gambione mudaram a reunião para o salão principal e juntaram várias mesas. As armas e o cansaço estavam bem à mostra. Rosemary em pé de um lado, vendo os homens discutirem. Nômada viu um sorriso indecifrável no rosto dela. A mendiga sentou-se com Jack em uma banqueta próxima à parede.

— Quero começar a procurar Cordelia. Já se passaram horas.. muito mais do que eu prometi a Rosemary. — Jack olhou com raiva para a promotora adjunta.

— Até tudo acabar, ela não pode fazer as ligações. — Compassiva, Nômada olhou para Jack, que estava puxando a manga manchada do seu jaleco de garçom, pequeno demais para ele. — Agora, coma.

Espremendo limão sobre a sopa, Jack sacudiu a cabeça e pegou os *hashis*. Puxou uma massa de macarrão bifum e camarões da tigela à sua frente.

— O que ela vai fazer sem os livros? — Ele apontava os *hashis* para Rosemary.

— Não sei. Ela fez sua escolha agora. Vai dar um jeito. — Recostando a cabeça contra a cabine, Nômada fechou os olhos. — Vou descobrir se alguém viu Cordelia. Quieto.

Jack bisbilhotava as manobras da máfia enquanto comia e tornava a encher sua tigela.

Dois homens eram os líderes da facção. O mais velho, cabelos pretos penteados para trás e vestido num paletó cor de chumbo de seis botões, enfatizava a importância sublime de se continuar com os planos de Don Frederico pelo bem da estabilidade. Um homem mais jovem, cabelos castanhos, de corte caro, que Jack teria descrito como um corte punk modificado com um rabinho, destacava que o Açougueiro não havia sido especialmente eficaz em pôr fim às invasões do território deles. Os outros homens ouviam sem comentar.

— Ninguém das outras famílias jamais desafiou nossa autoridade. — O mais velho se recostou, em evidente satisfação.

— Meu Deus, Ricardo. Claro que não. — O mafioso new wave rolou os olhos para cima. — Todos estavam preocupados com ameaças reais. Os vietnamitas. Os colombianos. Os curingas. Jesus, não consegue enxergar que o Bairro dos Curingas está se tornando uma área de desastre armada, cara?

— Tenha respeito, Christopher, por favor. — Ricardo inclinou a cabeça, solidário, para Rosemary.

— Obrigada, Ricardo Domenici. — Rosemary caminhou até as mesas.

— Ela já ouviu coisas piores, Ricardo. Até mesmo no gabinete da promotoria, tenho certeza que já ouviu muito pior. — Christopher Mazzuchelli sacudiu a cabeça, exasperado. — O negócio é que precisamos ter como líder alguém que possa enfrentar as novas ameaças. Sabe, evoluir.

— Mazzuchelli está certo. — Os olhares de todos os *capos* Gambione voltaram-se para Rosemary. — Precisamos de sangue novo para nos liderar, ou a família será destruída. É muito simples.

O homem mais velho disse, conciliador:

— *Signorina* Gambione, este é um assunto sério. Temos que decidi-lo. Talvez fosse melhor…

— Sim, Ricardo, sou uma Gambione. A última. — Rosemary prendeu a atenção do homem ao se virar. — Esta é a minha família. Eu tenho direito de falar.

— Talvez ela queira o cargo do pai dela — Christopher Mazzuchelli arreganhou os dentes num sorriso até o olhar retornar para ele.

— Talvez eu queira. — Rosemary abriu um sorriso fino e enigmático. — Donatello está morto, como Michelangelo, Rafael e Leonardo. Quatro chefões. Vocês entendem o que nós enfrentamos, mas não o que fazemos. Ricardo olha apenas para o passado.

— Espere um minuto. — A boca de Mazzuchelli permaneceu levemente aberta pela

surpresa.

— Quem melhor?

— Você é promotora pública, porra!

— Sim. — Rosemary sorriu, como se considerasse as possibilidades. — Não poderia nos proteger completamente, mas poderia fazer a diferença. E as informações seriam inestimáveis. Minha identidade como uma Gambione teria de ser protegida. Ninguém fora desta sala deve saber. *Omertà.*

— Seria difícil comandar a família em sigilo. — Ricardo Domenici estava claramente ofendido com a ideia toda. — Mesmo que considerássemos uma coisa dessas.

— Verdade. Alguém teria que ser meu .. porta-voz. — Ela examinou cada um dos *capos* ao redor. — Mazzuchelli.

Os *capos* começaram a murmurar, enquanto Christopher Mazzuchelli sorria insolente atrás dela.

— Senhores, algum de vocês tem qualquer objeção? Ricardo?

— Ela é jovem demais, inexperiente demais. A aparência dela. . — Ricardo abriu os braços para mostrar o absurdo óbvio daquilo. — As outras famílias ririam de nós.

— Isso é insano. Uma mulher, um garoto... — Um homem de queixo duplo com barba cerrada, vestindo um sobretudo preto tradicional, empurrou sua cadeira para trás e levantou. — Eu volto quando vocês estiverem prontos para escolher um novo *don*.

Mazzuchelli bloqueou o caminho dele, mas, a um gesto de Rosemary, saiu da frente. O dissidente caminhou pela sala no silêncio repentino e abriu a porta com tudo.

Rosemary chamou num tom severo:

— Morelli!

O homem que havia acabado de sair voltou para a sala, olhos fixos no cano da Uzi que Morelli apontava para o peito dele.

— Sim, *Signorina*? — Morelli disse. — Algum problema?

— Acho que o problema foi resolvido. Concorda, DiCenzi? — Rosemary olhou para a sala cuidadosamente. Sob o cano da arma, DiCenzi assentiu.

— *Si, Signorina.* Não tem... problema algum.

— Bom — Rosemary examinou os homens sentados que a encaravam. — Alguém mais tem algum problema?

Ricardo olhou rapidamente para os homens de cada lado dele. Eles o ignoravam de modo ostensivo.

— Não, sem problema algum, *Dona* Gambione.

— *Signorina* cai bem, eu acho. — Ela abriu um sorriso predatório para os *capos*. — Sente-se, DiCenzi. Obrigada, Morelli. Por favor, sente-se.

Mazzuchelli observava Morelli como se ele fosse um pedaço de carne podre.

— Christopher — Rosemary disse —, você é ambicioso demais. Já percebi. Não dê nenhum passo precipitado.

Mazzuchelli voltou a olhá-la com um sorriso tão selvagem quanto o dela.

— Você é a chefe.

Rosemary assentiu e olhou em volta para o restaurante.

— Alguém viu o gerente?

— Quer algo para comer? — Ricardo estava incrédulo.

— Acredito que a *Signorina* deseja descobrir como aquele desgraçado que roubou os livros entrou aqui. — Mazzuchelli encarou Ricardo de forma ameaçadora. — Não acha que seria uma

pergunta interessante?

Morelli levantou-se e seguiu até a cozinha.

— *Signorina*, ele é seu.

Enquanto Morelli preparava o vietnamita aterrorizado para as perguntas de Rosemary, a nova chefe dos Gambione ligou para os contatos nas delegacias e fez perguntas sobre Cordelia.

No East Side, um patrulheiro lembrou-se de ver alguém bem parecido com a moça perdida caminhando pelas avenidas do alfabeto. Já havia um tempo.

Nômada quis entrar na região a pé antes de começar a buscar pela garota, animal por animal. Jack estava pronto para sair instantaneamente, mas Rosemary puxou o par de lado por um instante.

— Olha, obrigada pela ajuda de vocês. Não era exatamente o que eu havia planejado, mas não teria acontecido sem vocês. — O sorriso dela parecia político.

— Não era? — Nômada encarou Rosemary.

— Suzanne, eu não tinha ideia...

— Sim. Eu te procuro. — Nômada começou a se virar. Jack já estava seguindo para a porta.

— Suzanne, eu te ligo mais tarde. Avise-me sobre o que acontecer com a sobrinha do Jack.

Nômada lançou um olhar para Morelli, num canto, com o gerente vietnamita. Sob aquela luz, o sangue parecia preto. Ela balançou a cabeça levemente.

Rosemary corou e se empertigou.

— Posso fazer *algumas* coisas boas aqui, sabe? Exercer algum controle.

Nômada continuou andando.

— Suzanne, quero falar com você mais tarde sobre *algumas* ideias que eu tive acerca dos animais.

Todos os músculos dos ombros e das costas de Nômada ficaram tensos enquanto seguia Jack através da porta. Tentou não escutar, mas acreditou ouvir gritos lamuriosos *detrás* deles.

O Donut Hole ainda estava agitado na rua em frente à delegacia do Bairro dos Curingas. As calçadas estavam cheias até o meio-fio e a cada poucos minutos uma viatura descarregava a mais nova leva de bêbados e arruaceiros nos degraus da delegacia.

O Rolls-Royce deixou Fortunato a um quarteirão de distância e entrou no tráfego em busca de um lugar para estacionar em fila dupla. Fortunato abriu caminho com os cotovelos até uma mesa de fundo e encontrou Altobelli usando um boné dos Brooklin Dodgers e um casaco esportivo.

— Praticamente tive de matar um para guardar essa cadeira para você. Quer uma rosquinha?

Fortunato negou com a cabeça.

— Diga, Altobelli. Não tenho muito tempo.

— Você parece meio agitado. Tudo bem, tudo bem. É Black, John F. X. Black, capitão da delegacia do Bairro dos Curingas.

— Conheço de nome.

— Deixamos o Kafka aqui à tarde. Uma hora depois, recebo uma ligação de um dos meus rapazes. Black tinha mandado interromper a vigilância do Kafka. Vim para cá para descobrir por que e peguei Black tentando sair com Kafka numa viatura. Ele me contou uma historinha sobre transferência de prisioneiro, eu pedi para me mostrar a papelada. Mais conversinha, mais historinha. Então, tirei o Kafka dele e o trouxe de volta comigo para a cidade alta.

— Você está me dizendo que o Black é sujo.

— Você ainda não ouviu metade da sujeira. Pouco depois que aquele cara de roupão e óculos tentou levar o Kafka, recebi uma ligação da minha fonte na delegacia do Bairro dos Curingas. Queria me falar que viu o cara estranho de roupão e óculos no gabinete do Capitão Black cinco minutos antes.

Fortunato levantou-se.

— Onde ele está.

Altobelli apontou a delegacia com o dedão.

— Todo policial em Manhattan está trabalhando em turnos dobrados hoje à noite. Eu devia ter voltado para Riverside já.

— Pode ir. E deixe que te vejam.

Altobelli parou por um segundo e refletiu. Por fim, concordou.

— Tudo bem.

— Alguém mais sabe sobre o Black?

— Apenas você e eu. Fortunato?

— Sim?

— Nada, eu acho. Este não é... não é o jeito que estou acostumado a fazer as coisas. Costumo fazer minhas coisas sozinho.

— Ele não é mais um dos seus. Ele é do Astrônomo. E agora ele é meu.

O endereço era na Central Park West. Pegaram um táxi; Hiram não queria envolver Anthony ou o Bentley em qualquer desagrado que poderia acontecer.

Dentro das portas pesadas de vidro e aço do prédio, um porteiro estava sentado numa mesa antiga. Atrás dele havia uma porção de monitores de segurança. O homem tinha a constituição de um *linebacker* de futebol americano, e havia um alarme óbvio sobre a mesa, a alguns centímetros da sua mão. Ele não esperaria problemas de um gordo de smoking e de um camarada genérico num terno marrom barato.

— Pois não? — perguntou-lhes pelo interfone quando se aproximaram da porta.

Jay Ackroyd apontou o dedo para o porteiro como uma arma através do vidro e disse:

— Olha quem está te olhando, rapaz.

O homem desapareceu com um estalo e uma ventania.

Hiram balançou-se devagar sobre as pontas dos pés, olhando em volta com nervosismo.

— Para onde você... — ele começou.

— Para as estantes principais da Biblioteca Pública de Nova York — Jay disse. — Parecia que precisava dar uma atualizada nas leituras. — Ele tirou a carteira, pegou um cartão de crédito e abriu a porta num piscar de olhos. — Nunca saia de casa sem ele — ele disse para Hiram

enquanto deslizava o cartão de volta para a carteira. Eles entraram no saguão.

Latham morava na cobertura, como Hiram já esperava. Jay apertou o botão para o último andar.

A placa de bronze em relevo acima da campainha dizia ST. JOHN LATHAM. Jay apertou, e esperaram em silêncio nervoso ao lado do elevador. Ele não estava em casa, Hiram pensou, claro que não estava, mas em outro lugar, ele era .. então a porta fez um zumbido leve e a porta se abriu, devagar.

Entraram num pequeno vestíbulo, vazio, a não ser por um mancebo de madeira e um porta-guarda-chuva. A cozinha ficava à direita, o closet, à esquerda. Adiante, uma sala de estar imensa, com uma seção mais baixa, um bar, uma parede sólida de vidro do chão ao teto, que se abria para um jardim, uma vista magnífica do Central Park, da cidade e das estrelas ao fundo. Uma suíte luxuosa e o escritório para a sala de estar, com suas portas bem abertas. Vozes vinham do escritório. Hiram caminhou lentamente, passinhos quietos, mas os saltos de Jay estalavam bem algo no piso de madeira enquanto cruzavam a sala.

— Tudo bem. Sim. Sim, a todo custo. Telefone quando tiver notícias.

O homem apertou um botão; o viva voz do telefone se desconectou. A única luz no recinto vinha de uma luminária de leitura de latão com cúpula verde. Latham estava sentado com uma pilha de mapas sob a mão esquerda, a direita digitava no teclado de um PC IBM. Vestia colete e calça de um terno Armani risca de giz, uma camisa branca perfeita com o botão da gola aberto, e uma gravata de seda escura, o nó puxado para baixo e de lado. Não ergueu o olhar quando eles entraram.

— Eu conheço vocês?

— Sou Worchester — Hiram falou. — Hiram Worchester. Meu colega se chama Jay Ackroyd, investigador particular licenciado...

— Que hoje mais cedo deteve ilegalmente um cliente do Latham, Strauss, violando seus direitos constitucionais e causando um sofrimento psicológico indizível, sem mencionar a desorientação, o dano à sua boa reputação e o medo pela sua vida e segurança — Latham respondeu. Ainda não havia tirado os olhos do teclado. A tela mostrava algum tipo de grade. — Um erro de julgamento que irá custar ao sr. Ackroyd uma quantia considerável e, provavelmente, sua licença. — Ele terminou a digitação, salvou-a e limpou a grade da tela. Só então dignou-se a virar sua cadeira de espaldar alto para olhá-los. — Se estão aqui para propor um acordo, certamente estou disposto a ouvi-los.

— Um *acordo?* — Hiram estava pasmo. — Sugere que *paguemos* para aquele brutamontes repulsivo que...

— Peço cuidado com a difamação, sr. Worchester. O senhor já tem problemas o bastante. — O telefone tocou. Latham não se importou em atender. Esticou o braço, tocou o botão de viva voz, e anunciou: — Agora não, tenho companhia. Ligue de volta em dez minutos. — Quem estava do outro lado da linha desligou sem se identificar. — Agora, sr. Worchester, o que estava prestes a dizer?

— O seu cliente é uma escória — Hiram disse com todas as letras. — Francamente, fico espantado que um homem distinto como o senhor considere representá-lo.

— Estou um pouco curioso sobre isso também — Jay Ackroyd disse. Ele caminhou, desengonçado, até a porta de entrada, mãos nos bolsos. — Em geral, o senhor tinha mais classe que isso.

— Raramente me envolvo em questões criminais — Latham respondeu —, e não sou, de fato, o advogado desse caso. Mas faço questão de me familiarizar com todas as nossas ações em andamento, mesmo as mais triviais, e o sr. Tulley me informou sobre a questão apenas esta

tarde.

— Para quem o senhor está trabalhando? — Hiram perguntou. Jay Ackroyd resmungou. Hiram lançou-lhe um olhar de reprimenda e continuou. — É extorsão, o senhor sabe, e eu sei disso. Quero saber quem está por trás disso, e quero saber agora. — Ele cruzou a sala, recostou-se na mesa e olhou para o rosto do advogado. — Aviso o senhor, sou um ás, não qualquer um, e tive um dia muito ruim.

— O senhor está me ameaçando, sr. Worchester? — Latham perguntou com um interesse educado.

— Não estou me sentindo bem — Ackroyd queixou-se da porta de entrada. Hiram olhou para trás, contrariado. Ackroyd estava com a mão na barriga, suas feições tinham uma cor esverdeada, mas talvez fosse apenas a luz. — Não teria comido tanto se soubesse que teria gás lacrimogênio. — Ele arrotou. — Onde fica o banheiro? — ele perguntou, com alguma urgência.

— Atravesse o quarto principal, à direita — Latham lhe disse. Ackroyd partiu para o santuário e, um momento depois, eles ouviram o som de ânsia de vômito. — Encantador — Latham falou.

Hiram virou-se de costas para ele.

— Não importa. Seu cliente e os amigos dele mandaram um homem decente e honesto para o hospital hoje. Quebraram seus braços e duas costelas, arrancaram vários dentes e lhe causaram uma concussão leve. Também queimaram seu caminhão de entrega e vandalizaram sua loja. Envenenaram minhas lagostas com *gasolina*, sr. Latham.

— O senhor viu nosso cliente cometer qualquer um desses crimes alegados? Não? Eu acho que não. O sr. Ackroyd viu?

— Maldição, Latham. Eu estava lá esta manhã, eu vi o que estavam tentando fazer...

— Quem?

— Eles — Hiram falou. — Os homens dele. Três deles, os nomes eram, hum, Olho e Cheech e, bem, não lembro o nome do outro. Olho era o curinga.

— Não tenho ideia de quem o senhor está falando — Latham respondeu. — De qualquer forma, o sr. Seivers não faz parte de qualquer gangue.

— Sr. Seivers? — Hiram ficou confuso por um momento.

— Acredito que às vezes é chamado de Pancada. Se vai processar o homem por conta da aparência, poderia ao menos se dar ao trabalho de aprender seu nome verdadeiro, que por acaso é Robert Seivers.

Os dois ouviram a descarga do banheiro. Latham recostou-se de volta na cadeira.

— Seu amigo terminou. A menos que queira propor um acordo, acredito que nossa conversa também acabou. Como pode ver, estou bem ocupado.

Jay Ackroyd entrou novamente na sala, parecendo um pouco pálido, enxugando os lábios com um guardanapo.

— Saiam — Latham sugeriu, educadamente. — Vocês dois.

— Você não pode simplesmente... — Hiram começou.

— Preferem que eu chame a polícia?

Enquanto esperavam o elevador, Hiram olhou com raiva e indignação para Jay.

— Muito útil você, viu — ele falou.

— Você pegou um viés bom para o interrogatório, Hiram — Ackroyd disse. — Não quis atrapalhar seu ritmo.

As portas abriram-se e eles entraram no elevador.

— Que não nos levou a lugar algum — Hiram respondeu, apertando o botão do saguão com mais pressão do que necessário.

— Ah, eu não diria isso — Ackroyd respondeu. Olhou para o seu relógio. — Se o Brecha é tão esperto quanto eu acho, ele está vasculhando o banheiro agora.

Hiram ficou perdido.

— Vasculhando o banheiro?

— E o quarto também. Eu não esperava de verdade que ele comprasse minha pequena dor de barriga — Jay falou. — Ele deve ter imaginado que fui ao banheiro para plantar algum tipo de escuta.

— Ah — Hiram falou —, então ele vai gastar tempo vasculhando...

— Espero que não. Caramba, eu não escondi muito bem. Está no telefone ao lado da cama dele, poderia ser mais óbvio?

Hiram ficou boquiaberto com ele.

— Você pôs uma escuta, mas quer que seja descoberta? Por quê?

— Quero dar a ele algo para descobrir — Ackroyd falou. — Assim que ele achar, deve ficar satisfeito. Acha que somos estúpidos, e vai matutar outras coisas hoje à noite.

— Onde você conseguiu uma escuta? — Eles haviam chegado ao saguão. As portas se abriram, e eles saíram do elevador.

Ackroyd deu de ombros.

— Ah, eu carrego sempre algumas. Ótimas para deixar as pessoas nervosas. Consigo bem barato no Bairro dos Curingas, o cara me vende todas as quebradas, seis por um dólar. A menos que o Brecha saiba muito mais sobre microcircuitos do que eu imagino, nunca vai saber a diferença. — Ackroyd olhou o relógio novamente. — A essa hora, ele já deve ter encontrado, trancou-a em algum lugar e voltou ao trabalho, mas vamos dar alguns minutos mais, apenas para ter certeza. Notou o computador?

— Hein? Claro, sem dúvida, e daí? — Hiram abriu a porta e eles saíram.

— Ruas de Manhattan — Jay falou. — Área da Times Square. Havia mapas na mesa. Algum tipo de busca em andamento, e nosso amigo Brecha está coordenando, eu aposto. Fica ao lado do telefone, mantendo todos em contato com todos, mapeando os outros no computador. Muito interessante.

— Não sei do que você está falando — Hiram disse.

— Lembra do nosso pequeno encontro na casa do Tachyon? O grandão escamoso estava procurando algum tipo de livro, e ele não parecia um lagarto de biblioteca. Acho que o Brecha está procurando a mesma coisa.

— Não dou a mínima para livros roubados — Hiram retrucou. — Quero que se faça algo contra o Pancada.

— Talvez o mesmo cara comande os dois — Jay falou, então deu de ombros. — Ou não. Vamos descobrir.

Ele deu a volta no prédio e começou a fuçar nos arbustos.

Hiram cruzou os braços e fechou a cara.

— O que está fazendo?

Popinjay olhou para trás.

— Vou me esconder nestes arbustos. Sou muito bom em me esconder em moitas. É a primeira coisa que ensinam na escola de detetives.

— Como você vai descobrir qualquer coisa desse jeito?

— Eu não — Ackroyd falou. Ele apontou o dedo como uma arma com a mão direita. — Você vai — ele terminou. Hiram nunca ouviu o pop.

A gravata preta e o casaco longo de Fortunato estavam um pouco deslocados na delegacia do Bairro dos Curingas. Era como um lixão humano. O cheiro predominante era uma mistura de vinho barato, vômito e suor velho. O saguão principal era um lugar sem assentos, com uma seção especial para as prostitutas. A visão da maquiagem marcada e manchada, além das roupas berrantes, era mais do que Fortunato podia aguentar.

Levou dez minutos para encontrar o gabinete de Black. A porta estava aberta e Black estava ao telefone. O Capitão era bem-apessoado, barba cerrada, mangas dobradas, corte de cabelo barato. Fortunato esperou no corredor até Black desligar. Então, entrou e fechou a porta.

— O nome não diz muito — Fortunato falou. — Mas agora eu reconheço o senhor. Sete anos atrás. Passei a noite numa cela aqui enquanto fritavam o cérebro de uma mulher de quem eu gostava muito. Você fez um sargento Matthias e um cara chamado Roman me interrogarem. Eles decidiram que não estavam interessados e me soltaram. Provavelmente o senhor não deve se lembrar.

— Lembrar? Nunca vi você antes ou essa vagabunda de quem está falando. — Black estava assustado e nem escondia bem. Fortunato gostou da reação.

— Você vai me dizer tudo que sabe. Não vou arrebentar com tudo porque estou com pressa. Então, é melhor você me dizer, agora.

Foi fácil. Black não era um ás, apenas um cara normal. Fortunato estava fraco, mas nunca seria normal de novo. Black recostou na sua cadeira giratória, tenso, mas sem oferecer resistência.

— O que quer saber? — Black disse com voz monótona.

— O Astrônomo. Ele vai escapar hoje à noite. Vai pegar uma nave, um tipo de espaçonave. Preciso saber onde está.

— Espaçonave? Como alienígenas do espaço? Como o Dr. Tachyon e aquela merda toda? Você deve estar maluco.

Fortunato lançou outro golpe de força. Estava começando a se sentir tonto.

— Ele deve ter planejado levá-lo com ele. Senão, ele teria te matado.

Black olhou perplexo.

— Sim, ele teria. . mas decidiu manter-me aqui, manter-me vivo para "contingências".

— Como arrancar os guardas do Kafka?

— É. Isso mesmo.

— E para onde ele vai?

— É engraçado. Não consigo lembrar.

— Engraçado — Fortunato falou. Ele se soltou do corpo físico e entrou na mente de Black. O homem não estava mentindo. A memória da nave, onde o Astrônomo a conseguiu, onde estava escondida, de onde ele sairia, tinha desaparecido. Apagada com perfeição. Da mesma forma que o Astrônomo fundiu o cérebro de Eileen.

Fortunato virou-se para ir embora.

— Vai... simplesmente me deixar aqui?

— Você não serve para mim.

— Mas... não está com medo que eu tente me vingar de você?

— Sim — Fortunato falou. — Acho que você está certo. — Com suas últimas forças, ele alcançou o peito de Black e parou seu coração. Black fez um barulho, como uma tosse, e

desmoronou na cadeira.

— O nome dela era Eileen — Fortunato falou e saiu.

O pé direito de Hiram estava ensopado até o tornozelo; ele surgiu com a metade do pé na privada, e foi pura sorte uma ligação em andamento cobrir o respingo ruidoso que fez quando ergueu o pé. Como estava, ficou nervoso a cada passo que dava, temeroso que o som da água escorrendo o denunciasse. Então, tentou não se mover demais.

Ele se encolheu no quarto, próximo à porta da sala de estar espaçosa. Estava aberta, como a porta do quarto ao lado. Não conseguia ver nada além da sala de estar vazia, mas podia *ouvir* tudo, e isso era o que importava. Estava lá havia vinte e poucos minutos, e tinha ouvido mais do que suficiente.

Telefone. "Latham? Aqui é Hobart. Metrô seguro. Os Garças estão lá embaixo, nas plataformas, não tem como entrar em qualquer trem sem que a gente saiba. Temos homens parados ao lado de cada porta giratória. Tem certeza que ela está indo para esse lado?

"Nosso amigo da justiça parece acreditar nisso. Falei com Billy Ray poucos minutos atrás, ele diz que ela está indo para a Broadway, e ele não está muito atrás dela. Vermis foi informado e confirma. Ele está a caminho."

St. John Latham, da Latham, Strauss, obviamente prestava aos clientes muito mais do que representação jurídica.

Telefone. "Cholly, cara. Estamos em Port Authority. Estou numa cabine telefônica, temos rapazes em todas as portas. Um monte de cafetões e putas, cara, mas nenhum sinal da branquela de biquíni."

"Continue vigiando."

O toque do telefone era constante, como o som suave dos dedos experientes de Latham no teclado do IBM. Hiram se aproximou da porta.

Ele sentiu pena da presa, não importava quem fosse. Latham e seu pessoal estavam fechando uma rede em torno de toda a área da Times Square. Cada telefonema fechava o cerco um pouco mais, e o telefone continuava tocando.

Telefone. "Sinjin? Aqui é Transluz."

"Onde você está?"

"Na frente do Nathan's. Nenhum sinal dela. Não é tão ruim quanto na noite de Ano-Novo, mas não está tão longe disso."

"Você está visível?"

"Por enquanto. Do contrário, os desgraçados dos limpos ficariam tropeçando em mim toda hora. Além disso, posso precisar de energia se ela aparecer."

"Ela vai. Vermis tem certeza."

"Onde ele está?"

"Na limusine dele, enfrentando o tráfego. Onde está o resto do pessoal?"

"Garças e Lobisomens estão espalhados por todo canto. Nossos curingas estão usando máscaras do Dr. Tachyon, então sabemos onde estão. O Sussurro está ao lado da estátua do Cohan, Pancada está esperando no lado de fora do Wet Pussycat, Falcão está empoleirado no

topo da torre. Ele devia estar observando, mas provavelmente está comendo algum pombo desgraçado. Temos alguns caras em táxis também, no caso de ela tentar pegar um, talvez ela entre num dos nossos."

Hiram ficou tenso com a menção do nome Pancada. Quando a próxima ligação chegou, ouviu uma voz familiar de lâmina, cruel, vinda do telefone, ele se esticou mais um pouco para ficar na ombreira da porta.

— Brecha, seu desgraçado — a voz disse. — Sou eu.

— Sim — Latham respondeu em tons gélidos, educados.

— Acabei de ver a gostosa. Estou olhando a bundinha dura dela bem agora. Você deveria vê-la, nada além de um biquíni, as tetas simplesmente à mostra. Posso matá-la?

— Não — Latham falou, ríspido. — Siga-a.

— Merda, eu podia arrancar a cabeça dela antes que ela soubesse que eu estava lá. — Ele riu. — É uma merda desperdiçar o restante dela.

— Ela não deve ser morta, não até pegarmos o livro. Claro que não está com ela. Não a perca de vista, mas não toque nela. Vermis está a caminho.

— Saco — Pancada falou. — Posso me divertir com ela depois que a gente recuperar essa bosta?

— Siga-a, Seivers — Brecha falou e desligou. A cobertura ficou estranhamente quieta por um momento.

Então, Hiram ouviu o rangido da cadeira giratória, seguido pelo som suave dos passos do advogado. *O banheiro*, ele pensou, num pânico repentino.

Os passos ficaram mais próximos.

Spector empurrou outro saco plástico de lixo para o lado. Uma ratazana do tamanho de um *dachshund* lançou-se em cima dele. O animal se esfalfou para subir pelo braço dele até a garganta. Ele a agarrou pelo rabo com uma das mãos e bateu a cabeça dela na beirada da barca de metal. A ratazana guinchou e se retorceu convulsivamente. Ele a deixou cair.

O sinalizador estava queimando baixo, inclusive seus dedos. Pequenas faíscas de metal em chamas irritavam as costas da mão de Spector. Ele jogou o sinalizador pela beirada da barca, de onde veio um chiado baixo quando atingiu a água.

— Meu Deus, queria que fosse dia. Acharíamos num pulo — Spector disse.

— Se fosse dia, você teria que brigar com as gaivotas. Elas ficam revoando sobre essas barcas como abelhas no mel. Picam você em pedaços se não tiver cuidado. Não desista ainda — disse Ralph. Ele puxou outro sinalizador da caixa e o acendeu naquele que estava segurando, então entregou-o para Spector. — Esses cadernos estão em algum lugar nesta barca, e vamos encontrá-los.

Spector sentia-se mais forte conforme o tempo passava. O pé quase não doía como antes. O coto estava se alongando e se separando na ponta, assim como os dedos estavam tentando se reformar. O cheiro na barca era tão forte que até mesmo Spector estava incomodado com ele. Ele desejava uma brisa e começou a cavar o lixo novamente.

— É isso, não desista — Ralph buscava pelo lixo, de forma rápida, mas cuidadosa. Porém,

tinha muita prática.

Spector gostava de Ralph, mas não ficou feliz com isso. Não conseguia lembrar a última vez em que alguém despendeu tempo para ajudá-lo. Ele se sentiria bastante podre se tivesse de matar o camarada, mas provavelmente era a coisa mais esperta a se fazer. Não podia ter alguém por aqui que pudesse ligá-lo aos livros roubados.

— Ei, amigo. Você não me disse seu nome ainda.

— Allen — Spector falou. — Tommy Allen. — Não sabia por que se deu ao trabalho de mentir; ele mataria Ralph de qualquer jeito.

— Prazer em conhecê-lo, Tommy. — Ralph estendeu a mão melada de lixo. Spector hesitou, então pegou a mão e balançou uma vez. — Com o que você trabalha?

— Sou, hum, um exterminador. — Spector afastou-se alguns passos de Ralph e cavou uma parte de lixo fresco. Ele jogou alguns sacos de papel de lado e desenterrou um sofá quebrado. As almofadas não estavam mais lá e o tecido bege estampado estava manchado, mas, tirando isso, estava tudo bem.

— Entende o que eu digo? — Ralph estava bem atrás dele. — Coisa de primeira. Podia limpar com meu vaporizador e ficaria quase tão bom quanto um novo.

Spector despencou no sofá. A chance de encontrar os cadernos piorava cada vez mais. Que sorte a dele, pegar algo como isso e perder logo em seguida. Ele poderia ter acabado com o Astrônomo e se arrumado para a vida toda. Ralph sentou-se e olhou as roupas de Spector. As manchas do lixo ajudaram a disfarçar o sangue.

— Rapaz, aqueles caras te deram um jeito, hein? Essa é outra coisa sobre a vida no lixão, as taxas de crimes são muito baixas.

Spector estava em silêncio. Olhava diretamente para o sinalizador, deixando o brilho do magnésio queimar-se na sua retina. Ele se perguntou o que o Astrônomo faria com ele. As coisas ficariam ainda piores do que naquele momento, por mais impossível que isso parecesse. Morrer novamente era a solução mais simples, mas não era isso que tinha em mente.

Ralph enfiou o cabo do seu sinalizador no canto do sofá, então se curvou para a frente e enfiou os braços de volta no lixo até os cotovelos. Voltou-se para olhar Spector e franziu o cenho, então puxou um pacote coberto de plástico.

— Parece familiar?

Spector agarrou o pacote e limpou-o na perna das calças. Estava vendo pontinhos de tanto olhar para o sinalizador, mas sabia que eram os cadernos. Ele arremessou o sinalizador para o rio o mais longe que conseguiu.

— Caramba. Talvez minha sorte esteja mudando.

Ralph assentiu e sorriu.

— Eu disse que encontraríamos. O lixo não consegue esconder nada de mim por muito tempo.

— Bem, você tem razão. — Spector enfiou os cadernos de volta nas calças. Não os tiraria de novo até serem entregues a Latham.

— Espere aqui. — Ralph se levantou do sofá e saiu caminhando pelo lixo. — Isso pede uma celebração verdadeira.

Spector olhou para o relógio. Eram 22h55. Ele tinha de ser rápido. Impossível dizer quando o Astrônomo viria procurá-lo, e ele queria muitas companhias duronas ao lado dele quando acontecesse. O Astrônomo estava poupando Fortunato para o fim, então Jumping Jack Flash e Peregrina provavelmente seriam os próximos da lista. Ou talvez Tachyon. Pegá-los o levaria até o limite, mesmo com Imã e Insulina por perto. Spector suspirou. Ele poderia também matar Ralph agora e seguir em frente.

Ele viu Ralph acender algo na outra ponta da barca, então se moveu para a outra incendiar também. Duas pequenas chamas lentamente cresceram em cascatas de luz colorida, jorrando de sete a nove metros para o alto. Ralph estava em pé, bem longe delas, de costas para Spector. Parecia manter os olhos nos jorros de luz para ter certeza de que a balsa não pegaria fogo. Não poderia atear fogo na sua carona para casa.

Spector foi até a ponta atracada da balsa e saiu. Os fogos de artifício atrairiam atenção e aquilo era a última coisa que queria. Não havia tempo para matar o sr. Lixão naquele momento. Ele o faria mais tarde. Se sobrevivesse àquela noite.

Ele se encostou na cerca de alambrado e subiu-a lentamente, tentando usar o pé ruim o mínimo possível. Jogou o corpo para cima e baixou-o do outro lado. O pé ainda doía se tentasse colocar o peso inteiro nele. Conseguia vê-lo. Estava rosa e havia dedos tomando forma. Poderia estar totalmente curado na mesma hora amanhã. Se ainda estivesse vivo até lá.

Spector precisava contatar Latham primeiro. Ele tirou do bolso do casaco o cartão com o número do telefone do advogado. Pegar um táxi seria um inferno. Sempre poderia matar alguém e levar o carro, mas queria manter as coisas o mais descomplicadas possível.

Ele manquejou rua abaixo, procurando um telefone público.

Foram quase duas horas de pesadelo para Jennifer conseguir sair no térreo do Empire State Building. Ficou com medo de usar os elevadores ou as escadarias principais, e precisou se desmaterializar continuamente através de tetos, paredes e portas trancadas. Em pouco tempo, ela precisou descansar entre cada fase de insubstancialidade, equilibrando o cansaço com a necessidade contínua de seguir em frente, caso o agente federal ainda a estivesse rastreando. Kien, ela percebeu, deveria ter amigos em posições muito altas. Ela se perguntou, não pela primeira vez, qual era a relação de Yeoman — Brennan — com ele.

Finalmente conseguiu, sem ser observada, ela pensou, sair para a rua, onde se misturou aos pedestres e seguiu para a esquina da 43rd com a Seventh, cuidadosamente se mantendo nas partes mais escuras e ignorando os convites ocasionais para festejar. As ruas ficavam cada vez mais apertadas, com festejadores bêbados e drogados à medida que ela se aproximava da Times Square, que estava quase tão cheia quanto na noite de Ano-Novo. As pessoas que perambulavam pelas ruas estavam determinadas, muitíssimo decididas, ao que parecia, a não deixar nada atrapalhar a diversão. Sua atitude desesperada manchava a atmosfera com tintas de depressão, bem como com algo de ameaça.

Talvez, Jennifer pensou, fosse tudo da sua cabeça. Talvez o homem imenso em roupas de couro sujas e máscara de plástico do Dr. Tachyon, que parecia a estar seguindo, fosse apenas um camarada inofensivo querendo um pouco de diversão. Talvez, mas ela começou a andar mais rápido quando percebeu que ele a seguia mesmo, e o medo aumentou quando viu que ele mantinha o ritmo atrás dela.

Nunca ficou tão feliz ao ver alguém como quando viu que Brennan a esperava na esquina combinada. Disparou numa corrida desesperada na direção dele, desviando dos grupos imóveis de festeiros. Ele se virou quando ela se aproximou, e Jennifer balbuciou. Conseguia ver a raiva dele pelo jeito tenso que ele mantinha o corpo, pela mandíbula travada com força e pela linha

fina dos lábios. Algo dessa tensão escoou quando ele a viu, e foi substituído pela incerteza. Alguma, mas não toda.

— Não achei que você apareceria — ele disse, ríspido.

— Por quê? — Eles falavam baixo, mesmo que nenhum dos passantes parecesse prestar qualquer atenção neles.

— A estátua de Tachyon foi destruída, espalhada pela galeria. Os livros desapareceram — ele disse, engolindo alguns finais de palavras.

— Desapareceram? — A surpresa na voz e no rosto dela suavizaram a expressão dele. Brennan suspirou e esfregou o queixo, exausto.

— Kien deve ter chegado a eles .. de algum jeito... de alguma forma. — Ele sacudiu a cabeça. — É um desgraçado ardiloso. Seus domínios se estendem muito mais longe e em mais locais do que você jamais sonhou.

— Não é possível. — Jennifer franziu o cenho e olhou intensamente para Brennan, com a suspeita de que ele poderia ter os livros e estava resistindo à promessa de devolver os selos para ela.

Porém, os ombros dele estavam curvados, o cansaço e a derrota saltavam do seu rosto. Não pode ser tão bom ator, Jennifer pensou. Mas o que poderia ter acontecido?

Brennan pareceu empertigar-se. Arrumou os ombros, recompôs as feições e olhou novamente para Jennifer.

— Venha — ele disse, brusco. — Parece que precisamos encontrar mais roupas para você. — Ele franziu a sobrancelha. — Como você perdeu aquelas que estava vestindo?

— Eu contarei tudo — ela falou —, mas primeiro vamos comer em algum lugar. Ainda estou morta de fome. Comi apenas meia torradinha com um pouco de fígado picadinho no Aces High. Por que não procuramos um restaurante aberto em algum lugar? Eu pago. Eu conto o que aconteceu no Aces High e você pode me dizer por que está atrás do diário de Kien.

Jennifer falou a si mesma que fez a oferta por pura curiosidade, mas parte dela sussurrou que ela estava racionalizando a situação. Na verdade, não queria que Brennan se afastasse dela.

Ele a olhou com um sorriso firme.

— Não acho que seja inteligente.. — ele começou, então o sorriso desapareceu, surgiu uma careta e ele lançou o estojo do arco na direção de Jennifer. — Desvie!

Ela se desmaterializou.

Um homem troncudo num casaco azul-escuro de cetim, com um bonito pássaro branco bordado nas costas — uma cegonha?, Jennifer pensou — passou através dela. Tropeçou para a frente, os braços rodando enquanto tentava recuperar o equilíbrio. O estojo de Brennan acertou em cheio seu rosto e ele caiu.

— Garça — Brennan disse de pronto. — Vamos sair daqui.

Ele esticou o braço até a mão de Jennifer, começou a correr, parou, suspirou, e esperou que ela se solidificasse.

— Às vezes é tão difícil lidar com você — ele reclamou. Jennifer sorriu e lhe ofereceu a mão. Parecia que aquele encontro não havia terminado ainda. O que, ela se perguntou, seria um Garça?

Ele tomou a mão dela e eles correram.

Era impossível avançar em linha reta pela multidão. Eles deixaram um rastro de pessoas para trás, xingando-os, assobiando para o biquíni de Jennifer, ou os dois.

— Nunca vamos despistá-los desse jeito — Brennan grunhiu. Ele arriscou olhar sobre o ombro e viu uma turma de homens vestindo casacos escuros — mais Garças, Jennifer percebeu — abrindo caminho na multidão atrás deles. Eram menos sutis que Brennan e Jennifer,

simplesmente empurravam qualquer um que bloqueasse seu caminho. Poucos se importavam em insultar sua grosseria. — São oito deles — Brennan comentou e, em seguida, soltou a mão de Jennifer quando de repente ela estacou.

— Ai, não — ela disse, olhando adiante.

— O quê?

— Ele.

Um homem usando um terno branco justo seguia na direção deles.

— Quem é? — Brennan perguntou.

Jennifer balançou a cabeça.

— Ele tentou me prender no Aces High. Disse que era agente federal.

— Ótimo. — Brennan olhou em volta rapidamente. Estavam próximos de uma esquina que estava entulhada com uma cabine telefônica, uma caixa de correio e várias latas de lixo. — Por aqui. Talvez ele ainda não tenha te visto.

Jennifer e Brennan desviaram para o lado e o homem com uniforme gritou.

— Pare imediatamente! Você está presa!

Jennifer suspirou, empurrou um homem com máscara de tromba e orelhas de elefante — não, Jennifer percebeu, ele não estava usando máscara nenhuma —, desculpou-se e caminhava pelo meio-fio quando a limusine estacionou cantando pneus. As portas abriram-se de uma vez para Vermis e meia dúzia de brutamontes pularem dela.

— Cacete — Brennan xingou, desvencilhando-se da mão de Jennifer, e tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Um táxi amarelo velho engavetou a limusine bem quando Vermis gritou: "Peguem ela! Peguem ele!". O táxi empurrou a limusine para a frente e a porta aberta no lado do passageiro bateu em Vermis. O curinga réptil caiu enquanto os Garças irrompiam por entre os curiosos que cercavam a cena, tentando acuar Brennan e Jennifer. As pessoas presas dentro do círculo perceberam que algo pesado estava prestes a acontecer e tentaram sair. As pessoas fora do círculo perceberam que algo pesado estava para acontecer e se aproximaram para observar. Billy Ray, agora correndo na direção deles, gritou:

— Sou agente federal e vocês estão presos! — e o homem imenso com roupas sujas de couro e máscara de Tachyon, que também abria caminho pela multidão até Brennan e Jennifer, virou-se e o empurrou para a calçada com um único golpe do seu punho direito, deformado como um porrete.

Os Garças olharam-se hesitantes, e Brennan olhou para Jennifer.

— Que diabos? — ele perguntou e chutou a barriga do Garça mais próximo. Este caiu e dois outros pularam sobre Brennan e tentaram, sem sucesso, agarrá-lo.

Billy Ray, para surpresa de Jennifer, dos curiosos e mais ainda do curinga imenso que o havia derrubado, já estava se levantando.

— Babaca — Ray falou entre dentes. — Vou acabar com a sua raça.

O gigante rosnou algo inarticulado enquanto Jennifer observava Brennan derrubar os dois Garças que tinham pulado sobre ele. O taxista pulou do carro e gritou para o homem que estava dirigindo a limusine quando um dos Garças passou por Brennan e agarrou Jennifer. Ela sorriu para ele e se desmaterializou, e ele tentou várias vezes pegá-la enquanto ela reluzia insubstancial no meio-fio. Cansada de tanta cortesia, ela agarrou a tampa de uma das latas de lixo da calçada, se solidificou e bateu com tudo na cabeça do homem. Ele olhou para ela com indignação ferida por um instante, então as pernas dele amoleceram e ele deslizou, inconsciente, para a calçada. Um dos curiosos aplaudiu.

O gigante falou, sua voz atraiu a atenção de Jennifer de volta para ele e para Ray.

— Vai à merda, imbecil. — A voz dele era um som estridente, monstruoso, que mal parecia humano. Era incrivelmente intimidador, mas Ray sorriu de volta para ele. Jennifer achou que ele parecia feliz de verdade.

— Você está preso por atacar um agente federal.

O curinga grande grunhiu e bateu com seu punho direito deformado, mas Ray já havia desviado. Ele se abaixou para fugir do soco e voltou com uma pancada que acertou a barriga dura e saliente do gigante. Este soltou todo o ar dos pulmões, cambaleou e caiu. Mas não apagou. Ele esticou a mão quando Ray tentou pisar nele, agarrou a perna do outro e puxou. Ray caiu novamente, e o gigante rolou sobre ele como um tsunami, prendendo-o na calçada. Ele bateu antes que Ray pudesse se mover, esmagando a boca do agente com seu punho direito martelador. O sangue espalhava-se em todo o canto. Jennifer, um pouco zonza, deu um passo para trás e sentiu-se trombar com alguém. Mãos agarraram sua cintura, ela girou e se viu encarando dois bonitos olhos azuis. Olhos, e nada mais, exceto por pequenos ramos que poderiam ser terminações nervosas que se espalhavam nele. Ela reprimiu uma vontade louca de gritar e lançou a tampa da lata de lixo com toda a força. Ouviu um barulho alto o suficiente e viu a tampa de metal torta nas mãos. Os olhos desapareceram, como se por trás de pálpebras invisíveis; as mãos invisíveis a soltaram. Um instante depois, uma forma alta e esbelta ficou visível, toda torta na calçada. Jennifer soltou a tampa da lata de lixo e recuou.

Três brutamontes que haviam chegado na limusine com Vermis partiram para cima dela enquanto dois outros tentavam ajudar Vermis a levantar, e o outro rolava pela rua batendo e xingando o motorista do táxi que havia batido na traseira da limusine. De soslaio, Jennifer viu o curinga retroceder para acertar Ray novamente, mas, de alguma forma, apesar das cusparadas de sangue e dos pedaços de dente, Ray ergueu o braço e agarrou o braço do curinga com uma das mãos, enquanto arranhava a cara mascarada com a outra. A máscara caiu, expondo um rosto que parecia um campo de batalha bombardeado. A boca do curinga, riscada por cicatrizes, estava bem aberta e sugava o ar.

— Você é um filho da puta feioso — Ray murmurou através dos lábios estourados e dentes quebrados. Uma luz alegre dançava estranhamente em seus olhos. Ele se retorceu como uma enguia, lançou a perna para cima e acertou o curinga na virilha.

Um fio de baba correu pelo queixo do curinga e ele uivou. Ray virou-se sobre ele, montando em seu peito, e espancou o rosto do curinga até o punho ficar melado com o sangue dele. O curinga desfaleceu, Ray deu uma risadinha e se ergueu. Seus olhos, brilhando com uma luz estranha, fixaram-se em Jennifer. Ela olhou para Brennan, mas ele estava ocupado com os Graças. Ray partiu para cima dela, limpando cuidadosamente o sangue que pingava de sua mandíbula esmagada antes que caísse no seu uniforme, enquanto os três bandidos da limusine se aproximavam pelo outro lado.

— Você vem comigo — Ray falou. Jennifer mal podia entender suas palavras murmuradas, mas ela deixou que ele pegasse seu braço.

— Ei, caia fora, cara. A garota é nossa — um dos brutamontes disse, e Jennifer deixou que ele tomasse o outro braço.

— Posso acompanhar apenas um de vocês — Jennifer disse, então se desmaterializou e deu um passo para trás. Ray, com um meio sorriso fixo, avançou nos bandidos, enquanto Brennan derrubava outro Garça com uma pancada forte com as costas da mão. Os dois Garças em pé trocaram olhares, decidiram que não valia a pena e bateram em retirada pela calçada, por entre a multidão. Brennan virou-se para Jennifer. Não estava nem respirando forte, embora parecesse perplexo enquanto observava Ray espancar os comparsas de Vermis. Jennifer olhou para a limusine parada na rua diante deles, motor ligado e porta aberta.

— Vem — ela chamou Brennan e mergulhou na porta aberta. Ele a seguiu para dentro do carro, fechou a porta, e algo imenso parecido com uma ave apareceu de repente e se lançou contra o para-brisa. Era um curinga magrelo e alado com uma coroa de penas brancas encardidas como a crista desordenada de uma cacatua, carúnculas feias arroxeadas e vermelhas pendendo da mandíbula. Ele sacudiu a cabeça, zonzo pelo impacto, como um pardal que se chocou contra uma janela fechada, grasnou algo ininteligível e escorregou do capô para a rua, derrubando Ray que tinha acabado de tombar seu último adversário e estava pulando para cima da limusine. Brennan viu como eles caíram no chão numa confusão de pernas e braços. Jennifer acelerou o motor quando Vermis se levantou, grogue. A limusine saiu em disparada enquanto o curinga reptiliano olhava ao redor, surpreso.

— O que aconteceu? — ele perguntou, mas ninguém conseguiu realmente lhe dizer.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XVIII

23h00

A descarga foi acionada. Latham parou para lavar as mãos, secou-as na toalha com monograma e desligou a luz quando saiu do banheiro.

Hiram segurou o fôlego e tentou se espremer mais ainda no teto. Seu punho estava bem apertado e o mais leve movimento ameaçaria fazê-lo pairar na sala. Ele rezou para Latham não olhar para cima. Graças aos deuses ele desligou a luz; um homem com a circunferência de Hiram flutuando próximo à lâmpada faria uma sombra perceptível. Podia agradecer a Popinjay por levá-lo àquela situação absurda.

Esperava que Latham fosse direto para o computador, mas não tinha tanta sorte. O advogado foi até a cômoda e começou a esvaziar os bolsos: clipes com dinheiro, chaves, um punhado de moedinhas. Desfez a gravata, tirou o colete, pendurou-os cuidadosamente no closet, vestiu um roupão. Era de seda preta, com uma estampa de dragão trabalhada em ouro nas costas, e se ajustava perfeitamente. Sentado na ponta da cama, Latham desamarrou os sapatos e calçou chinelos. Não, Hiram pensou olhando para ele, não deite, *por favor*, não deite.

O telefone tocou.

Vá embora, Hiram pensou com todas as forças, volte para a outra sala. Brecha olhou para a porta, como se estivesse considerando ir. Então, ergueu o fone ao lado da cama.

— Latham.

Pausa curta.

— Não faz sentido nenhum o que você está falando — o advogado disse, ríspido. — Sim, entendo que você está com dor. — Silêncio. — Ele *comeu* o seu pé? — O tom era de incredulidade. — Não, desculpe, sr. Spector, não acredito no senhor. Se o senhor perdeu tanto sangue assim, talvez o senhor... — Um suspiro. — Tudo bem, descreva os livros.

Nesse momento, o silêncio foi muito maior. Hiram não conseguia ver a expressão de Latham do seu ângulo privilegiado contra o teto, mas, quando falou, seu tom havia mudado.

— Não, James, não leia nada neles. Seria mais saudável. Onde você está? — Fez uma carranca. — Sim, mas em *qual* lixão, onde, eu não. . Estão todos na Times Square, ela foi vista .. não, eu não sei por quanto tempo. — Ele olhou para o relógio ao lado da cama. — Não. Não, quero você aqui o mais rápido possível. Pegue um táxi... Não quero saber como vai conseguir um, apenas faça isso, entendeu? Você sabe o endereço.

Latham desligou o telefone, levantou-se da cama, pensativo, e então — para imenso alívio de Hiram — voltou diretamente para a mesa na outra sala.

Hiram estremeceu, abriu a mão e desceu aos poucos para o chão. Tocou o piso tão levemente quanto uma pena. *Spector*, ele pensou. Onde ouviu aquele nome antes? Qual outro nome Latham havia usado? James, foi isso, James Spector.

De repente, ficou claro. Dr. Tachyon, foi onde ele ouviu o nome, seis meses atrás, sobre um

carré de cordeiro no Aces High. Um homem que havia escapado da clínica e deixou um rastro de morte atrás de si, um contador chamado James Spector, mas tinha outra profissão agora, e nas ruas eles o chamavam de... Ceifador.

Ele ouviu Latham pegar o telefone. Hiram olhou na direção da porta, mas para chegar até ela teria de cruzar a sala de estar e ficar à vista. A janela era uma aposta melhor. Ele foi, pé ante pé, até a sala, deslizou devagar e cuidadosamente, botando a cabeça para fora. Era uma longa queda, mas quase nada se comparada à queda do Aces High.

Com uma careta de desgosto, Hiram Worchester escalou o umbral e se jogou pela janela. Estava apertada, e por um horrível segundo ficou com medo de que entalaria. Então, espremeu-se um pouco mais forte, os botões presos do casaco, libertou-se e começou a cair. Apenas esperava que ele não voasse para tão longe do curso.

♣

E, de fato, restava força o bastante para Fortunato encontrar o Rolls-Royce. Pensou em Peregrina, na sua boca e em seus seios, e como seria seu gosto entre as pernas. Apenas o pensamento já o deixou mais forte.

Ele a teria. Mesmo que isso significasse arriscar a vida dos dois. O Astrônomo não havia terminado com nenhum dos dois, e eles estariam terrivelmente vulneráveis na cama.

Contudo, havia tempo. O Astrônomo precisava se recarregar, e ele também. Tentou não pensar no Astrônomo lá fora, em algum lugar, talvez até escolhendo mais uma vítima naquele momento.

Tentou não lembrar que o tempo que estava ganhando era à custa da vida de outra pessoa.

Ele virou uma esquina e viu o Rolls-Royce. Peregrina destravou a porta para ele entrar.

— E seus negócios? — ela perguntou.

— Resolvidos. Por ora.

— Bom — ela falou. — Odiaria ter você com pressa.

♦

Jennifer virou numa esquina com velocidade suficiente para arrancar um chiado furioso dos pneus da limusine e alguns xingamentos furiosos dos pedestres que haviam pulado da calçada lotada para a própria pista. Ela olhou rapidamente à direita e viu Brennan recostado no estofado luxuoso, sorrindo.

— Por que você está tão feliz? — ela perguntou.

— Kien não está com os livros.

— Hummm? — Jennifer cortou duas pistas de tráfego e tomou a pista expressa da esquerda. Olhou pelo retrovisor. Não achava que estavam sendo seguidos, mas queria ter certeza. — Por que você diz isso?

— Simples — ele falou. — Vermis ainda está nos seguindo. Ou te seguindo, para ser mais preciso. Portanto, Kien não está com o livro. — Ele perdeu de repente o sorriso e franziu o cenho. — Mas se não está onde você deixou... — Ele deixou a frase em suspenso.

— Outra pessoa deve tê-lo pegado. Tê-los. — Jennifer percebeu que estava se envolvendo tanto na busca de Brennan que esqueceu os catálogos cheios de selos. Os cadernos que eram, ou ao menos deveriam ser, importantes para ela. — Por que você quer tanto esse maldito livro? — ela perguntou, de repente, passando um farol vermelho. — Qual a sua ligação com Kien?

Brennan olhou pela janela por um bom tempo.

— Você dirige muito bem esse carro.

— Ah, deixe disso — ela disse, frustrada além do limite por sua reserva. — Pare de segredos e responda à minha pergunta. Você me deve isso.

— Talvez sim — Brennan disse, reflexivo. — Tudo bem. Kien e eu temos uma longa história. Lá do Vietnã. — Jennifer reduziu para uma velocidade razoável para que pudesse manter um olho em Brennan enquanto ele falava. Estava olhando pela janela, distraído, olhando, conforme parecia, bem além da rua do outro lado da janela. — Ele é um homem maléfico. Totalmente egoísta, totalmente cruel. Era general do exército do Vietnã do Sul, mas trabalhava para quem pagasse. Causou a morte de muitos dos meus homens. Ele tentou me matar. — O rosto de Brennan ficou sem expressão. — Ele matou minha esposa.

Os dois prosseguiram em silêncio, Jennifer se perguntou se fora longe demais, se queria mesmo saber o restante da história. Após um momento, Brennan falou de novo.

— Tinha provas que o incriminavam diretamente em cada esquema sujo que estava acontecendo no Vietnã, mas eu... as perdi. Kien permaneceu no poder. Eu quase fui parar na corte marcial. Quando Saigon caiu, eu saí do exército e Kien veio para os Estados Unidos. Passei uns poucos anos no Oriente, e voltei para cá há alguns anos. Um antigo camarada meu encontrou Kien meses atrás e me enviou uma carta que me trouxe para a cidade. Tenho certeza de que o diário incriminaria Kien em incontáveis atividades criminosas. Talvez contenha provas o bastante para tirá-lo de circulação de uma vez por todas... assim como me deixou com as provas que recolhi doze anos antes...

— Não sei se esse diário seria aceito como prova num tribunal.

— Talvez não — Brennan aquiesceu —, mas conteria inúmeras pistas para suas atividades, seus associados e subordinados. — Ele olhou para Jennifer com seriedade. — Matar Kien seria simples, mas, primeiro, isso não derrubaria a rede de corrupção que ele construiu aqui em Nova York e, segundo, seria muito fácil para ele. — Os olhos de Brennan ficaram sombrios com a introspecção. — Quero que ele se deite à noite e não consiga dormir, preocupado com o menor ruído, a sombra mais efêmera que atravesse os seus sonhos. Quero que ele perca tudo que tem, toda a sua saúde, todo o seu poder e riqueza. No fim, quero que não tenha nada além de tempo, tempo para pesar muito sobre a sua cabeça, com nada para mudar a sucessão infinita dos seus dias obscuros e eternos .. E se não terminar numa cela, vou arrancar tudo dele e transformar sua vida num inferno inescapável de pobreza e medo opressores. Para isso, preciso do diário.

Brennan caiu em silêncio novamente. Jennifer umedeceu os lábios. Talvez, ela pensou, fosse hora de lhe dizer a verdade. Ele precisava saber. Mas algo congelou dentro dela quando pensou em dizer. Umedeceu novamente os lábios, forçando-os a abrir.

— Brennan...

Foi interrompida pelo som de um telefone tocando na parte de trás da limusine.

Brennan assustou-se e olhou na direção do banco traseiro enquanto ela suspirava, sentindo-se uma prisioneira condenada que recebeu um adiamento da pena.

O painel da limusine tinha mais controles do que uma nave espacial.

— Qual dos botões abre a janela entre os assentos? — Brennan perguntou.

Jennifer lançou um olhar para o painel e deu de ombros. Brennan apertou um monte de teclas, ligou o rádio, trancou as portas, ergueu a antena de televisão e, finalmente, baixou a barreira de vidro opaco entre os bancos dianteiros e traseiros. Ele pegou o telefone, apertou o botão do viva voz de forma que Jennifer pudesse ouvir, e resmungou para ele.

— Vermis? Vermis, é você? Aqui é Latham.

Jennifer, olhando para ele no retrovisor, viu uma expressão estranha cobrindo suas feições. Ele sorriu com prazer, mas sem humor, como se reconhecesse o nome, como se estivesse feliz em ouvir a voz do homem.

— Ouça com atenção. O Ceifador está vindo com o livro. Repito. O Ceifador está com o livro. Pare sua busca e acompanhe-o até aqui. Entendeu?

O sorriso de Brennan era selvagem.

— Entendi — ele disse em voz baixa.

— Você não é o Vermis.

— Não — Brennan falou.

— Quem é?

— É o passado, um fantasma. E estou indo te buscar.

E desligou o telefone.

O ruído contínuo enquanto eles cruzavam a cidade era ensurdecedor. As multidões eram praticamente uma maré no seu poder de fluir e refluir, carregando a maioria dos passantes não ancorados com elas.

— Estou *tentando* — Nômada falou para Jack, olhos bem fechados enquanto se recostava em um pilar de tijolos numa entrada de beco ao lado da 9th Street. — As criaturas da cidade nunca tiveram que lidar com esse tipo de comoção humana antes. Estão aterrorizados.

— Desculpe — Jack falou. A urgência na sua voz escondia um pedido de desculpas. — Tente. Por favor, tente.

— Estou tentando. — Ela continuou a se concentrar. — Nada. Desculpe. — Ela abriu os olhos, e Jack flagrou-se olhando para as profundezas pretas aparentemente infinitas. — Há oito milhões de seres humanos nesta cidade. Provavelmente há dez vezes mais do que muitas criaturas, sem contar as baratas. Paciência.

Por impulso, Jack a abraçou.

— Desculpe-me. Faça o que conseguir. Vamos continuar na direção do centro. — A voz dele havia ficado cansada. Nômada reteve o abraço por um segundo mais do que o necessário. Jack não se opôs.

Nômada de repente tombou a cabeça.

— Escute.

— Está captando algo? — Jack quis saber.

— Estou *ouvindo* algo. Você não está? — Ela começou a caminhar rapidamente pelo quarteirão. Jack também ouviu. A música era familiar, as vozes cantavam em par.

Sangue e ossos
Leve-me para casa
As pessoas ao meu lado
Aquelas pessoas irão
Comigo para o inferno
Comigo para o inferno

— Caramba — Jack falou. — Parece a C.C.

— É C.C. Ryder — Nômada disse. C.C. era uma das amigas de Rosemary mais antigas e íntimas na cidade. Porém, atingida pelo trauma agudo, seu grotesco talento de carta selvagem a manteve sob cuidados estritos na clínica do Dr. Tachyon por mais de uma década. Pararam com vários outros curiosos, apertados contra o vidro na frente do Crazy Eddie's. Havia muitos monitores de vídeo grandes instalados na vitrine. Alto-falantes levavam a música para a rua. Nas telas, sólidos geométricos pontudos rolavam e colidiam em preto e branco.

— Ela está se apresentando de novo? — Nômada perguntou. — Rosemary não falou nada.

— Não pessoalmente. — Jack apertava os olhos para enxergar o vidro. — Apenas em performances em vídeos como esta. Também ouvi que ela está escrevendo um monte de coisas novas ultimamente, músicas para Nick Cave, Jim Carroll, gente assim. Eu li na *Voice* que até o Lou Reed está considerando uma das músicas dela para um novo álbum... e ele *nunca* toca música de outras pessoas.

— Queria que ela estivesse fazendo shows de novo — Nômada falou, a voz quase melancólica.

Jack deu de ombros.

— Quem sabe. Acho que ela não consegue lidar com mais de, sei lá, duas pessoas ao mesmo tempo. Mas acho que finalmente está melhorando.

— Se está gravando agora — disse Nômada —, então ela está melhor.

— Aposto que Cordelia gostaria de conhecê-la — Jack falou.

Nômada sorriu.

— Cordelia tem dezesseis anos. Talvez C.C. conheça o Bryan Adams.

— Quem? — Jack perguntou.

— Corta essa. — Ela sacudiu o braço dele e o tirou da vitrine. A letra da música seguiu-os.

Você pode cantar sobre dor
Você pode cantar sobre pesar
Mas nada trará um novo amanhã
Ou levará o dia de ontem

No cubículo ao lado, separado apenas por uma cortina de pano fino, alguém estava vomitando. Barulhento, enérgico, vigoroso, uma grande proeza em matéria de vômito.

— Então eu disse pra ele, eu disse, vou esfregar sua cara feia de limpo aqui no...

Mas onde o curinga com voz embriagada esfregaria a cara ficou perdido no lamento

solitário de sirenes e em um "Ai!" sofrido e baixo de Tachyon.

— Pare de choramingar — ordenou a dra. Victoria Queen, que agia como se seus trinta e seis anos de vida com seu nome improvável tivessem azedado seu temperamento para sempre. A expressão carrancuda entrava em conflito com seu rosto lindo e corpo exuberante. Ela deu outro ponto na testa do alienígena.

— O que você está usando? Agulha de tricô?

— Onde está todo aquele estoicismo takisiano? Aguentar a dor sem se encolher, rir diante das vicissitudes.

— Você tem um comportamento terrível com os pacientes.

— Vejo que você o encontrou — a médica disse, ignorando Tachyon. Roleta sentiu uma pontada de ansiedade. — Ele estava em um bar?

Tachyon, percebendo o insulto de pronto, valeu-se da observação sem perceber sua importância.

— Não estou *sempre* em bares. Queria que você parasse de dizer isso às pessoas.

Surgiu um som de confusão crescente além do cubículo.

— Fique aqui! — ordenou a dra. Queen, e abriu de uma vez a cortina.

Tachyon puxou a franja sobre o ferimento meio aberto, a agulha ainda enfiada em sua pele branca, e deslizou para fora da maca. Roleta estendeu a mão.

— Aonde vai?

— Ajudar.

— Você está machucado, é paciente.

— Ainda é o meu hospital.

Ela estava muito cansada e bastante obcecada pelas imagens passando diante dos olhos para brigar. Ela o seguiu até a sala de emergência da Clínica Memorial Blythe van Renssaeler.

Todas as cadeiras e os sofás disponíveis estavam ocupados. Curingas de toda sorte encolhidos, machucados, gemendo, chorando e seguindo os médicos sobrecarregados com olhos suplicantes.

Um curinga de três pernas estava manquejando atrás da dra. Queen.

— Estou esperando há três horas, caramba!

— Aguente firme!

— Vaca!

— Você quebrou o pulso. Há outros aqui com problemas piores. Vamos atender quando pudermos. E não tenho compaixão. Pessoalmente, acho que Elmo deveria ter quebrado seu pescoço.

Tachyon estava examinando um velho comatoso em uma das macas, parecendo não prestar atenção à briga e aos berros atrás dele. Mas quando o curinga tentou golpear a médica, a confusão continuou de forma que ele se deu um soco no rosto e caiu no chão, roncando.

— Belo trabalho, doutor — gritou um curinga imenso e escamoso em uniforme de guarda. — Ei, parece que o senhor está na merda, hein?

— Obrigado, Troll.

— O que eu faço com ele? — Ele empurrou o brigão adormecido com um dedão.

— Peça para a Delia cuidar do pulso dele enquanto está dormindo. — Um sorriso rápido. — Economizamos anestesia.

Outra ambulância chorosa despejou sua carga. Uma maca passou rangendo, carregando uma figura de pesadelo. Quase dois metros e quinze, cabeça arredondada como a de um martelo. Um olho vermelho feroz e outro azul brilhante encarando sob a testa alta. Furúnculos sarapintavam seu couro cabeludo no lugar dos cabelos. Alguns estavam estourados e vazavam

pus. Parecia que alguém havia dançado no rosto dele com uma britadeira.

Roleta envolveu os braços sobre a barriga, tentando acalmar a dor, o cheiro, os sons. Queen descobriu que Tachyon estava administrando uma injeção num curinga de cinco anos que fungava, e o arrastou de volta para o cubículo. Quando reapareceram, ela estava levando o médico baixote pelo pulso como uma bedel enfurecida com um aluno teimoso.

— Leve-o para casa. — Deu um empurrão forte nas costas. — Dê isso para ele. Faça-o dormir.

— Tudo bem. Eu fico.

— Você nunca fica aqui no Dia do Carta Selvagem. Em geral porque está com a cara numa poça de conhaque. Por que quebrar a tradição?

Queen pareceu não notar, ou talvez não se importasse, que Tachyon estivesse bem e realmente ofendido com suas palavras. Roleta tomou seu braço e levou-o para a saída do velho prédio de tijolos à mostra.

— Vou atrás de Fortunato — ele anunciou de imediato.

— E fazer o quê?

— Ajudá-lo a procurar o Astrônomo. — Os lábios dele se apertavam numa linha fina.

— Tachyon, ele deve saber, após o ataque ao restaurante, que todo ás de Manhattan está atrás dele. Seria um tolo se ficasse em Nova York.

— Ele é maluco. Não se importa.

Ele se desvencilhou da mão dela e fechou os olhos. Um grande esforço parecia estar tomando forma, embora isso se mostrasse apenas por meio da expressão cada vez mais cansada no rosto estreito, o suor que escorria pelos cachos de sua costeleta, e os pontos brancos brilhantes salpicando cada nó dos dedos. De repente, ele se virou e bateu com os punhos contra a parede do hospital.

— Ele está me bloqueando!

— Quem?

— Fortunato. Maldito. Maldito. Maldito. — Ele jogou a cabeça para trás, gritando para o céu. — Você me olha com desprezo por anos, seu filho da puta arrogante. Maricas do espaço. Bem, ótimo! Cuide disso sozinho, então, e que se dane.

— Por que se preocupar? Talvez o Astrônomo venha atrás de você, então poderá cuidar disso.

Porém, ele já estava andando, cabeça esticada para a frente, mãos enfiadas nos bolsos, e assim ele ignorou a ironia amarga nas palavras dela.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XIX

Meia-noite

— Droga — Brennan murmurou quando desligou o telefone.

— Para quem estava tentando ligar? — Jennifer perguntou.

— Crisálida.

— De novo?

— Sim. E ela ainda está fora.

— Quem é Crisálida, afinal de contas?

— Ela é dona de um bar chamado Crystal Palace — Brennan falou, olhando pela janela. — Ela é a informante que me colocou no seu encalço. Sabe simplesmente tudo que é preciso, então provavelmente sabe onde é o apartamento de Latham. Porém, não a encontro, e o Elmo está ficando incomodado com tantas ligações minhas. Droga — ele repetiu, batendo na palma da mão esquerda com o punho direito fechado.

— Não há muito o que possamos fazer — Jennifer falou —, além de percorrer as melhores partes da cidade, como estamos fazendo, à procura de um cara chamado Ceifador que esteja carregando uma sacola de livros.

Brennan sorriu, amargo.

— Eu sei. Parece quase inútil, vamos continuar por um tempo.

Jennifer deu de ombros.

— Claro.

Ele estava certo, óbvio.

♣

Não era surpresa que o Ceifador tivesse problemas para pegar um táxi.

Tomou dúzias de tiros. As balas deixaram furos na frente do terno cinza barato, e sua camisa estava coberta de queimaduras de pólvora e sangue. Cheirava a lixo, e as calças estavam imundas. Quando abriu a porta do táxi, um arrepio correu por toda a extensão daquele corpo esquálido. Ceifador pousou um pé no chão, apoiando-se na porta traseira, puxou o outro pé atrás de si. Era uma coisinha retorcida, sem sapatos, sem meias, pálida sob a luz do poste, mole e pequena como o pé de uma criança, crescendo de um coto rasgado que estava incrustado de sangue seco.

Hiram engoliu seco e desviou os olhos.

O taxista estava irritado.

— Seu filho da mãe — ele gritou. — Eu venho buscá-lo desse jeito e você tenta me derrubar?

O Ceifador arreganhou os dentes, maldoso.

— Se quer ser derrubado, veio ao lugar certo. Tem sorte que estou com pressa, seu babaca. — Com cuidado, ele baixou seu pé novinho na calçada, contorcendo-se quando ele tocou o chão.

— Filho da mãe! — o taxista gritou. Ele partiu tão rápido que a força da aceleração fechou a porta traseira com tudo e pegou no quadril do Ceifador. Ele caiu espalhado no meio-fio, e gritou. Algo caiu do seu bolso.

Livros, Hiram viu.

Estavam num saco plástico. O Ceifador lutou para alcançá-los, abraçou-os forte no peito, levantou cambaleante. Então, ele se lançou na direção do prédio, meio mancando, meio pulando, tentando manter o peso sobre o novo pé. Ensimesmado, observando sua própria dor. Os livros preciosos estavam bem presos ao corpo, as mãos envolviam o pacote. Ele não parecia se perguntar por que o porteiro vestia um smoking. Hiram abriu a porta, quase sentindo pena do desgraçado.

Jay saiu dos arbustos, dedo apontado, dedão dobrado.

— Ei, você — ele falou, alto.

O Ceifador olhou para trás.

Hiram fechou o punho. De repente os livros estavam pesando quase cento e cinquenta quilos. Escorregaram dos dedos de Spector, caíram com tudo sobre o seu pé. Hiram ouviu os ossos pequenos e recém-formados estalarem, viu a pele branca e macia se partir.

Ceifador abriu a boca para gritar.

E, de repente, desapareceu.

Hiram dobrou-se, voltou os livros ao seu peso normal e os recolheu. Estava ensopado de suor.

— Poderíamos ter morrido — ele falou para Popinjay.

— Minha mãe poderia ter sido freira — Ackroyd retrucou. — Vamos sair daqui, rápido.

Pegaram um táxi na esquina. O mesmo do qual o Ceifador havia acabado de sair, e o taxista ainda lamentava a sua última corrida.

— Para onde? — ele finalmente perguntou.

O sorriso de Ackroyd foi leve e rápido.

— Times Square — ele respondeu.

— Bem — Peregrina falou. — Chegamos. Humilde, mas é meu.

Fortunato fechou a porta e não disse nada. A cobertura era um salão único e amplo, as paredes e os tapetes tinham diferentes tons de cinza. Cada área estava em um nível, cada passo ou dois acima ou abaixo dos que o circundavam. A mobília era de aço, vidro ou estofada em algodão cinza, tudo grande, baixo e caro. Uma parede não tinha nada além de janelas, com vista para o Central Park. O ponto mais alto no apartamento era uma cama alta *king size* ao fundo com colchão d'água. Não havia colcha, apenas lençóis de cetim cinza amarrotados.

— Quer tomar alguma coisa?

Ele balançou a cabeça. Peregrina foi até o bar e serviu-se de uma taça de Courvoisier.

— Não fique tão carrancudo. Salvamos a Nenúfar, não foi?

— Sim, salvamos. Você foi sensacional.

— Posso ser quando preciso. Não gosto de ser intimidada. — Ela descansou o quadril na beirada do bar e deu um longo trago no conhaque. As asas revoaram um pouco enquanto a bebida descia queimando. A sensualidade dela era inteira, nada forçada; suas pernas se viraram para exibir as panturrilhas longas e arredondadas e as pernas esguias. — Não quer dizer que não aprecie certa dose de agressividade, nas circunstâncias corretas.

— Pouco tempo atrás você me acusou de fazer uma "abordagem tediosa".

— Não feri seus sentimentos, feri? — Os olhos dela estavam brilhando de novo. Eles não desviavam o olhar um do outro nem refreavam nada. — Digo, como eu saberia que você estava falando a verdade? Além disso, reclamei apenas do estilo. Não falei que não me interessei.

Quando Fortunato cruzou a sala, ela baixou a taça e se ergueu. O braço esquerdo dele deslizou entre as asas dela, o direito ao redor da cintura. A boca de Peregrina era suave, com gosto de conhaque, e abriu-se de imediato ao tocar a dele. Sua língua movia-se com habilidade pelos dentes dele e chegou ao fundo da boca. As pernas se separaram e as asas o envolveram, e ele sentiu como se tivessem imersos num único organismo. Ele conseguia sentir o calor da pelve dela através das pernas de sua calça e o poder de carta selvagem da mulher rugia através do seu corpo para dentro dele como uma explosão nuclear.

Ela interrompeu o beijo, buscando respirar.

— Jesus — ela falou. Ele a pegou no colo e carregou-a para a cama.

— Você não pesa nada.

— Ossos ocos — ela falou no ouvido dele, então deslizou a língua na orelha dele. — Ocos, mas fortes como fibra de vidro. — Ela apertou os braços em torno do peito dele, apenas por um segundo, para provar o que dizia, então mordeu-o no pescoço.

Ele encontrou a cama por instinto. O restante dos seus sentidos estavam fora de controle. Ele procurou no vestido de Peregrina por um zíper, e ela disse:

— Esqueça, eu compro outro, quero que você me coma, me coma agora.

Fortunato agarrou os bojos que cobriam os seios e rasgou o vestido ao meio. Os seios despontaram, pálidos e redondos, perfeitos, os mamilos grandes e apenas um pouco mais escuros do que a pele em torno deles. Tomou um entre os dentes e ela agarrou a camisa do smoking dele, arrancando os botões, que voaram e caíram pelo chão. Ela rasgou a faixa e baixou as calças dele até os joelhos. Agarrou o pênis com as mãos e teria doído, se ele já não estivesse tão inchado e dolorido que pensou que seu membro iria se romper ao meio como uma fruta madura demais.

Embaixo do vestido de veludo não havia nada além de uma cinta-liga e uma meia-calça preta. As asas pulsavam com a respiração. Os pelos púbicos eram grossos e suaves como lã de cordeiro. Ela ergueu os pés, ainda com os saltos pretos, sobre os ombros de Fortunato e esticou os braços, cingindo o pescoço.

— Agora — ela disse. — Agora.

Quando ele a penetrou, era como conectar-se a uma tomada elétrica. Linhas quentes, brilhantes e púrpura de energia pulsaram em volta dos corpos. Ele nunca tinha sentido algo assim na vida.

— Meu Deus, o que você está fazendo comigo? — ela sussurrou. — Não responda. Não importa. Só não pare.

Após o momento inicial de vertigem, Spector quase caiu, mas conseguiu agarrar-se ao corrimão antes de despencar. Seu pé parecia que havia sido mergulhado em lava derretida. Ele se sentou e tentou imaginar para onde o haviam mandado. Estava bem no alto e conseguia ver uma rua cheia de carros diante dele. Ele se empertigou e foi até a beirada, usando o corrimão gelado para se apoiar. Olhou para a escuridão desértica do Yankee Stadium. O merdinha que fez isso haveria de pagar. Devia ter reconhecido o Bolão na portaria. Devia ter sido mais cuidadoso. Agora os livros se foram e ele precisava lidar com o Astrônomo sozinho.

— Desgraçados de merda. Mandaram-me para o maldito Bronx.

Ele esfregou o nariz e procurou uma maneira de descer. Após alguns minutos, encontrou uma escada. Era um caminho de uns bons quinze metros de concreto para baixo. Ele se abaixou com cuidado, mantendo a perna distante para que o pé machucado não tocasse em nada. Uma lufada de vento jogou seus cabelos sujos nos olhos e fez a dor se manifestar pelos tecidos que estavam tentando virar dedos. Levou dez minutos para ele chegar ao chão.

Spector olhou ao redor, buscando algo para usar como muleta, mas não viu nada. Não havia coisa alguma do outro lado da cerca de alambrado, além de uma queda desagradável. Ele cambaleou pela beirada do passadiço até as arquibancadas. Era a única maneira segura de sair dali.

Ele se lançou sobre a outra cerca. Spector imaginou que estava embaixo dos bancos, à direita do campo. Tropeçou numa caixa cheia de sacos de amendoins e foi ao chão, gritando.

A luz o acertou quase de imediato.

— Pode parar aí, camarada.

A voz veio de trás de uma lanterna. Spector ouviu um estalo. Correia de segurança de um revólver, provavelmente.

— Ajude-me. Preciso de um médico. Aponte a luz para o meu pé.

Ele precisaria chegar perto o suficiente do guarda para ver seus olhos. O vigia lançou as luz para o pé de Spector. Seu pé ruim estava preto e púrpura onde os livros caíram.

— Meu Deus. O que aconteceu com você?

Ele estava perto, mas os olhos ainda não estavam visíveis. Spector puxou o isqueiro do bolso e acendeu-o. Os olhos do vigia eram azul-claros, bonitos à luz da chama. Spector capturou o olhar. O homem deu um soluço suave. A morte de Spector o atacou com resultados rápidos e certeiros. Ele caiu e estava duro. Spector revistou o corpo do guarda, pegando a lanterna e as chaves. Se pudesse entrar num dos vestiários, poderia encontrar algo para envolver o pé. Com certeza acharia algum tipo de muleta e, até mesmo, uma muda de roupa. Ele manquejou rampa acima até os bancos e desceu os degraus na direção do campo.

— As melhores — Nômada disse — são as ratazanas. Estou puxando as impressões o máximo possível... e elas são muitas.

— Uma visão de ratazana da Big Apple — Jack falou. — É algo com que o comitê de turismo não trabalhou muito. — Ele tentou manter as palavras leves.

Descendo o quarteirão, havia uma dança da serpente — curingas ou normais vestidos de curingas, Jack não conseguia dizer. Os dançarinos haviam incendiado vários carros abandonados estacionados em zonas de carga. Ou, talvez, não estivessem abandonados quando atearam fogo com as tochas. Era difícil dizer. De qualquer forma, agora queimavam alegremente, com a fumaça enroscando-se, oleosa.

Jack e Nômada pararam em uma Terrific Pizza para pegar umas bebidas. Os dois estavam sedentos.

— Quase não tem xarope — Jack falou ao balconista. Ele fez uma careta com o gosto da bebida.

— Que azar — o balconista disse. — Se não gosta, tente o idiota imigrante que vende refrigerante no fim do quarteirão.

— Vamos embora — disse Nômada, invocando mentalmente que seiscentos ratos do beco entrassem pelos fundos da Terrific Pizza e verificassem o depósito de massa e queijo. Na calçada, Jack falou:

— Ai, meu Deus!

— O que foi?

— Por favor. — Jack a levou até o pessoal da dança da serpente. A fila tinha começado a se separar. Aparentemente, dançarinos deformados, alguns deles vestiam as roupas mais grotescas, ficaram para trás.

Jack confrontou um dos dançarinos. O homem era alto e negro, pele praticamente azul-escura ao brilho do vapor de mercúrio e dos incêndios tremeluzentes. Vestia uma paródia de roupas tribais, contas e penas em profusão. A pele estava coberta de um lustre de suor. As gotículas corriam pelo rosto dele, contudo, eram filetes de sangue dos cortes que corriam nas bochechas. Os talhos foram feitos em padrões regulares, em forma de "V", oblíquos e descendo ao longo da superfície das maçãs do rosto. Os olhos eram cavernas infinitamente profundas, rodeadas por maquiagem branca.

Ele usava um nariz do palhaço Bozo.

— *Dieu!* — Jack falou. — Jean-Jacques? É você?

O dançarino parou e encarou Jack. Nômada foi até eles e observou.

— Você me reconheceu — disse Jean-Jacques, triste. — Desculpe, meu amigo. Agora que não sou humano, pensei que ninguém saberia quem sou.

— Eu reconheço você — Jack estendeu a mão, hesitante, tomando cuidado com o movimento. — Seu rosto, o que você fez?

— Não pareço mais com um curinga?

— Você não é um curinga — disse Jack. — Você é meu amigo. Está doente, mas é meu amigo.

— Sou um curinga — Jean-Jacques disse, com firmeza. — Tenho uma sentença de morte decretada.

Jack encarou-o, mudo.

O negro encarou-o de volta, então passou os dedos pelo rosto de Jack. O movimento era fugaz e terno. Outros da fila de dançarinos reuniram-se ao redor deles.

Jack viu que eram todos normais vestidos em roupas espalhafatosas, algumas brilhantes e desesperadamente chamativas, outras foscas e grotescas de um modo mais sutil.

— Adeus, amigo Jack. Sentirei saudades — Jean-Jacques virou-se e começou a recitar as letras: — H-I-V!

Os outros acompanharam:

— H-I-V — rugiam pela rua.

— HIV? — Nômada perguntou para Jack enquanto o casal estava parado e Jean-Jacques e os outros dançarinos rodavam freneticamente.

— O vírus da AIDS — Jack disse, sem rodeios.

— Ah — Nômada olhou para ele de forma estranha. — Jean-Jacques, este é o nome dele?

Jack assentiu.

— Você e ele...?

— Amigos — disse Jack. — Bons amigos.

— Mais do que apenas amigos?

Ele assentiu.

— Precisamos conversar — Nômada disse. — Vamos conversar quando isso tudo acabar.

— Desculpe — disse Jack, começando a se virar.

— Pelo quê? — Ela pegou o braço dele novamente. — Vamos. De verdade. Vamos conversar. — Ela esticou o braço e tocou-o como Jean-Jacques. O rosto dele estava áspero com a barba por fazer. — Vamos lá — ela falou novamente. — Ainda precisamos encontrar Cordelia.

Os olhos deles se encontraram. Cada um pensou, *as coisas serão diferentes a partir de agora*. Mas nenhum dos dois sabia exatamente como.

♣

O chuveiro estava pelando, mas era do jeito que Spector gostava. A água batia nele e corria pelo corpo magro. Abriu a boca e deixou encher, então bochechou e cuspiu. O pé ainda doía, mas estava acostumado com a dor. Ao menos estava limpo.

Ele desligou o chuveiro e caminhou pelo piso azulejado frio até a área dos armários, ainda poupando o pé. Ele assobiou o início de "Take Me Out to the Ballgame", então parou.

O som ecoava pelas paredes. O vestiário era menos impressionante do que esperava. Chuveiros simples e armários; bancos de madeira para se sentar. Nada muito diferente do colegial.

Caminhou até um cesto cheio de uniformes sujos de beisebol e começou a separá-los, buscando algo próximo ao seu tamanho. A maioria era grande demais e ele odiava listras. Melhor do que seu terno baleado. Se alguém perguntasse, ele podia dizer que estava fantasiado. Conseguiu encontrar um uniforme que não parecia uma tenda e se vestiu.

Ele caminhou até a sala de materiais, passou o espaço cercado que guardava os bastões, luvas e bolas na área do treinador. Pegou uma bandagem elástica do chão. Spector recuperou o fôlego, então começou a enrolar seu meio pé quebrado. Teve de parar duas vezes, pois doía demais, mas depois de uns poucos minutos havia protegido bem o pé. Baixou-o e deixou um pouco de peso sobre ele. Uma dor aguda correu pela sua perna, mas conseguia suportar. Caminhou de volta para a área de vestiários, tentando mancar o mínimo possível.

Spector descobriu um par de tênis e enfiou uma meia na ponta de um deles, então dolorosamente deslizou o pé meio destruído nele. Amarrou os cadarços frouxos e calçou o outro sapato.

— Para fora, Ceifador. Agora. Estou esperando.

Spector olhou para cima. A imagem do Astrônomo flutuava a poucos metros diante dele. A projeção não tinha a claridade nítida com a qual Spector estava acostumado. Era desbotada, sem cor e fantasmagórica ao redor. O velho desgraçado devia estar com a bateria descarregada.

— Onde você está, exatamente? — Spector perguntou.

— No estacionamento. Procure a limusine. Quero você *agora*.

— Estou indo.

A imagem do Astrônomo desapareceu.

Spector pegou seu casaco e partiu para a saída. Esfregou a testa. A energia do velho estava baixa; se fosse fazer algo, aquele era o momento. Desligou as luzes do vestiário e começou a assobiar "The Party's Over" (a festa acabou).

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XX

1h00

A limusine estava ficando sem gasolina, e Jennifer percebeu que Brennan estava ficando sem paciência. Uma hora havia passado e não tinham visto sinal de ninguém que pudesse ser o Ceifador carregando os livros. Viram um monte de coisas suspeitas, estranhas e puramente esquisitas, mas nada que fosse útil para eles.

— Poderíamos também esquecer isso — Brennan falou, olhando para o relógio. — Quero pegar mais equipamentos no meu apartamento. Então, podemos planejar nosso próximo movimento.

Enquanto partiam na direção do Bairro dos Curingas, as ruas ficavam ainda mais lotadas com festeiros tardios.

— Será mais rápido se abandonarmos a limusine — Brennan decidiu. — Além disso, é muita exibição. Teremos Garças ao nosso redor em um minuto se tentarmos atravessar o Bairro dos Curingas com ela.

Eles estacionaram e Jennifer pegou na chave para desligar o motor, mas parou com a mão sobre ela, ouvindo o rádio.

— O que há de errado? — Brennan perguntou.

— Xiiiu.

— .. venceu os Stars por 4-2 no Ebbets Field, Seaver vencendo sua décima quarta. Mas os acontecimentos do jogo pegaram carona na história bizarra de que o time inteiro dos Dodgers viu um fantasma nos vestiários antes do jogo. De acordo com Thurman Munson, normalmente impassível, podemos dizer até sem imaginação, o fantasma desejou boa sorte, desaparecendo através da parede do clube. Descrições desse espectro confirmam que é uma mulher por volta dos vinte anos, alta, com cabelos loiros e longos, e muito bonita. Ela usa um biquíni fio dental preto. Bem, se você for assombrado. .

Jennifer desligou o motor, o rádio e saiu do carro. Brennan olhou para Jennifer de forma crítica, então franziu o cenho.

— O que foi?

— Por falar em exibição, temos realmente que te livrar desse biquíni, agora. — Ele a olhou com atenção, e ela teria enrubescido se pensasse que ele não estava sendo analítico. — Bem, vamos arranjar algo. Queria que você não perdesse tanto suas roupas. Se bem que. .

Ele pareceu pensar melhor ao terminar a frase, virou-se e continuou a caminhar, sacudindo a cabeça.

♣

Ficaram atrás dela por muitos minutos, desde que deixou a casa de Fortunato num táxi. Spector estava sentado no banco de trás com o Astrônomo. Os olhos do velho estavam fechados, e ele, completamente em silêncio. Imã e Insulina estavam sentados no assento do meio. Ele com um braço em torno dela. Provavelmente estavam dormindo juntos. Imã fizera uma piada sobre o uniforme de beisebol, mas o Astrônomo interveio antes que Spector pudesse matá-lo.

A garota não era o que ele esperava. Era bonita o suficiente e se portava bem, mas não estava vestida como uma prostituta de luxo. Estava com um jeans azul desbotado e um suéter vermelho e branco da Universidade de Houston. O cabelo era curto, loiro escuro e bem cacheado. Ela desceu as escadas aos solavancos com um sorriso no rosto quando o taxista apareceu. Economizou para eles o problema de fazê-la entrar na limusine. Seria simples agarrá-la onde quer que fosse deixada.

Spector olhou para o Astrônomo. O velho respirava ruidosamente e as mãos tremiam. Quando voltasse a abrir os olhos, Spector tentaria usar seu poder. Não teria oportunidade melhor. Spector encarou as pálpebras do Astrônomo e esperou.

O Astrônomo abriu os olhos. Ainda havia poder ali, demais para ele o desafiar. Spector desviou o olhar.

— Fico me perguntando aonde diabos ela vai — ele disse.

— Clínica do Bairro dos Curingas. — O Astrônomo riu, ofegante. — É isso mesmo, Ceifador. O lugar onde, digamos, você nasceu.

— Não vou lá — Spector disse, sacudindo a cabeça.

— Sim, você vai, Ceifador. Não tem escolha. — O Astrônomo fechou os olhos novamente. — Nenhuma escolha mesmo.

Spector apertou os dentes. O velho desgraçado tinha razão.

— Você tem certeza que ela vai para a clínica?

— Foi o que me disse o taxista, Ceifador. Haverá duas outras mulheres. Quero todas elas. Imã e Insulina entrarão com você. — O Astrônomo fez uma pausa. — Apenas para lhe dar cobertura.

Seguiram em silêncio até o táxi estacionar na frente da clínica do Bairro dos Curingas. A limusine passou pelo táxi e estacionou na frente de um hidrante. A garota saiu do táxi.

— Vá pegá-las. — O Astrônomo torceu o dedão na direção da entrada da clínica.

Spector abriu a porta e saiu da limusine. Caminhou devagar na direção da entrada bem iluminada. Seu estômago se retorcia. Passou os piores dias da sua vida na clínica, a maioria deles gritando. Teve de matar um servente para escapar, e alguém poderia reconhecê-lo e lembrar. Duas mulheres estavam descendo as escadas para encontrar a garota do táxi. Uma tinha cabelos pretos e usava um vestido preto com lantejoulas. A outra, também morena, tinha um vestido decotado azul elétrico de lamê cortado no meio da coxa.

— O que aconteceu? — perguntou a garota de suéter.

— Foi o Croyd — disse a morena. — Achamos que ele entrou em coma ou algo assim. Num minuto ele estava bem, no outro ele desmaiou e não conseguimos acordá-lo.

— Aposto que tentaram de tudo que puderam pensar, não é? — A garota de suéter sorriu. Spector pensou qual seria a expressão delas se soubessem o que lhes aguardava.

Ele ouviu as portas do carro fecharem atrás dele. Imã e Insulina estavam se aproximando. Spector não poderia cair fora com Insulina por perto.

Spector ouviu gritos abafados lá dentro. Os vidros da entrada se estilhaçaram para fora. Um guarda saiu cambaleante, sangrando, escada abaixo. Spector correu para perto.

— Sai da minha frente, porra. Sai fora ou meto a cabeça de vocês nas suas bundas. — Quem falava era um dos maiores e mais horríveis curingas que Spector tinha visto até então. O

rosto da coisa estava bem machucado. Ele ergueu a mão em forma de porrete, rasgando a camisola branca de hospital que cobria apenas parcialmente seu corpo exagerado. O curinga viu as garotas e sorriu. Elas recuaram para longe dele, na direção do táxi que estava de saída com os pneus cantando.

— Venham para o papai, delicinhas.

Spector interveio quando o curinga agarrou a mulher com vestido de lamê. Ela tentou dar uma joelhada no saco dele, mas não conseguia acertar alto o bastante. Spector olhou de soslaio para a mulher de cabelos pretos. Era a mesma garota que estava na estação de metrô com aquele cafetão. Ela parecia ainda melhor toda arrumada. Spector deu um passo na direção dela.

— Quem é você, idiota? — O curinga jogou a outra mulher no ombro e desceu as escadas na direção dele. — Acha que está bonito com essa roupa?

Spector viu o soco surgindo e desviou; a pancada raspou o lado direito do rosto e fez com que ele caísse. Rolou para o espaço de desembarque dos curingas. Não havia maneira de olhá-lo nos olhos enquanto se movesse tão rápido. Ele se virou quando alguém gritou atrás dele. Imã estava arrastando a de cabelos loiros-escuros na direção da limusine. Insulina encarou o gigante e sorriu. O curinga apoiou-se num dos joelhos.

— Maldita, o que está fazendo comigo? — Ele largou a mulher e foi ao chão. A morena tentou se desvencilhar dele e rasgou o vestido. Insulina a pegou pelo cotovelo e apontou para a rua.

Spector sentou-se, pensou em correr, e olhou para a limusine. O Astrônomo estava olhando para ele. Sem chance de fugir. Não haveria, nunca. Foi até a garota de cabelos escuros, pousando um braço ao redor dela. Ela não pareceu assustada, mas havia algo em seus olhos que o fazia sentir como se ela não estivesse lá.

— Eu de novo — Spector falou. — Parece que sua visita vai ser bem curta. — Ela não reagiu. — Hoje à noite ninguém vai sair vivo. — Ainda sem resposta.

Ele chutou o rosto do curinga caído, com o pé bom, quando passou por ele.

Capítulo XXI

2h00

Ela olhou para trás, arqueada, até as omoplatas entalharem asas ósseas por baixo da pele, mas Tachyon não entendeu a dica. Estava agitado, escovando os cachos desfeitos e olhando vazio para o espelho. Franzindo o cenho de irritação, Roleta esticou o braço para trás e abriu o zíper do vestido de seda branco. Ele caiu no chão, roçando de leve seus tornozelos.

A escova bateu na penteadeira antiga com tampo de mármore, fazendo um estalo e derrubando frascos de cristal.

— Que dia! O que acontece neste dia que sempre engendra tanta tristeza? E eles ainda celebram. — Ele estendeu um braço na direção da janela fechada que não conseguia bloquear totalmente o som das festividades ininterruptas. — Você celebraria? — Seus olhos lilases pareciam ardentes no rosto pálido quando ele se virou para encará-la.

— Não, mas a minha natureza é triste. — Ela deu vários passos até ele, mas parou pouco antes de tocá-lo. — E não acho que você entende por completo o motivo de eles celebrarem. Não é estupidez, é uma tentativa de sobreviver. Temos pouquíssimas opções quando a vida prega pequenas peças em nós. Podemos rir para esconder a dor. Podemos morrer. Ou podemos nos vingar. Você ouve as gargalhadas, mas eu ouço gritos de dor.

— Dor. Você fala de dor para mim, que vivo com ela todos os dias há quarenta anos. Vocês, seres humanos, são sortudos. Sua memória de tempo presente é compassivamente curta. As tragédias que vocês sofrem se esvanecem rapidamente. Suas mentes lançam um véu. Não é assim conosco.

Ele ergueu a foto no porta-retratos prateado, fitando o rosto delicado capturado nela. Os lábios endureceram, aprofundando as linhas em torno dos olhos e da boca.

Ela sentiu novamente aquele rompimento quando o Astrônomo arrancava os seus véus de abrandamento e liberava seus demônios. Apresentavam de maneira cuidadosa cada momento de perda e abandono, e cada repetição era tão perfeitamente dolorida como a anterior. Ela esticou o braço com violência e derrubou a foto, que caiu com a face para baixo sobre o mármore frio, e o vidro se estilhaçou com um som de música congelado. Tachyon ergueu a foto e a abraçou, como se quisesse protegê-la contra o peito, enquanto Roleta observava fascinada o padrão de cristal deixado pelo vidro quebrado.

Refletiu quedas d'água quando o espelho se quebrou, o vidro das janelas como a neve cintilante pelas ruas...

Os olhos dele pousaram sobre ela, parecendo queimar o rosto da mulher. Lentamente, ela o encarou. Os cílios longos baixaram enquanto ele estudava a foto. Então, a força inteira do olhar dele pousou mais uma vez nela.

— Você está totalmente certa — ele murmurou de forma misteriosa e, abrindo uma gaveta da penteadeira, deslizou a foto para dentro dela. Antes de fechá-la, ela viu o metal preto reluzente de uma Magnum 357.

♣

Em meio ao caos público, parecia para Jack e Nômada que tinham começado a andar em círculos. No meio de cada núcleo da Big Apple, o par começou a sentir que poderia estar em florestas densas, sem sinal de sol para navegação. Os rostos nas multidões começaram a parecer os mesmos. As fantasias todas já pareciam iguais. A única coisa que faltava era uma garota de dezesseis anos, alta e magra, com cabelos pretos lisos e olhos escuros.

Passaram por um beco e ouviram o que soava como gritos. Nômada sacudiu a cabeça e passou direto.

— Espere — Jack falou. Ele caminhou alguns passos para dentro da passagem estreita. Viu várias pessoas que já havia encontrado hoje em ocasiões diversas. Uma delas era Jean-Jacques. Ele se encurvava, protegendo-se, sobre um dos dançarinos. Este, em roupas formais de balé esfarrapadas e sujas, estava estirado no chão do beco. Havia sangue ao redor da boca.

Em pé sobre o casal estava o jovem punk com quem Jack cruzou na manhã passada, do lado de fora do Young Man's Fancy. Os olhos azuis muito claros ficavam escondidos pelas sombras do beco.

— Chupem isso aqui — ele falou. Jack e Nômada ouviram o clique da mola de aço. A lâmina saltou do canivete do rapaz e travou.

O rapaz agachou-se com o canivete e fingiu atacar Jean-Jacques. O senegalês não se mexeu.

— Bichas desgraçadas! Vou cortar tudo que se mexer.

Jack avançou. Nômada tropeçou nele. Jack se espichou para a frente dentro do beco, em parte se agarrando com as palmas estendidas da mão, sentindo a pele ralar no tijolo irregular.

— Espere — Nômada franziu a testa para se concentrar.

Os gatos do beco surgiram das pirâmides fedorentas dos sacos de lixo empilhados mais ao fundo na escuridão. Aos berros, eles pularam sobre o jovem com a faca. Ele rosnou de volta e virou-se para encará-los.

— Vamos — disse Nômada, ajudando Jack a se erguer. — Está resolvido. Tudo ficará bem. — Ela puxou o braço dele.

Jack hesitou, mas viu que Jean-Jacques estava ajudando seu amigo a levantar. Ele seguiu Nômada.

Os gatos do beco guinchavam e gritavam triunfantes atrás deles quando todos os seres humanos saíram do beco, exceto o rapaz.

— Não poderia acontecer nada melhor a um homofóbico — Jack murmurou.

♦

Spector nunca havia estado na cobertura do Astrônomo. Era nos prédios dos anos 1970 próximos ao Central Park. Uma surpresa, a decoração era humilde, piso de madeira e mobília escura complementada com paredes e teto *off-white*.

O Astrônomo destrancou a porta para um quarto que saía da biblioteca e acenou para que

entrassem. O velho apoiou-se pesadamente contra os batentes. Spector puxou a garota de cabelo escuro para dentro. As mulheres cativas estavam quietas, provavelmente um feito de Insulina. O quarto era penumbroso, a única iluminação vinha de uma grande claraboia. Embaixo dela havia um altar de mogno. Havia algemas de aço em cada canto e uma fenda em forma de V em uma das pontas. Spector não precisava se perguntar para que serviria.

— Aquela. — O Astrônomo apontou para a garota com suéter da Universidade de Houston e fechou a porta.

Imã pegou no suéter da mulher e a arrastou para o altar. Rapidamente a algemou e, então, baixou o zíper do jeans e começou a tirá-lo. Ele a jogou no chão e rasgou a calcinha vermelha de algodão, em seguida prendeu os pés dela.

Spector sentiu a tensão da mulher de cabelos escuros e a segurou mais forte.

— Deixe-a pronta. — O Astrônomo abriu uma gaveta ao lado do altar e puxou uma seringa. Fechou a mão e amarrou o braço, enfiando uma agulha na sequência e lentamente injetando o que Spector sabia ser heroína. O velho deu um suspiro profundo e retirou a agulha, deixando um pontinho vermelho. O braço dele tinha uma fileira deles. O Astrônomo tirou o cinto do roupão e deixou-o cair. Imã ajoelhou-se entre as pernas da mulher e começou a umedecê-la com a língua.

O Astrônomo caminhou vacilante na direção do altar, acariciando seu pênis ereto.

— Qual o seu nome, minha querida?

— Caroline. — Ela lutava, sem sucesso, contra as correntes. — Vocês não têm ideia de quem são essas garotas? Vão ficar na merda se alguma coisa acontecer conosco.

O velho riu e beliscou o mamilo dela entre o dedão e o indicador.

— Fortunato, o cafetão. Ele tem sido uma chateação para mim nos últimos anos, mas nada mais que isso. O que poderia ser mais adequado que usar as mulheres dele para garantir sua destruição? — Ele se virou para Imã, que ainda estava com a cabeça enterrada no meio das pernas da mulher. — Já chega.

Imã levantou-se e foi até onde Spector e Insulina seguravam as outras duas mulheres. Ele pinçou a ponta da língua, tentando tirar um pelo púbico perdido.

— Vamos levá-lo com a gente? — Imã apontou para Spector.

— Acho que sim.

O velho correu o dedo pelo corpo nu da mulher enquanto caminhava ao redor do altar.

— Deixe ela em paz, desgraçado. — A mulher de vestido azul elétrico se esforçou para livrar-se de Insulina, mas amoleceu nos braços dela.

— Chega de interrupções. — O Astrônomo ficou em pé diante da fenda do altar, entre as pernas de Caroline. Ele a penetrou e fechou os olhos. Os únicos sons na sala eram da respiração pesada do Astrônomo e o tilintar suave das algemas. O Astrônomo encaixou as mãos sob os braços da mulher e apertou os dedos lentamente nas costelas dela, deixando sulcos fundos e vermelhos na carne. Caroline gritou. O velho levou a mão à boca e mordiscou a carne que havia arrancado dela. O sangue começou a empoçar na madeira polida. O Astrônomo rasgou um símbolo na pele em torno do umbigo da mulher.

A garota de cabelos escuros desviou o olhar e começou a tremer. Spector puxou-a para mais perto.

— Como você se chama?

— Cordelia.

— Ele vai fazer isso com todas vocês, a menos que alguém o impeça. Mas apenas um idiota tentaria. — Spector pensou no comentário de Imã. Aonde diabos eles iriam? O Astrônomo disse algo sobre outros mundos naquela manhã, mas a ficha não havia caído até então.

O Astrônomo endireitou as costas. Seu corpo estava coberto por uma camada de suor; estava ganhando vitalidade a cada investida. Caroline tentava baixar a pelve o máximo que podia, tentando tirar o homem de dentro dela. Ela apertava os dentes em dor, mas não gritava mais.

— Puta estúpida. — O Astrônomo afastou-se e subiu nela. — Imã, cuide dela. — Ele apontou para Cordelia. — Ceifador, venha até aqui.

Spector esperou até estar seguro de que Imã havia segurado bem a garota, então caminhou até a ponta do altar.

— Não se importa se eu foder sua boca, hein, minha putinha? — O Astrônomo deslizou a mão sobre o corpo dela.

— Tente, seu desgraçado. — Ela abriu bem a boca, arreganhando os dentes.

— Não será necessário. Tenho minha maneira especial de fazer isso. — Ele agarrou a garganta dela e abriu-a com um dedo.

— Olhe para mim, querida — Spector disse, se preparando. Ele agarrou a cabeça dela e girou com força. Houve um estalo quando o pescoço dela cedeu. Caroline convulsionou e ficou imóvel.

— Idiota. — O Astrônomo agarrou Spector e o jogou para o outro lado da sala. — Você a matou, desperdiçou energia. — Ele agarrou a cabeça de Caroline e bateu-a com tudo no altar. — Vou matá-lo por isso. Assim que me livrar delas. Dores como você nunca imaginou, Ceifador. Imã, traga-me a próxima. — Ele abriu as algemas e jogou o cadáver no chão.

Spector levantou-se e procurou algo para usar como arma. Havia facas na gaveta aberta do altar, se ele pudesse chegar até elas. Sentiu os joelhos enfraquecerem. Insulina, de novo.

Imã rasgou o vestido de Cordelia e arrastou-a para a frente. O rosto dela estava branco.

— Não — ela gritou e se desvencilhou de Imã. O pequeno ás travou os dentes e apertou-lhe o peito.

— Que porra é essa? — Spector endireitou-se. Fosse lá o que estivesse acontecendo, distraiu Insulina o bastante para fazê-la esquecer dele. Correu até o Astrônomo, ignorando a dor do seu pé defeituoso.

Imã caiu no chão, arfando e rasgando a própria camisa.

— Ela está fazendo isso. — O Astrônomo apontou para Cordelia, que deu um passo para trás. — Pare, sua putinha. Insulina, cuidado.

O aviso foi tarde demais. Veronica estava em pé e arranhou o rosto de Insulina, levando-a ao chão. Spector bateu no velhote, mandando-o para cima do altar, então virou-se para Insulina. Veronica estava caída novamente. Insulina não percebeu Spector movendo-se atrás dela. Ele a virou e bateu forte duas vezes, no queixo. Os olhos dela viraram para cima, desaparecendo.

Um engasgo final veio dos lábios agora azulados de Imã, então ele parou.

— Muito impressionante, minha querida. De alguma forma, você parou as funções cardíacas e respiratórias ao mesmo tempo. Uma morte dolorosa. — O Astrônomo limpou suas mãos sangrentas no altar enquanto se punha em pé. — A sua será ainda mais dolorosa.

Spector sabia que o Astrônomo poderia anular o poder de Cordelia com o seu próprio. Foi o que aconteceu com ele todas as vezes que tentou matar o velho. Decidiu tentar outra coisa. Estariam mortos de qualquer forma se ele simplesmente esperasse. Ele se aproximou ainda mais.

— Seja lá o que fez com Imã, senhorita, tente fazer com ele. — Spector apontou para o Astrônomo, que se virou para olhá-lo. Spector encarou os seus olhos e tentou forçar sua morte para dentro da mente do velho. Ele sentiu o Astrônomo bloqueá-lo.

— Faça agora — ele gritou para Cordelia. A dor cintilava nos olhos do velhote e ele levou a mão ao peito. Foi como Spector imaginava. O Astrônomo não conseguiria bloquear poderes de

dois ases de uma vez, e Cordelia estava conseguindo.

Spector continuou a forçá-lo mentalmente. O Astrônomo não conseguia desviar o rosto agora que os olhos haviam se encontrado.

O Astrônomo caiu de joelhos.

— Vou matar vocês todos — ele falou, apenas alto o bastante para eles ouvirem.

— Não dessa vez, velho desgraçado. — A respiração de Spector estava ficando difícil pelo esforço.

— O que você está fazendo? — Veronica havia acordado e olhou para Cordelia.

— Não sei. Nunca fiz isso antes.

O Astrônomo deslizou a mão direita por baixo da pele, dentro do próprio peito. Ele gritava.

— Meu Deus, vamos sair daqui agora. — Veronica agarrou Cordelia pelo pulso e a arrastou na direção da porta. Spector rompeu o contato e encarou por um instante os músculos do braço do Astrônomo. O velho estava massageando o coração para mantê-lo funcionando. O Astrônomo encarou Spector, cheio de ódio.

— Mortos. Vocês todos.

Spector correu atrás das mulheres.

— Ei, voltem. Temos que acabar com ele agora. — Ele ouviu um chiado quando o Astrônomo começou a respirar novamente. — Foda-se. Outra pessoa terá que fazer isso.

Spector correu pelo apartamento na direção do elevador. Veronica ficou com o vestido preso na porta do elevador e o rasgava para se livrar. Spector mergulhou dentro do elevador, derrubando Veronica e fazendo outro rasgo no seu vestido já arruinado. Cordelia apertou o botão para o térreo. Os cabos rangeram e o elevador começou a descer.

♠

— Não entendi — Jay falou. — Simplesmente, não entendi. Não fede, nem cheira, muito menos perfuma. As impressões são vagas demais para valer um balde de cuspe morno. Simplesmente, não entendi. — Ele fechou o livro violentamente, com um som de desgosto, e olhou irritado para a estampa de bambu na capa azul de tecido. Hiram estava em pé, ao lado da janela, espiando pela fresta de uma veneziana rasgada. O pequeno escritório de dois cômodos de Jay ficava no quarto andar de um prédio de tijolos à mostra dilapidado na 42nd Street, a meio quarteirão de distância da Broadway. Da janela, conseguia ver a marquise do Wet Pussycat Theater. Alternando mensagens piscantes em azul e vermelho na placa de neon à esquerda. GAROTAS — GAROTAS — GAROTAS NUAS estava em azul, enquanto DIA TODO — NOITE TODA — TODAS DE TOPLESS estava em vermelho. Popinjay disse que conheceu uma classe bacana de pessoas no estabelecimento.

Hiram baixou a veneziana e virou as costas para as luzes. A mesa de Jay estava coberta com restos de pizza — calabresa, cogumelos, queijo extra e anchovas na metade de Ackroyd, que eles haviam terminado uma hora atrás. Hiram trabalhou muito com o seu poder, e isso o deixou exausto e faminto. A pizza tinha ajudado. Queria pedir outra. Em vez disso, tinham três livros bem problemáticos.

— Não podemos ficar aqui — Hiram falou, abaixando-se para sentar no aquecedor. Ele deixou seu peso real voltar nas últimas horas para descansar um pouco, e a cadeira com encosto

de ripas que Jay mantinha para os clientes não havia aguentado a tarefa. Hiram também não tinha certeza se ele aguentaria; sentia-se exaurido. — Estão procurando por nós — ele continuou. — Mais cedo ou mais tarde, encontrarão seu escritório.

— Não sei por quê — Ackroyd retrucou. — Os clientes nunca acham.

— Engraçadinho — disse Hiram. — Espero que você mantenha o senso de humor quando as pessoas começarem a atirar em nós.

— Ninguém apareceu ainda — Popinjay apontou para fora. — Ei, o Yankee Stadium é uma bela caminhada, especialmente com um pé só.

— Um pé e meio — Hiram disse.

— Pelo que sabemos, o Ceifador ainda está em cima do placar, e o Brecha ainda está sentado ao lado do telefone, perguntando-se o que aconteceu com o outro.

Hiram ergueu-se, franzindo o cenho. Estava muito cansado. A falta de sono havia começado a pesar nele, agora que não estava em perigo imediato. Precisava de um café. Melhor ainda, precisava de oito a dez horas de sono, de preferência sem precisar se preocupar com alguém arrombando a porta para matá-lo.

— Já chega — ele declarou. — Parece que me lembro vagamente de que tínhamos um bom motivo para nos envolver nisso, mas não consigo lembrar o que era. — Ele atravessou a sala, pegou os dois cadernos com capas de couro preto. — Meu interesse por numismática é muito maior do que por filatelia, mas sei que esses selos custam centenas de milhares de dólares, no mínimo. Quanto ao outro livro, não sei o que fazer com ele, nem você. Não tem valor para nós.

— Isso nos transforma em peixes fora d'água — Ackroyd disse. — Todo mundo com certeza quer pegá-lo.

— Precisamente — Hiram lhe disse. — Vou ligar para Latham. Quero você na outra linha.

O detetive ergueu uma sobrancelha. Hiram pescou do bolso do casaco o papel que Crisálida havia lhe dado e foi até a sala de espera de Ackroyd, um cubículo mínimo cheio ao ponto da claustrofobia, com um sofá laranja mortiço, uma mesa de aço cinzenta e a recepcionista, uma loira extremamente rechonchuda, cuja boca descrevia um formato de "O" de surpresa perpétuo. O nome dela era Amy Oral; Jay a encontrou num lugar chamado Boytoys, em algum lugar no East Village. Hiram a tirou da cadeira, sentou-se no lugar dela, pegou o telefone e discou.

Tocou duas vezes.

— Latham.

— Não vou gastar saliva com você — Hiram falou de forma ríspida. — Aqui é Hiram Worchester. Temos os seus livros. — Ele ouviu Jay pegar a extensão.

— Não sei de que livros você está falando.

— Claro que sabe. — Hiram disse em tom ofendido.

— Hiram — Jay falou —, ele está apenas tentando tirar o dele da reta, no caso de estarmos gravando. Não é mesmo, Latham?

Houve um momento de silêncio pensativo. Finalmente, Latham respondeu:

— É muito tarde. Vamos acelerar as coisas. Qual é o motivo da ligação?

Hiram coçou a barba e pensou no que diria.

— Uma questão jurídica — ele falou. — Vamos considerar um caso hipotético, puramente para fins de discussão. Digamos que eu tivesse, de forma bem inocente, adquirido alguns livros. Dois livros de couro pretos cheios de selos valiosos, digamos assim, e um caderno com capa azul cujo conteúdo é, hum, interessante. Está me acompanhando?

— Supondo que esses livros tenham sido mesmo obtidos de forma inocente, tenho certeza que você gostaria de devolvê-los ao seu dono de direito — Latham falou.

— Certo — Hiram falou. — De fato, no nosso caso hipotético, tenho certeza de que esse mesmo pensamento poderia ter passado na minha cabeça quando eu liberei os livros da custódia de um criminoso notoriamente procurado. Não consigo outra coisa senão especular como o criminoso os adquiriu. Roubando, talvez?

— Se assim for, o proprietário poderia ficar muito feliz ao tê-los de volta em segurança. Pensaríamos até mesmo numa recompensa.

— O ato em si é a recompensa — Hiram falou.

— *Opa!* — Jay contestou.

— Quieto — Hiram retrucou. — Agora, sr. Latham, como estamos discutindo sobre propriedade roubada aqui, o procedimento correto seria levar os livros para a polícia.

— Tecnicamente, sim, mas se houver uma questão de encargos, a propriedade poderia ser impugnada como prova. O proprietário de direito talvez pudesse achar inconveniente.

— Entendo — Hiram disse. — Agora acho que nos entendemos. Vamos ser diretos. Não sei quem é o proprietário e provavelmente não saberei, certo?

— Talvez não.

— Contudo, sei que o senhor o representa. Não, não negue. Estou cansado para mais um joguinho. Seu cliente quer os cadernos de volta? Ótimo. Sou comerciante, sr. Latham, não um ladrão de selos, nem caçador de trapaças. Vamos fazer negócios, e o senhor poderá ter os livros de volta. Aqui estão os termos. Primeiro, sem acusações ou retaliações contra mim, meu restaurante ou qualquer um dos meus amigos, inclusive o sr. Ackroyd. A ação contra ele será encerrada. — Hiram limpou a garganta e se curvou para a frente. Amy Oral encarava-o deitada no chão, com a boca bem aberta, como se até ela estivesse um pouco surpresa com o que ele estava fazendo. — Segundo — ele disse, com firmeza —, a cobrança de propina de proteção ao Mercado de Peixes da Fulton Street será encerrada imediatamente. Guelra e outros peixeiros ficarão livres para conduzir seus negócios sem qualquer outro assédio ou medo. Terceiro, quero que o Pancada vá para a prisão.

— Não sou juiz — Latham disse. — Não posso garantir quem vai e quem não vai para a prisão.

— Se o seu cliente prometer que o Guelra não será molestado, então o testemunho dele fará o serviço. Se não fizer, ótimo. Eu vou arriscar. — Ele deu um suspiro profundo. — É isso.

— Preciso consultar o meu cliente. De imediato, acho que esses termos podem ser a base para um acordo. Eu retorno para o senhor. Qual é o número?

— De jeito nenhum — Popinjay interrompeu. — O senhor acha que somos idiotas? Não, faremos uma reunião. Nós quatro, eu e Hiram, o senhor e o seu cliente.

— Onde e quando? — o advogado perguntou.

— No Crystal Palace — Ackroyd falou. — Após o fechamento. Crisálida será a intermediária, por um preço. Ela tem um barman telepático que garantirá que ninguém esteja escondendo o jogo.

— De acordo — Latham respondeu.

As mãos dele percorriam-na, acariciando, quase numa adoração. Ela estava levemente

consciente de que algo havia mudado. Algo havia aumentado. A atenção dele estava quase de forma obsessiva voltada para ela. Teria sido perturbador, se ela estivesse mais alerta. Porém, ele concorria com uma visão dantesca — *está encoberto. Queria que morresse Ela continua a vê-lo. Ele tenta mamar.* E os carinhos murmurados dele não podiam ser ouvidos entre as outras vozes. "*Obviamente, vocês dois são latentes Infelizmente, o vírus escolheu se expressar no seu filho.*"

"*Aquela* Coisa *não tem nada a ver comigo! É óbvio que minha esposa foi infiel.*" *Olhos castanhos de reprovação, o rosto talhado em linhas de traição heroica.* "*Eu poderia perdoar quase tudo, Rô, mas família é tudo.*"

"*Josiah, por que está fazendo isso comigo? Quando eu mais preciso de você?*"

Sem misericórdia.

Tachyon a penetrou, e ela ficou tensa, fechando sua maciez úmida ao redor dele. Dedos como teias de aranha roçaram os escudos. O corpo dela parecia se reduzir em si mesma, enquanto ela reunia sua vontade, convocando a morte em cada célula. Por um instante ela hesitou, e a indecisão vinha como dor física. Este homem, tão... bom. Eles compartilharam música, amor e medo. Não há outro caminho para se libertar dos. . monstros.

Uma escolha determinada, consciente, a liberação da morte, ela fluiu suave, um amor gentil implacável.

E os escudos dela caíram. Eram construídos artificialmente. E, quando ela liberou, a mente rompeu-se sob o estresse e, com ela, os escudos.

Roleta sentiu o êxtase como se por um breve piscar de tempo os dois fossem um. Então, o horror substituiu a alegria. Ela o sentiu tocar tudo. A criança, Uivador, Josiah, o Astrônomo, *Baby*, MORTE!

Ele recuou, caindo da cama num enrosco entre os lençóis, e engatinhou para a parede mais distante. Ele se encolheu, vomitando por alguns minutos, então os espasmos deram lugar a soluços, e ele balançou para a frente e para trás, abraçando-se, enquanto as lágrimas corriam pelo seu rosto ferido.

— Saia daqui. Pelo amor de Deus, corra! — Mas ela não conseguia dar força às pernas, então se curvou contra os travesseiros e observou como ele chorava. Era inútil, de qualquer forma. Eles a pegariam em breve. E ela queria terminar com aquilo. Não poderia continuar a viver com as memórias. Talvez fosse porque não conseguiu matar Tachyon que o pesadelo continuava a se repetir. Considerou por um momento, em seguida rejeitou a ideia. Não, foi porque o Astrônomo *mentiu*. E ela percebeu que não estava tão pronta assim para morrer. Primeiro, teria de haver um ajuste de contas.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XXII

3h00

Spector olhou ao redor antes de disparar pela rua. Cordelia e Veronica correram atrás dele.

— Mais devagar, pelo amor de Deus — Veronica falou. Segurava o vestido de lamê dobrado sobre os joelhos. — Aquele velho não vai mais incomodar a gente. Ele parecia muito mal quando saímos. Pode estar até morto a essa hora.

Spector sacudiu a cabeça e guiou Cordelia na direção da escuridão entre as luzes da rua.

— Você não sabe a merda que está falando, senhorita. Ele tem força suficiente para desintegrar todos nós. Tudo que precisa é pegar alguém na rua e terminar o que começou com sua querida amiga. Qual era o nome dela? Caroline?

Veronica parou e agarrou o ombro de Cordelia.

— É isso. E você a matou. — Veronica fungou. Spector não conseguia dizer se ela havia finalmente se dado conta da morte de Caroline ou se era apenas o frio. — Vamos deixar esse cara para trás. Ele não vai dar mais problemas. — Veronica puxou Cordelia para perto. — Se ele der, você acaba com ele. Como fez com aquele tal Imã.

— Ótimo — ele falou. — Vão embora daqui. Vocês estão só me atrasando. Vá ajudar seu cafetão. Ele vai precisar.

Cordelia virou-se devagar e deixou Veronica conduzi-la. Ele pensou por um momento sobre perseguir as mulheres e matá-las. Seria fácil pegar Cordelia de surpresa antes que ela pudesse usar o seu poder. A outra era apenas uma mulherzinha. Mas ele realmente não estava a fim. Tudo o que queria era matar o Astrônomo, ou ao menos que ele fosse morto. O que a experiência de Spector lhe disse foi que Cordelia e Veronica vivas poderiam causar problemas para ele. Poderiam acusá-lo da morte de Caroline. Como o soldado Tony lhe disse uma vez: "Você não se arrepende pelas pessoas que mata, mas pelas pessoas que não mata".

— Foda-se. Não posso matar todo mundo. — Ele desceu a rua na direção do metrô da 77th Street. Conseguiu pegar o trem no 5 para o Bairro dos Curingas. A partir de lá, não sabia de mais nada.

♣

Fortunato estava deitado com a cabeça no ventre nu de Peregrina. Ela estava estirada no caos de lençóis, roupas rasgadas e plumas que haviam se soltado no calor das últimas duas horas. Apenas poucos minutos antes, Fortunato usou três delas para levá-la a algo como o décimo quarto ou décimo quinto orgasmo. Ele havia perdido a conta muito tempo antes, esqueceu os minutos que

passavam, esqueceu até mesmo onde estava.

— O que, por Deus, você fez comigo? — ela gemeu. — Eu me sinto como se tivesse acabado de correr uma maratona.

— Desculpe — Fortunato disse. — Simplesmente faz parte do meu show. — Nunca tinha feito sexo com outra ás antes. A fusão dos seus poderes estava além de qualquer coisa que havia experimentado. A energia do corpo dele estava grande demais para ser contida por sua carne; transbordava ao redor dele numa aura branca e brilhante.

Ele havia gozado três vezes, cada vez bloqueando o fluxo e retornando-o para dentro dele. Perdeu algumas gotas no processo, suficientes para dar a Peregrina sua própria luminescência pálida, embora não fizesse muito pelo seu nível de energia.

Ela esfregou o peito dele.

— Já tinha ouvido falar de fulgurância, mas isso é ridículo.

Ele rolou na cama e beijou-a na coxa.

— Tenho de ir, você sabe.

— O Astrônomo.

— Algo deve acontecer em uma hora. Ele arrumou algum tipo de fuga, algo que o fará escapar de mim de uma vez por todas. Não posso deixar isso acontecer.

— Por que não? Deixe que vá. O que vai trazer de bom matá-lo?

— Não estou fazendo justiça, se é o que você está pensando. Fazer com que ele pague pelos crimes ou qualquer merda assim. É que não vou passar o resto da minha vida olhando sobre o ombro, preocupado se ele vai aparecer novamente.

— Bobagem. Você quer ele morto, e quer ser aquele que vai matá-lo.

— Sim. Tudo bem. Quero o rato desgraçado morto. Eu admito. Quero tanto que posso sentir o gosto dessa morte.

Ele se ergueu e vestiu as calças. Enrolou as mangas da camisa do smoking e deixou que ficasse aberta, em vez de procurar pelos botões perdidos.

Ela se aproximou dele e cingiu seu pescoço.

— Eu ajudaria, mas fiquei tonta só de levantar.

— Eu só quero que volte para o Aces High comigo e fique lá até que tudo tenha acabado. De um jeito ou de outro.

— Espere...

— Não posso. O tempo está acabando.

— Não, eu digo, ouça. Está ouvindo?

Os sentidos dele estavam sobrecarregados pela abundância de poder. Parecia haver um zumbido baixo, elétrico, vindo de todo o corpo dele. Porém, além disso, ele conseguia ouvir algo mais, um som como pratos molhados raspando dentro d'água. Ele olhou para o relógio digital ao lado da cama. Estava vibrando no seu pedestal.

— Merda — Fortunato falou quando a cama d'água explodiu. A força dela os fez voar pela sala. Primeiro a água estava fervendo, mas esfriou enquanto se expandia. Fortunato aterrissou contra um vaso cinza de argila cheio de bambus, que se estilhaçou com o peso do ás. Antes que o ar voltasse para os pulmões dele, um corpo morto e quebrado lançou-se através da parede de vidros e os estilhaços voaram ao seu redor.

Fortunato se expandiu para reduzir a velocidade do tempo, mas o tempo resistiu a ele. Ele se esforçou e viu as linhas de força na sala em relevo topográfico. Viu que o corpo era de uma mulher, mas não se deixou ver mais nada, não ainda.

Empurrou as linhas de força com a mente. Cones estreitos de força ergueram-se onde ele e Peregrina estavam deitados. O vidro quebrado seguia os novos contornos do espaço-tempo do

quarto e curvou-se ao redor deles, estilhaçando-se e virando pó contra as paredes. Peregrina engatinhou pelo chão. Fortunato viu para onde ela seguia e cercou-a de forças para protegê-la. Ela chegou onde estavam penduradas suas luvas com garras e as calçou. Havia um uniforme lá também, mas ela nem se importou com ele.

O teto grunhiu e então rompeu-se inteiro como um biscoito cream-cracker. Pedaços de concreto e barras de aço choveram sobre eles, mas os escudos eram sólidos. Pouco do poder de Fortunato foi despendido para segurá-los. Peregrina conseguiu uma vantagem e lançou-se voando pela escuridão.

O chão entortou sob Fortunato. Jatos de água saíram dos canos quebrados e o ar cheirava a gás natural. Ele se arrastou até o cadáver da mulher e virou-o.

Caroline.

Era Caroline.

Seu pescoço estava quebrado. A pele arranhada, mordida e rasgada.

Foi sua favorita por sete anos. Nunca conseguia prever seu temperamento violento e o humor sarcástico, nunca conseguia se fartar da intensidade física do seu sexo. Apesar das novas garotas, ele sempre voltava para ela.

Por muito tempo não conseguiu sentir nada. Um pedaço grande de concreto adornado com ferragens quebradas não o acertou por centímetros enquanto estava ajoelhado ao lado do corpo.

A fúria, quando finalmente veio, o transformou.

Era vida e morte, simples. O Astrônomo conseguia sua força com a morte. O Astrônomo era a Morte. Fortunato conseguia sua força do sexo, da vida. A Vida estava escondida na toca, cagando de medo de sair e olhar a Morte no rosto. Gritando ameaças vazias e esperando que ela se afastasse.

Ele arregalou os olhos. Tudo isso levou um piscar de olhos e tudo que ele perdeu surgiu diante dele. As linhas quentes e cintilantes que viu no apartamento do garoto morto dezessete anos antes canalizaram-se no meio da noite.

Fortunato levantou-se, o poder de seu ódio levitou-o um metro do chão. Ele alcançou a rede cônica do poder, pronto para voar para dentro dele, para se lançar para dentro do seu turbilhão e estraçalhar sua fonte em pedaços.

Ele se expandiu e as linhas desapareceram.

Caminhou pela parede de vidro estilhaçado e pairou lá, brilhando, trinta andares acima das ruas de Manhattan. Bem acima ele conseguiu ver Peregrina, na sua glória nua, subindo inclinada sobre o parque. As luzes da cidade deixavam o céu chapado e cinza atrás dela, e ela parecia bidimensional, como uma pipa sexualmente explícita. Ela fez um círculo, então se encarapitou na beirada quebrada do apartamento.

— Jesus — ela falou. — Tão cansada…

— Você o viu? — ele perguntou.

— Não. Nada. E você?

— Por um segundo. Vi os traços que ele deixou para trás. Pela primeira vez. Pela primeira vez estou mais forte do que ele. Se eu pudesse encontrá-lo, encontrar a maldita nave, eu poderia…

— O quê?

Nave, ele pensou. Espaçonave. Como alienígenas do espaço, Black falou. Como Tachyon.

Tachyon. Cristo, Tachyon tinha uma nave!

Quanto mais ele pensava sobre isso, mais convencido ficava. O Astrônomo estava indo em busca da nave de Tachyon.

Ele caminhou de volta até Peregrina e beijou-a. O cheiro dos seus fluidos sexuais pairavam

ao redor deles como perfume, e foi difícil para Fortunato se desvencilhar. Ela cambaleou um pouco quando ele a soltou.

Foi quando ela viu o corpo de Caroline.

— Ai, meu Deus — ela falou.

Fortunato tomou o corpo quebrado nos braços.

— Não tem nada a ver com você — ele falou. — É comigo. Você deve esquecê-la.

Ele fez daquilo uma ordem sem querer. Ela assentiu.

Ele caminhou para o espaço novamente.

— Fortunato...?

Ele quis olhar para trás, mas não havia mais nada a dizer. Ele deixou que a força o levasse para dentro da escuridão.

As ruas ainda estavam lotadas, apesar da hora avançada, e todos que ainda perambulavam pareciam estar bêbados, doidões, hostis, malucos ou tudo junto. Jennifer atraía uma quantidade indesejável de atenção, e, se não tivesse sido pela presença irritadiça de Brennan, ela não teria conseguido caminhar meio quarteirão sem ter de usar o poder para desviar dos avanços importunos de alguém.

O dia longo estava cobrando seu preço. Seus pés estavam doloridos, ela estava exausta e a fome havia crescido tanto que parecia ter um animalzinho mastigando suas entranhas. Precisava arranjar comida. Não poderia se desmaterializar até comer. Ficar insubstancial queimava muita energia, e não havia muitas calorias armazenadas na sua estrutura esguia.

Jennifer notou um vendedor de rua que parecia tão embriagado quanto os festeiros ao redor dele, então disse a Brennan que precisava comer alguma coisa. Eles pararam e ele buscou dois *pretzels* macios que o homem estava vendendo.

— Desculpe, é o melhor que posso fazer — Brennan falou, mastigando um dos *pretzels* massudos. — Esta noite a maioria dos restaurantes está fechada, apenas com reserva, ou está tão cheia que nem conseguiríamos chegar à porta.

— Isso aqui está ótimo — Jennifer disse com a boca cheia de massa. Ela fez uma careta e tomou um grande gole da sua bebida. — Esta mostarda é *ardida*! — ela disse, tentando falar e rolar o gelo na língua ao mesmo tempo.

— Hummm? — Brennan parou, então voltou para o vendedor e comprou o frasco inteiro do condimento.

— Para que isso? — Jennifer perguntou enquanto ele escondia o frasco.

— Para mais tarde.

Ele não deu mais explicações, e Jennifer estava ocupada demais atacando a comida para se preocupar.

Eles seguiram pelas ruas até Brennan levá-la para um beco estreito, que estava, por incrível que pareça, vazio de festeiros.

— Você ficará segura aqui até eu voltar — ele disse.

— Aonde você vai?

— Até o meu apartamento. Volto já.

Jennifer observou enquanto ele desaparecia no beco, ferida por ele obviamente não confiar nela o suficiente para levá-la até onde morava. Ele voltou conforme prometeu, trazendo um manto para Jennifer se enrolar e um par de sandálias de correias.

— São um pouco grandes — Brennan falou —, mas será melhor do que ficar correndo por aí descalça.

Ela ainda estava magoada com a desconfiança, mas não conseguia resistir à pergunta sobre a mochila nas costas dele.

— O que tem aí?

— Algumas coisas que talvez precisemos antes de a noite acabar.

— Informativo como sempre — ela falou. — Você não consegue me dizer algo direto? Para onde vamos agora?

— Para o lugar onde talvez a gente consiga algumas respostas. O Crystal Palace.

♠

Por dezessete anos, Fortunato se manteve nas sombras. Não por modéstia, mas para evitar distrações. Não voava para resgatar mineiros presos ou impedir agressões no metrô. Exceto por alguns meses de ações políticas secretas nos anos 1960, ficou no apartamento e leu. Estudou Aleister Crowley e P. D. Ouspensky, aprendeu hieróglifos egípcios, sânscrito e grego antigo. Nada parecia mais importante do que o conhecimento por si.

Ele não conseguia dizer quando aquilo começou a mudar. Um pouco depois de uma mulher chamada Eileen ter morrido num beco do Bairro dos Curingas, seu cérebro foi apagado pelo Astrônomo. Pouco depois tudo que leu, de física de partículas a rituais maçônicos, passando pelo *Bhagavad Gita*, lhe dizia a mesma coisa: tudo é um. Nada importava. Tudo importava.

Naquela noite, ele voou sobre a ilha de Manhattan nos restos das roupas de noite, brilhando como um tubo de neon, com uma mulher morta nos braços. Turistas bêbados, curingas entusiasmados e a última multidão teatral olharam para cima, viram-no e não se importaram.

Ele considerou a ideia de que poderia não sobreviver àquela noite e que aquilo também não parecia importar muito. O que era um cafetão a mais ou a menos?

Ele viu o Bairro dos Curingas estendido embaixo dele. As ruas fechadas estavam lotadas de pessoas com fantasias e pessoas que *eram* fantasias, todas carregando velas, lanternas e tochas. Cada luz da rua e cada luz em cada janela Bowery acima e abaixo, todas estavam acesas.

Ele deixou Caroline nos degraus da clínica do Bairro dos Curingas. A multidão se abriu para deixá-lo passar e, então, fechou-se novamente atrás dele. Não havia muito tempo para gestos sentimentais. Caroline estava morta e além de qualquer cuidado.

Ele levitou direto para o céu. Flutuou, limpou a mente e imaginou Tachyon, em suas roupas de palhaço afeminado e cabelos fluorescentes. *Não está morto, Tachyon?*, ele pensou. *Ei, Tachyon, está me ouvindo?*

Os pensamentos de Tachyon encheram sua cabeça. *Finalmente! Onde você esteve? Estou tentando chegar até você! Há um tipo de paredão de força ao seu redor!*

Estou um pouco carregado demais hoje à noite, Fortunato lhe disse.

Eu tenho que te ver. A imagem de um armazém no East River formou-se em sua cabeça.

Pode me encontrar aqui? É desesperadamente importante. É sobre o Astrônomo.

Fortunato virou a imagem do armazém por dentro. A nave estava lá. No formato de uma concha cravejada de joias e maior do que grande parte das casas.

Eu sei, Fortunato pensou. *Já sei.*

Tachyon ainda estava chorando. Um *fluxo inesgotável*, Roleta pensou, exausta, seguido de um lampejo irritado: *O que ele quer de mim?*

— Pare — ela falou, e sua voz parecia chegar de muito longe.

O alienígena recuperou o fôlego num soluço, ergueu o rosto manchado e riscado de lágrimas das mãos.

— Ninguém se importa. Pode chorar até gastar a alma, mas ninguém vai se importar.

— Eu te amei. — A voz dele era um raspão rouco nas sombras da sala.

— Sempre no passado. — E a observação a atingiu como insuportavelmente cômica. Ela nunca percebia quando as gargalhadas se transformavam em lágrimas.

As mãos dele agarraram os ombros da mulher, sacudindo-a até os dentes baterem e as contas de cristal em seu cabelo tilintarem friamente.

— Por quê? Por quê? — ele gritou.

— Ele me prometeu vingança e paz.

— A paz do túmulo. O Astrônomo destrói tudo que toca. Quantos corpos precisam cair para te convencer? — Ele estava gritando no rosto dela. — E agora *Baby, Baby* — ele grunhiu, jogando-a de lado.

— E o senhor, doutor? — ela gritou. — O que me diz de uma vida inteira de cadáveres? — Os demônios começaram a agir, e ela agarrou a própria cabeça, chorando. — Meu bebê.

A mente dele encontrou a dela, mas dessa vez os pensamentos não se mesclaram. O caos da mente dela rejeitaram a fusão.

— Está acontecendo de novo — Tachyon clamou em um sussurro angustiado. — Não consigo aguentar. Não de novo. O que devo fazer? Quem pode me ajudar?

Ele a tirou da cama e empurrou-a para suas roupas.

— Vista-se. Precisamos ir, rápido. Se eu puder chegar até *Baby* antes do Astrônomo. Então, mais tarde... mais tarde eu farei o que puder por você, minha querida, pobrezinha.

Roleta pôs o vestido e calçou os sapatos mecanicamente, pegou a bolsa, tentou se concentrar, mas a tagarelice nervosa de Tachyon atacou seus nervos, destruindo o pensamento. Ela tentou calá-lo.

— Deterioração de personalidade — ele murmurou de dentro do grande closet. — Será necessário encontrar a essência, reconstruir os compartimentos de memória. — A ladainha continuou, como um colegial tentando se preparar para uma prova. Um cabide chiou no varão.

Roleta moveu-se rapidamente, abriu a gaveta da penteadeira com cuidado, tirou a Magnum, ocultando-a na bolsa. Um instante depois, Tachyon, vestindo o casaco sobre a camisa desabotoada, correu para dentro do quarto e pegou-a pelo pulso.

Ela não resistiu. Ele a levava ao seu mestre. E então ela lidaria com os dois.

Antes que pudesse enxergar o local, Fortunato ouviu o grito na cabeça. Era o barulho de um bebê urrando, mas refinado, purificado, enlouquecido. Ergueu um bloqueio mental contra ele para manter a cabeça limpa.

Ele planou sobre um quarteirão em ruínas e viu o armazém. Estava cercado pelos garotos de jaquetas de couro pretas, a última das gangues que ocuparam o Mosteiro. Tinham fuzis M16 e Magnuns 357 em coldres, como caubóis do século XXI. Quando Fortunato desceu do céu, todos voltaram as cabeças para trás para olhar.

— Corram! — Fortunato ordenou. — Fujam!

Eles soltaram as armas e correram.

Fortunato chegou à rua ao lado da entrada do armazém. Algo lá dentro zumbia como uma onda carregadora monstruosa. Havia um único refletor sobre a porta, mas o próprio Fortunato brilhava como um pequeno sol. Naquela luz, ele viu Tachyon e Roleta correndo na direção dele, vindo do apartamento de Tachyon.

O Astrônomo já estava lá dentro. O rastro de energia dele cobria as paredes e vazava para a rua. Fortunato estava chegando à porta quando um cilindro fino de luz rosa perfurou a parede ao lado dele, então desapareceu. Houve um som de estalo quando o ar implodiu no vácuo que o laser deixou para trás. Alguém dentro do armazém gritou. Um segundo mais tarde, o laser fez outro furo poucos metros adiante, e outro. O barulho parecia de tiro de canhão. Então o zumbido e o laser pararam simultaneamente. Ao mesmo tempo, o urro na sua cabeça ficava cada vez mais alto.

— Vou entrar — Tachyon disse. — Ele está machucando *Baby*

— *Baby?* — Fortunato falou. — Meu Deus!

— É o nome da nave dele — Roleta disse.

— Eu sei — Fortunato retrucou. — Qual sua participação nisso tudo?

— Ela está trabalhando para o Astrônomo — Tachyon falou. — Tentou me matar hoje à noite.

Fortunato quase riu. Então, ela não era autônoma. Que pena que não foi até o fim. Fortunato puxou a porta para abri-la e viu o Astrônomo engatinhando para dentro da nave pela lateral.

Havia um corpo no chão, um garoto com um buraco preto esfumaçando no lugar do peito. Em um canto estavam outros quatro: uma mulher com uniforme de enfermeira e uma M16, outra mulher de branco, um homem com cara de gato e longas garras e uma mulher oriental normal que parecia um tanto familiar. O Mosteiro, Fortunato pensou. Ele a viu lá e no antigo templo maçônico no Bairro dos Curingas, minutos antes de explodi-lo. Enquanto ele a observava, ela se tornava bonita. Fascinante. Ele não conseguia desviar o olhar. Conseguia sentir os neurônios errando o alvo.

— Pare com isso — ele ordenou. O cérebro dele clareou e ela se tornou novamente normal e amedrontada. A enfermeira ergueu a M16 e Fortunato a derreteu, o cabo de plástico se liquidificou na mão dela.

— Acabou — a oriental disse —, não é? Não vamos sair daqui.

— Não naquela nave —Fortunato respondeu.

— Toda essa viagem de San Francisco até aqui para nada — ela falou.

— A porta de saída ainda é uma opção.

Ela o encarou para ter certeza de que ele estava falando sério, então correu para lá. Os outros seguiram mais devagar, sem disposição de virar as costas para Fortunato.

— Gresham? — Tachyon disse. Sua voz estremeceu de raiva e mágoa. — Enfermeira Gresham?

— O quê? — a enfermeira perguntou.

— Como a senhora pôde? Como pôde trair minha confiança?

— Ah, vá à merda — Gresham disse. — Que me importa a bosta da sua confiança?

Tachyon levou as mãos à cabeça. Os dedos puxaram a carne, deixando o rosto dele pavoroso. Fortunato se perguntou se ele entraria em combustão.

Em vez disso, a enfermeira Gresham virou os olhos. Ela se virou de uma vez e bateu com tudo na parede decrépita ao lado da porta.

— Jesus — Fortunato falou. — Você a matou?

— Não. Ela não está morta. Embora merecesse.

— Então, você precisa tirá-la daqui — Fortunato falou. — Vocês dois. Enquanto ainda podem. Vou rachar essa nave como uma ostra.

— Não! — Foi praticamente um berro. — Não pode! Eu o proíbo!

— Não tente me impedir, homenzinho. O Astrônomo é um dos seus. Seu vírus fez isso com ele. Vou acabar com isso. Se ficar no meu caminho, vou te matar.

— A nave não — Tachyon suplicou. O pequeno desgraçado realmente não conhecia limites. Fortunato precisava ensiná-lo. — Ela está viva. Não é culpa dela o que está acontecendo. Não pode puni-la por isso.

— Tem muito mais em jogo do que uma maldita máquina.

Tachyon sacudiu a cabeça.

— Não para mim. E ela não é máquina. Se tentar ferí-la, vai ter que parar para me enfrentar primeiro. Você não pode aguentar. O Astrônomo vai matar todos nós.

O merdinha não vai bater em retirada.

— Tudo bem. Está certo. Vamos fazer do seu jeito. Mas você vai tirar o Astrônomo daquela nave. Ou eu vou tirá-lo de qualquer jeito.

Tachyon parou por um instante e disse:

— De acordo.

— E quanto a mim? — Roleta perguntou.

— Você vem comigo — Tachyon respondeu. Ele pegou a mão dela e puxou-a para dentro da nave atrás dele.

O Astrônomo estava recostado tranquilamente contra numa coluna da cama. As mangas do roupão estavam incrustadas com sangue, e havia o odor azedo da morte ao redor do seu corpo ossudo. Porém, pela primeira vez desde que conheceu Roleta, sentia confusão e hesitação.

Ele virou os olhos enlouquecidos e vermelhos para eles.

— Você não o matou.

O takisiano seguiu em frente, os saltos da bota estalando no piso polido.

— Eu me provei mais durão do que você imaginou. — O olhar terrível voltou-se para Tachyon. — E apenas um covarde manda uma mulher para dar cabo de outro homem.

— Isso é o melhor que você consegue fazer? Lançar alguns insultos sobre mim? Você é um coitado, homenzinho.

De repente, o mestre maçom cambaleou, grunhiu e agarrou sua cabeça. Tachyon, o cabelo como uma nuvem em chamas sobre os ombros, olhos reluzindo no rosto pálido, começou a tremer com o esforço, e gotículas de suor pendiam da testa. Então, com lentidão ameaçadora, o Astrônomo se endireitou, espantando o controle mental do alienígena. Os olhos de Tachyon arregalaram-se com medo.

— Morra, seu inseto irritante. — Os dedos de garra se curvaram, e Tachyon jogou-se para o lado quando uma bola de fogo explodiu no lugar onde ele estava.

O chão inclinou-se muito quando *Baby* se encolheu.

— Não vai dar. Esta nave não pode ser sua fuga. — Tachyon tentou se agarrar ao chão polido quando outra bola de fogo explodiu uma cadeira delicada atrás da qual ele se escondia. — Ela não se navega sozinha. Você sabe dirigir uma nave espacial?

Roleta espremeu-se em um canto, rezando para ser ignorada, rezando para não ser incinerada pelos raios errantes de energia do mestre.

— E é melhor não dormir se sair deste planeta. Ela é um ser consciente, mas claro que você já deve ter percebido. — Tachyon uivou, e o ombro do seu casaco escureceu. — Se baixar sua coação, ela estoura as comportas e voa na direção de uma estrela. Uma das desvantagens de uma nave viva, como outros inimigos antes de você descobriram.

A exibição pirotécnica acabou. O Astrônomo encarou Tachyon com um quê de satisfação.

— Você levantou uns pontos interessantes, doutor. Então, vou levar você comigo.

— Não .. Eu acho que... não. — A respiração ofegante pontuava as palavras. — Estou numa encruzilhada. Tudo que sou, corpo, alma e mente, é oposto a você. Para me possuir, vai ter que me destruir.

— Uma imagem agradável.

— O que ainda deixa você com o problema original. — Eles estavam circulando pela sala, Tachyon esquivando-se, exausto, do Astrônomo, e o Astrônomo acompanhando-o com a paciência de um predador. — E ainda há outra pequena questão, mas acho que deveria mencioná-la. Fortunato está lá fora. Esperando. Ele vai rachar esta nave ao meio para pegar você. Eu preferiria que não. Por isso estou aqui — embora eu não consiga pensar em nada que eu preferisse menos do que enfrentá-lo.

Mas o Astrônomo havia parado de ouvir. À menção do nome Fortunato, seu rosto ficou enrubescido, e um xingamento explosivo deixou seus lábios manchados de saliva.

— Você me importunou demais, seu pedaço de merda inútil. Desta vez, vou acabar com isso.

Ele se lançou para fora da nave, e Tachyon, agarrando Roleta pelo pulso, saiu às pressas, atrás dele. E para dentro do inferno. Bolas de fogo rugiam pelo ar, queimando o piso de concreto e incendiando as paredes do armazém. Veio um golpe de ar para trás que os fez tropeçar, e a mão de Tachyon escapou do pulso da mulher. Pedaços de concreto e vigas choveram quando *Baby*, aterrorizada além do razoável, irrompeu através do telhado e voou noite adentro. Engasgada com o pó de gesso, Roleta engatinhou até a porta, ignorando os gritos frenéticos de Tachyon, primeiro por *Baby*, depois por ela. Agarrada à Magnum, ela se lançou para o beco e olhou para o céu.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XXIII

4h00

Fortunato sentiu as pernas saírem do chão e dobrarem-se em posição de lótus. Os dedões tocaram os indicadores e pousaram sobre os joelhos. Ele sentiu como se o orgasmo final com Peregrina ainda estivesse acontecendo. Quando ela o abraçou e lançou o poder de volta para dentro dele, foi como explodir em átomos e se reunir com o universo inteiro dentro dele. Sentia-se como o centro do sol, com as labaredas de energia saindo dele de forma incontrolável. Sentia como se nunca fosse acabar.

Isso aconteceu cinco minutos depois, quando o Astrônomo saiu da nave. Fortunato tinha repassado toda a sua vida em detalhes, a sensação da seda contra a pele, o som de cada música que ouviu, o gosto do hálito de cada mulher que já beijou. Levou uma eternidade e, ao mesmo tempo, nem uma fração de segundo.

— Desgraçado! — o Astrônomo gritava. — Você é um verme, uma larva, uma ameba maldita! Por que continua zumbindo ao redor da minha cabeça, sua mosca, seu mosquito, gafanhoto? Por que não morre e vai embora? — Ele ergueu as mãos magras e as mangas do roupão ensanguentado rolaram para os cotovelos. As partes de dentro dos braços estavam manchadas com ferimentos e arranhões. Fortunato lembrou-se da heroína que viu no Mosteiro.

As mãos do Astrônomo inchavam como melões-cantalupo e explodiam em seguida com bolas de fogo, centenas delas, zunindo pelo ar na direção de Fortunato. Cada uma arrancava uma camada do seu poder quando ele a desviava, e não conseguia reconstruir seu escudo rápido o bastante. A última bola de fogo tostou os pelos do seu braço esquerdo. O telhado do armazém explodiu. O Astrônomo lançou-se para o céu, ainda gritando.

— Um cão que me persegue pela rua, tentando morder meus sapatos. *Mágicka?* Beijando, abraçando, fodendo e chupando? Você é uma criança, uma larva, um espermatozoide pequeno, desesperado, retorcido. Nunca viu poder. — Ele puxou Fortunato no seu rastro, e os armazéns, e então a ilha, desapareceram embaixo deles.

Agora, o Astrônomo brilhava. Mais quente e cintilante que Fortunato.

— Morte é poder. Pus, podridão e corrupção. Ódio, dor e guerra.

Fortunato viu que o Astrônomo era mais poderoso do que imaginou. Isso o deixou estranhamente calmo. A cidade estava muito abaixo e atrás dele, nada mais do que um quadriculado de luzes. Estavam sobre o East River, entre Manhattan e o Queens. A ponte Williamsburg estava bem à direita de Fortunato, os cabos retinindo vazios ao vento.

Estavam alto o bastante, e Fortunato sentiu a pele fria onde a camisa do smoking estava aberta. O ar era limpo e um cheiro salgado soprou do estuário de Long Island Sound. As pernas dele haviam se desdobrado e ele estava em pé no ar, os braços curvados ao lado do corpo. Sabia que morreria.

Ele se viu como o hexagrama *Ken*, a Montanha, mantendo-se em silêncio. Seu oponente era *Sung*, o Conflito, fervendo com o caos e a destruição. Não havia por que reconstruir seus escudos.

Concentrou todo o poder dentro de si no meio do corpo, formando uma esfera e comprimindo-a. Cada vez mais rígida, mais apertada, até toda a sua força, conhecimento e energia estarem compactados num grão do tamanho de uma cabeça de alfinete, bem abaixo do seu umbigo.

Não haveria segunda chance. Ele o lançou contra o Astrônomo. Aquele grão atravessou o ar, deixando Fortunato debilitado, frágil, vazio.

Era tão brilhante que ele precisou proteger os olhos com as mãos e, mesmo assim, ele conseguiu ver os ossos através da pele.

Sentiu mais do que viu quando aquilo penetrou o corpo do Astrônomo, atravessando seus escudos como uma bala atravessa a gelatina. Quando conseguiu olhar novamente, o Astrônomo estava curvado, em choque e dor.

O Astrônomo explodiu em chamas. Queimava quente e vermelho, e uma fumaça preta e densa saía dele. Os braços estendiam-se para fora da bola de fogo em ângulos estranhos, e Fortunato observou enquanto ele empretecia e se incrustava.

Então, as chamas se extinguiram.

O corpo do Astrônomo estava preto, mumificado. O vento soprava flocos carbonizados de pele cheirando a carvão enquanto ele flutuava.

Fortunato suspirou. Pouca força restava no fim das contas, o suficiente para mantê-lo flutuando, mas era tudo. E logo terminaria. Ele não conseguia se mover. Uma sensação de vazio o cercava.

O Astrônomo abriu os olhos.

— Isso é tudo? — ele disse. Deu uma gargalhada e, lentamente, endireitou o corpo. A pele queimada caía dele, e Fortunato podia ver a pele rosa escaldada por baixo. — É seu melhor tiro? É realmente tudo que você pode fazer? Eu teria compaixão. Teria misericórdia, mas você me feriu, e agora precisa morrer.

Fortunato viu o homenzinho horrendo, cheio de bolhas, se recuperando, e o nada ao seu redor lhe disse o que fazer. Ele cantou baixinho, banindo o medo. Limpou a mente, encontrou os últimos pensamentos que ainda o incomodavam — Caroline, Veronica, Peregrina —, soltou-os e deixou-os cair na direção das luzes.

Ele reduziu as batidas do coração, que havia começado a palpitar de novo, e acalmou-o, finalmente.

Era, no fim das contas, apenas a morte.

Ele tocou a mente do Astrônomo e viu o poder começando a se desenrolar, e se infiltrou para ajudá-lo. Soltou as amarras e puxou as alavancas de amortecimento e virou todas as chaves. Aumentou todos os níveis ao máximo.

Vamos juntos, Fortunato pensou. Você e eu. Nada importava; ele se tornou nada, menos do que nada, um vácuo. Venha comigo, ele pensou. Traga tudo que tem.

A noite encheu-se com a luz branca e fria.

♣

A maior parte da multidão não conseguiu ver a batalha sobre o East River, porque seu ângulo de visão era limitado pelo horizonte de Manhattan. Foram principalmente os observadores em pé nos cruzamentos que conseguiram, ao longo das ruas numeradas a leste, assistir ao espetáculo.

Até mesmo esses curiosos não ficaram completamente impressionados quando as bolas de fogo coruscaram e explodiram. Um curinga, observando as faíscas que cascateavam na direção do rio, disse perto de Jack:

— Ei, eu vi um negócio muito mais espetacular durante o Bicentenário. Isso aí não é nada. Por que não vão fazer alguma coisa em cima da Estátua da Liberdade?

— É! — outra pessoa disse. — Seria bacana.

Ninguém que olhava com surpresa no cruzamento da 14th Street e da Avenue A tinha a menor ideia do que estava acontecendo sobre o rio.

— Tinha um encontro em três horas — disse Nômada. — É meu primeiro encontro em vinte anos e agora o mundo está acabando.

Os fogos de artifício diminuíram e se extinguiram.

— Acho que acabou — Jack disse. — O mundo não está acabando. Você ainda vai ter seu encontro. Quem é o sortudo? — Ela recuou e se afastou dele. Ele percebeu que ela estava pensando e disse rapidamente: — Não estou sendo sarcástico. Quero mesmo saber. Quem é ele?

— Paul Goldberg.

— O advogado? Do gabinete de Rosemary?

— Exato.

— O que vai vestir? — Jack perguntou.

Nômada hesitou.

— O de sempre.

Jack riu.

— Roupa de mendiga?

Ela sacudiu a cabeça, nervosa.

— Roupa de executiva.

— Deixe disso. — Desta vez foi Jack que agarrou o braço de Nômada e a puxou pela rua. — São três quarteirões até o All Nite Mari Ann's — ele falou. — É o lugar da moda desta estação.

— O que você está falando? — quis saber Nômada.

— Você precisa de uma butique vinte e quatro horas — Jack respondeu. — Vai ser divertido.

— Não estou querendo diversão — Nômada retrucou.

— Você quer estar realmente linda no seu encontro matutino? — Ela olhou para a frente, resoluta. — Então, vamos lá, menina.

Ela tentou ficar para trás enquanto ele seguia pela rua. Jack esperava por ela, pegava seu cotovelo, a conduzia todo feliz. Ele assobiava uma versão desafinada de "We're Off to See the Wizard".

— Você não é a Judy Garland — Nômada falou. Jack apenas sorriu.

As multidões estavam começando a dispersar, quase como se a batalha épica sobre o East River fosse equivalente aos fogos noturnos na Disneylândia, sinalizando para as famílias que era hora de levarem as crianças para casa. Mais do que isso, as multidões pareciam simplesmente exaustas. Tinha sido um dia muito, muito longo.

O All Nite Mari Ann's era um sucesso na medida; conseguia oferecer mais do que uma butique mediana. Ela se espalhava pelo térreo daquilo que no passado foi uma garagem.

Jack conduziu Nômada por um tour de vitrine na frente da loja.

— Sim — ele falou. — Ah, sim. Um vestido de seda, vê? — Ele apontou. Olhou para o rosto dela, então de volta para o interior da loja. — Verde-azulado, eu acho. Perfeito. — Ele seguiu à frente dela. — Vamos lá, Suzanne. É a hora da Cinderela.

Nômada fez a última tentativa de se esquivar.

— Não tenho muito dinheiro comigo.
Segurando a porta para ela, Jack falou:
— Eu tenho conta.

Quando a explosão de poder o atravessou, não havia nada mais para Fortunato resistir. Nada resistiria, e então ele passou através dele. E, quando passou, deixou partículas para trás, partículas de conhecimento, memória e compreensão.

Fortunato viu o homenzinho de óculos grossos se arrastar para fora do East River, vinte anos antes. Não havia memórias antes daquilo. Onde deveria haver memórias, existia apenas um lugar queimado, que se autoinfligiu. O Astrônomo se fez sozinho; não havia identidade humana, nenhum histórico humano restou para ele.

O homenzinho arrastou-se pela grama do East River Park e olhou para o céu noturno. E o vírus carta selvagem se desenvolveu nele pela primeira vez, e sua mente atravessou os céus e moveu-se entre as estrelas. Viu nuvens de gás que queimavam em vermelho, púrpura e azul. Viu planetas listrados e espiralados, circulares e circulados por um halo. Viu luas, cometas e pedaços disformes de asteroides.

E viu algo se mover. Algo escuro e quase maquinal, algo vasto, borrachento e tolo, algo faminto. E sua mente começou a gritar.

O homenzinho viu-se do lado de fora de um prédio de tijolos à mostra no Bairro dos Curingas, nu, de óculos, ainda gritando. Uma porta se abriu e um homem chamado Balsam o levou para dentro. Recolheu-o e ensinou seus segredos, ensinou o nome da coisa que ele viu, o nome daquilo que era a última palavra maçônica: TIAMAT. Ensinou sobre a máquina, o dispositivo Shakti que o irmão das estrelas havia entregado para Cagliostro. Cagliostro, que fundou a Ordem para proteger o conhecimento de TIAMAT — a Irmã Escura — e o dispositivo Shakti.

Até Balsam não ter nada mais para ensinar ao homenzinho, e era hora de o pequeno se tornar o Astrônomo, e eliminar Balsam, com a ajuda involuntária de um mágico espalhafatoso chamado Fortunato. Para assumir o controle da Ordem. Para cumprir o destino deles. Para descobrir a tirania religiosa dos maçons egípcios que dominaria o mundo. Um mundo que imploraria para ser governado pela admiração e pela gratidão. Para o Astrônomo usar o dispositivo Shakti conforme ele sempre havia sido destinado...

— Não — Fortunato disse. — Não.

Mas o conhecimento não se esvairia. O conhecimento que o dispositivo Shakti deu aos maçons para salvar a Terra de TIAMAT, não para atraí-la. Para chamar a Rede para destruí-la.

O dispositivo Shakti poderia tê-los salvado, e Fortunato o destruiu. Por causa dele, milhares morreram. Mesmo com todas as afirmações de sabedoria, ainda era uma criatura impulsiva, nada além de uma criança temperamental.

O Astrônomo ainda estava vivo. Os óculos recobertos ainda estavam presos atrás das orelhas, os farrapos do roupão esvoaçavam, o peito movia-se para cima e para baixo. Seus olhos rolaram para cima e seu poder se esvaiu. Completamente.

Não custaria nada mesmo para Fortunato pairar entre os dez metros que os separavam, envolver o pescoço do homenzinho e acabar com ele.

Em vez disso, deixou-o cair.

Muitos segundos depois, Fortunato ouviu a pancada na água, quando o homenzinho fechou o ciclo, de volta ao East River.

♠

A Henry Street estava deserta, suas festividades terminaram no Crystal Palace. Cavaletes ainda fechavam as duas pontas do quarteirão, embora a feira de rua já tivesse acabado há tempo. Hiram e Jay caminhavam no meio da rua, passando pelas fileiras de casas escuras. Os meios-fios estavam entulhados de lixo: guardanapos, copos de papel, garfos plásticos, jornais.

No meio do quarteirão, uma figura obscura saiu das sombras para abordá-los. A mão de Popinjay saiu do bolso rapidamente, mas Hiram agarrou seu braço.

— Não — ele falou.

A figura moveu-se para a luz de um poste. Era uma mulher pesada de cabelos grisalhos num casaco verde exército sem forma. A metade de baixo do corpo era uma perna única e grande, úmida e sem ossos. Ela se movimentava como uma lesma.

— Um trocado? — ela pediu. — Um trocado para uma pobre curinga?

Hiram entendeu que não conseguia olhar para ela. Pegou a carteira e lhe estendeu uma nota de cinco dólares. Quando ela a pegou da mão dele, o punho dele se fechou, e ele cortou o peso dela pela metade. Não duraria, mas por um momento ficaria mais fácil para ela.

Uma fogueira queimava no terreno baldio cheio de entulho ao lado do Crystal Palace. Uma dúzia de pequenas formas deformadas estavam encolhidas ao redor dela, e um animal de algum tipo estava girando num espeto sobre as chamas. Ao som dos passos, algumas das criaturas se levantaram e desapareceram nas ruínas. Outras viraram-se para olhar, olhos quentes como brasas na escuridão. Hiram fez uma pausa. Não vinha ao Bairro dos Curingas com frequência, e agora havia lembrado por quê.

— Eles não vão nos incomodar — Ackroyd falou. — Esta é a hora deles, quando as ruas esvaziam e o mundo dorme.

— Acho que estão cozinhando um cachorro — Hiram falou.

Jay pegou-o pelo braço.

— Se está tão interessado, eu peço para Crisálida pegar a receita para você. Vamos embora.

Subiram os degraus e bateram na porta.

A placa na porta dizia FECHADO, mas após um momento ouviram a tranca deslizar para trás e um homem aparecer diante deles. Tinha um bigode fino, cabelos escuros oleosos e uma extensão de pele firme onde os olhos deveriam estar.

— Sascha, Hiram — Jay Ackroyd falou. — Estão aqui?

Sascha assentiu.

— No bar. Apenas dois. Estão limpos.

Hiram soltou um suspiro aliviado.

— Vamos acabar com isso, então.

Sascha assentiu e os conduziu através de uma pequena antecâmara até o bar principal do Crystal Palace.

As únicas luzes eram aquelas atrás do longo bar. A sala cheirava a cerveja e fumaça de cigarro, e as cadeiras já estavam viradas sobre as mesas. Sentaram-se numa cabine, os três. Na penumbra, Crisálida parecia um esqueleto em trajes de noite. A ponta do seu cigarro brilhava como os olhos das almas perdidas lá fora. Latham, o Brecha, estava impecavelmente vestido num terno chumbo de três peças, e sua pasta estava na mesa diante dele. Entre eles, envolvido nas sombras, estava o terceiro homem.

— Obrigada, Sascha — Crisálida disse. — Pode ir agora.

Quando os ecos dos passos desapareceram, sobreveio um silêncio mortal no bar.

Hiram perguntou-se novamente que diabos ele estava fazendo ali. Então, pensou no Guelra, engoliu em seco e prosseguiu.

— Estamos aqui — ele anunciou, com sua voz profunda cheia da confiança que ele realmente não sentia.

Latham levantou-se.

— Sr. Worchester, sr. Ackroyd — ele falou, tão facilmente como se fosse apenas um almoço de negócios.

O terceiro homem chiou. Algo longo e fino saiu de sua boca e provou o ar.

— Não tínhamosss certeza de que vocêsss viriam. — Ele se curvou para a frente, expondo seu rosto reptiliano à luz. Não tinha nariz, apenas narinas fendidas no rosto. A língua bipartida movia-se o tempo todo. — Então, nosss encontramosss novamente.

— Sinto muito por você ter sumido daquele jeito hoje à tarde — Jay falou. — Não lembro o seu nome.

— Vermisss — o homem-réptil disse.

— É nome ou sobrenome? — Jay perguntou. Crisálida riu, seca. Latham pigarreou.

— Vamos tratar dos negócios — ele falou. Sentou-se, girou a combinação da tranca de sua pasta e, num clique, abriu-a. — Consultei meu cliente e seus termos são aceitáveis. Nenhuma ação será movida contra os senhores, e as acusações de aprisionamento enganoso serão retiradas. Tenho os papéis aqui, já assinados pelo sr. Seivers, que renuncia a todas as suas denúncias contra os senhores pelo montante de um dólar.

— Não vou... — Hiram começou.

— Eu pagarei o dólar — Latham falou, rapidamente. Ele passou um maço de papéis para Ackroyd. O detetive folheou-os com rapidez, assinou as três vias, devolveu duas.

— Muito bem — o advogado disse. — Quanto ao mercado de peixes, sem admitir qualquer culpa ou envolvimento prévio, meu cliente e sua organização não terão participação alguma nesta área da cidade a partir de agora. Não é algo que se possa acordar em um instrumento legal, claro, mas Crisálida é uma testemunha desses procedimentos e a reputação das organizações é sua garantia.

— Seus negócios são feitos em confiança — Crisálida confirmou. — Se fossem mentirosos notórios, ninguém fecharia acordos com eles.

Hiram assentiu.

— E o Pancada?

— Analisei o caso após nossa última conversa e, francamente, não é o tipo de homem que Latham, Strauss se importa em representar. Estamos retirando nossa representação.

O sorriso de Vermis mostrava a boca cheia de incisivos amarelados.

— O sssenhor gossstaria que a cabeça dele fossse ssservida numa baixela?

— Não será necessário — Hiram retrucou. — Apenas quero que ele *vá* para a prisão pelo que fez com o Guelra.

— Então, vai para a prisssão. — Os olhos dele fixaram-se em Hiram, e a língua tremelicou

ávida. — E agora, Bolão, você tem *tudo* que quisss. Dê osss livrosss para nósss! Agora!

Houve um momento de silêncio tenso. Hiram olhou para Jay. O detetive assentiu.

— Parece que todas as bases estão cobertas.

— Bom — Hiram falou. Naquele momento, tudo que restava era terminar com aquilo e sair dali vivo, de volta à sanidade da sua própria vida. Estava prestes a falar quando, pelo canto do olho, ele viu algo se mover atrás do bar. Ele se virou.

Vermis disse:

— Eu quero os livrosss. Parem de gassstar meu tempo.

— Pensei ter visto um reflexo no espelho — Hiram falou. Mas não havia nada lá. A superfície de prata polida brilhava suavemente à luz penumbrosa, mas nada se movia.

— Onde essstão osss livrosss? — Vermis exigiu.

— Eu também gostaria de saber essa resposta — outra voz acrescentou.

Ele estava em pé, na porta, um capuz preto sobre o rosto, um arco complexo nas mãos. Uma flecha estava encaixada e pronta.

O chiado de Vermis era puro veneno.

Hiram engasgou.

— Quem diabos é você?

Enquanto ele falava, uma jovem vestindo um biquíni fio dental e nada mais saiu do espelho atrás do bar.

— Ai, merda — Popinjay falou.

Vermis agarrou Crisálida pelo braço.

— Você armou tudo, sssua vaca. Vai pagar por issso.

— Não tenho nada a ver com isso — ela disse, arrancando o braço das mãos dele e olhando o mascarado na porta. — Yeoman, nem vou me preocupar — ela disse para ele.

— Meus sentimentos. — Ele ergueu o arco, puxou a flecha. — A menos que os livros sejam entregues, vou enfiar uma flecha no olho direito do cavalheiro de terno completo. — Latham olhou para ele, sem emoção.

— E você vive me dizendo para me vestir melhor — Jay Ackroyd disse para Hiram. — Está vendo o que isso vai te custar? — Ele se virou para o homem do arco. — O livro não está aqui. Não acha que seríamos idiotas o bastante para trazê-los conosco, não é?

— Ira, reviste todos.

A mulher de biquíni caminhou pelo bar e se aproximou da mesa. De repente, Hiram a reconheceu. Estava usando mais roupas no Aces High, mas tinha certeza de que era a jovem que desapareceu pelo piso quando Billy Ray tentou prendê-la. Isso o deixou triste. Era jovem e atraente, linda demais para ser uma criminosa. Sem dúvida, foi corrompida por companhias maléficas.

Ela revistou Jay primeiro, então Hiram. Quando ela o tocou, suas mãos ficaram insubstanciais, deslizando através do tecido das roupas até a pele, enquanto se movia de cima a baixo, procurando. Isso lhe deu calafrios.

— Nada — ela falou. O arqueiro baixou o arco.

— Você sabe, sou um pouco lento — Popinjay se intrometeu. — Você é o vigilante arqueiro, certo? O homem do ás de espadas. Quantos caras você matou? Deve ter chegado a dois dígitos, certo?

Os olhos de Ira pousaram sobre o parceiro, e ela o encarava um pouco assustada. Uma inocente envolvida até o pescoço, Hiram pensou. Sentiu compaixão por ela. Tinha lido relatos do matador do ás de espadas no *Grito do Bairro dos Curingas* e no *Daily News*, e não conseguia imaginar como uma garota tão doce como ela se envolveu com um lunático homicida desses.

— Onde estão os livros? — o arqueiro perguntou.

Hiram encarava a flecha. Deveria ter ficado gelado com a ameaça, mas curiosamente não sentiu nada além de aborrecimento. Foi um dia muito longo.

— Num lugar seguro — ele falou. Deu um passo para a frente, o punho fechando ao lado do corpo. — Onde vão ficar. — Ele começou a andar na direção da porta, sua corpulência cobrindo os outros atrás dele. — Eu tive muitos problemas para arranjar isso tudo e não terei Guelra machucado ou o Pancada livre porque você quer os livros, sem dúvida, para propósitos criminosos.

Os olhos atrás da máscara olharam absolutamente surpresos enquanto Hiram avançava. O arqueiro hesitou, mas apenas por um segundo. Então, o arco se ergueu novamente, Hiram tenso enquanto a corda foi puxada para trás lentamente, as polias girando, e Hiram fechou o punho enquanto as ondas gravitacionais brilharam ao redor do arco, invisíveis para todos, menos para ele, o momento da verdade quase à mão, e...

... houve um estalo, e o arqueiro desapareceu.

Hiram ouviu Ira arfar, e então o Vermis gritou em triunfo sibilante. O homem-lagarto empurrou a mesa que o prendia à cabine, e ela se destacou do chão com um som metálico de quebra. Vermis lançou-a na direção da mulher, que se afastou dele.

— Deixe-a em paz! — Hiram gritou.

Vermis o ignorou. Ele avançou, chiando, mãos em garra girando para abraçá-la, então passou direto através do corpo da moça, batendo com tudo contra uma banqueta do bar. Popinjay gargalhou.

Ira girou rápido, olhos arregalados em busca do seu *aliado* por um momento, antes de ela desistir e correr. Ela correu contra o bar e desapareceu novamente no espelho, a superfície prateada fechando sobre ela como uma piscina de mercúrio.

— Agradecemos sua agradável visita — Popinjay gritou atrás dela. Ele se voltou para os outros. — Suponho que ninguém tenha o telefone dela. — Ele suspirou. — Muito bem...

Vermis ficou em pé, chiando de desolação.

— Vou matá-la! Vou matar osss doisss!

— Mais tarde — Brecha sugeriu. O advogado cruzou os dedos *como* se a pequena interrupção nunca tivesse acontecido. — Ainda temos um acordo?

— Não quero os malditos livros — Hiram falou. — Se os senhores honrarem meus termos, eles serão seus.

— Ótimo. Onde estão?

— Nós os escondemos — Hiram lhe disse — no Túmulo do Jetboy. Na cabine da réplica do JB-1.

— Se eles estiverem lá, nosso acordo será honrado.

— Ssse não — Vermis acrescentou —, todosss vocêsss vão pagar.

Crisálida cruzou o bar e pegou uma garrafa.

— Talvez devêssemos brindar a conclusão bem-sucedida de uma transação difícil.

— Acredito que não tenhamos tempo — Latham disse, fechando a pasta. Hiram não estava ouvindo. Estava olhando além de Crisálida, olhando para a superfície prateada do longo espelho onde — por apenas um instante — ele pensou ter visto algo se mover.

♥

Ela observou como ele lutou contra a corrente, seus braços magrelos batendo exaustos na água escura. Uma aranha-de-água morrendo, deslizando sem esperança na direção da costa. Roleta esperou por sua morte no céu de Manhattan. Em vez disso, ele caiu como um pequeno meteoro de carne, e o imperativo dela continuava. Naquele momento, vendo-o se debater na água, esperava que ele morresse. Sua cabeça, um pequeno botão escuro, havia desaparecido, mas ela se forçou a esperar. O Astrônomo fingira a morte antes.

A cabeça rompia a água, e a violência dos seus avanços estilhaçava uma mancha de óleo em centenas de gotas arco-íris. *Morra*, Roleta rezou, mas as águas pretas e oleosas do East River carregavam-no para a costa cheia de refugos.

O Astrônomo saiu se arrastando, o vômito do rio. Seu corpo nu, carne rósea exibida entre a pele rachada pelas chamas, estava deitado como um animal, apodrecendo entre as latas enferrujadas e as embalagens empapadas de hambúrguer, como montículos de papel se desintegrando na costa lamacenta. A mão esquerda agarrou os óculos e, lentamente, com a pele descamada e caindo a cada movimento, ele tentou recolocá-los.

Roleta, com os saltos da sua sandália delicada de tiras pregando no lodo, correu até ele. Seu chute acertou as costas da mão dele. Os dedos abriram-se como galhos espalhados, os óculos voaram livres para jazer cintilando no barro. Roleta pisou neles como se contivessem a essência do Astrônomo, a alma de Tachyon. Esmagou com um salto apenas para vê-los deslizarem, inofensivos, pelas lentes grossas e enterrarem-se na lama. A sujeira soltou-a com um som triste, repelente. Soluçando, ela recolheu os óculos.

— Vadia! Puta desgraçada! Meus óculos, entregue-me os óculos! — A voz dele espiralou num guincho frenético.

Uma prancha quebrada ofereceu suporte. Tirando o sapato, ela se ajoelhou na lama e martelou os óculos com o salto afiado. Os botões de strass cortaram sua mão, arrancando sangue. Ela apertou ainda mais o couro sujo de vermelho.

— Vou te matar! Matar! — uivava o Astrônomo, arrastando-se sobre a barriga, mãos esticadas, tocando e recuando os vários pedaços de detrito.

Uma das lentes quebrou com um som agudo de cristal.

— Não!

A segunda.

— Matar? Você nem consegue me ver. Para onde vai correr desta vez? Eles estão te caçando. Quem vai matar para encontrar força? Tachyon está a caminho. Então, apenas um de vocês vai restar. Para mim. Melhor rastejar.

O rosto do homem, nariz queimado, um risco pálido de boca, olhos vermelhos pelas veias rompidas, estava virado para ela.

— Acabou, tudo acabou — a voz dele estremecia. As mãos afundadas na lama, dedos espremendo o lodo fétido, como se lembrasse outros momentos mais gloriosos.

Finalmente, ele começou a engatinhar, e Roleta o seguiu. Pés descalços chapinhando na lama grudenta, a barra arrastando, a corrente de sua bolsa noturna cortando fundo o ombro com o peso da Magnum.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XXIV

5h00

As ruas finalmente estavam esvaziando. Apenas os festeiros mais resistentes ficaram para receber a manhã, ou ao menos os mais durões que desmaiaram ou, pior, estavam caídos como bonecas de pano abandonadas na rua.

O Crystal Palace estava a pouco mais de um quilômetro e meio do Túmulo do Jetboy. Jennifer sabia que não havia maneira de ela superá-los até o mausoléu. Era difícil correr com as sandálias de tiras que Brennan lhe emprestara, mas era melhor do que seguir descalça pelas ruas cheias de lixo.

Brennan. O que diabos aconteceu com ele? O cara baixinho apontou um dedo para ele e, *puf*, ele sumiu. Simples assim. Bem, ela pensou, sua respiração ficando um pouco mais rápida enquanto ultrapassava os quarteirões entre o Crystal Palace e o Túmulo com passos largos e fáceis, ela começou esse roubo sozinha, e ela o terminaria. Bela fala, ela pensou. Já estava sentindo falta da presença rude do Brennan. Ela esperava que ele estivesse bem.

O grande edifício do Túmulo do Jetboy era uma silhueta que se avultava escura diante das águas quietas do rio Hudson. Parecia deserto, mas havia uma longa limusine, irmã daquela que Jennifer e Brennan tinham pegado emprestado, estacionada próximo da estátua de seis metros de Jetboy, na frente da entrada principal do Túmulo.

Não havia ninguém dentro ou ao redor da limusine. Vermis e os outros, Jennifer percebeu, já deviam estar dentro do imenso prédio.

Ela subiu em silêncio os degraus de mármore, tão silenciosa como o codinome que havia escolhido para si, tirou a capa que Brennan lhe emprestara e chutou as sandálias para longe. Uma onda de adrenalina fez recuar o cansaço que ameaçava subjugá-la. Foi um longo dia, ela disse a si mesma. Mas logo estaria acabado. De um jeito ou de outro.

O túmulo era imenso. Uma réplica em tamanho real do avião de Jetboy, o JB-1, estava pendurada no teto, banhada pelas luzes atenuadas que reluziam de lâmpadas escondidas também penduradas dentro do domo.

A luz era filtrada para o chão do túmulo, onde iluminava indistintamente três homens olhando para o avião pendurado no teto. Ela reconheceu Vermis, claro, e o homem chamado Brecha. O terceiro era um estranho, de tamanho e constituição médios, suas feições eram irreconhecíveis na penumbra.

Jennifer sorriu para si mesma. A menos que um deles pudesse voar, não havia maneira de chegar à cabine de piloto da réplica do avião. Era uma questão diferente, claro, para ela. Conseguiu chegar ao ponto mais distante do túmulo, mantendo-se nas sombras das paredes. A acústica dentro do local era excelente, e ela conseguia ouvir os homens discutindo o que fazer.

— Aquele gordo desssgraçado deve ter flutuado até o teto e pôsss osss livrosss lá.

— Não importa como chegou lá — o homem não identificado disse com uma voz ríspida, nervosa. — Eu os quero aqui. Imediatamente.

Discutiam o problema enquanto Jennifer alcançou a parte traseira do prédio. Ainda nas sombras, ela se desintegrou, lutando contra uma breve onda de vertigem, e elevou-se através da parede até o teto. Aquela foi a parte fácil. Agora, a parte mais delicada. Manteve o corpo do avião entre ela e os homens lá embaixo enquanto deslizou para dentro da cabine e viu a pequena sacola de plástico, aquela mesma na qual enfiou os livros — foi naquela mesma manhã? Parecia um ano atrás.

Não poderia arriscar se solidificar para verificá-los. Ela os tocou e desmaterializou-os, então, em vez de sentir o triunfo que previa, um tremor inquietante passou através de sua forma insubstancial.

Ela estava chegando ao fim da sua resistência. Tinha se forçado muito, desmaterializado-se mais nessas últimas vinte e quatro horas do que jamais havia feito na vida, e não tinha comido ou descansado muito entre os períodos de insubstancialidade. Tinha apenas pouco tempo para ficar sólida, senão estaria enrascada.

Ela escorregou para fora da cabine, mas foi descuidada na pressa. O Brecha caminhava ao redor do avião para encontrar outro ângulo de visão e viu a forma desmaterializada de Jennifer, brilhando como um espectro de Dia das Bruxas, enquanto sua silhueta ficava marcada na asa do avião.

— É ela de novo! Pegou os livros!

Ela olhou para baixo e foi acometida por uma onda repentina de tontura. Precisava se solidificar rapidamente. O instinto se apoderou e ela deu um passo para fora da asa.

Flutuou tão suave como uma pena até o solo, quase inconsciente, e quando tocou o chão seu corpo assumiu o controle e se materializou. A transformação devorou todas as suas reservas de energia, e ela desmaiou.

♣

— Mas, e Cordelia? — Nômada disse, enquanto carregava as sacolas até a estação City Hall na direção das passagens que levavam à casa de Jack. Os gatos haviam se juntado a eles, a tricolor e o preto esfregavam-se contentes contra as pernas de Nômada.

— Os *cajuns* têm um ditado — Jack falou, abrindo a porta de acesso de metal.

— Qual ditado?

A tricolor e o preto ronronaram como o ronco de Rip Van Winkle.

— Não lembro mais — Jack respondeu. Para Nômada, a voz dele parecia possuir um laivo maníaco. — Algo como .. se você fizer o melhor que pode, então tudo dá certo. Ou não.

— Claro — Nômada disse.

— Vou encontrar Cordelia. Ela ficará bem.

— Você está cansado — a mulher disse. — Você está exausto.

— Você também.

— Estou bem.

Correndo à frente, os gatos bateram na porta de Jack. Quando ele destrancou e eles entraram, Nômada de repente retesou-se.

— Jack — ela falou, cambaleando um pouco. — Eu encontrei algo. — Jack parou no meio de um movimento, as chaves na metade do caminho dentro do bolso. — É uma ratazana — ela

continuou. — Está nas sombras, em cima de um gabinete. Ela vê .. — Nômada hesitou. — Caramba, Jack, é *ela*!

Ele empurrou os gatos e ela para dentro da sala vitoriana e fechou a porta.

— Onde?

— É o que estou tentando descobrir. Há outros ratos no prédio. Estou mudando de um para o outro... Lá! — Ela sorriu, arreganhando os dentes. — Tenho um no lado de fora, espiando do beco. É um bar, um tipo de clube. Há uma grande placa de neon que se mexe. — Ela sacudiu a cabeça. — É na forma de uma mulher, uma stripper com seis seios. É, hum .. — Nômada hesitou. — É preciso passar no meio das pernas dela para entrar.

— Eu ouvi falar disso — disse Jack. — Freakers. Nunca estive lá. — Ele pegou um jornal underground *East Village Other*, buscou os anúncios. — Nada. — Ele pegou a revista *Fetish Times* — Quando tudo mais falha... — Folheando as páginas, ele disse: — Ótimo! Aqui está. Chatham Square.

— Não é longe — disse Nômada. Ela já estava pronta, seguindo na direção da porta, os gatos nos calcanhares dela.

— Não — Jack falou.

Ela se virou para olhá-lo.

— Não? — Com as caudas balançando, os gatos encararam-no também.

— Você tem o que fazer. Posso cuidar disso.

— Jack...

— É sério. — Jack baixou as sacolas que ainda estava segurando. — Você vai se aprontar. — Ele abriu um pacote menor e tirou alguns cosméticos. — Tomei a liberdade de comprar isso aqui.

— O que está *fazendo*? — ela disse enquanto ele a sentava diante do espelho prateado antigo.

— Não vai demorar — ele prometeu. — Então, vou até o Freakers.

— Você é louco — ela falou. — Totalmente.

Jack fez malabarismo com o brilho labial e o blush. Ele virou a cabeça dela para que se olhasse no espelho.

— É hora do show! — ele disse.

— Jack.. — Nômada balançou a cabeça, teimosa. — Essa conversa que tínhamos que ter...

— Amanhã. — Ele ergueu os olhos para o relógio da ferrovia. — Mais tarde, hoje. Quando tivermos tempo.

Nômada insistiu, de forma atípica.

— Por quê, Jack? — Ele se agachou e olhou nos olhos dela.

— Você também poderia perguntar o porquê do vírus carta selvagem, Suzanne. Acontece. A gente aprende a lidar.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Vai levar um tempo para eu me acostumar.

— Para mim também levou.

— Eu.. ainda .. — As palavras dela diminuíram até silenciar.

— Eu também, amor. — Jack a beijou. — Eu também.

Spector sabia que Fortunato havia vencido. Se não fosse assim, o Astrônomo teria picado Fortunato, transformando-o em iscas de peixe antes de mergulhá-lo no drinque. Spector assistiu à luta, assim como todo mundo. A diferença foi que ele sabia o que estava acontecendo. Não conseguia acreditar que o cafetão estúpido do Fortunato deixara o velho escapar. Agora o Astrônomo poderia se esconder, lamber as feridas e esperar até que pudesse recuperar suas forças. Spector imaginou que o velho tentaria chegar até a costa na lateral de Manhattan banhada pelo rio. Se Spector pudesse encontrá-lo, cuidaria do Astrônomo de uma vez por todas.

— É o Dia do Julgamento Final — ele disse, esfregando seu braço machucado.

Caminhou pelo beco deserto. Já estava frio o bastante para congelar sua respiração. Estava cansado e atordoado. O beco terminava numa parede.

— Merda. — Ele se virou para sair, então parou. Ouviu vozes do outro lado. Vozes familiares. Caminhou até a base do muro e pulou, seus músculos doloridos impulsionando-o lentamente para cima.

♠

O Astrônomo parou, a respiração ofegante e estertorante em seu peito. Uma ladainha entrecortada de ódio gotejava de sua boca, as palavras pendendo como contas no longo fio de saliva que ele expectorava a cada arquejo. Roleta também parou, esperando ele encontrar forças para continuar. Perguntando-se com irritação por que Tachyon era tão lento. Já deveria estar lá. Todos reunidos numa união final e mortal.

O Astrônomo desapareceu na boca escura de um beco, e Roleta esperou novamente por Tachyon, que não aparecia. Ela correu atrás do Astrônomo. E quase trombou com o takisiano que chegava por um beco de ligação. Encolheu-se entre uma pilha confusa de caixotes. Observou enquanto o alienígena cobria os olhos, procurando como uma raposa na trilha, congelado, seguiu sem errar o caminho tomado apenas momentos antes pelo Astrônomo. Roleta foi atrás dele, agarrada com as duas mãos na Magnum, cano adiante como uma vareta radiestésica.

Uma entrada repentina para a direita para outro beco, que terminava trinta metros adiante num muro de tijolos. Tachyon, mãos apertadas ao lado do corpo, encarou o Astrônomo, a fúria entalhada no seu rosto delicado.

— Maldito seja, Fortunato! — Ele lançou a cabeça para trás e uivou para o céu nublado. — Seu assombro covarde, merda, desonrado, alcoviteiro sem mãe! Pensei que acabaria com isso. Em vez disso, deixa nas minhas mãos. E eu não quero isso — ele terminou numa voz suave, triste.

O Astrônomo continuou seu rastejamento obstinado, sem parecer perceber que havia entrado numa armadilha. Tachyon inspecionou as mãos, tirou uma faca de combate da bota, tremeu. E Roleta xingou.

Ouviram o arranhão de um sapato no tijolo quando uma figura lançou-se do topo do muro para o chão. Agachado lá, como um gárgula do tamanho de um homem. Ao cair no beco, um xingamento explodiu dele quando o pé defeituoso, crescido pela metade, atingiu o solo. *Ceifador*.

Roleta chorou de irritação, lambendo as lágrimas salgadas enquanto desciam pelo canto de sua boca. Ergueu a arma. O Ceifador não poderia enganá-la.

— James!

Ele avançou, o pé semiformado lançando-o em um marcha manquejante para a lateral.

— Então, você se lembra de mim, doutor.

— Sim — Tachyon respondeu, desviando o olhar cuidadosamente da ameaça no rosto marcado de espinhas do Ceifador. — Ficamos preocupados com você. — Ele revolveu o corpo caído de barriga para baixo do Astrônomo, até as costas magras do Ceifador ficarem bem diante de Roleta, bloqueando sua mira.

— Eu posso apostar, desgraçado. — Ele voltou seu olhar terrível do taksiano para a figura lastimável aos seus pés. — Ora, ora, veja o que você encontrou. — Ele cutucou o Astrônomo com seu pé parcialmente regenerado. — Ei, *Mestre*, ainda estou aqui. E você está morto.

Tachyon avançou, e Roleta dançava de um lado para o outro, tentando conseguir um tiro certeiro após o Ceifador.

— O que você vai fazer?

— Matá-lo. Vai tentar me impedir, seu merdinha?

— Não.

O Ceifador encarou a faca do alienígena, jogou a cabeça para trás e riu, o som ecoando enlouquecido pelas paredes.

— Vai lidar com um pouco de morte hoje, hein, Tachy? Vai brincar de Deus de novo? Dar um pouco de vida hoje, tirá-la de uma vez amanhã.

— Pare, por favor — Um sussurro entrecortado.

As palavras se precipitaram através de Roleta, tocando... algo. Tremores violentos percorreram seu corpo, a arma caiu dos dedos inertes, bateu no chão, disparou, o projétil ricocheteou na parede sobre a cabeça do Ceifador.

— Merda!

Tachyon e Ceifador viraram o rosto, e o Astrônomo, com uma explosão de força acumulada, ficou em pé.

A voz do Astrônomo era um raspão seco.

— Ajude-me, James. Mate-os. Eu vou te recompensar. Ajude-me. Tudo que quiser. Apenas me ajude agora. Estou muito fraco. Sem força alguma.

Spector agarrou o Astrônomo, pedaços escurecidos de carne saíam nas suas mãos.

— Acho que não, velhote.

O Astrônomo avançou para a parede. Spector o girou, mas o Astrônomo se desmaterializou nas suas mãos, deu um passo para trás, começou a se fundir à parede de tijolos. Bem, ao menos restava um poder.

Os olhos quase cegos de toupeira encontraram os de Spector. A partilha perfeita do momento perfeito. Desta vez, não havia nada para bloqueá-lo. A morte fluiu rápida e violenta para dentro do Astrônomo. O velho arfou e começou a se solidificar.

Os tijolos ao redor dele se partiram e incandesceram com o calor. O sangue escorria, chiando nas frestas muro abaixo. Os tijolos se fecharam com afeto na carne.

Spector soltou um suspiro de alívio. Havia terminado aquilo. Ninguém no mundo teria lhe dado a chance no inferno de matar o velho desgraçado, mas ele estava morto. O Astrônomo,

Lorde Amun, o Mestre, Setekh, o destruidor.

E ele ainda estava lá para contar.

♣

O som dos passos insistentes ecoou alto na rua vazia. Aproximaram-se. Mãos a agarraram. Roleta, soluçando, engasgando de medo, virou-se, atacando seu algoz com unhas e dentes. Mãos fortes como aço fecharam-se em seus punhos, puxando-a para um abraço apertado. O aroma fresco e agora familiar que era Tachyon a envolveu. Ela despencou nos braços dele, e a mão magra e pequena acariciou seu rosto, limpando as lágrimas.

A mente de Tachyon penetrou a dela como um fluxo limpo e gélido, acalmando as feridas deixadas pela queda dos escudos. Atenuando as memórias, submergindo o toque do Astrônomo. O que permaneceu foi um vazio vasto, doloroso.

Ela conseguia sentir a Magnum formando uma barreira fria entre eles. Ele recuou, as mãos caídas ao lado do corpo, e a pistola caiu da mão dela. Eles se olharam pelo espaço de ar que parecia incrivelmente amplo. A arma jazia no chão entre eles.

— Você não está curada. Não é meu dom. Mas fiz o que posso.

— Eu quis te matar.

— Você deveria evitar estresse emocional e mental exagerado.

— Eu matei o Uivador.

— Talvez você deva entrar na terapia.

— E talvez tenha outros.

Ele parou, agarrou a arma e estendeu-a, segurando pelo cano.

— Então, termine o que começou. Se for isso que você precisa para encontrar sua paz.

— *Ah, seu maldito!* — Uma lata de lixo soou como um sino amargo quando a pistola bateu dentro dela. — Eu matei o Uivador!

— Eu sei. Há muito pouco sobre você que eu não saiba. — Os lábios finos dele torceram-se num sorrisinho triste, fatigado. — Tenho uma consciência incrivelmente elástica e criativa. Parte da minha criação. Posso encontrar três excelentes motivos para justificar sua vingança. Para sua revanche é…

A mão dela voou e o tapa acertou em cheio o rosto dele.

— Bobagem! Pare de fuçar nisso e me dê uma decisão. O que vai fazer agora?

A ponta da língua dele tocou o corte recém-aberto nos lábios.

— Você está planejando se entregar para as autoridades?

— Não.

— Então, não farei nada. Uma leitura telepática não é prova admissível num tribunal. — Novamente, um sorriso triste. — Também não vou gostar de descrever a situação na qual fiz essa leitura. Seria de pouca serventia para a minha dignidade. — A mão dele deslizou num gesto inconsciente para proteger a virilha.

Ela se virou e foi embora. Consciente, naquele instante, da sujeira embaixo dos pés descalços dela, da lama pregada no vestido de seda. Um envelope adequado para sua alma.

— Roleta. — Ela parou, mas não olhou para trás. — Mais cedo eu disse que te amava. Acho que ainda amo.

— Não dificulte para mim desse jeito.

— Chamo isso de meu castigo para você.

— Eu tenho vivido do ódio. Agora, não há nada. Deixe-me ver se sou capaz de alguma coisa entre esses dois estados.

— Estarei esperando.

Ela não conseguiu evitar um sorriso.

— Desgraçado, acho que vai mesmo.

Spector estava sentado no beco, costas contra a fria parede de tijolos. Os outros tinham ido embora; estava sozinho com o velhote.

— Não foi bem do jeito que você planejou, hein, Astrô? — Ele deu tapinhas no rosto do Astrônomo. — Ou talvez tenha sido. Pode ser exatamente o que você tinha em mente o tempo todo.

Spector sentia-se vazio e cansado. Pensou que, com o Astrônomo morto, haveria algum tipo de alívio. Desde a luta no Mosteiro no início do ano, mantinha um medo do homem que o fazia olhar ao redor o tempo todo. Não havia foco para ele agora.

Ele fitou os olhos mortos do Astrônomo.

— Agora você sabe pelo que eu passei. Não que você se importe, mesmo que pudesse dizer alguma coisa. Provavelmente apenas mandaria eu me foder.

Spector ouviu alguém vomitando na entrada do beco. Ele se recostou na parede para se erguer, deu uma última olhada para o Astrônomo, e seguiu na direção da rua.

O homem estava de joelhos, limpando a boca. Ele se levantou e afastou-se da poça de vômito. Tinha mais ou menos a mesma altura de Spector, jovem, e estúpido o bastante para não ficar longe dos becos do Bairro dos Curingas. O terno que ele vestia era cinza, a cor de Spector.

Spector poderia usar algumas roupas novas. O uniforme de beisebol era quase inútil para o frio do fim da madrugada. Ele deu um tapinha no ombro do homem.

— Eu te dou este autêntico uniforme dos Yankees por esse seu terno.

O homem deu um pulo, então se recuperou e lançou um olhar durão para Spector.

— Não me enche, cara, ou eu esmago a sua cabeça.

Spector estava morto de cansaço. Não queria esgotar sua energia restante para tirar a roupa de outro defunto.

— *Se* você não fizer o que eu digo, você vai morrer. Vale a pena morrer por esse terno? Eu não acho.

O homem ergueu os punhos.

— Estúpido — Spector disse, exausto. — Tem uma coisa no seu olho.

— O quê?

— Eu. — Ele capturou o olhar do homem e o derrubou. — Babaca.

Spector tirou o casaco do homem e jogou sobre os ombros. As calças deram mais trabalho do que valiam a pena para ele.

Era hora de cumprir um pequeno negócio pendente. Hora de voltar à barca de lixo e visitar Ralph.

— Até mais, idiota — ele disse para o morto no beco. Nenhum som. Ele pensou em algum pobre trabalhador da cidade tentando arrancar o velhote da parede e sorriu.

Jennifer retomou a consciência com a dor agulhando sua bochecha. Os olhos piscaram até abrir para ver a palma da mão aberta aproximando-se do seu rosto, e ela sentiu mãos grosseiras e fortes que a seguravam em pé. A palma estalou de novo no seu rosto, trazendo sua consciência à tona de uma vez.

Estavam no lado de fora do Túmulo, juntos da limusine estacionada diante da estátua do Jetboy. Vermis a segurava em pé e o Brecha a estapeava de forma ignorante, enquanto o terceiro homem — de meia-idade, oriental, um pouco rechonchudo — observava. Ele balançava preguiçosamente a sacola com os livros enquanto Brecha a estapeava. Ela o reconheceu: era Kien.

Finalmente viram que havia recobrado a consciência. Vermis a soltou e se afastou. Ela desabou na lateral da limusine, incapaz de ficar em pé sozinha, e os encarou com ódio. Outra figura, indistinta na escuridão, estava além de Kien e Brecha. A esperança se avultou, então morreu quando Jennifer percebeu que era apenas outro dos brutamontes onipresentes de Kien.

— Você foi bastante inconveniente — Kien disse numa voz suave. — Um grande inconveniente, de fato. Queria que você estivesse acordada para ver isso. — Ele meneou a cabeça para Vermis, e o curinga puxou uma pistola pequena, horrível, de cano curto, de um coldre preso à sua cintura. — Será um prazer assistir à sua morte.

Vermis ergueu a pistola e Jennifer fechou os olhos. Ela tentou se desmaterializar, mas não conseguiu. A energia que precisava para a transformação simplesmente não existia. Nunca se imaginou morrendo dessa forma, nunca de fato havia se imaginado morrendo.

— Não aqui, seu tolo — Kien falou, com um traço de exasperação —, vai acabar com a pintura da limusine. — Ele se virou para o homem em pé ao fundo. — Leve-a para longe do carro.

A gola da jaqueta estava erguida por conta do frio da manhã, o chapéu baixo sobre o rosto. Jennifer olhou para ele com uma expressão fatigada, e os olhos permaneceram em seu rosto e o encararam.

Os lábios dela formaram o nome, Brennan, e num movimento único ele a agarrou pelo braço, tirou-a do caminho e arrancou a arma da mão de Vermis com um chute que a mandou longe, tilintando, para dentro da noite.

Vermis chiou com surpresa, a língua serpenteando como uma cobra cega. Jennifer olhou para Kien e viu o choque, a raiva e, finalmente, o medo explodirem no seu rosto.

— É ele! — Kien disse em voz baixa, um pouco para si mesmo. Então, gritou: — Matem-no! Matem-no!

Brennan encarou Vermis de mãos vazias, uma das mãos abertas, a outra fechada em punho. Ele se levantou e sorriu para o curinga, parecendo para Jennifer como um convite ao ataque. Vermis pulou para cima dele, e os dois se agarraram. Brennan foi arrastado contra a lateral da limusine pela força superior do curinga, e Vermis, triunfante, recuou para atacar.

Porém, Brennan movia-se mais rápido que o curinga. Ele abriu o punho pela primeira vez e

segurou a língua do curinga quase até a garganta. Baixou a língua de Vermis, esfregando uma substância marrom grudenta, então soltou. Os olhos de Vermis quase pularam do rosto, ele gritou, foi ao chão e se contorceu como um homem incendiado, enquanto batia na própria língua.

Brecha agarrou Jennifer enquanto Vermis uivava de agonia, e ela ouviu os passos de homens que se aproximavam correndo. Kien soltou a sacola com os livros preciosos nela, puxou a pistola enfiada na cintura e apontou-a para Brennan.

Brennan olhava para ele calmamente.

— Minha alegria será dobrada — Kien falou entredentes. — Após todos esses anos você voltou para me infernizar. E agora vai morrer nas minhas mãos.

Jennifer viu Brennan pronto para saltar e sabia que ele nunca conseguiria cruzar a distância impossível que o separava de Kien. Ela tentou se soltar de Brecha, incapaz de se livrar dele, mas esticando-se para alcançar a pistola de Kien. Ela a agarrou.

Ele rangeu os dentes, tentou sacudi-la, mas Jennifer segurou firme, franziu a sobrancelha em concentração intensa, e desmaterializou grande parte da arma e grande parte da mão de Kien. Brecha sacudiu forte o braço dela, forte o bastante para afastá-la de Kien, que gritou.

Ele caiu de joelhos, o que havia restado da mão soltou a arma. As moléculas desmaterializadas das duas, como não estavam em contato direto com Jennifer, voaram com a brisa. Brecha, surpreso, soltou Jennifer e curvou-se para ajudar Kien a estancar o riacho de sangue que esguichava da mão arrancada.

Jennifer pegou a sacola, virou-se e agarrou Brennan pelo braço.

— Vamos — ela gritou. Ele resistiu por um instante, encarando sem remorso seu inimigo de longa data, então a seguiu na escuridão, correndo.

♥

Fortunato tocou a campainha do prédio por muito tempo antes de a voz de Veronica surgir no interfone. Quando ele disse quem era, ela correu escada abaixo para abrir a porta.

Ela se lançou nos braços dele e começou a chorar.

— Foi tão horrível. Tão horrível. Aquele... homem. . me pegou, e Caroline e Cordelia. Ele matou Caroline. Ele...

— Calma — Fortunato disse. — Acabou. Ele acabou. O poder dele terminou.

— Pensei que todos nós morreríamos.

— Onde está Cordelia agora? — ele perguntou, gentil. — Ela está bem?

— Ela saiu. Ela está bem. Ela disse que voltaria. Talvez. Mas Caroline...

Ela começou a chorar novamente. Aos poucos ela retomou o controle e Fortunato a levou para dentro. Teve de baixar a mala para fechar a porta, e Veronica a viu.

— O que é isso?

— Vou sair da cidade por um tempo.

— Fortunato? Olhe, eu posso parar com a cheiração. Não é nada de mais. Podemos trabalhar isso.

— Não é por sua causa.

Ela esticou o braço e tocou sua testa. Estava macia e reta. A protuberância, onde sua reserva de poder era formada, havia sumido.

— Você está bem? — ela perguntou.

Ele assentiu. Tinha voltado ao apartamento para fazer as malas e tomar um banho. Colocou um pouco de comida para o gato e sentou-se por alguns minutos com ela no colo. Não parecia haver nada fisicamente errado com ele, apenas aquela indiferença assoladora.

— Tenho de ver Ichiko — ele disse. — Preciso de um pouco de papel e uma caneta. E peça para a sua mãe trazer o selo notarial dela.

Tinha tudo formulado na cabeça e levou menos de cinco minutos para botar no papel, atestar e autenticar. Ele entregou tudo para Ichiko.

— É seu agora — ele falou. — Tudo. Pode manter funcionando se quiser. Depende de você.

— O que aconteceu? — Ichiko quis saber.

Fortunato sacudiu a cabeça.

— Não quero mudar ninguém mais. Não quero transformá-las em gueixas, prostitutas ou viciadas em heroína. Se outra pessoa fizer isso, tudo bem, mas não serei eu mais. Não quero mudar ninguém mais além de mim. Não posso... não posso assumir a responsabilidade.

— E a mala?

— Vou para casa. De volta ao Japão. Para o templo Shoin-ji, em Hara.

Miranda perguntou:

— E o seu poder?

— Vai voltar — Fortunato respondeu. — Acho. Quanto ao que eu vou fazer com ele, não sei. Simplesmente não sei.

Miranda olhou para Ichiko.

— Bem — ela falou. —, não quero parar com os negócios. Mas não sei se vamos conseguir sem ajuda. Os Gambione estão sempre à espreita, como urubus, esperando por um sinal de fraqueza.

— Sempre nos protegemos com influência e dinheiro — Fortunato falou. — Vocês podem fazer isso como eu sempre fiz.

— Ah — Ichiko respondeu. —, mas sempre havia um punho dentro da luva.

Fortunato pegou um maço de cartas na ponta da mesa. Tirou o ás de espadas e deixou o restante de lado. Pegou a caneta novamente e escreveu *Ajude* se puder. Fortunato.

— Há um homem chamado Yeoman. Pode confiar nele. Se precisar, ligue para o Crystal Palace e mostre para ele esta carta.

Veronica foi com ele até a porta.

— O que você vai fazer? — ele perguntou para ela.

— Transar por dinheiro — ela falou. — É tudo que tenho. E você?

— Não sei.

— Você tem sorte — ela falou. Deu um beijo de despedida nele. Sua boca era macia e doce, quase o bastante para fazê-lo mudar de ideia.

♣ ♦ ♠ ♥

Capítulo XXV

6h00

Após Jack sair, Nômada permaneceu lá, encarando sua transformação. O espelho revelava uma mulher atraente com trinta e cinco anos, que tentava sorrir mas hesitava, como se o rosto pudesse rachar. Ela virou o rosto. Os tailleurs eram quase toleráveis, e apenas porque ela os via como uma cor protetora. Aquele vestido revelava muito de alguém que ela não conhecia. Por um momento, ela considerou trocá-las pelas roupas sujas e rasgadas que usou por tanto tempo. Esta nova persona a assustava.

Os gatos preto e tricolor foram até ela, reagindo à irradiação da dor. A tricolor pulou no colo dela e lambeu-lhe o queixo, enquanto o preto esfregava as costas na sua panturrilha. Eles perguntaram sobre a mensagem. Nômada tentou explicar. Enviou uma imagem de Paul para os dois. Nenhum dos gatos ficou impressionado com o ser humano que viram. Até mesmo as nuanças emocionais do rosto que ela lembrava não eram suficientes. O preto ergueu os olhos e imaginou a garganta de Paul rasgada. Era a solução mais simples para ele. Se algo incomodar você, mate. Nômada sacudiu a cabeça e reconstruiu a imagem de Paul.

A tricolor enviou uma cena de Nômada, com suas roupas normais, sentada no chão da casa de Jack e brincando com os gatinhos. Nômada acariciou a tricolor, mas bloqueou a visão do grupo familiar. O preto rosnou e pousou as patas imensas nos joelhos de Nômada. Ele encarou os olhos dela, e ela soube de sua raiva e frustração.

Nômada olhou para trás, para o espelho, e viu uma garota com uma faixa de couro com contas na cabeça e uma camiseta com estampa *tie-dye*. A mulher mais jovem parecia sorrir para ela, incentivando-a. Nômada esticou o braço para tocar a mão da garota, perguntando a si mesmo se ela alguma vez já havia sido tão jovem e feliz. Quando tocou o espelho, a imagem mudou para a dela, vestido verde-azulado, rímel e blush.

Examinando a si mesma de novo, Nômada pensou que ainda via nos olhos dela algo dos da garota.

O toque estridente do telefone interrompeu seu devaneio. Deixando a tricolor no chão, ela imaginou que fossem mais más notícias de Jack. Porém, a voz do outro lado da linha era a de Rosemary.

— Suzanne, eu te acordei?

— Não — Nômada sentou-se no chão ao lado do telefone.

— Pode me encontrar em casa? Digo, na cobertura?

— Por quê?

— Eu estou sentindo... — a voz de Rosemary quase desapareceu por um instante. — Acho que quero dizer ao meu pai o que estou fazendo. Talvez seja por isso que me agarrei ao lugar. Mas não quero ir até lá sozinha. Por favor, Suzanne.

— Por que eu?

Rosemary hesitou.

— Suzanne. . Eu confio em você. Não posso confiar em mais ninguém. Preciso de você.

— Não é novidade. — Nômada travou os dentes e sua mão apertou o telefone.

— Suzanne, eu sei que você não concorda com o que fiz, mas prometo que vou mudar as coisas.

— Tudo bem. Mas tenho um compromisso às sete. — Nômada fechou os olhos com desgosto pela sua necessidade de que Rosemary aprovasse.

— Obrigada. Encontro você lá.

Rosemary desligou. Nômada olhou para os gatos.

— Acho que esta noite ainda não acabou.

Ela vestiu o sobretudo aberto até o tornozelo que Jack insistiu para ela levar. O preto e a tricolor acompanharam-na até a porta. Nômada mentalmente disse para eles ficarem. Os gatos responderam com grunhidos de raiva, mas afastaram-se da porta. Ao fechá-la, Nômada sabia que o preto estava usando outra saída para segui-la.

Na estação de metrô, ela segurou a porta do vagão para que o gato pudesse entrar. O preto não estava feliz por ter sido percebido, mas ficou contente por não ter de perseguir o trem ou encontrar outro caminho. Ele arfava quando deitou sobre os pés dela. Para ele, agora, havia sido uma longa corrida.

Chegaram à 96th Street, tomando a consciência repentina de que havia pouquíssimas pessoas no metrô. As multidões realmente *haviam* batido em retirada. Ela subiu as escadas até a rua. Dois quarteirões na direção de Central Park West, Rosemary esperava no banco do ponto de ônibus. Os olhos dela arregalaram-se quando viu o vestido de Nômada, mas não comentou.

— Vamos entrar. — Nômada estava impaciente para terminar aquilo. De repente, sentiu o gato cinzento observando-a do parque, do outro lado da rua. Ela olhou para cima, mas não viu nada nas árvores.

— Acho que estou pronta. — Rosemary hesitou antes de empurrar uma das pesadas portas de vidro.

— *Signorina*, é melhor estar. — Seguida pelo gato preto, Nômada a acompanhou para dentro.

O porteiro não era mais um homem dos Gambione. Era jovem, e Nômada percebeu que ele estava estudando um livro sobre direito contratual. Rosemary mostrou para ele sua chave e assinou, como Rosa Maria Gambione, no livro de visitas.

No elevador, ela usou outra chave para mandá-lo até a cobertura.

— Há cinco anos não venho aqui — Rosemary olhou para o teto do elevador.

— Tem certeza que quer Rosa Maria de volta? — Nômada esticou o braço para tocar o ombro da mulher. — Você ficou desesperada para deixar isso tudo para trás. Seu pai, a família, tudo. Queria reparar o que ele fez. Agora, quer ser igual a ele?

— Não! — Rosemary olhou ressentida para Nômada um instante antes de baixar a cabeça. — Suzanne, eu poderia fazer muitas coisas boas, recuperar a família.

— Para quê? — Nômada mal manteve o equilíbrio nos saltos quando o elevador deu um tranco para parar. — Deixe que sejam destruídos. Eles merecem. São criminosos.

Rosemary saiu para o corredor.

— Parece estranho sem os homens. Sempre havia guardas aqui para o meu pai.

— Quer viver desse jeito?

Rosemary destrancou as portas duplas de carvalho, então se virou, e a silhueta ficou marcada contra a escuridão ao fundo.

— Suzanne, não entende que posso fazer a diferença? Posso impedir a violência e os assassinatos.

Nômada estava cética.

— Em vez disso, pode se destruir.

— Vale o risco. — Rosemary empurrou as portas e entrou. — Eu acredito nisso.

♣

Atrás dela, Nômada observava a nova cabeça da família Gambione caminhar pela entrada escura. Ela murmurava para si mesma e para o gato preto: eu sei que você pode, Deus lhe ajude.

Rosemary mostrou o apartamento a Nômada, contando para ela as coisas felizes que aconteceram ali. Entre elas: os feriados, as reuniões de família, os aniversários. O último quarto no qual entraram foi a biblioteca. Livros alinhados nas paredes de imbuia preta e as cortinas pesadas pareciam absorver a maior parte da iluminação. Apesar da atmosfera opressiva, Rosemary riu.

Diante do olhar de Nômada, ela explicou:

— É terrível. Todos esses livros? Meu pai comprou-os por metro. Ele não se importava com o que fossem, contanto que tivessem encadernação de couro e impressionassem. Eu costumava entrar escondida e ler alguns deles. Tem Hawthorne, Poe e Emerson. Era divertido. — Ela olhou para Nômada, na defensiva. — Nem sempre foi ruim morar aqui.

Correndo a mão pelas costas das cadeiras que se alinhavam na mesa central, ela caminhou até a cadeira na cabeceira. Por um momento, ela pousou os braços ao redor do espaldar como se abraçasse uma pessoa. Então, Rosemary puxou a cadeira e sentou-se, contemplando Nômada na outra ponta da mesa. — Sabe onde é a porta? — Rosemary recostou-se e quase desapareceu diante do espaldar grande e entalhado da cadeira. — Preciso apenas de um momento para pensar.

Nômada saiu do recinto, sentindo como se tivesse visto um fantasma. De volta ao elevador, ela se ajoelhou e acariciou o gato preto até ele ronronar para ela. Então, levantou-se e apertou um pouco mais o sobretudo ao redor de si.

Lá fora, o sol já brilhava e o tráfego havia aumentado nas ruas, até as buzinas e a fumaça do diesel deixarem claro que o dia começara. O cinzento ainda observava do parque. Ela não conseguia identificar as emoções do animal sem esforço. Deixou-o com sua privacidade. Nômada deu tapinhas na cabeça do gato preto e mandou-o ao parque para ver o filho.

Ela foi até o meio-fio para chamar um táxi para levá-la até o restaurante, no centro.

Enquanto o táxi costurava pelo tráfego matutino cada vez mais denso, Nômada começou a pensar em boas artimanhas de conversa. Nada que ela lembrava dos anos de 1960 parecia adequado.

Nômada perguntou a si mesma Paul gostava de gatos. Melhor que gostasse.

♦

— Tudo bem, como você me seguiu até o Túmulo do Jetboy?

Brennan deu de ombros. Jennifer estava carregando a sacola de livros e tinha duas outras cheias de comida chinesa que ela insistiu em comprar num restaurante próximo de seu apartamento.

— Foi fácil. Eu coloquei uma escuta na capa que te dei. O homenzinho com o Bolão me teleportou para o meio do túnel Holland que, por sorte, não era longe do Túmulo do Jetboy. Embora eu precise dizer que fiquei preocupado, pois você poderia fazer alguma bobagem antes de eu chegar até você. E eu estava certo.

— Humpf. E então?

— E então? Vermis tinha plantado vigias, para ficarem tranquilos enquanto recuperavam os livros. Você deve ter entrado enquanto eles ainda estavam cercando o perímetro ou perturbando alguém mais. De qualquer forma, eu tomei o lugar de um deles assim que Vermis e os outros arrastavam seu corpo inconsciente para fora do Túmulo. Então, foi simplesmente uma questão de aguardar uma oportunidade. Quando a vi, pulei sobre o Vermis.

— O que você fez com ele, por falar nisso?

Brennan virou a palma da mão para cima, e ela ainda estava manchada de marrom.

— Lembra a mostarda que comprei do vendedor de rua? — Ela lembrava. — A língua do Vermis é um órgão sensorial extremamente sensível que não aguenta muito bem temperos picantes. Além de deixá-lo desconfortável, tenho certeza de que a mostarda também removeu quaisquer traços do seu cheiro. Então, você deve estar segura contra ele.

— Obrigada. E obrigada por salvar minha vida.

— Você fez o mesmo por mim. Eu nunca teria tirado aquela arma do Kien.

Jennifer assentiu. Nunca tinha usado seu poder daquela forma antes, mesmo que não tenha sido intencional e Kien tivesse, no fim das contas, tentado matá-la. Naquele momento, com tempo para pensar sobre isso, sentiu-se nauseada. Todo aquele sangue. .

Eles caminharam em silêncio por um tempo. Sentiu os olhos de Brennan sobre ela, mas não disse nada até eles subirem os quatro lances de escadas do seu prédio.

— Bem, aqui estamos.

Livros estavam em todos os lugares na sala de estar, dando a ela uma aparência confortável. Ao menos era como Jennifer a imaginava. Brennan deixou as sacolas com comida no balcão que dividia o canto da cozinha e o restante da sala.

— Fique à vontade — ela disse enquanto se virava para colocar uma chaleira de café no fogão e pegar dois pratos e talheres do armário. Ela se voltou para ver Brennan em pé no meio do apartamento, uma expressão impaciente no rosto. — Quer ver o livro?

Ele concordou com a cabeça. Ela tirou a sacola do ombro e deixou-a no balcão perto da comida. Escolheu uma caixa, serviu uma porção de arroz de camarão frito no seu prato, e pegou a caixa com o frango agridoce.

— Bem, vá em frente.

Se Brennan notou a resignação na voz dela, não transpareceu. Ele avançou ansioso, a passos largos, pegou a sacola e olhou dentro dela. Jennifer manteve os olhos na comida. Ela deu uma garfada no frango e, de alguma forma, não estava gostoso como ela imaginou que estaria.

— É uma piada? — Brennan perguntou após um momento, a voz dele era direta e sem emoção.

Ele estava segurando o diário de Kien. Jennifer engoliu.

— Não, não, acho que não — ela disse em voz baixa.

Ele o folheou, e a descrença estava estampada em seu rosto.

— Está em branco — ele falou, abanando as páginas para Jennifer olhar.

— Eu sei. — Ela pousou o garfo e olhou para Brennan pela primeira vez.

— Que diabos aconteceu? — Brennan perguntou, o ódio crescia em sua voz. Ela conseguiu ver os músculos das mandíbulas dele saltarem enquanto ele apertava os dentes cada vez mais.

— Bem, o máximo que posso imaginar é que a tinta não se transformou quando desmaterializei o livro. Sabe, custa um esforço especial deixar material denso como chumbo, ou ouro, insubstancial, e ele deve ter usado algo assim para escrever. . sabe. .

A voz dela desapareceu quando a perturbação se acumulou no rosto de Brennan.

— Eu... passei... toda... essa... merda... por... um... livro... em branco. — Ele pronunciou cada palavra como se fosse uma frase.

— Eu não poderia te falar — Jennifer falou. — No início, eu não confiei totalmente em você. Então, quando vi como isso era importante para você, não encontrei uma maneira de falar.

Brennan a encarou em silêncio, e ela se encolheu, esperando que ele fosse gritar, lançar o livro, bater nela, fazer qualquer coisa, menos o que fez.

— Um livro em branco — ele repetiu. A perturbação se rompeu e esvaneceu do seu rosto, tão rápido quanto se formou. Ele despencou, despercebidamente, na grande cadeira estofada ao lado da estante, ergueu-se levemente e pegou um livro de capa dura, *Scaramouche*, que estava aberto sobre a cadeira. Olhou como se nunca tivesse visto um livro antes e murmurou: — Ishida, meu *roshi*, se o senhor pudesse ter vivenciado os eventos deste dia. Que lições poderiam ser aprendidas? Diga-me. — Ele olhou para Jennifer com olhos sérios, questionadores. — Que lições alguém pode aprender de um livro em branco?

— E-eu não sei — ela gaguejou.

Ele deu de ombros.

— Eu também não, ainda. Um novo *koan* sobre o qual meditar. — Brennan passou os dedos pelo diário novamente, com uma expressão pensativa no rosto. — Claro — ele disse após um momento —, Kien não sabe que o livro está em branco. Não sabe mesmo.

Ele sorriu, o primeiro sorriso real que Jennifer viu no rosto dele. Olhou para a moça e seu sorriso se alargou, transformando-se numa gargalhada. Era um riso alegre, purificador. Jennifer sentiu que ele não ria alto havia muito. Sentiu a si mesma sorrindo também, de alívio e pela ligação de camaradagem, reconhecível, que já existia entre eles.

Brennan estava em pé, ainda rindo e sacudindo a cabeça. Caminhou até o balcão. Seus olhos e os de Jennifer estavam no mesmo nível. Na verdade, ele precisava erguer os olhos para olhar nos dela.

Ela nunca o tinha visto antes com um sorriso no rosto, e gostou daquilo. Ele disse a ela, sem falar nada, que gostava do que via quando olhava nos olhos dela.

Ele tirou o capuz e jogou-o no balcão. O que havia de tensão no seu rosto tinha desaparecido, e ele parecia anos mais jovem do que quando Jennifer o vira pela primeira vez.

— Você pegou algum rolinho de ovo? — ele perguntou.

Ela baixou os olhos para as caixinhas cheias de comida chinesa e sentiu uma pontada de alegria estranha, inesperada, impossível de analisar.

♠

Quando Jack finalmente conseguiu encontrar o Freakers, entendeu por que não era o tipo de

espelunca vinte e quatro horas que se anunciava incansavelmente. Aqueles que precisassem saber onde estava, descobririam. Olhando a mulher de neon em movimento, montada na porta, Jack pensou que talvez algumas pessoas chegassem ali simplesmente seguindo seus instintos mais obscuros.

O neon queimava as retinas como ferro em brasa. Àquela hora da manhã, não havia ninguém guardando a porta. Provavelmente, era o momento do dia quando apenas a clientela mais dedicada aparecia.

Ignorando as linhas dançantes e brilhantes acima dele, Jack empurrou a porta e entrou. Fumaça, barulho de conversas atenuado, padrões geométricos em neon em cores primárias — foi o que ele notou em primeiro lugar.

Do outro lado do salão principal, uma stripper obviamente cansada fazia movimentos assistemáticos sobre um palco cilíndrico móvel. Banhada pela luz rosa de um projetor, ela ondulava numa batida lenta que Jack mal conseguia ouvir. Ele apertou os olhos, tentando melhorar o foco entre a fumaça. Percebeu que o abdome da stripper era coberto com o que parecia um par de lábios verticais. Estava apenas com fio dental.

Jack virou-se, examinou as mesas. Seguiu até um bar barato, feito de tábuas. Então, viu a série de cabines ao fundo. Havia uma garota em uma delas — uma jovem com cabelos pretos caindo lisos ao lado do rosto fino. Trajava um vestido azul maravilhoso, colado. Ela olhava diretamente para ele.

Havia um homem indefinível de terno marrom que estava em pé, apoiado na cabine, falando com a jovem. Ele se endireitou quando Jack se aproximou. Jack vacilou, então caminhou até eles. Ignorando o homem de marrom, Jack examinou a mulher. Ela abriu um sorriso.

— Tio Jack? — O olho de malaquita do crocodilo de prata, que pendia no lóbulo da orelha esquerda, brilhou quando a iluminação do canhão de luz que girava sobre o palco incidiu sobre a pedra.

— Cordelia.

Ela saiu imediatamente da cabine e agarrou-se a ele como se estivesse viajando na terceira classe e ele tivesse a única boia salva-vidas do Titanic. Ficaram daquele jeito por muitos segundos.

O homem que estava falando com Cordelia disse:

— Ei, se vocês querem tanto, aluguem um quarto. — O tom dele não tinha malícia de verdade. Jack olhou sobre o ombro de Cordelia. O paletó do homem estava amarrotado. Estava sem gravata. Para Jack, parecia alguém que poderia ser um agente do FBI malvestido, demitido, em decadência. O homem abriu um sorriso amarelo e sarcástico. — Ei, imaginei que não custaria tentar. Não leve a mal.

— Eu conheço você? — Jack falou.

— Meu nome é Ackroyd — o homem disse. — Jay Ackroyd, investigador particular. — Ele estendeu a mão.

Jack ignorou. Os dois homens se olharam nos olhos por alguns segundos. Então, Ackroyd sorriu.

— Acabou, cara. Por ora, ao menos. Todo mundo está acabado. Trégua. — Ele gesticulou ao redor do bar. — Além disso, ninguém faria nada enquanto o Billy Ray não tivesse terminado sua cerveja. — Jack seguiu a linha do dedo de Ackroyd. Viu um cara que vestia um uniforme branco de stretch sentado em uma mesa. As feições do homem eram descombinadas, assimétricas. Sua mandíbula parecia inflamada e ele estava bebericando a cerveja com um canudinho. — Orgulho do Departamento de Justiça. O mais encardido dos encardidos — disse Ackroyd. — Olha só, relaxe, pegue algo para beber, vá passear com sua sobrinha. — Ele saiu da

cabine. — De qualquer forma, vou tomar um ar fresco. — Ackroyd seguiu para a porta, acenando de leve em seus mocassins marrons gastos.

— Sente-se, tio Jack. — Cordelia puxou-o para uma cadeira ao lado dela na cabine.

— O que você está bebendo? — Ele tocou o copo.

— Seven-Up — Ela deu uma risadinha. — Eu queria RC, mas não tinham aqui.

— Vamos conseguir — disse Jack. — Pode ter qualquer coisa em Manhattan. Você só está na vizinhança errada.

Uma garçonete com top de cetim e shorts, sua pele visível mostrava um bordado de tumores granulares, veio até a cabine.

— Algo para beber? — Jack pediu uma cerveja. Iron City. É o tipo de cerveja importada que se consegue num lugar como aquele.

— Que diabos você está fazendo aqui? — ele disse. — A Nômada, uma amiga minha, e eu procuramos você o dia todo. Eu vi você em Port Authority... você desapareceu antes de eu conseguir atravessar a multidão. Estava com alguém que parecia um cafetão.

— Ele era, eu acho — Cordelia disse. — Apareceu um homem chamado Ceifador... Ele me salvou. — Ela hesitou. — Claro que depois ele ajudou a tentar me matar. Esta cidade é confusa, tio Jack.

— Estou em débito com ele — Jack falou. — De um jeito ou de outro. — Por uma fração de segundo, o rosto dele começou a mudar e a mandíbula a se deformar. Ele respirou fundo, se recostou, sentiu os dentes voltando a ser humanos. — Por que você está aqui? O pessoal lá de casa está ficando maluco.

— Por que você está aqui, tio Jack? Sempre ouvi coisas da mamãe e dos parentes sobre como você fugiu e por que veio para este lugar.

— É justo — Jack falou. — Mas eu podia cuidar de mim mesmo.

— Eu também — Cordelia respondeu. — Você ficaria surpreso. — Ela hesitou. — Sabe o que aconteceu hoje? — A jovem não esperou Jack sacudir a cabeça. — Não consigo nem contar tudo. Mas posso falar um pouco: um traficante de escravos me sequestrou, eu fui resgatada, conheci algumas pessoas bem estranhas e outras realmente fabulosas, encontrei um homem fantástico — Fortunato —, quase fui morta e então... — Ela fez uma pausa. Jack balançou a cabeça.

— E então o *quê*, pelo amor de Deus?

Ela se curvou até perto do rosto dele, olhou diretamente em seus olhos e disse, séria:

— Algo incrível aconteceu.

Jack quis rir, mas não o fez. Ele aceitou a seriedade dela e perguntou:

— O que foi, Cordelia?

Mesmo na penumbra iluminada pelo neon, ele conseguiu ver que ela estava enrubescida.

— Foi quando eu menstruei — ela finalmente disse. — Sabe? Provavelmente não. Bem, foi quando eu estava lá naquela cobertura e aquele velho estava prestes a me matar. Alguma coisa simplesmente *mudou*. É difícil descrever.

— Acho que sei — Jack falou.

Ela assentiu, sóbria.

— Acho que sim. Por isso você deixou nossa cidadezinha anos atrás, não é?

— Acho que sim. Você... — Foi a vez dele de quase gaguejar. — Você mudou, não foi? Agora não é mais a pessoa que era.

Cordelia concordou com a cabeça de forma veemente.

— Ainda não sei no que estou me transformando. Tudo que sei é que quando o tal de Imã tentou me agarrar — ele ia ajudar o velhote a arrancar meu coração ou algo desse tipo — senti

como se as coisas aqui dentro estivessem realmente apertadas e então... — Ela encolheu os ombros, expressiva. — Eu o matei. Eu o *matei*, tio Jack. O que realmente aconteceu foi que senti que podia usar algo bem no fundo do meu cérebro que eu não sabia como usar antes. Eu consegui *fazer* coisas com os homens que estavam tentando me machucar. Eu consegui fazer com que eles parassem de respirar, parar seus corações... não sei mais o quê. Bem, foi suficiente. Então, estou aqui. — Ela cingiu o pescoço dele novamente com os braços. — Estou muito feliz.

— Você tem um jeito de aliviar as coisas — Jack falou, forçando um sorriso. — Escute, está pronta para ir para casa?

— Casa? — Ela soou perplexa.

— Minha casa. Pode ficar comigo. Vamos ajeitar as coisas. Seu pessoal está enlouquecido lá.

Ela recuou.

— Não vou voltar, tio Jack. Não, nunca.

— Você precisa falar com seus pais.

Ela sacudiu a cabeça.

— E depois, você vai me colocar num ônibus. Eu descerei na próxima parada. Vou fugir. Eu juro. — Ela virou as costas para ele.

— O que há, Cordelia? — Ele ficou confuso.

— Se eu voltar, lá tem o tio Jake. *Tio-avô Jake*.

— Jake Serpente? — Jack começou a entender. — Ele...?

— Eu não posso voltar — ela falou.

— Tudo bem. Você não vai voltar. Mas ainda precisa falar com Robert e Elouette. — Para surpresa dele, ela estava chorando.

— Não.

— Cordelia...

Ela enxugou as lágrimas. Havia algo de rigidez nas feições frágeis do seu rosto, uma aspereza na voz.

— Tio Jack, você precisa entender. Coisas *aconteceram* hoje. Talvez eu vire uma das gueixas de Fortunato, ou sirva drinques num lugar como este, ou vá para a Universidade de Columbia e vire uma cientista nuclear, ou alguma coisa. Qualquer coisa. Não sei. Não sei quem eu fui. Não sei o que eu sou agora. Vou descobrir.

— Eu posso ajudá-la — ele disse, em voz baixa.

— Pode? — Ela o encarou, severa. — Você sabe quem você é, de verdade?

Jack não falou nada.

— Tudo bem. — Ela moveu a cabeça, devagar. — Eu te amo muito, tio Jack. Acho que somos muito parecidos. Mas estou disposta a descobrir quem eu sou. Eu preciso. — Ela hesitou. — Não acho que você confesse muito para si mesmo ou para as pessoas ao seu redor. — Era como se ela estivesse olhando para dentro dele, lançando a luz de um holofote dentro da cabeça e da mente dele. Ele ficou desconfortável com o olhar duro, inflexível e com as sombras.

— Ei. — O grito veio de Ackroyd, enfiando a cabeça na porta. — Vocês precisam ver isso! Todos vocês. — *Ele* saiu de novo.

Cordelia e Jack olharam-se. A jovem se juntou aos outros que seguiam para a porta. Jack hesitou, então seguiu.

Lá fora, a noite havia fugido. A aurora irrompia sobre o East River. Ackroyd saiu para a rua e apontou para o céu.

— Estão vendo aquilo?

Todos olharam. Jack virou os olhos e, a princípio, não *percebeu* o que estava vendo. Então, os detalhes se juntaram.

Era o avião de Jetboy. Após quarenta anos, o JB-1 pairava novamente sobre o horizonte de Manhattan. De asa alta e rabo de truta, era com certeza a máquina pioneira do Jetboy. A fuselagem vermelha parecia brilhar com os primeiros raios da manhã.

Havia algo de errado com a imagem. Então, Jack entendeu o que era. O avião de Jetboy tinha decalques de linhas nas asas e na cauda. *Que diabos é isso?*, ele pensou. Porém, naquele instante, ele estava paralisado pela visão como todos ao seu redor. Era como se todos estivessem segurando o fôlego coletivamente.

Então, as coisas começaram a se desintegrar.

Uma das asas do JB-1 começou a dobrar para trás e soltou-se da fuselagem. O avião estava desmontando.

— Jesus-Maria-Curinga-José. —alguém disse. Foi quase uma oração.

De repente, Jack entendeu o que estava vendo. Não era o JB-1, não mesmo. Assistiu aos pedaços da aeronave se soltando, que não eram de alumínio ou de aço. Eram feitos com flores brilhantes e guardanapos de papel dobrados, pedaços de madeira e telas de arame. Era o avião do carro alegórico de Jetboy da parada do dia anterior.

Os fragmentos começaram a cair devagar sobre as ruas de Manhattan, como quatro décadas antes.

Jack viu o que estava mascarado dentro da réplica do avião do Jetboy. Ele conseguiu identificar o casco de aço, o desenho inconfundível de um fusca modificado.

— Graças a Deus! — alguém falou por todos. — É o Tartaruga!

Jack conseguiu ouvir a comemoração do quarteirão seguinte e do anterior. Quando os últimos pedaços da réplica do JB-1 pairavam na direção da cidade, o Tartaruga fez um looping da vitória. Em seguida, fez um arco gracioso e pareceu desaparecer a leste, ocultado pelo sol que agora margeava o alto das torres de escritórios.

— Dá para acreditar? — disse um dos refugiados dos Freakers. — O Tartaruga está vivo. Que fantástico! — O riso no rosto ecoava na voz.

Jack percebeu que Cordelia não estava mais ao seu lado. Ele olhou ao redor na confusão. Bem atrás do ombro dele, Ackroyd disse:

— Ela pediu para te falar que tinha coisas para fazer. Ela informará depois sobre o andamento das coisas.

Jack estendeu os braços, desesperado.

— Como eu vou encontrá-la? — Ackroyd deu de ombros.

— Você encontrou com ela esta manhã, não foi? — O homem hesitou. — Ah, sim, ela também pediu para dizer que te ama. — Ele pousou a mão no ombro de Jack. — Vamos lá, eu te pago uma cerveja. — Ele se virou na direção da mulher de neon. Ela estava pálida agora, ao raiar do dia. De novo, por sobre o ombro, o detetive falou: — Vou te dar o meu cartão. Na pior das hipóteses, você pode me contratar.

Jack hesitou.

Ackroyd disse:

— Também vou te apresentar para o pessoal. Ouvi dizer que você começou a *mudar*. Não te conheço, mas tenho a sensação de que há alguns poucos de nossos colegas que não te conhecem também. Passou da hora de você conhecê-los.

Billy Ray tinha ouvido.

— Vá à merda, Ackroyd — ele falou. Ackroyd sorriu sem graça.

— Esses rapazes da justiça têm uma queda por nós, detetives particulares.

Antes que Jack o seguisse para dentro do Freakers, ele olhou mais uma vez para o leste. À luz do sol, ele não conseguia mais ver o Tartaruga.

Era uma nova manhã. Mas, no fim das contas, *todas* eram novas manhãs.

♥

Levou boa parte de uma hora para Spector encontrar um táxi no Bairro dos Curingas. Ele se sentou na parte traseira, folheando uma edição matutina do *Times* Exceto pelo Astrônomo, todos os ases mortos tinham sua foto na primeira página, cercada por uma borda preta. Havia uma interrogação ao lado do Tartaruga, mas obviamente ele estava bem vivo. Spector quase ficou feliz. Porém, ele não conseguia imaginar por que ele não estava morto também. Sempre dava um jeito de sobreviver. A maioria dos perdedores dava.

— Ontem foi um inferno de dia, sabe — o taxista disse.

— Ontem? — Spector balançou a cabeça. Muita coisa acontecera nas últimas vinte e quatro horas. Foi como um longo pesadelo.

— Sim. Eu acharia bom se todos aqueles ases se matassem, não vejo utilidade neles.

Spector ignorou-o e abriu na seção de esportes. Queria saber se os Nets estavam melhores aquele ano.

— O que acha?

— Hein?

— O que acha dos ases?

— Nada. Por que você não cala a boca e dirige?

Levou vários minutos até o taxista falar de novo.

— Chegamos. Que diabos o senhor está procurando aqui?

Spector abriu a porta e saiu, entregando ao taxista uma nota de cem dólares.

— Espere aqui.

— Está bem. Mas não posso ficar aqui a manhã toda.

Spector foi até a cerca de alambrado. Era hora de visitar Ralph novamente. Talvez ele estivesse cansado demais para matar. O rei do lixão realmente não merecia.

Um negro jovem que usava um casaco impermeável verde e boné vermelho encontrou com ele na cerca.

— Precisa de alguma coisa?

— Sim, tinha um monte de barcas cheias de lixo aqui na noite passada e um cara chamado Ralph. Onde ele está?

O homem virou-se e apontou para o rio.

— Estão no meio do caminho para Fresh Kills. Mas só o lixo.

— Certo. Obrigado. — Spector observou o homem sair andando, então olhou as águas ao longe. — Vai viver, Ralphie. A menos que abra o bico.

O taxista buzinou. Numa coisa Ralph tinha mesmo razão: não há coisa melhor que ser o seu próprio chefe. Trabalhar para o Astrônomo e para Latham fez com que ele tomasse um tiro, ficasse quebrado, fosse mordido e teleportado para o alto do placar no Yankee Stadium. Estava cansado daquilo. Não seria mais uma arma carregada que algum chefão apontava para outra pessoa. Daquele momento em diante, ele decidiria quem mataria e quando. Outra buzina.

— Só mais um instante, seu merda. — Spector murmurou. — Mais um instante.

O céu começou a brilhar, mas a luz não trazia calor. As docas já estavam vivas. A maioria das pessoas estava acordando ou engolindo sua primeira xícara de café. Spector estava indo para a cama e dormiria por uma semana. A conversa sobre este Dia do Carta Selvagem provavelmente não acabaria por uma semana ou mesmo por um mês.

— Isso aí, Ralph, você me mostrou o caminho. A partir de agora, vou me proteger em primeiro lugar. Não vou mais limpar a merda dos outros.

Uma terceira buzina longa. Spector virou-se devagar.

— Você pediu por isso, imbecil. — A dor infinita zumbia através dele como um corte fresco com folha de papel.

Seria um inferno encontrar outro táxi.

♣

Mesmo naquela hora mais sombria que vem antes da aurora, Manhattan nunca dorme de verdade, mas a Riverside Drive estava parada e vazia quando Hiram Worchester desceu do táxi.

Era quase assustador. Ele deu uma gorjeta para o motorista, encontrou suas chaves e subiu os degraus da entrada. Nada parecia tão acolhedor.

Lá dentro, Hiram subiu as escadas exausto, sem se importar em acender as luzes. Ele se despiu enquanto se arrastava para o andar de cima, pendurando seu paletó na bolota de madeira do corrimão, largando gravata e camisa nos degraus, abandonando sapatos no primeiro patamar e as calças no segundo. A empregada poderia recolhê-los amanhã, ele pensou. Exceto que já era amanhã, não? Não, ele decidiu. Não, não importava o que dizia o calendário, ainda era Dia do Carta Selvagem, e seria até ele conseguir dormir.

Seu quarto no terceiro andar tinha vista para o rio Hudson. Hiram foi até a janela e a escancarou, respirando fundo o frio do ar da madrugada. O céu a oeste era preto e acetinado, e sobre Jersey as luzes haviam começado a acender. Mas a vista mais bonita no quarto era a do seu colchão d'água *king size*, seus travesseiros fofos e prontos, suas cobertas dobradas em lençóis de flanela limpos. Parecia muito quente e confortável. Hiram deitou-se com um suspiro de gratidão, sentindo a água gorgolejar embaixo dele. Deslizou sob as cobertas e fechou os olhos.

Em algum lugar, Uivador riu, e os sonhos de Hiram se estilhaçaram em cacos de cristal. Kid Dinossauro sobrevoava o Aces High, jogando pedaços do seu corpo nos pratos do jantar.

Um maníaco com um arco mirava uma flecha no seu olho, mas Popinjay o mandou embora com uma ironia de mau gosto. Rostos viraram-se para ele, machucados e sangrando, olhos cheios de dor· Tachyon, Guelra, uma velha curinga que caminhava como uma lesma. Nenúfar sorria, a umidade corria sobre a pele nua, como se ela tivesse saído há pouco do chuveiro, seu cabelo reluzia à luz suave do candelabro, e caminhava para fora para ver as estrelas, subindo na beirada do parapeito, esticando-se para alcançá-las, cada vez mais, mais. Hiram tentava avisá-la, gritava que ela precisava tomar cuidado, mas o pé da moça escorregava, e quando começava a cair ele via que não era Jane no fim das contas, era Eileen, Eileen que esticava os braços pedindo ajuda, mas Hiram não estava lá, e ela caía longe dele, gritando. No sonhos, a gente cai para sempre.

Então, ele estava na cozinha, preparando comidas, mexendo uma grande panela, e nela

havia um líquido grosso que borbulhava lentamente e parecia sangue, e ele mexia de modo frenético, porque estariam ali em breve, os convidados estariam logo ali, mas a comida não estava pronta, não estava nada boa, eles não gostariam, eles não gostariam dele, ele precisava aprontá-la, precisava ter certeza de que tudo estaria perfeito. Ele mexia mais rápido e, nesse momento, ele ouvia passos, cada vez mais altos, passos pesados como pancadas nas escadas, alguém chegava perto, cada vez mais perto...

Hiram deu um solavanco, espalhando travesseiros e roupas de cama, bem quando um punho do tamanho e da cor de um presunto defumado da Virgínia atravessou a porta fechada do seu quarto. A porta foi chutada uma, duas vezes, e no terceiro chute ela se partiu ao meio, e Pancada entrou. Hiram ofegava.

Tinha mais de dois metros de altura, vestido numa roupa de couro justa. A cabeça era quadrada e imensa, marcada com calos e chifres tortos, olhos injetados embaixo de uma testa protuberante, um olho azul-claro brilhante, outro de um vermelho vivo. O lado direito da boca era fechado por um tecido de cicatriz fino e brilhante que crescera sobre ele, e sua carne era sarapintada de uma imensa escoriação esverdeada. As orelhas eram curtidas e cheias de veias, como asas de morcegos, o couro cabeludo era coberto de bolhas em vez de cabelo.

— *Desgraçado* — ele gritou numa voz que assobiava através da metade da boca, como vapor escaldante. — Ás maldito de merda — ele berrou. Os dedos da mão direita eram fechados permanentemente num punho, pele grossa e calosa cresceram sobre os dedos e nós dos dedos em grandes cristas. Quando fechou o punho da mão esquerda. os músculos se avolumaram, e as costuras de sua jaqueta de couro abriram. — Vou te matar, seu gordo maldito de merda.

— Você é apenas um pesadelo — Hiram disse. — Ainda estou dormindo.

Pancada gritou e chutou a cama. A estrutura de madeira quebrou, o plástico estourou, e a água começou a esguichar embaixo dos lençóis. Parecia um chafariz. Hiram sentou-se, zonzo, a água ensopando sua cueca, ele piscando em choque. Não era um sonho, ele disse a si mesmo enquanto ficava cada vez mais molhado. Pancada esticou o braço entre os esguichos d'água e agarrou a frente de sua camisa regata com a mão esquerda, erguendo seu corpo no ar.

— Seu bosta — o gigante estava gritando cada vez mais. — Eu estou fora, seu filho da puta desgraçado, seu pedaço de merda fedida, eles me cortaram por sua causa, e eu vou acabar com a sua raça, seu gordo maldito nojento, você vai *morrer*, ouviu, *ouviu*, seu merda?

A mão direita dele agitava-se embaixo do nariz de Hiram, uma bola deformada de ossos, pele coberta de cicatrizes e calos formando um punho eterno.

— Eu posso amassar *tanques* com isto aqui, seu desgraçado de merda, então imagine o que vai fazer com sua cara de imbecil. Está vendo? *Está vendo isso, desgraçado?*

Sacudindo na ponta do braço do Pancada, Hiram Worchester ainda conseguiu assentir.

— Sim — ele falou. Ele ergueu a mão. — Você vê esta aqui? — ele perguntou e fechou o punho.

Quando Pancada flutuou, seu punho-porrete desviou-se e acertou o rosto de Hiram. Doeu à beça e deixou um vergão vermelho. Até então, Pancada estava flutuando, segurando Hiram como se corresse risco de morte, seus pés raspando o teto. Ele começou a gritar ameaças.

— Ai, cala a boca — Hiram falou para ele. Tentou desenroscar os dedos do Pancada da sua regata, mas o curinga era forte demais.

Franzindo o cenho, Hiram restabeleceu seu peso integral. Então, dobrou.

Em seguida, dobrou novamente.

Em vez de tentar afastar o Pancada, ele o trouxe mais para perto, abraçou-o bem forte contra sua barriga imensa, e mergulhou de barriga no chão de madeira maciça. Foi a segunda vez naquele dia que ouviu ossos quebrando.

Hiram esforçou-se para ficar em pé, arfando, seu coração palpitava quase para fora do peito. Ele se fez mais leve e permaneceu com o cenho franzido, olhando para o Pancada, que abraçava as costelas e gritava. Quando ele começou novamente a pairar, Hiram agarrou-o pelo pulso e pelo tornozelo e jogou-o direto para fora da janela.

Ele voou. Hiram foi até a janela para vê-lo subir. O vento soprava do oeste, o que deveria arrastá-lo sobre a cidade, até o East River, Long Island e, no fim, até o Atlântico. Pensou se o Pancada sabia nadar.

A cama estava em frangalhos. Hiram foi até o armário de roupas de cama. Parou com os lençóis nas mãos, balançou a cabeça, devolveu-os para o armário. Para quê? A noite quase havia terminado, e ele tinha muito a fazer — o Aces High deveria estar aberto para o almoço, alguém precisaria supervisionar os reparos e, em poucos minutos, a aurora irromperia, o início de um novo dia. De qualquer forma, estava cansado demais para dormir.

Suspirando profundamente, Hiram Worchester desceu as escadas e começou a cozinhar. Preparou para si uma omelete de queijo com três fatias de bacon, fritos sobre batatinhas vermelhas com cebolas e pimentas, e comeu tudo com um copo grande de suco de laranja e uma chaleira recém-coada de café Jamaican Blue Mountain. Depois disso, estava quase certo de que viveria.

Ao seu redor, a cidade começava a despertar. Muitos milhões de pessoas executavam pequenas ações rotineiras que davam forma a uma vida. Uma ladainha do ordinário, do mundano, do confortável. E Roleta sentiu uma agitação interessada, uma chama de ansiedade. Tão monótona quando comparada à obsessão que havia regido sua vida. Porém, tão tranquila em sua simplicidade. Ela pensou que começaria preparando uma xícara de café. E depois? As possibilidades eram infinitas.

Ainda existiam navios mercantes que seguiam para o Extremo Oriente. Ainda era possível conseguir uma cabine em um, embora fosse caro comprá-la em cima da hora.

Mas estava feito. Fortunato, em pé na amurada, enquanto passava pela Governor's Island na direção da Upper New York Bay.

O sol erguia-se sobre o Brooklin. Abaixo dele, o mar se movia no seu próprio ritmo, vasto, equilibrado, fluido e, ainda assim, imutável. Foi o primeiro dos novos mestres de Fortunato.

♣ ♦ ♠ ♥

A construção de um mosaico

ou o encanto da terceira vez

George R.R. Martin

O grande boom das antologias de mundos compartilhados começou em 1979, quando a Ace Books publicou *Thieves' World*, de Robert Asprin, o primeiro volume de uma longa série de fantasia sobre a cidade imaginária de Santuário e o elenco diversificado de cavaleiros, feiticeiros, príncipe, patifes e ladrões que perambulavam pelas suas ruas, com participações ocasionais de um sortimento igualmente diverso de deuses.

Thieves' World teve seus precursores, é claro. Nos quadrinhos, os universos Marvel e DC eram mundos compartilhados, onde heróis e vilões viviam no mesmo mundo, cruzavam caminhos o tempo todo e tinham amizades, rixas e casos de amor. Na prosa, há o mito de Cthulhu, de H.P. Lovecraft. Lovecraft incentivou seus amigos escritores a tomarem emprestados elementos de suas histórias, e acrescentá-los às suas próprias, então Robert E. Howard, Clark Ashton Smith, Robert Bloch, August Derleth e outros ficaram satisfeitos em entrar no jogo. O próprio Lovecraft fez menção a deuses, cultos e livros malditos que outros haviam oferecido, e o mito tornou-se cada vez mais rico e detalhado.

Mais tarde veio *Medea: Harlan's World*, no qual Harlan Ellison reuniu um time de primeira linha de escritores de ficção científica para criar um planeta imaginário e trabalhar todos os detalhes da flora, geografia, história e mecânica orbital, sobre o qual cada escritor elaborava uma história ocorrida no mundo que tinham criado juntos.

Porém, *Thieves' World* foi um avanço em matéria de livro, que definiu o mundo compartilhado moderno e provou ser um sucesso: logo deu origem a uma horda de imitadores. *Ithkar*, *Liavek* e *Merovingian Nights* traziam cenários de fantasia e o sabor de espada e magia, como o próprio *Thieves' World*. *Borderlands* tinha uma fantasia mais urbana, com seus elfos punk e cenário contemporâneo. *The Fleet* e *War World* trouxeram o formato do mundo compartilhado à *space opera*; *Greystone Bay* estendeu-o para o horror e *Heroes in Hell* levou-o para o inferno.

Algumas dessas séries vieram antes da nossa; outras, seguiram-nos. Algumas tiveram vida longa; outras duraram apenas um livro ou dois. No fim das contas, *Wild Cards* sobreviveu mais do que elas para se tornar a série de mundo compartilhado mais duradoura de todas, com doze volumes da Bantam, três da Baen, mais duas da iBooks (após um hiato de sete anos), e agora uma tríade novinha em folha da Tor Books. Isso, suponho eu, significa que tenho agora mais experiência com mundos compartilhados do que qualquer outro editor.

Quando *Wild Cards* começou, contudo, minha experiência editorial estava limitada a *New Voices*, a coleção (em teoria) anual de histórias dos finalistas do Prêmio John W. Campbell. Eu sabia, ao entrar, que um mundo compartilhado era um tipo de bicho muito diferente e bem difícil de domar, então comecei a aprender o máximo que podia sobre a fera. Bob Asprin e Lynn Abbey foram muito generosos, sentaram-se comigo e compartilharam todas as tentativas e

tribulações pelas quais haviam passado editando *Thieves' World* e as lições que aprenderam com elas. Will Shetterly e Emma Bull também foram atenciosos sobre sua experiência ao editar *Liavek*. A partir dos Acordos Principais que regiam as duas séries, eu pude desenvolver o Acordo Principal do *Wild Cards,* que fornecia uma base jurídica firme, mas justa, sobre a qual construiríamos a série.

Um mundo compartilhado também apresenta algumas questões artísticas difíceis, a mais crucial de todas seria a quantidade de compartilhamento envolvido e as regras que o regem. Todos os mundos compartilhados dos anos 1980 responderam essas questões do seu jeito, eu acredito, mas algumas respostas foram mais satisfatórias que outras. Alguns livros compartilhavam apenas o cenário; os personagens nunca cruzavam seus caminhos, nem os eventos de uma história tinham impacto naquelas que a seguiam. Cada história existia isoladamente, à parte de uma geografia e história em comum. Em outras séries, os personagem faziam participações "especiais" nos contos dos outros, enquanto as próprias histórias permaneciam independentes. Mas as *melhores* antologias de mundos compartilhados, aquelas que eram mais divertidas e bem-sucedidas, foram as que compartilhavam personagens e enredos, além dos cenários. Nesses livros, e apenas neles, o todo era mais do que a soma das partes. Os "mundos compartilhados" que minimizavam o compartilhamento perdiam o ponto do exercício, na minha opinião.

Decidi que *Wild Cards* não cometeria esse erro. Maximizaria o compartilhamento. Mais ainda, nós nos esforçaríamos para ir além do que qualquer outro jamais tinha feito no jogo dos mundos compartilhados. Tanto que quando redigi minha primeira "proposta indecente" para os primeiros três livros *Wild Cards*, evitei o antigo termo "mundo compartilhado" e prometi às editoras uma série de "romances-mosaico".

Essa proposta inicial era para três livros, sem nenhum motivo específico além de querermos fazer mais de um, e nenhuma editora estava disposta a comprar doze numa tacada só. Esse fato estabeleceu um precedente e mais tarde continuamos o enredo, a venda e a escrita dos livros em grupos de três — "tríades", como chamávamos, pois não eram bem trilogias (a segunda tríade acabou resultando em quatro livros e a terceira, em cinco, mas isso não importa, não faz mal).

Os primeiros dois volumes daquela primeira tríade (que se tornariam no fim das contas *Wild Cards* e *Aces High*, embora tenham outros títulos de propósito) retrataram histórias individuais, cada qual com seu próprio enredo e protagonista, um começo, um meio e um fim. Contudo, todas as histórias também avançavam no que chamávamos de "enredo maior". E, entre as histórias, acrescentamos uma narrativa intersticial que amarraria todas elas e criaria a sensação de "romance-mosaico" que queríamos.

Porém, o *verdadeiro* romance-mosaico seria o terceiro livro, no qual levamos nosso enredo maior a uma conclusão arrasadora. Nenhum outro mundo compartilhado havia tentado algo parecido com o que propusemos fazer em *Jokers Wild*: uma única narrativa entrelaçada, na qual todos os personagens, histórias e eventos foram entremeados do início ao fim numa espécie de colaboração a catorze mãos. O resultado final, assim esperamos, foi um livro que transcorre como um romance de múltiplos pontos de vista, em vez de simplesmente uma coleção de histórias relacionadas.

Na minha proposta, eu falava de *Jokers Wild* como "um filme de Robert Altman em prosa". Como *Nashville*, *Cerimônia de casamento* e muitos outros filmes com a marca de Altman, *Jokers Wild* apresentaria um elenco grande e variado cujos caminhos se cruzariam e recruzariam durante o livro. O cenário seria a cidade de Nova York, em 15 de setembro de 1986 — o Dia do Carta Selvagem, quarenta anos após a morte de Jetboy e a disseminação do

xenovírus takisiano sobre Manhattan. Toda a ação se desenrolaria em vinte e quatro horas, dando uma estrutura cronológica estrita, na qual trabalhamos as linhas de nossas histórias. Os primeiros dois livros *Wild Cards* tiveram onze e nove escritores, respectivamente, mas pela complexidade do que estávamos prestes a tentar, decidi limitar *Jokers Wild* a seis histórias (havia sete nomes na página de rosto, claro, mas Edward Bryant e Leanne C. Harper trabalharam em colaboração, como fizeram no volume um). Em cada um dos sete pontos de vista, os personagens tinham seus próprios sonhos, demônios e objetivos, a busca daquilo que os levaria para cima e para baixo na cidade, ao alto de arranha-céus e até as profundezas dos esgotos, encontrando outros personagens e outras histórias enquanto seguiam.

Eram sete histórias e, ao mesmo tempo, uma história, mas em grande parte foi mesmo uma enorme dor de cabeça. Fiz muitos cortes, colagens e misturas quando os manuscritos chegaram, esforçando-me para a colocação perfeita de todos os suspenses, clímax e prenúncios, enquanto tentava, ao mesmo tempo, manter a cronologia e a geografia firmes na mente. Umas cinquenta vezes eu pensei que tivesse conseguido, até perceber que Yeoman levou seis horas para chegar ao Brooklin, que Fortunato estava em dois lugares ao mesmo tempo, que levou trezentas páginas para o Ceifador reaparecer. Então, era hora de suspirar e reorganizar. E, no final, tudo ficou certo (eu espero).

Na verdade, estávamos criando, em termos, uma nova forma literária, embora nenhum de nós tivesse realmente percebido na época. Percebemos que o que estávamos fazendo era uma experiência, e havia dias nos quais nenhum de nós tinha certeza de que a fera voaria. Foi o trabalho de edição mais difícil, mais desafiador que já tinha feito, e a escrita também não foi sopa no mel.

No final, contudo, todo o esforço valeu a pena. Leitores e resenhistas pareceram amar o formato de romance-mosaico (embora um dos resenhistas tenha me divertido imensamente ao enfatizar como eu havia mesclado os estilos dos autores tão diversos de forma perfeita, quando, na realidade, não fiz tentativa nenhuma de mesclar qualquer estilo que fosse, preferindo que cada personagem mantivesse sua própria voz individual e distinta).

E meus escritores e eu concordamos: *Jokers Wild* foi o volume mais forte da série até aquele momento. A experiência tinha sido um sucesso. O formato de mosaico completo era muito complexo e demorado para ser usado em todo o volume, mas a cada três volumes estaria ótimo. Então, o modelo estava definido: todas as próximas tríades de *Wild Cards* também incluiriam um mosaico apogístico, totalmente entrelaçado, do mesmo modo que *Jokers Wild*.

Agora, suponho que todos vocês que leem estas palavras (sim, estou falando com você, não precisa olhar para trás, estamos a sós) já leram o *Jokers Wild*. Se não, PARE. Agora. Neste momento.

O que segue é uma espécie de *spoiler*, e não vai servir de nada para você agora. Vá ler o livro.

Eles já foram?

Bom. Agora eu posso falar a você sobre o Kid Dinossauro e o Uivador.

Durante o trajeto dos *Wild Cards*, provavelmente a única coisa que chateou nossos fãs foi o assassinato horrendo de Kid Dinossauro pelo Astrônomo em *Jokers Wild*. Nos anos que se seguiram, sempre que tínhamos um painel de *Wild Cards* numa convenção, uma das perguntas era, inevitavelmente: "Por que vocês mataram o Kid Dinossauro? Ele era meu personagem favorito". O Uivador era menos conhecido e muito menos popular, ainda assim tinha fãs, alguns dos quais nos escreveram consternados quando Roleta deu cabo dele.

A verdade é que os dois personagens eram marcados pela morte desde o dia em que foram

criados. Lembrem, elaboramos o roteiro dos livros *Wild Cards* em tríades. Sabíamos, mesmo antes de começarmos a escrever nossas histórias do volume um, que chegaria o volume três, no qual o Astrônomo e os maçons sobreviventes tentariam caçar e assassinar todos os ases que os derrotaram no Mosteiro no final do Livro Dois. Uma quantidade maior de personagens existentes estaria nesta lista negra, claro, e queríamos que os leitores sentissem que a vida deles estava em perigo desesperado, o melhor para mantê-los na pontinha da poltrona.

Porém, super-heróis não morrem. Não nos quadrinhos, na verdade, não para sempre.

Precisávamos estabelecer que *Wild Cards* era algo diferente, que esse perigo era real, que estávamos jogando para valer, que mesmo nossos mocinhos poderiam, de fato, morrer, e morrer de forma horrenda. Com isso em mente, desde o início da jornada, eu enviei uma convocação para os "ases de camisa vermelha" (qualquer um que tenha assistido à série original *Star Trek* entenderá a referência), personagens secundários que poderíamos apresentar no Livro Um e incluir no ataque ao Mosteiro no Livro Dois, definindo-os, assim, para serem vítimas do Astrônomo no Livro Três.

Vários dos meus escritores me obrigaram a criar ases descartáveis. Um deles foi o Uivador de Steve Leigh. Outro foi Kid Dinossauro, apresentado por Lew Shiner no epílogo do volume um. O pobre Uivador teve, se bem me lembro, exatamente uma linha de diálogo nos primeiros dois volumes, antes de Roleta levá-lo para a cama no Livro Três; então, até hoje, não entendo como nossos leitores conseguiram se afeiçoar a ele. Ao contrário de Kid Dinossauro, que foi mais persistente. O fedelho conseguiu forçar a entrada em várias cenas emocionantes em *Aces High* — inclusive uma na qual o Tartaruga o *alertou* sobre o que aconteceria se ele continuasse a tentar brincar com os garotos maiores que ele.

É minha culpa que o garoto não ouviu o conselho?

George R.R. Martin
16 de setembro de 2001.

Estrelando	Criado e escrito por
Nômada	Leanne C. Harper
Fortunato	Lewis Shiner
Jennifer (Fantasmagórica) Maloy	John J. Miller
Jack (Esgoto) Robicheaux	Edward Bryant
Roleta	Melinda M. Snodgrass
James (Ceifador)	Walton Simons

Spector	
Hiram Worchester	George R. R. Martin
Coestrelando	**Criado por**
Daniel (Yeoman) Brennan	John J. Miller
Dy. Tachyon	Melinda M. Snodgrass
O Astrônomo	Lewis Shiner
Jay (Popinjay) Ackroyd	George R. R. Martin
Rosimary (Gambione)	

Muldoon	Leanne C. Harper
Apresentando	**Criado por**
Peregrin	Gail Gerstner-Miller
Sr. John (Brecha) Latham	Lewis Shiner
Jane (Nenúfar) Dow	Pat Cadigan
Crisálida	John J. Miller
Kid Dinossauro	Lewis Shiner
Modular	Walter Jon Willians

Uivador	Stephen Leigh
Vermis	John J. Miller
Cordelia Chaisson	Edward Bryant e Leanne C. Harper
Tartaruga (o Grande e Poderoso)	George R. R. Martin
Com	**Criado por**
Billy Ray	John J. Miller
Pancada	George R. R. Martin
Capitão Viajante	Victor Milán

Imã e Insulina	Lewis Shiner e Walton Simons
Ralph Norton	Walton Simons
Digger Downs	Steve Perrin
Senador Gregg	Hartmann Stephen Leigh